

ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA
& TÂNIA REGINA DE LUCA

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO
CONVERSAS LISBONENSES E OUTROS ESCRITOS



EDITORA FE UNICAMP

CNPq

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO,
*Conversas Lisbonenses &
Outros Escritos*
(1884-1889)

- Volume 1 -

COLEÇÃO

As mulheres no jornal O Paiz

EDITORAS DO VOL. I

*Ana Cláudia Suriani da Silva
Tania Regina de Luca*

ORGANIZADORES DA COLEÇÃO

*Alexandro Henrique Paixão
Ana Cláudia Suriani da Silva
Tania Regina de Luca*

Editora FE - Unicamp
Campinas
2022

FICHA TÉCNICA

COPYRIGHT: Creative Commons CC-BY

TIRAGEM: e-Book

NORMALIZAÇÃO, PREPARAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL

Ana Cecilia Agua de Melo (ceci_agua@hotmail.com)

Ana Cláudia Suriani da Silva (a.surianidasilva@ucl.ac.uk)

Tania Regina de Luca (tania.luca@unesp.br)

PUBLICAÇÕES | Biblioteca | Faculdade de Educação – Unicamp

Supervisão: Roberta Pozzuto

Diagramação Final (miolo e capa): Raffaella Pellini

Capa: Foto do Arquivo Municipal de Lisboa

[Documento PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ACU/002066]

Apoio: CNPq, UCL, UFPR, Unesp e Unicamp

EDITORA FE – UNICAMP

Série Editorial: Pesquisas

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

Profa. Dra. Helena Sampaio

Profa. Dra. Maria Inês F. Petrucci-Rosa

Prof. Dr. Nelson Schapochnik

Roberta R. Fiolo Pozzuto

Prof. Dr. Roberto Nardi

Prof. Dr. Silvio D. O. Gallo

Simone Lucas G. Oliveira

Prof. Dr. Walter Omar Kohan

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por Simone L. G. de Oliveira – CRB-8ª/8144.

M335 Maria Amalia Vaz de Carvalho: conversas lisbonenses & outros escritos (1884-1889) [e-book] / [organizadores] Alexandro Henrique Paixão; Ana Cláudia Suriani da Silva; Tania Regina de Luca. — Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2022.
509 p. — (Coleção As mulheres no jornal O Paiz; 1).

Série editorial: Pesquisas.

ISBN: 978-65-00-56770-0

1. Carvalho, Maria Amalia Vaz de. 2. Literatura portuguesa. 3. Cartas portuguesas. 4. Escritoras portuguesas – Correspondências. I. Paixão, Alexandro Henrique (org.). II. Silva, Ana Cláudia Suriani da (org.). III. Luca, Tania Regina de (org.). IV. Título.

20ª CDD - 869

SUMÁRIO

AS MULHERES NO JORNAL O PAIZ	7
<i>(POR ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO, ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA & TANIA REGINA DE LUCA)</i>	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — DE PORTUGAL PARA O BRASIL	9
<i>(POR ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA & TANIA REGINA DE LUCA)</i>	
CRÔNICAS DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO	
1. CONVERSAS LISBONENSES	35
2. CONVERSAS LISBONENSES	42
3. CONVERSAS LISBONENSES	49
4. CARTAS A LUIZA I	56
5. O ROMANCE DA VISCONDESSA	63
6. O ROMANCE DA VISCONDESSA II	69
7. O ROMANCE DA VISCONDESSA III	75
8. CARTAS A LUIZA II	81
9. CONVERSAS LISBONENSES — AS “MINIATURAS” DE GONÇALVES CRESPO	87
10. CONVERSAS LISBONENSES — “MINIATURAS” II	92
11. CARTAS A LUIZA III — IDA PARA O COLÉGIO	96
12. CONVERSACÕES LISBONENSES — O MISTÉIRO DA ESTRADA DE SINTRA	101
13. CARTAS A LUIZA IV	107
14. CONVERSACÕES LISBONENSES	112
15. CONVERSACÕES LISBONENSES	116
16. CONVERSACÕES LISBONENSES	121
17. CONVERSACÕES LISBONENSES	126
18. CONVERSACÕES LISBONENSES — AS CRISES DO CASAMENTO	132
19. CONVERSACÕES LISBONENSES	137
20. CONVERSACÕES LISBONENSES	142
21. CONVERSACÕES LISBONENSES	146
22. CONVERSACÕES LISBONENSES — A IMAGINAÇÃO	152
23. CONVERSACÕES LISBONENSES — ESCOLAS MÓVEIS PELO MÉTODO DE JOÃO DE DEUS	157
24. VICTOR HUGO I — O HOMEM	162
25. CONVERSACÕES LISBONENSES	167
26. CONVERSACÕES LISBONENSES	172
27. CONVERSACÕES LISBONENSES	178
28. CONVERSACÕES LISBONENSES	183
29. CONVERSACÕES LISBONENSES	188

30. CARTAS DO CAMPO I	194
31. CARTAS DO CAMPO II	199
32. CARTAS DO CAMPO III	205
33. CARTAS DO CAMPO IV	211
34. CARTAS DO CAMPO V	216
35. CARTAS DO CAMPO VI	221
36. CARTAS DO CAMPO — <i>A HISTÓRIA DA REPÚBLICA ROMANA</i>	227
37. CARTAS DO CAMPO — <i>HISTÓRIA DA REPÚBLICA ROMANA II</i>	232
38. CARTAS DO CAMPO V	237
39. CONVERSACÕES LISBONENSES	241
40. CONVERSACÕES LISBONENSES — O POETA ALEMÃO H. HEINE	245
41. CONVERSACÕES LISBONENSES — A MORTE DOS DOIS REIS	250
42. CONVERSACÕES LISBONENSES	255
43. CONVERSACÕES LISBONENSES	259
44. CONVERSACÕES LISBONENSES	263
45. CONVERSACÕES LISBONENSES — O ÚLTIMO ROMANCE DE FEUILLET	268
46. CONVERSACÕES LISBONENSES — O ÚLTIMO ROMANCE DE FEUILLET II	273
47. CONVERSACÕES LISBONENSES — O ÚLTIMO ROMANCE DE FEUILLET III	277
48. CONVERSACÕES LISBONENSES — A PROPÓSITO DE SCHOPENHAUER	282
49. CONVERSACÕES LISBONENSES — A PROPÓSITO DE SCHOPENHAUER II	287
50. CARTAS FEMININAS — O CONDE DE S. SALVADOR DE MATOSINHOS	292
51. CARTAS FEMININAS — UMA QUESTÃO DELICADA	296
52. CARTAS FEMININAS	300
53. CARTAS FEMININAS	304
54. CARTAS FEMININAS	308
55. CARTAS FEMININAS	312
56. CARTAS FEMININAS	316
57. CARTAS FEMININAS	320
58. CARTAS FEMININAS	324
59. CARTAS FEMININAS	328
60. CARTAS FEMININAS	332
61. CARTAS FEMININAS	336
62. CARTAS FEMININAS	340
63. CARTAS FEMININAS	344
64. CARTAS FEMININAS	348
65. CARTAS FEMININAS	352
66. CARTAS FEMININAS	356
67. CARTAS FEMININAS	360

68. CARTAS FEMININAS.....	365
69. CARTAS FEMININAS.....	369
70. CARTAS FEMININAS.....	374
71. CARTAS FEMININAS.....	378
72. CARTAS FEMININAS.....	382
73. CARTAS FEMININAS — O IMPERADOR FREDERICO.....	386
74. CARTAS FEMININAS — ALEXANDRE HERCULANO.....	390
75. CARTAS FEMININAS — LICEUS PARA RAPARIGAS.....	394
76. CARTAS FEMININAS — LICEUS PARA RAPARIGAS II.....	398
77. CARTAS FEMININAS — <i>L'IMMORTEL</i> DE ALPHONSE DAUDET.....	403
78. CARTAS FEMININAS — <i>L'IMMORTEL</i> DE ALPHONSE DAUDET II.....	407
79. CARTAS FEMININAS — A VIDA E A CORRESPONDÊNCIA DE UM SÁBIO.....	412
80. CARTAS FEMININAS — A VIDA E A CORRESPONDÊNCIA DE UM SÁBIO II.....	417
81. CARTAS FEMININAS.....	423
82. CARTAS FEMININAS — LEITURA PARA OS MOÇOS.....	425
83. CARTAS FEMININAS.....	429
84. CARTAS FEMININAS — O BRASIL E A EUROPA.....	433
85. CARTAS FEMININAS — O NOSSO GRUPO DE LEÃO E A SUA EXPOSIÇÃO DE PINTURA.....	437
86. CARTAS FEMININAS — O BUSTO DE SANTA TEREZA PELA DUQUESA DE PALMELA.....	441
87. CARTAS FEMININAS — A CEGUEIRA DE CAMILO CASTELO BRANCO.....	445
88. CARTAS FEMININAS — O ROMANCE DE UM RAPAZ POBRE.....	448
89. CARTAS FEMININAS — OS ROMANCISTAS DA RÚSSIA.....	452
90. CARTAS FEMININAS — O LIVRO DE SOLEDADES, ECOS DA ANDALUZIA I.....	456
91. CARTAS FEMININAS — O LIVRO DE SOLEDADES, ECOS DA ANDALUZIA II.....	459
92. CARTAS FEMININAS — A REVISTA DE PORTUGAL.....	464
93. CARTAS FEMININAS — A PROPÓSITO DA FRANÇA E DA SUA EXPOSIÇÃO.....	468
94. CARTAS FEMININAS — A SERRA DE SINTRA.....	472
95. CARTAS FEMININAS — OS VELHOS.....	476
96. COROAÇÃO DE ZORRILLA.....	479
97. ÍNTIMAS.....	482
98. ANTÓNIO PEDRO.....	487
ÍNDICES.....	
<i>DE INDIVÍDUOS</i>	491
<i>DE LUGARES</i>	501
<i>DE OBRAS</i>	504
<i>DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS</i>	507
BIOGRAFIA DAS EDITORAS.....	508

AS MULHERES NO JORNAL O PAIZ

*Alexandro Henrique Paixão, Unicamp
Ana Cláudia Suriani da Silva, UCL
Tania Regina de Luca, Unesp/CNPq*

A coleção “As mulheres no jornal *O Paiz*” reúne resultados do projeto de pesquisa “É preciso falar sobre as ausentes: a colaboração feminina no jornal *O Paiz*”, que se propõe a levantar, de forma exaustiva, a colaboração de escritoras no diário *O Paiz* (RJ, 1884-1934), disponível na Hemeroteca Digital Brasileira. O conjunto reúne mais de quinhentos textos, dirigidos sobretudo ao crescente público feminino leitor de cotidianos, o que convida a reavaliar a presença da mulher de letras na grande imprensa e o seu papel como mediadoras culturais e formadoras de opinião.

O textos são disponibilizados ao público em edições digitais de acesso aberto, acompanhados de alentados estudos sobre as trajetórias pessoais e intelectuais das colaboradoras, análise dos textos, em termos dos ideais expressos, espaço ocupado na geografia do impresso e diálogos mantidos com os demais conteúdos e com o contexto sócio-político brasileiro. O desafio foi o de colocar em tela o papel social, cultural e intelectual das escritoras que ocuparam as páginas do periódico.

A escolha de *O Paiz* justifica-se tanto pelas posturas políticas abraçadas, quanto pela presença significativa de colaboradoras em suas páginas. A pesquisa evidencia a relevância da escrita feminina num jornal que defendia valores republicanos e abolicionistas, expressos por colunistas do sexo masculino, como Joaquim Nabuco e Quintino Bocaiúva, e que visava atingir público amplo e diversificado.

Os livros, publicados com ortografia atualizada e notas críticas, preenchem significativa lacuna na história da imprensa e da cultura letrada brasileira, graças aos aportes que trazem a respeito da trajetória da crônica, da escrita feminina e do início da formação de um campo intelectual na *Belle Époque*. Cabe ressaltar, ainda, que a presença nos jornais abria possibilidades de experimentação literária e profissionalização das atividades intelectuais, com todas as consequências advindas, inclusive para o processo criativo. A temporalidade rápida dos periódicos obrigava as escritoras a curvarem-se aos prazos das rotativas, espaço das colunas e demandas editoriais.

Num mundo dominado por homens, algumas escritoras conseguiram impor-se, daí a importância de se indagar acerca das estratégias mobilizadas e das redes de sociabilidade nas quais se inseriram. Localizar, publicar e examinar sistematicamente esses textos, em grande parte não recolhidos em livros, representa mais um passo na construção de novas perspectivas sobre as vozes femininas que, em larga medida, seguem ausentes da história cultural brasileira. Além de contribuir para o conhecimento da história da imprensa e das estratégias de diversificação do seu público, os resultados inserem-se nos estudos de gênero, ao recuperarem textos ainda desconhecidos e convidar a refletir sobre os avanços e recuos da agenda feminista e suas aproximações e distanciamentos das lutas sociopolíticas de *O Paiz*. Os ventos trazidos pela nova ordem burguesa tendiam, apesar das resistências dos que se apegavam à ordem estabelecida, a embaralhar marcadores sociais, abrir fissuras e espaços de negociação, processo no interior do qual a escrita feminina em periódicos desempenhou papel relevante, como evidenciam os livros que compõem a coleção.

Este volume se dedica à escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), que atuou como correspondente de *O Paiz*, no qual publicou um total de 98 crônicas entre 1884 e 1889. Resulta de um trabalho de equipe, coordenado por Ana Cláudia Suriani da Silva (UCL) e Tania Regina de Luca (Unesp), e que contou com a colaboração dos estudantes Arieta Marafon Fabrício (Unicamp), Daphne Nathielle Goulart da Costa (Unicamp), Rafaella Gobbo Reis da Silva (USP), Marina Nogueira Cardozo Muniz (USP) e a pesquisadora, tradutora e revisora de textos Ana Cecilia Agua de Melo.



MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO: *de Portugal para o Brasil*

Ana Cláudia Suriani da Silva, UCL
Tania Regina de Luca, Unesp/CNPq

A “escritora-senhora”

Maria Amália Vaz de Carvalho nasceu numa família aristocrática portuguesa. Foi educada em casa pela mãe e incentivada a escrever pelo pai, o deputado José Vaz de Carvalho, que recebia na quinta da família, em Pintéus, políticos e escritores. Os dotes literários da jovem logo evidenciaram-se, tanto que, em 1867, publicou seu primeiro livro, *Uma primavera de mulher*, poema em quatro cantos prefaciados pelo político e literato Tomas Ribeiro.

O casamento em 1874 com o poeta brasileiro radicado em Portugal, Gonçalves Crespo, não interrompeu sua atividade intelectual, pelo contrário, às poesias de *Vozes no ermo* (1876) seguiram-se *Serões do campo* (1877), reunião de contos e ensaios, *Arabescos, notas e perfis* (1880), estudos de caráter biográfico e, ainda em 1880, *Contos e fantasias, narrativas ficcionais*, e *Mulheres e crianças, notas sobre a educação*, com temática relativa à família. A colaboração em periódicos amadureceu-se, inicialmente sob o pseudônimo de Valentina de Lucena. Ao que consta, a entrada para o jornalismo ocorreu pelas mãos do tio, Luís de Almeida e Albuquerque, redator e depois, por alguns anos, proprietário do *Jornal do Commercio* (Lisboa, 1853).

Já a colaboração na imprensa brasileira iniciou-se em fevereiro de 1878, no homônimo *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro, 1827), então um dos mais importantes do Império (CARVALHO, 23 de fev. de 1878). Maria Amália manteve longo vínculo com o matutino, fosse de forma mais direta, ainda que nunca com regularidade, entre 1878 e 1881 e, posteriormente, de 1892 a 1897, ao que se devem acrescentar colaborações esparsas pelo menos até 1915.¹

Em 1883, quando esperava o seu terceiro filho, Gonçalves Crespo faleceu. A essa perda sobreveio a do menino recém-nascido. Viúva e com duas crianças, o trabalho intelectual tornou-se essencial para a manutenção da família. Suas colaborações preenchiam as páginas dos magazines ilustrados e de variedades, que procuravam alcançar público amplo e diversificado, e das folhas diárias, que também se preocupavam em reservar espaço para os temas femininos. Polígrafa versátil, Dona Maria Amália, como era chamada pelos intelectuais e escritores que frequentavam

¹ A respeito da colaboração da autora com o *Jornal do Commercio* e, mais especificamente sua produção ficcional aí publicada entre 1878 e 1880, consultar REIS, 2012. Na primeira crônica de *O Paiz*, Maria Amália faz referência a essa colaboração.

o seu afamado salão da Travessa de Santa Catarina, respondia por traduções, escrevia poemas, contos, ensaios, biografias, crítica literária, além de aconselhar fosse sobre o casamento, a educação de meninos e meninas, a situação e a condição feminina, temáticas perscrutadas sob os mais diversos ângulos, num momento em que os nascentes movimentos em prol da conquista de direitos de cidadania colocavam a questão na ordem do dia.

Seu prestígio e a rede de sociabilidade na qual se inseria evidenciam-se no índice do livro *Um feixe de penas* (1885), que organizou em prol de asilo para raparigas abandonadas. A fina flor da intelectualidade portuguesa se fez presente em mais de quatro dezenas de textos, dos quais apenas dois foram assinados por mulheres, um de Maria Amália e outro de Amélia Janny. A empreitada evidenciou o respeito granjeado num campo intelectual avesso à presença feminina, o que, na chave proposta por Pierre Bourdieu, convida a refletir acerca das circunstâncias e estratégias que permitiram-lhe ocupar o espaço público e se impor como mulher de letras (BOURDIER, 1996).²

Está bem assente o papel fundamental desempenhado pela imprensa periódica no processo de profissionalização da atividade intelectual, então em curso. Os escritores (e as poucas escritoras) garantiam pelo menos parte de sua existência graças às colaborações para jornais e revistas, ao que se somava a fama adquirida junto aos leitores.³ As empresas, por seu turno, eram recompensadas com o prestígio de exibir cronistas célebres, ao mesmo tempo em que fidelizavam os assinantes, interessados em acompanhar as rubricas. Tratava-se, portanto, de via de mão dupla, na qual os ganhos eram compartilhados num circuito de enobrecimento constantemente retroalimentado.

Nesse mundo, domínio quase exclusivamente masculino, Maria Amália foi uma das poucas mulheres que conseguiu tornar-se profissional das letras no contexto português e brasileiro, reconhecida como autoridade quando o tema era universo feminino, convivência social, educação, comportamento, princípios morais e religiosos. Note-se que as virtudes que pregava tornaram-se atributos de sua própria trajetória, elevada à exemplaridade. A origem aristocrática, a cultura enciclopédica, a esposa e mãe devotadas eram aspectos destacados pelos contemporâneos, como atestam, por exemplo, os prefácios de suas obras. Nas palavras de Ramalho Ortigão, em carta que acompanha *Crônicas de Valentina* (1890), a autora foi caracterizada como filha heroica, esposa exemplar e mãe sublime, que “escreve para a imprensa com a mesma humildade com que outras mulheres fazem meias ou fiam na roca para ganhar honradamente e obscuramente a sua vida” (ORTIGÃO, 1890, p. XVI).

² Para as origens da noção de letrado, consultar CHARTIER, 1997.

³ A respeito ver THÉRENTY, 2007.

Não foi diversa a ênfase de Augusto de Castro no discurso que proferiu na Academia de Ciências de Lisboa quando do cinquentenário da publicação do primeiro livro de Maria Amália, datado de 1867. Após exaltar sua vasta e diversificada produção, também insistiu na tecla da humildade – “nunca precisou de sair da penumbra discreta e florida do seu salão” – ou seja, reafirmava-se, pela via do elogio, o papel subalterno e discreto da homenageada, que sabia portar-se com a descrição apropriada à sua condição. Castro louvou a figura senhoril, o meio aristocrático de que provinha, as predileções morais, a sensibilidade e a educação para concluir que “a alta e nobre senhora nunca deixou, por esse fato, de ser em tudo o que constitui a emotividade, a doçura, a simplicidade, o protótipo perfeito da mulher portuguesa” (CASTRO, 1923, p. 10).⁴ O escritor e diplomata esboçou curiosa tipologia que distinguia entre escritoras-homens, que assumiam postura masculinizada; escritoras-mulheres, que abandonavam os recatos e pudores típicos do seu sexo, e, por fim, as escritoras-senhoras, à qual pertencia D. Maria Amália. A respeitabilidade conquistada parecia provir mais da reputação ilibada, recato e devotado desempenho de funções inerentes à condição de mulher do que de dotes intelectuais, configurando critérios bastante diversos dos requeridos e aplicados para os escritores.

Entre 1884 e 1889, quando voltou a colaborar regularmente com um jornal do Rio de Janeiro, Maria Amália já se constituía em nome consagrado no campo literário, quiçá justamente por conseguir equilibrar atuação no espaço público como escritora, o que, em princípio, era interdito ao seu gênero, respeito às convenções sociais na vida pessoal e, não menos importante, escolha de temáticas e abordagens que, sem deixar de tensionar a ordem estabelecida, o fazia dentro de limites aceitáveis, circunstâncias que acabaram por lhe conferir prestígio e livre acesso à grande imprensa dos dois lados do Atlântico.

Maria Amália e O Paiz

A escritora portuguesa compareceu nos primeiros números de *O Paiz*, matutino fundado pelo brasileiro João José dos Reis Júnior (1846-1922), um negociante bem-sucedido que ostentava os títulos de segundo visconde e conde de São Salvador de Matozinhos, concedidos ao seu pai pela monarquia portuguesa. Há significativa confusão entre esses dois personagens e não é raro que se atribua ao português João José dos Reis (1820-1888) a fundação do periódico.

⁴ O discurso foi incluído na quarta edição de *Cartas a uma noiva* cuja primeira edição é de 1891. Maria Amália foi a primeira mulher a tornar-se membro da Academia de Ciências de Lisboa.

A edição inaugural circulou em primeiro de outubro de 1884, numa conjuntura marcada por intensa agitação política, com a multiplicação de atritos entre o exército e a monarquia e o crescimento de um amplo movimento social antiescravista, que propunha ações efetivas por meio do incentivo à fuga e à desobediência à ordem estabelecida. Poucos meses antes do lançamento do jornal, em 25 de março de 1884, o Ceará tomou a dianteira e decretou a abolição do regime. O novo periódico, com quatro páginas, como era a praxe na época, tinha sua redação instalada na rua do Ouvidor n. 63, então a mais famosa da capital do Império, que também abrigava os seus principais concorrentes: o *Jornal do Commercio*, em circulação desde 1827, a *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875), fundada em 1875, e o *Diário de Notícias*, lançado em junho de 1885, meses depois de *O Paiz*. Vê-se, portanto, que a folha tinha que se ombrear com diversas outras, o que instou seus responsáveis a colocar em prática estratégias capazes de particularizá-la e atrair a atenção do público leitor.

De início, a direção esteve sob a responsabilidade de Rui Barbosa, que permaneceu no cargo por breve período, tendo sido logo substituído por Quintino Bocaiúva, a quem coube, por anos a fio, responder pelos rumos do jornal. Abolicionista desde o lançamento, mostrou-se cauteloso nas críticas ao regime monárquico, a despeito de ter à frente Bocaiúva, republicano dos mais destacados. *O Paiz* insistia em declarar-se neutro e independente em relação a partidos, o que não o impedia de tratar de assuntos políticos, predominantes em suas páginas. Análise atenta do conteúdo permitiu relativizar a suposta imparcialidade, mais declarada que efetiva.⁵ O constante aumento da tiragem, de início na casa dos 11 mil exemplares, chegou a 30.600 em 1889, o que levou o periódico a adotar o seguinte slogan, impresso no seu cabeçalho entre 1888 e 1895: “*O Paiz é a folha de maior circulação na América do Sul*”.

A despeito de seus editores privilegiarem a política local, eles não descuidavam das notícias internacionais, afinal, o país estava conectado à Europa, via cabo submarino, desde 1874, o que assegurava fluxo regular de informações, proveniente de agências de notícias, circunstância que selou o compromisso dos diários com as últimas novidades e justificava a manutenção de correspondentes nas principais capitais europeias e em diferentes regiões do país.

Outro aspecto importante para o sucesso das folhas dizia respeito às colunas, assinadas por escritores consagrados, cuidadosamente selecionados. Dentre os nomes frequentes nos jornais do Rio de Janeiro estavam, ao lado dos escritores brasileiros, diversos autores portugueses, que comentavam o cenário político e cultural europeu. A *Gazeta de Notícias*, um dos matutinos mais

⁵ Sobre a posição do jornal em seus primeiros anos de existência, consultar PESSANHA, 2006.

importantes do país nas décadas de 1880 e 1890, teve entre seus colaboradores Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis e Mariano Pina.⁶ Não admira que, em seu terceiro número, *O Paiz* se dirigisse aos leitores nos seguintes termos:

Inserimos hoje em nossas colunas o primeiro artigo da série, que nos prometeu o ilustre escritor português, conselheiro Manoel Pinheiro Chagas, nosso auxiliar em Lisboa. Os nossos leitores darão o devido valor ao escrito do notável estilista, que tão grande nome conquistou nas letras. Temos também o concurso valioso da Exma. Sra. D. Maria Amália Vaz de Carvalho e dos Srs. Antônio Ennes, Gervásio Lobato e Cristóvão Aires, penas amestradas e que serão assíduos em remeter-nos os seus trabalhos. A correspondência particular para *O Paiz* é, de Portugal, escrita pelo distinto jornalista Jaime Vitor. Convidando para honrar estas colunas a tantos e tão estimados escritores, acreditamos que fica patente o nosso esforço para bem servir ao público (*O Paiz*, 03 de out. de 1884).⁷

A nota indica que o lançamento do jornal fora cuidadosamente preparado, tanto que os colaboradores estrangeiros já estavam assegurados: Pinheiro Chagas estreou em três de outubro e Maria Amália pouco depois, no dia seis. Sua produção compartilhava espaço com outras mulheres, como Júlia Lopes de Almeida (pseudônimo Ecila Worms), Maria Benedita Câmara Bormann (pseudônimo Délia), Emília Moncorvo Bandeira de Melo (pseudônimos Carmen Dolores e Júlio de Castro), e políticos brasileiros de grande prestígio, a exemplo de Quintino Bocaiúva e Joaquim Nabuco, que, como explica José Murilo de Carvalho, “tinham nela [a imprensa] a sua mais importante tribuna”, pois o parlamento brasileiro só funcionava regularmente de maio a agosto. “Nos oito meses restantes, a comunicação com os eleitores e com o público em geral se dava pelos jornais” (CARVALHO, 2013, 13). De Portugal escreviam Pinheiro Chaves e Maria Amália e da Inglaterra Joaquim Nabuco, que atuavam como correspondentes da folha, colaborações por meio das quais o leitor brasileiro se mantinha informado sobre os últimos acontecimentos do mundo e mesmo passava a conhecer regiões remotas do planeta e detalhes da atualidade e da história europeia, tudo isso numa velocidade e intensidade somente possíveis graças às comunicações, via cabo submarino, com o velho continente.

Enquanto Joaquim Nabuco trazia para o jornal os debates políticos do momento, a colaboração de Maria Amália e das outras escritoras pode ser entendida como chamariz para o público feminino. A correspondente portuguesa contava com coluna que lhe era inteiramente

⁶ Para detalhes sobre a presença de autores portugueses na *Gazeta de Notícias*, consultar MINÉ, 2005.

⁷ A prática de contar com colaboradores estrangeiros seguiu inalterada depois de 1891, momento em que o jornal mudou de mãos e transformou-se numa sociedade anônima.

dedicada, sob responsabilidade de nome conhecido do público local, uma vez que Maria Amália, cujos ideais estavam em sintonia com os abraçados pela elite dominante, já ocupara, entre 1878 e 1881, as páginas do *Jornal do Commercio*, o mais antigo em circulação na capital do Império e um dos mais importantes do país. É preciso levar em conta a importância do intercâmbio entre Portugal e o Brasil, sobretudo em vista do peso do mercado brasileiro para o mundo editorial português, aspecto que a própria Maria Amália fez questão de frisar:

Em curtos anos de vida *O Paiz* atingiu um grau de vulgarização e de prosperidade, tão alto e tão excepcional, que escrever aqui é ter a certeza de ser lido por milhares de pessoas. Ora, não pode haver maior felicidade para o escritor cômico da sua delicada missão, para o escritor que não faz arte pela arte, mas tem a justa ambição de semear na terra algum bem, do que a ideia reconfortante e fecunda de que é apreciado, criticado, compreendido por um grande número de entendimentos, mais ou menos simpáticos, mais ou menos abertos a todas as curiosidades e a todas as impressões (...). Para os portugueses, que são fatalmente condenados a um público limitadíssimo, escrever para o Brasil é a grande ambição e o grande privilégio. Ao menos assim sabemos que somos ouvidos (CARVALHO, 11 de abr. de 1887).

Se é fato que, nos dois países, a taxa de analfabetismo atingia patamares semelhantes, a superioridade numérica da população brasileira justificava o interesse em ter as obras distribuídas deste lado do Atlântico. A presença regular em jornais do então Império trazia vantagens imediatas, em termos financeiros e de divulgação do nome, além de outras de médio prazo, tendo em vista a conquista de leitores para os livros já lançados ou para os que ainda viriam a público. Na primeira colaboração, Maria Amália, que já não era desconhecida do público brasileiro, fez questão de detalhar as razões de sua presença nas páginas do novo periódico:

O fundador do *Paiz* (...) teve uma ideia generosa e rara, pela qual as minhas queridas leitoras – levando-lhe em conta pelo menos a intenção – não podem deixar de ser-lhe gratas. Pensou ele que as mulheres, às quais, por enquanto, tantas questões de alta importância se conservam estranhas, e que pouco ou nada se ocupam de política ou de comércio, de indústria ou de finanças, de diplomacia ou de ciência, gostariam de achar nas colunas deste novo jornal brasileiro um cantinho que fosse só delas, que lhes fosse exclusivamente destinado, e onde elas encontrassem, discutidas, analisadas, ou mesmo simplesmente notadas de passagem, as coisas que mais particularmente lhes atraíssem a atenção. Para conversar com senhoras, pensou ele e com razão que o mais acertado seria procurar uma pessoa do mesmo sexo (CARVALHO, 06 de out. de 1884).

A cronista manteve-se fiel à missão que lhe foi designada, tanto que fazia questão de entabular diálogo com as destinatárias, frequentemente evocadas como “querida(s) leitora(s)”. Dirigia perguntas ao seu público – “não sei se alguma vez já lhes falei...”, “sabes quem é ...”;

antecipava reações: “A leitora neste ponto para, um pouco surpresa e um pouco triste, não é verdade? E pergunta-me espantada: Pois quê?! Tem esta opinião...”; ou reafirmava os objetivos das longas palestras, “quase que exclusivamente consagradas aos interesses morais, sentimentais, intelectuais do sexo a que ambas pertencemos”. Evidencia-se, pois, a estratégia de adotar tom coloquial, de quem aconselha e ensina, num esforço para estabelecer laços de confiança, afetividade e proximidade, objetivos explicitados já na crônica inaugural:

É este o cantinho da sala, ou antes, é este o *boudoir* discreto, perfumado, cheio de plantas verdes, em que fazendo rancho à parte, nós conversamos à meia voz a respeito de arte, de literatura, de moral, de costumes sociais, a respeito da educação dos nossos filhos, ou do governo das nossas casas, a respeito de mil assuntos enfim, sérios e frívolos, graves ou amenos, que nos são gratos, e que de boa-fé tentaremos que nos sejam úteis (CARVALHO, 06 de out. 1884).

Na diagramação de *O Paiz*, os textos dos cronistas eram antecidos pelo termo colaboração, em negrito e letras maiúsculas, seguidos pelo nome da coluna, prática igualmente válida para Maria Amália. As séries que ela assinou poderiam trazer apenas o título, por vezes seguido de subtítulo específico ou de resumo dos assuntos tratados, cabendo destacar que as mesmas não eram impressas no *bas de page*, ou seja, no espaço destinado ao folhetim, antes figuravam na primeira ou segunda páginas, ladeadas por conteúdos diversificados. Suas colaborações não tinham periodicidade constante: por vezes compareciam com pequeno intervalo, outras espaçadas por larga temporalidade. Ausências mais prolongadas eram justificadas quando da retomada da seção, o que ocorreu, por exemplo, em 09 de dezembro de 1885: “Há quanto tempo que eu não te apareço, minha querida leitora. A doença, a pertinaz doença antipática, paralisadora de todas as faculdades afetivas e mentais, tem-me trazido, bem contra a minha vontade, afastada de ti!” (CARVALHO, 09 de dez. de 1885). A colaboração anterior datou de 23 de outubro de 1885. O afastamento mais pronunciado foi registrado entre 13 de junho de 1886 e 11 de abril de 1887, momento em que a cronista, sem maiores explicações, limitou-se a declarar sua satisfação em retomar suas atividades. Dividindo-se o montante de contribuições num dado ano pelo número de meses nos quais as mesmas figuraram, obtém-se média sempre inferior a quatro (ver Tabela n. 1).

No que respeita à denominação, apenas a partir de 1887 houve referência explícita ao público feminino (“Cartas femininas”), o que não era o caso da até então predominante “Conversas Lisbonenses”, logo rebatizada de “Conversações Lisbonenses”, que enfatizava o espaço geográfico. “Cartas a Luiza” e “O romance da viscondessa” receberam títulos diferentes por comporem

conjuntos com relativa autonomia em face das demais colaborações. O segundo aproxima-se da consagrada fórmula do folhetim e tem carácter ficcional. Foram divididos em quatro e três fascículos, respectivamente, e tinham em vista, muito provavelmente, a republicação em volumes, como atesta a edição em livro de *Cartas a Luiza* (1886).

O título da coluna de Maria Amália também se ajustou aos seus deslocamentos entre a cidade e o campo, passando a se chamar “Cartas do campo” no período em que a escritora se afastou de Lisboa:

Querida leitora — Continuar a chamar Conversações Lisbonenses às cartas que eu te escrevo, preguiçosamente deitada à sombra de uma grande árvore, vendo ao perto espreguiçarem-se pelo areal reluzente as águas límpidas e sinuosas do Mondego, parece-me realmente é faltar à verdade, um pouco mais do que o permitem as liberdades da prosa! Consente-me, pois que eu, até ao inverno, batize o nosso despretensioso cavaco com o título de Cartas do campo (CARVALHO, 21 de ago. de 1885).

A publicação das “Cartas femininas” encerrou-se em 14 de junho de 1889, sem despedida formal da autora.⁸ As três colaborações subsequentes, duas em agosto e uma em setembro, já não integravam a série, constituindo-se em contributos isolados, como atestam os seus títulos.

Levantamento e apresentação dos textos

A recolha das crônicas foi realizada a partir da Hemeroteca Digital Brasileira, cabendo esclarecer que a instituição não permite acesso ao suporte papel de material disponibilizado em seu sítio. Além disso, boa parte do levantamento e transcrição dos textos foi realizado durante a pandemia do Covid-19, o que impossibilitou a consulta física de outras coleções do jornal. O recurso à pesquisa por palavras chave mostrou-se pouco eficaz, tendo em vista os poucos resultados alcançados por essa via, seja em função das limitações inerentes ao programa que converte imagem em texto, da qualidade da impressão original, das marcas da passagem do tempo, que resultaram em páginas mutiladas ou ilegíveis, e mesmo da qualidade da digitalização realizada. Assim, para inventariar as publicações de Maria Amália, foi necessário percorrer todos os exemplares, página por página, ao que se soma o trabalho de transcrição, correção de gralhas tipográficas e atualização

⁸ Anos depois, a autora adotou atitude diversa. Em 1897, quando novamente colaborava com o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, ela fez questão de atribuir o afastamento a causas estranhas à sua vontade, sem entrar em maiores detalhes. Agradeceu os leitores e confessou: “Tenho saudades destas cartas que me vão faltar, tenho saudades deste trabalho a que me afeiçoei e ao qual dei tão longamente o melhor da minha vida intelectual” (CARVALHO, 06 de ago. de 1897).

da ortografia, tarefas que demandaram significativo esforço. Em várias ocasiões foi necessário recorrer às republicações dos textos em volumes, adquiridos em sebos ou disponíveis em formato eletrônico, para corrigir e esclarecer palavras e trechos ilegíveis, como foi o caso das crônicas sobre George Sand e Charles Darwin, republicadas em *Alguns homens do meu tempo* (1889) e *Crônicas de Valentina* (1890), respectivamente.

A Tabela n. 1 apresenta o material localizado. Alerta-se que, a despeito da intenção de exaustividade, não se pode descartar a hipótese de existirem outras ocorrências, seja por terem passado despercebidas ou em função das condições da coleção no suporte papel ou na sua representação digital. A representação digital é, de fato, muito útil, não só porque permite acesso remoto a impressos e manuscritos raros, mas também porque colabora para a sua conservação, uma vez que os preserva do manuseio frequente e garante, pelo menos, a sobrevivência da sua representação digital no caso de eventuais problemas de conservação derivados de incêndios de acervos patrimoniais que, infelizmente, vêm se tornando cada vez mais frequentes no Brasil. Entretanto, é preciso estar consciente acerca da diferença e da relação entre o documento físico e sua representação. A reprodução digital simplifica o documento: não captura todos os ângulos do impresso, o que inevitavelmente implica em perda de alguma informação (SILVA, 2019a).

TABELA 1 Títulos das crônicas, localização no jornal, total e média mensal.

NÚMERO	TÍTULO	DATA	EDIÇÃO DO JORNAL	PÁGINA DE REFERÊNCIA	DIA DA SEMANA	TOTAL	MÉDIA POR MÊS
1884, ano 1						10	3,3
1	Conversas lisbonenses	6/10/1884	6	1	segunda-feira		
2	Conversas lisbonenses	15/10/1884	15	01, 02	quarta-feira		
3	Conversas lisbonenses	22/10/1884	22	2	quarta-feira		
4	Cartas a Luiza I	30/10/1884	30	2	quinta-feira		
5	O romance da viscondessa	24/11/1884	55	2	segunda-feira		
6	O romance da viscondessa	27/11/1884	58	2	quinta-feira		
7	O romance da viscondessa	3/12/1884	64	2	quarta-feira		
8	Cartas a Luiza II	22/12/1884	83	2	segunda-feira		
9	Conversas lisbonenses	30/12/1884	91	2	terça-feira		
10	Conversas lisbonenses	31/12/1884	92	2	quarta-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

1885, ano 2						29	2,4
11	Cartas a Luiza III	13/01/1885	12	2, 3	terça-feira		
12	Conversações Lisbonenses	03/02/1885	33	2	terça-feira		
13	Cartas a Luiza IV	11/02/1885	41	2	quarta-feira		
14	Conversações Lisbonenses	17/02/1885	47	2	terça-feira		
15	Conversações Lisbonenses	28/02/1885	58	2	sábado		
16	Conversações Lisbonenses	26/03/1885	84	2, 3	quinta-feira		
17	Conversações Lisbonenses	01/04/1885	90	2	quarta-feira		
18	Conversações Lisbonenses	04/04/1885	93	2	sábado		
19	Conversações Lisbonenses	22/04/1885	110	2	quarta-feira		
20	Conversações Lisbonenses	28/04/1885	116	2	terça-feira		
21	Conversações Lisbonenses	08/05/1885	126	2	sexta-feira		
22	Conversações Lisbonenses	15/05/1885	133	2	sexta-feira		
23	Conversações Lisbonenses	01/06/1885	150	2	segunda-feira		
24	Victor Hugo I	26/06/1885	175	2	sexta-feira		
25	Conversações Lisbonenses	12/07/1885	191	2	domingo		
26	Conversações Lisbonenses	13/07/1885	192	2	segunda-feira		
27	Conversações Lisbonenses	19/07/1885	198	3	domingo		
28	Conversações Lisbonenses	02/08/1885	212	2	domingo		
29	Conversações Lisbonenses	07/08/1885	217	2	sexta-feira		
30	Cartas do campo I	21/08/1885	231	2	sexta-feira		
31	Cartas do campo II	06/09/1885	247	3	domingo		
32	Cartas do campo III	07/09/1885	248	2	segunda-feira		
33	Cartas do campo IV	09/09/1885	250	2	quarta-feira		
34	Cartas do campo V	21/09/1885	262	2, 3	segunda-feira		
35	Cartas do campo VI	24/09/1885	265	2, 3	quinta-feira		
36	Cartas do campo	18/10/1885	289	3	domingo		
37	Cartas do campo	21/10/1885	292	3	quarta-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

38	Cartas do campo	23/10/1885	294	2	sexta-feira		
39	Conversações Lisbonenses	09/12/1885	341	2	quarta-feira		
1886, ano 3						10	1,6
40	Conversações lisbonenses	04/01/1886	4	2	segunda-feira		
41	Conversações lisbonenses	21/01/1886	20	3	quinta-feira		
42	Conversações lisbonenses	27/01/1886	26	3	quarta-feira		
43	Conversações lisbonenses	23/02/1886	53	2, 3	terça-feira		
44	Conversações lisbonenses	11/03/1886	69	3	quinta-feira		
45	Conversações lisbonenses	31/03/1886	89	2	quarta-feira		
46	Conversações lisbonenses II	16/04/1886	105	2	sexta-feira		
47	Conversações lisbonenses	23/04/1886	112	2	sexta-feira		
48	Conversações lisbonenses	26/05/1886	144	2, 3	quarta-feira		
49	Conversações lisbonenses	13/06/1886	162	3	domingo		
1887, ano 4						16	1,7
50	Cartas femininas	11/04/1887	918	2	segunda-feira		
51	Cartas femininas	21/04/1887	928	2	quinta-feira		
52	Cartas femininas	18/05/1887	955	2, 3	quarta-feira		
53	Cartas femininas	05/07/1887	1003	2	terça-feira		
54	Cartas femininas	26/07/1887	1024	2, 3	terça-feira		
55	Cartas femininas	16/08/1887	1045	2	terça-feira		
56	Cartas femininas	24/08/1887	1053	2	quarta-feira		
57	Cartas femininas	19/09/1887	1079	2, 3	segunda-feira		
58	Cartas femininas	23/09/1887	1083	2	sexta-feira		
59	Cartas femininas	07/10/1887	1097	2	sexta-feira		
60	Cartas femininas	17/10/1887	1107	2, 3	segunda-feira		
61	Cartas femininas	03/11/1887	1124	2, 3	quinta-feira		
62	Cartas femininas	07/11/1887	1128	3	segunda-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

63	Cartas femininas	02/12/1887	1153	2, 3	sexta-feira		
64	Cartas femininas	13/12/1887	1164	3	terça-feira		
65	Cartas femininas	28/12/1887	1178	2	quarta-feira		
1888, ano 5						18	1,5
66	Cartas femininas	10/01/1888	1191	3	terça-feira		
67	Cartas femininas	15/02/1888	1227	3	quarta-feira		
68	Cartas femininas	05/03/1888	1246	2, 3	segunda-feira		
69	Cartas femininas	21/03/1888	1262	2, 3	quarta-feira		
70	Cartas femininas	14/05/1888	1316	2, 3	segunda-feira		
71	Cartas femininas	27/05/1888	Suplemento ao 1328	1	domingo		
72	Cartas femininas	03/06/1888	Suplemento ao 1335	1	domingo		
73	Cartas femininas	23/07/1888	1385	2	segunda-feira		
74	Cartas femininas	31/07/1888	1393	2	terça-feira		
75	Cartas femininas	11/09/1888	1435	3	terça-feira		
76	Cartas femininas	13/09/1888	1437	2, 3	quarta-feira		
77	Cartas femininas	01/10/1888	1455	3	segunda-feira		
78	Cartas femininas	08/10/1888	1462	3	segunda-feira		
79	Cartas femininas	02/11/1888	1487	2	sexta-feira		
80	Cartas femininas	22/11/1888	1507	2, 3	quinta-feira		
81	Cartas femininas	04/12/1888	1519	3	terça-feira		
82	Cartas femininas	12/12/1888	1527	3	quarta-feira		
83	Cartas femininas	30/12/1888	1545	2	domingo		
1889, ano 6						15	1,25
84	Cartas femininas	16/01/1889	1562	2	quarta-feira		

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

85	Cartas femininas	05/02/1889	1582	2	terça-feira
86	Cartas femininas	26/02/1889	1603	2	terça-feira
87	Cartas femininas	14/03/1889	1619	3	quinta-feira
88	Cartas femininas	20/03/1889	1625	2	quarta-feira
89	Cartas femininas	14/04/1889	1650	2, 3	domingo
90	Cartas femininas	18/04/1889	1654	3	quinta-feira
91	Cartas femininas	08/05/1889	1674	2	quarta-feira
92	Cartas femininas	22/05/1889	1688	3	quarta-feira
93	Cartas femininas	14/06/1889	1711	3	sexta-feira
94	Cartas femininas	03/07/1889	1730	2,3	quarta-feira
95	Cartas femininas	14/07/1889	1741	3	domingo
96	Coroação de Zorrilla ⁹	25/08/1889	1783	1	domingo
97	Íntimas	29/08/1889	1787	1	quinta-feira
98	Antonio Pedro	08/09/1889	1797	1	domingo

FONTE Elaborada pelas autoras.

⁹ A escritora assinou essas três últimas colaborações (números 96, 97 e 98) apenas como “Maria Amália”.

O rol acima elencado abre múltiplas possibilidades de análise, algumas das quais serão aqui apontadas, sem pretensão de esgotá-las. Não resta dúvida de que a temática relativa ao feminino constituiu-se no fio de Ariadne, não apenas dos textos de *O Paiz*, mas de toda a produção de Maria Amália, atravessada por tom pedagógico. A escolha dos assuntos e a forma de abordá-los tornaram-se passaportes fundamentais para sua afirmação enquanto profissional das letras, requisitada para além das fronteiras portuguesas, num momento em que convenções acerca dos papéis sociais do feminino e do masculino começavam a ser contestadas em termos diversos dos apregoados por Maria Amália, cujos posicionamentos distinguiam-se pela ausência de maior criticidade.

Das crônicas de *O Paiz* sobressai a defesa da família, o papel de esposa e de mãe, os cuidados com a casa, as formas de se vestir e de se portar em sociedade, a educação dos filhos, com particular destaque para as jovens, a importância da honra e da moralidade, as leituras (in)adequadas, a submissão ao marido e a condenação do divórcio, que acabara de ser aprovado na França (1884). Veja-se, a título de exemplo, conselhos repisados em diferentes declinações:

É no interior da sua casa que a mulher se deixa mais facilmente estudar e conhecer. É conforme a atmosfera moral que ela criou em volta de si, que o crítico e o observador poderão discriminar o seu caráter e o seu modo de entender e de praticar a vida (...). Se cada mulher tivesse por fato único, fazer da sua casa um ninho agradável, onde o marido se sentisse bem, e onde os filhos crescessem contentes! ... Parece muito, não é verdade? Pois é muito menos do que tudo que nós hoje tentamos. Limitar as nossas ambições a esta doce ambição de amor e de paz, seria talvez o meio único de tranquilizar as ondas agitadas e convulsas deste oceano, que é a alma moderna! (CARVALHO, 19 de jul. de 1885)

A tão defendida educação feminina não dialogava com a emancipação, antes deveria incutir a consciência dos altos deveres que a natureza e a sociedade impunham ao gênero. Nas suas palavras, só poderia “compreender e sujeitar-se à fatalidade das coisas, a que for educada, a que tiver retemperado o seu espírito, a que tiver fortalecido o seu entendimento, a que tiver a plena compreensão dos destinos da família” (CARVALHO, 04 de abr. de 1885). Aceitação, submissão e apego à moral religiosa estavam entre os remédios constantemente receitados. Sua luta não incluía a “conquista absurda dos direitos políticos, à qual tudo nela recusa. Quero a mulher no interesse da sua casa, e só a quero aí; mas quero-a cônica do papel que tem a cumprir. Acho tão absurda e

tão grotesca a mulher-deputado, como acharia a mulher-soldado e a mulher-sacerdote” (CARVALHO, 15 de out. de 1884).¹⁰

Tal leitura tinha como corolário o diálogo com as transformações que marcaram as décadas finais do Oitocentos. As inovações técnicas, os progressos científicos, as novidades no campo dos transportes e das comunicações, a percepção da aceleração do tempo e do encolhimento do espaço, a invasão do cotidiano por artefatos que mediavam a leitura do mundo eram, a um tempo, motivo de admiração e orgulho, mas também de aflição frente às consequências sociais de um mundo cada vez mais laico e pautado na racionalidade. Maria Amália não se furtou a discutir essas questões, oscilando entre o orgulho de pertencer a um século que acumulava “descobrimientos feitos no intuito de melhorar o destino do homem, desde as mais humildes aplicações da indústria até às mais altas sínteses da filosofia!”, e o lamento: “quantas contradições hoje nos magoam! quantas deformidades morais nos entristecem, quantas incoerências nos desnorteiam, quantos contrastes entre o que se pensa e o que se pratica nos dilaceram o coração, nos entenebrece a consciência!...” (CARVALHO, 26 de mar. de 1885).

Tensão que percorre suas reflexões, fossem sobre a mulher e a política, as personagens femininas presentes nos romances, a nevrose da vida moderna, sem nunca perder de vista o público a que se destinavam. Note-se que não se tratava de repetição enfadonha dos mesmos tópicos, ainda que o mote geral tenha permanecido, pelo menos nos textos de *O Paiz*, constante. As crônicas tratavam dos assuntos os mais diversos: produção literária, conjuntura política, assassinatos, livre arbítrio, determinismo, exposições e estreias teatrais, lançamentos editoriais, adultério, divórcio ou o pessimismo moderno, para ficar numa lista não exaustiva. Assim, o leitor deparava-se com textos relativos ao passamento de figuras ilustres, fossem do campo da cultura, como Vitor Hugo e o ator António Pedro, ou de cabeças coroadas, caso de D. Fernando, D. Alfonso e o Imperador Frederico; o jubileu da rainha Vitória; uma nova turnê de Sarah Bernhardt; perfis de intelectuais destacados, a exemplo dos portugueses Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco ou do espanhol José Zorrilla y Moral, e, ainda, *faits divers*, incêndios, terremotos e assassinatos.

¹⁰ O tema era recorrente, veja-se mais um exemplo: “(...) note-se que não satisfaço nem uma só das aspirações da mulher emancipada, da mulher doutora. Que a mulher pense, que a mulher leia, que a mulher se interesse, que seja curiosa de tudo, acho racional, acho legítimo, mas lá que ela aspire à tal transformação social que fará do homem costureiro e da mulher advogada, isso confesso que chega a exasperar-me. Dizem que o futuro há de ver essa mudança; nesse caso dou muitas graças a Deus de não ser futuro, visto que isso me dispensa de ter de a presenciar” (CARVALHO, 18 de mai. de 1887).

Se, no mais das vezes, predominava o tom ensaístico, ela não deixou de recorrer à ficção na série intitulada “O romance da viscondessa” ou na quarta carta que dirigiu a Luiza. Para fundamentar sua argumentação, mobilizava referências literárias, pictóricas, musicais, teatrais, filosóficas, históricas, antropológicas, jurídicas, médicas, que evidenciavam sua vasta cultura, atualização e domínio da produção em diferentes áreas de saber. Desafio instigante, que escapa aos limites desse artigo, diz respeito à recolha sistemática de autores, obras e excertos citados, tendo em vista as remissões diversificadas de que se valia.

Suas habilidades de tradutora transpareciam em excertos dos poetas Gustavo Adolfo Bécquer, vertido do espanhol, e do alemão Heinrich Heine, lido a partir do francês. De Charles Darwin apresentou cartas recém divulgadas, sempre com o intuito declarado de conseguir acordar/despertar nas leitoras o desejo de ler/se familiarizar com os autores, mesma postura que transparece em crônica dedicada aos romancistas russos. Além de apresentar às leitoras brasileiras escritores já falecidos, como os acima citados, no universo de quase cem colaborações é possível identificar algumas dedicadas a comentar/resenhar livros específicos e que, não raro, tinham por subtítulo o nome da obra ou do autor, aspecto que, ao lado de suas traduções e profusão de citações, reforça seu papel de mediadora entre culturas muito próximas, mas, ainda assim, diversas.

Maria Amália nem sempre revelava preocupação de identificar a casa responsável pelo lançamento, data, local e número da edição. Assim, os dados apresentados na terceira coluna da Tabela n. 2 resultam de esforço para identificar os volumes que a autora teve em mãos. Trata-se de um conjunto de 21 textos, alguns deles publicados em duas partes, possivelmente por indisponibilidade de espaço para abrigá-los por inteiro numa única edição. Assim das 98 colaborações, 30 ocorrências (quase 31%) se dedicam parcial ou totalmente à resenha de livros.¹¹

¹¹ Para uma análise das 21 obras resenhadas por Maria Amália Vaz de Carvalho, ver LUCA e SILVA (2021).

TABELA 2 Obras resenhadas por Maria Amália.

NOME DA COLUNA	DATA(S)	TEMÁTICAS
1/2 Conversas Lisbonenses	30-31/12/1884	Gonçalves Crespo. <i>Miniaturas</i> . Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1884. 1ª ed. 1870.
3 Conversações Lisbonenses	03/02/1885	Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. <i>O mistério da estrada de Sintra</i> . 2ª ed. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1884. 1ª ed. 1870.
4/5 Conversações Lisbonenses	12-13/07/1885	George Sand. <i>Correspondance 1812-1876</i> . Paris: Calmann Lévy, 1882-1884, 6 volumes.
6/7 Cartas do campo	09 e 21/09/1885	Jules de Goncourt. <i>Correspondance</i> . Paris: G. Charpentier, 1885.
8/9 Cartas do campo	18 e 21/10/1885	Oliveira Martins. <i>História da república romana</i> . Lisboa: Livraria Bertrand, 1885. 2 v.
10 Conversações lisbonenses	04/01/1886	Heinrich Heine. <i>Intermezzo</i> . Tradução de Gerard Nerval, na <i>Revue des Deux Mondes</i> , 1848.
11/12/13 Conversações lisbonenses	31/3 e 16-23/04/1886	Octave Feuillet. <i>La morte</i> . Paris: Calmann Lévy, 1886.
14 Cartas femininas	16/08/1887	Alexandre Dumas Filho. <i>Francillon</i> . Pièce en trois actes. Paris: Calmann Lévy, 1887.
15 Cartas femininas	07/10/1887	René Maizeroy. <i>L'adorée</i> . Les parisiennes. Paris: Victor-Havard, 1887.
16 Cartas femininas	07/11/1887	Gustave Flaubert. <i>Madame Bovary</i> . Paris Michel Lévy Frères, 1857.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

17 Cartas femininas	13/12/1887	Paul Bourget. <i>Mensonges</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1887.
18 Cartas femininas	28/12/1887	Edmondo de Amicis. <i>Coração</i> . Livro para rapazes. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, 1887.
19 Cartas femininas	15/02/1888	Alexandre Dumas Filho. <i>L'affaire Clémenceau</i> . Paris: Michel Lévy Frères 1866. Adaptação para teatro em 1887.
20/21 Cartas femininas	05 e 21 /03/1888	Aluísio Azevedo. <i>O homem</i> . Rio de Janeiro: Tipografia de Adolfo de Castro e Silva & Cia, 1887.
22/23 Cartas femininas	01 e 08/10/1888	Alphonse Daudet. <i>L'immortel</i> . Paris: Alphonse Lemerre, 1888.
24/25 Cartas femininas	02-22/11/1888	Francis Darwin. <i>The Life and the Letters of Charles Darwin</i> . London: John Murray, 1887.
26 Cartas femininas	04/12/1888	Luciano Cordeiro. <i>Soror Mariana</i> . A freira portuguesa. Lisboa, Ferin, 1888.
27 Cartas femininas	30/12/1888	<i>Obras poéticas e oratória de P. A. Correa Garção</i> . Introdução e notas de José Antonio de Azevedo Castro. Roma: Tipografia dos Irmãos Centenari, 1888.
28 Cartas femininas	20/03/1889	Octave Feuillet. <i>O romance de um jovem homem pobre</i> . 2ª ed. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1888. 1ª ed. Em francês 1858, 1ª ed. em português 1865.
29/30 Cartas femininas	18/04 e 08/05/1889	José Fernandes Costa. <i>O livro das soledades</i> . Ecos da Andaluzia. Lisboa: Ferreira, 1889.
31 Cartas femininas	29/08/1889	Christovão Ayres. <i>Íntimas</i> . 2ª ed. Lisboa: Tipografia do <i>Jornal do Commercio</i> , 1889. 1ª ed. 1885.

FONTE Elaborada pelas autoras.

A essas 21 obras, para as quais a escritora dedicou uma resenha, somam-se poemas, contos esparsos, além de obras de arte, que ela comenta, analisa e recomenda para as leitoras brasileiras. Podemos dar como exemplo os contos “Kátia”, de Tolstói, e “Krótkaia”, de Dostoievski, cujos enredos Maria Amália resume brevemente na crônica sobre os romancistas russos. Esses dois contos são, segundo a escritora, mais apropriados do que os romances para as leitoras brasileiras que quiserem se iniciar na literatura russa:

É difícil aconselhar às leitoras que leiam os livros dos modernos escritores russos. Em primeiro lugar os romances são todos enormes; depois em cada mil páginas há apenas cem que deem um prazer da inteligência, uma voluptuosidade literária sem mistura. A desordem, inteiramente diversa de todos os moldes que nós conhecemos na França ou mesmo na Inglaterra, que caracteriza estes romances, não convida para que se demorem nela espíritos educados por outra escola” (CARVALHO, 14 de abr. de 1889).

Além de os títulos das duas obras encontrarem-se parcialmente ilegíveis, uma dificuldade adicional para a sua identificação é o fato de a escritora utilizar traduções em francês disponíveis no século dezenove. Somente com a ajuda do especialista em literatura russa, Bruno Gomide, pudemos identificar os dois contos. “Kátia” é o nome que os primeiros tradutores franceses deram à novela “Felicidade conjugal”. “Krótkaia” foi traduzido de várias maneiras para o português: “A doce”, “Ela era doce e suave”, “Uma criatura gentil”, “A dócil” e “Uma criatura dócil”.¹²

Em outra crônica, Maria Amália recomendou a leitura de poemas do escritor espanhol Gustavo Bécquer, sem se referir a uma edição específica. A escritora comparou Bécquer a Musset e Heine, reproduziu alguns dos seus versos em espanhol – que o jornal, diga-se de passagem imprimiu com diversas gralhas – e os traduziu para o português com admirável habilidade. No processo de edição das crônicas, foi preciso corrigir os inúmeros erros tipográficos nos nomes próprios e nas citações, tarefa nem sempre muito fácil, porque muitos autores, personalidades e obras que Maria Amália menciona são hoje de difícil identificação precisa.

O índice onomástico das obras e periódicos – que contém mais de uma centena de títulos – documenta de forma mais sistemática “la rage de lire” (“o furor da leitura”) de Maria Amália, o seu conhecimento enciclopédico, a sua “lecture extensive” (“leitura extensiva”, CHARTIER, 1995, p. 274) de impressos numerosos e diversos. Portanto, as 98 crônicas de *O Paiz* são, por várias razões,

¹² *Felicidade conjugal* (1859) foi traduzido por Boris Schnaiderman e publicado pela Editora 34 em 2010, e *Uma criatura dócil*, por Fatima Bianchi, editado pela Cosac & Naify em 2003.

um testemunho rico e talvez único da produção intelectual da mulher de letras do final do século dezenove enquanto leitora, pensadora e mediadora de conhecimento entre o Brasil e a Europa.

Maria Amália revisitou a sua longa colaboração em *O Paiz* para produzir pelo menos três livros. Enquanto ocupou o cargo de cronista nesse jornal, ela lançou, pela Barros & Filha Editores, da cidade do Porto, *Cartas a Luiza*. Moral, educação, costumes (1886), e pela Tavares Cardoso & Irmãos, de Lisboa e *Alguns homens do meu tempo* (1889). Além disso, publicou *Crônicas de Valentina* logo depois de ter deixado o jornal, em 1890, pela editora Tavares Cardoso & Irmão, com prefácio assinado por Ramalho Ortigão em 09 de outubro de 1889, para o qual também aproveitou seus escritos em *O Paiz*.¹³

Diante de uma produção tão extensa e dispersa em jornais e livros ainda a ser (re)descoberta, o destino da mesma não foi muito diverso do que ocorreu com a obra de outras escritoras contemporâneas, como Júlia Lopes de Almeida, Maria Benedita Câmara Bormann e Emília Moncorvo Bandeira de Melo, também cronistas de *O Paiz*.¹³ No processo de migração do jornal para o livro, as editoras tinham à disposição, sobretudo, colaborações de escritores do sexo masculino, que predominavam largamente nas páginas dos cotidianos.

O exemplo de Maria Amália é relevante justamente por fugir à regra, pois foi uma escritora muito solicitada por jornais e revistas e, seguindo prática estabelecida na época, sua produção foi rapidamente recolhida em volumes. A despeito de escrever sobre uma miríade de assuntos, a fortuna crítica acerca da autora tem privilegiado, sobretudo, obras de tom moralizador e doutrinário, a exemplo de *Mulheres e crianças* (1890), *Cartas a Luiza* (1886), *Cartas a uma noiva* (1891) e *A arte de viver na sociedade* (1895). Não há dúvidas de que Maria Amália não se perfilou ao lado do feminismo militante, que clamava por direitos políticos e igualdade de oportunidades, entretanto, tampouco se pode negar que ela se bateu pelo direito à educação e valorização do papel social, cultural e intelectual da mulher, numa vertente bastante cuidadosa, que estava longe de afrontar protocolos então consagrados, tanto que repetidamente aconselhava submissão, conformismo e estoica resignação. É comum confrontá-la com outras escritoras que, a despeito de serem mais jovens, foram suas contemporâneas, caso da brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1935) e da portuguesa Ana Castro Osório (1872-1935).¹⁴

¹³ Sobre a relação entre a obras jornalística e livresca de Maria Amália, ver LUCA e SILVA. Gênese de *Cartas a Luiza* e *Alguns homens do meu tempo* de Maria Amália Vaz de Carvalho: das páginas de *O Paiz* para os livros (no prelo).

¹³ Sobre a ausência de escritoras no cânone literário brasileiro, ver SCHMIDT (2015).

¹⁴ Ver, por exemplo ABRANTES, 2010; BELLINE, 1999; GARZONI, 2013; e SILVA, 1983.

Pode-se argumentar que o reconhecimento obtido deveu-se justamente às posições assumidas, que não afrontarem a ordem estabelecida, circunstância que também explica a reedição continua de seus livros durante as primeiras décadas do século XX. Contudo, as ideias pelas quais tanto lutou perderam vigência e a escritora foi paulatinamente esquecida, evocada apenas por especialistas que, na sua maioria, insistiram no tom conservador e na agenda avessa ao feminismo do seu tempo.

Não se trata aqui de polemizar com tais interpretações, o que exigiria análise aprofundada do conjunto de sua obra, mas de chamar a atenção para o lugar que conquistou no mundo letrado enquanto assídua colaboradora de periódicos e autora impressa por diferentes editoras. Importa destacar sua habilidade para mover-se com desenvoltura e obter reconhecimento e respeito num universo essencialmente masculino. O seu exemplo convida a refletir acerca das possibilidades e constrangimentos das relações entre a mulher de letras, a grande imprensa e o mercado livreiro finisseculares.

Esta edição

Apresentam-se a seguir os critérios utilizados na edição das crônicas, cabendo esclarecer, ainda uma vez, que a pesquisa partiu das páginas do jornal. Vários textos foram reunidos em livro e, sempre que necessário, recorreu-se às edições para esclarecer dúvidas. Apontamos, em notas de rodapé, as palavras ou trechos ilegíveis transcritos a partir da republicação dos respectivos textos em *Cartas a Luiza* (1896) e *Alguns homens do meu tempo* (1889). Indicamos as poucas palavras ou trechos que permaneceram ilegíveis com “[ilegível]”, como se ocorreu, por exemplo, na crônica número 40, em relação a trechos dos versos de *Lyrishes Intermezzo*, de Heinrich Heine, vertidos por Maria Amália a partir do francês em tradução por Gérard de Nerval, e, ainda, algumas palavras nas crônicas número 52, 59, 87 e 92.

Listam-se a seguir os procedimentos adotados:

- ★ **Atualização ortográfica.** Foi realizada no conjunto da obra, em consonância com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente no Brasil. As mesóclises e as contrações dos pronomes clíticos associados ao complemento direto e indireto foram mantidas por se tratar de uma questão de estilo.
- ★ **Correção de erros tipográficos.** Foram mantidas as palavras citadas em itálico no jornal e para as quais não encontramos correspondência em dicionários atuais, tais como *cousologias* (crônica n. 48), *carabui* (crônica n. 68), *ravuts* (crônica n. 88) e *micorerie* (crônica n. 91).
- ★ **Manutenção da pontuação original,** com pequenas correções quando necessárias.

- ★ **Uniformização no uso das aspas e dos travessões** e manutenção das citações de poemas e textos em prosa tal como figuraram no jornal.
- ★ **Correção da ortografia de nomes de autores e obras.** Por exemplo, Maria Amália usa a grafia francesa para o nome do poeta alemão Heinrich Heine – “Henri” (crônica n. 40) – e a portuguesa para Alfred de Musset – “Alfredo” (crônica n. 29) – e Jules de Goncourt – “Julio” (crônica n. 33). Mantivemos Henri, Alfredo e Julio no texto das respectivas crônicas e, no índice, grafamos as entradas segundo a forma mais conhecida do nome dos autores. Foi corrigida a ortografia do sobrenome do poeta espanhol Gustavo *Adolfo Bécquer*, grafado “Becker” no jornal (por exemplo, crônica n. 29).
- ★ **Adoção do itálico** para vocábulos e expressões em língua estrangeira, títulos de livros e periódicos.
- ★ Optou-se por **citar o título completo de obras e de autores**, tal como grafado na língua materna, exceção feita aos que se consagraram com o nome aportuguesado. Não foram incorporadas ao índice obras mencionadas pela escritora mas não localizadas no decorrer da pesquisa, tais como *Contos quiméricos*, *Contos azuis*, de Alphonse Daudet (crônica n. 77).
- ★ **Os índices onomásticos** discriminam indivíduos, lugares (regiões, países, cidades, locais, ou seja, restaurantes, hotéis, teatros, edifícios etc.), obras (literárias, históricas, filosóficas, científicas, etc.) e publicações periódicas mencionados por Maria Amália Vaz de Carvalho. Não foram compulsados personagens ficcionais e mitológicos. O número oferecido ao lado das entradas nos índices corresponde ao número da crônica (1 a 98). Como se trata de edição eletrônica, o leitor pode localizar o número da página usando a ferramenta de busca.

Referências bibliográficas

ABRANTES, Elizabeth Sousa. Ana de Castro Osório: feminismo e a educação da mulher como dote simbólico. **Fazendo Gênero**, n. 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, p. 1-9. Disponível em: <http://www.fazendogenero.eventos.dype.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=605>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

BELLINE, Maria Helena Cizotto. Júlia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho: vozes femininas? **Via Atlântica**, n. 2, julho, 1999, p. 42-56. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48732>>. Acesso em: 14 de dez de 2021.

BOURDIER, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHO, José Murilo. **Introdução geral**. In: CARVALHO, José Murilo; BETHELL, Leslie; SANDRONI, Cícero, Joaquim Nabuco. *Correspondente internacional*, São Paulo: Global : Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2013, v. 1.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Conversas Lisbonenses*. **O Paiz**, 06 de ago. de 1897. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Conversas Lisbonenses*. **O Paiz**, 15 de out. de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/57>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Alguns homens do meu tempo: impressões literárias**. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão. 1889. Disponível em <<https://www.gutenberg.org/files/26338/26338-h/26338-h.htm>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de; CRESPO, Gonçalves. *Contos para os nossos filhos*. Porto: Editor Joaquim Antunes Leitão, 1880(?).

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 02 de nov. de 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6121>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisbonenses. **O Paiz**, 03 de fev. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/508>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações lisbonenses. **O Paiz**, 04 de abr. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/748>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Os ingleses. **Jornal do Commercio**, 06 de ago. de 1897.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversas lisbonenses. **O Paiz**, 06 de out. de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/21>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 07 de out. de 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/4509>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversas Lisbonenses. **O Paiz**, 08 de mai. De 885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/880>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas do campo IV. **O Paiz**, 09 de set, de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1396>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversas lisbonenses. **O Paiz**, 09 de dez. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1810>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 11 de abr. de 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3816>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisbonenses. **O Paiz**, 12 de jul. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1140>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 12 de dez. de 1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6314>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisbonenses. **O Paiz**, 13 de jul. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1146>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 14 de abr. de 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 14 de abr. de 1889. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/6900>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas femininas. **O Paiz**, 18 de mai. De 1887. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/3964>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Uma primavera de mulher**. Poema em quatro cantos. Precedido de um prólogo (conversa ao reposteiro) por Thomaz Ribeiro. Lisboa: Tipografia Franco-Portuguesa, 1867.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Vozes no ermo*. Com uma carta prólogo do Sr. Conselheiro Latino Coelho. Lisboa: Tipografia Editora Mattos Moreira, 1876.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Serões no campo*. Lisboa: Tipografia Editora Mattos Moreira, 1877.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Arabescos. Notas e perfis*. Lisboa: Tipografia das Horas Românticas.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Contos e fantasias*. Porto: Joaquim Antunes Leitão, 1880.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Mulheres e crianças: notas sobre educação*. Porto: Joaquim Antunes Leitão, 1880.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas a Luiza. Moral, educação e costumes*. Porto: Barros & Filha, 1886.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Alguns homens do meu tempo: impressões literárias*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1889.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Crônicas de Valentina*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *A arte de viver em sociedade*. Lisboa: Livraria António Maria Pereira, 1895.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações lisboenses. *O Paiz*, 19 de jul. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1171>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Cartas do campo. *O Paiz*, 21 de ago. de 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1312>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Folhetim do Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*, 23 de fev. de 1878. Disponível em: <Jornal do Commercio (RJ) - 1870 a 1879 - DocReader Web (bn.br)>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de. Conversações Lisboenses. *O Paiz*, 26 de mar. De 1885. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/712>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de et al. *Um feixe de penas*. Lisboa: Tipografia Castro Irmão, 1885.

CASTRO, Augusto. D. Maria Amália Vaz de Carvalho. In: CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Cartas a uma noiva*. 4ª ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1923

CHARTIER, Roger. Du codex à l'écran : les trajectoires de l'écrit Solaris. *Pour une nouvelle économie du savoir*. Presses Universitaires de Rennes, v. 1, 1994. Disponível em: <<http://gabriel.gallezot.free.fr/Solaris/d01/1chartier.html>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

CHARTIER, Roger. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (ed.). *O homem do iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997, pp. 119-153.

DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *Uma criatura dócil*. Tradução de Fatima Bianchi. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

FIGUEIREDO, Antero de. *Maria Amália Vaz de Carvalho*. Discurso proferido na sessão solene realizada na Academia de Ciências de Lisboa, na noite de 17 de março de 1918. Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1918.

GARZONI, Lérica de Castro. "Queridas leitoras": seções femininas na imprensa diária do Rio de Janeiro no final do século XIX. *História Social*, n. 22-23, p. 217-234, 2013. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/1210>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LUCA, Tania Regina de; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Gênese de *Cartas a Luiza* e *Alguns homens do meu tempo* de Maria Amália Vaz de Carvalho: das páginas de *O Paiz* para os livros. *Mujeres y estudios del libro*. Cidade do México: UNAM (no prelo).

LUCA, Tania Regina de; SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Maria Amália Vaz de Carvalho nas páginas de *O Paiz* (1884-1889): levantamento dos textos e notas iniciais de pesquisa. *Herança - Revista de História, Patrimônio e Cultura*, Lisboa, v. 5, n. 1, Disponível em <<https://doi.org/10.29073/heranca.v5i1.454>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. São Paulo: Edusp, 2018.

MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo. Ponte entre o Brasil e Portugal. **Via Atlântica**, n. 8, p. 221-229, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50022/54154>>. Acesso em: 14 de dez. de 2021.

O Paiz, 03 de out. de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1884_00003.pdf>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

ORTIGÃO, Ramalho. Carta. In: CARVALHO, Maria Amália Vaz de. **Crônicas de Valentina**. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1890.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. *O Paiz e a Gazeta Nacional. Imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro 1884-1888*. Tese (doutorado em História). Niterói, RJ: UFF, 2006. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_PESSANHA_Andrea_Santos_da_Silva-S.pdf>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

MINÉ, Elza. Ferreira de Araújo. Ponte entre o Brasil e Portugal. **Via Atlântica**, n. 8, p. 221-229, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50022/54154>>. Acesso em 03/04/2020>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

REIS, Bianca Santos Coutinho dos. **“Cérebros e corações”: a ficção de Maria Amália Vaz de Carvalho no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro**. Dissertação (Letras). Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4005>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Esaú e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam. **Machado de Assis em Linha**, n. 12, v. 26, p. 125-160, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1983-6821201912268>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

SILVA, Maria Regina Tavares da. Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX. **Análise Social**, v. XIX, n. 77-78-79, p. 875-907, 1983. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465449P2eYY6he7Ah47BN7.pdf>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

THÉRENTY, Marie-Éve. **La littérature au quotidien**. Poétique journalistique au XIXe siècle. Paris: Seuil, 2007.

TOLSTÓI, Leon. **Felicidade conjugal**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2010.

Women Writers in Portuguese before 1900. Disponível em: <<http://www.escritoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Maria-Amlia-Vaz-de-Carvalho>>. Acesso em: 14, dezembro, 2021.

1. CONVERSAS LISBONENSES

A MINHA COMOÇÃO AO PRINCIPIAR. Estarei eu preparada para a minha tarefa? Da impersonalidade na arte. Goethe e Flaubert. De como eles mentiram a si próprios. Manon Lescaut. Michelet. Contradições do nosso tempo. A minha desobediência às regras da arte. O que eu pensava e o que eu penso das mulheres. A minha nova cruzada jornalística.

NÃO POSSO, AO PRINCIPIAR ESTES ARTIGOS, furtar-me completamente a uma comoção indefinível, que participa da timidez, do enternecimento e da esperança.

Expliquemo-nos.

O fundador do *Paiz* – jornal que se propõe ser mais um apóstolo ativo e convencido do progresso, que vai servi-lo sob todas as formas em que é dado a uma publicação periódica fazê-lo – o fundador do *Paiz* teve uma ideia generosa e rara, pela qual as minhas queridas leitoras – levando-lhe em conta pelo menos a intenção – não podem deixar de ser-lhe gratas.

Pensou ele que as mulheres, às quais, por enquanto, tantas questões de alta importância se conservam estranhas, e que pouco ou nada se ocupam de política ou de comércio, de indústria ou de finanças, de diplomacia ou de ciência, gostariam de achar nas colunas deste novo jornal brasileiro um cantinho que fosse só delas, que lhes fosse exclusivamente destinado, e onde elas encontrassem, discutidas, analisadas, ou mesmo simplesmente notadas de passagem, as coisas que mais particularmente lhes atraíssem a atenção.

Para conversar com senhoras, pensou ele e com razão que o mais acertado seria procurar uma pessoa do mesmo sexo.

Nós, as mulheres, achamo-nos fatalmente ligadas por uma espécie de *franco-maçonaria* universal.

A natureza, a sociedade, a religião impõem-nos a todas os mesmos deveres, as mesmas dores, os mesmos sacrifícios, as mesmas tarefas, as mesmas missões aspérrimas, e, portanto, com alterações raras e insignificantes o mesmo critério, o mesmo modo de julgar as coisas e os homens.

Oprimidas ou aduladas, o mesmo quinhão de bens e de males nos é comum.

Interessam-nos profundamente as mesmas questões sociais; temos a mesma curiosidade em face de todos os problemas psicológicos do nosso tempo.

Se as leis nos dominam com todo o peso da sua, não raro, anti-humana tirania, somos nós que, a pouco e pouco, fazemos os costumes, os quais, por sua vez, dominam ou, pelo menos, modificam as leis.

Os homens podem, pois, com a pena, subjugar e deslumbrar o espírito feminino, no entanto, apesar de suas extraordinárias pretensões a conhecer-nos bem, a verdade é que só as mulheres iluminadas pela própria experiência nos penetram absolutamente o coração.

Eis, explicado o motivo, por que foi escolhida com singular critério, uma mulher, para redigir a seção particularmente destinada às mulheres pelo diretor desta folha.

É este o cantinho da sala, ou antes, é este o *boudoir* discreto, perfumado, cheio de plantas verdes, em que fazendo rancho à parte, nós conversamos à meia-voz a respeito de arte, de literatura, de moral, de costumes sociais, a respeito da educação dos nossos filhos, ou do governo das nossas casas, a respeito de mil assuntos enfim, sérios e frívolos, graves ou amenos, que nos são gratos, e que de boa-fé tentaremos que nos sejam úteis.

Apresenta-se, neste ponto, uma questão inteiramente pessoal, que eu peço desculpa de tentar resolver aqui, e vem a ser a seguinte:

Estarei eu no caso de cumprir a missão de que fui amavelmente e lisonjeiramente incumbida?

Para responder a esta pergunta que a leitora necessariamente tinha formulado já, é preciso que eu me insubordine contra todos os preceitos mais elementares do código da moderna literatura; é preciso *que eu fale de mim*.

A perfeita impersonalidade na arte, eis a lei, à qual sob pena de sermos tidas por antiquadas ou anacrônicas nós, as artistas pequenas ou grandes, temos de nos curvar reverentemente.

Foi Goethe quem a fez, a tal descoberta feliz, de *impersonalidade* e depois dele quem mais longe levou essa mania, quem a transformou em uma espécie de frenesi doloroso, em uma espécie de *tic* doentio, foi Flaubert, o grande analista da *Madame Bovary*, o criador da moderna escola literária, o artista eternamente torturado pela fome e pela sede angustiada da perfeição, e que decerto a teria encontrado, se a não procurasse demais, com uma tenacidade de maníaco, com uma impaciência violenta de epilético.

Nas suas cartas tão características a George Sand, cartas ultimamente publicadas, não direi para maior glória do seu autor, é ele quem nos dá o documento mais claro e mais incontestável dos tratos a que durante anos sujeitou o seu talento viril, completo e colossal, para o mutilar, atrofiar, diminuir, vazar nos estreitos moldes de uma estética antinatural.

Pois bem; ambos mentiram a si próprios, nenhum deles, nem Goethe, o sonhador do *Fausto*, nem Flaubert, o poeta da *Salammbô*, nenhum deles realizou essa aspiração absurda.

A impersonalidade da obra de arte, seja esta qual for, pertença a que gênero pertencer; seja estátua – o que há de mais grandioso – ou folhetim – o que há de mais efêmero; seja drama ou seja história, seja ópera ou seja poesia, seja quadro ou seja romance; é a coisa mais completamente falsa; mais loucamente irrealizável de que eu tenho ouvido falar.

Os dois grandes *impessoais* que citei há pouco são no fim das contas para quem os saiba ler tão pessoais como Lamartine, como Musset ou como Byron, o mais *egotist*, para falar à moda inglesa, de quantos autores do mundo antigo e moderno têm feito gemer os prelos.

Não falam nunca de si, concedo, mas por Deus! essa bela hipocrisia só ilude os incautos.

Nas páginas deles, por mais tranquilidade olímpica afetada por um, por mais desinteressada observação, por mais fria análise que o outro desenvolva, revela-se tanto do temperamento de qualquer deles, do seu equilíbrio ou desequilíbrio mental, da sua maneira de julgar os homens, da sua idiossincrasia especial, como se eles nos fizessem como Rousseau a confidência íntima das suas ambições e dos seus desalentos, dos seus vícios ou das suas paixões.

A verdade que é de hoje, que há de ser de todos os tempos, é esta:

Cada homem estuda em si a humanidade, cada alma percebe através de si própria as tempestades que agitam as outras almas. Os livros de que a gente mais gosta são aqueles em que um ser dotado de todas as atividades mentais, de todas as potências físicas, agarra com frieza refletida ou com impetuosa paixão seu escalpelo de anatomista, atira consigo mesmo para cima da mesa marmórea do anfiteatro, e fazendo a sua própria dissecação põe diante dos nossos olhos, mui palpitante e sangrento, o organismo que nos revela em cada uma das suas funções o segredo dos mais complexos e dos mais misteriosos fenômenos da vida.

O abade Prevost escreveu dezenas de romances, de que ninguém hoje sabe sequer o título.

Um dia lembrou-se, porém, de contar a sua própria história, a história da sua paixão irresistível, acre, sensual, violenta e baixa; paixão mais forte do que o crime, *mais forte do que a morte*, segundo a bela e profunda expressão bíblica, paixão em que se condensa toda a animalidade de que é capaz o *rei da criação* como o homem tão altivamente se apelida.

E esse pequeno livro, quase imperceptível junto da montanha de livros já publicada pelo mesmo autor, bastou para fazer do nome deste um nome imortal; bastou para fazer de *Des Grieux* o tipo de amor absoluto, cego, fatal, inconsciente como uma força da Natureza; bastou para fazer

de Manon a figura imorredoura da graça frágil que se fez Pecado; Madalena sem a remissão do olhar de Jesus, flor paludosa de aroma insalubre e estonteador, doce ignorante para quem o Bem é um país desconhecido, doida encantadora, que todos os poetas de vinte anos adoram, e que a virtude mais intransigente não condena sem seus longes de piedade enternecida.

A que se deve este milagre, único talvez na história de todas as literaturas? A ser este livro uma confissão, a ser a expressão sincera de um sentimento pecaminoso embora, mas verdadeiro, a ser um livro vivido por aquele que o escreveu ignorante do valor que o futuro lhe daria.

Podemos, é certo, admirar muito os outros, mas os nossos livros favoritos, os que lemos nas horas tristes ou decisivas da vida, os que temos à cabeceira, os que nos consolam, são aqueles em que o moralista exprime a sua dúvida melancólica ante o insolúvel problema das coisas, e em que o poeta soltou o seu lamento de tristeza intensa, prostrado sob a fatalidade implacável da Eterna Dor!

Tem tanto poder em nós, a voz que sai quente e entrecortada de lágrimas das entranhas do artista ou do poeta, que a ele se deve mais que a nenhuma outra causa, a fascinação que Michelet, por exemplo, exerce no nosso espírito.

Bem se preocupa esse com preceitos doutrinários, ou com dogmas estéticos.

No meio da procissão de figuras trágicas, que ressuscita, vivas, animadas, potentes ora pálidas dos longos suplícios, ora carbonizadas da chama das fogueiras, ora purpúreas de reflexos sanguíneos; belas às vezes como a virtude heroica, ou hediondas como a covardia e a traição; que de vezes ele para, cansado, abatido, esmagado pela sua missão terrível de vingador e de justiceiro, que de vezes ele chora de tristeza sentindo-se perdido na *selva escura* povoada de espectros, que o seu facho de historiador alumia a espaços com sinistra luz.

Seja qual for o século em que a sua mão nos haja introduzido com um poder de Mágico, nessa viagem tão pavorosa como a do florentino e muito mais real de repente o historiador some-se, e o homem aparece num arranque de poderosa e sentida eloquência.

E com graça familiar e patética que é só dele, ei-lo que pinta as dores a que a sua pobre alma sucumbe, o desalento que o paralisa ao ter de contar-nos o extenso e lamentável martirológio que os séculos nos legaram!...

E, no entanto, se há estudo em que a impersonalidade possa ser, não direi exigida, mas perdoada, é decerto o estudo da História.

Demais, nisto como em tudo, o nosso tempo é de uma contradição inexplicável.

Ao passo que um dos pontos fundamentais de sua doutrina artística é essa impassibilidade absoluta que exige do escritor, vemo-lo procurar avidamente, curiosamente, com indiscrições que tem o seu quê de brutal, tudo que possa desvendar-lhe um recanto escuro, da alma desses mesmos, a quem condena em nome do Belo, a nunca falarem de si.

Quer o *documento humano*, e não quer o *documento humano*, ou antes só quer o que lhe dão contra vontade.

“Nas tuas obras, não me fales nunca de ti,” diz ele ao artista, ao tempo em que lhe rebusca as gavetas para lhe penetrar desde o menor incidente da sua vida exterior, até o segredo mais recôndito do seu coração de homem.

A essa estranha e contraditória curiosidade se deve o dilúvio de *correspondências* e de *memórias* que se vai pouco a pouco tornando a parte mais considerável da literatura do século XIX.

Ai! do pobre ente que um dia deu ao público, sob qualquer forma artística, alguma coisa do que constituía a sua riqueza no interior.

O público quer dele tudo, menos o que era justo e racional que quisesse, isto é, o revérbero da própria consciência nas páginas do livro ou nas estrofes do poema.

O público? Não digo bem. A crítica é que eu devia dizer, porque é a crítica que impõe ao artista estas esterilizadoras restrições.

Eu, porém, desobedecerei nisto, como em muitas coisas, menos às exigências do tempo em que vivo.

Perguntavas-me ainda agora, leitora, ou supus que me perguntasses, se eu me achava capaz de cumprir a missão que aceitei junto de ti.

Respondo-te que sim, sem reboço e sem falsa modéstia.

E será por que eu confie demasiadamente na própria inteligência? Será por que eu tenha orgulho de uma injustificada superioridade mental?

Não; afirmo-te que não.

É porque tenho vivido muito, e a vida quanto mais dura e hostil é para nós, mais copiosas e úteis lições nos ministra; com mais seguras regras disciplina o nosso espírito.

Quando eu era muito mais moça, quando via ainda através de um véu cor de pérola o mundo, que tão sinistro e despovoado se me tornou depois, lembro-me que escrevi para um jornal desse mesmo país, tão nosso irmão, uma longa série de artigos iluminados pelo otimismo mais sedutor.

Não me faltaram, então, vindos dessa boa terra brasileira a que por estreitas afinidades eu pertença também, demonstrações da mais carinhosa simpatia, aplausos animadores à valente cruzada que empreendera cheia de fé e de ingênua intrepidez.

Partia eu nesse tempo, que para mim já vai tão longe, de um princípio cuja falsidade a experiência me ensinou a conhecer.

Julgava que a mulher é quem fazia seu próprio destino, bom ou mau, próspero ou desgraçado, consoante o modo que ela entendia e praticava o dever.

Mais de uma vez, imbuída desta convicção absoluta, eu fui rude e injusta para ti, pobre mulher, minha irmã nas lutas, minha irmã nas dores, minha irmã nas decepções.

Com os olhos temerosamente fixos num ideal que me consolava, não indaguei quais os outros fatores a que tinhas de subordinar-te fatalmente, não te levei em conta os obstáculos tremendos, os obstáculos sem número, que as leis, as instituições, a natureza e a sociedade têm lançado no teu caminho, e que os teus pés frágeis e delicados precisam de vencer continuamente.

Mas esse pecado, se o foi, está de sobejo expiado.

A vida com o lento e pesado correr das horas, que por um milagre inexplicado se transforma no voar vertiginosamente rápido dos seus anos, a vida com as suas dores violentas, com os seus lutos inolvidáveis, com a amargura inefável das suas lancinantes despedidas, com a esmagadora tirania das suas imprevistas catástrofes, a vida ensinou-me depois e fez-me indulgente e doce para ti.

Eu não reneguei ainda a minha fé no bem, na eficacidade dos sacrifícios, na grandeza das completas dedicações, na doçura custosa dos ásperos deveres, mas sei que não basta tudo isso para que tu triunfes, e que a missão feminina que eu julguei fácil e suave tem martírios ocultos que ninguém consola, tem desconhecidas heroicidades que ninguém recompensa, tem derrotas inevitáveis de que ninguém tem dó.

A austeridade do meu juízo fez-se indulgência e misericórdia e há lágrimas quase sempre na sentença condenatória que eu me vejo obrigada a lavrar contra os erros e os crimes da mulher.

Temos tão pouco, tão pouco quem nos auxilie na nossa árdua tarefa! E a mão que tantas vezes se estende brutal para precipitar no abismo a frágil e curiosa criatura, muito poucas vezes, a segura piedosa e compadecida no covil da tentação.

E por eu saber isso, ó minha amiga, é porque esse querido mestre que se chamou Michelet me comunicou com a sua palavra ardente e trêmula de lágrimas a doce e cariciosa compaixão que

tu lhe inspiras, que eu tento agora sem ideia preconcebida compreender-te, guiar-te às vezes, consolar-te sempre.

Não ignoro nenhuma das tuas dores, bebi o fel de todas as amarguras que te corroem o coração, palpitei febrilmente com todos os entusiasmos que te levantaram acima de ti mesma, e então lembro-me ainda em uma vaga e indecisa reminiscência de sonho das luminosas e transparentes visões que te povoaram a inconsciente meninice.

E, no entanto, a vida ensinando-me a padecer, ensinou-me também a não amaldiçoar, nem sequer as angústias que ela me dá. A dor é uma iniciação; nenhuma das lágrimas que choramos é somente infecunda; sofrer é subir! O martírio sagra os seus preferidos!

Possa eu, conversando contigo, chãmente, familiarmente, como duas amigas conversam, compenetrar-te destas verdades, em que a morte, roubando-me os que mais amei na terra, em que a vida, atirando sobre mim o seu lúgubre cortejo de agonias, me iniciou dolorosamente.

Possa eu saber traduzir-te a doçura do sacrifício, a graça triunfante da abnegação, possa eu saber ensinar-te como se luta e como se vence.

E se na intimidade do meu espírito, tu achares um pouco de conforto e de alegria sã, e se ouvindo-me a história dos que foram grandes no bem, tu sentires em ti o desejo de os imitares, e se a minha palavra humilde, mas convencida, inocular em ti o amor e a sede da verdade, que mais recompensa posso eu querer à missão que aceitei de te dar dia a dia o melhor de meu cérebro e do meu coração.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 3 de setembro de 1884.

O Paiz, ano 1, n. 6, p. 1, segunda-feira, 06/10/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=21

2. CONVERSAS LISBONENSES

A INFLUÊNCIA FRANCESA. Os livros e os jornais. Paris que trabalha e Paris que se diverte. Qual é que nós conhecemos melhor. Qual é aquele a que devemos curvar-nos. Liceus para meninas e lei do divórcio. Polêmica que se levantou na imprensa. A instrução como elemento moralizador da mulher. Da mulher exceção. Emancipação intelectual e emancipação política. Absurdo desta. Imoralidade da doutrina que condena à ignorância a mulher.

POR MAIS QUE ALGUNS ESPÍRITOS ORGULHOSAMENTE independentes o pretendam negar, a verdade é que hoje nós, os povos latinos – e muito especialmente o povo português –, recebemos da França inteiramente fabricadas por ela as opiniões a que sujeitamos o nosso modo de ver social, político e literário.

É a França quem nos fornece a literatura e a moda, a cozinha e a arte, as inovações democráticas e as mobílias, a devoção e o teatro, os *cretonnes* de que forramos as nossas salas e as ideias de que forramos os nossos cérebros.

A pouco e pouco – impotência invencível, ou criminoso desleixo? – deixamos de ter o mínimo vislumbre de iniciativa nacional em qualquer destas importantes questões.

Não serei eu quem me revolte contra esta tendência geral.

Estou muito dentro da fascinação para me lembrar de combatê-la.

Nasci *jacobina*, como o Garrett confessa que o foi desde pequenino, nas suas *Viagens na minha terra*.

Há, porém, digamo-lo de passagem, uma coisa que eu combato neste pendor irresistível que sentimos em absorver a nossa individualidade pequenina na colossal individualidade da França.

É o exagero que neste ponto manifestamos, é principalmente o modo falso por que hoje entendemos essa submissão.

Dantes eram os livros que influíam em nós, hoje os jornais é que, por assim dizer, se tornaram o alimento literário da maioria do nosso público.

O *Figaro*, o *Gaulois*, a *Vie Moderne*, a *Vie Parisienne* andam por cima de todos os bancos elegantes; o *Gil Blas* e o *Voltaire* andam escondidos em todas as algibeiras masculinas.

Este fato parece que não tem importância; pois tem-na e muito maior do que parece.

A leitura habitual que fazemos dos jornais, a um tempo os mais frívolos e mais espirituosos da França, jornais que decoramos, que copiamos, que traduzimos para os nossos, permite-nos o

penetrar, com intimidade profunda e não raro perigosa, em um dos lados da vida francesa que não é, decerto, o mais simpático nem o mais verdadeiro; daqui a preponderância, cada dia mais acentuada, desse gênero especial de espírito, sobre o nosso espírito.

Está claro que se a França pensadora, a França livre, a França artista, industriosa, trabalhadora e sábia nos civiliza, nos impele no caminho das pacíficas conquistas modernas, o Paris *boulevardier*, o Paris opulento, extravagante, pródigo, alucinado pela *nevrose* cerebral, não pode senão corromper-nos.

Assim como, depois de um excesso de trabalho, é quase lícito ao operário extenuado uma hora de dissipação, mesmo, um tanto ruidosa, desse trabalhador gigantesco que se chama Paris, a esse produtor colossal, que alimenta o mundo das Ideias, são bem perdoáveis os momentos de febre em que ele se diverte com a mesma desordenada fúria com que trabalha.

Entre duas criações de gênio, quem não perdoa ao artista uma orgia de algumas horas?

Mas se Paris pode permitir-se essa orgia, se o seu cérebro potente se não abala nem desorganiza com os excessos, não se dá o mesmo caso com aqueles que nada produzem, que nada criam, que se limitam a copiar servilmente o que outros lhe mandam, inventado e executado já com superior perfeição.

É por isso que a nossa tendência cada dia mais pronunciada, para conhecermos da França só os aspectos frívolos ou morbidamente agitados, tem um perigo que é fácil de antever.

Todas as extravagâncias doentias que Paris elabora nas suas crises de histerismo, entre a meia-noite e as cinco da madrugada, são-nos fiel e rapidamente transmitidas pela crônica cintilante, endiabrada e febril dos seus jornais prediletos. O que ali não passa de um estado de espírito muito particular e do qual só uma insignificante minoria está contaminada, torna-se para a nossa inexperiência de *papalvos* a manifestação mais completa do espírito da grande nação.

Os franceses sabem perfeitamente o desconto que hão de dar às deliciosas e fantásticas invenções dos seus cronistas, em cujo sangue, *chicoteado* por aquela vida *à outrance*, há sempre uma pontinha de febre, em cujo cérebro fervilha um pouquinho de *champagne*, em cuja vista a luz do gás, crua e violenta, tem produzido clarões vermelhos e centelhas azuladas que deslumbram e desnorteiam.

Nós, porém, na pacatez do nosso viver, sem grandes sensações de espécie alguma, tomamos tudo aquilo como as crianças tomam os contos de fada, muito a sério. E eis que nos pomos

ingenuamente a adorar um Paris imaginário e quimérico, que nos atrai pelo mesmo que devia afugentar-nos.

O Paris que pouco a pouco nos namora e subjuga, que povoa de sonhos e visões as nossas noites, e de galicismos os nossos artigos e os nossos livros, não é o Paris onde Pasteur trabalha encerrado no seu laboratório como um monge na sua cela, valente como um herói, tenaz como um jogador, sublime de abnegação como um santo; não é o Paris onde Renan escreve livros em que os períodos têm a sonoridade vibrante e a intensidade musical de uma sinfonia de Beethoven; em que Daudet cria os seus tipos adoráveis, de uma graça doentia, de uma sensibilidade feminina tão penetrante e tão doce; o Paris em que dezenas de escritores e de poetas desde Hugo até Coppée, desde Barbey d'Aurevilly, o último romântico, até Maupassant o continuador de Flaubert, cinzelam, rendilham, facetam, coloram, aromatizam a língua, dando-lhe a transparência das rendas antigas; o iriado das pérolas orientais; o brilho prismático do diamante; as cintilações sanguíneas do rubi; o ritmo ondeante e vago das músicas aladas; a graça caprichosa das delicadas esculturas; o perfume acre e violento das flores mais exóticas; e o aroma doce, fugitivo e saudoso da violeta silvestre que alguém muito querido colheu pensando em nós, e que nos mandou já seca entre duas folhas de um livro de orações.

Não é o Paris em que pintores, ébrios do colorido ou idólatras da forma, logram arrancar à Natureza o segredo das suas cores mais violentas e dos seus mais indecisos e inefáveis cambiantes, das suas linhas mais simétricas e mais severamente belas, e das suas curvas mais moles, mais suaves, mais cariciosas. O Paris que pensa, que estuda, que inventa, e que destrói triunfante, da soberba e ruidosa alegria que Michelet proclama como o cunho característico dos heróis.

Sempre que seja essa a cidade sagrada que nos dite as leis do gosto, que intente subordinar-nos ao seu critério supremo, quem é que sentirá em si, já não digo o poder, mas o desejo de resistir-lhe?

Todos nós sabemos que é tal a faculdade da propaganda que Paris – o que quer dizer a França – possui em si, que até as grandes leis científicas descobertas pela Alemanha necessitam de ser adotadas, vulgarizadas por ele para que o mundo as conheça. E a literatura inglesa tão rica, tão profunda, tão humana, não seria hoje conhecida e admirada como é, se os críticos franceses a não revelassem e não explicassem lucidamente às raças latinas.

Dada esta influência incontestável e inelutável, imaginem-se os resultados diretos e indiretos que vão ter na Europa os últimos dois fatos sociais que têm por força de alterar e modificar

profundamente em França o destino da mulher: – A criação dos liceus para meninas e a promulgação da lei do divórcio.

É tão delicada e complexa a última das questões que não é possível tocar-lhe sequer no estreito espaço de que neste momento disponho.

Mas a lei, que faculta à mulher francesa uma instrução, que tornando-a igual do homem, a faça independente da espécie de escravidão material, que a subjuga, parece-me digna da grande nação, que emancipou a humanidade.

Os liceus para meninas têm sido, porém, apesar da sua manifesta utilidade e do seu enorme alcance moral, o alvo da ironia mais ferina, e diga-se a verdade, mais chistosa, da parte dos jornalistas franceses.

Não há calamidade que eles não antevejam, trazida por essa carta de alforria que à mulher vai ser dado conquistar com a inteligência e com o estudo.

A este respeito tem-se levantado no jornalismo polémicas engraçadíssimas.

Por ora os que verberam a mulher sábia, a mulher erudita, a mulher enfronhada em filosofia e ciência, têm, é mister confessá-lo, *tous les rieurs de leur côté*.

O campo é-lhes propício.

Lá está o arsenal inesgotável de Molière, onde eles vão polir e acerar as suas armas de combate.

Além de que, desgraçadamente para nós, a pior adversária que a mulher tem nesta luta suprema, nesta luta de vida ou de morte intelectual, é... imaginem quem?.... é a própria mulher!

Raras são aquelas que o talento levantou acima do seu próprio sexo, e que deixaram na história um nome imaculado de erros graves, ou de ridículos, os quais, para a resolução deste problema importante, são quase tão graves como os erros.

Em França, as que hoje pugnam pelos direitos do sexo, são – Deus nos acuda! – tudo que há de menos simpático e de menos feminino.

É, portanto, fácil, como vês, leitora, aos que de cada questão apanham somente o lado cômico, citar o pedantismo de Mlle. Scudéry, que a si própria, com louvável modéstia, arrojara o nome de Safo; lembrar as pretensões e a linguagem grotesca por excesso de refinamento, do Hotel de Rambouillet e os crimes de lesa-delicadeza e de lesa-pudor das ilustres do século XVIII – da marquesa do Chatelet, de Mlle. de Lespinasse, de Mme du Deffand –, a ênfase declaratória da musa dos Girondinos, a apaixonada Roland, e o turbante, a voz grossa, os modos masculinos e

imperiosos da Staël, e os desvarios e alucinações da maior de todas elas, dessa fascinadora Lélia de olhos negros, *de la femme à l'oeil sombre*, que fez de Musset o maior dos poetas da dor, o maior dos *inconsolados* deste século.

A questão encarada simplesmente por este lado fornece argumentos vitoriosos, que é bastante difícil combater, e combater sobretudo com a *verve* gaulesa dos que a defendem.

Admito, que se tenha como certo, que num estado social em que a mulher inteligente e erudita constitui uma exceção, esta não possa furtar-se aos inconvenientes, que há nas exceções, e que o seu papel de *prodígio*, habituando-se a uma exibição afetada e antinatural das suas faculdades raras, lhe vá a pouco e pouco pervertendo o senso moral e o bom-senso.

Mas disto não se conclui que a elevação do nível intelectual seja para as mulheres uma desventura e um perigo.

Sempre que a mulher inteligente e cultivada se considere a si própria e seja considerada pelas outras como uma ave rara, uma espécie de pássaro azul das lendas fantásticas, os sentimentos de ordens diversas que ela excita, a antipatia dos medíocres, a admiração dos grandes, o desdém dos ignorantes, o quase terror dos tímidos, não podem deixar de exercer no espírito dela, e no seu modo de ser moral, uma ação funesta.

A mulher é, como todos sabem, dotada de uma sensibilidade finíssima, de uma suscetibilidade, que só os artistas, que têm sempre esse lado da natureza feminina, podem compreender e apreciar.

As influências exteriores, hostis, ou demasiadamente lisonjeiras, não podem deixar de ser-lhe fatais.

Mas eduque-se a mulher de um modo idêntico àquele por que o homem é educado, dê-se-lhe o conhecimento exato das coisas, ilustre-se-lhe o espírito com as noções positivas, que a tornem apta para compreender o seu fim social, e a mulher fortemente e cientificamente formada para a vida aceitará a vida com mais energia, com mais firmeza, com mais compreensão real do Dever.

Não só as mulheres, que têm figurado na história, são dignas da glória que desfrutaram.

Muitas há, grandes entendimentos desconhecidos, a quem porventura a humanidade deve mais que às mais famosas entre as suas escritoras, porque elas na sombra educaram, fortaleceram, ampliaram com a sua lição de todos os dias o espírito de seus filhos, e fizeram deles os grandes homens, que nós admiramos.

O que serão essas mulheres, se o método científico se houvesse prendido à sua educação, se um encadeamento lógico de conhecimentos lhes tivesse disciplinado e harmonizado o espírito?

Um dos argumentos mais em voga contra a mulher instruída é este: “Logo que ela tenha todos os conhecimentos que lhe faltam, não quererá mais sujeitar-se à humildade de sua missão doméstica e social”.

Os que tal dizem desconhecem a grandeza que para a mulher culta, para a mulher verdadeiramente instruída, há de ter sempre essa missão suprema entre todas.

Pode ser que tendo adquirido as noções que hoje lhe recusam, a mulher renuncie às frioleiras que presentemente a preocupam, mas renunciar a ser boa mãe, esposa dedicada e fiel, amiga valiosa e útil na hora das privações, companheira intrépida na hora das lutas, isto porque se é ao mesmo tempo um espírito culto, disciplinado, esclarecido, isto porque, de cada faculdade atrofiada e perdida até agora se fez uma aplicação proveitosa e racional, parece-me apenas uma sacrilégio inventado por alguns homens, para não confessarem o medo que sentem de ser vencidos na esfera do pensamento e do estudo, pelas mesmas que têm logrado manter, através de todas as civilizações, numa tutela miserável.

Entende-me bem, querida leitora, a quem me estou dirigindo.

Quando eu falo dos direitos do nosso sexo a todas as modernas conquistas intelectuais, estou longe de falar ou de pensar na conquista absurda dos direitos políticos, à qual tudo nela recusa.

Quero a mulher no interesse da sua casa, e só a quero aí; mas quero-a cônica do papel que tem a cumprir.

Acho tão absurda e tão grotesca a mulher-deputado, como acharia a mulher-soldado e a mulher-sacerdote.

Mas desta aberração que anda agora fervilhando em alguns cérebros doentes, à mulher consciente e forte que as sociedades modernas têm o direito de formar, vai um abismo.

Por uma extrema ironia social, somos nós as frágeis, as ignorantes que temos de travar dia a dia com a consciência os mais rudes e ásperos combates. É de nós, que a Natureza formou de todas as fraquezas, que a sociedade exige todas as energias. No conflito inevitável e fatal em que uma nos tenta com todas as solicitações, em que outra nos impõe todas as peias restritivas, quanta força não será necessária às que saem vencedoras? Pois bem, é esta dedicada criatura, que tem de desenvolver dia a dia a força dos heróis, que o homem deseja conservar no mais profundo obscurantismo intelectual, sob o pretexto – de uma imoralidade revoltante, a meu ver – de que a

mulher ignorante está muito menos exposta aos erros e às tentações do que a mulher instruída e cultivada.

Pois então a virtude feminina é o resultado de uma ignorância? E os deveres a que nos submetem os códigos religiosos e sociais não passam de uma cilada armada à nossa ingênua simpleza? Será a mulher uma fera a que os preconceitos e as falsas noções servem de jaula?

Bem veem, meus senhores, que essa doutrina nos levaria a conclusões aterradoras.

O assunto está longe de ficar esgotado. Breve voltaremos a ele.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 20 de setembro de 1884.

O Paiz, ano 1, n. 15, p. 1-2, quarta-feira, 15/10/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&PagFis=57

3. CONVERSAS LISBONENSES

O QUE É E O QUE FOI A CIÊNCIA. O povo perante a filosofia. O século XVIII. Uma visão de Rousseau. O que ele diria ao homem do seu tempo. O que a mulher representa. Como é que o homem a julga e a deseja. O que valem o espírito, o encanto e formosura da mulher. Aspásia. A castelã da Idade Média. Victoria Colonna. A transformação da mulher segundo o meio social. O homem de hoje. O que ele precisa da companheira da sua vida. Meios de chegar a esse fim.

NO MEU ÚLTIMO ARTIGO procurei tratar de um assunto grave e complexo demais para que, em tão limitado espaço, fosse possível esclarecer sequer uma das suas múltiplas faces.

Na hora adiantada de civilização em que nos achamos, parecerá quase irrisório aos que vão na vanguarda do século, que ainda seja necessário debater este ponto: – A mulher deve ser ignorante ou deve ser instruída?

Pois a verdade é que, mesmo entre grandes entendimentos masculinos, existem a este respeito gravíssimas divergências e que a maioria dos votos seria, ainda, em favor da primeira hipótese.

Que admira isto, porém, a quem tenha lido a história?

Houve tempos e tempos e tempos em que foi ponto obscuro para todos os pensadores se era útil ou nociva a difusão dos conhecimentos, predominando sempre a ideia de que a instrução e o conhecimento da verdade traziam sempre consigo graves perigos para a ordem social.

Não há, ainda hoje, cérebros abençoados que proclamam a ignorância como uma das condições de felicidade para certas classes?

À proporção que a verdadeira civilização se formula em leis profunda e genuinamente justas, se manifesta em costumes brandos e generosos, o monopólio da instrução, que antes pertencia às classes privilegiadas de uma sociedade informe e desordenada, vai sendo anulado pela vulgarização de todos os conhecimentos.

A ciência já não é guardada a sete chaves por um fantástico dragão de olhos de lince, já não é o livro sagrado que a sibila lê com a expressão espavorida dos alucinados, é o tesouro comum, acessível a todos, para ninguém vedado, onde cada um vai abastecer-se conforme a capacidade mental de que o dotou a natureza.

A não ser um ou outro visionário anacrônico, já ninguém de boa-fé nega ao povo a faculdade de conhecer os seus direitos e os seus deveres, já ninguém receia que a luz, por demasiada, produza deslumbramentos funestos.

O que foi regalia e privilégio de alguns homens é hoje o patrimônio e a força de todos.

A inteligência, que tantos séculos serviu só para escravizar e embrutecer os tristes rebanhos humanos, privados de consciência e de razão, serve hoje para manter e ampliar as conquistas sagradas da liberdade e do direito.

Mas, para chegar a este fim, que a nós, filhos desta geração, nos parece tão racional, que nos parece ter-se imposto desde sempre a todos os espíritos como uma lei inelutável e fatal, quantos esforços, quantas revoluções, quanto sangue!

É uma conquista de ontem apenas e que, no entanto, parecia dever ter sido contemporânea de todos os tempos.

Mesmo os filósofos do século XVIII, aqueles que, pelos seus escritos inspirados na justiça e na humanidade, provocaram e favoreceram o advento de todas as ideias que dominam hoje o mundo civilizado, mesmo os grandes redtores do povo, tais como Voltaire e Diderot, nunca julgaram trabalhar para o povo propriamente dito, para as classes proletárias e analfabetas mergulhadas no abismo da sua insondável miséria.

Voltaire, no fundo, era um aristocrata.

Se lhe perguntassem se a plebe, se a *canalha* precisava de ser educada, responderia imediatamente que não e que dessa instrução inexperientemente, imprudentemente propagada, só grandes males e grandes desordens sociais podiam resultar.

Fontenelle dizia que, se tivesse a mão fechada e cheia de verdades, teria o maior cuidado em não abri-la, porque a verdade tem grandes perigos consigo.

Um único, entre os iniciadores do movimento moderno, entre os pais espirituais da revolução, sentiu as dores do povo, as suas humilhações e amarguras, compreendeu que ele era o pária eterno, expulso sem crime das esferas da luz e da verdade, um único o lamentou, o amou, chorou, sentiu com ele.

Mas esse, adivinham que falo de Rousseau, esse pertencia ao povo pelo nascimento e pela miséria, e se a sua missão social foi das mais profícuas, nem por isso a cumpriu com a consciência do alcance futuro a que ela estava destinada.

Esse, longe de pregar o adiantamento das ciências e das artes, apesar de artista e de esplêndido artista, ele próprio pregou, antes o retrocesso à vida primitiva, às singelas ocupações da natureza, à doce ignorância desses *tempos de ouro*, que foram no fim de contas, em que pese a todas as lendas floridas, os tempos das grandes angústias mudas, das dilacerantes agonias sem eco.

A sua tenaz e eloquente propaganda naturalista inspirou a Voltaire o célebre juízo crítico do *Emílio*:

– *Mon cher ami, ça donne envie de marcher à quatre pattes!*

É certo que as gerações modernas devem muito a esse misantropo sublime, em cuja alma sensível até ao sofrimento vibraram e repercutiram dolorosamente todas as angústias da humanidade oprimida.

Mas perceberia ele distintamente a importância da dívida que, para com o seu nome, contraíam essas gerações?

Parece-nos que não.

Ainda mais: julgamos que, se o autor do *Contrato social* pudesse adivinhar, pressentir, alcançar com a vista a obra colossal deste século, que é tão seu filho, tudo que a inteligência do homem, libertada de peias, de superstições e de tiranias tem descortinado, descoberto e posto em prática; as maravilhas das ciências físicas, os arrojos, ousadias e triunfos das ciências sociais; o homem – dominador soberbo da natureza – fazendo dela sua coadjuvadora ou sua escrava; a consciência livre e audaciosa conquistando e subjugando cada dia mundos novos, proclamando bem a sua própria emancipação; a igualdade tornada uma verdade social que ninguém combate, e que ninguém ignora, e lá para longe confusamente, no horizonte indeciso dos séculos, novos prodígios, novas maravilhas que se anteveem apenas, e que a eletricidade e a filosofia nos prometem; se Rousseau em virtude de um poder desconhecido tivesse tido essa visão mais que apocalíptica, ele teria dito ao homem do seu século, ao autor imortal da Revolução, àquele que a sua voz inconscientemente inspirada preparava então para a Cruzada Santa a que se devem estes resultados deslumbrantes: – “Para, retrocede, não queiras saber tanto, não tentes a Deus, querendo abarcar o infinito! Essa soberania aterradora que vais adquirir só se compra à custa de infernais dilaceramentos, de lutas medonhas, que muita vez te hão de prostrar desfeito em sangue ou desfeito em lágrimas nas agruras do teu caminho doloroso e heroico! Para, volta à natureza, à doce amiga, a que faz esquecer as penas e perdoar as injustiças. Assusta-me a tua vitória, tenho medo

do teu formidável triunfo. Não te conheço, Titã, não fui eu quem te eduquei, tu não és meu filho! —”

Que admira pois, que, sendo tão nova no mundo a verdadeira civilização, a que tem por fim o aperfeiçoamento moral do indivíduo e o aperfeiçoamento harmônico e progressivo das sociedades, haja ainda tanto erro tradicional que combater e que destruir?

No mundo moderno a mulher representa um pouco o papel que no mundo pagão representaram os escravos, que no mundo feudal representaram os servos, que no mundo monárquico representaram os plebeus.

É invencível o receio que ainda existe de a instruir e libertar moralmente. Mas não veem que ela própria se vai lentamente libertando e que é baldada toda a resistência que neste ponto se lhe oponha?

Não é decerto maltratando-a que o homem procura mantê-la em completa sujeição; faça-se essa justiça ao sexo forte. Pelo contrário; hoje ele dá-lhe a beber o mel de todas as adulações.

No outro dia lia eu um escritor moderno de muita *verve* e de muita graça, que descrevia deste modo a mulher dos seus sonhos.

“Reinando tão somente pelo encanto, pelo espírito e pela formosura. Sabendo menos mal a sua língua e uma língua estrangeira, conhecendo suficientemente a história para não julgar que Washington foi vencedor de Napoleão e a geografia para não supor que Estocolmo é capital da Alemanha. Lendo os poetas clássicos e os modernos, sabendo um pouco de música e muito mais desejosa que a tomem por ignorante do que a julguem capaz de perpetrar o mais leve delito de pedantismo!”

Tudo isso é verdade, meu espirituoso filósofo, mas não é menos verdade que tu ficarias cruelmente *apanhado se hoje* te coubesse por companheira a mulher que descreves.

O encanto, a formosura, o espírito são adoráveis na mulher, quem o contesta? mas como complementos do seu modo de ser,¹⁵ não como bases dele.

A mulher que tenha o *encanto*, o *espírito*, a *formosura* e que não tenha *mais nada* será o mais gracioso e decorativo dos ornatos sociais, não será nunca um instrumento de moralização, um elemento fecundo de progresso.

Não será nunca, disse eu.

Engano-me.

¹⁵ No jornal consta “ver”. Texto corrigido de acordo com republicação em *Cartas a Luíza* (CARVALHO, 1886, p. 26).

Não será, mas foi. O espírito, o encanto, a formosura da mulher exerceram no ânimo embrutecido e duro do homem de outros séculos uma ação delicada e útil. Inacessível a influências morais, o homem bárbaro foi, por assim dizer, suavizado e amolecido pela beleza e pela graça da mulher, mas com a transformação do meio social, transformam-se igualmente os seus produtos, e da mulher de hoje o homem moderno tem o direito e o dever sagrado de exigir muito mais.

A ciência dos nossos dias tem um dogma fundamental que eu não sei definir em termos técnicos e adequados, mas cuja significação vem a ser a seguinte:

“Tudo está relacionado com tudo, não há uma única verdade de que nós tenhamos feito a aquisição, que não esteja ligada à que a precede e à que se lhe segue; quebrado que seja um elo, à cadeia dos conhecimentos que hoje constituem o nosso patrimônio intelectual, interrompe-se a série dos fenômenos, quebra-se a harmonia do todo, desfigura-se a perfeição do conjunto. Presentemente saber alguma coisa é ter a ideia de tudo.”

Este encadeamento de todas as ideias, esta ligação estreita de todas as verdades, esta relação íntima de todas as ciências, esta influência recíproca que os fatos, ainda os na aparência mais remotos, exercem um nos outros é a mais bela descoberta do século, é por tê-la feito que o homem ocupa hoje o lugar proeminente que ele tem no universo. Ele partiu da lei que domina a evolução dos astros, e veio de dedução em dedução achar a lei que determina a evolução das sociedades. Em tudo viu a mesma harmonia, a mesma regularidade.

Para que, pois, não de tentar alterá-la neste fato tão importante do seu viver?

Se ele próprio tem encontrado em si tão profundas e radicais modificações, se ele é tão diverso de todos os que o antecederam na vida, para que exigir ou desejar que a sua companheira, aquela a quem ele chama a metade de si mesmo, se conserve estacionária e resistente a todas as alterações que o progresso dos conhecimentos, que a evolução fatal das instituições e dos costumes lhe estão impondo dia a dia?

O ideal da mulher grega, por exemplo, é Aspásia. Sócrates pede-lhe lições de filosofia, e Péricles lições de política governativa. Curvam-se diante dela os sábios, os generais e os artistas. Lembra-se alguém de que Aspásia seja possível nos nossos dias?

O ideal da mulher nos tempos feudais é a rainha Branca, é Bertha *dos pés compridos*, é a castelã que passa os dias fiando rodeada de servas, que à tarde passeia silenciosa no eirado do seu castelo à beira-mar, seguida pelo seu pajem e pelo airoso galgo branco em cuja cabeça inteligente e fina ela pousa a espaços a esguia mão ociosa.

Ainda nem possui sequer o seu missal manuscrito de *iluminuras* deliciosas, que mais tarde a terá longas horas absorta em cogitações devotas, ainda não sabe bordar nem tecer as intermináveis tapeçarias povoadas de figuras bíblicas ou fabulosas, que em período mais recente forraram a grande sala em que se reúnem para comer o javali tismado e sangrento, os guerreiros que acompanham o seu senhor.

Possui ao todo duas camisas e um vestido. É verdade que as camisas são de brocado e que o vestido é bordado a pedrarias. Passiva, embrutecida e triste, que sabe ela da vida? Que noção tem ela do dever?

Escrava dos sentidos de um homem ou dos seus próprios sentidos, ou se consome nas tristezas de uma solidão inconsolada, esperando eternamente o ausente que ao longe caça com os amigos ou combate com os adversários, ou é por ele forçada a comer o coração do próprio amante, como castigo à traição conjugal que tantas circunstâncias explicam e atenuam.

Qual de vós, meus senhores, desejaríeis hoje para companheira a gentil castelã das lendas medievais?

Num estado muito mais brilhante de civilização, na quadra em que florescem todas as artes, em que pintores e poetas rivalizam de maravilhas e de encantos, a mulher quando é pura chama-se Victoria Colonna, quando é a pecadora fascinante e impenitente chama-se Lucrecia Borgia; qual delas teria cabimento no nosso lar, nos nossos costumes?

Depois vêm as graciosas e inimitáveis tagarelas, ou as frondistas brilhantes e desordenadas do século XVII, vêm as marquesas da Regência, vêm as *filósofas* da sociedade literária e cética dos enciclopedistas, e as musas gregas do Diretório, e cada uma destas representa e concretiza em si a civilização mais requintada de seu tempo, e cada uma destas é a mais graciosa eflorescência da sua época. Digam-me com franqueza: conviriam elas à nossa?

O homem moderno já não é o pagão exclusivamente namorado de forma nem o guerreiro brutal dos tempos de ferro; não é o artista sutil da Renascença, nem o polido cortesão das monarquias suntuosas, não é o discreateador metafísico, de frase correta e punhos de renda fina, que saboreia as lucubrações do espírito e a pitada de rapé com a mesma voluptuosa indolência, nem o procônsul sanguinário de quem um sorriso, um olhar de mulher subjuga e vence as tendências ferinas. É um operário laborioso e inteligente; sabe tudo, tem tocado ao menos ao de leve em tudo. Tem entrado no laboratório, na oficina, na Bolsa, na biblioteca, no gabinete

anatômico, no observatório, no tribunal, na câmara legislativa. Esta universalidade de vistas e de conhecimentos não o inibiu porém de se entregar ardentemente a uma especialidade qualquer.

Tem o corpo em continuado movimento, o espírito em permanente ebulição. O seu organismo, constantemente esgotado pelo esforço físico e cerebral combinados, precisa de ser constantemente refeito, a sua imaginação morbidamente excitada precisa ora de calmantes que a afrouxem, ora de tônicos que a revigorem; a sua bolsa quase nunca equilibrada com as exigências complexas e brutais da vida moderna precisa de uma administração inteligente, engenhosa até no milagre; o seu coração desfeito e dilacerado mil vezes pelas esperanças frustradas, pelas dúvidas angustiosas, pelas palpitações violentas da ambição, pelos arrebatamentos da glória, mordido por todas as paixões insalubres ou mágicas, precisa de uma doce mão feminina que o trate e que o console; o seu espírito levantado e culto, a que nenhum problema é estranho, precisa de outro espírito que o aprecie, que o siga, e que, compreendendo-o, o não torture com exigências frívolas ou com mesquinhas e pequenas contrariedades de todas as horas.

Estará preparada para esta missão gloriosa e aspérrima a mulher que nós hoje educamos? Não está, todos sabem que não está.

Isto é considerando a mulher nas suas relações com o homem, considerando-a apenas a *metade* do outro organismo. Imaginem-na agora, sozinha, movendo-se na sua esfera própria, obrigada a fazer o seu próprio destino, independente de qualquer auxílio ou de qualquer proteção. Que estendal de miséria se não descobre então ao nosso olhar, que tristeza profunda nos aperta e confrange o coração!

A França, tentando libertar a mulher deste estado de escravidão intelectual que a oprime, deu nisto ao mundo um exemplo digno de seguir-se.

Haverá decerto um período transitório entre o estado de ignorância e o estado de ilustração da mulher, que há de parecer-nos eivado de ridículos e contaminado de erros graves. Paciência! Todas as grandes verdades que hoje estão em plena ação, passaram por esta fase dolorosa, tributo que tudo paga à imperfeição humana.

O futuro porém compensar-nos-á largamente de todo o esforço, de todo o trabalho que se empregue para este fim mil vezes abençoado.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 1, n. 22, p. 2, quarta-feira, 22/10/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/86

4. CARTAS A LUIZA I

MUITO INFELIZES SÃO OS *FELIZES*! pensava eu no outro dia, depois de ler umas poucas de descrições mais ou menos pomposas das festas fantasistas em que a *alta vida* passa hoje, em toda a parte, a estação de campo e a estação de banhos!

E lembrei-me do que Balzac dizia dos nervos de aço das parisienses, mais fortes, mais resistentes, mais aptos a todos os excessos do que os músculos rijos de um jornaleiro ou de um operário.

O que o mestre do romance moderno dizia das parisienses do seu tempo tem hoje aplicação, em muito maior escala, desde que a vida mundana adquiriu o cosmopolitismo que sabes, a todas as mulheres que frequentam ou antes que constituem o que o *jargon* de sala se chama a *sociedade*.

Se elas aplicassem a alguma coisa útil e proveitosa a energia, a resistência, a intrepidez, a constância que aplicam a *divertir-se*, de que milagres não seriam capazes! Porque enfim todo o exercício de um órgão ou de uma faculdade o aguça, desenvolve, robustece e lhe aumenta o poder e estimula a atividade.

A mulher mundana gasta o fluido nervoso que bastaria ao consumo de um herói como Condé ou como Henrique IV por exemplo, dois heróis nervosos de que me lembro neste momento.

Nós as pobres criaturas pacatas, absortas nas tranquilas ocupações da casa, não percebemos lá muito bem o que estas coisas sejam.

Uma cavalgata de léguas esfalfava-nos, uma caçada deixava-nos extenuadas; três ou quatro bailes sucessivos estropiavam-nos para o resto da nossa vida.

Chega a parecer-nos fantástico que uma mulher tenha força para a vida que nos descrevem os cronistas da elegância.

É limitada a dose de entusiasmo ou a dose de prazer que temos para gastar; infinita em nós só a faculdade de padecer quando padecem os que nos são queridos.

Qual é, no fim de contas, o destino mais invejável – o delas ou o nosso?

Decide tu.

Eu nas minhas horas más – quem é que as não tem? – penso que é o das outras!

Depois o Dever deixa ouvir a sua voz austera e máscula, voz que acaricia fortalecendo; a Abnegação canta aos meus ouvidos o seu hino de melodias inefáveis e penso então que é melhor o nosso.

No fim de contas tudo tem os seus prós e os seus contras.

Absoluto só Deus, e ainda assim como cada um tem de Deus uma concepção muito limitada e muito particular, sucede às vezes que Ele só é absoluto no nome e em mais nada.

Como o destino da mulher não é positivamente a coisa mais agradável e mais justamente determinada que há neste mundo, a verdade é que a distração excessiva, arrancando-a à contemplação de si própria, furta-a igualmente às revoltas do orgulho e às lancinantes agonias da humilhação, mas, nos momentos raros em que ela tem ensejo de se concentrar, como reconhece que vazio desolado e medonho não deve ser o da sua alma!

Divertir-se!... Eis uma tarefa tão laboriosa, tão difícil, tão áspera, tão extenuante como ser irmã de caridade num hospital, ou num acampamento guerreiro; mestra num asilo de rapazes pequenos insubordinados. Mãe duma numerosa família sem dinheiro, costureira, ou criada de servir.

Para que uma pessoa se *divirta* com todas as regras que o bom-tom determina despoticamente, é preciso sujeitar-se à mesma lida incansável de todas as horas, é preciso ter o mesmo desprezo da comodidade, do sono, do descanso, da doce e tentadora preguiça que às vezes adormenta e enlanguesce o corpo em uma espécie de adorável sonambulismo consciente; é preciso escravizar da mesma maneira a alma e o corpo; ter a mesma saúde de ferro, não padecer de enxaquecas nem de dores de dentes, ou mesmo padecendo, desdenhar com insensibilidade completa os seus ataques e insídias! é preciso não ter um só instante de enfraquecimento, de concentração, de cogitar solitário, de melancolia cismadora, de devaneio inútil.

Os que fazem parte do heroico batalhão de *prazer mundano* têm uma disciplina férrea, a que, sob pena de serem considerados trânsfugas e como tais desprezados, hão de sujeitar-se irrevogavelmente. Já vês que havia uma certa lógica na exclamação que talvez tivesses por paradoxal! *Muito infelizes são os felizes!*...

Eu, que não pertenço a nenhuma *coterie* nem faço parte de nenhuma tribo distinta, tenho tido há uns poucos de meses a liberdade de gozar a natureza a meu modo, independente de qualquer prescrição, ou de qualquer código; de viver com a terra, com a boa e amiga terra num contato íntimo e salutar que me revigora o corpo e me tonifica o espírito.

Este amor da terra é muito mais raro do que parece, pode chamar-se-lhe, permite-me o *francesismo*, um amor de *arrière-saison*. Só o sentem aqueles a quem os anos ou as tristezas envelheceram.

Toda a gente diz que gosta do campo. Frase banal que nada explica. A verdade é que pouquíssima gente tem realmente este afeto e compreende as íntimas e delicadas delícias que ele dá.

A nossa tendência, herdada de seres civilizados e sociáveis, é amar o homem, a sua convivência, a sua presença, o seu espírito.

Moças, fugimos instintivamente da solidão.

Por quê?

Porque para nós ela é muda e insensível. Não tem nada que dizer-nos, não se associa à vivacidade, à turbulência das nossas sensações, nem tem simpatia para o quimérico fantasiar das nossas esperanças.

O espetáculo sempre variável, sempre animado da sociedade humana, atrai-nos então as vistas, distrai-nos e ocupa-nos o espírito, contenta-nos as aspirações.

Se alguma vez nos agrada a natureza é porque a vemos em um estado particular da nossa alma, através dos afetos e das alegrias que a preenchem, povoam e iluminam.

Tal dia de primavera doce, cheia de luz, perfumada de giestas e madressilvas, gorjeada de pássaros invisíveis, em que as árvores cheias de flores e de tenros rebentões verdes nos pareceram tão moças, tão frescas como o idílio íntimo que nos entoava cá dentro as suas estrofes de luz, lembra-nos divinamente porque neste dia nos acompanhava *alguém* estremecido.

O cenário grandioso ou suave, que nos cercava e envolvia, era apenas moldura da nossa felicidade interior, acessório secundário no drama ou no poema do nosso coração!

Mais tarde, porém, que modificações profundas se operam em nós!

Vivemos; quer dizer padecemos!

Mentiram-nos os que mais amamos! Os castelos ideais que construímos nas nuvens, varreu-os implacável e lúgubre a ventania do outono!

Levamos noites e noites, lentas, angustiosas, cortadas de sobressaltos tremendos, de esperanças subitamente frustradas, ao pé do leito dos mais estremecidos amigos da nossa alma!

A morte invisível e sinistra sentou-se ao pé de nós à cabeceira dos nossos queridos, e levou-os um dia, um dia de horror inolvidável, surda aos gritos da nossa agonia espavorida, às imprecações do nosso desespero atroz, aos soluços dilacerantes que nos saíam convulsos do peito varado pelas sete espadas da Dor!

Em vão, abraçadas ao frio cadáver inanimado, invocamos as lembranças inefáveis de um passado comum; em vão tentamos dar vida aos lábios que nos tinham beijado tanta vez, dar brilho aos olhos que nos olhavam tão doces, voz à boca que nos sorria tão cariciosa!

Oh! fatalidade tremenda das coisas! Que a gente tenha de perder os que amou, e de consolar-se com os haver perdido!

A morte, essa coisa misteriosa e formidável que a mocidade não compreende, mesmo quando passa perto dela, a morte obumbrou para sempre o nosso espírito, revelou-nos o segredo de todas as vagas tristezas que flutuam em nós, iniciou-nos no mistério de todas as melancolias sem consolo, que entenebreceram desde o primeiro dia em que ela viu morrer, a alma da pobre, da condenada humanidade.

Já nada nos falta para termos completado a dura ciência da vida! Conhecemos a traição e a morte, duas formas da mesma sentença condenatória, porque se a morte é o desaparecimento súbito dos que amamos... a traição é a morte moral que os aniquila aos nossos olhos, e só pior do que chorar a saudade do que nos morreu, é chorar a fé que tínhamos no que nos traiu!

É nesse instante, acanhada a primeira crise violenta de desespero e de revolta, que a terra nos chama, dando-nos ao seu contato enternecido e brando, o antegosto do repouso que no seio dela gozaremos mais tarde.

No outro dia um grande e ilustre amigo meu, cujo nome significa uma das raras glórias do meu país, revoltava-se contra a exaltação da minha religião naturalista. E dizia-me:

“Não comungo nela, não. Esta grande máquina de destruição e de produção é a causa de todas as nossas dores, não tem alma nem coração, assiste ilacrimável a todas as tempestades que nos convulsionam, a todas as tragédias que nos dilaceram.”

Talvez que assim seja, talvez.

Mas só aqueles para quem os homens têm sido maus conhecem a influência benéfica e doce que exercem as árvores!

Muitas vezes, ao pôr do sol, quando o horizonte se acende em grandes listrões escarlates, ou doura-se de todos os áureos cambiantes da luz, que vai morrer, eu sinto descer das linhas ondeantes e sinuosas das montanhas, levantar-se do côncavo dos vales, evolar-se saudosa da profundidade das florestas, uma voz branda e triste que me fala de tudo que passou, dando-me coragem para aceitar resignada tudo que tem de vir.

É a doce voz das coisas mudas, é a carícia misteriosa e fortificante da solidão, é a lição porventura inconsciente da boa Natureza!

Concordemos que é sem querer que ela nos faz tanto bem, melhor é ainda assim fazer bem sem querer, do que fazer mal querendo, como os homens fazem uns aos outros.

O amor da Natureza é, como eu disse ainda agora, um amor da velhice, conhecem-no e sentem-no os indivíduos e os povos que têm vivido muito; é por um impulso talvez involuntário da alma cansada que eles voltam para o seio donde vieram, para a mãe indulgente que os concebeu e que os criou.

Nos centros onde a vida aflui, e donde ela irradia em manifestações fecundas, a luta é uma das condições indeclináveis e fatais; na grande, na serena paz das coisas, a resignação impõe-se suavemente a todo o espírito vencido pelas asperezas inóspitas da Vida.

A obediência da Natureza às leis harmônicas que a dominam, a inalterável repetição dos seus fenômenos, a tranquilidade inconsciente das suas variações, inspiram-nos a sujeição à lei misteriosa que ninguém penetrou ainda e contra a qual o nosso orgulho se revolta debalde, criando, umas sobre as outras, teorias audaciosas que têm todas de acabar no mesmo ponto de apavorada interrogação.

Daqui se depreende naturalmente que a sua influência, tão boa para os vencidos, é má para os combatentes; que ela convida às preguiças mentais, que ele nos penetra da inutilidade do nosso esforço sempre renascente, sempre frustrado, sempre interrompido pela morte, sempre delimitado pela ignorância em que estamos do nosso próprio ser!

Os milagres da ciência, as maravilhas da indústria, os arrojos da arte, os voos audazes e indomáveis da filosofia dão-nos a orgulhosa consciência do nosso poder titânico, da imensa amplidão que a nossa mente alcança, do tesouro colossal que temos sabido juntar, e que cada geração vai legando à geração seguinte, aumentando de novas e inapreciáveis riquezas, de novos e delicados instrumentos para os poder desenvolver e criar.

Quando os moralistas cristãos, pasmados ante a audácia do homem, lhe tentam abater o orgulho chamando-lhe grão de areia no espaço infinito, passageiro efêmero no deserto sem limites, ele, imbuído da própria grandeza, responde altivamente: – Grão de areia muito embora, mas grão de areia que pensa! Grão de areia que descobre e abrange com o entendimento o universo infinito! Grão de areia que depois de conceber Deus, aceita voluntariamente a lacerante agonia de duvidar dele! Grão de areia que inventou o meio de seguir com o olhar a evolução dos planetas e a vida das

células, que descobriu as metamorfoses da matéria, que sabe a ligação estreita e a linha ascendente que vai prendendo a pedra à planta, a planta ao zoófito, o zoófito ao animal superior, e que rejeitando a lenda gloriosa que fazia dele o filho belo e perfeito de Jeová, o rei da criação inteira, criado ele próprio pelo sopro do Eterno, prefere dever todas as suas grandezas ao próprio esforço, prefere ter vindo das camadas mais inferiores da vida animal, ter se resgatado à custa de uma agonia de milhares de séculos, de todas as brutezas da matéria inconsciente, ter chegado enfim ao ponto culminante de onde abrange a vida e os seus fenômenos mais misteriosos e mais sutis, em sucessivas transformações ascendentes como os belos deuses cantados pelos poemas indianos.

Mas em face do grande e religioso espetáculo das montanhas serenas, do Oceano eternamente agitado, das florestas cheias de murmúrios e de cantos, das ervas altas onde um mundo de amor se esconde e se reproduz, tudo que é grandeza do homem nos esquece para nos absorver preguiçosamente na grandeza pacífica das coisas!

Há gente que gosta da natureza pela beleza e harmonia das suas linhas, pelo acidentado dos seus aspectos, pelos seus efeitos de luz tão difíceis de traduzir. E modernamente uma plêiade enorme de pintores paisagistas tem aparecido, que a veem somente debaixo deste ponto de vista restrito.

Eu gosto dela por tudo, mas principalmente pelo bem que ela me faz.

Se tu me pedires a descrição minuciosa, exata e técnica de um canto da floresta, de uma paisagem vista ao pôr do sol do alto de um monte ou de uma serra, de um traço enorme do oceano, que estive horas e horas a contemplar calada sobre um rochedo da costa, bem sabes que te não respondo nada, ou que te digo estupidamente: não sei!

Sei só que na primavera, quando a luz estremece e doura de centelhas aladas a folhagem tenra das árvores, quando a seiva regurgita dos troncos musgosos, quando os ramos se abraçam num entrelaçamento voluptuoso; quando as flores desabrocham numa orgia de perfumes e de cores; quando nos parece mais transparente e mais azul a curva dos céus, o espectro pálido da minha mocidade levanta-se melancólico, visível só para mim e pergunta-me como que envolto num luar de tristeza: De que te serve este exuberante renascimento da terra, se eu já não posso renascer contigo?

Sei que uma tarde de outono, doce, tranquila, em que a luz nos vem coada pela trêmula renda caprichosa dos salgueiros e dos choupos, em que os pássaros fazem ouvir aquela chilreada inquieta e carinhosa, a que Weber chamaria *l'invitation au sommeil*, em que uma vaga e indefinível saudade

parece destilar-se de envolta com os vapores crepusculares da terra enlanguescida, me fez chorar a mim como uma velha criança que sou.

Que têm as alegrias e as festas da primavera com a minha mocidade esvaída? Que tem o outono e a tarde com os entes que partiram para o país, de onde se não volta mais?

Não sei. Não trato de indagar. Aceito passivamente a impressão que me vem do mar, do céu, da terra, das plantas verdes, e se os amo assim é pela impressão moral que me produzem.

Já vês que o meu modo de amar a natureza é também muito especial. Talvez que ninguém o partilhe, talvez que ninguém o entenda. Mas quem o sentir como eu o sinto achará uma consolação inefável à sombra das árvores, das grandes árvores amigas, que pacificam e abrigam e consolam, que dão sombra e esquecimento aos que vêm de longe, cansado o corpo, lacerados os pés pelas urzes e pelos silvados da estrada.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 1, n. 30, p. 2, quinta-feira, 30/10/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/118

5. O ROMANCE DA VISCONDESSA

ESTÁVAMOS EM CASA DA VISCONDESSA DE S***, uma adorável velhinha, muito elegante de hábitos e maneiras, muito distinta de porte, cuja conversação variada e culta foi um dos prazeres intelectuais da minha mocidade.

Falava-se, depois de se ter divagado um pouco por outros assuntos, do incompleto que são todas as coisas da vida; do eterno e incessante abortamento de todos os sentimentos, ainda mesmo daqueles que nos parecem infinitos.

Raras vezes na vida há uma tragédia completa. A maior desgraça tem, quando menos se pensa, um paliativo qualquer, que se a não remedia absolutamente a despe todavia da sua grandeza sinistra; a felicidade que nos parece mais invejável tem no fundo qualquer amargor que a torne corrosiva, tem ao longe qualquer sombra que projetando-se nela a obscureça. A vida humana é bem curta, não é verdade? Pois ainda assim não há paixão, nem dores, nem alegrias que durem uma vida.

“E os que se suicidam por não poderem com a desgraça? perguntou alguém.”

“Meu Deus! A explicação é simples, respondeu a viscondessa. Esses é que não tiveram paciência de esperar a reação inevitável do seu desgosto. Se tivessem adiado para dali a dois dias o suicídio, é provável que se não matassem.”

Em a gente chegando ao ponto culminante do sofrimento não pode senão descer; isto é, consolar-se.

E eu, quanto a mim, quando vejo alguém chorar numa crise suprema de desespero, sabem do que tenho pena?, é de me lembrar da hora em que esse alguém há de vir a consolar-se. A efêmera duração dos nossos sentimentos, ainda os mais profundos, afigura-se-me talvez a mais dura humilhação a que o homem foi condenado pela Natureza! Não ser capaz de perpetuidade nem de constância no sentir, que mesquinhez!

Digam à mãe, que chora desatinadamente agarrada ao cadáver do filho pequenino, que virá um dia em que ela torne a rir, a gozar, a achar bela a vida, azul o céu, povoado de alegrias a dura terra inóspita em cujo seio vai esconder-se para sempre o que era a luz de seu olhar!

Digam ao amante que foi traído, que amará outra vez, que acreditará de novo, que esquecerá, como se esquece um sonho, essa agonia que lhe parece agora a derrocada de uma vida inteira.

Digam a quem ama, que o amor se modifica e acalma, transfigura e desaparece, por fim, nessa voragem sombria que é feita de todas as nossas ruínas!

Nenhum deles acreditará que tal condenação, tão cruel, tão humilhante venha a realizar-se.

Os que sofrem muito com a perda de algum ser ou de alguma quimera igualmente queridos estremecem de horror instintivo à ideia de que podem vir a consolar-se. Ninguém tente aliviar uma dor grande, invocando a curta duração de todas as dores! Lembram-se da Raquel da Bíblia? Neste ponto a humanidade inteira tem o sentimento de Raquel.

Só quando a experiência nos tem demonstrado mil vezes esta desconsoladora verdade, é que a aceitamos como a lei necessária do nosso próprio existir. É talvez por isso que a Velhice, que sofre muito mais que a Mocidade, é muito mais triste do que ela. Aprendeu a não acreditar na dor!

“Na eternidade da dor, atalhou, ou antes, emendou uma de nós.”

“Ó minha filha, isso vem a dar na mesma! O organismo do homem é tão imperfeito, que não admite a duração de sentimento nenhum, mas são tão audazes as aspirações da sua alma, que ele não considera nem aprecia senão o que julga eterno. Nunca, aquele que ama, deixou de pensar que o amor que sente e o amor que inspira, o acompanharia a vida inteira; nunca, aquele que chora, imaginou que as suas lágrimas se estancariam mais tarde.”

À proporção que a viscondessa falava, sem gestos, com uma serena distinção aristocrática que tornava ainda mais glacial a expressão das suas convicções, nós íamo-nos sentindo pouco a pouco inundadas de uma melancolia fina e penetrante.

Não sei por quê, lembrou-me aquela chuva miudinha que alaga e gela muito mais que as grossas torrentes dos aguaceiros, mas que a gente quase que nem vê, nem sente cair.

E a nossa amiga continuou a falar em tudo que o tempo leva na sua marcha insensível, nas riquezas do nosso mundo interior, de que vamos sendo despojados dia a dia, continuamente, lentamente, invisivelmente.

Pois não é verdade que os seus sábios, os seus geólogos modernos afirmam que até as montanhas de granito, essas duras muralhas do nosso globo, se vão insensivelmente modificando e transformando? Então como querem que os sentimentos do homem — o que há de mais variável, o que há de mais contingente — tenham a ousadia de se considerarem imutáveis? Nada dura! Nem as dores, nem as alegrias, nem as saudades, nem as ambições.

Oh!, que dobre de finados me parecia aquela voz triste e quebrada de velha, a contar a morte das nossas ilusões de um dia, ilusões que nos parecem eternas, e que nos agitam e convulsionam, como a tempestade agita as ondas, como a ventania da tarde agita a folhagem das árvores!

“Aqui onde me veem, continuou a viscondessa, talvez arrastada pelo desejo de fundamentar com algum fato a sua argumentação, tal era a irritabilidade, que os nossos mudos protestos excitavam nela, aqui onde me veem, já fui como vocês são, já tive exatamente as mesmas ideias que têm, e que é natural que tenham, e que só uma longa série de experiências dolorosas lhes há de fazer perder.

Já conheci momentos de gozo tão íntimo, intenso e penetrante, que não só me afigurou eterno, como julguei que a vida sem ele me seria impossível. Já tive horas de tão profunda dor, de tão desesperada agonia, que julguei que ela me esmigalharia o coração, suspendendo-lhe para sempre as pulsações febris. E dores e alegrias desapareceram igualmente, e eu pude tornar a rir, a sentir-me feliz de uma felicidade que me contentava, sendo ainda assim bem mais mesquinha do que a que eu tinha esperado; e posso agora contar-lhes fria e serenamente esse episódio de minha vida, que foi para mim longo tempo a minha vida inteira.”

Todas nós nos aconchegamos com uma sensação de expectativa agradável em torno do fogão, cujas brasas a viscondessa agitava delicadamente com a sua pequenina pá de ferro lavrado.

O fogão é o melhor amigo dos velhos, costumava ela dizer às vezes com doce e melancólica filosofia senil. E de feito passava horas e horas ao fogão, seguindo com o olhar, ainda cintilante de ironia, ainda profundo de reflexão inteligente, as chamas multicores que se levantavam do brasido.

Talvez que cada uma dessas caprichosas borboletas de lume simbolizasse para a sua fantasia ainda tão viva uma recordação mal extinta!

Depois de alguns momentos de silêncio a viscondessa olhou para nós, e, ao ver-nos tão atentas e interessadas, deu-lhe decerto uma sensação de vaidade satisfeita.

“O que lhes vou contar é vulgaríssimo, principiou. Acontece a quase todas, e feliz daquelas a quem acontece, pois que não conheceram, ao sonho supremo de felicidade que sonharam na terra, o remate vulgar, que lhe dá a saciedade, ou o trágico remate que lhe dá a morte.

Tinha eu então vinte anos, e nesse tempo as famílias provincianas, e as da corte, casavam as filhas sem as consultar. Para mim já meus pais tinham escolhido noivo.

Era o visconde.

Não o conheceram senão velho, um velho muito simpático, não é verdade?

Pois nesse tempo a que me refiro, era ele um vigoroso mocetão, sadio, alegre, tisonado pelo sol da serra nas longas montarias aos lobos e aos javalis.

Bom caçador, bom cavaleiro, convivia jovial e valsista incomparável. Uma perfeição. Vendia saúde, tinha atividade enérgica e vida para quatro.

Preocupava-se pouco com o *porquê* de todas as coisas, e nem de nome conhecia as teorias e abstrações filosóficas, de que hoje os cérebros moços fazem a sua alimentação predileta.

A vida parecia-lhe uma bela coisa, desde que na vida havia dinheiro, saúde, bons vinhos, bons cavalos e formosas mulheres.

Não gostava de ver chorar ninguém, mas se para enxugar as lágrimas que choravam ao pé dele fosse necessário um sacrifício grande, a regra que geralmente seguia era ir-se embora e não o fazer. Poupava-se deste modo ao espetáculo de uma aflição que o enternecia, e ao esforço que necessariamente teria de empregar para dar-lhe alívio. Esta época benévola e amável de egoístas é aquela a quem o mundo classifica de *muito bons corações*.

Inculto, sim, mas não tolo. Pelo contrário, inteligente, vivaz, e com uma graça natural que em torno dele cativava as gentis provincianas da sua geração e mesmo da antecedente.

Senhor de casa, e duma boa casa, titular, no tempo em que, para ter um título, a filantropia e o amor aos asilos do estado não eram positivamente condições indispensáveis, gostando de mim tanto quanto era capaz de gostar de alguém, galante e de comportamento pelo menos correto, que melhor noivo podiam meus pais desejar para a filha?

Eu própria que objeção sensata e aceitável poderia fazer-lhe?

Se me perguntarem o que eu era então, dir-lhes-ei que era uma pessoa muitíssimo diferente do que vocês são hoje, mas ainda mais diferente das raparigas minhas contemporâneas.

Por uma exceção singular tivera uma educação muito mais adiantada do que a educação que geralmente recebiam então as mulheres.

Um emigrado francês, que, não sei por quê, veio parar ao canto da província que habitávamos, foi convidado por meus pais para me ensinar um pouco do que sabia.

O francês era o tipo completo do que na sua classe e no seu país se chamava no século XVII *l'honnête homme*.

Sabia excelentemente não somente a sua língua, mas também a inglesa, pois habitara alguns anos a Inglaterra, conhecia a fundo a literatura dos dois países; sem ser um executante primoroso tinha conhecimentos musicais muito profundos; sem ser um sábio tinha conhecimentos gerais

muito distintos; sem ser um democrata, bebera na infância as ideias grandes, generosas, liberais com que a sua época enriquecera e transformara o mundo inteiro.

Afeiçoou-se a mim, mais do que é natural que um mestre desconhecido se afeiçoe a uma discípula nova.

Fez da criança inculta e ignorante, que eu era, uma filha de seu espírito, a flor ideal da sua velhice.

Ensinou-me tudo que sabia, e, na sua ingenuidade de velho sonhador, deixou-me ler todos os livros que tinha.

Levar-me-ia muito longe analisar a impressão que essa cultura excepcional e em completa discordância com o meio em que eu era chamada a viver operou no meu espírito. Mas só lhes quero fazer notar de passagem uma particularidade, que para mim foi importante.

Li com fria curiosidade o teatro de Molière, e com franca alegria as comédias de Beaumarchais; entusiasmarei-me algumas das belas tiradas enfáticas e cavalheirescas de Corneille; apreciei a discreta e harmoniosa beleza das tragédias de Racine, o escritor mais delicadamente cortês, de que há memória em todas as literaturas, o poeta que, mesmo quando falava em Tito ou em Ashaverus, nunca perdia de vista Luís XIV, e que morreu de mágoa no dia em que não sei que capricho do *astro-rei* retirou de sobre ele os seus raios benéficos.

A Seigné deu-me um agudo prazer de inteligência; Montaigne e Pascal ensinaram-me a pensar, e o primeiro, é força confessá-lo, ensinou-me também a *duvidar*, hábito que já agora há de morrer comigo. Shakespeare, que li em inglês, fez-me o efeito de uma floresta emaranhada, cheia de monstros e de aves cor de púrpura, cheia de flores e de venenos, cheia de árvores colossais e de inextricáveis liames. Apavorou-me muito mais do que me seduziu, embora às vezes, ao aparecimento das suas doces virgens luminosas, me seduzisse como ninguém.

Mas quando aos vinte anos eu li Rousseau, quando pela primeira vez na minha vida eu pude vibrar toda, ao contato de uma alma apaixonada e mórbida, supliciada pelo ardor de todas as paixões e quebrada pelo langor de todas as dúvidas, impotente para o bem, e em antagonismo com o mal, uma alma em que pela primeira vez se revelavam todas as angústias, todas as contradições dos tempos modernos, fez no meu espírito, até ali sereno e equilibrado, uma revolução cujos resultados deviam modificar para sempre o meu modo de ser interior.

Para vocês, habituadas à desordenada literatura deste século; para vocês que sabem o nome técnico de todas as coisas; que padecem de *nevrose* e de *anemia*; que pertencem a esta ou àquela

escola filosófica; que sabem, aos vinte anos, o que então não sabiam muitos velhos, chega a ser pasmoso, quase incrível, absurdo em todo o caso, que alguém possa sentir-se a este ponto influenciada pela leitura de um livro, pela revelação súbita de um artista ignorado!

Eu antes quero ainda assim os meus entusiasmos e as minhas admirações perturbadoras, que os vossos espíritos embotados e glaciais. Almas de velho em corpos de crianças pareceram-me sempre as mais tristes e as mais feias entre as feias e tristes monstruosidades modernas.

O caso, porém, é que a leitura de Rousseau foi a porta por onde penetrei numa região nova.

Pela primeira vez olhei em torno de mim, e achei, entre o mundo que me cercava e o que eu tinha cá dentro, uma relação profunda.

Os céus mudos tiveram para mim uma voz, a Natureza acariciadora e boa teve para o meu corpo de virgem, palpitante de forças misteriosas e de ignorada energia, afagos de mãe.

Associei o mundo exterior às minhas alegrias e às minhas penas, e pensei como a Julia do meu romanesco iniciador, que a felicidade era talvez um homem que eu amasse e que me entendesse, ou espírito que tivesse com o meu afinidades íntimas, um coração que vibrasse ao impulso das sensações que me faziam vibrar.

Creio que é isto que se chama ser romântica.

Como veem, fui profundamente, genuinamente romântica, povoei de figuras ideais a minha solidão, alumiei com a luz de astros desconhecidos o meu mundo interior.”

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 1, n. 55, p. 2, segunda-feira, 24/11/1884.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/218

6. O ROMANCE DA VISCONDESSA

(CONTINUAÇÃO.)

“IMAGINEM O QUE EU SENTIRIA ENTÃO PELO VISCONDE.

Não o detestava, tinha mesmo uma certa vaidade em saber que ele me preferia, a mais indiferente, quase glacial, às que tentavam em roda de nós conquistar-lhe as boas graças, mas a verdade é que a minha convicção muito íntima é que nunca esse homem me poderia vir a fazer feliz.

Ele ria-se das coisas que me faziam chorar, achava indícios de doença perigosa as mais finas e delicadas suscetibilidades da minha alma.

Tinha músculos e eu tinha nervos; tinha necessidades e eu tinha aspirações. Vivia na realidade e eu vivia no sonho.

Não que eu não fosse capaz de compreender e de aceitar as ásperas realidades da vida, não que eu não tivesse a sede austera de todas as abnegações, e a concepção de todas as intrepidezes morais, mas porque os elementos que me cercavam, longe de desenvolverem em mim os impulsos generosos, tendiam a reconcentrá-los no íntimo do meu ser.

O contraste entre meu espírito e o do meu noivo era visível através do contraste que havia no nosso aspecto físico.

O visconde era como eu lhes descrevi, eu era... isto.”

E levantando-se, a viscondessa foi buscar à gaveta de um formoso contador antigo de pausanto torneado e lavrado, com fechaduras e chapas de metal, que eram positivamente prodigiosas, uma miniatura que nos mostrou.

Não sei bem se eram corretas as feições ali retratadas, sei simplesmente que não podia haver fisionomia mais doce, mais ideal, mais delicada e mais inteligente.

Os olhos azuis, grandes, sombreados de uma espessa franja recurvada e loira, tinham uma melancolia intraduzível de expressão e olhavam ao longe. O quê? Porventura algum belo sonho, um instante realizado, e logo desfeito em fumo.

Os cabelos cendrados, penteados à moda dos marqueses gentis do século XVIII mas sem os pós que os desfeavam tanto, tinham na pintura uns toques de luz, uma como que fluidez maravilhosa. A boca rasgada e rubra, de lábios levemente desdenhosos, devia ter sabido exprimir

os êxtases da paixão feliz, os dilaceramentos pungitivos do amor traído, a ironia penetrante e benévola dos entendimentos superiores.

Era um encanto aquele retrato de mulher!

A viscondessa gostou imenso de nossa homenagem de admiração, tão difícil é à mulher o despir-se absolutamente de todos os restos de vaidade. Tinha vaidade do nosso espanto, coitada! Como se o nosso espanto não significasse um golpe tremendo em todas as suas vaidades mal extintas!

“Que adorável criatura, e que adorável artista o que a soube assim eternizar!”, exclamei eu que, na minha qualidade de *bas-bleu* principiante, me achava autorizada a fazer crítica de arte.

“Não era um *artista*”, redarguiu a viscondessa, que dera a este epíteto a interpretação especial que lhe dariam todas as senhoras da sua idade e da sua hierarquia.

“Era um curioso apenas”, continuou. “Entre as pessoas que frequentavam a nossa casa, havia, à distância de uma légua talvez, uma família que mantinha com a nossa relações estreitas. O filho segundo desta casa, depois de formado em Coimbra, aproveitara-se da pequena herança de um tio para fazer pela Europa uma larga viagem. Como ele fora educado em casa do tio, que o fizera herdeiro do pouco que possuía, nunca, apesar de vizinhos, eu o tinha visto, sendo eu muito pequena.

As irmãs mesmo, à força de me falarem continuamente neste irmão, tinham conseguido torná-lo quase ridículo, como sucede a toda e qualquer pessoa que tem a má sorte de ser admirada pelos medíocres ou pelos parvos.

Era-me impossível pensar sem me sorrir no ‘mano Pedro’, cuja chegada foi para os nossos vizinhos um acontecimento inteiramente memorável.

Desconfio que as irmãs, auxiliadas pelo capelão, lhe fizeram uma ode quando ele chegou.

O certo em todo o caso é que a família deu um jantar a que nós fomos todos convidados, e onde se pôde ver pela primeira vez o tão falado ausente.

O visconde tinha vindo para Lisboa tratar de uma causa importante que trazia nos tribunais da capital.

Naquele tempo nenhum fidalgo que se respeitasse deixava de ter uma demanda. Fidalgo sem demanda era tão ridículo e tão incompleto como um galo sem crista.

Estava, porém, decidido que na volta teria lugar o nosso casamento. As grandes arcas cheias de roupa de linho bordada e perfumada de alfazema tinham já sido postas a saque por minha mãe,

para comporem o meu opulento enxoval; ninguém me chamava senão a noiva do visconde: eu própria pensava serena e resignada no meu casamento tão próximo.

Apesar disso, ou antes por causa disso, ninguém se lembrou de pôr qualquer dúvida a que o nosso vizinho fosse recebido lá em casa com a hospitalidade antiga, que ali havia para todos.”

“Conte-nos lá como era o seu vizinho, descreva-o, como nos descreveu o seu noivo,” pediu uma de nós.

“Não sei, quase que ainda hoje acho que seria uma profanação do que eu senti, tentar descrevê-lo como ele era. O que lhes posso afirmar é que dava ideia de tudo, menos de um trovador de *keepsake*, de uma figura poética de álbum pitoresco.

Era viril e delicado, valente até à loucura e brando até à feminilidade. Altamente cultivado, tendo visto e conhecido muito, tendo noções gerais de todas as coisas, mas apaixonado de arte, pintor e músico como eu até ali não conhecera ninguém.

Vocês podem lá imaginar como eu gostei daquele rapaz!

Não foi um destes afetos banais que nascem, vivem e morrem num baile, numa sala, num teatro, na atmosfera viciada duma sociedade alegre e frívola, mais ocupada de gozos materiais que de sentimento.

Foi no meio das árvores, foi debaixo dos céus, foi com o acompanhamento carinhoso dessa orquestra colossal, que é a natureza, que nos conhecemos mutuamente, sem que nunca trocássemos uma declaração de romance, sem que nunca disséssemos uma palavra indiscreta, sem que nunca nos olhássemos, senão como podem olhar-se dois irmãos.

Hoje mesmo, é só pela intuição maravilhosa e sobrenatural que Deus dá aos organismos completos, que eu posso dizer que fui ardentemente e sinceramente amada.

Não que ele mo dissesse nunca.

Era muito leal para, sabendo-me noiva de outro, me falar do seu amor, e eu era muito altiva para, estando já presa, aceitar-lhe a expressão de um afeto vedado a ambos.

Mas quem tem poder sobre as almas? Só Aquele que diz que às ondas ‘não vão para diante!’ pode dizer às ondas impetuosas do nosso íntimo oceano que se acalmem e que adormeçam ao doce luar da resignação ou da saudade!

Ninguém mais tem esse império supremo sobre o invisível.

Era na primavera quando eu o conheci; Deus que me quis dar a inefável revelação da felicidade que às vezes num momento efêmero é dado à criatura humana conceber, permitiu que

fosse com esse período do ano que se harmonizasse o período da minha vida mais doce, mais feliz, mais impregnado de vívido e risonho encanto.

A nossa quinta ficava meia légua longe de todo o povoado.

Uma solidão profunda, uma vegetação exuberante de vida, um acidentado de terreno que nos proporcionava a cada instante as mais deliciosas surpresas, consoante as horas do dia, os afagos mais ou menos ardentes do sol, os aspectos mais ou menos iluminados da paisagem.

A superioridade da nossa comum educação, o meu gosto e desejo de praticar as línguas que ambos sabíamos, explicava tão bem a nossa simpatia, que nem nós percebíamos que ela podia dar nas vistas, nem as pessoas que nos cercavam a tomavam a mal.

Durante cinco meses, eu e Pedro de...”

“De quê?” perguntei eu curiosa, ao ver que ela hesitava.

“Não digo”, volveu sorrindo-se a viscondessa. “Se vocês o encontrassem aí qualquer dia, velho, alquebrado, jogando o *whist* e dormitando às vezes a um canto da sala, enquanto as netas dançam, riam-se do idílio da minha mocidade, que nem sei bem por que lhes estou aqui contando.

Basta que saibam que ele exerceu altos cargos, foi um diplomata muito notável, foi um dos pares do Reino mais rasgadamente liberais, e mais inteligentemente progressistas que figuram na nossa história... *constitucional*, sublinhou com malícia.

Durante cinco meses, eu e ele, sob o olhar inexperiente e bom da minha santa mãe, e sob o olhar talvez voluntariamente indulgente do meu velho preceptor, esgotamos as delícias intelectuais que bastariam a uma existência inteira.

Na convivência de um homem a todos os respeitos superior, eu tive pela primeira vez na minha vida orgulho de mim mesma, eu adquiri a consciência do meu próprio valor. Aprendi então verdadeiramente a sentir a música, a gostar das árvores, das flores, dos aspectos ainda os mais rústicos e humildes da natureza, vendo e *sabendo ver* através das coisas visíveis a alma que as animava. Aprendi — e não me julguem frívola ao dizer-lhes isto — aprendi a vestir-me bem, percebendo que essa arte — tão importante para nós mulheres, não consiste na riqueza ou raridade dos estofos, nem na fidelidade abjeta às modas de momento, mas na harmonia das cores, na concordância dos tons, na gradação dos cambiantes, na ondulação serpentina das linhas, na graça indefinível dos toques.

Aprendi a ser bela, porque o não era até ali.

A beleza de uma mulher é muitas vezes obra da natureza, e então a mulher não tem mais que sujeitar-se passivamente, estupidamente, ao seu destino de formoso animal, mas também é, não raro, o resultado de uma vontade inteligente, assimiladora e tenaz, e nesse caso torna-se uma obra-prima de arte como a Vênus de Milo ou como a Joconda.

É necessário que se convençam, minhas filhas, que a formosura feminina, sobretudo neste século de vibrante intelectualidade, consiste muito menos na correção aprimorada das feições que na expressão delas, e mesmo a mulher inteligente não só corrige os seus defeitos naturais, como os aproveita transformando-os em outras tantas belezas.

A maior parte das invenções verdadeiramente geniais, feitas no gênero vestuário e no gênero penteado, devem-se, não à formosura das mulheres de talento — poucas mulheres de talento são corretamente formosas — mas às suas imperfeições físicas e ao engenho com que elas os sabem ocultar ou transformar.

Além disso, se eu vivia inteiramente ocupada de ideias harmoniosas e delicadas, se o meu espírito se alimentava de tudo que há mais belo na arte e no pensamento, se eu queria constantemente aperfeiçoar o meu próprio ser, ser boa, fazer feliz os que me cercavam, como é que o corpo que servia de invólucro a esta alma, um monumento primoroso, podia ser desgracioso e feio?

Como já disse, nunca entre nós houvera uma explicação.

Eu sabia que a sua carreira o levava em breve para longe de nós, ele sabia que eu tinha de casar com outro homem.

Somente eu nunca aludia a sua partida, e ele nunca aludia ao meu casamento.

Às vezes, acompanhados por meu pai, passeávamos a cavalo.

Eu tinha um cavalo preto, inteligente, manso, finíssimo, uma estampa!

Os que me viram nesse tempo a cavalo, posso hoje dizê-lo sem medo de que me chamem vaidosa, tal é o triste privilégio da velhice, falavam de mim como de uma visão inolvidável de fina graça intrépida, e de elegância franzina e senhoril.

Por muito tempo, depois, me lembrei daqueles passeios, como das horas em que atingi à soma máxima de felicidade que é dado a um ente humano conhecer.

Íamos a passo pelas longas alamedas zebradas de luz, ou pelas estradas largamente inundadas pela claridade da manhã; os pássaros cantavam ao longe ou fugiam de ramo em ramo à nossa aproximação; a aragem matutina sacudia sobre mim as gotas frescas de orvalho, que se dependuravam cristalinas e cintilantes da folhagem do arvoredo, as colinas, que limitavam o

O ROMANCE DA VISCONDESSA

horizonte, desdobravam ao fundo as suas curvas suaves, aqui e ali esmaltadas de todos os cambiantes do verde, desde o verde esmeraldino do pinheiro manso até ao verde cinzento e melancólico da oliveira, e uma grande alegria fortificante e serena caía dos altos céus luminosos sobre a minha alma!

Era a alegria de viver, de ser moça, de ser amada, de sentir realizado o meu sonho audaz de ventura!

Passou assim a primavera, passou o verão; começava o outono a amarelecer os choupos e os álamos, destacando-os como grandes ramalhetes cor de ouro no fundo ainda verde da paisagem já penetrada de um tom de inefável tristeza.

O visconde, que vencera enfim a sua demanda de Lisboa, voltava à província, mais bem disposto, mais alegre, mais triunfante do que nunca.”

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 1, n. 58, p. 2, quinta-feira, 27/11/1884.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/230

7. O ROMANCE DA VISCONDESSA

(CONCLUSÃO.)

“ESTÁVAMOS TODOS EM VOLTA DA MESA DE SERÃO. Eu, minha mãe, meu pai, o meu mestre, que ficara sendo um hóspede permanente da nossa casa, mais duas ou três pessoas daquelas proximidades e... ele.

Pedro tinha executado ao piano uma sonata de Beethoven, então inteiramente desconhecida em Portugal, e a música causara-me esta impressão estranha e forte, que a beleza absoluta exerce nos organismos perfeitos ou aperfeiçoados pela ação de um sentimento superior.

Os últimos ecos do piano tinham morrido na sala, mas não na minha alma, onde pareciam repercutir-se ainda em longas cadências harmoniosas e austeramente melancólicas.

Estava calada, e creio que me seria impossível nesse momento pronunciar uma só palavra. Sentia-me bem, num mundo mais alto que esse mundo em que habitavam todos os outros, num mundo em que só nós dois tínhamos o direito e a faculdade de viver.

Perdera a noção real das coisas e do tempo, parecia-me — estranha quimera! — que a vida era aquilo: ouvir uma música divina, interpretada por um ser que eu amava inteiramente, a quem a minha alma pertencia, a quem havia de pertencer pela eternidade... luminosa... insondável...

Nisto sentiu-se no pátio um tal movimento e um tal tropel, que todos a um tempo exclamaram: quem será?

No estado de quase sonambulismo em que eu estava, prodigiosamente lúcido, sobrenatural, bastou aquele segundo, para que eu percebesse tudo.

Era o visconde que chegava a cavalo, acompanhado de um ou mais criados. Era o meu noivo, era o meu casamento.

Instintivamente olhei para Pedro, e li-lho no olhar, que também se cravara ávido no meu, uma angústia intensa, dilacerante, maior do que pode exprimir-se em palavras de homem.

Por quê? Pois ele não sabia que eu estava para casar? Quem é que em torno de nós o ignorava? Por que desvario mórbido o tínhamos nós esquecido?

A verdade é que nesse momento deu-se em mim um fenômeno singular.

Foi como que o acordar súbito de um sonho. Tudo que passara na minha vida inteira durante essa primavera deliciosa, durante esse verão tão fecundo de alegrias, era o sonho.

O despertar chegava agora.

Fizeram-se as apresentações do estilo, o visconde foi recebido com a mais alegre cordialidade, mas não me lembro se tive coragem para falar muito.

Sei que o meu primeiro sentimento, mais instinto do que raciocínio, decerto, foi o inexplicável terror de um conflito entre os dois homens.

O visconde, porém, não permitiu que esse pavor absorvente e doloroso tomasse vulto no meu espírito. A sua maneira de tratar Pedro foi particularmente distinta, como se o considerasse naturalmente um amigo seu, pois que eu lhe dera a honra de o considerar meu.

Mostrou-lhe que soubera da sua chegada, que estava perfeitamente informado das amigáveis relações que entre ele e a minha família se tinham estabelecido e que o seu maior sentimento era ter perdido tanto tempo de uma intimidade tão agradável.”

“Sei que é bom caçador, atirador excelente! Havemos de desforrar-nos do tempo perdido, dizia-lhe com alegre familiaridade. E pedia-lhe informações acerca de assuntos de caça e picaria, que Pedro conhecera lá por fora, como decerto competia a todo o bom fidalgo provinciano.

Realmente não se podia ser mais jovialmente amável!”

“E como é que o outro aceitava essas expressões e lhes correspondia?”

“Não posso deixar de concordar que de um modo deplorável. O visconde parecia perfeitamente à sua vontade, pisando um terreno conhecido, com uma graça e uma serenidade inalteráveis. O pobre Pedro, tão bom conversador, tão perfeito homem do mundo, tendo sobre o visconde todas as superioridades intelectuais, parecia completamente esmagado por ele. Nem graça, nem ironia, nem amabilidade! Um perfeito selvagem!

Oh!, supremo gozo do amor-próprio feminil! ver o ciúme paralisar completamente o espírito grande e luminoso de um homem admirado. Há dois triunfos que toda a mulher aprecia profundamente: é quando a sua influência aguça uma inteligência medíocre, ou obscurece completamente um entendimento notável. Eu naquele momento porém estava bem pouco apta para gozar da minha triste vitória.

Tudo tem fim neste mundo, mesmo um serão de família, em que pelo menos três pessoas se acham sobre brasas.

Quando o rancho se dispersou, eu, minha mãe e o visconde ficamos na sala.

Ele, com a familiaridade de primo e de noivo, pegou-me na mão e levou-me para junto da janela.

Depois de olhar para mim uns minutos de um modo que me era verdadeiramente insuportável, o meu noivo tirou da algibeira um papel e mostrou-mo.”

“Sabes o que isto é, Maria?” perguntou.

“Não. Como hei de eu saber o que isso é”, respondi, quase impaciente.

“É uma carta anônima, em que uma alma caridosa qualquer me fala deste e do nosso vizinho Pedro de... contando-me os vossos passeios a cavalo e a pé, os vossos duetos ao piano etc., e tirando desses fatos insignificantes umas conclusões mentirosas.”

“Eu levantei a cabeça, olhei para meu primo. Achava no que ele dizia uma contradição flagrante com o tom de suas palavras. Se ele me restituísse a palavra dada, se ele me libertasse da cadeia que me prendia... Meu pai talvez me metesse num convento. Naquele instante eu preferia o convento ao anel de núpcias. Modos de ver as coisas!

O visconde não me deu tempo a dizer uma palavra. Continuou rapidamente.”

“Escuso de te dizer que não acredito em nada disto. Conheço-te perfeitamente. Sei que as mulheres da tua raça não mentem. Às vezes ria-me das tuas exagerações *quixotescas*, do teu escrúpulo em tudo que era mentir ou enganar outra pessoa, mesmo em uma coisa frívola, em uma brincadeira, por exemplo. Agora abençoo essas tuas suscetibilidades puríssimas, que te salvam, aos meus olhos, da mais leve suspeita. Saber que gosto de ti, quanto posso e quanto sei; se depois de me seres dada por teus pais, houvesse um homem que atravessasse entre nós, eu mataria esse homem, como mato um lobo ou um javardo.”

“E dizendo isto, nos olhos dele brilhou, como num fugaz relâmpago, toda a ferocidade do caçador montanhês.”

“Mas percebo perfeitamente”, continuou respondendo a um gesto aflito que eu não contive, que não é necessário pensar nessa solução trágica. “Se tu tivesses deixado de gostar de mim, és muito digna para mo esconderes. Enquanto consentes que o mundo te julgue minha noiva, enquanto eu te considero assim, sei que eras incapaz de olhar para um homem. Conheço-te, e não duvido de ti, minha cabecinha heroica e doida, pura como o ouro de lei.”

“Não sei o que eu disse, não sei o que tencionei fazer, não sei o que ele acreditou de mim. Desde esse dia, os acontecimentos todos da minha vida passaram diante dos meus olhos em uma espécie de dança vertiginosa, e que eu assistia espavorida, mas quase que estranha.

Revoltar-me, como? e com quem? Não tinha em torno de mim um único auxiliar, e punha a minha dignidade de mulher muito alto, para que me lembrasse de solicitar de Pedro uma cumplicidade na desobediência que lhe não autorizara com uma palavra sequer. Pois não sabia eu que meu destino tinha de ser aquele? Quem me tentara a acolher dentro do meu coração a planta vigorosa e tenaz, cujas raízes me tinham penetrado toda, e que já agora eu só podia arrancar com a própria vida!

Que horas de desespero que eu passei a imaginar alguma coisa que pudesse furtar-me ao cruel destino de ser mulher de um homem que naqueles dias me era quase odioso!

Mas o meu silêncio autorizava a acreditar na minha obediência. Ninguém duvidava dela.

Os fatos na sua medonha realidade foram estes: oito dias depois da chegada do visconde, Pedro de... despedia-se de nós, sem que uma palavra ou um gesto seu traissem a grande saudade que levava na alma! Um mês depois a capela do nosso palácio paramentava-se de festa e eu era mulher do homem com quem passei trinta anos de minha vida.

Nesses dias que mediaram entre as palavras que o visconde me dissera à janela e o meu casamento, forjei mil planos, dos quais não realizei nenhum.

Depois, aquela ameaça do visconde, tão vibrante de sinceridade, ecoava-me constantemente nos ouvidos. A ideia de um conflito supremo entre os dois homens, o desgosto de minha mãe, a cólera de meu pai, a incerteza com que o teimoso silêncio de Pedro enfraqueceu a minha energia, tudo enfim paralisou em mim a resolução e a coragem.

Conservei-me em uma agonia muda e passiva de animal bravio agrilhado.

O visconde (soube-o depois) tinha falado com meus pais, e atribuindo à inadvertência destes o resultado que ele adivinhara, pediu-lhes que ao menos não agravassem a situação, que me deixassem livre, que me não tomassem contas do meu aspecto espavorido.

O visconde em Lisboa tinha aprendido, como veem, a mais difícil e intrincada diplomacia.

Pedro veio ver-nos antes de partir, três ou quatro vezes. Achou-me sempre cercada pelos meus.

Ele apresentava-se grave, correto, revelando apenas às vezes, na flama momentânea do olhar, a impetuosa revolta que bramava em todo o seu ser.

Se nos tivéssemos explicado nessa ocasião, quem sabe a irremediável loucura que faríamos!

Éramos ambos pobres. Os pais do meu tempo não brincavam com os filhos desobedientes. A miséria mataria mais tarde o nosso amor, não me deixando sequer nem esta recordação, que foi tanto tempo na minha vida uma flor murcha. Ele não poderia ter sido a eminente personalidade que foi, auxiliado por uma aliança nobilíssima, e por uma grande fortuna.

Melhor foi assim.

Lembro-me que era em uma tarde de outubro, muito doce e muito triste, que eu lhe disse adeus.

Adeus, diziam também lá fora as folhas, despedando-se uma a uma dos troncos entristecidos!

Assim como nós, a natureza, envolvida na imensa e desolada melancolia do outono, despedia-se de tudo que fora a graça de sua mocidade, o perfume das suas flores, a música dos seus ninhos.

Por mais que o tentasse, não me foi possível pronunciar uma palavra única. Os nossos olhos, encontrando-se, beijaram-se num êxtase inefavelmente doloroso, e eu e ele compreendemos ao mesmo tempo que nunca mais tornaríamos a conhecer na vida, fosse qual fosse o futuro que ela nos desse, um momento tão dilacerante e tão querido como aquele.

Ele partiu pois, e eu casei-me.

O visconde levou-me a Paris, a Londres, e fez-me percorrer a Itália toda. Foi generoso e bom para mim, e mais positivo do que eu era, compreendeu que ninguém chora eternamente uma quimera impalpável, adivinhou o meio de conquistar primeiro a minha gratidão, e depois o meu afeto.

À dor intensa e revoltosa dos primeiros dias, dor muda e selvagem, que me transfigurara, fez bem a diversão violenta de uma viagem. Pouco a pouco o meu espírito cultivado pela educação, o meu sentimento artístico desenvolvido pela excessiva sensibilidade que o sofrimento me dera, começaram a interessar-se com o espetáculo variado e grandioso que se me ia desdobrando diante da vista; e um dia, com medonho espanto meu, com indignação sincera, com pasmo envergonhado, percebi... que não era tão infeliz!

Casada com Pedro, tendo levado para esse casamento o ideal de perfeita ventura que ele me fizera conceber, é provável que ao cair na realidade eu fosse muito desgraçada.

Casada com o visconde, tive a sorte que têm quase todas as mulheres, as que são felizes!

Conheci a vida pelos seus deveres, pelos seus sacrifícios, pelas suas raras e incompletas e sempre amarguradas alegrias. Aprendi a considerar a satisfação íntima da consciência, como uma felicidade superior a todos os gozos efêmeros, que as paixões deste mundo me poderiam ter dado.

Os filhos, que adorei com todo o ardor indômito do meu coração, com todas as energias comprimidas da minha alma, compensaram-me amplamente; não no amor que me tiveram, mas no amor que eu lhes tive, de tudo o que eu sonhei e que não pude realizar.

As infidelidades, mais ou menos elegantes, mais ou menos mundanas que o visconde me fez, encontraram-me resignada. Vingava-me às vezes mortificando-o com uma ironia. Ele beijava-me as mãos, chamando-me *a sua santa* e ria como um perdido. Gostava muito de mim, a seu modo, e muita vez me confessou depois que, ao imaginar que eu já não casava com ele, pensou em se matar.

Não se matou, fez mais do que isso.

Mostrou um talento diplomático de que eu o julgava incapaz, para me prender na rede conjugal.

Quando o perdi chorei muito. Foi o melhor amigo que tive neste mundo, e é-me doce a ideia da eternidade, porque desejo encontrá-lo ainda no céu.

Os filhos casaram-se, bateram as asas para outro ninho; são felizes da meia felicidade que é possível na terra, e não sonharam como eu, porque na educação que lhes dei, procurei furtá-los aos traiçoeiros afagos da quimera!

Eu estou outra vez só, sinto descer sobre mim uma doce noite cheia de estrelas, que não me apavora nem me faz tremer.

Recordo-me suavemente do passado, e não tenho revolta de espécie alguma contra o destino. Agradeço-lhe o ter-me dado algumas horas boas. Já não é pouco.”

“E nunca mais viu o Pedro da sua mocidade?” perguntei eu.

“Vi sim. Vi-o casado, pai, feliz talvez. Imagino que ele se lembra como eu me lembro, e estima como eu estimo que o nosso idílio primaveril não tivesse outono.

Ambos pensamos decerto em morrer de dor e ambos nos consolamos suavemente sem darmos por isso.

É assim a vida, e porque é assim, é que a devemos abençoar. Seres incompletos, não temos direito nem à perfeição absoluta, nem à infinita duração dos sentimentos.

A ambos nos ficou talvez a saudade indefinível de um bem que não gozamos. Ficamos porventura mais difíceis de contentar e também mais indulgentes, pedindo muito menos à vida, desde que sabíamos que nunca mais ela nos poderia dar aquilo que em uma hora de pródiga bondade nos tinha prometido.”

A viscondessa calou-se, e fixou com um gesto de cabeça cansado o lume do fogão.

“Não é bom revolver as cinzas!” murmurou mansamente, vendo que uma de nós ia pegar na tenaz de ferro, para revolver o brasido quase extinto.

Desde o dia em que a minha velha amiga, que já morreu, me contou este episódio da sua história, fiquei, não sei por quê, gostando mais dela do que até ali.

Não foi decerto porque eu concordasse com a sua opinião acerca das dores humanas e dos humanos sentimentos, eu que muitas vezes repito a mim mesma esta frase melancólica e profunda do grande Balzac: *Rien ne nous console de la perte de ce qui nous a paru infini!*

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, outubro de 1884.

O Paiz, ano 1, n. 64, p. 2, quarta-feira, 3/12/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/254

8. CARTAS A LUIZA II

SABES QUEM É THÉODORE DE BANVILLE? Sabes decerto, o que me não priva a mim do prazer de to explicar, na hipótese possível de que o não conheças.

É um dos primeiros poetas líricos da França moderna, um dos mais hábeis buriladores da poesia *parnasiana* e — o que para mim particularmente o singulariza — é o espírito mais paradoxal que eu ainda conheci.

Banville, que escreveu entre muitas outras coisas as *Odes funambulescas*, onde obrigou a língua francesa a verdadeiros prodígios de ginástica, a estupendos exercícios de equilíbrio e deslocação, tem o amor das rimas raras e das ideias extravagantes.

Não diz uma verdade que não pareça um paradoxo facetado e cintilante, nem diz um paradoxo que não pareça uma verdade engenhosa e originalmente formulada.

O seu estilo tem umas singularidades de construção que ninguém copia nem imita.

Inspira-o sobretudo o sagrado horror do banal.

Dizer o que quase todos têm dito, desde que o mundo é mundo, causa-lhe crispações violentas de nervos; ora hoje as únicas novidades possíveis em assuntos literários são as novidades da forma. Tudo está mais ou menos dito; a diferença vem quase toda do modo por que se diz.

É possível que nunca se tenha penetrado tão profundamente, como neste século, nos escaninhos mais íntimos e mais escusos do organismo humano; é possível que nunca a análise psicológica fosse um instrumento tão delicado e sutil, no entanto não foram sempre as mesmas as paixões da humanidade.

Não é invariável a tela onde poetas, moralistas e filósofos bordam as suas fantasias ou os seus sistemas individuais.

O amor, o ciúme, a ambição, a cobiça, o ódio não mudaram. Varia apenas o modo por que se sentem, e por consequência o modo por que se exprimem.

Hoje regradada e convencional, amanhã emaranhada como uma floresta dos trópicos, logo positiva e científica como um problema algébrico, a forma varia — Proteu infatigável e feiticeiro — o fundo, valha a verdade, não tem variado muito.

É isto provavelmente o que Banville compreendeu com amargura; daqui lhe proveio o desejo violento e perseverante de dar ao seu espírito um molde inimitável e único.

Conseguiu-o como ninguém, o que o não priva todavia de ser muitas vezes, por assim dizer, monótono na extravagância.

No outro dia Banville declarava em uma das suas crônicas, brilhantemente paradoxais, uma coisa que te vai espantar imenso.

“É que, na época que estamos presentemente atravessando, não há ninguém verdadeiramente rico, a não ser os pobres!”

“Mas o homem enlouqueceu!...” exclamas tu decerto.

Não endoideceu tal. O homem tem toda a razão.

É tão complexo e estranho este nosso mundo em que hoje vivemos, que à superfície dele começam agora a aparecer contradições que são o desespero do analista e do crítico consciencioso.

Dantes tudo era bem mais simples. Os pobres eram pobres e os ricos eram ricos.

Agora são os ricos que empobreceram e os pobres que podem gabar-se de ter algum sossego de espírito em matérias econômicas.

Em primeiro lugar definamos o que é ser rico. É ter mais do que baste para satisfazer *todas* as nossas necessidades materiais e intelectuais.

Ora, à proporção que a civilização nos requinta o gosto, nos exalta a sensibilidade, nos exacerba a imaginação, nos esmalta de sonhos artísticos a fantasia, as nossas necessidades vão crescendo, vão multiplicando, vão tomando aspectos verdadeiramente prodigiosos. Para a mãe dos Gracos a necessidade impreterível resumia-se no linho que ela fiasse na roca, para Cleópatra, nas pérolas que pudesse beber dissolvidas.

Para os filhos deste século, todos mais ou menos doentes do cérebro, frutos maravilhosos mas artificialmente amadurecidos de uma civilização desequilibrada, de uma civilização decadente, quem é que pode dizer onde acaba o necessário e onde começa o supérfluo?

O supérfluo, para certas criaturas em que a sensibilidade atávica se complicou com os requintes de uma educação voluptuosamente delicada, é, muitas vezes, tão indispensável como o necessário.

Há mulheres que podem viver quase que sem comer e sem dormir, mas que não podem viver sem flores raras; sem perfumes excitantes; sem pedrarias deslumbradoras; sem quadros de mestres; sem música de Beethoven ou de Chopin; sem um coupê de oito molas flexuosas e macias, onde passeiam *bocejando a vida*, embaladas por um doce ritmo calmante; sem uma viagem por ano

que as arranque à teimosa mania do suicídio, ao doloroso *spleen* aniquilador de todas as faculdades e de todas as energias sentimentais.

As superioridades que o vulgo inveja pagam-se e expiam-se cruelmente.

Que pior expiação dos desejos satisfeitos, que a insaciabilidade dos desejos?

Que pior castigo ao bem de possuir tudo, que o ódio a tudo que se possui?

O tédio, esse *monstro delicado* de que fala Baudelaire, companheiro inseparável dos que podem aspirar à realização de todos os gozos terrestres, faz de cada um desses gozos realizados a mais trágica e dolorosa das bancarrotas!

Aqui está por que, dado o grau de condensação intelectual em que nos achamos, a riqueza se vai tornando uma quimera impossível... para os ricos.

O dinheiro só por si está claro que de nada serve. De que utilidade seria para Robinson, quando foi dar consigo na ilha deserta, um milhão em boas libras esterlinas?

De nenhuma.

O desgraçado, em dois dias de fome, de frio, de desamparo, morria desesperado ao pé do seu inútil monte de ouro.

O dinheiro não tem existência real, senão quando se traduz em satisfações de qualquer ordem para quem o possui.

Ora, que dinheiro pode haver que satisfaça, por exemplo, um artista moderno?

E todos os pseudorricos — exceto os incuravelmente estúpidos — adquirem logo, no uso e no abuso de todos os requintes da nossa civilização, uma sensibilidade mórbida de artistas, uma insaciabilidade dolorosa, que os morde incessantemente. Os que nós chamamos saciados são sempre insaciáveis.

Deixam eles porventura de aspirar ao desconhecido, depois de ganharem tédio a tudo que conhecem? Não decerto.

O rico é de sua natureza insaciável e, portanto, pobríssimo.

Para ele a formosura toma o aspecto de hediondez, os estofos maravilhosos, que a fantasia dos antigos ou que a indústria dos modernos tem criado, afiguram-se depois de dois dias de posse miseráveis farrapos, as pedrarias que possuem são desdenhadas pelas pedrarias imaginárias que anseiam possuir, o sítio do mundo onde estão parece-lhes o único sítio abominável que o mundo tem, as mulheres que os amam são imediatamente as mulheres que eles odeiam; se repousam em um palácio de Florença sob os beijos cariciosos da mais pura luz, ao alcance de todas as maravilhas

da arte clássica, tendo para alimento e encantamento do olhar as harmonias mais completas da linha e da cor, desejam um palácio na Escócia, entre verdadeiros selvagens e alcantis ignorados na braveza indomável e sombria da natureza inculta, se vivem no vortilhão fantástico da vida de Paris, sonham uma cela austera em um mosteiro da Península, onde soem ainda pelos longos corredores claustrais as lúgubres vibrações desoladas dos salmos da penitência.

Mesmo os que não possuem nesta intensidade aguda a faculdade de imaginário irrealizável, criam gradualmente necessidades tão violentamente exigentes e despóticas como as mais rudimentares necessidades da vida animal, e não conseguem nunca equilibrar os rendimentos que possuem com as despesas que fazem. Daqui *déficit*, quer dizer pobreza.

Isto faz com que o dinheiro, esta divindade moderna, terrível, sanguinária, criminosa e cruel como as divindades sinistras do culto hindustânico, é hoje quem predomina absolutamente em uma sociedade em que altos interesses morais e intelectuais deviam dominar.

E essa divindade exige sacrifícios cruentos, e de todos os lados há fanáticos e *fanáticas*, que lhe levam uns a vida, outros a felicidade, outros a honra e a consciência.

Isto não é dizer que eu odeio o dinheiro, e o luxo que ele alimenta e reproduz.

Se o dissesse, seria um crime de lesa-filosofia e de lesa-história.

Condeno, porém, e com todas as forças da minha consciência, os desvarios a que ele obriga estes tristes enfermos atacados da terrível *nevrose do ouro*! essa moléstia dos nossos dias, que tanta vez termina pelo suicídio ou pelo aniquilamento completo do senso moral.

Balzac foi o primeiro escritor moderno que percebeu o papel supremo que o ouro ia representar neste mundo inteiramente reorganizado e refundido, mas que não conseguiu ainda funcionar regularmente, nem pôr em movimento harmônico as engrenagens excessivamente complicadas do seu maquinismo complexo.

E foi porque Balzac pressentiu tão vivamente com a sua fina sensibilidade de artista, que lhe dava quase a lucidez profética dos videntes, o alcance extraordinário que essa entidade social ia adquirir, que ele pode ser considerado um dos gênios mais possantes, um dos mais esplêndidos pintores da sua época.

Na sua obra colossal, *fresco* gigantesco, que lhe dá como criador *de almas* o mesmo papel que Michelangelo tem na história como criador de figuras humanas, o *ouro*, rio maravilhoso, de prismático brilho, de metálicos e fulvos cambiantes, de ondas feitas de luz, corre com ímpeto selvagem no leito que lhe fazem todas as nossas paixões.

Ambição, cobiça, apetites pantagruélicos, arte, elegância, amor, todas as formas de viver social, todas as expansões da animalidade ou da espiritualidade humana, ele tudo alimenta, tudo ilumina, tudo vivifica e robustece, tudo perverte e inunda, modifica e transforma; aqui aluvião terrível e indomada, ali fecundante elemento de renovação e de vigor.

O ouro é a mola oculta que faz mover todos os personagens tão reais, tão verdadeiros da *Comédia humana*.

Uns como Grandet e Gobseck, os usurários imortais, tão grandes como o tipo de Molière e mais modernos do que ele, querem o ouro pelo gozo sensual que a sua posse lhes dá; outros como o Barão Helot ou como Nucigen, querem-no para atirarem com ele à mulher que os fascina e entontece; Lucien de Rubempré deseja-o até ao crime para poder com ele esmagar a sociedade implacável que o esmagou, de Marsay para conquistar por meio dele as altas eminências políticas que o atraem.

Duquesas e cortesãs, qual das suas figuras femininas tão adoravelmente feiticeiras o não cobiça ardentemente?

E com o ouro como fator, como causa, como meio ou como alvo suspenso, se praticam nesse mundo fantástico que é tão real, que é tão vivo, que é tão poderosamente impregnado do sopro criador do gênio, atrocidades e loucuras, heroísmos e crimes, ciladas abjetas ou dedicações assombrosas!

E consolará porventura esse ouro tão cobiçado aqueles que o possuem?

Creio bem que não.

O equilíbrio entre os nossos desejos e o meio exterior que tem de os satisfazer, eis a única coisa a que um espírito sensato tem de aspirar neste mundo, que à proporção que se vai refinando, se vai fazendo tão triste!

O movimento científico do século, que é deveras maravilhoso, vai sendo acompanhado por um movimento verdadeiramente desolador dos espíritos cultos.

Assim como a ciência não para, não para nem descansa a ambição frenética do homem! E quanto mais se vão ampliando e desenvolvendo os meios de realizar essa ambição ilustrada, ardente, sonhadora até ao impossível, mais profunda vai sendo a convicção de que nada pode satisfazer a nossa eterna e ideal quimera, senão aquilo mesmo de que a ciência nos tem indo despojando dia a dia.

Daqui ao pessimismo de Schopenhauer a distância não é grande!

Às mulheres compete o cismar um pouco nas causas e nos efeitos deste estado particular tão desolador e tão funesto da alma moderna.

CARTAS A LUIZA II

Lembre-mo-nos que para além desses gozos que o dinheiro compra, e que o dinheiro por assim dizer vai criando continuamente, há os doces gozos que só a consciência do bem nos pode dar. Sejam os nós as musas conscientes e inspiradas de uma poesia cujos ecos se vão apagando lentamente no coração dos nossos maridos e dos nossos filhos.

Procuremos restabelecer o equilíbrio entre o que a imaginação deseja e a razão autoriza, ponhamos o homem de acordo com o seu meio, — eis o grande problema.

E mais tarde, quando esta crise aguda de *nervosismo* que atacou a nossa civilização tiver passado, muito nos agradecerão aqueles que souberem que à nossa influência moderadora se deve o alívio deste *détraquement* universal, que em tudo se manifesta desde a política até à literatura, desde a vida das sociedades até à dos indivíduos, desde os domínios do sentimento até aos domínios da Arte.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 18 de novembro de 1884.

O Paiz, ano 1, n. 83, p. 2, segunda-feira, 22/12/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/330

9. CONVERSAS LISBONENSES

As “miniaturas” de Gonçalves Crespo

FOI POR ESTES DIAS POSTA À VENDA NOS LIVREIROS DE LISBOA, e mandada em grande porção para o Brasil, a terceira edição deste livro, que é incontestavelmente uma das pérolas mais doces, mais preciosas, mais irisadas da moderna literatura portuguesa.

Um pendor irresistível leva-me hoje para este assunto, para mim a um tempo tão difícil e tão atraente.

Dir-se-á que não pode falar com justiça a respeito do poeta aquela que à sua memória querida está ligada por tão estreitos laços; mas, porque ele foi o companheiro da minha vida, o mestre e educador do meu espírito, o amigo inolvidável, cuja morte deixou órfãos os meus filhos, não terei eu direito para juntar a minha voz humilde às vozes que neste país em que eu nasci, e nesse império onde ele nasceu, o proclamam um dos mais delicados poetas modernos, um dos cinzeladores mais primorosos da poesia portuguesa, um *parnasiano* no bom sentido da palavra, quer dizer juntando como Coppée, mas em muito mais alto grau do que este, a suavidade, a melodia, a correção do metro, ao sentimento profundo, à compreensão clara e nítida de todos os segredos da Alma contemporânea?

Parece-me que seriam rigorosos demais os que tentassem coartar-me esse direito, e que fora deveras demasiada docilidade da minha parte o sujeitar-me a censores tão intransigentes e tão duros.

Demais, não escrevo eu exclusivamente para ser lida pelas mulheres? E onde é que está a mulher que me condene por indiscreta? Nenhuma, tenho certeza disso.

Gonçalves Crespo escreveu as *Miniaturas* e os *Noturnos*.

Foram os versos da sua mocidade, coligidos debaixo daquele título, que mo fizeram conhecer e admirar.

Os *Noturnos* pode bem dizer-se que foram escritos ao meu lado.

A obra do poeta tem, pois, para mim duas faces distintas, mas para julgar as *Miniaturas* sinto-me, por assim dizer, mais independente e mais livre.

Este livro foi a revelação primeira, a revelação súbita que eu tive, daquele que treze anos depois, quase que dia por dia, me expirava nos braços, pronunciando o meu nome, que a sua alma angélica, tão depurada pelo sofrimento, tão santificada pela resignação, enchia de bênçãos.

Foi em 1870 que as *Miniaturas* viram a luz pela primeira vez, revelando a Portugal todo e a todo o Brasil, que um poeta original, delicadíssimo, correto até à perfeição, que um artista de primeira plana, acabava de nascer para a nossa literatura.

Foi essa uma bela era da curta vida do poeta, ontem desconhecido, hoje aclamado com entusiasmo por todos os que tinham no espírito uma centelha de gosto e no coração um vislumbre de sensibilidade.

Sobre a banca de trabalho de todas as mulheres distintas, entre o cestinho do bordado e a jarra de violetas ou de rosas, achava-se então o gracioso volume das *Miniaturas*, e muita voz feminil, trêmula de comoção, e muita voz de artista, ébrio da beleza da forma, repetia com enlevo essa doce elegia adoravelmente sentida, que se chama “Alguém”, esse poema de inconsolada e vaga tristeza, que se intitula “Arrependida”, e a “Noiva”, e o ramo de saudades e de lírios entretecido sobre o túmulo de “Modesta”, e a esplêndida “Nera” e a escultural e voluptuosa “Sara”, e a inefável e consoladora “Transfiguração”.

Quantos aspectos do mesmo talento, quantas formas da mesma fantasia sedutora, quantas expansões da mesma sensibilidade fina, sutil, quase doentia, de refinada que era!

Muito longe do poeta, em um palácio meio arruinado, afastada de todo o convívio social, entre as verduras, as sombras, as carícias respiradoras da Natureza inculta, vivia então uma criança de alma ardente, de sonhadora fantasia, de indômito imaginar, visionária juvenil de que hoje – tais são as modificações que o tempo faz! – existe apenas, alterado ainda assim, pelos anos e pelas agonias, o corpo envelhecido, cuja mão escreve estas linhas.

Muitos têm contado essa história a que a Morte veio dar o seu trágico remate. Para que aludir a ela aqui? E que importam ao mundo as alegrias ou as lágrimas que não sentiu e não chorou!

A verdade é que hei de lembrar-me sempre, tão viva se me conserva no espírito essa impressão dominadora, do que eu senti ao folhear pela primeira vez as *Miniaturas*, livro de um poeta para mim inteiramente desconhecido, havia algumas horas apenas.

Pareceu-me que o tinha esperado havia muito e que ele chegara; que a minha aspiração indefinida e vaga se tinha realizado.

Mais contentamento que surpresa.

A doçura tranquila dos que alcançam a praia que tinham desejado em longos dias de navegação monótona.

*Por que tardaste tanto, ó poeta? Eu te esperava
Na minha solidão!*

faz ele dizer mais tarde a criança, que eu já fui, exprimindo assim na sua simplicidade tão artística o sentimento de confiante alegria que a minha alma experimentara ao conhecê-lo.

Pois bem; esse agudo prazer da inteligência completamente, absolutamente satisfeita, no gozo de uma determinada obra de arte, sinto-o eu hoje como no primeiro dia, ao ler as *Miniaturas*.

O talento de Gonçalves Crespo sofreu com a idade, com as mudanças que se deram no seu destino, com a ação tão complexa e tão profunda que a Vida exerce em todos nós, transformações importantes e progressivas; no entanto para mim e para muitos dos amigos mais diletos do poeta, a mais encantadora, a mais perfumada eflorescência do seu espírito raro, será sempre o seu livro juvenil.

Muito mais pessoal que os *Noturnos*, o livro das *Miniaturas* lança uma luz misteriosa e doce sobre a figura singular que foi Gonçalves Crespo.

Muito ao contrário do que geralmente sucede, este artista, tão nervoso e vibrátil, teve a primavera de vida nublada por todas as sombras, e o estio de que a Morte desfolhou as últimas rosas, iluminado por todas as doces e tranquilas alegrias, que a vida pode conceder àqueles que mais ama, e a quem mais cedo tenciona abandonar.

É por isso que os *Noturnos*, de uma beleza de forma arrebatadora, tocados às vezes por um largo sopro de epopeia, não têm a música dolente, tão lânguida, tão enternecida, tão acariciadora das almas tristes que vibra e se prolonga em longos ecos melancólicos nas páginas das *Miniaturas*.

Vejamos, por exemplo, “Alguém”, uma das peças que mais simpatias conquistaram ao nome do poeta:

*Para alguém sou o lírio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideais do Cristo;
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
E se na terra existe, é porque existo.*

*Esse alguém que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem meus amigos, é nenhum de vós!*

Quando alta noite me reclino e deito

CONVERSÇÕES LISBONENSES

*Melancólico, triste e fatigado,
Esse alguém abre as asas no meu leito
E o meu sono desliza perfumado.*

*Chovam bênçãos de Deus sobre a que chora
Por mim, além dos mares! Esse alguém
É de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, oh! minha mãe!...*

Nestas quatro estrofes está retratada uma alma, estão contadas as tristezas de um destino, que, mercê de Deus, se desanuviou mais tarde, mas no qual então se condensavam todas as melancolias inconsoláveis, todas as dúvidas sombrias, todas as amargas e silenciosas agonias da isolamento.

Nem a mulher que ele ama, nem os amigos que o cercam, lhe matam a sede de afetos que o devora e tortura; a mãe, a *doce velhinha*, essa está longe, essa chora além dos mares, essa nem o vê, nem o acaricia, nem dissolve ao fogo dos seus beijos os gelos da dúvida que tão cedo crestaram as flores da mocidade na alma de Gonçalves Crespo.

Nunca houve ninguém mais modesto, mais inconsciente do próprio valor, mais desconfiado de si mesmo, mais dolorosamente torturado pela ideia das suas imperfeições reais ou imaginárias.

Os requintados suplícios de que esta desconfiança foi origem, manifestam-se bem mais nas *Miniaturas* que no último volume do poeta; por isso nelas a nota pessoal é mais vibrante, a comoção, por mais sincera, é mais comunicativa.

Como documento psicológico, para auxiliar a crítica do poeta e do artista, as *Miniaturas* são de um valor incomparável.

A poesia de Gonçalves Crespo tinha origens complexas, que é mister analisar, para compreender completamente a beleza e a sinceridade palpitante da sua obra.

Nascido no Brasil, nesse clima ardente e lânguido, no seio dessa natureza exuberante que muito mais forte do que o homem se lhe impõe e o subjuga fatal e irresistivelmente, Gonçalves Crespo foi transplantado, pobre e delicada planta friorenta e mórbida, para uma região a que nunca se pôde aclimar bem.

Daqui a doçura nostálgica, a saudade soluçante, que parecem evoluir-se como um aroma capitoso das suas poesias brasileiras, tais como a “Sesta”, “Na roça”, a “Canção”, “Ao meio-dia”, e mais tarde nos “Noturnos”, os “Velhos negros”, etc. etc.

Tinha saudade – uma saudade que lhe estava no sangue, que era parte do seu temperamento, saudade que era um instinto contra o qual lutava em vão – de todos os esplêndidos aspectos com que os seus olhos, ao abrirem-se à luz, se tinham inconscientemente embriagado.

Um dia de agosto, tropicalmente quente, passado no campo, à sombra das árvores, dava-lhe uma excitação penetrante, envolvia-o em um banho de sensações voluptuosas. Sem mesmo dar por isso, era a lembrança tão viva e tão dominadora da pátria longínqua que produzia em todo o seu ser este efeito anormal.

Depois, de uma indolência atávica, que só por extraordinário e doloroso esforço era capaz de vencer temporariamente, enquanto as circunstâncias excepcionalmente favoráveis lhe não amenizaram a existência, ele viveu sempre em desacordo absoluto com o seu meio.

A luta pela vida, essa lei brutal das sociedades modernas, esmagava-o a ele, filho preguiçoso dos trópicos, artista quase feminino pela graça delicada e frágil do engenho, pela caprichosa sutileza da inspiração.

E digo muito de propósito *inspiração*, apesar da palavra andar proscrita dos modernos códigos artísticos.

Gonçalves Crespo trabalhava minuciosamente como o mais esmerado operário a fatura dos seus versos, mas necessitava dessa influência qualquer, superior e estranha, que pode vir ao artista do seu mundo íntimo ou do mundo que o rodeia, que pode ser determinada pelo estado especial dos seus nervos, ou que pode provir de mil causas externas e independentes da sua vontade.

Quando ele escreveu as *Miniaturas*, dando-nos nas confidências talvez involuntárias da sua alma a revelação de um artista adorável, duas grandes tristezas o oprimiam, tristezas que ele transformou em poesia, que será lida enquanto se falar e escrever português.

Eram-lhe hostis o meio físico e a atmosfera moral em que ele vivia.

Para se ser grande na arte é preciso, antes de tudo, ser sincero. Nunca ninguém logrou traduzir bem as dores que não sentiu.

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 18 de novembro de 1884.

O Paiz, ano 1, n. 91, p. 2, terça-feira, 30/12/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/362

10. CONVERSAS LISBONENSES

As “miniaturas” de Gonçalves Crespo

(CONCLUSÃO.)

BRUTALIDADES INCONSCIENTES DO DESTINO TINHAM FEITO DESTE MOÇO, de uma organização nervosa como a de uma mulher, acessível como os verdadeiros artistas à influência de todas as simpatias, gostando de agradar aos que tinham de viver perto dele, impressionável, desconfiado, sempre pronto a julgar-se com injusta severidade um estudante péssimo, um filho-família quase rebelde.

Queriam que ele, a livre fantasia graciosa e borboleteadora, se cingisse ao árido estudo da matemática; que ele, exigente, doido por tudo que era belo, elegante, fino e distinto, tivesse a economia calculadora e minuciosa de um caixeiro de mercearia.

Daqui as lutas de família, os descontentamentos do homem inteligente que se vê injustamente julgado, porque lhe pervertem as faculdades em vez de as aproveitarem.

Triste, isolado, sem afetos, descontente de si que não sabia sujeitar-se ao destino, e descontente com o destino que tão hostil era para ele, Gonçalves Crespo surpreendeu-se um dia a vazar no molde perfeito dos seus versos as melancolias intraduzíveis até ali do seu pobre coração triturado e desconhecido.

Teixeira de Queiroz, o consciencioso analista dos *Noivos*, o irônico observador do *Salustio Nogueira*, o pintor pitoresco e impressionista da *Comédia do Campo* escreve nesta terceira edição das *Miniaturas* um prólogo admirável, um prólogo, por assim dizer, *vívido*, que desenha com singular vigor e com exatidão minuciosa a fisionomia literária e moral de Gonçalves Crespo.

Ele, que foi um amigo da mocidade, e um amigo da última hora, que recebeu as primeiras expansões do poeta, e quase que o último suspiro do moribundo, compreendeu bem e soube bem traduzir a estranha dualidade moral que fazia de Crespo o mais alegre e o mais triste dos homens!

Porque muitos dos amigos dele – e quantos andam espalhados em terras do Brasil – não de morrer na falsa persuasão de que o lado menos verdadeiro do autor das *Miniaturas* era a tristeza funda, a mágoa docemente resignada, que nas suas poesias transluzem!

Tinham-no por um alegre, um doidivanas de fantasia picaresca e de imprevistas aventuras, formavam-lhe em volta do nome, simpático a toda a mocidade do seu tempo de Coimbra, como depois se tornou simpático a todas as classes sociais de Lisboa, uma lenda de boêmia extravagância, de ruidosa e turbulenta alegria!

Poucos o conheceram; poucos viram através da ironia bondosa e simpática do seu sorriso, da bonomia um tanto cética da sua palavra vivamente original, o verdadeiro homem que ele era.

A mocidade correra-lhe tão desflorida e tão triste, que nem os dez anos de tranquila felicidade, de paz serena e doce, toda iluminada de afetos íntimos, lograram cicatrizar feridas que se lhe tinham rasgado no coração.

As suas cartas inimitáveis e incomparáveis, porque não conheci nunca quem escrevesse cartas mais perfeitas – perfeitas de graça, de simplicidade, de desleixo artístico – as suas cartas onde ele se retrata, revelam-no presa de melancolias incuráveis e estranhas.

Tinha preocupações e infantilidades de artista.

Nunca percebeu a sedução irresistível que exercia nos que o aproximavam; nunca percebeu que tinha como poucos o dom da simpatia súbita, que se impõe, que domina e vence.

Se lho diziam, sorria-se com o seu sorriso peculiar de que todos os amigos se lembram com uma saudade enorme, feito de malícia, de dúvida, de bondade e de ironia, sorriso que era o encanto característico daquele rosto revoltado e estranho, que tantos afetos respirou na terra, que ficou gravado em tantos corações que não esquecem!

Esta dúvida de si mesmo fazia-o sofrer.

Nunca se consolou de pensar de si próprio o que ninguém mais pensava.

Encantadora fraqueza que o torna ainda mais nosso, que faz com que nós as mulheres todas o amemos, porque se não dedignou de partilhar as nossas pequenas vaidades, as nossas imperfeioezinhas orgânicas para que o Homem tem tamanho desdém.

Tristezas quase inconscientes do exílio, nostalgias de ave friorenta, visões vagas, radiosas, indistintas da pátria ausente; desgostos de ordem muito particular; e a pairar por sobre tudo isto uma impressão dolorosa indefinível, que nem aos mais queridos ele confessava, mas que ungia de tristeza inefável os seus versos, que punha aqui e ali uma nota abafada e dilacerante na magistral harmonia de sua obra, eis a tríplice inspiração que deu uma vida intensa ao seu primeiro livro, ao livro da sua mocidade, que tão querido tornou o nome dele entre os delicados de ambos os sexos.

As *Miniaturas* têm já quatro anos,¹⁶ o que é muito para um livro de versos deste século, que fez da rapidez o seu programa e o seu mote, que não estaciona em coisa nenhuma e menos ainda de tudo no modo de traduzir o que sente.

Pois apesar de muitos poetas contemporâneos de Gonçalves Crespo terem envelhecido literariamente, a geração que principia agora lê as *Miniaturas* com o mesmo enlevo com que as leu a geração que vai envelhecendo já.

É que a verdadeira poesia, a que não se filia servilmente em uma qualquer escola transitória e efêmera, mas a que exprime do modo mais belo e mais perfeito, que é dado à sua época conhecer, os sentimentos que formam o fundo inalterável da alma humana, não envelhece nunca, atravessa

¹⁶ *Miniaturas* foi publicado em 1870, ou seja, quatorze e não quatro anos antes da publicação dessa crônica, a qual foi incluída no volume *Alguns homens do meu tempo*, de 1889. O ano foi corrigido no livro: “As miniaturas têm já dezessete anos” (CARVALHO, 1889, p. 23).

os tempos imaculada e eterna; é hoje o que será sempre, a fascinadora que nos enfeitiça, a amiga cariciosa que nos embala, a confidente que nos ouve e que chora conosco.

Muitos têm comparado Gonçalves Crespo a Théophile Gautier.

Não acho que seja justa a comparação.

Théophile Gautier é um perfeito ourives, é um impecável burilador.

Cada verso dele é uma pedra preciosa facetada, brilhante, admiravelmente engastada em ouro.

Para dar uma forma peregrina aos metais preciosos, para esmaltar deliciosamente as joias mais lindamente modeladas, ninguém excede o autor dos *Emaux et Camées*.

Ele próprio o sabia e nunca desejou mais nada.

Mas em Gonçalves Crespo havia mais do que isto.

Havia uma alma transbordante de sentir, capaz de compreender e de traduzir os mais delicados cambiantes, as mais rápidas modalidades das outras almas!

Que intuição que ele tinha de todas as dores, mesmo das mais estranhas ao espírito e ao coração do homem!

Que pérola de tristeza aquela “Arrependida”, que deixou tudo para correr atrás de sua quimera, e que desperta perdida, irremissivelmente perdida no abismo da infâmia, a que nenhum homem a arrastou!

Ela cisma ao luar; todo o passado

Aos seus olhos avulta, iluminado

Pelos dúbios reflexos da tristeza...

Por uma noite assim límpida e clara,

Sua modesta alcova ela deixara

Por esse que ali dorme e que a despreza!

Que sobriedade de mestre! Que melancolia feminina, que profunda compreensão da dor, do arrependimento, da saudade!

O que distingue particularmente Gonçalves Crespo dos outros poetas da sua índole é a ligeireza do traço e o vago que parece envolver em uma luz cerúlea e dúbia as suas concepções mais perfeitas.

Não é possível que ao lê-lo a imaginação se detenha apenas na página do livro e não siga às regiões de que ele tinha como ninguém a iniciação e o segredo. Privilegiados os poetas que fazem sonhar, que têm na mão a chave de ouro do país azul onde a quimera habita!

Hoje que ele partiu para o país misterioso de onde ninguém volta, e para onde na alegria ou na tristeza convergem os nossos olhares ansiosos, partem as nossas apavoradas interrogações, voam as nossas saudades em um ímpeto de lágrimas, eu leio aquela soberba e indecifrável “Sara” e pergunto a mim mesma se debaixo da forma esculturalmente pagã dos versos se não abriga um símbolo.

Que ardente espiritualismo na carnalidade aparente desse poema!

Quanta dor nessa aspiração sempre traída de encontrar uma alma no belo corpo insensível que ele como Pigmaleão queria animar de um sopro divino!

Na sua violenta sede de perfeição, nunca o poeta das *Miniaturas* e dos *Noturnos* teve o contentamento da sua obra. Nunca achou que a Musa que beijava tivesse a vida, a alma, o fogo sagrado que ele ansiava comunicar-lhe.

Era um insaciável.

Nem a Arte nem a Vida o contentaram, a ele que teve as carícias luminosas da Arte e todos os afetos apaixonados que a vida pode dar.

Os *Noturnos* pertencem a uma fase inteiramente diversa de vida do homem e de vida do escritor.

Sem perder nenhuma das suas qualidades de graça delicada e mimosa, Gonçalves Crespo adquiriu a amplidão majestosa e grave que nas *Miniaturas* ainda se não pressente.

Nenhum segredo da forma lhe é defeso. Conquistou, venceu, domou inteiramente a caprichosa que já não ousa, como a Galateia do poeta latino, sumir-se entre os salgueiros acenando-lhe de longe.

Não importa!

Os moços hão de preferir sempre o primeiro livro, aquele em que há lágrimas e tristezas, e amores que fazem vibrar deliciosamente as almas de vinte anos.

É esse livro que decerto a estas horas todas as senhoras brasileiras estão lendo, sem saberem que mundo desmoronado e extinto ele simboliza para uma pobre alma de mulher viúva de todas as alegrias.

P.S. – Agradeço cordialmente à graciosa *Luíza* que no outro dia me escreveu do Rio de Janeiro uma carta amabilíssima. Essa, e todas as manifestações de simpatia que me vêm desse país, enchem o meu coração de orgulho e de alegria.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 26 de novembro de 1884.

O Paiz, ano 1, n. 92, p. 2, quarta-feira, 31/12/1884.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/366

11. CARTAS A LUIZA III

A ida para o colégio

NÃO HOUVE OUTRO REMÉDIO.

Bebê teve de ir para o colégio.

Tu não conheces, e pode ser que não venhas a conhecer nunca, a significação melancólica que para todas as mães encerram estas palavras.

Bebê era a alegria da casa e também a sua desordenada turbulência. *Não para nada com ele*, diziam as velhas criadas, em um ímpeto de exasperação, que às vezes parecia um grito de orgulho satisfeito.

Bebê tem decididamente o amor das ruínas enraizado na alma. Aquele loiro querubim que tu conheces não passa de um vândalo... em miniatura.

Quebrar, esmigalhar, rasgar, torcer, amachucar, exercer enfim todas as formas da destruição, eis o sonho, a ambição mais querida e mais absorvente de Bebê!

Por quê? Que mal lhe fazem a ele as cadeiras, os bonecos, as bonecas da irmã, as louças que estão nos armários, os móveis que se conservam muito aprumados em torno das paredes?

Não sei, ninguém sabe.

Bebê tem ímpetos de cólera contra todas estas testemunhas mudas e passivas da sua turbulenta existência, e, quando estes ímpetos lhe acodem, o pobre pequenito não conhece ainda a coragem de resistir-lhes.

Depois os velhos amigos da família, consultados, tinham dado todos o mesmo conselho.

Um rapaz, não pode ser assim criado em casa, sob o calor do bafo maternal, na morna e debilitadora atmosfera que o carinho e os cuidados pueris de umas poucas mulheres, fanáticas do seu encanto, formavam em torno dele.

Essa convivência mimosa *feminiliza* aqueles que perderam com o pai o guia supremo e a suprema proteção.

Não é ao pé da mãe, ou demasiadamente assustada de todos os perigos, ou indulgente em excesso para todas as maldades infantis, que se formam as rudes, as valentes organizações varonis, retemperadas para a luta da vida.

É necessário à criança o contato das outras crianças, para que mais tarde o contato dos homens não seja para o homem uma provação inoportuna.

Dizia-me no outro dia uma senhora: – Não mando o meu pequeno para o colégio. No fim das contas as crianças são péssimas. Enquanto eu puder furtar o meu filho a essa convivência, por que é que o não hei de fazer? O egoísmo e a maldade deste mundo sempre é tempo para ele os conhecer.

Errado cálculo da pobre e extremosa mãe!

É certo que na criança é ingênita a maldade, em que pese aos filósofos *boas pessoas*, que tentam comunicar às turbas a falsa teoria da bondade inata no homem.

Para mim, tenho eu de há muito assente, que na criança, nessa flor delicada e luminosa que as lágrimas maternas orvalham deliciosamente, existe já esse gérmen que no homem será egoísmo, vício ou paixão funesta.

É possível que o homem nascesse bom, mas lá numa distância que aos nossos olhos parece já muito confusa, nos dias em que ele pela primeira vez viu a luz clara e límpida dos serenos céus.

Depois, coitado, começou a ter que defender-se da hostilidade das coisas e da crueza das feras.

Adotou então a atitude defensiva que ele só abandona quando quer tomar a iniciativa do ataque.

O egoísmo, a desconfiança, a dureza de ânimo tornaram-se leis hereditárias a que o seu organismo teve de obedecer.

Desejar o que não tem, invejar o que tem o seu vizinho mais próximo, defender com energia e avareza¹⁷ os bens que possui, cobiçar com ardente e indomável paixão os bens que fantasia, eis no fim de contas, sofismado pelos vastos recursos da mais ampla e da mais inventiva retórica, o destino terrestre que ele aceitou.

E nem os melhores se furtam a esta dura lei.

Vamos encontrar o egoísmo no âmago das virtudes que mais excitam a nossa adoração e o nosso enlevo. E o mal não está talvez no egoísmo, que é de todas as formas do nosso espírito a mais em harmonia com a natureza; o mal está no desdém com que nós condenamos este defeito a que nenhum de nós consegue furtar-se por mais que afete desprezá-lo, ou por mais que realmente o despreze.

¹⁷ No jornal lê-se “energia avareza”. Texto corrigido segundo sua republicação em *Cartas a Luiza* (CARVALHO, 1886, p. 124).

De todas as paixões humanas é talvez a paixão maternal a mais desinteressada. Não é que ela seja inteiramente liberta da mácula original de todas as nossas paixões, mas tendo, como tudo que é humano, o seu quinhão de egoísmo, tem-no em grão menos visível que as outras coisas.

A abnegação completa da mãe mais extremosa é, todavia, mais de uma vez inspiradora e geradora de implacáveis egoísmos no ânimo do filho.

Deixai, pois, que ele se forme no conflito em que mais tarde tem de permanecer armado e pronto para a luta, como os atletas antigos.

Deem à criança, até aos seis e meio, até aos sete anos, carinho, amor, liberdade ampla, cuidados vigilantes de mãe, que treme de tudo, julgando todas as coisas em profícua e permanente conspiração contra o fruto mimoso, terno e querido das suas entranhas; mas quando o *baby* – loiro e rosado, se torna o rapazito atrevido e petulante, sedento de atividade, tendo o instintivo desejo de empregar a sua nascente independência, de pôr em ação a sua embrionária individualidade, é de alta conveniência que essas leis que se impõem a toda educadora inteligente, sejam compreendidas e obedecidas por ela.

Mas custa muito, não custa? ver chegar o primeiro dia em que o nosso anjinho nos deixe, em que nós mesmas, as grandes ciumentas silenciosas, tenhamos de ir entregá-los a outras mãos.

Na maternidade, nessa via dolorosa em que por assim dizer nós expiamos e depuramos todas as alegrias colhidas na estrada triunfal da mocidade, é essa – e entendem decerto todas as mães que me lerem – é essa uma das estações mais cruciantes.

Nem os estranhos, nem mesmo os pais, por muito extremosos que sejam, compreendem este requinte de dor!

Mas quantas crises destas na dolorosa missão de ser mãe, desde o dia em que nós, as filhas anêmicas de uma civilização esgotada, temos de entregar o nosso pequeno anjo nascido aos braços da robusta campônia, que terá dele o primeiro olhar e o primeiro sorriso, até ao instante de beatífica e compensadora doçura, em que ele, educado, criado, homem feito por nós – nos atira para os braços, no primeiro netinho, a mais pura esmola de luz da nossa velhice, enfim tranquila e calma, como uma bela noite silenciosa!

Quantas crises, repito, de que esta não é decerto a menos cruel?

Bebê foi, pois, para o colégio.

Já não atroa a casa com os seus gritos; já não fustiga as jarras de flores com o seu pequeno chicote; já não faz chorar a irmã, degolando-lhe a boneca; já não espanta o canário, dando pulos de

cabrito montês ao pé da gaiola do pobre passarito; já não desespera as criadas; já não derruba as cadeiras nem lhes arranca as travessas.

Há muito sossego agora, mas que sossego tão triste!

É verdade, esquecia-me de dizer-te que Bebê volta à noite.

Não tem ainda idade de dormir noutra parte, que não seja a sua caminha de cortinados brancos, para onde foi, logo que deixou o berço de verga *capitonné* de seda cor de rosa: mas durante o dia eu penso às vezes vagamente, estremecendo com a vertigem que dá a contemplação dum abismo, que se ele tivesse morrido, se mo tivessem levado também a ele, para o chão escuro e frio duma cova, a gaiola dessa ave, que é esta casa, sem ele seria assim do mesmo modo silenciosa e lúgubre!

Ao menos a irmã nunca me há de deixar, penso eu então.

E de feito parece-me que tão inútil é para o rapazinho a escola, como é nocivo para a menina o colégio.

Este meu modo de encarar a ausência de Bebê é defeituoso porque é egoísta!

Vejo-me a mim somente neste instante em que me lamento de ter perdido o colibri multicolor que há pouco ainda voejava tão alegremente neste quarto onde te estou escrevendo.

E, no entanto, as mães são as únicas criaturas que nunca têm o direito de pensar em si!

É para começar a iniciação do rude ofício de viver, que eu mandei para o colégio o pequenino.

À hora em que dantes ele corria pela casa montado no seu cavalo-velocípede, atropelando toda a gente, e quebrando (Deus me perdoe) tudo que lhe ficava no caminho, Bebê agora muito direito, muito sério, muito cheio de importância, com uma gravidade de cônego ou de conselheiro, estuda vagarosamente a sua *Cartilha maternal*.

Bebê acha extraordinário que alguém saiba ler, mas enfim começa a compreender que se chegue a conseguir esse estranho dom, com um bocadinho de boa vontade.

É já um progresso.

Em casa, Bebê perguntava-me constantemente:

— Não me dirá, mamã, para que serve saber ler?

E o pior de tudo é que em certas crises de pessimismo e de mau humor, eu sentia-me de vez em quando tentada a responder-lhe:

— Para nada, para nada absolutamente, meu querido amor!

Bebê começa a admitir que *saber ler* sirva para alguma coisa.

CARTAS A LUIZA III

Antes de mais nada eu devo protestar aqui contra a convicção tristíssima em que estão algumas mães de que a sua tarefa de educadoras findou completamente desde que elas entregaram a inteligência dos filhos ao cultivo de outras mãos.

A tarefa da mãe não finda nunca!

Feliz a mãe que é consultada pelo seu filho de cabelos brancos e cuja palavra autorizada e grave é ouvida por ele com reverente adoração!

Só essa pode ser considerada digna de ter exercido o santo sacerdócio que a natureza lhe confiou.

No momento em que a mãe confia a mãos autorizadas, mas estranhas, o trabalho de semear esse campo virgem, que é a inteligência de seu filho pequenino, nem por isso renuncia ao privilégio de guiar essa inteligência, de dirigir e de vigiar esse cultivo, e sobretudo de auxiliar com todas as suas forças o espírito infantil, que se vem abrir para o conhecimento da verdade.

Depois, embora a *instrução* fique a cargo de outrem, a *educação* do filho é sempre à mãe que compete o dirigi-la.

E educação e instrução são duas coisas distintas, muito embora idênticas, e subordinadas ao mesmo alto princípio de verdade e de justiça.

Que as mães não abdicuem nunca o seu direito sagrado de formarem a alma dos filhos.

Não há mais difícil empresa, mas também a não há mais gloriosa.

Nesta batalha aspérrima que travamos fortalecidas pelo amor e pela consciência, se a derrota é uma humilhação dolorosa e suprema, a vitória tem a serena claridade de uma apoteose.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 11 de dezembro de 1884.

O Paiz, ano 2, n. 12, p. 2-3, terça-feira, 13/01/1885.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/420

12. CONVERSÇÕES LISBONENSES

A propósito de um livro *O mistério da estrada de Sintra*

RAMALHO ORTIGÃO E EÇA DE QUEIROZ ACABAM DE APRESENTAR ao público português e brasileiro, ou antes, de *consentir* que lhe seja apresentado por um editor inteligente, o livro da mocidade de ambos, que há quatorze anos teve em Lisboa um sucesso de curiosidade primeiro, e depois de entusiasmo, quando foi publicado dia a dia nos folhetins do *Diário de Notícias*.

Foi nessa ocasião, e não no livro que depois saiu a lume, que eu li o romance, e lembrava-me, como toda a gente, da impressão minuciosamente grata, que essa obra improvisada, escrita *à la diable*, tinha produzido em mim.

Fui, portanto, como é natural, uma das primeiras compradoras do volume, e decerto não fui de todas as que o têm lido nestes dias a menos interessada e curiosa.

Queria saber antes de tudo se estava muito mudado o meu gosto literário, se o *romance experimental*, o *romance naturalista*, o *documento humano* e o estudo frio, analítico, impessoal, das misérias deste mundo me tinham de todo roubado a sensibilidade e a paixão, que a mulher tem no espírito ainda que as não tenha em mais nada.

Felizmente não sucedeu assim!

Eu que devoro os romances dos Goncourt, eu que admiro a força *rembrandnesca* de Zola, eu que me sinto fascinada diante da obra de Flaubert, e que espero muito de Guy Maupassant, o dileto discípulo, o continuador convicto do grande romancista morto, que escreveu a *Bovary*, eu posso ainda gozar intensamente um improviso qualquer de mocidade, em que a sensibilidade e a imaginação predominam.

Como eu gostei ainda hoje do *Mistério da estrada de Sintra*!

Infelizmente conheço-lhe os defeitos inúmeros, coisa que não conhecia há quatorze anos; percebo bem onde os dois autores foram beber a inspiração de muitas daquelas páginas mais brilhantes, estou vendo claramente as inverossimilhanças flagrantes, as falsidades, os *pastiches*, e, ante a crítica de minha envelhecida razão educada por Taine, entendo, como entendem os autores do romance, que o romance é execrável!

Tão indesculpáveis seriam os dois valentes atletas da moderna literatura portuguesa se fizessem hoje um livro assim, como seria lamentável e triste que eles o não tivessem feito, quando ambos eram moços!

A par das imperfeições, quantas belezas! que pérolas de sentimento, de imaginação, de fina graça, de sonhadora melancolia!

São falsos os personagens?

De acordo; são falsíssimos! mas são muito simpáticos!

Não há nenhum, de quem eu ontem, depois de ler o livro de um só fôlego, me não despedisse com uma certa saudade!

A *condessa* de W é uma condessa perfeitamente talhada dum velho molde romântico.

Já não há no mundo *condessas* assim!

Na vida real nunca ninguém as viu; no romance moderno encontra-se de tudo, menos daquelas doces mulheres encantadoras e apaixonadas, arrebatadas e elegantes.

Paciência!

Eu não a quereria decerto para minha irmã, nem para minha amiga, mas gosto de a ver assim de longe, na perspectiva que lhe fez o pincel prestigioso dos dois escritores.

É verdade que ela não passa duma ociosa e duma histérica; não tem razão, não tem vontade, não tem princípios, não tem heroísmos de lutadora; moralmente não vale nada aos meus olhos; artisticamente encanta-me!

É uma criatura que ama, que sofre, que expia, que se mata nas duras penitências dum claustro mais apertado e mais duro que uma cadeia, e que nas suas agonias impetuosas, nas suas dores, nas suas ardentes aspirações à felicidade impossível, se não parece nada com as detestáveis heroínas inconscientes ou perversas da moderna literatura latina, tão desconsoladora, tão dura, tão cruel!

Mas valerá ela mais porventura do que essas valem? perguntas-me tu, leitora!

Vale sim!

Valem mais as que amam que as que vivem na inércia indiferente do coração! Valem mais as que padecem que as que se deixam viver tranquilas na baixeza ignóbil do pecado! Valem mais as que se arrependem que as que nunca perceberam que erraram!

Decerto que em face das leis imutáveis do Dever nenhuma pode ter a absolvição social; no entanto, ao menos esta, coitada! tem a sinceridade da sua paixão, tem o encanto vivo, penetrante e comunicativo do seu fatal amor!

Não discutamos, porém, a moralidade do romance; essa lá lha puseram os autores na morte e na clausura voluntária, das duas desatinadas heroínas.

Discutamos simplesmente a sua beleza artística.

O Mistério da estrada de Sintra tem páginas, como nunca mais os dois homens que as escreveram, tornaram ou tornarão a escrever.

Penetra-as o insubstituível, o capitoso aroma da mocidade; são sentidas, são quentes, são trêmulas de ternuras, são flamejantes de paixão!

O conjunto da obra, é claro, que é inferior a tudo que eles têm feito depois; ao *humour*, à fina e aguda observação, à crítica mordente, à análise incisiva, ao estilo poderoso e vivo das *Farpas*, do *Primo Basílio* e do *Crime do Padre Amaro*, e dos folhetins ultimamente escritos para um jornal desse Império; mas, apesar de tudo, há graças e desleixos que o artista só tem na flor inexperiente e virginal do seu talento, e que mais tarde são compensados por méritos mais distintos, por qualidades superiores, pela firmeza magistral da pena, do buril, ou do pincel, mas que nunca, nunca mais podem ser substituídos!

Como as duas distintas e tão completas individualidades dos dois escritores destacam-se nas páginas do romance!

A fantasia, o mágico poder de estilo de Eça de Queiroz ressaltam ao lado da crítica mais filosófica, da observação mais penetrante de Ramalho Ortigão.

A morte de Carmen, a caçada na Índia, escreveu-as Eça com a pena que mais tarde convertida ao realismo contará a agonia de Luiza, a burguesa pecadora, e as *soirées* de Leiria entre padres e devotas; a carta de Rytmel à condessa, a descrição do claustro no Minho, as reflexões da pobre amante desvairada, antes da fuga que ia roubá-la para sempre à sociedade em que ela tinha vivido, à casta a que pertencia, revelam já todas as qualidades do espírito observador e amante do pitoresco, que fez de Ramalho Ortigão um dos melhores críticos de costumes da literatura contemporânea.

A publicação deste formoso romance, arrancou por uns dias a sonolenta Lisboa ao seu indiferentismo sistêmico por tudo que seja questão de letras ou questão de arte.

Nas salas discute-se com imenso interesse o enredo do romance, o seu estilo, o contraste que ele fez com as publicações posteriores dos dois grandes artistas que o firmam.

Marcam-se as diversas *étapes* que percorreu o espírito de ambos; e faz-se deste modo uma crítica literária bem mais fácil do que a que podia ter sido feita há quatorze anos, quando o livro apareceu pela primeira vez, revelando, a quem sabe conhecer estas coisas, dois escritores de raça.

Os homens, como é natural, interrogam insidiosamente as senhoras a respeito do que elas pensam das duas heroínas do livro.

Elas, já se vê, gostam todas muito da Carmen, um tipo estranho, muito menos real que o da condessa, mas que ainda assim, neste momento em que tanto estão atraindo as atenções do público as *mulheres que matam*, tem uma certa oportunidade, e uma certa verossimilhança.

A condessa, porém, tem a simpatia oculta das austeras e a simpatia declarada das temerárias.

Ninguém quereria imitá-la, todos a compreendem mais ou menos.

É uma desequilibrada, uma doente.

A paixão entrou na vida dela como entra um pé de vento numa casa mal abrigada.

Daí a revolução, daí o desmoronamento.

Não nascera para o pecado, não.

Era fina, era delicada, tinha o amor e o desejo de todas as harmonias morais e sociais, tinham-na educado corretamente, convencionalmente, houve quem presumisse na vida da pobre criatura todas as hipóteses menos a de um sentimento real e sincero.

Foi esse que apareceu, que surgiu fatalmente, chamado por uma série de circunstâncias imprevistas, e como não pôde semear na alma dela o bom pão que alimenta, semeou a cicuta que empeçonha e mata!

É uma pecadora, bem sabemos, mas enfim é uma mulher!

Cumpre-nos a nós fazer com que as nossas filhas sejam mulheres, sem serem pecadoras; amem sem que o amor as diminua e amesquinhe, antes auxilie o desenvolvimento são e natural de todas as suas forças e de todas as suas faculdades!

Se nós nos metêssemos de boa-fé nesta empresa tão grande, pôr na vida o romance sem lhe pormos ao mesmo tempo o pecado?!...

Realmente a literatura, que é sempre o exato reflexo das tendências morais e sentimentais de uma dada época, está acentuando cruelmente e demasiadamente o princípio de reação que em

começo foi justo e foi racional, contra os desmandos nebulosos do romantismo, contra a sensibilidade exagerada e *lamartineana* da nossa mocidade.

Não seria tão bom que, depois destas tristes tentativas *experimentais*, que os próprios mestres vão realmente abismando nos lodaçais mais torpes da palavra, do estilo e da ideia, aparecesse enfim uma literatura que retratasse o homem – o homem complexo, o homem *ondoyant et divers*, tal como o viu Montaigne, o homem bom e mau no mesmo dia e às vezes na mesma hora, o homem capaz de baixezas e de heroísmos, de vícios e de abnegações insólitas, o *homem*, numa palavra – estranho misto do que há de mais belo e do que há de mais ignóbil?!

Não teriam então os detratores da *escola naturalista* razão para dizer que ela, sendo em princípio tudo quanto os seus sacerdotes máximos apregoam e proclamam de científico e de grande e de verdadeiro, não passa na prática da escola das feias palavras e das ações ainda mais feias.

O verdadeiro naturalismo seria então criado pela primeira vez, tal como Shakespeare o pressentiu vagamente no seu espírito bárbaro e sublime, tal como Balzac o realizaria se não houvesse morrido no êxtase mal definido ainda do seu descobrimento genial!

A literatura do nosso tempo dar-nos-ia o homem e a mulher do nosso tempo; o homem e a mulher que nenhum outro século conheceu e sobre os quais têm reagido dum modo estranho e tão difícil de analisar completamente a influência da nossa colossal e desequilibrada civilização, feita de tantas dúvidas e de tantas afirmações, de tantos problemas resolvidos e de tantos problemas insolúveis.¹⁸

A literatura do nosso tempo dar-nos-ia o homem e a mulher que nenhum outro século conheceu, e sobre os quais tem reagido, de um modo estranho e tão difícil de analisar completamente, a influência da nossa colossal e desequilibrada civilização, feita de tantas dúvidas, de tantas afirmações, de tantos problemas insolúveis

Evitar o estudo das exagerações mórbidas, dos *casos patológicos*, das aberrações mentais, das enfermidades que pertencem ao domínio da ciência, não seria no fim de contas o único meio de reabilitar a *Arte* da dependência em que ela parece querer estar, do anfiteatro dos hospitais, ou da enfermaria dirigida por Charcot?

O organismo do homem moderno, na sua complexidade maravilhosa, na enorme e labirintada complicação que lhe dá hoje o desenvolvimento do seu cérebro e dos seus nervos, é

¹⁸ Esse parágrafo foi corrigido segundo a versão publicada em *Alguns homens do meu tempo* (CARVALHO, 1889, p. 49).

realmente um estudo difícilimo, um estudo que abrange todos os outros e que exige a análise penetrante, fina e sutil do fisiologista, a observação larga, profunda, simpática do filósofo, a flexibilidade ondeante, o sopro criador do artista de gênio.

Realizar o programa imaginado pelos mestres da arte contemporânea é bem menos praticável decerto do que passar ao lado dele, como eles até aqui têm feito.

É porque lhes falece a coragem para essa empresa de gigantes que eles têm convertido a pouco e pouco o seu *naturalismo*, numa espécie de romantismo às avessas.

Salvo exceções esplêndidas, que são os milagres da moderna arte, os que dantes faziam anjos fazem agora monstros! Os que se davam ao trabalho de modelarem as suas estátuas no gesso imaculado dos altares, amassam-nas hoje no barro viscoso dos lodaçais.

E a verdade onde fica?

A mim parecem-me tão pouco humanas as sílfides de Lamartine como as megeras de Zola.

Entre elas está a *mulher*. Por que a não procuram? Por que é que a não retratam, ou antes, por que é que a não criam?

Esperemos que a literatura deixe de ser uma escola disto ou daquilo, uma reação contra isto ou contra aquilo. Que ela seja serena como a verdade, e será enfim humana; que ela nos pinte quais nós somos, e poderá então chamar-se natural.

É muito bom estudar *as misérias da nossa rua* na frase pitoresca de Eça e de Ramalho, mas por Deus! parece-me demasiado restrito esse ponto de vista! Imagine-se que os escritores escolheram uma rua infeliz? Uma rua povoada de remendões e de vendedoras de peixe?

Parece-me isso um pouco-caso de alguns dos grandes romancistas contemporâneos!

Nunca me poderei chegar a convencer que abrir as páginas de um livro corresponde a ir visitar um hospital; que folhear um romance me dará conhecimentos iguais aos que me daria a estatística do *alcoolismo* ou de outro qualquer de grandes vícios contemporâneos.

A ignorância é, decerto, minha, que sei pouquíssimo, e que vou aprendendo cada vez menos.

Em todo o caso parabéns ao *Mistério da estrada de Sintra*, que me repousou um pouco da *má companhia*, a que os mestres me têm habituado ultimamente.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 2, n. 33, p. 2, terça-feira, 03/02/1885.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/508

13. CARTAS A LUIZA IV

PEDISTE-ME NO OUTRO DIA, fixando em mim os teus olhos espirituosamente bons, um conto fantástico, um conto maravilhoso, um conto que tivesse de tudo menos do *realismo*, que por aí anda correndo as ruas. Há muito quem diga que são prejudiciais às crianças os contos em que entram fadas, que o falso as desabitua do verdadeiro, que o prodígio as desconsola da realidade.

Assim será.

Eu a falar a verdade não sou contra as fadas; acho que elas têm alguma coisa boa e que a gente não deve dispensar completamente a sua intervenção na vida de todos os dias. Visto que é esta a minha ideia e visto que tu não és criança, aí vai um conto de fadas que um dia me contaram.



Era uma vez uma senhora linda e boa, casada de ano apenas, o que quer dizer noiva.

Deus tinha-lhe realizado a sua ardente ambição, dando-lhe uma pequenita, rechonchuda e vermelha, em cujas carnes flácidas e gelatinosas a mãe via, como todas as mães, as proporções de uma estátua grega, em cujo pequeno rosto informe e um pouco inchado ela supunha já as feições de uma futura deusa.

Não importa! A verdade é que a mãe, criança ainda, jubilava de ventura muito íntima ao ver que a sua última boneca lhe fora assim substituída por aquela doce criaturinha, gulosa e friorenta, que lhe hauria a vida nos seios de neve e que ela aconchegava orgulhosa, feliz, vagamente pasmada, ao corpo dolorido, para lhe insuflar o calor de que o pobre anjo carecia.

Era mãe, e dentro do coração rebentavam-lhe naturalmente todas as flores ideais da virtude, do amor, da abnegação, de que se compõe o amor das mães!

Ontem, não conhecia o mundo: hoje, é vidente. Sabe as paixões e os vícios, conhece os crimes e as heroicidades, compreende como se luta, adivinha como se triunfa.

Pouco a pouco, reclinada entre as fofas e brancas almofadas do seu leito de convalescente, a mãe perde-se nas brumas de um sonhar indeciso. Sente que a sua vida tem um fim supremo, ao qual lhe vão tender todos os esforços da alma subitamente fortalecida e virilizada.

³/₄ Fazer daquele pequenino ser uma mulher!

Oh! quanto isto é difícil! Que obstáculos a vencer! Quantos esforços, quantos combates, quantas lutas!...

O mundo é tão mau!

E o que é a mulher no mundo?!

Uma presa, da qual cada homem em particular sente em si a obrigação de constituir-se o caçador.

Que injusto e cruel isto é! pensa ela, receosa pela primeira vez, sentindo-se tremer pela filha, embora nunca tremesse por si própria!

Não haveria meio algum de mudar este mundo! de fazer com que todos fossem bons! de amordaçar essas feras que se chamam a Luxúria, o Orgulho, a Cobiça?! de aniquilar esse monstro a que dão o nome de Vício!

Ó pobre Amor! Como eu te vou ensinar, proteger, cobrir com o meu corpo, enlaçar com os meus braços, escudar com o meu coração!

Mas como? De que posso eu servir, eu fraca mulher, contra a conjuração fatal dos homens e das coisas?! Como posso eu, só com a força do meu grande amor, livrar-te das ciladas que encontrarás pelos caminhos deste mundo, dos inimigos que se abrigarão dentro de ti própria?!

Pouco a pouco, o quarto brandamente iluminado em que meditava e sofria já a pobre mãe, iluminou-se de um clarão fantástico.

Pasmada a doce criatura, pensativa levantou os olhos da filha em que os tinha embebidos; e viu diante de si três mulheres desconhecidas:

“Eu sou a *Formosura*, disse a primeira, debruçando-se com um gesto carinhoso sobre o leito em que se aconchegavam unidas a mãe e a filha. Fadada por mim, a tua filha dominará absolutamente, durante o longo espaço de vinte anos, todos aqueles que de perto ou de longe a virem, ainda que não seja mais que um instante.

Na passagem dela, branca, loira, escultural, triunfante, tendo as formas vitoriosas da Afrodite, o sorriso enigmático e felino de Joconda, os longos olhos cheios de fluido das grandes amorosas da lenda e da história; o Desejo desdobrando as suas curvas de serpente deixará um rastro voluptuoso e elétrico; a Paixão desabrochará as suas rosas sanguíneas; o Amor modulará a etérea magia dos seus cânticos!

Diante dela curvar-se-ão vencidos desde os brutais, que só conhecem o poder e a tirania da Forma, até os pensadores sutis, que andam construindo os grandes monumentos e mourejando nas fainas imortais.

As outras mulheres olharão para ela com o sorriso desesperado da inveja que se rende, e levarão noites e noites chorando a intraduzível dor de a sentirem sempre, fantasma implacável e absorvente entre elas e os lábios que dantes as beijavam, férvidos, de paixão!

Ela terá a majestade que subjuga, a graça misteriosa e indecifrável que seduz, a harmonia que é o ponto culminante da perfeição, o esplendor que deslumbra inconsciente! Cercada pelo incêndio de mil cobiças selváticas, a chama virá lamber em línguas multicores a bainha dos seus vestidos, sem que nunca possa romper o círculo diamantino que a minha vara de condão lhe traçará, e insensível, radiosa, altiva, ignorante da sua força, ela passará na Vida, poder fatal que destrói, filtro que embriaga, sedução que faz sonhar, a Beleza enfim!...”

“Eu sou a *Riqueza*, disse a segunda, avançando com um gesto de orgulho intraduzível. Da cornucópia que trago aqui, cai em uma torrente formidável o ouro, ante o qual o mundo moderno, utilitário, positivo, instruído, refinado e artista se ajoelha em uma adoração selvagem; a única adoração selvagem que ele hoje tem. Dou todos os gozos que podem satisfazer ou galvanizar os decadentes, os requintados, os saciados e os insaciáveis, filhos complexos desta civilização que tem a cabeça nas nuvens e os pés no lodo. Sem mim os delicados sentem-se feridos por todos os atritos, os sonhadores sentem-se esmagados por todas as realidades, os artistas contorcem-se e esterilizam-se na ânsia impotente de todos os gozos que os afinariam engrandecendo-os.

Eu elevo, embelezo, perfume, ilumino tudo em que imprimo a minha garra fulva. Para me possuir não há crime que não fosse perpetrado, nem danada intenção que não tenha sido concebida. Eu sou Tudo, porque tudo posso dar.”

“Eu sou o *Talento*, murmurou a terceira, aproximando-se do leito, onde o anjo dormia, velado pelas asas maternas, mas sou o talento da mulher.

Sou mais sutil, mais delicado, mais sagaz e penetrante, mas sou mais doloroso que o outro.

A que me possuir será admirada por alguns, invejada por muitos, temida por quase todos e universalmente olhada como um objeto estranho e singular.

Os medíocres fugirão dela com desprezo, os pedantes quererão conquistá-la à viva força, os benévolos estudá-la-ão como um fenômeno psicológico complicado e raro, e nas maravilhosas evoluções do espírito que eu bafejar, verão um espetáculo interessante que às vezes os arranque à chata monotonia da vida vulgar, mas que os não absorva nunca e que nunca os subjogue.

Nenhum a amará!

Envolvida nesta túnica de chamais e de púrpura, ela irá divagar pelos ásperos caminhos, invejando as que descansam alegres e banais, à sombra das árvores, na orla das florestas múrmuras e viçosas.

Muitas vezes sentirá, e com que ânsia rasgadora e com que dilaceramento indizível, que não tem somente um cérebro, que tem coração, que tem entranhas, que tem lábios que sabem beijar

como os lábios das outras mulheres, que tem lá dentro as infinitas abnegações e as carícias inefáveis que soluçam humildemente!

Mas o que dela quererão os seus mais diletos amigos, é a virilidade do entendimento, a graça da ironia, o relâmpago fugaz da inteligência, que penetra e vê a modulação musical da linguagem, a palavra mordente, o juízo que aquilata e julga o acontecimento ou o homem, o fato ou o indivíduo, as cintilações prismáticas do espírito, que fuzilam como fogos de bengala no vasto espaço azul.

E ela terá a consciência de tudo que lhe falta e a iluminação interior, à luz da qual percebe tudo que não é!

Se um dia ouvir uma palavra que lhe encha de luz e aromas o coração, passado o primeiro êxtase, virá a terrível, a crua, a antifeminina faculdade crítica, desflorir-lhe a sua doce alegria fugitiva. Ela será a vidente eternamente dilacerada pelo que vir; a que penetre em virtude de um condão terrível no íntimo do peito dos que amar, e leia aí a sentença que a condena ao exílio de todas as venturas a que as outras têm direito.

Se um dia um sonho a iludir e arrastar, se um dia se deixar embalar pela música de uma voz, compreenderá mais tarde que essa voz lhe mentiu. Revoltar-se-á então colérica e viril, sem achar em si nenhuma das indulgências dos fracos ou dos perversos, e saberá procurar com um faro de molosso selvagem os rastros dessa viscosa mentira em todos os meandros do seu passado.

Terá, porque é grande, a consciência de sua superioridade; terá, porque é medonhamente lúcida, a evidência de que ninguém lha vê. Sentir-se-á, ela a opulenta de todos os dons, mais pobre que os mendigos que passam cantando na estrada, pois que esses dons que ela possui são inúteis. Ninguém os aprecia, ninguém os percebe, ninguém os compartilha!

E no entanto gozará sozinha, na torre ebúrnea a que sobe solitária, quando todos os mais dormem esquecidos de que ela existe, o supremo gozo e a suprema vitória de os julgar, de os lamentar, de os conhecer e de perdoar-lhes!...”

“Eu sou a *Bondade*, disse baixinho, humildemente, uma pequenina fada, do tamanho de uma folha de rosa que para ali estava, despercebida de todos. Não dou a felicidade decerto; nunca a dei a ninguém! mas dou em horas de serena melancolia o gozo refinado e sublime que sentem os que tudo oferecem, sem quererem nada em troca das suas riquezas.

Todas as dores que oprimem o homem vibram e repercutem dolorosamente no coração que eu impregnar com o meu perfume. Os que me amam vivem de consolar os que padecem, de chorar com os que choram, de sarar as chagas que gotejam sangue, ou que gotejam fel.

O sorriso que eu ensino é feito de todas as resignações, de todos os renunciamentos, de todas as dolorosas experiências.

Os que têm sofrido, quando me possuem são melhores; os felizes, quando me sentem, são mais compadecidos. Amparo os pobres que têm fome, e os ricos a quem aniquila a impotência de todas as volúpias.

Tanto me debruço junto do catre onde expira um desgraçado, como me ajoelho na cela escura onde um réu pragueja a sua dor impenitente.

Atraem-me as misérias desta vida e dilacero-me e suplicio-me de vê-las.

Abraço-me à cruz de todos os mártires, cinjo-me à coluna de todos os precitos, nenhum pecador me encontra implacável, a nenhum brado de agonia deixa de responder com um brado igual o meu pródigo coração.

Há lágrimas em todas as delícias que eu dou, há delícias ideais em todas as lágrimas que faço correr. Repulsam-me os que mais amo, e eu não me afasto deles, nem lhes maldigo a crueldade; esquecem-me e eu fico me lembrando; pisam-me e eu renasço de novo em uma eflorescência delicada e tímida, cujo aroma seduz mansamente, sem nunca embriagar.”



A mãe ouvira quase estática as palavras que as quatro aparições fantásticas lhe murmuraram ao ouvido.

Pois teria ela de escolher entre aqueles destinos? Teria ela de julgar entre aquelas potências? Nunca a responsabilidade da sua missão lhe parecera tão grave!

E qual delas lhe prometia porventura a felicidade que ela desejava para o seu anjo pequenino?

A criancinha, que dormia, acordou naquele momento e instintivamente procurou o seio maternal. O movimento da filha despertou também a adorável visionária.

Qual das fadas escolheria ela para lhe fadar o seu pequeno encanto?

Ninguém mo disse nunca, razão por que to não digo a ti.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, janeiro 1885.

O Paiz, ano 2, n. 41, p. 2, quarta-feira, 11/02/1885.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/540

14. CONVERSÇÕES LISBONENSES

NESTE MOMENTO OS JORNAIS FRANCESES, que inundam, como eu já disse aqui mesmo, as bancas das nossas salas, os *gueridons* dos nossos gabinetes, não tratam senão de um assunto: o processo de Mme. Clovis, a absolvição de Mme. Clovis.

Quando as leitoras do Brasil lerem esta crônica já o assunto terá perdido toda a atualidade, todo o interesse.

No entanto, se o caso em particular já não puder atrair a atenção nem a curiosidade, ficará sempre de pé o sintoma de decadência e de profunda desorganização intelectual que ele representa.

Uma mulher, perseguida e caluniada por um bandido de ignóbil espécie, não se contenta com o castigo aplicado pelos tribunais ao seu caluniador e, pegando em um revólver, mata este, com uns poucos de tiros, tendo previamente combinado e premeditado a sua vingança.

Conquanto medonhamente lúgubre, este fato significa tão somente o estado particular de um cérebro feminino; pode mesmo não significar mais nada, nem dar lugar a generalizações, sempre um pouco arbitrárias.

Não para, porém, aqui o fenômeno que estudamos.

Paris entusiasma-se. Paris eletriza-se. Paris sobe mais dois ou três graus na febre que o consome; Paris acentua largamente a *nevrose* que o desequilibra e alucina, e Mme. Clovis torna-se em poucos dias a Musa da Vingança, a Joana d'Arc do Assassinato.

O júri absolve-a, certo e cômico de que a opinião pública a tinha absolvido já, e que seria ele o condenado perante esse tribunal implacável, se outra fosse a sua decisão.

Quando as mulheres assassinam, não podem as mulheres que escrevem deixar a pena inerte, e, o que é impossível negar, é que as mulheres estão assassinando muito!

E não são as pobres mulheres sem educação nem consciência, não são as pobres flores do pântano, tão desdenhadas e tão pisadas, que estão principalmente dramatizando os anais judiciários.

Não, senhores.

Trata-se de umas poucas de mulheres instruídas, sabendo o que fazem, sem a desculpa da ignorância, que tão pouco atendida é, e que no entanto é tão absolutamente decisiva!

É, pois, necessário que, diante de uma tal aberração do nosso sexo, as que podem protestar, protestem energicamente, protestem em todos os países, protestem em todas as línguas.

É fora de dúvida, que nunca me veio à cabeça, que a minha voz tivesse eco lá fora, onde a nossa língua se não fala; mas tenho – para que não confessá-lo? – o sonho justo e bom, de que não

será inteiramente inútil conversar um pouco com as mulheres da minha raça, acerca desta alucinação doentia, desta cruel demência que vai invadindo lentamente os cérebros feminis.

É incontestável que este momento histórico da nossa civilização é verdadeiramente assombroso de extravagância e de contrastes.

O que se diz é o desmentido flagrante do que se pensa; o que se pratica está em manifesta contrariedade com o que se dogmatiza; nega-se em ação o que se respeita em princípio; acata-se em palavras o que se desdenha em todas as aplicações práticas.

Apresentam destas contradições monstruosas as sociedades que se dissolvem ou se desconjuntam!

Dantes pelo menos era-se mais lógico, era-se mesmo inteiramente lógico.

Matava-se com a maior facilidade e com a maior inconsciência.

— A vida humana não vale tanto como uma folha? – Atire-se, pois, com ela à carnificina de todas as batalhas, atrofie-se na aspereza de todos os claustros, imole-se ao estilete ou ao punhal de todas as vinganças, sacrifique-se ao dogma antinatural, que faz dela a síntese de todas as misérias!

O desprezo do homem pelo homem era um sentimento que ninguém, no fim de contas, se atreveu por muito tempo a combater.

Cabem ao século findo e ao nosso século a honra e a glória de terem dado à vida do homem o valor que ela merece.

Ainda o mais vil dos criminosos, ainda o mais abjeto dos réus, tem ao seu lado grandes pensadores, que lutam por salvar-lhe a vida, que tentam reabilitá-lo pela dignidade do arrependimento, que dizem à sociedade o que dantes nem mesmo ao indivíduo se dizia: *tu não tens direito para matar*.

Pois é neste ponto em que parece que ninguém ignora qual seja o dever, qual seja a doutrina irrevogável e sagrada, que uma cidade que se orgulha – e com razão! – de ser o cérebro da Europa, se entusiasma loucamente por uma mulher, porque essa mulher matou o homem que a caluniava!

Eu ponho inteiramente de parte o personagem de Mme. Hugues Clovis.

Essa é uma epilética ou é uma louca.

Tem às vezes momentos de loucura ou tem de vez em quando, momentos de lucidez.

O estado mórbido do seu cérebro não lhe deixa ver as coisas senão tortas; imaginou, no seu doloroso e involuntário *détraquement* de enferma, que o meio de resgatar-se das infâmias que lhe atiravam para cima era matando o autor, verdadeiro ou suposto, dessas infâmias.

Um desvario ou um delito individuais já se vê que podem não concorrer, em absolutamente nada, para indicar o estado mental ou sentimental de uma raça ou de uma época.

A mim o que me espanta, o que me indigna, o que me fere, o que me entristece, é que o assassinato tenha tantos prosélitos, é que o desprezo que nos inspirava o punhal seja substituído pelo culto que o revólver nos inspira!

Vem já de longe a simpatia que *as mulheres que matam* conquistaram deste tempo *blasé* para todas as comoções, e que precisa, para se excitar momentaneamente, dos condimentos do que é extraordinário ou monstruoso.

Tem havido ultimamente as mulheres que matam, porque são traídas! Começam agora as mulheres que matam, porque são caluniadas, e ainda as mulheres que matam, porque as amam exagerada e importunamente!

Santo Deus! quantas mulheres traídas que se resignam! quantas mulheres caluniadas que perdoam! quantas mulheres perseguidas pela brutalidade de uma paixão sem respeito, que se levantam serenas, opondo à estulta vaidade do perseguidor a altivez fria de uma dignidade invulnerável!

Pois qual é a mulher que pode ter o orgulho de que nunca uma calúnia tentasse manchar-lhe os arminhos do seu vestido?

O desrespeito do homem pela mulher é tão grande que ele se manifesta principalmente pela calúnia, ingenuamente propalada, sem um vislumbre de hesitação ou de remorso!

E, todavia, em casos desta ordem, parecerá a todas as que tenham a delicadeza ingênita do seu sexo, que há mais castidade e mais viva compreensão da honra feminina nas que se calam do que nas que fazem, em torno de si, o barulho e agitação de um melodrama!

E depois, não consiste a graça suprema da mulher na absorção da sua individualidade própria na individualidade de seu marido?

Nunca a mulher casada teve o direito de vingar as afrontas que lhe são dirigidas. *Ela* deixou de ser o que era, para ser o que *ele* é. Eis a sua vitória, eis o seu triunfo.

E pôde o assassinato nesta época ser a razão e a prova suprema de qualquer coisa?

Je pense, donc je suis, dizia o metafísico; eu assassino, logo estou impoluta, diz a arrebatada esposa do deputado marselhês.

E o público francês aplaude, aplaude inconsciente da loucura que pratica, sem perceber que os aplausos temerários, que ele concede à alucinação de uma histérica, vão ecoar em milhares e milhares de cérebros igualmente anemiados, produzindo neles efeitos medonhamente trágicos, sinistras e ameaçadoras alucinações!

Que tristeza me vai na alma, quando eu vejo o momento de transição dolorosa, de dúvida vacilante, em que tenho de viver, de lutar, de educar os meus filhos!

O mundo que findou sob as ruínas e os escombros da Revolução Francesa, tinha a Fé; o mundo que ao longe se antevê, nas brumas indecisas do futuro terá a Ciência; o que tem, porém, o nosso mundo?

O que é que ele crê? O que respeita? O que adora?

Os que pensam um pouco na evolução inevitável e fatal das ideias e dos fatos, compreendem bem que isto é assim, porque assim é necessário que seja; que se não passa sem abalos, sem transições, sem lutas dolorosas de um estado de crença exaltada no que é sobrenatural, para um estado de confiança tranquila no que é positivo; que a glória suprema do nosso século será esta: a de ter padecido todos os dilaceramentos, a de ter lutado todas as lutas, a de ter travado todos os ásperos combates, a de ter vencido e esmagado todas as solicitações da pieguice, para chegar à conquista de uma Verdade que outros gozaram.

Mas, enquanto que os sábios jubilam e triunfam na vitória, que pressentem certa senão próxima, deixem ao menos, que nós os poetas, os artistas, as mulheres, nós cuja sensibilidade, mais vibrante, sente intensamente os abalos destas derrocadas subterrâneas, e o ruidoso martelar destas reconstruções apenas encetadas, deixem que nós, vendo a desordem, a confusão, o caos tremendo que nos cerca, nos lamentemos e registremos senão o nosso protesto talvez injusto, pelo menos a expressão da nossa angústia espavorida!

A cada um a tarefa que lhe compete, segundo as forças de que pode dispor, e a influência que pode exercer.

É claro que os que dominam a situação, que os que assistem serenos e confinados à transformação mental do Homem, estão seguros de si e continuam desassombradamente no seu caminho difícil mas glorioso, iluminados e engrandecidos pela Consciência.

Mas os que não sabem? Os que não percebem? Os que se sentem perdidos nesta refrega titânica? Os que não creem já e continuam a ignorar?! Os que não concluem deste espetáculo complexo e vasto senão a ideia confusa de que o Dever não passa de uma Quimera, o sacrifício de uma alucinação doentia, e que a Vontade e o Egoísmo do homem são os únicos deuses que devem levantar-se implacáveis e soberbos sobre os pedestais, donde se atiraram, feitos pedaços, os deuses que durante séculos guiaram a humanidade no caminho da terra prometida?!... A terra prometida... que nos faltou!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 19 de dezembro de 1884.

O Paiz, ano 2, n. 47, p. 2, terça-feira, 17/02/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/564

15. CONVERSÇÕES LISBONENSES

E SE HOJE FALÁSSEMOS UM POUCO DE POLÍTICA?! Estou daqui ouvindo já as exclamações da leitora!

Política, santo Deus! Política como assunto em palestras feminis?

E por que não?

Não direi sempre, não direi em todas as ocasiões, mas há casos em que o espírito da mulher tem, não só o direito, mas até o dever de se interessar pela política, pela política em cujas lutas mais ou menos dramáticas, mais ou menos grandiosas, andam empenhados os pais, os irmãos, os maridos e os filhos!

Perguntava eu no outro dia à esposa de um deputado português, cujos altos méritos todos reconhecem:

“Seu marido, minha senhora, tem tenção de tomar parte muito ativa nas discussões desta legislatura?”

“Não sei”, respondeu-me ela muito serenamente; “não sei absolutamente nada a esse respeito. Meu marido nunca me fala nem dos seus estudos, nem dos seus trabalhos, nem dos projetos políticos que porventura possa formar.”

Não asseguro que fossem estas exatamente as fórmulas usadas pela minha interlocutora; com certeza o sentido das suas palavras sei eu que foi este.

E o que sei também é que me fez estremecer dolorosamente esta compreensão, tão vulgar no fim de contas, que as mulheres continuam a ter da vida conjugal, apesar de todas as aquisições do progresso moderno, apesar de toda a extensa vulgarização científica e moral de que o nosso século tão justamente se orgulha.

Expliquemo-nos, para que entre mim e a minha querida e simpática leitora não haja nunca um equívoco que me coloque a uma luz falsa.

Eu abomino absolutamente essa classe de mulheres pedantes, inquietas, enredadeiras, que se atribuem os ridículos privilégios de *mulheres políticas*.

Mas, tanto me repugnam essas pobres criaturas grotescas, para quem a intriga política é uma distração e um desfastio, que se atrelam a um estadista, e que se dão ares de *protegê-lo* como podiam atrelar-se a um confessor, de quem fariam o *reclame*; que têm o seu partido, e a sua *coterie*, e as suas

opiniões feitas, e os seus adversários escolhidos e desejados; como me impressiona desagradavelmente o ver a sistemática indiferença das mulheres portuguesas pelos negócios, pelos assuntos, pelos interesses que mais de perto pertencem àqueles de quem elas deviam em tudo ser a metade mais iluminada e mais perfeita.

Triste do país em que o nível intelectual da mulher não sobe na mesma proporção em que sobe o do homem. Triste do país em que a separação moral e mental dos dois sexos se acentua tão claramente como entre nós.

Mas a que vem esta digressão inoportuna? Ao caso bem simples de eu pretender explicar por que hoje vou falar nestas conversações — que tão gratas me têm sido pelas manifestações simpáticas de que têm sido origem — num assunto que até agora lhes foi completamente estranho, e que daqui avante o continuará a ser.

Como a leitora sabe, ou antes como a leitora não sabe, Portugal está atravessando uma crise política, que seria importante se o seu organismo não se achasse completamente atrofiado por uma fraqueza e uma inércia deveras assustadoras, mais assustadoras que todas as convulsões, mais assustadoras que todos os excessos orgíacos da vida.

Portugal está revendo a sua constituição, está tentando melhorar as suas leis orgânicas, cuja insuficiência tem sido por todos os modos demonstrada. Portanto as câmaras que presentemente funcionam e onde se debatem estes altos interesses chamam-se *Cortes Constituintes*.

Nome grandioso e belo, que recorda para nós uma das quadras mais brilhantes da nossa existência nacional, porém, nome apenas, e apenas recordação, visto que, por uma tácita adesão de todos os partidos, são justamente as grandes injustiças da lei, as grandes tiranias da tradição aquelas em que ninguém se atreve a tocar.

Não é, porém, talento o que falta neste país, e bem o estão provando agora; hoje, a estreia esperançosa de um moço tribuno, amanhã a confirmação formosíssima de créditos já adquiridos, todos os dias os debates parlamentares, que vão correndo animados e dignos de interesse.

Na presente legislatura destaca, todavia, como já em outra destacara com soberbo relevo, um homem que seria grande em toda a parte, e que nesta fria quadra evolutiva que atravessamos, neste período a que se chama positivo para se lhe não chamar cético, consegue pôr na sua palavra vibrações de tal modo elétricas, que se comunicam em fulminante contágio a todos que o escutam.

Falo de Antonio Candido, o homem que hoje representa com Emilio Castellar a arte oratória da península hispânica, mas que não só contrasta absolutamente com o grande retórico espanhol como também, sob o ponto de vista da moderna Arte, tem sobre ele incontestáveis vantagens.

Eu, que admiro o orador português pelo que é, que o admito imensamente, poderosamente, admiro-o ainda mais pelo que adivinho que ele podia ser.

Ninguém neste campo, hoje tão limitado e estéril, da política portuguesa era capaz de fazer o que ele fez.

Obrigado, pelos restritos deveres que impõe a disciplina partidária, a defender ou atacar causas igualmente nocivas ou igualmente insignificantes, tendo forçosamente delimitada pelas tirânicas imposições da política a esfera onde pode irradiar a luz da sua formosa palavra, enclausurado na estreita jaula dum constitucionalismo mesquinho, impossibilitado pela grilheta que lhe puseram aos pés, as pessoas e as coisas, as contradições do seu estranho e trágico destino e as exigências do seu meio social, de levantar-se às amplidões ideais que o seu olhar descobre e das quais tão loucamente se namora, não podendo nunca — tais são as cadeias convencionais que o prendem — pôr na sua palavra todas as iluminações grandiosas da sua consciência, Antonio Candido faz ainda assim o milagre, realiza ainda assim o prodígio de vencer todos estes obstáculos, de domar todas estas dificuldades, de atirar por terra com todas estas tiranias e de ser grande!... Grande defendendo o sr. Braamcamp; grande atacando o sr. Fontes; grande explicando o *acordo* ou o *desacordo* entre dois partidos cujas ideias são pouco mais ou menos as mesmas, e cujas pessoas, valha a verdade, também se não distinguem extraordinariamente entre si, mesmo sem contarmos com a circunstância de se alternarem de vez em quando; grande condenando uma ditadura que tem por fim promover dois capitães e alguns alferes e fazer mais um porta-machado; grande, enfim, agitando estes pequenos incidentes e estes interesses *liliputianos* da política bizantina que rasteja em torno de nós.

Ao sair da Câmara onde fui para o ouvir, não pelo amor da política, que não tenho, mas pelo amor da Arte, que professo no íntimo da alma, escrevi rapidamente, incorretamente mas com uma sinceridade espontânea da impressão *vívida*, essas notas que transcrevo e que darão talvez a ideia, embora incompleta, do que foi o orador:

“Saímos da Câmara onde acabamos de ouvi-lo.”

Era a primeira vez que o ouvíamos, embora pela leitura conhecêssemos todos os seus discursos, embora pela intimidade do espírito conhecêssemos, como poucos, o seu formoso, raro e grande talento.

A impressão que nos fez o discurso de Antonio Candido foi a impressão que faz em um cérebro de artista a contemplação de uma luminosa obra de Arte.

O orador não pertence à raça impetuosa e inflamada a que pertencem Castellar ou José Estevão.

Educado pelos processos da ciência positiva, tão disciplinadora e tão metódica, não se deixando possuir pelo seu assunto, antes possuindo-o, subjugando-o, vencendo-o, sujeitando-o a todas as mágicas flexibilidades da forma; sem usar do mínimo artifício duma retórica envelhecida, sem nunca se deixar ir atrás das tentações duma eloquência exuberante e pomposa, ele é justamente o orador moderno, tal como os auditórios de hoje têm o direito de exigir; o orador que avassala pelo prestígio da arte, mas que persuade pela fria demonstração; que tem o brilho, a cor, a iluminação, a beleza fulgurante da palavra, mas que tem documentos, ideias, fatos positivos com que leva o convencimento ao espírito dos que o ouvem.

Ele é o filho intelectual de Mirabeau e de Gambetta; se tem às vezes o voo audacioso da águia, tem quando é preciso a oportunidade fria da política.

Este discurso foi diverso dos primeiros discursos que Antonio Candido pronunciou em S. Bento.

Ser-lhe-ia decerto mais fácil e era mais tentador não descer do largo campo das generalizações grandiosas, que a filosofia histórica e política iluminam de tamanha luz.

Antonio Candido, porém, quis provar que não era somente o orador cuja palavra fremente, entusiasta, toda zebrada de reflexos purpúreos eletriza e subjuga os auditórios; quis provar — e com que magnífica energia, e com que potência apaixonada, e com que ironia mordente, e com que força criadora o provou! — que era também o orador político, veemente, vigoroso e implacável no ataque a todas essas coisas que se levantam como um obstáculo supremo ao verdadeiro progresso mental deste país corroído até as entranhas pela miséria das misérias, a miséria da consciência e a miséria do saber.

Gesto soberbo, ora largo, amplo, majestoso, leonino, ora incisivo e sublinhando com estranho vigor os vários tons do discurso; voz em que vibraram magnificamente todas as cordas que, perante um auditório um tanto cético, pôde fazer vibrar um artista inteligente; dicção de uma pureza incomparável; palavra iluminada por todos os cambiantes do gênio; intenções de uma ironia penetrante; graça triunfante que domina; e a pairar por sobre tudo isto, quem sabe? talvez que essa tristeza que ele exprimiu em dois traços soberbos, a tristeza que sentem os grandes pensadores ao verem tão estreita e limitada a esfera da sua ação, que eles imaginaram infinita, que eles ambicionaram alumiada pela claridade dos astros imortais.

Mais infeliz que outro qualquer intérprete do pensamento e do gênio do homem, o orador, para exercer o pleno vigor das suas faculdades dominadoras, precisa que o meio em que vive, pela grandeza das suas lutas, pelo contraste das suas agitações, pelo combate tumultuoso da sua paixão cívica, corresponda aos ideais que lhe iluminam a consciência e que a levantam acima de todas as injustiças políticas ou sociais!

Sempre uma quadra épica da vida dos povos antigos ou modernos foi sintetizada pela palavra de um orador. E apareceria esse orador chamado Demóstenes ou Savonarola, Mirabeau ou Danton se as circunstâncias o não houvessem, por assim dizer, determinado e criado? Creio bem que não!

Pois a superioridade extraordinária do espírito de Antonio Candido transparece e revela-se nisto.

Nada o estimula, nada o anima, nada o levanta acima de si próprio, nada satisfaz o seu sonho de justiça, nada o aproxima da sua bela e radiante quimera socialista, e apesar de tudo são tais as reverberações luminosas da sua palavra, que ao ouvi-lo a gente quase se esquece de que, segundo ele próprio disse no seu discurso que há de ficar, *a hora das grandes paixões políticas passou no mundo*.

O Brasil ama como suas as glórias que são nossas.

O mesmo berço, as mesmas tradições, a mesma língua fazem-nos irmãos.

Pareceu-me, pois, que falar duma glória portuguesa a leitoras do Brasil não era inoportuno e não era descabido, e que as mulheres desse Império me haviam de agradecer o conversar com elas a respeito dum grande artista, que temos o direito de aplaudir.

P.S. — Peço às amáveis correspondentes, que daí me aplaudem e me animam, o obséquio de me indicarem o meio de responder-lhes diretamente.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 27 de Janeiro de 1885.

O Paiz, ano 2, n. 58, p. 2, 28/02/1885.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/608

16. CONVERSÇÕES LISBONENSES

UMA CONTRADIÇÃO APARENTE — O homem como célula social, o homem como indivíduo independente e livre — As grandezas deste século — Benefícios incomparáveis que a humanidade lhe deve — Conjunto da sua obra — Incoerências que ela apresenta — Reflexo destas incoerências na Família — O casamento — O ideal e a realização prática — Ele e ela — Como se unem e como se separam — As vítimas deste estado de coisas — Quem é que é necessário salvar — Propaganda que toda a mulher tem que fazer.

QUERIDA LEITORA, MAIS DE UMA VEZ HÁS DE TER NOTADO, nestas longas palestras, quase que exclusivamente consagradas aos interesses morais, sentimentais, intelectuais do sexo a que ambas pertencemos, uma contradição que certamente te há de ter desagradado.

Vem a ser que eu adoro o meu tempo e digo constantemente mal dele; que eu, filha até a medula dos ossos, deste século, entre todos, radioso e querido, passo a vida a fazer-lhe o processo e as mais das vezes a lavar-lhe a condenação.

Por quê?

É difícil dar uma explicação satisfatória e completa, desta incoerência, que, no fim de contas, é apenas aparente.

É verdade incontestável, que esta época é, nas suas linhas gerais, das mais belas, das mais grandiosas, das mais extraordinariamente civilizadas, das mais penetradas de amor, de simpatia, de solidariedade humana, das mais perfeitas enfim, que a História conhece, mas, ao par desta corrente fecunda, civilizadora, contínua, que arrasta o nosso século, ou antes contrapondo-se a ela e quebrando-lhe muitas vezes a força, há uma corrente de cética indiferença, de egoísmo esterilizador, que, se não logra absolutamente destruir o efeito do espetáculo maravilhoso a que o pensador assiste do alto da sua torre ebúrnea, dá no entanto à vida de todos os dias, à vida dos indivíduos e das pequenas coletividades um não sei quê de cruelmente desconsolador.

Por que será que o homem, considerado como a molécula subordinada e dependendo do grande organismo social, se fez tão grande, e que ao mesmo tempo o homem, considerado isoladamente, na independência dos seus atos e dos seus sentimentos individuais, se vai amesquinhando assim?

Que estranha contradição inexplicável para o meu limitado entendimento de mulher, e que ao mesmo tempo me apavora e me confunde!

Dizia não sei que cismador sutil: *É curta a vida e são longas as horas!* Eu digo que são belos os anos deste século e que são dúbios e tristes os seus dias.

Se completarmos o conjunto dessa obra complexa e colossal de que o século XVIII traçou os primeiros lineamentos, e que o nosso tem, senão completado, pelo menos adiantado com atividade titânica, enche-se o nosso espírito de pasmo, de admiração, de enternecimento, de entusiasmo e de fé.

Quantos descobrimentos feitos no intuito de melhorar o destino do homem, desde as mais humildes aplicações da indústria até às mais altas sínteses da filosofia!

A máquina por toda a parte substituindo, aliviando o braço do operário, que era ontem apenas um pária extenuado e aflito; o jornal, o folheto, o livro, a fotografia, levando ainda à mais miserável choupana um pouco daquele pão espiritual, sem o qual, no dizer do Justo, o homem não pode viver; a rapidez elétrica das comunicações, pondo em contato íntimo os mais afastados países, as mais estranhas raças, os temperamentos menos homogêneos, fazendo de tantas nações divididas, inimigas, ignoradas, umas das outras, umas para as outras hostis, uma família única, a velha família humana, sofrendo as mesmas dores, alanceada pelas mesmas dúvidas, pulsando ao influxo das mesmas alegrias, chorando sob a fatalidade das mesmas tristezas, amando-se, socorrendo-se, sentindo que nem a guerra, com o seu cortejo de sinistros horrores, pode fazer ressuscitar no seio dela os velhos ódios ferinos e selvagens de outras eras escuras.

A compreensão de todos os deveres e de todos os direitos políticos e civis, sentando ao mesmo banquete da fraternidade e da justiça as castas que o odioso preconceito teológico ou aristocrático separava tão despoticamente; os pobres sabendo já que têm muito que reclamar; os ricos pressentindo claramente que têm muito que transigir; a caridade pondo entre uns e outros a sua doce luz consoladora, atenuando a usurpação criminosa que haja porventura no privilégio destes, suavizando desde já a cólera que transluz irrequieta e ardente na indistinta aspiração daqueles; a escravatura, essa mancha negra, lavada da face da terra pelo consenso unânime das nações; as crenças individuais respeitadas como um patrimônio sagrado em que ninguém toca; a vida do homem considerada como alguma coisa misteriosa e divina, que a sociedade, mesmo revestida com a sua toga de Juiz, não tem o direito de anular!

Oh! e quantas mais belas e grandes e sublimes ideias, desenvolvidas, divulgadas, aplicadas!... E quantos fatos decisivos e transformadores, demonstrados cabalmente!... E quantas teorias luminosas, umas já feitas leis, outras esboçadas em um fundo azul, de uma idealidade inefável!...

É enorme, é de incomensurável alcance a obra do século XIX, e nós, os filhos dele, temos de saudá-lo, cheios de orgulho e de gratidão, porque o mais obscuro dentre os que nasceram à sua luz redentora, é mais rico de noções práticas, de ciência, de ideias justas, de liberdade, de sentimentos fraternos de bondade e de amor, que os mais extraordinários gênios do passado, envolto em sombras.

Todavia, mesmo porque sob a influência moralizadora e sublimada do nosso tempo, o nosso ideal do belo, o nosso desejo do *melhor* se depurou e cresceu, quantas contradições hoje nos magoam! quantas deformidades morais nos entristecem, quantas incoerências nos desnorteiam, quantos contrastes entre o que se pensa e o que se pratica nos dilaceram o coração, nos entenebrece a consciência!...

Meu Deus! Pois, percorrendo a longa, a dolorosa, a épica história humana, tão cheia de sangue e tão cheia de lágrimas, tão purpureada de clarões de heroísmo e tão manchada das sombras do crime, onde é que encontraremos uma época mais profundamente conhecedora do que seja o Dever em todas as suas formas complexas, tendo mais perfeito e mais formosamente expresso o ideal da Família?

E, no entanto, não estamos nós vendo a cada passo a flagrante e dolorosa contradição entre esse ideal e a sua realização prática?

Dois seres que, um pelo outro se completam, reúnem-se para fundarem uma família. *Ele* sabe tudo que precisa de ser, para cumprir dignamente a missão que aceitou; *ela* nem sempre *sabe*, mas é raro que na primeira iluminação do seu amor feliz o não adivinhe.

Dali a pouco, porém, os dois espíritos divorciados não têm uma única ideia que a ambos seja comum, não têm uma única aspiração que a ambos sorria.

Julgam-se ambos lesados no contrato que fizeram, e se porventura os não separa a antipatia e o ódio, gela-os a mais completa e absoluta e estéril indiferença!

Deste estado de coisas, que tem muitíssimas exceções, mas que é quase geral, quem é o principal culpado?

É o homem? É a mulher?

São ambos?

Na maior parte das vezes é que são ambos, cada um conforme o seu temperamento, cada um conforme a sua educação, cada um conforme a espécie particular do seu egoísmo.

Conhecem-se pouco antes de se unirem para sempre; *ela* leva para o casamento, para esse estado tão cheio de duros deveres, os sonhos de um exaltado romantismo, ou as aspirações de um luxo desconhecido, ou os desejos de uma independência indômita, ou — o que é talvez de tudo o mais perigoso e o mais cruel para ela — o ideal de um amor sem quebras e sem mentiras.

Ele casou, por mil considerações de interesse muito acanhado e rasteiro, ou casou porque *naquele momento* considerava como a suprema felicidade o casamento, que mais tarde tanto arrependimento lhe há de custar.

Nenhum dos dois, um por indiferença, outro por falta de bem entendida educação, compreende que esse ato que vai praticar é como que a entrada solene de uma vida nova, em que suas almas devem dia a dia depurar-se, unir-se, identificar-se, formar a pouco e pouco uma só, movida pelos mesmos deveres, dominada pelas mesmas convicções, agitada pelas mesmas dores, iluminada pelas mesmas alegrias, inspirada pelo mesmo ideal!

Nos primeiros dias quando *ela*, a criança de ontem, acorda mulher, eterna Eva que o pomo da árvore vedada transfigura; quando *ele*, feliz ao sentir-se quase deus — porque é ser deus ser criador — se enleva no seu triunfo, se revê embevecido na sua obra, era fácil a ambos penetrarem-se moralmente, *amarem-se* no belo e amplo sentido da palavra e começarem juntos essa vida de mútua dedicação, de sacrifícios compensados pela alegria de os haver feito, de pequeninas transigências caridosas, que a pouco e pouco, lentamente, quase que insensivelmente levariam à unificação profunda dos dois seres há pouco separados e distintos.

Mas nesses dias, nem um nem outro pensa senão em acolherem avidamente a flor efêmera da sua egoística paixão!

Fingem, dissimulam um em frente do outro, escondem todos os defeitos, procuram pôr em relevo todas as qualidades boas ou atraentes, representam de boa-fé uma comédia, de que ambos sairão aborrecidos, porque sairão saciados.

A pouco e pouco a exaltação apaixonada e cega extingue-se, a vida com as suas exigências, com os seus atritos, com o eterno conflito dos seus interesses e das suas paixões reclama-os de novo, e desconhecidos um para o outro, o caso é que cada um dos dois vai atrás do que mais lhe cativa a fantasia ou mais lhe seduz os gostos e os instintos.

Estabelece-se entre os dois espíritos uma separação perfeita.

O homem procura a política, a indústria, as altas combinações financeiras, se é ambicioso de honras ou de riqueza; a arte, se é artista; a sociedade e os prazeres, se é simplesmente um *viveur*, isto sem se dignar sequer confidenciar à mulher os sonhos que o alimentam e que o chamam; a mulher entretém-se com as mil pequenas ocupações da vida caseira ou da vida mundana, as mais

das vezes com as de ambas estas vidas, e nem um nem outro se lembra que, entre os dois, gostos, ocupações, desejos, alegrias ou penas, tudo deve ser comum, para que tudo se não torne estéril e morto.

Imagine-se a perturbação profunda que o divórcio intelectual e moral destas duas partes do mesmo todo deve determinar na família, na sua economia, na sua ordem, no seu conchego íntimo, na sua moral.

Tentaremos nos próximos artigos analisar algumas das causas que produzem este doloroso estado de coisas, e apontar alguns remédios que se nos afiguram úteis para debelar esta lepra que vai lentamente corroendo a Família e por meio dela a sociedade.

São duras as verdades que maridos e mulheres têm de ouvir, mas é boa a intenção com que as dizemos, porque tanto eles como elas nos causam profunda piedade.

Depois se eles só padecessem, era talvez justo castigo de delitos que aos dois são comuns, mas... os filhos?

Oh! os filhos é que são as grandes vítimas, é neles que repercutem todos os erros dos pais, são eles os que sofrem de todos os pecados que não fizeram, são eles que, continuando a série de contrassensos que viram cometer, tornam impossível toda a futura regeneração da família, essa regeneração que tantos sonham e tão poucos realizam!

Compete mais à mulher do que ao homem advogar esta causa santa.

Não é ela que mais tem a ganhar com a justa compreensão dos deveres domésticos? Não é ela quem mais padece, na grande e infecunda tristeza que hoje parece cobrir a maior parte das casas de um crepe de melancolia sem nome?!...

Chamem-me embora monótona, ou chamem-me declamadora, eu pedirei às mulheres, às minhas irmãs na dor, às minhas irmãs no cativeiro dos preconceitos cruéis, que lutem unidas pelo bem, que tentem realizar no interior das suas casas, o ideal de harmonia intelectual, de paz perfeita que tão divinamente nos soube descrever e ensinar o nosso grande amigo morto, que se chamou Michelet.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 22 de fevereiro de 1885.

O Paiz, ano 2, n. 84, p. 2-3, quinta-feira, 26/03/1885.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/712

17. CONVERSÇÕES LISBONENSES

DE QUE PROVÉM O CAOS – Instituições que desabam, instituições que ficam de pé – Desarmonia entre o que resta do passado e o que desponta agora no presente – A ideia religiosa – De como ela parando deixa de corresponder às exigências da alma moderna – Conflito entre a ciência e a fé – Resultados terríveis desse conflito para todos e especialmente para a mulher – A fórmula substituindo o sentimento – Insuficiência da fórmula nos grandes combates da vida – De como este modo de ser pode transformar-se e melhorar através da mulher.

TUDO QUE EU DISSE NO MEU ÚLTIMO ARTIGO da grandeza incontestável do meu tempo é verdadeiro e comprovado por fatos que não deixam lugar à menor dúvida. Tudo que eu disse das tristezas profundas que o envolvem não é menos verdadeiro, e, se não pode tão facilmente ser provado, pode ser *sentido*, o que é talvez o melhor modo de provar seja o que for!

A que se deve esta contradição, que nós as mulheres estamos no caso de avaliar ainda melhor do que o homem, pois somos aquelas que mais sofremos da sua cruel e desoladora influência?

A simples observação deste momento social que atravessamos nos deixa claramente ver que é ele um momento de crise aguda, de transição entre dois estados contrários.

Muitas das instituições que foram o produto natural do estado religioso, social e político das velhas sociedades subsistem de pé, e outras que formavam com aquelas um todo orgânico, um conjunto harmônico, caíram pela base, e são substituídas, ou vão sê-lo proximamente por novas instituições de índole inteiramente diversa, contrária mesmo, as mais das vezes, às que se destruíram já e às que ficaram ainda.

Daqui resulta o seguinte: no seio da mesma sociedade, influenciando na mesma geração de indivíduos, ideias que se combatem entre si, instituições que são a negação umas das outras, noções que se contradizem flagrantemente, sistemas que se desmentem, filosofias que umas pelas outras se destroem, métodos de educação de uma incoerência verdadeiramente monstruosa.

Em muitos casos, debaixo da fórmula que subsiste inalterável e inteira, ideias que se modificaram, ou vazio absoluto que se fez.

Afirmções que encobrem ceticismo. Ritos risíveis sob os quais se abriga a incredulidade ou a indiferença.

Na civilização que vai morrendo, substituída a pouco e pouco pela civilização mais alta que desponta, não houve, como na transição entre a idade pagã e a idade moderna, a inundação feroz

e sanguinária dos bárbaros, que atirou à terra, brutalmente, com tudo que existia, criando de novo uma forma social inteiramente outra.

Daqui menos desastres patentes a todos os olhos, mas o desastre moral, que é determinado nos espíritos pelo estado contraditório e doloroso que mais se sente do que se define, e que é hoje a partilha fatal de todos os que não são inteiramente nulos, ou não têm o dom de videntes, que penetra através das distâncias e dos séculos, e assiste à lenta elaboração invisível dos fenômenos sociais.

A ideia religiosa, que devia transformar-se acompanhando a transformação fatal das sociedades, ficou para os católicos encerrada na antiga fórmula a cada instante contrariada, *transbordada* pelas modificações operadas em tudo mais. Portanto a eterna luta da consciência feminina, a quem ensinam acreditar uma coisa e a praticar outra.

O catolicismo imprime à alma juvenil um molde que o mundo desformiza ou altera imediatamente. Onde está a verdade? pergunta o apavorado espírito da criança que vai ser mulher.

E os que a cercam, em vez de a elucidarem, desnorteiam-na dando-lhe o exemplo do absoluto contraste que existe entre tudo que se prega e tudo que se executa.

O melhor é não pensarmos mais nisto! $\frac{3}{4}$ e a esta abstenção de todo o pensar elevado, e a esta demissão egoística de todas as fecundas lutas da consciência segue-se a gélida indiferença, o mal disfarçado ceticismo que descansa à sombra estéril de todas as práticas minuciosas e desalumiadas do mínimo vislumbre de Fé. É tão delicado, tão melindroso, tão cheio de perigo este assunto, que só muito a medo eu me atrevo a falar dele, mesmo ao de leve.

Reconheço, porém, que para nós mulheres ele é dos mais importantes, pois que tem fundas ramificações em todos os atos da nossa vida, em todas as determinações da nossa razão.

O conflito entre a Ciência e a Fé, esse medonho conflito que existe desde muito, mas cuja explosão geral se manifestou neste século, produziu como inevitável consequência todas as perturbações que agitam, convulsionam, dilaceram a consciência moderna.

Dissidentes houve-os sempre! sonhadores incontentáveis que, além do que existia, aspiravam a alguma coisa mais nova e mais perfeita, isso aponta-os a História desde a sua infância.

É por ter havido desses gloriosos precursores de todas as Verdades que a Humanidade tem podido caminhar. Cada uma das aquisições que constitui o enorme, o colossal patrimônio de hoje foi feito à custa de lutas dolorosas, em que morreram mártires, em que sucumbiram sociedades.

Mas a hora da luta é sempre trágica para as gerações que assistem a ela; mas a generalidade do conflito, determinada pela generalidade dos conhecimentos, torna este o mais terrível, o mais dramático, o mais doloroso de todos, porque é aquele em que maior quantidade de indivíduos sofre as suas consequências e as suas dores.

Neste conflito a maioria dos homens, ou por convicção ou por egoísmo, vai na moderna corrente; a maioria das mulheres deixa-se contaminar lentamente da indiferença ou do ceticismo dos maridos, mas conserva a contenta, e quase que por expressa determinação destes, todas as exterioridades do culto, cujo espírito, cuja alma interior nem trata de conhecer ou desvendar.

Triste, cruelíssimo estado de coisas, que proscree um ideal sem ter criado outro, e que não deixa à mulher a graça inefável e doce da Fé sincera e íntima que antigamente a amparava em todas as lutas morais que no seu espírito se feriam!

E se o homem ao menos tratasse de levantar ao lado da doutrina, cuja luz vivificadora se vai apagando, uma doutrina que bastasse às aspirações irrequietas da nossa alma, às exigências do nosso ser! Mas não!

Contenta-se em querer que a mulher cumpra as práticas de uma religião que ele próprio não segue.

Satisfá-lo a fórmula externa de um sentimento morto.

Não permite que a mulher seja verdadeiramente e genuinamente devota no bom sentido da palavra; trata de combater nela a fé sincera, embora exagerada, e só admite que ela siga os usos e as praxes estabelecidas, aplaudindo-se desse compromisso hábil que harmoniza os preceitos da sociedade, com o seu ponto de vista filosófico.

Este mal que eu aponto não tem cura. É claro que esta crise deriva de milhares de causas, que este momento histórico se filia na longa série de fenômenos sociais que a vontade humana não pode combater, nem a inteligência humana subordinar.

E no entanto é claro também que não havendo por ora uma moral positiva, independente da moral religiosa, o relaxamento do dever, o desenvolvimento do egoísmo, a indiferença pelo bem, o desalento mórbido do espírito, o desdém pelos grandes interesses espiritualistas, há de provir necessariamente dele.

A Fé que está em nós, no mais íntimo e no mais recôndito do nosso coração e do nosso espírito, não depende, porém, de nós!

Pobres vermes de um dia, qual é a liberdade que no fim de contas gozamos, apesar da nossa eterna e sempre mentida visão de liberdade?!

A atmosfera que encontramos ao entrar na vida determina o nosso modo de sentir e de pensar.

Somos o que é o nosso tempo, e só muito devagar, muito imperceptivelmente é que o esforço de alguns, que vão adiante, vai modificando o nosso tempo através de nós. Esta relação recíproca é inevitável e é fatal.

Ninguém escapa a ela, nem os maiores.

Sócrates não seria hoje o que foi no seu tempo, nem Espinoza seria o que foi, no tempo de Sócrates.

Portanto eu não me revolto contra este século, porque a Fé com todos os seus êxtases, com todas as suas afirmações luminosas, morreu às mãos implacavelmente analíticas da Ciência: lamento apenas as tristes contradições de que é origem este momento crítico a que assistimos.

A flutuação de opiniões e de ideias, a impossibilidade para o pensador positivo de formular um código moral cuja base não seja o código religioso, a confusão que resulta, para os espíritos medianos, deste desabar de instituições, esta incerteza do dia seguinte, ao ver uma teoria de ontem radicalmente destruída por uma teoria de hoje, esta audácia do homem que tenta libertar-se de todas as cadeias que o prendiam, e afirmar uma independência absoluta no meio das ruínas e dos escombros de todos os sistemas, tudo isto produz no espírito de cada indivíduo um não sei quê de mórbido e desalentado que lhe rouba o ânimo, a energia e a vontade, e que o deixa como que vagar à mercê das circunstâncias, sem um plano determinado e firme a que subordine os seus atos.

A mulher educada sob a influência deletéria desta situação é o que nós vemos.

Não tem a mínima ideia das responsabilidades que lhe incumbem, nem dos altos deveres que necessita de cumprir.

Se o marido hesita entre o interesse e o sacrifício, nunca é dela que parte a ideia de optar pelo sacrifício.

Se o marido lhe dá a escolher entre a vida ruidosa da sociedade, com as suas pompas e com as suas humilhações, com os seus triunfos e os seus despeitos, com as suas transigências e os seus combates frívolos, ou a vida doméstica, serena, calma, concentrada, consagrada ao dever de todos os minutos, e tendo no sacrifício contínuo a sua própria compensação, é raro que ela escolha a vida doméstica.

Se nasce boa e as circunstâncias se reúnem como um assalto tentador a essa bondade, conserva-se boa; se a paixão se levanta com o seu cortejo de alucinamentos febris e de ímpetos violentos ela não encontra nem em si nem no homem que escolheu como conselho e como guia, nem no meio que a envolve, nem na educação falsa que lhe deram, elementos que bastem para resistir a essa paixão dominadora e subjuguá-la e vencê-la em nome do eterno Dever!

A religião, segundo o que ela tem ouvido mil e mil vezes a seu marido, não passa aos olhos dele de um culto exterior que é de bom gosto cumprir. Em moça era crente, tinha devoções inocentes, gostava de dizer à Virgem Maria nas suas preces virginais tudo que sentia, e tudo que sonhava. Tudo isso lhe roubou o marido a pouco e pouco sem lhe dar nada em troca. Seu marido logo nos primeiros dias de casada disse-lhe que detestava *devotas*, e que a respeito da religião *só o necessário e mais nada*.

A mãe, já ensinada assim pelos outros, ensinara-lhe todas as virtudes, por um pequeno livro chamado o *catecismo*, e sempre em vista da *salvação da sua alma*, nunca fazendo-a conceber, independentemente de qualquer fórmula religiosa, um ideal de Bem superior e indestrutível. Visto que o marido lhe afirmará depois que o catecismo era aos seus olhos a pragmática de um rito, que autoridade tinha agora, porque isso lhe convinha, para lhe prescrever os mesmos deveres, sem lhe dar para estes a mesma base, ou antes não lhe dando base alguma? Se queriam que ela fosse heroica no bem, por que é que lhe não tinham ensinado todas as delícias austeras da abnegação, por que é que a não tinham esclarecido, engrandecendo-lhe e ampliando-lhe os horizontes do seu espírito?

A sua educação incompleta dava como resultado a sua ideia incompleta do Dever.

Ninguém, nem os que a haviam educado mal primeiro, nem os que a haviam pervertido depois, tinha o direito de queixar-se dela!

E que pode a isto responder o homem, o homem que julga ter preparado a mulher para o duro, para o complicado, para o aspérrimo sacerdócio da vida, dando-lhe umas noções elementares e umas regras empíricas como noviciado, e revelando-lhe depois ao espírito, que a ignorância conservou infantil, a inanidade das suas próprias crenças, a superficialidade das suas convicções, o desalento que o corrói, a cruel incerteza que neste momento o desnorteia!...

Não percamos, porém, a coragem diante deste espetáculo que se nos desdobra diante do olhar. É fora de dúvida que a Ciência, mesmo revelando-nos a sua última palavra, nunca satisfará o nosso sonho insaciável de infinito, a nossa vaga aspiração ao incognoscível.

Esta religião do ideal, que toda a mulher superiormente esclarecida pode harmonizar com o puro espírito do Evangelho, consola-nos e muito e ensina-nos muito.

Que ela sobredoire com a sua doce luz serena e pura o nosso viver, e conseguiremos, sem ter resolvido nenhum problema, conciliar todas as hostilidades latentes que nos cercam, e determinam na sociedade este vago mal-estar.

A mulher deve lembrar-se que a família é a arca santa onde ela pode refugiar-se de todos os desastres. Purifiquemos, elevemos e engrandeçamos a família, e para isso *eduquemos a mulher!*

Não se lhe ocultem nenhuma das graves e decisivas questões que se agitam, e que tendem a criar, à luz de uma nova filosofia, um novo ideal da vida.

Demos uma direção inteiramente diversa ao seu espírito, façamo-la encarar de frente os problemas de que vai sair uma civilização mais perfeita.

Luz em jorros sobre a inteligência dessa eterna pária de quem tudo se exige e a quem nada se concede! Independência para o espírito dessa pupila de séculos que não sabe sequer administrar o seu patrimônio íntimo!

Pouco a pouco estes elementos que hoje se combatem hão de ir harmonizando-se, coordenando-se, completando-se e uma geração mais feliz sucederá à nossa geração atormentada, mas gloriosa. Caber-nos-á a honra suprema de não termos tido medo às tremendas interrogações que de toda a parte se levantam, e das nossas agonias, das nossas lutas morais, das nossas dores dilacerantes, das nossas vacilações trágicas, far-se-á a tranquilidade e a paz que há de aureolar suavemente a frente dos nossos filhos e dos nossos netos.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 26 de fevereiro de 1885.

O Paiz, ano 2, n. 90, p. 2, quarta-feira, 01/04/1885.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/736

18. CONVERSÇÕES LISBONENSES

As crises do casamento

Problemas insolúveis – Atenunates possíveis

NO OUTRO DIA UMA SENHORA, que eu não conheço, escreveu-me pelo correio do Rio de Janeiro uma carta cuja substância era pouco mais ou menos a seguinte:

Achava ela que os meus alvitres nada resolvem acerca do incompleto e doloroso destino da mulher moderna; que a educação que eu aconselho, longe de atenuar as suas dores e contradições, não fará mais do que dar-lhe a terrível lucidez de as compreender, definir e julgar; que, ainda assim, a ignorância e a imbecilidade são a panaceia mais eficaz para combater o desespero que sem elas a mulher não pode deixar de sentir.

E acrescentava:

“Minha senhora, casei-me com vinte anos, sem ter nunca olhado para outro homem que não fosse aquele a quem dei a minha alma e a minha mão virginal. Fui mãe dedicada e extremosa dos seus filhos, fui dona econômica da sua casa, fui companheira fiel de todas as vicissitudes da sua vida; dez anos depois do nosso casamento descobri que ele me atraía, que a mim preferia outras, que me mentia dia e noite sem remorsos, sem pudor, sem medo de que eu viesse a desprezá-lo. Não tenho precisão de contar-lhe o medonho e inolvidável desmoronamento que esta descoberta produziu em todo o meu ser. É mulher; há de compreender, sem que eu lho diga, o que deve ser esta dor de nos vermos obrigadas a desprezar, como o mais vil dos indivíduos, aquele a quem amávamos e venerávamos como a mais digna e leal das criaturas!

Quando percebi que não podia ver mais no meu marido a realização humana de todos os sonhos bons da minha alma; quando tive a consciência de que já me era de todo impossível acreditar e respeitar aquele que as leis religiosas e as leis civis me tinham dado por supremo guia, e exemplo fortificante e inspirador, quis separar-me dele, quis partir para muito longe, levando o coração atravessado pelas sete espadas da minha dor cruciadora!

Mas qual!

Em torno de mim ninguém dos que mais me queriam compreendeu a minha indignação, a minha agonia, a única desforra possível naquela debandada sinistra de todas as alegrias do meu destino!

A lei disse-me, apontando-me friamente para os artigos dos seus códigos implacáveis:

‘Não há motivo algum que justifique ou faculte a separação, visto que não houve sevícias, visto que não houve traição comprovada sob o teto conjugal, visto que não houve mortes, quanto mais afrontas necessárias para que a mulher tenha o direito de expulsar para bem longe de si a infame promiscuidade com que inconscientemente a mancharam!’

A família disse-me:

‘É necessária a resignação, a paciência, a dissimulada aceitação desses contratempos da vida conjugal, pois que nenhuma mulher ainda pôde gabar-se de se lhes ter furtado. Os filhos são aqueles a quem antes de tudo nos devemos sacrificar; os filhos exigem a tua inteira submissão às leis dolorosas, às duras leis do teu casamento profanado!’

A sociedade pela boca dos seus órgãos autorizados disse-me: $\frac{3}{4}$ Se te separares de teu marido incorres para sempre na desconfiança, no desdém, na suspeitosa observação daqueles com quem viveres. Evitar-lhe-ão o mais que puderem, e mesmo aceitando a veracidade e a sinceridade dos teus motivos determinantes, acharão que não tens razão nenhuma em te revoltares, contra aquilo que a generalidade das mulheres aceita submissa ou indiferente.

Então, expulsa, repelida, condenada irremissivelmente por todos, olhei para dentro de mim, passei em revista minuciosa o meu passado, consagrado ao cumprimento dos austeros deveres, à prática das virtudes desinteressadas, ao amor dos meus, à inteira e inefável abnegação de mim em favor dos que amava, e senti, com a injustiça que me fazia o destino, a impossibilidade absoluta de continuar a ser o que fora até ali!

Por quê?! Em virtude de que absoluto e eterno princípio? Quem me dirá de Deus a ideia inabalável que é preciso ter da sua existência, da sua onisciência, da sua força, da sua justiça, para que eu fosse heroica até ao fim, na certeza de que a minha heroicidade era vista por Esse que veria tudo, e tudo saberia recompensar? Que bases tinha a minha instrução religiosa para me incutir a força necessária a semelhante prodígio obscuro e ignorado de todos?

E porventura podem as noções da moral positiva, que recomendam o cumprimento do dever como o meio mais eficaz de dar e receber a maior soma de felicidade compatível com os destinos humanos, podem essas noções, sem elevação de espécie alguma, comunicar ao espírito desnordeado por uma catástrofe desta ordem a energia necessária, indispensável para resistir a todas as triunfantes sugestões do egoísmo?

Numa crise destas, diga-me: não é a mulher mais feliz aquela que menos percebe as fatalidades invencíveis do seu próprio destino? Que gênero de ilustração intelectual pode salvar um coração de mulher neste naufrágio supremo da sua vida inteira?..."



A minha correspondente acrescentava umas confidências íntimas que não vêm ao caso historiar aqui, e como foi do Rio de Janeiro que essa carta me veio dirigida, é nestas *Conversações* que eu para aí mando que tento agora responder-lhe.

Há coisas verdadeiras e há coisas falsas no que me diz a minha incógnita amiga.

Quem é que negou jamais que o destino humano, e principalmente o destino da mulher seja cheio de tremendas lutas e de medonhas contradições supliciadoras?

É porque o homem não resolveu ainda o eterno problema da felicidade sonhada, da felicidade que todo o seu ser solicita insaciável, sôfrego, apaixonado e crente, que ele tem andado, desde o primeiro dia que apareceu na terra inóspita e dura sempre, de sonho em sonho, de sistema em sistema, de utopia em utopia, de quimera em quimera, de aspiração traída em ânsia perscrutadora!

Chegar ao ponto em que a dor moral desapareça, é tão impossível como chegar ao ponto em que se elimine a dor física.

Se nós somos eternamente condenadas a sofrer na nossa carne, quem é que pode salvar-nos de sofrer no nosso espírito, no nosso coração, no nosso ser moral, que a ciência de hoje não separa do outro é verdade, mas que nós, as que não sabemos de ciência, continuaremos a considerar a parte mais elevada e mais pura daquilo que constitui o nosso organismo completo?!

Mas parece-me ainda assim que a indulgência da mulher não pode ser feita de ignorâncias ou de transigências quase inconscientes, e que é mais digno de nós *saborearmos*, por assim dizer, a nossa amargura, do que não darmos por ela.

Levar para o casamento todas as ilusões que iluminaram de luz azul a nossa adolescência é um terrível perigo.

Pensar que o *amor*, simplesmente o *amor* seja o fim supremo da existência feminina, é outro erro da velha sentimentalidade que é preciso destruir a todo o custo.

Será o casamento uma instituição perfeita?

Não é!

Mas na sua longa conscientização e profunda investigação religiosa ou social, o homem não achou ainda outra fórmula melhor, em que coubessem as suas legítimas aspirações à felicidade pela família.

Aceitemos, pois, o casamento com todas as suas contradições, com todas as desigualdades injustas que ele estabelece entre os dois sexos, e de uma situação que não é absolutamente boa, mas que é ainda assim a melhor que foi até hoje descoberta, aproveitemos os benefícios e atenuemos quanto em nós caiba as máculas e os defeitos.

Sim, é terrível como o fúnebre repicar do sino que anuncia o enterro de um morto querido, essa hora, *quase inevitável* na vida da mulher, em que ela percebe que a Traição se assentou ao lume do seu lar, comeu o pão da sua mesa, dormiu o sono do seu leito, quebrou para sempre na sua alma a corda em que vibrava a confiança plena e doce de um amor recompensado e satisfeito.

Mas aquela que uma compreensão forte da vida haja cedo iniciado em todos os segredos do complexo organismo humano e social, essa compreenderá que se a vida do coração morreu num estertor, numa agonia rasgadora, a vida do Dever, a vida que todos temos de aceitar sob pena de abdicarmos o destino que é nosso, essa exige de nós a coragem, a abnegação completa, o sacrifício, a resignada submissão.

Pois quê! Quem é que não tem na vida a sua hora triunfal de confiança, de amor pleno, de inteira felicidade?

As horas negras que vêm depois são a expiação dessa hora de luz roubada ao céu!

Para que os nossos filhos mais tarde tenham alegrias iguais às que tingiram das cores da aurora a nossa mocidade confiante, é preciso que nós guardemos no mais íntimo do nosso peito a flecha fatal que se nos cravou para sempre, constituindo uma suprema e rasgadora agonia incurável.

Não, não é a mulher imbecil que perdoa! Essa, coitada, ou se deixa ir atrás de uma vingança humilhante e vil que não vinga coisa nenhuma, e que justifica tudo, ou então conserva-se na letargia indiferente que a não deixou apreciar a sua ventura, que a não deixa agora sofrer cruelmente a sua atroz decepção.

Não é a mulher ignorante que acha mais fácil a transigência com o destino ou a sua docilidade a ele.

Essa pode sentir, tão arrebatada, tão ardente, tão insofridamente como a que é esclarecida e culta, mas não pode como ela ter a indulgência fundamentada no conhecimento das leis fatais que regem e determinam o jogo das paixões humanas.

Só pode, não direi resignar-se, mas compreender e sujeitar-se à fatalidade das coisas, a que for educada, a que tiver retemperado o seu espírito, a que tiver fortalecido o seu entendimento, a que tiver a plena compreensão dos destinos da família.

Eu não prego a nenhuma que se ache nessa encruzilhada trágica em que tantas se encontram, nem a indiferença nem o esquecimento.

Ai! da que se consolar, que essa é digna da injustiça de que parece vítima!

Não, que ela se não console, que ela cubra de um luto eterno o coração donde para sempre fugiu a confiança e a fé, mas que se sacrifique!

Sacrifique-se aos seus filhos, se tiver a ventura de os ter, como anjos guardadores do seu desnortado espírito. Sacrifique-se ao dever, ao duro dever, se não achar nenhum afeto digno desta imolação suprema, e verá que há delícias austeras neste renunciamento que parece tão incompensado e tão cruel!

Mas quais seriam as más horas da nossa existência se não fossem estas?

E para quem desceria a velhice, calma, tranquila e pura, noite povoada de estrelas luminosas, se não fosse para as doces e queridas criaturas que, humilhadas, souberam perdoar, que, traídas, recusaram o fel vergonhosamente impuro da retaliação e da vingança, e que em nome de uma coisa que os egoístas e os maus chamam quimera, sofreram caladas o maior suplício que a Vida inflige ao pobre coração da mulher leal e digna?...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 2, n. 93, p. 2, sábado, 04/04/1885.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/748

19. CONVERSÇÕES LISBONENSES

A CARIDADE DOS NOSSOS IRMÃOS DO BRASIL – O filho que perde cedo a mãe e o exilado que perde cedo a pátria – Como a saudade ilumina tudo que está longe – O entusiasmo e a generosidade, duas formas do mesmo sentir – Beneficência pública. Seus benefícios e seus erros – A religião inspirando a resignação passiva – A liberdade inspirando as fecundas lutas – A miséria inspirando as revoltas trágicas – Paliativo supremo – De como a caridade salva os pobres salvando também os ricos – *O Paiz* e a subscrição para a Andaluzia.

EU NÃO CONHEÇO NADA MAIS DIGNO DE SIMPATIA e de admiração do que o espetáculo de solidariedade e de amor patriótico com que a colônia portuguesa do Brasil responde a qualquer apelo que lhe façam os seus compatriotas de aquém do Atlântico.

Nunca a voz da pátria deixou de ser ouvida e deixou de ser acatada pelos que lá mourejam na faina cotidiana; nunca a um lamento de Portugal deixaram de responder com generosidade entusiástica os filhos da nossa pátria, que foram buscar longe dela o pão que lhes faltava aqui, e mesmo os que, nascidos lá, só têm a cativar-lhes a simpatia, a tradição de um nome, a imagem vaga de um país não visto.

Ou se trate de aliviar uma miséria ou de comemorar uma glória, ou se trate de prestar homenagem a um vulto histórico ou de criar uma instituição útil, nós todos sabemos que podemos contar com o Brasil, que o Brasil nos estenderá a sua mão valedora, a sua mão fraternal, e que a coadjuvação dos nossos irmãos, que estão longe, será das mais profícuas e das mais preciosas.

É que, no fim de contas, o amor da pátria não é, como muitos querem dizer, uma convenção ou um raciocínio.

Não; o amor da pátria é um instinto irreduzível, é um sentimento poderoso que nós temos desde o berço, mas que só em certas condições especiais se manifesta completamente.

A imagem doce, querida, envolta em um véu de misteriosa saudade, da mãe, que foi cedo roubada ao amor dos seus filhos, fica sendo para eles a companheira puríssima e inseparável da existência inteira.

Os filhos não sabem sequer que ela tenha um defeito.

Julgam-na perfeita como a divindade; afigura-se-lhes que nenhuma das impurezas da terra, inerentes à nossa mesquinha natureza, a maculou. Ela não conheceu o que eram paixões, nem o que eram culpas!... Foi sempre e ficará para sempre na memória respeitosamente enternecida dos que a perderam, a suave, a impecável, a imaculada figura angélica.

Isto que sucede aos filhos que prematuramente ficaram órfãos de mãe, sucede também aos exilados, que nos dias alegres e otimistas da mocidade ficaram sem pátria.

A terra onde nasceram avulta sob o mais delicioso e encantador dos aspectos ante os olhos da sua saudade. Não há clima mais doce, não há céu mais puro, não há árvores mais copadas, nem cuja sombra seja convidativa de mais consolados ócios, não há noites mais povoadas de estrelas, não há luz de luar mais pálida e cariciosa!

Os homens que se conheceram e se deixaram, eram todos bons. Pudera! Quem não é bem julgado por um coração de vinte anos!...

As mulheres eram todas lindas! Que mulher não é linda sob o mágico poder criador do adolescente!...

A pátria, vista assim de longe, à luz azul de uma saudade recolhida e casta, torna-se a paixão mais íntima do exilado.

Tem defeitos para os que lá ficaram vendo-lhe dia a dia a inércia, a decadência, a indiferença que esteriliza, o egoísmo que aniquila todas as forças? Embora!

Para quem partiu não tem senão encantos.

É deste modo que pode explicar-se o amor que os filhos de Portugal que vivem no Brasil conservam e manifestam pelo torrão pátrio.

As duas formas mais sensíveis e mais formosas desse amor são a admiração por tudo que é glória nossa, e a caridade por todas as misérias que daqui imploram o socorro dos nossos irmãos de além-mar.

A caridade está sendo realmente entre as paixões boas aquela que predomina no nosso tempo. Temos muitos amores culpados, mas o amor dos pobres, entre os sentimentos que florescem na alma moderna, é o sentimento mais acrisolado e mais puro.

Gosta-se muito do ouro pelos gozos ridentes que ele dá, mas também pelo puro gozo de o partilhar com os desgraçados. Seja-nos absolvição de erros terríveis esta suave virtude chamada *caridade*, que estabelece uma transição radiosa entre a indiferença antiga, pelos males individuais, e a futura justiça, que dará a cada um um pedaço de pão à mesa comum dos que trabalham.

A respeito de beneficência pública tem-se escrito centenas e centenas de volumes.

Há quem diga que ela, em vez de atenuar a miséria, a agrava e perpetua; há quem diga que ela é um estimulante para a preguiça do proletário; há quem diga que ela afrouxa o amor de família pela criação de asilos, e o amor do trabalho pela imprevidência com que se substitui, àqueles a quem competia criar novos elementos de produção, para satisfazer as necessidades, que todos os dias mais crescem e avultam em torno de nós.

É verdade que a cada asilo que se cria e se preenche corresponde logo o aparecimento de uma multidão de candidatos à proteção desse asilo; que a cada hospital que se abre acodem milhares de enfermos, que lá não podem ter abrigo pela desproporção que existe entre as condições do estabelecimento e o número dos que imploram admissão.

E no entanto quem ousará afirmar que a miséria, a doença, a prostituição, todas as lepras, que contaminam e ensanguentam ainda o corpo das modernas sociedades, não seriam muito mais funestas, não se haveriam desenvolvido em muito mais alto grau se esses asilos, se esses hospícios, se essas instituições de caridade pública ou de caridade particular não tivessem existido?

A beneficência pública, organizada como está, tem gravíssimos defeitos orgânicos, tem pecados originais cujo resultado é porventura funesto àqueles a quem socorre?

De acordo.

Mas qual é a instituição perfeita? mas qual é o problema social, que ainda foi resolvido de um modo absoluto?

Em torno de nós há muitos paliativos, mas há poucos remédios.

A constituição da família, contaminada desde sempre pelo crime de desigualdade injusta entre o homem e a mulher, fazendo da mulher, na lei, a eterna pupila e a eterna pária, embora nos costumes lhe dê a falsa aparência de uma vitória frívola, é porventura uma instituição perfeita?

O código fundamental, pelo qual se rege cada uma das sociedades de que temos conhecimento, é um código impecável, puro de toda a injustiça? Bem sabem que não.

Por ora a caridade, considerada como que a precursora da injustiça, é o mais doce ideal que os nossos olhos procuram!

Dos amplos céus despovoados e silenciosos, tudo que o nosso coração amou, tudo que o nosso espírito, ávido de mistério e de luz, criou de inefavelmente doce e de infinitamente grande, caiu em sinistra e medonha e trágica derrocada, ao sopro gélido da moderna, da implacável ciência humana.

O Sonho de Liberdade, esse sonho que fez mártires e que fez apóstolos, teve já a realização mais completa a que porventura lhe será dado atingir.

E, no entanto, ficou de pé a eterna questão, que ninguém resolve. A Miséria ergue ainda no espaço ilimitado o seu culto andrajoso e sombrio.

A Religião dissera aos pobres, aos famintos, aos esfarrapados, aos que tinham fome e sede de justiça e de amor: “Depois desta vida virá a outra, e lá, vós que sois os últimos, sereis os primeiros, vós que sois os miseráveis e os desprezados, sereis os opulentos e os queridos”.

E diante desta promessa, que em si continha um mundo de consolações benditas, os pobres caminharam séculos e séculos avergados ao peso da sua cruz tremenda.

Nas alucinações da fome sonhavam as delícias do néctar paradisíaco; nas humilhantes agonias do abandono e do desprezo sonhavam com a púrpura dos triunfos imortais; no desamor, na isolamento, na mesquinha obscuridade de um viver feito de angústias, sonhavam com o seio doce de Maria, que havia de abrigá-los, com o sorriso meigo do Salvador, que morrera só para os redimir da eterna morte.

E um dia um sopro gélido de dúvida passou pela face da terra entristecida.

E os miseráveis ululantes e desesperados bradaram a um tempo: E se porventura nós não somos mais que os iludidos de uma falsa lenda, que as vítimas passivas de uma mentira monstruosa?! Quem nos afirma que é verdade tudo que há séculos nos repetem e que ainda ninguém nos demonstrou?!

E à luz sinistra dessa hora de desesperada amargura, eles evocaram a longa, a interminável, a sombria legião de mártires que haviam morrido sem soltarem uma queixa, fiados em uma promessa, que talvez não tivesse realização.

O que seria essa revolta suprema, que o século XVI soprou no mundo como o inverno sopra as tempestades, se ao sonho de beatitude imortal não sucedesse logo a quimera radiante, chamada Liberdade!

Três séculos levou a conquistar a esquiva deusa, que hoje se deixa possuir pelo mais humilde.

A liberdade deixou de ser uma aspiração teórica, para se tornar uma realização tangível, e o Homem, sôfrego sempre do *melhor*, depois de ter vencido e aniquilado a escravidão, pretende vencer e aniquilar a Miséria!

É decisivo e crítico este momento da vida humana, tanto mais crítico e tanto mais decisivo quanto é inegável que, na sua longa luta, a Humanidade adquiriu forças mentais que não tinha, processos práticos que não possuía, ideias que a pouco e pouco foi entesourando e que hoje lhe comunicam um poder colossal. Ela já não é a visionária a quem contentava o misterioso e o vago, nem a entusiasta que se deixou ir atrás de falsos e aparentes triunfos.

A Miséria! – eis o inimigo.

Por que tantas angústias? Por que tantas privações? Que lei medonha é esta que dá a uns todos os prazeres e que dá a outros todos os suplícios? Para que ao luxo desenfreado daqueles corresponde a imunda, a asquerosa pobreza destes?

Pois não haverá meio algum de descobrir uma nova fórmula que equilibre estes dois estados antinaturais?

À interrogação denunciadora de procelas subterrâneas, que refundirão completamente o presente estado social, responde a caridade, tirando às sobras de um o óbolo que atenua a privação inoportável de outro!

Sendo a forma mais visível do altruísmo humano, ela é no fundo um sentimento egoístico em que entra muita compaixão instintiva, mas de envolta com o vago terror das catástrofes previstas e adivinhadas ao longe...

Nós, os que vivemos neste momento transitório, concorramos quanto em nós caiba, mesmo à custa do permanente sacrifício das nossas ambições e das nossas cobiças, para que a transigência desses demore a inevitável explosão de revolta do maior número.

A caridade é uma válvula de segurança, é um dique oposto à insurreição, à invasão selvática e tremenda dessas hostes de bárbaros famintos, que do fundo das enfumadas fábricas, que do antro das oficinas escuras, que das entranhas palpitantes e sinistras da mina asfixiadora, que dos campos áridos e desolados cuja negra terra estéril já não paga o suor humano, espreitam o Rico, com um olhar que tem o seu quê de satanicamente ameaçador!



Estas reflexões foram-me acudindo em face do espetáculo comovedor que ainda há pouco deu a imprensa brasileira com o *Paiz* à sua frente quando os jornalistas portugueses pediram aos jornalistas brasileiros esmola para a poética Andaluzia, ainda há pouco toda envolvida na rendilhada mantilha da sua lenda mourisca, tão formosa!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, março de 1885.

O Paiz, ano 2, quarta-feira, n. 110, p. 2, 22/04/1885.

http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/816

20. CONVERSÇÕES LISBONENSES

DE COMO PARIS RI EM TODAS AS SITUAÇÕES — Na Revolução, na guilhotina, na fome, na miséria, na tirania — O riso, como suprema vingança — Paris em frente da questão do divórcio — A comédia, o jornal, o drama, a crítica, a caricatura — Os retratos dele e os retratos dela — Noivos, casados, divorciados — De como estas diversas situações se refletem no homem e na mulher — Identidade e diversidade — O divórcio na raça católica e na raça latina.

PARIS É A CIDADE QUE RI, que ri de tudo, por tudo, através de tudo; que ri nos momentos mais solenes como nos momentos mais cômicos; em frente dos problemas mais importantes e mais complexos, como em face dos assuntos mais frívolos.

Na hora trágica, na hora fúnebre, na hora angustiosa, na hora em que a Revolução agita e sacode a sua bandeira sanguínea, em que a guilhotina recorta implacavelmente no espaço o seu vulto sinistro, na hora em que a Fome, penetrando na cidade assediada, se assenta ao pé de cada lar sem lume e de cada mesa sem pão, no momento em que a tirania, sobrepondo-se a todas as revoltas da consciência pública, de cada cabeça que se levanta, faz uma cabeça inerte e decepada, Paris, a cidade da ironia, nunca deixou de rir.

É a faculdade mais característica, mais original com que ela se impõe ao nosso espanto!

Quando todas as nações choram e se lamentam, a soberba da cidade, que reina vitoriosa no mundo dos espíritos, vinga-se pelo Riso de todas as injustiças, de todos os suplícios, de todas as dores, de todas as tiranias!

Imaginem, pois, quanto ela não rirá em frente desta questão enorme, complicada e curiosa que se chama o *Divórcio*.

Por eu dizer que Paris ri, não digo que ela deixa de pensar.

Tem pensado muito, o que não obstou a que estabelecesse na sua legislação essa solução violenta ao problema do casamento, solução tão antipática às raças latinas, e que nunca em um país católico de costumes, católico de tradições, muito embora já não seja católico de crenças, conseguirá resolver nada, atenuar nada, remediar nada.

Os dramaturgos, os *contistas*, os críticos, os observadores, os jornalistas, os caricaturistas, sobretudo, pegaram no *Divórcio* e fizeram dele o seu assunto predileto, o seu tema obrigado, o alvo favorito das suas mordentes facécias, o estudo preferido do seu lápis ou do seu pincel.

Os álbuns de caricaturas, cujo assunto exclusivo é o *Divórcio*, inundam Paris e inundam por consequência o resto da Europa.

No outro dia, por exemplo, vieram-me à mão dois cartões-fotografias que se faziam mutuamente *pendant* e cujo tema era o seguinte:

Num dos cartões três retratos do mesmo homem.

Primeiro retrato: uma cara de sujeito perfeitamente radiante. É *noivo*. Inunda-o a mais viva e a mais completa felicidade. Antevê gozos celestes na posse da bem-amada. Sonha delícias ideais e não ideais antes de transpor a porta do templo, onde vai receber o dom definitivo e legítimo daquele amor virginal que o solicita e embriaga e enlouquece de ventura.

Segundo retrato: É *marido*. O sonho desfez-se. A visão transformou-se em uma realidade profundamente melancólica. Tudo que ele imaginara, era no fim de contas um exagero da fantasia. A coisa é muito pior do que lha tinham pintado. Não tem um momento de descanso. Tem de correr de baile em baile, de sarau em sarau, de passeio em passeio. Os outros é que têm todos os sorrisos e todas as graças; ele tem simplesmente todas as maçadas! Os outros dão o braço; ele leva as capas, os abafos, as mantas e o leque. Os outros trazem provisão de ditos espirituosos que excitam o riso mais gracioso e o aplauso mais delicado; ele anda com muito sono atrasado e aproveita todos os minutos para dormitar atrás de uma porta ou no fundo sombrio de um camarote. Para os outros é que *ela* se enfeita, a ele aparece-lhe de papalotes e com o rosto untado de *cold-cream* e de glicerina. Os outros gozam a flor artificiosa e perfumada da complicada *toilette* que *ela* inventou; ele serve unicamente para a pagar.

Os outros valsam com *ela*; ele joga o *whist*, furioso por não saber com quem *ela* anda valsando. A casa serve para descansar das fadigas passadas, fantasiando fadigas futuras; é fora de casa que *ela* brilha e conversa e ri e ostenta os primores do seu espírito, as riquezas do seu tesouro intelectual.

Na cara do infeliz refletem-se todas as meditações a que este estado de coisas dá origem. Decididamente, a emboscada em que o meteram é da pior espécie!...

Terceiro retrato! oh! delícia! O irreparável emendou-se, o nó górdio foi desatado, a prisão perpétua teve comutação, o *Divórcio* enfim cortou todas as dificuldades, desfez todas as tiranias da situação amaldiçoada. O rosto do preso, a quem deram a almejada liberdade, exprime com eloquência cômica este pensamento: *Numa todos caem, mas em duas?! Apanhem-me outra vez, se são capazes!...*

Nada mais *gouailleux* do que este terceiro retrato.

A boca escancarada, a testa franzida, os olhos muito abertos, exprimem alegria, espanto, sensação de libertamento consolador, uma satisfação plenamente e inteiramente cômica!

Uf! Via-se livre daquela e ainda não o pode acreditar. O que predomina no espírito do *divorciado*, no momento psicológico em que o retrataram, é o espanto grotesco de se achar livre quando menos o esperava, quando tudo e todos lhe tinham dito que a coisa era de vez, era para sempre, era irrevogável, era eterna, era impossível de desmanchar nunca mais. O terrível *nunca mais*, que tanto aterra o inconsciente e volúvel e frágil animal humano!...

O segundo cartão de que falei traduz uma impressão ou antes três impressões inteiramente idênticas às do homem, mas afinadas e espiritualizadas pela feminilidade da que as exprime.

A *noiva* é encantadora de curiosidade ingênua, de graciosa e como que assustada interrogação. Os seus grandes olhos pasmados parecem avistar a esfinge misteriosa, indecifrável, cujo segredo eles procuram ansiosamente sondar. O que há por detrás do véu sagrado que vai rasgar-se?! Que alegrias, que dores, que êxtases, que amarguras, lhe guarda esse futuro que vai desdobrar-se diante dela, rico de sensações ignotas e de estranhas e ambicionadas revelações?

E pensativa, docemente inquieta, ela cisma, entre o receio e a curiosidade, entre a dúvida e o sonho, entre a aspiração vaga e a indefinível saudade!

A *esposa*, Eva que já conhece os travesseiros do pomo vedado, tem na fisionomia um como que entranhado desalento, uma como que frustrada esperança, uma decepção de que ela própria não sabe descrever nem definir as melancolias intraduzíveis!

Pois que! A vida então era só aquilo!... Tinha sonhado tanta coisa, tinha acariciado com tanto enlevo as asas fulvas da sua Quimera!... Imaginara uma união tão íntima de dois espíritos, um acordo tão completo de duas vontades, uma harmonia tão uníssona de dois pensamentos!...

E divergiam em tudo!... Em tudo, Santo Deus!

Ele era *espírito forte*, ria-se dos que têm crenças, achava a religião *boa para o povo e para as mulheres*; ela tinha o doce paganismo cristão que adora as pompas do culto e se enleva misticamente na contemplação das belas imagens vestidas de azul e de ouro.

Ele tinha os largos sonos pesados e ruidosos; ela, exaltada, débil, nervosa, conhecia apenas o leve dormir das avezinhas que o menor rumor acorda em sobressalto.

Ele gostava da mesa farta, dos alimentos fortemente azotados, dos vinhos generosos, das suculentas iguarias; um fruto, um pastel, um dedo de Champanhe bastavam-lhe para a alimentarem a ela.

Ele vivia para os negócios, para os interesses positivos da vida prática, correndo atrás das lentejoulas do poder ou das satisfações ardentes da riqueza; ela tinha um ideal recolhido e casto de felicidade no amor, de gozo íntimo na posse exclusiva de um coração!

E sempre, sempre haviam de viver assim, tão juntos e tão separados, enclausurados na mesma gaiola e ansiando perder-se no largo, no imenso espaço em direções tão absolutamente opostas!...

A *divorciada* exprime o triunfo mais completo que pode imaginar-se, mas que diversa expressão tem esse triunfo, da que já fiz notar no rosto do homem que se divorcia também.

Ele como que afirma irrevogavelmente que para experiência bastou aquela, e que nunca mais tornarão a fazê-lo cair noutra. Ela, pelo contrário, tem na radiosa fisionomia como que o reflexo de uma esperança que vai definir-se em breve. O coração da mulher nunca se cansa de padecer, nunca se cansa de sentir, nunca se cansa de esperar.

A faculdade milagrosa de renascer mais viva da cinza de todas as alegrias mortas é o grande condão da mulher, é a sua compensação mais real e mais preciosa.



No entanto em que pese ao caricaturista deveras espirituoso que traduziu daquele modo as três fases do casamento moderno, o *Divórcio* nunca será para a mulher, e direi mesmo, nem para o homem, uma solução ou um remédio.

Há dois casos excepcionais, de uma hediondez trágica em que até os católicos podem aceitar o *Divórcio* como um mal necessário, como uma desgraça que obsta a desgraças maiores, mas, considerando o *Divórcio* na sua generalidade, não é ele o último golpe vibrado ao pudor da mulher, à delicadeza do seu sentir, à fidelidade e à pureza com que ela, entregando-se uma vez, não tenta nem quer reaver-se jamais?

Na sociedade católica, a religião dominará a lei, a tradição dominará a legitimidade desse ato violentíssimo, os costumes poderão mais do que os códigos.

Contudo o *Divórcio*, não remediando coisa alguma, fica sendo mais uma chaga aberta no corpo já gasto, anemiado, exangue da velha e decadente raça latina.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Março, 1885.

O Paiz, ano 2, terça-feira, n. 116, p. 2, 28/04/1885
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/840

21. CONVERSÇÕES LISBONENSES

AS FESTAS DE CARIDADE — A essência que as compõe, os benefícios de que são origem — Todos os elementos que entram nelas — O asilo para raparigas abandonadas — A miséria como causa de perdição — Meios de combater pela educação o nefasto desenvolvimento do vício — O que se faz — O que se deve fazer — A nossa crueldade — Uma ideia — Como ela foi executada — Poetas, moralistas, pensadores — “Um feixe de penas” — O que é e o que vale este livro.

NO OUTRO DIA FALAVA EU AQUI DA CARIDADE. É um velho assunto sempre novo, como o Amor, como a Fé, como a Esperança, como a Dedicação, como todas as coisas doces e boas que desabrocharam rosas de púrpura no coração da Humanidade e que hão de ir com ela até ao túmulo misterioso, enorme — enorme de trevas — onde ela tem de sumir-se um dia.

São velhas mas rejuvenescem-se, mas transformam-se, mas renovam-se em cada hora que passa, no relógio que marca os séculos.

A caridade de hoje, aquela que tem uma face inteiramente moderna e que antigamente não foi conhecida, é a caridade que enxuga rindo as lágrimas dos desgraçados, é a caridade que celebra festas pomposas, e que ao passo que vai consolando, se vai divertindo também.

Esta caridade, com que a Igreja Católica transigiu, que ela, salvo a exceção de alguns pastores de alma mais severa e puramente evangélicos, quase que santifica, tem feito aos pobres mais serviços materiais do que a outra, a modesta, a recatada, a austera virtude que recomenda a si mesma o máximo segredo, que impõe à mão esquerda que não divulgue nunca o que a mão direita haja semeado de esmolas.

Francamente, esta face mundana da divina virtude não agrada excessivamente ao meu espírito.

Reconheço, porém, que, se ela não tem para as almas que a praticam as consolações inefáveis de que é pródiga a outra, tem para os miseráveis que socorre uma cópia bem mais abundante de benefícios práticos.

Como virtude é nula ou quase nula; como conforto espiritual é contraproducente; como fator social, empregado na atenuação das misérias gerais, é poderosíssima.

As festas de caridade têm produzido ultimamente em Portugal centenas de contos de réis.

Nas festas de caridade, é claro que só excepcionalmente, que só em porção mínima, concorre o sentimento que lhes dá nome, significação, popularidade.

Nas *festas de caridade* entra-se por comprazer com as pessoas que nos pedem e que nos são simpáticas ou queridas; entra-se pela compreensão profundamente acentuada da vantagem que delas pode tirar-se em benefício da instituição que especialmente se protege; entra-se por luxo, por *chic*, por ostentação; entra-se por curiosidade; entra-se por falta de ocupações absorventes que entretenham o tempo; em uma palavra, entra-se por milhares de causas diversas. Mas como se entra, os pobres lucram muito com isso.

A pessoa, que, ou por vontade firme, ou por condescendência, se mete numa destas empresas, compostas de tantos elementos variados, de tantos elementos heterogêneos, sabe perfeitamente que não vai fazer bem algum ao seu próprio espírito, mas também sabe que vai fazer imenso bem à causa justa que advoga.

Iniciando uma destas obras complicadíssimas, tem de chamar em seu auxílio todas as virtudes, mas também todos os pequenos vícios sociais. A vaidade de uns serve-lhe de tanto como a abnegação de outros.

E há quem dê pelo gosto, pela alegria íntima de dor, mas há também quem dê, pelo pequenino prazer de que seja citada e louvada a sua generosidade.

Que importa porém?

Deu do que era seu, àquele que tinha fome. Eis o que se queria, eis o que se conseguiu.

Neste momento, entre as duas ou três festas caridosas que se preparam, prepara-se uma, querida leitora, de que a tua humilde cronista é também promotora.

Tratava-se de proteger, desenvolver e auxiliar uma instituição extraordinariamente útil em uma cidade populosa: um *Asilo para raparigas abandonadas*.

Eu, que não sou, como tu já sabes de sobejo, das menos pessimistas; eu, que nem sempre tenho pelo homem, meu congênere, aquela indulgência que ele merece, aos tranquilos observadores, aos benévolos céticos da escola de Montaigne, acredito ainda assim que a prostituição, essa lepra das cidades, é devida, não à maldade inata, mas à negra Miséria.

Salvar a criança das garras do monstro; da pobre flor do pântano fazer uma flor de jardim; da presa destinada ao Vício fazer uma honesta e boa criatura, trabalhadora, casta, feliz, pareceu-me sempre, entre as missões radiosas que pode haver neste mundo, a mais compensadora e a mais convidativa para o coração.

A miséria não é talvez a culpada única, mas é sempre a cúmplice mais poderosa.

O amor, a confiança, a credulidade estúpida têm despenhado no abismo milhões de raparigas; mas se a miséria não prestar à obra de perdição o seu nefando auxílio, quantas das que fraquejaram no caminho se não levantam eternamente entristecidas, eternamente inconsoladas talvez, mas podendo ao menos aspirar ainda à regeneração, à emenda, ao fecundo arrependimento.

Mas aquelas que têm fome! Oh! deve ser medonha a fome!... Os que nunca a sentiram, antes de condenarem as desgraçadas que cedem à exigência feroz das entranhas que se estorcem abrasadas, devem talvez, para julgarem as culpadas com mais conhecimento de causa, condenar-se a um jejum... de quatro a cinco dias!

Deve ser medonha a fome!... Os que nunca entraram nessa região pavorosa, de que o Dante descreveu os trágicos horrores, não sabem decerto o que é lutar, o que é padecer, o que é descrever da Providência, às vezes cega e surda, o que é desprezar a própria alma, ao senti-la sucumbida, aniquilada nas infernais torturas físicas de um ventre que pede pão.

Dentre tantas que sucumbem nessa luta medonha, salvar algumas não é já tão consolador!...

E o *asilo* de que se trata tem salvo centenas delas, dando-lhes, com a educação, com a instrução, com o amor das coisas boas e das coisas honestas, meios de vencerem a pobreza, de serem dignas e fortes na luta da vida, de trabalharem, achando no trabalho a felicidade, o prêmio, a independência.

Mas é preciso que salve mais, que salve muitas mais.

À proporção que a riqueza cresce, cresce também a miséria; terrível problema, paradoxo monstruoso que há bem pouco tempo comprovava com dados estatísticos o autor americano do *Progress and Poverty*.

Ao pé dos quinze anos que tem fome de pão, há sempre o velho ogro, que tem fome de carne tenra.

É preciso que ele não vença, ou se o Vício, o grande inimigo, não pode ser completamente derrotado, é preciso que as vitórias dele sejam menores cada dia.

Não há ideia mais simpática aos meus olhos que esta de combater pelo amparo dado à criança, pela educação dada à rapariga, o mal que aflige e macula todas as cidades grandes.

O homem, abandonado na infância, pode regenerar-se na virilidade.

As sociedades e a religião têm para o homem toda a espécie de indulgência; a mulher caída um dia na lama pode remir-se para o céu como a Madalena, mas ficou para sempre exilada das santas alegrias terrestres, que se chamam a Maternidade e o Amor.

Oh! salvar a criança inconsciente das torturas que a mulher há de sentir mais tarde, eis um fim que todo o coração feminino deve propor-se. Quantas caem na desgraça, antes de saberem mesmo compreender o que a desgraça seja?!

Ninguém as ensinou, ninguém lhes disse o que era o bem, o que era o pudor, o que era a virtude.

E quando, ignorantes, desfalecidas, elas se abandonam à corrente lodosa que as arrasta, nós, as que estamos na margem florida, umbrosa e calma; nós, que não conhecemos nunca nem a escuridão tenebrosa das que nada sabem, nem as tentações vis das que não têm amparo; nós lançamos à naufraga todas as pedras, todas as maldições, todos os desdéns!

Não! Isto não pode ser assim; não é digno, não é justo que assim seja.

O fim tão simpático que se tratava de alcançar levou-me pois a entrar pela primeira vez na minha vida numa festa de caridade, a ser sacerdotisa momentânea de um culto que por mundano demais não se harmoniza completamente com os meus gostos e com as minhas ideias.

E sabe a leitora como eu colaborei nesta obra mil vezes santa?

Foi colecionando trechos inéditos dos nossos primeiros escritores e formando com essas formosas páginas, que ao meu pedido caíram em chuva de ouro sobre a minha banca de trabalho, um livro que vai ficar formosíssimo, e que será vendido em benefício do asilo.

Todos tinham feito até aqui, *jornais dum número só* nas solenidades *mundano-caridosas* que precederam esta; eu tive a ideia de fazer um livro, para o qual cada um me desse aquilo que mais lhe agradasse escrever.

Generosos como reis, os espíritos mais gentis que em Portugal cultivam as letras, fizeram deste volume, original, interessante pela variedade de tons, uma preciosidade artística.

Camilo Castello Branco, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Teixeira de Queiroz, Guerra Junqueiro, João de Deus, Eça de Queiroz, Luiz Guimarães, o delicadíssimo poeta brasileiro, Antero de Quental, o sonhador dantesco, o visionário suave e místico, Tomás Ribeiro, Bulhão Pato e mais, muitos mais que eu não posso agora citar, para não dar a esta crônica o aspecto de uma longa lista de nomes, embora gloriosos, embora iluminados por todas as chamas do talento, cada um enriqueceu o volume com uma pérola de poesia, com uma página forte e sentida, com um pensamento profundo, com uma centelha, enfim, do seu privilegiado espírito.

O nome de Gonçalves Crespo, o delicioso poeta, arrebatado tão cedo à vida, à glória, à família, aparece por debaixo desses versos póstumos, em que se resumem todas as qualidades do seu singular temperamento de poeta, ardente e lânguido, correto e apaixonado, pujante de força e impregnado de morbidez.

Intitula-se *Um feixe de penas* este livro, que não tem precedentes na nossa literatura. E para dar à leitora uma ideia das riquezas que ele encerra, transportarei para aqui algumas das suas joias. Eis por exemplo o soneto de Luiz Guimarães:

Berço Vazio

*Róseo batel da vida, peregrina
Barca em que o anjo rindo adormecia,
Róseo batel que em mares de alegria
Ias banhando a proa diamantina;*

*Não mais, não mais a fonte cristalina
Que em teus fofos cetins calma luzia
Te inundará de raios e poesia
Como no céu a estrela matutina*

*Vazio estás. O pranto unicamente
Vês cintilar agora, longo e ardente
Sobre o teu mudo e frio travesseiro:*

*Tudo roubou-te a sorte malfadada,
Tudo perdeste, ó barca abandonada,
Perdeste o teu mimoso gondoleiro.*



Não podendo, por falta de espaço, transcrever os quatro sonetos de Antero de Quental, quatro primores que não de ficar, escolho um à sorte. Ei-lo:

*Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,
Colher nos vales lírios e boninas,
E galgamos dum fôlego as colinas*

CONSERSAÇÕES LISBONENSES

Dos rocios da noite inda orvalhadas;

*Ou vendo o mar, das ermas cumeadas,
Contemplando as nuvens vespertinas,
Que parecem fantásticas ruínas
Ao longe, no horizonte, amontoadas;*

*Quantas vezes de súbito emudeces!
Não sei que luz no teu olhar flutua,
Sinto tremer-me a mão, e empalideces...*

*O vento e o mar murmuram orações
E a poesia das coisas se insinua,
Lenta e amorosa em nossos corações.*



Gostava de poder dar à minha leitora do Brasil a novidade, o *primeur* deste livro, a tantos respeitos interessante, mas como? Seria necessário copiar tudo!... Há uma poesia de Souza Monteiro intitulada *De noite*, que é uma das coisas mais originais e mais formosas que eu tenho lido em português.

O ritmo, a música, a melopeia adorável desses versos ficam para sempre cantando no ouvido dos delicados!...

A citar mais, tinha de citar tanto!... Tudo é bom, quase tudo é ótimo.

O livro há de ser vendido brevemente, revertendo o produto da sua venda em favor do *Asilo para raparigas abandonadas*.

É muito provável que ele seja conhecido e apreciado no Brasil, tão curioso e tão *guloso* de todas as nossas iguarias literárias.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Abril de 1885.

O Paiz, ano 2, sexta-feira, n. 126, p. 2, 08/05/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/880

22. CONVERSÇÕES LISBONENSES

A imaginação

DIZIA NÃO SEI QUE ESPIRITUOSA MARQUESA DO TEMPO em que as mulheres se salvavam não pelas obras mas pelo espírito, que a imaginação era a pior inimiga do nosso sexo, pois que não havia uma só tolice perpetrada por nós, que a não tivesse por inspiradora.

Há neste dito um grande fundo de verdade.

Não que eu maldiga a imaginação, Deus me defenda dessa heresia!

Mas é que, no fim de contas, ela, a *folle du logis*, como lhe chamou mais tarde um pensador sutil, arrasta-nos por desvios e atalhos, que nunca teríamos a tentação de conhecer se não fossem as suas investigações feiticeiras!

A imaginação é, como todas as faculdades humanas, uma grande força. Mas precisa, como as suas irmãs, de ser aproveitada, dirigida, bem guiada. Devasta ou fecunda, cria ou destrói, imortaliza ou aniquila, consoante o motor que a dirige.

Nisto, como em tudo, nós, as mulheres, fomos muito mais infelizes do que o homem.

Porque para *ele* abrem o seu campo enorme, próprio para todas as culturas e para todas as construções, a Filosofia e a Arte, a Política e a Literatura, a Poesia e a própria Ciência, que também, para se ampliar em generalização grandiosa, precisa de ter como auxiliar a imaginação. Foi-lhe, portanto, fácil exercer essa faculdade poderosa, e, auxiliado por ela, criar maravilhas, produzir assombros, executar milagres, imortalizar-se em obras-primas.

Sem a imaginação nós não teríamos nem a centésima parte das coisas belas e das coisas grandes que possuímos! Sem a imaginação, este mundo seria um deserto árido, infecundo, onde nunca houvessem germinado as flores maravilhosas que o impregnam do seu delicioso e imorredouro aroma.

A imaginação do homem criou os mitos emaranhados e extravagantes das velhas religiões do Egito, da Índia e da Pérsia; ela levantou os colossais templos de granito a cujas portas velam indecifráveis e eternas as esfinges que há séculos nós interrogamos debalde. Ela produziu os grandes poemas homéricos em que os deuses animados pelas paixões dos homens, e os homens grandes e formosos como deuses se entrelaçam em um complexo adorável, como que marcando a

única hora verdadeiramente feliz que a humanidade conheceu desde que jornadaia neste vale de misérias que se chama Vida.

A imaginação do homem ergueu aos ares a estupenda catedral, em cujos nichos rendilhados se ajoelha em êxtase um povo de estátuas; ela produziu tudo o que há de mais belo, tudo o que há de mais horrendo, Ofélia e Caliban, as madonas de Rafael e as donas macabras da Idade Média; o radioso Olimpo, e o inferno de Dante, e a inflável ternura do Cântico dos Cânticos!

Quando o homem padece, ele desloca a sua agonia; do coração transporta-a para o cérebro, e faz dela um poema, um quadro, um romance, uma obra qualquer de arte, quer dizer de imaginação.

Goethe teve a tentação de suicidar-se; pediu à imaginação que lhe valesse contra aquela instigação demoníaca e escreveu o *Werther*!

Rousseau amou sem esperança de possuir aquela que amava, e deu ao mundo a *Nova Heloísa*.

À imaginação devemos nós todas as iluminações, todas as graças, todo o colorido, todo o encanto do mundo que habitamos!

Sem ela Michelangelo não atiraria aos muros da Capela Sistina com os seus *frescos* de gigante e de alucinado; o Dante não percorreria os círculos dos seus mundos fantásticos; o Ariosto não cantaria as estrofes deliciosas do seu Orlando; nem Cervantes imortalizaria as aventuras estranhas do seu tão simpático sonhador, do seu quimérico herói.

Mas por que é que sendo a imaginação para o homem uma fonte de riquezas incomparáveis, ela é quase sempre para a mulher uma fonte de lágrimas, uma origem de longas agonias e de longas dores?

Meu Deus! É bem simples. A imaginação do homem reside-lhe na cabeça, a da mulher tem a sua sede no coração. O homem escreve, pinta, esculpe, ou canta as criações da sua fantasia — a mulher não sabe fazer romances, sabe vivê-los; não sabe escrever versos, sabe senti-los!

Ele põe a imaginação ao serviço das restantes faculdades intelectuais de que é dotado; ela subordina todas as faculdades ao sentir que a domina.

Toda a vida da mulher se resume em afetos, que sente ou que imagina sentir.

Ama, e os que ama são sempre os heróis mais perfeitos que há no mundo. Imagina tudo o que há lindo e puro e encantado e grandioso, e acende essas lâmpadas fantásticas aos pés de cada um dos seus ídolos.

A imaginação fá-la ver o que não existe, crer no que é inverossímil, amar o que não merece cultos; a imaginação faz-lhe aparecer o mal sob as cores do bem, o crime sob o aspecto prestigioso e mágico de virtude.

É pela imaginação que o homem se levanta e que a mulher se despenha; que o homem faz de seu nome uma culminação brilhante e a mulher do seu uma lenda de culpas ou lágrimas.

E, no entanto, se a mulher de imaginação, em vez de ser uma alucinada genial como Joana d'Arc ou como Santa Teresa, uma louca da paixão como Heloísa, uma entusiasta e uma mártir como Mme. Roland, uma sonhadora indômita como a Georges Sand, uma grande mulher desgraçada como qualquer destas, fosse uma pessoa que se limitasse a vestir a vida de todos os dias com as cores brilhantes da fantasia; que fizesse do cumprimento do dever uma obra de arte, que pusesse todo o seu amor pela quimera ao serviço de uma causa útil, a busca paciente e resignada da felicidade na virtude!...

Não há nenhuma de nós que, pondo na monótona tela da sua existência um pouco da seda multicolor com que se bordam os sonhos, não conseguisse fazer da vida alguma coisa melhor do que ela é.

Meu Deus! Eu sei já o que a leitora me responde.

O dever é monótono. É para fugir a esta claridade indecisa e fosca que alumia dubiamente o nosso triste destino, que nós nos pomos em busca de algum ideal defeso, ainda que mais não seja do que para o ver de longe.

Pois nisso positivamente é que está o seu erro, ó minhas amigas!

Leram as belas lendas e as amorosas histórias, contaram-lhes o poema imortal das que se perdem pelo amor, diante dos seus olhos pairam as formosas figuras de Francesca e de Margarida, de Julieta e de Desdêmona, e não podem acreditar que a vida possa ser este seguimento de dias que vão passando com lentidão desesperadora, sem trazerem consigo nem uma realização a tantas promessas que os poetas da sua mocidade lhes murmuraram ao ouvido com modulações feiticeiras.

E visto que a vida é apenas *isso*, essa coisa chata e vulgar em que não há grandes abnegações, nem rasgos heroicos, nem amores que matam, ou que redimem, nem crimes que rugem como rugem as feras nos vastos desertos onde vagou René e onde Atalá deixou flutuar à ventania da tarde os seus cabelos longos como os liames e perfumados como a flor da magnólia; e visto que viver é ir arrastando a pesada cruz de todos os deveres; não querem, sequer, fazer um esforço para

engrinaldar de flores ideais essa cruz que lhes aparece tão tosca pois que é feita de todas as realidades!

Não, não é assim que devemos fazer.

Não há existência, por mais modesta, por mais humilde, que não possa perfumar-se com as flores do sentimento e da poesia verdadeira e sã, que as coisas justas exalam de si.

Ponhamos a nossa imaginação ao serviço da nossa felicidade. Procuremos arrancar à vida o que a vida tem de bom, em vez de querermos fazer da vida uma coisa que ela não pode ser.

Tu és pobre, não é verdade? No teu pequenino *ménage* não há luxo, nem estofos caros, nem tapeçarias artísticas, nem flores raras, nem quadros de mestres; pois bem, trata à força de arte, à força de arranjo, à força de sentimento do belo, de fazer dessa pequenina casa humilde um ninho asseado e puro onde a gente goste de repousar um instante, e donde leve uma doce e grata impressão.

Tu não encontraste no marido que te escolheram ou que escolheste na ignorância dos vinte anos, na ebriedade da primeira sensação, o amante, o amigo, o companheiro que a tua imaginação sonhara, que o teu coração ansiava encontrar?...

Pois não te ponhas a pensar perigosamente que esse engano irremissível pode ser remediado ainda pelo destino. Não imagines que alguém te possa dar o que ele não te deu.

Não!

Os que vês passar, os que a tua louca fantasia ainda teima em aureolar com todos os prestígios da formosura ou do talento, da dedicação ou do heroísmo, da bravura ou da elegância, valem muito menos do que *ele* para ti, porque ele é a legitimidade, o sossego, a tranquilidade da consciência e *eles* são a luta, o pecado, a agonia, a humilhação de todos os instantes. O meio de remediares o teu cruel engano é outro. Já que não podes amar o teu marido, ama ardentemente e apaixonadamente o teu *dever*. Cinge-te a ele, saboreia-lhe os amargores e os deleites, põe na inviolável altivez da tua dignidade os requintes de gozo que os outros põem na satisfação efêmera de uma paixão que passa e que só deixa o amargo sabor de um desengano atroz!

Tu querias um teatro vasto onde pudesses ostentar à vontade os dotes do teu espírito, da tua beleza, da tua inteligência formosa e culta; pois cria em torno de ti, à custa de um esforço incessante, um meio que te convenha por distinto, educa os que te cercam, inspira-lhes o amor do belo, penetra-os da compreensão do bem, abre-lhes os olhos do espírito para as coisas delicadas e luminosas. Sê a criadora do teu mundo, e reina depois sobre ele cônica do triunfo raro que alcançaste.

Todas as que sonham, todas as que padecem, todas as que pedem ao mundo os mil gozos ideais que o mundo não tem, procurem reconciliar-se com a vida e não malquistar-se com ela. Que a imaginação que serve ao homem para construir mundos soberbos, sirva também à mulher para alguma coisa que nos console e que nos melhore.

Que ela não seja a trágica conselheira de todas as loucuras que se não confessam, que ela seja a intermediária doce, pacificadora e cariciosa entre a vida que se vive cortada de angústias e eternamente embebida em lágrimas, e a vida que se sonha envolvida na poeira de luz de que a nossa fantasia a polvilha... Se não podemos fazer *obras belas*, façamos da nossa vida uma *obra boa*!

Não dispenseemos a imaginação, a fada gentil cuja vara de encanto colora, ilumina, transfigura tudo aquilo em que toca; mas aproveitemo-la não para nos consumirmos na eterna nostalgia do que não existe, pelo contrário para receber o que existe da luz de poesia, do ritmo harmonioso, da sedução viva e sempre nova que o tornaria mais querido ao nosso coração.

Não proscrevamos a fantasia do nosso mundo, subordinemo-la às leis com que ela se nos impõe.

Platão exilava da sua república ideal os poetas, os eternos quiméricos, os sonhadores insaciáveis; nós não faremos à imortal poetisa chamada *Imaginação* igual injúria. Mas, admitindo-a, estremecendo-a mesmo, impor-lhe-emos a obrigação de cantar os seus hinos de luz ante o altar do Dever, esse ídolo que nós mulheres, para sermos felizes, precisamos de incensar sem tréguas e sem desfalecimentos.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Abril de 1885.

O Paiz, ano 2, sexta-feira, n. 133, p. 2, 15/05/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/908

23. CONVERSÇÕES LISBONENSES

As escolas móveis pelo método de João de Deus

DIZIA-ME NO OUTRO DIA UM BOM AMIGO MEU:

“Que feliz que você é em escrever para o Brasil! O Brasil é a única parte do mundo em que nós, portugueses, somos amados! O Brasil tem muito mais interesse por nós do que nós mesmos. Não há causa útil, boa, progressiva de que nós tivéssemos a iniciativa, que o Brasil não aplauda, não proteja, não apregoe; não há causa ridícula que ele não tente desculpar. Nós passamos a vida a dizer mal de tudo que somos, a lamentarmo-nos puerilmente de tudo que não somos já. O Brasil, por um milagre de amor filial, verdadeiramente comovedor e verdadeiramente simpático, vê-nos eternamente sob um aspecto moço e brilhante, acredita no nosso gênio nacional, acredita na nossa regeneração política, acredita na nossa arte, nas nossas letras, em tudo de que nós duvidamos, em tudo de que nós rimos com sacrílego desamor, em tudo que constitui o assunto da nossa habitual e esterilizadora descrença!”

Eu não pude deixar de me rir da entusiástica e sincera expansão do meu amigo, e respondi:

“Então se sabe de alguma coisa boa que nos pertença, e que eu possa anunciar ao Brasil, tenha a bondade de mo dizer. É uma tão rara *bonne fortune* poder contar aos nossos irmãos de além-mar algum fato que fortaleça neles o orgulho, para nós tão honroso, de nos pertencerem por afinidades estreitas, que o não dispenso de me dar essa alegria!”

“Já nas suas *Conversações* lhes falou da *Associação de escolas móveis pelo método de João de Deus?*...”

“Eu não. Nunca me tinham falado dessa *Associação*.”

“Pois não tem desculpa de ignorar que ela existia, e, para se penitenciar do seu crime, tem obrigação agora de revelar o que ela é aos que ainda a desconhecem. Não há nada tão digno de inspirar a simpatia dos que se ocupam sinceramente das questões do progresso e da moralização do povo, como esta *Associação*.

O seu fim é delegar missionários que andam pelas províncias, pelas vilas, pelas aldeias de Portugal pregando a *boa nova*, isto é, levando a quem não sabe ler esse pão do espírito, que se chama o Alfabeto. Tem apenas dois anos de existência e já são notabilíssimos os progressos que tem feito e os melhoramentos que tem realizado.

No primeiro ano fez quatro missões, no segundo mais de oito, e é tal o entusiasmo com que as povoações e os municípios têm acolhido este modo notável e original de propagar a instrução,

que o terceiro ano, que já vai em princípio, promete um desenvolvimento progressivo realmente assombroso em coisas portuguesas.”

“Manda-me o relatório dos trabalhos dessa *Associação!*”

“Mando.”

Foi hoje que o recebi, e senti-me, depois de o ler, suavemente consolada.

Há em Portugal um nome que todos os partidos e todos os homens respeitam e admiram. É o nome de João de Deus.

Ele parece neste nosso meio utilitário e positivo um doce crente de outras eras, um apóstolo de alguma religião serena e perfumada de consolações e de esperanças.

Quase ninguém o vê; vive com os que lhe são queridos, num afastamento completo e absoluto de todo o convívio social, desta enorme *feira das vaidades*, em que todos nós andamos empenhados em vender a nossa mercadoria avariada ou sã.

Os seus versos tão suaves, de um lirismo transparente e vago que não parece da terra, e que traduz por assim dizer sentimentos angélicos, correspondem perfeitamente, coisa que raras vezes sucede, ao ideal que ele tem da Vida.

A sua linguagem ungida de um não sei quê de casta melancolia, de idealidade indefinida é a única que pode traduzir o seu modo especial de ver as coisas.

Lembra, não sei por quê, uma sensitiva. Os atritos deste mundo deviam por força magoá-lo e feri-lo; é por isso que lhe fugiu.

Hoje tem apenas um fim: ensinar a ler aos que não sabem, dar o pão da verdade aos que definham dessa fome espiritual tão funesta como a outra.

Os que não vivem, como João de Deus, na região azul do sonho, conhecem bem que *saber ler* não basta; que é necessário mais, muito mais! Ele, porém, julga que o alfabeto pode ser a carta de alforria, que a escravidão não acabou no mundo, enquanto o homem foi¹⁹ a vítima fatal de sua própria ignorância.

Esta ideia, que o possui, que o inspira, que lhe centuplica as forças, faz com que ele viva hoje completamente consagrado à sua missão de professor desinteressado de todos os que não sabem e lhe vão pedir uma escola de luz.

O método João de Deus, fácil, racional, simpático pelo prestígio de desinteresse e amor que o aureoleia,²⁰ tem se divulgado e popularizado em Portugal e creio que no Brasil, e esta *Associação*,

¹⁹ No jornal consta “foi”. Corrigido de acordo com a republicação em *Cartas a Luiza* (CARVALHO, 1886, p. 222).

²⁰ Lê-se “aureolece” em *O Paiz*. Substituído por “aureoleia”, segundo versão em *Cartas a Luiza* (CARVALHO, 1886, p. 223).

de que hoje venho falar aos leitores, é mais um fruto abençoado da evangelização perseverante do nosso poeta.

Tem ela por fim, como já disse, ensinar a ler, a escrever e contar pelo método de João de Deus os indivíduos que o solicitem, até onde permitam os seus meios econômicos (por ora infelizmente bastante escassos), enviando nesse intuito às diferentes povoações da nação portuguesa professores devidamente habilitados.

Além desta missão não quer mais nenhuma.

Um dos parágrafos fundamentais de seu programa reza deste modo: a *Associação* não se envolverá em assuntos políticos, nem em quaisquer outros alheios ao seu fm.

Neste ponto, deixem-me os leitores abrir um parêntesis. Aprovo infinitamente que esta *Associação*, cujo fim é vulgarizar o ensino, se conserve alheia a toda e qualquer intriga partidária.

No entanto, que os membros que a compõem tenham a plena consciência da sua missão. Ela tem por força de influir em menor ou maior grau no estado de adiantamento político do país.

O que é que origina principalmente a nossa estagnação política, científica e industrial? A desproporção enorme, assombrosa, extraordinária, entre os que sabem alguma coisa e os que não sabem nada.

Na Suíça, por exemplo, em cada *mil* habitantes há *um* analfabeto, em Portugal em cada mil habitantes (incluindo as crianças, desde o nascimento até aos cinco anos) 825 não sabem ler nem escrever!

Conforme os dados estatísticos oficiais, a população em Portugal é de 4.550.699 almas, das quais não sabem nem ler nem escrever 3.751.774!

Diante deste miserável estendal da nossa ignorância, qual é o coração português que se não sinta indignado ou entristecido?

Não é de um dia para o outro que este crudelíssimo estado de coisas pode ter remédio, mas abençoados mil vezes todos que concorreram para, num período mais próximo ou mais remoto, o nosso povo sair do estado de inconsciência bestial em que se acha subvertido!

E de que extraordinárias contradições é origem este momento psicológico da nossa existência nacional!

Um povo analfabeto tem nas suas mãos o sufrágio e, portanto, o direito de escolher entre os que o dirigem aqueles que possam dirigi-lo melhor!...

Daqui, é inútil mesmo o notá-lo, daqui a viciação completa do voto, a sofismação imoral de todo o sistema político, a inconsciente degradação dos eleitores, que, sem conhecerem o alcance ou

a significação do amplo poder que possuem, o vendem a quem lhes satisfaça alguma das humildes e egoísticas ambições que podem caber em ânimos tão infelizmente embrutecidos!

De modo que essa bela coisa chamada o sufrágio universal redunde, afinal de contas, em prejuízo dos próprios que imagina ou que finge emancipar, e em benefício daqueles cujo interesse é dominarem e conservarem o poder, é manterem o povo na brutalidade, na ignorância dos seus direitos, na sujeição estúpida a todos os caprichos e exorbitações da autoridade!

Segundo este raciocínio compreende-se bem que a *Associação das escolas móveis* exerce, talvez sem o querer, uma vasta influência política.

Tudo que tende a ilustrar o povo a exerce.

E servindo-me da frase enérgica de Laveleye, eu direi como ele: se a desigualdade atual das condições é necessária e deve ser permanente, espalhar o conhecimento do Evangelho, abrir uma escola, estabelecer uma imprensa são outros tantos atentados contra a ordem social.

Por que no fim de contas, qual de nós o não sabe? a questão que hoje domina todas as outras é a questão social.

É uma questão eterna, surge com diversas formas, com diversos nomes, com diversos aspectos em todas as fases históricas que a humanidade atravessou, mas nunca foi tão perigosa, mas nunca se impôs com tamanho despotismo ao espírito de todos, mas nunca teve empenhada em resolvê-la uma legião de pensadores mais profundos!

E será por que hoje as condições do pobre sejam mais duras do que nesses séculos de trevas, em que o filho do povo era aos olhos dos privilegiados um pouco menos do que um irracional, sem pensamento e sem voz?

Pelo contrário. As condições do pobre melhoraram consideravelmente, mas ele tem mais tempo para pensar, mais meios de conhecer a injustiça de que é eternamente vítima, menos esperança nessa recompensa, que além do túmulo lhe prometera o Cristo, o seu grande amigo, recompensa sonhada que o fazia encarar paciente e resignado o horror sem consolo do seu destino terrestre!

A Reforma pacificou se não conseguiu resolver a questão religiosa; a Revolução teve o mesmo papel no que respeita à questão política, mas a questão social quem é que a resolveu jamais? Onde estão para ela Lutero ou Danton, Mirabeau ou Calvino?

E a questão social tem faces múltiplas, que eu, pobre mulher ignorante, não posso sequer analisar ou descrever, mas os dois flagelos que a tornam tão perigosa aos olhos de todos, e que fazem do aparecimento de qualquer paliativo uma urgência imprescindível, são a Miséria e a

Ignorância, lepra que contamina desde sempre o corpo social e que produz nele todas as perturbações, todos os delírios, todos os alucinamentos febris.

Para que um dia a nossa bela civilização não sucumba, numa catástrofe final, mais medonha do que todas as invasões dos bárbaros, cumpre debelar a miséria, recuar quanto possível os limites da ignorância, e fazer compreender aos que se revoltam famintos, desesperados, que o reino da verdade e da justiça se vai aproximando dia a dia, e que hão de alcançá-lo os que lidarem, os que sofrerem, os que abnegarem de si, não os que atirarem consigo desorientados e entorpecidos à vertigem das revoluções sempre contraproducentes e sempre funestas.

Desde que se percebeu que qualquer esforço isolado é quase nulo, e que para propagar ou desenvolver uma ideia útil, é antes de tudo necessário pôr em prática o princípio de associação tão fecundo hoje como foi fecundo nos séculos anteriores, está claramente determinado que a cruzada contra a miséria e contra a ignorância tem de ser feita pelo trabalho coletivo de muitos.

É, pois, esta ideia que inspirou a criação de que hoje me propus falar às minhas queridas amigas do Brasil, certa de que lhes agrado, dando-lhes conta de uma associação tão simpática, ao passo que, divulgando a existência desta, eu presto à causa da instrução um serviço importante.

A Caridade para ser bem compreendida e bem praticada precisa de consolar as misérias do corpo e as do espírito. Em cada ser humano há três seres, o do cérebro, o do instinto e o do coração. E todos sofrem tanto! e todos necessitam de tanta piedade! e todos reclamam tanta abnegação!

O respeito pela vida humana, a piedade pelas fraquezas inerentes à nossa imperfeita condição, o dó dos infelizes e até dos maus, esses infelizes da pior espécie, porque abreviam de si todos os afetos, o imenso, o inesgotável desejo de fazer bem, de melhorar as condições físicas e sociais de todos os que sofrem, eis o característico mais simpático e mais acentuado do nosso tempo, eis o que inspira neste momento os cérebros que pensam, os corações que sentem, os investigadores da ciência, os que são grandes e os que são humildes, os que meditam na sua torre ideal e os que andam cá embaixo lutando com as vagas do enorme oceano chamado sociedade.

E cada um que traz um contingente, pequeno embora, para esta obra de pacificação e de amor, de luz e de justiça, deve na passagem ser saudado como dantes na era das conquistas, no tempo em que a espada era o instrumento da lei, se saudavam com entusiasmo os triunfadores e os guerreiros, missionários também, mas missionários de uma religião que morreu.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Maio de 1885.

O Paiz, ano 2, segunda-feira, n. 150, p. 2, 01/06/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/976

24. VICTOR HUGO I

O homem

POR MAIS QUE EU TENTE FUGIR-LHE, é um assunto que hoje se me impõe, que me possui, que irresistivelmente me domina, e que não consente que eu lance os olhos para o outro lado.

Este assunto é, nem pode deixar de ser: Victor Hugo.

O mundo do pensamento traja, creio eu, o luto desta morte, e a nossa raça, de quem Hugo foi, com certeza, o maior e porventura o último dos poetas, sente que alguma coisa de triunfantemente dominador falta ao seu prestígio, visto que ele lhe falta.

É cedo para que a crítica, tomando o frio escalpelo com que ela faz a autópsia, ainda aos maiores, se atreva a julgar a obra colossal de Victor Hugo.

Seria, como já disse alguém, necessária a pena de Taine e a grande compreensão artística deste crítico, que é também um criador, para meter ombros à empresa esmagadora de julgar o Poeta do século XIX.

E não é em um artigo, nem mesmo em dez artigos, por mais conscienciosos que eles sejam, que este gigante do pensamento, que este obreiro maravilhoso, que este pensador extraordinário pode ser aquilatado com exatidão e com clareza. A sua Arte tem segredos múltiplos, a sua Estética tem prodígios não sabidos antes dele.

A lista de gênios que Victor Hugo traçou no seu livro assombroso, intitulado *Shakespeare*, lista que se compõe de Homero e Jó, de Isaías e Ezequiel, de Lucrécio e Juvenal, de Tácito e João de Patmos, de Paulo de Dumas e Dante, de Rabelais, de Cervantes, de Shakespeare, nós os que pensamos, temos de acrescentar hoje um nome.

Victor Hugo, *entré tout vivant dans l'immortalité*, tem ali o seu lugar, a que ele mesmo, vagamente pensativo diante da própria grandeza, se refere porventura em uma das frases deste volume.

Victor Hugo não é propriamente e simplesmente um filósofo ou um moralista, um romancista ou um dramaturgo, um pensador ou um poeta.

Victor Hugo, sendo tudo isto, é sobre tudo isto o Gênio!

Tem os desdobramentos impetuosos, tem os desequilíbrios gigantescos, tem as inextricáveis e pujantes vegetações confusas, tem as visões tremendas, tem as lamentações trágicas, e o grande

fôlego lírico, e os sonhos deslumbradores, e a fertilidade enorme, e a seiva transbordante, e o excesso, e a flama, e a magnificência e a desordem!... “Em cada palavra, a imagem; em cada palavra, a antítese; em cada palavra, o dia e a noite.”

Isto que ele tão formosamente diz do criador do Hamlet, podemos nós dizer do sublime sonhador da *A lenda dos séculos*.

De quase todos os gênios, cuja enumeração a palavra imaginosa do grande poeta faz no livro já citado, livro que é muito mais do que uma crítica, uma confiança intelectual, e como que a psicologia íntima do seu autor, Victor Hugo possui alguma coisa de característico.

De Homero, a quem ele chama o *poeta-criança*, a ave dessa aurora que é o mundo, ele tem a graça matinal; a candura sagrada; o encanto inefável e supremo; a bondade ampla; o amor da heroicidade; o culto da bravura, o epíteto sonoro, que retine na rubra claridade e no largo espaço, como uma nota de clarim, como uma fanfarra festiva, como uma vibração metálica e triunfal.

A trágica luta, que se trava entre o bem e o mal, na alma de Jó, trava-se à distância de quarenta séculos, com toda a magnificência, todo o poder, todo o esplendor da arte, toda a amplitude que ela pode adquirir no largo horizonte que a nossa filosofia rasga e ilumina, na obra poderosa do poeta recém-morto. O Bem em face do Mal, lutando sempre, sem que um possa ter sobre o outro vitória definitiva, eis a significação sintética desse trabalho enorme, extraordinário, que tem por assinatura o nome imortal de Victor Hugo.

Ésquilo, que deu ao mundo, na revolta de Prometeu, a primeira noção do direito, o primeiro frêmito irresistível da consciência, em frente do despotismo dos deuses e dos dogmas, teve certamente um continuador soberbo nesse atleta que durante quase um século lutou, sublime de convicção, pela inviolabilidade do espírito humano, pela alta compreensão individual do Direito e da Justiça.

Isaías e Ezequiel, os dois alucinados, os videntes que as tempestades do Espírito agitaram em uma convulsão dolorosa e terrível, emprestaram a sua voz de bronze, onde vibram as maldições e onde as apóstrofes flamejantes se refletem com fulgor estranho, ao grande Inimigo dos erros tradicionais e das antigas escravidões; ao que combateu infatigável, tremendo de sagrada cólera, a superstição e a tirania; o rei que condena à morte em nome da lei; o padre que vota às chamas eternas em nome da Fé; o homem que mancha e polui a frágil mulher ignorante e lhe arranca depois brutalmente, implacavelmente, toda a esperança redentora; a sociedade que, depois de enjeitar os filhos, de os atirar à noite, às trevas, à miséria, ao abandono, tem ainda a coragem de os condenar quando eles sucumbem às tentações da fome, às sugestões da transviada consciência, a sociedade que despenha e que não salva, que perde e que não reabilita!

Oh! quantos clamores de indignação, de revolta impetuosa e apaixonada, de eloquência arrancada às íntimas fibras do coração o espetáculo da eterna injustiça social, da crueldade intolerante, da fraqueza desprotegida, da humildade pisada aos pés, da ignorância punida como um crime, inspirou ao grande Justiceiro dos *Miseráveis*, do *Último dia de um condenado*, da *Marion de Lorme* e de tantas outras obras de reivindicação, de piedade e de amor!...

Ser sempre do partido da vítima contra o algoz, do servo contra o amo, da mulher contra o homem, da fraqueza contra a força, do povo contra o opressor, pode ser às vezes um pecado social, é sempre um impulso generoso e belo!...

Lucrécio, o cantor da Natureza, aquele em quem, no dizer do Mestre, Pan aparece pela vez primeira, abraçaria como seu filho, um filho mil vezes mais glorioso, pois que o ilumina a civilização de tantos séculos de labor humano, o poeta que soube na sua língua feita, remodelada, torturada, contornada, violada tantas vezes pelo ímpeto criador do seu gênio, na sua língua que é um esplendor, que é uma graça, que é um deslumbramento, e um encanto, e uma tempestade e uma aurora, cantar a Terra e o Céu, desde o sonho indeciso, vago, tenebroso, da raiz sugadora e silenciosa, até ao azul infinito, donde as estrelas que são mundos, respondem com as carícias brandas de uma luz misteriosa à nossa eterna, à nossa apavorada interrogação.

Como Juvenal e como Tácito ele foi flagelador implacável; o trágico denunciante das orgias de um império menos grandioso do que o outro e quase tão corrupto como ele, e preso durante vinte anos ao seu rochedo de Guernesey, ele foi o vivo protesto indignado contra a fraqueza da pátria escravizada e sem alento.

Teve como João de Patmos a visão apocalíptica e desnorteadora, um não sei quê espectral, que atrai no seu pensamento, não como uma verdade que se pretende decifrar, mas como uma faculdade além do humano, que nos assusta e nos perturba...

Como Dante, de quem parece à primeira vista o contraste mais acentuado, a antítese mais completa, ele tem ainda assim extraordinárias afinidades íntimas.

No Dante está toda a Idade Média.

A emaranhada e secular floresta teológica estende pelo poema do florentino a sua vegetação enorme, confusa e sombria, mas no século do Dante a concepção do mundo era teológica, a ciência tinha por base a teologia, a torturante escolástica subjugava os espíritos, a fantasia — a deliciosa fada — quebrava as suas asas azuis contra as grades da jaula em que a superstição a tinha acorrentado.

O poeta da *Divina comédia* fez, portanto, da sua obra a expressão mais completa das ideias do seu tempo, deu uma forma imorredoura e una à desordenada e contraditória noção das coisas

humanas e das coisas divinas, de que o seu século era o depositário e o guardador, logrando à força de gênio, de imaginação grandiosa e arrebatadora, de ímpeto criador irredutível, violar as barreiras que então se opunham ao voo rasgado e livre do pensamento humano.

Em Victor Hugo não está todo o século XIX, porque o século XIX, que além das conquistas da Ciência e da Consciência, da Liberdade, da Filosofia e do Direito, que são o resultado enorme do seu esforço próprio, está enriquecido pela herança de todo o passado, que a sua crítica perscrutou, sondou, compreendeu e assimilou, o século XIX, o maior dentre os séculos, não cabe na Obra de um homem, não cabe na obra de uma geração!

Mas tudo que o seu tempo amou, sentiu, compreendeu, odiou, todas as verdades adquiridas já, todas as aspirações ainda incontestadas da alma contemporânea, todos os grandes princípios estabelecidos de liberdade social e de liberdade individual, todas as revoltas da consciência, todas as afirmações, todas as dúvidas, todas as grandes tristezas, todas as alegrias vitoriosas, têm um reflexo, têm um eco, têm um aplauso, um grito de maldição ou um grito de simpatia, um hino de triunfo ou um clamor de angústia, uma reverberação fulgurante ou uma sombra melancólica, na obra de Victor Hugo.

Se ele não traduziu tudo, sentiu tudo que fez palpar as gerações sucessivas de que foi o contemporâneo glorioso!

Assim como as trevas medievais, atravessadas aqui e ali por um doce raio lunar, por uma aparição radiosa e pura, se alastram nas páginas do poema dantesco, a plena luz que ilumina a nossa era, vem como um esplendor da aurora dourar a cúpula do edifício que esse artista maravilhoso, ontem prostrado no túmulo, levantou para o largo espaço, desafiando as tempestades.

Os outros poetas cantaram as suas próprias paixões e choraram as suas próprias dores. Victor Hugo cantou as alegrias e chorou as dores humanas!

Na alma dele vibra e palpita intensamente a alma do seu século, e o seu próprio lirismo tão sincero, tão comunicativo, tão arrebatador, é mais a tradução de uma fase sentimental da Vida do que o reflexo da sua comoção restrita e pessoal.

Grande lira que uma grande época faz vibrar; harpa divinalmente harmoniosa, a que as brisas arrancam suspiros, e a que as lufadas da procéla que passa, arrancam gemidos de desolação, soluços, gritos de dor!

Em pé, no limiar do século, ele aparece, visão de majestade e de glória, ante a qual as gerações terão de inclinar-se submissas!

Conheceu as grandezas e as glórias, conheceu os desalentos e as tristezas. Ele, que tinha a fé que move as montanhas, viu crescer em torno de si, à proporção que a morte ia chegando, a onda lodosa do ceticismo, que parece querer submergir a velhice deste século, mas sem nunca se deixar

VICTOR HUGO

vencer pelas contradições aparentes, que porventura o desnortearam às vezes, mas sem nunca ceder à influência deletéria do meio que o cercava e que porventura tentava abater-lhe o heroico esforço inquebrantável, a sua vida foi uma ascensão ininterrupta e gloriosa para o justo, para o bom, para o grande e para o belo!

Não temos o direito de pedir a essa consciência, cuja luz se transfigurou, o segredo do seu colóquio supremo com o Deus que o criara e que fez dele uma das suas manifestações mais perfeitas. Os que lançam essa nota irreverente no hino a um tempo fúnebre e triunfal que acompanha o cadáver do Poeta, não sabem sequer a sacrílega usurpação de que se tornam réus.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Maio, 1885.

O Paiz, ano 2, sexta-feira, n. 175, p. 2, 26/06/1885.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1076

25. CONVERSÇÕES LISBONENSES

George Sand, vista à luz da sua correspondência

I

O NOSSO TEMPO TEM, E COM MUITA RAZÃO, um verdadeiro entusiasmo pelo gênero especial de literatura, constituído pelas *correspondências*, pelas *memórias*, pelas notas e observações colhidas dia a dia, por estas confissões involuntárias sem fito feito, que mais do que nenhum outro trabalho intelectual nos revelam a psicologia humana. Ultimamente tem-se publicado tantos livros desta ordem que só eles podem formar uma enorme biblioteca.

Muitas *correspondências* que nestes últimos anos têm visto a luz, mais serviram para *diminuir* os seus autores do que para os engrandecer no espírito da posteridade. Em compensação, há outras, que vieram mostrar a uma luz, bem mais doce, bem mais favorável, aqueles que o mundo julgava com a sua proverbial e incurável injustiça.

A este último número pertence a *Correspondência* de George Sand.

Quando eu, sujeita, como todas as mulheres, aos desfalecimentos da alma, às súbitas e inexplicáveis tristezas, sucumbo ao peso desta Vida, tão hostil aos que pensam, tão dura e cruel aos que sentem muito, pego em um desses volumes em que uma alma enorme de mulher conta dia a dia a história do seu pensamento, e sinto-me como que milagrosamente reconfortada.

A leitora neste ponto para, um pouco surpresa e um pouco triste, não é verdade? E pergunta-me espantada: Pois quê?! tem esta opinião a respeito de George Sand?

Seria longo e seria melindroso entrar a este respeito em minuciosas explicações.

Diante desse gênio assombroso, que para o mundo se chamou George Sand, eu não indago as fraquezas que macularam tristemente uma parte da vida íntima da mulher, que tinha por nome de família Aurora Dudevant.

Na sua *Correspondência* escolhida por mãos piedosas, expurgada de todas as recordações impuras de um passado que a grande mulher expiou nobremente e longamente, não há um reflexo senão muito longínquo e apagado, das lutas tremendas, das trágicas lutas que se deram nesse espírito revoltado e extraordinário.

Porei portanto de parte considerações de uma ordem estranha ao assunto que trato, ao vir transplantar para aqui as notas que a leitura da *Correspondência* de George Sand me arrancou irresistivelmente.²¹

E de resto, que pode haver de mais interessante para um espírito de mulher, obscuro e humilde embora, do que as confidências duma mulher de gênio? E se pensarmos que o gênio não é mais que o maravilhoso poder da condensação concedido a um cérebro humano, a faculdade de sintetizar em si as impressões e as sensações de muitos, e de formular com eloquência e verdade, para todos compreensíveis, as paixões e os sentimentos da multidão anônima, compreenderemos, ao penetrar na vida interior desses seres privilegiados, que nada do que os faz sentir, palpitar e sofrer, nos é estranho a nós.

Sentimos, talvez em grau menos intenso, tudo que eles sentiram; o que nos falta é a palavra inspirada e verdadeira com que o possamos exprimir.

É sob este ponto de vista, particular, que as cartas de Georges Sand nos interessam tão vivamente.

Lacrimosas e repassadas de angústia, palpitantes de indignação e de revolta, resignadas e entristecidas depois, como que envoltas na pacificação melancólica do crepúsculo da vida, e tendo a serena majestade e as linhas ondulantes e suaves das paisagens outoniças, respira-se nelas a verdade, a espontaneidade mais sincera, a mais natural despretensão.

Ser sublime, sem nunca deixar de ser simples; aspirar continuamente aos mais altos píncaros do pensamento, atingi-los muita e muita vez, e não ter nunca a consciência da própria grandeza, a vertigem da própria elevação, antes conservar-se, através de tudo, humilde, ignorante do seu valor e como que impregnada de um vago aroma de bonomia rural — eis o encanto mais singular desta mulher singularíssima.

Nenhuma, entre as que deixaram na história do espírito humano um rastro luminoso, lhe é superior, enquanto que ela, na complexidade da sua opulenta organização, tem de todas um traço característico.

Há nela como em *Madame Roland* o amor entusiasta da liberdade, a paixão robusta da Justiça, o sentimento ardente e viril da democracia; no entanto, mais feminino que *Madame Roland*, ela teria lágrimas e gritos de piedade e acentos de enternecida eloquência para salvar Marie Antoinette.

²¹ Trecho de “Porei portanto de parte considerações” até “encanto mais singular desta mulher singularíssima” está ilegível no jornal. Foi transcrito a partir de *Alguns homens do meu tempo* (CARVALHO, 1889, p. 327).

Tem como Madame de Sevigné a ternura maternal, se não absorvente e exclusiva, pelo menos penetrante de carinho e cheia de engenhosas e sutis delicadezas.

Como a Staël, adora as letras, devora-a a curiosidade de todos os segredos da inteligência, professa a altivez desdenhosa e intransigente em face das tiranias brutais.

Advoga continuamente como *Madame* de Recamier a causa dos vencidos, concilia os ódios, pacifica as divergências, implora com incansável constância a favor de todas as vítimas e embebe-se na doce utopia de um mundo onde todos se amassem e se abraçassem e tivessem, como prêmio supremo da luta de tantas gerações de mártires, a fraternidade, a paz universal.

Porém o que a especializa e distingue destas todas, o que lhe dá o cunho de uma superioridade incontestável, o que a faz do nosso tempo e lhe conquista as simpatias da nossa geração, é a sua viva e fecunda compreensão da Natureza em todos os seus aspectos e o seu tão sincero e tão moderno naturalismo em face das paixões irreprimíveis da humanidade, ou das belezas santas e pacificadoras da terra.

Paisagista adorável, nunca nos dá em termos técnicos e de uma precisão de botânico ou de geólogo a descrição minuciosa do que vê.

É incontestavelmente melhor o seu processo artístico.

O que ela nos dá com uma riqueza de linguagem em que nenhum mestre a excede, com uma poesia penetrante que só tem de comum com Michelet, é a robusta, a sadia, a profunda, a deliciosa impressão que recebe dos mil variados aspectos da natureza física.

Nos seus livros respira-se o aroma resinoso dos pinheiros alpestres, a frescura dos regatos sombrios onde a *pervenche* umedece o azul dos seus olhos pequeninos e aveluda o verde-escuro da sua folhagem lustrosa, a melancólica doçura das florestas povoadas de rouxinóis; o idílio suave das campinas humildes; o cheiro do feno e dos trigais floridos, a acre respiração que sai dos flancos da terra úmida, dilacerados pelo ferro da charrua.

Há nas páginas dela a estrídula alegria vitoriosa das auroras escarlates; a languidez voluptuosa e elétrica do meio-dia abrasado, quando uma sede infinita contorce em espasmos de febre tudo que respira e vive; a tristeza dilacerante e interna como um adeus da hora do crepúsculo; a imensa paz cariciosa, protetora e calmante das silenciosas noites.

Quem melhor do que este coração tão eminentemente feminino sentiu e comunicou aos que a leram, as delícias de que a terra, a nossa eterna amiga, é tão pródiga para os que entendem as

harmonias ora vibrantes, ora enlanguescidamente mórbidas, ora de uma intensidade perturbadora da sua orquestra colossal?

Se mais nada lhe devêssemos, além desta iniciação sagrada, era enorme ainda assim a dívida contraída por todos nós com a nossa grande e gloriosa irmã.

Mas devemos-lhe mais alguma coisa, e há nesse *alguma coisa* um vasto alcance moral.

Devemos-lhe a alta lição que ela nos deu, trabalhando sem um dia de afrouxamento ou de cansaço, perdendo aos que a encheram de injúrias e de insultos sem uma só tentativa de retaliação ou de vingança, sem um grito de raiva, sem uma interjeição de furor!

A qualidade predominante deste caráter, fraco às vezes, vacilante no seu caminho e de uma indecisão devida às influências que atuaram na sua juventude desamparada de toda a luz moral, e apesar de tudo, é através de todos os erros que lhe sombrearam, para sempre a memória, a mais completa bondade, desartificial e simples.

Bondade imensa, bondade inextinguível, bondade que mais de uma vez a transviou, mas que teve a força triunfante de a reabilitar; bondade a que se devem as suas culpas gravíssimas é certo, mas também as suas raras virtudes, e entre elas os tesouros, os mananciais inesgotáveis da sua evangélica, ardente e apaixonada caridade!

Oh! a caridade, a doce virtude que a todas sobreleva, e cuja límpida corrente, nascida no humilde presepe de Belém, o mundo tem tido o poder maléfico de corromper e de enlodar. Flor que desabrocha luminosa e perfumada na alma dos que são bons, que os consola de tudo, até da ignomínia a que os homens às vezes os condenam, e que tem como certos seixos cor de púrpura, que se apanham à beira do oceano e que o oceano tem polido no eterno fluxo e refluxo das suas ondas tumultuosas, o dom misterioso de extinguir e apagar todas as máculas.

É possível que a leitora, que me conhece, que me tem lido, que sabe de cor a minha opinião sobre os destinos da mulher e sobre a sua missão na sociedade, condene agora como um crime de lesa-moral, como uma contradição inexplicável e estranha o meu entusiasmo *confessado* por essa mulher que foi um gênio, mas que foi também uma enorme pecadora.

Eu peço-lhe, porém, que antes de pronunciar a implacável sentença que condene a escritora inimitável, leia as cartas divinas que ela escreveu, e com as quais remiu literariamente muitos dos pecados que eu não trato aqui de conhecer nem de indagar.

O nosso tempo, grande em tudo, é grande principalmente pela bondosa indulgência que o Homem lhe merece.

Longe de ver nele o criminoso irremissível dos tempos da sombria Escolástica; a vítima fatalmente condenada pelo pecado original às chamas do inferno, ou às chamas da fogueira, o monstro que se havia de deixar mutilar ou havia de se deixar perder; para quem a Natureza e as suas forças indomadas eram outras tantas tentações demoníacas, e que só podia ter perdão sob a condição bárbara de ser anti-humano, o nosso século, conhecedor de todos os segredos defesos aos séculos que o antecederam, só vê no homem o criminoso, quando lhe é de todo impossível ver nele o doente ou o vencido pela fatalidade das coisas.

Os seus grandes pensadores, herdeiros neste ponto de antepassados gloriosos que foram como que os profetas da nova era, e que se chamaram Voltaire e Diderot, ensinaram-lhe a não condenar o réu, sem primeiramente o terem ouvido.

Exigem mais ainda, para depois sentenciarem.

Exigem que se conheçam as influências atávicas a que ele obedeceu, o meio em que se formou o seu caráter e se desenvolveu a sua educação, as circunstâncias especiais que na vida o rodearam, o conflito que o destino estabeleceu entre as fatalidades que o arrastaram e o dever que se lhe impunha.²²

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 2, domingo, n. 191, p. 2, 12/07/1885.
http://memoria.bn.br/DocReader/178691_01/1140

²² Os dois últimos parágrafos da crônica estavam ilegíveis. Foram transcritos a partir de *Alguns homens do meu tempo. Impressões literárias* (CARVALHO, 1889, p. 337).

26. CONVERSÇÕES LISBONENSES

George Sand, vista à luz da sua correspondência

II

(CONTINUAÇÃO.)

NÃO VENHO CONTAR AQUI, É CLARO, A VIDA DE GEORGE SAND, que decerto é suficientemente conhecida.

Não venho advogar a causa das suas paixões irregulares, que ela chorou com lágrimas de sangue, e que eu, pela admiração infinita que a grande mulher me inspira, quisera, à custa de um sacrifício imenso, poder arrancar da memória dos que a amaram! Era-me tão doce poder levantar-lhe um altar no meu espírito, sem as dolorosas restrições que a sua desvairada mocidade me impõe!

Eu queria ver nela apenas os trinta anos últimos da sua vida, iluminada pelo mais grandioso talento que ainda ardeu em cérebro de mulher.

Não posso.

Para que ela fosse a sublime desenganada, cuja palavra era uma lição, cujo conselho era um dogma, cujo sorriso doce e triste era feito de experiências amargas e decepções crudelíssimas, era indispensável que ela tivesse percorrido a via dolorosa, ferindo-se em todos os silvados, precipitando-se em todos os barrancos, dilacerando os pés em todas as urzes da estrada.

Lembre-mos, porém, que George Sand, filha de uma ligação irregular, condenada, portanto, pela sociedade e pela família; eternamente combatida entre os dois poderes representados por uma avó *voltairiana* e sem crenças, e uma pobre mãe plebeia, leviana, inteiramente ignorante, só pôde sair desta situação difícil e dolorosa pela porta de um casamento desigualíssimo.

Esse casamento fez dela — natureza superior, bela e robusta organização artística, espírito cultivado e grande — a quase escrava duma espécie de bruto, sempre ébrio e incuravelmente grosseiro.

Nada disso a desculpa, bem sei. Eu não quero nem devo desculpá-la.

Mas quem podia dar-lhe forças para levar a cabo a sua missão de sacrifício, se ela não tinha uns braços de mãe que a amparassem; um exemplo santo que a fizesse preferir a tudo o Dever; uns lábios imaculados que a beijassem e lhe dissessem:

“Tem delícias austeras, tem voluptuosidades verdadeiramente dignas dos que são grandes, o cumprimento do Dever por mais áspero que ele seja. Vais procurar a felicidade às paixões efêmeras, que te prostraram na ebriedade da sua febre romântica; os artistas e os poetas que têm alimentado a tua vida? Olha, que todos eles mentem!

O que de lá trarás, do país das Quimeras azuis e das miragens azuis e das miragens enganosas, é uma sede de ideal ainda mais ardente, e o tédio da vida ainda mais profundo e mais penetrante; é uma chaga aberta que só em longos anos de renunciamento e de velhice tu poderás sarar, mas cuja cicatriz, eternamente asquerosa, desformizará para sempre a formosura ideal do teu gênio sublime!”

Mas, ai! ela era moça, tinha a sôfrega curiosidade da Vida; tinha lido os poetas da paixão; tinha se contaminado daquela febre sensual, que se exala, como um miasma pútrido, dos livros ardentes de Rousseau; o período, de resto, era de delírio ardente; gozar, eis o mote dessa geração, nascida de um beijo, entre duas batalhas sangrentas.

Quando ela voltou das suas primeiras excursões ao país maldito onde se respira a *malária* dos desejos insalubres que imensa dor inconsolável se exala das suas tristes cartas!

“O meu coração envelheceu vinte anos! Já nada na terra me sorri. Para mim já não pode haver nem paixões profundas nem vivas alegrias. Tudo está dito! Dobrei o cabo. Cheguei ao porto, não como esses nababos que regressam em redes de seda, sob o teto de cedro dos seus palácios, mas como os pobres pilotos, que esmagados pelo cansaço, queimados pelo sol, deitam a âncora para não exporem mais ao mar a chalupa avariada. Não têm do que viver em terra, e demais a terra aborrece-os. Tiveram antigamente uma bela vida, tiveram riquezas, aventuras, combates e amores. Talvez lhes fosse grato recomeçar; mas, como? se a embarcação está desmantelada e a carga perdida?!”

Desesperada, na hora dos remorsos supremos que os orgulhosos nem a si confessam, sentindo porventura essa dor incomportável, que deve ser o tédio de si própria, é a morte que lhe chama, com lamentos de uma incomparável e poderosa melancolia.

E voltando depois dessa viagem que ficou célebre no mundo das letras, pelos formosos livros que produziu, a *Nohant*, ao ninho humilde onde, segundo ela própria diz “não pôde viver, mas onde a morte lhe será mais doce” murmura meigamente:

“Vim dizer *adeus* ao meu país, às memórias da meninice e da mocidade; porque decerto compreendes que a vida me é *odiosa e impossível*, e que é forçoso, absolutamente forçoso que eu morra.”

Oh! quem me dera poder citar largamente, dessas cartas, que resumem uma vida, e uma vida cheia, acidentada, agitada por todas as paixões que podem fazer pulsar febrilmente um coração de mulher; quem me dera poder citar todos os trechos adoráveis que me arrancaram lágrimas!...

Sonhadora que nenhum desengano consegue acordar; visionária que nenhuma realidade chama à terra; ave enamorada a que nenhuma queda desastrosa quebra as asas de enorme envergadura, ela vai sempre, pedindo às amarguras dilacerantes de uma quimera impossível consolo para as dores sem nome que outra quimera lhe deixará!

Pisam-na? abandonam-na? enganam-na? Que importa?

A vida prometeu-lhe a felicidade, e ela voa, sem cansar nunca, atrás da sombra errante que lhe foge!

Alumiada, a intermitências rápidas, pela cruel faculdade crítica, que é a sua superioridade e o seu martírio, ela despenha, por suas próprias mãos, do pedestal marmóreo, o ídolo que as suas próprias mãos ali tinham erguido!

Que importa?

Porque se enganara uma vez, não é lícito esperar que se engane eternamente.

A bela figura imaculada, que a sua fantasia imaginou, há de vir; não tarda aí; é mister que ela tenha todo o seu coração vivo e juvenil, para lhe entregar, renascido das próprias cinzas!

E levantando-se mais vigorosa após o desfalecimento de todo o seu ser, e ressurgindo mais apaixonada e mais crente da completa derrocada de todas as paixões e de todas as crenças, ela caminha insaciada e insaciável, pecadora inconsciente, sonâmbula da paixão, ambiciosa sempre traída dessa quimera eterna que se chama amor feliz!

Mas em meio da carreira vertiginosa e febril há duas forças que a chamam, há dois poderes santos que a redimem e a salvam:

A maternidade e o trabalho.

E no seu horizonte nublado e tempestuoso ergue-se a princípio indecisa e dúbia, depois púrpura, vitoriosa, flamejante, a luz pura que vai iluminar a vida desse grande espírito transviado e enlouquecido.

Os homens cobriram-na de insultos porque ela, sendo frágil, os amou, e tendo a sede inextinguível da felicidade, a procurou nos vis amores que eles dão; mas o filho estremecido, preferindo o apelido glorioso, que o gênio de sua mãe conquistara, ao nome herdado de seu pai, deu-lhe, neste ato de adoração intensa e delicada, a desforra de todas as humilhações, a vitória de todas as derrotas.

Mais tarde, no outono tão purpureado de tons opulentos, da sua vida de trabalhadora intrépida, ela sabe, com a palavra convencida e grave dos que sofreram, lutaram e venceram, incutir coragem aos que fraquejam; ensinar o caminho do bom e do justo aos que vacilam na escolha da sua estrada; dar ânimo, incentivo e aplauso aos artistas que sucumbem ao desalento duma hora infecunda, ser ela própria um exemplo vivo de feminil ternura e de força viril.

Quando a França parece querer suicidar-se nos excessos selváticos da Comuna; quando todos se curvam desalentados ao peso da mesma dor impotente, ela, a valente mulher, exclama cheia de fé:

“Sinto-me flutuar ao acaso sobre as vagas; mas buscando sempre a terra, porque sei que a terra existe, e que tudo lá vai dar fatalmente. A verdade e o bem não são mentiras; basta que a gente os sinta viver dentro de si própria para ter a certeza firme de que eles existem no coração da humanidade.”

E quando Flaubert, em suas explosões de epilético, lhe mandava em cartas, que também estão publicadas, os seus lamentos pueris, acerca de uns males imaginários que o torturaram, ela, a mártir de tantas agonias, em vez de rir-se desdenhosamente dessa velha criança genial, que a tanto talento juntava tão extraordinárias fraquezas, trata de combater o sofrimento que a sua alma intrépida nem compreende, e explica-lhe deste modo o ideal da sua velhice:

“Amar sempre, sacrificar-se continuamente, não reassumir a posse de si próprio senão quando o sacrifício seja nocivo àquele a quem se consagra; e sacrificar-se ainda na esperança de servir a única causa verdadeira que há neste mundo — o amor! Não falo aqui da paixão pessoal, falo do amor da raça humana, do sentir que cada ser amplia até aos outros seres. Esse ideal de justiça, de que tu me falas, nunca o pôde compreender separado do amor, visto que a primeira lei para que uma sociedade natural subsista, é a que faz com que os membros que a compõem se

sirvam mutuamente e mutuamente se amem. Chama-se nos animais instinto, a este concurso de todos para o mesmo fim; nos homens, porém, o instinto deve chamar-se amor; quem se subtrai ao amor, subtrai-se à verdade e à justiça.

Lamento a humanidade; quereria vê-la boa porque não posso separar-me dela; porque ela é eu; porque o mal que ela se faz a si, me fere o coração; porque a sua vergonha me faz corar; porque os seus crimes dilaceram as minhas entranhas; porque não posso compreender o paraíso na terra ou no céu para mim sozinha.”.

E como o grande escritor da *Bovary*, na sua eterna luta contra o que ele chama a *bêtise humaine*, continua a expandir-se em manifestações coléricas, que irritam os que lhe leem as cartas, George Sand, sempre maternal, sempre serena e doce, responde-lhe:

“Quanto mais desgraçado és, mais eu te quero! Como tu te apoquentas, como te afliges com a vida. Porque no fim de contas é da vida que te queixas; ela nunca foi melhor em tempo algum, para ninguém!

A gente *sente-a* mais ou menos, compreende-a mais ou menos, sofre por causa dela mais ou menos, e quanto mais adiantado está em relação à época em que vive, mais tem de padecer em resultado dessa desarmonia. Passamos como sombras sobre um fundo enublado, que o sol apenas rompe em raros instantes, e clamamos incessantemente por esse sol que não pode alumiar-nos. Está em nosso poder afugentar as nuvens.

Tens amor demasiado pela literatura; ela há de matar-te sem que tu consigas matar a *tolice humana*. Pobre *tolice humana*! Eu não a detesto como tu! Pelo contrário. Olho para ela com olhos maternais, porque a considero uma infância, e toda a infância é sagrada para mim! Que ódio que lhe votaste! Que enorme guerra lhe fazes! Tens inteligência e ciência de mais; esqueceste de que há alguma coisa superior à arte; essa coisa chama-se sabedoria, da qual a arte no seu apogeu é apenas a expressão simples. A sabedoria compreende tudo: o belo, o verdadeiro, o bom, e por conseguinte o entusiasmo que deles derivam. É ela que nos ensina a ver; fará de nós alguma coisa de mais elevado que o que está em nós, e a assimilá-lo a pouco e pouco pela contemplação e pela admiração!

Mas eu nem sequer conseguirei fazer-te compreender bem o modo pelo qual encaro e percebo a *felicidade*, quer dizer a aceitação da vida, tal qual ela é!”

Quem não sentirá simpatia por estas palavras de fé, de pacificação e de conforto!

De quantas dores superiormente suportadas, de quantos erros expiados dum modo sublime, se compõe esta serenidade augusta, que dá à velhice de Sand uma grave e encantadora majestade!

A vida, dura e inóspita como foi; a vida, que, segundo ela própria o confessa, *lui a manqué de parole*, muitas vezes a fez sangrar por todos os poros da sua carne, muitas vezes a dilacerou e abateu; nunca logrou prostrá-la.

Tinha dom raro e milagroso que constitui a única superioridade deste mundo — tinha a faculdade da eterna renovação que a Natureza empresta a raros eleitos seus.

Mon coeur mille fois brisé et toujours heureux de vivre — dizia ela aos setenta anos, definindo deste modo profundo e brilhante o seu coração de valente e de lutadora, e dando-nos assim o segredo de seu gênio cheio de contrastes, iluminado por todos os esplendores,²³ obscurecido por todas as sombras, opulento e suave, risonho e melancólico, impetuoso e terno, bom sobretudo, bom como a grande Natureza sua inspiradora e sua mãe, sua confidente na mocidade, sua amiga na serena velhice.

Será a vida de George Sand um exemplo a apontar-se? É claro que não, e que ninguém pode depreender tal absurdo deste meu escrito.

O gênio, porém, tem atenuantes excepcionais para os seus excepcionais desvarios!

E se a obra da grande escritora nos deixa às vezes como que descontentes e entristecidos, e se a sua mocidade nos desola como uma página lamentável da vida dos grandes entendimentos, as suas *Cartas* reconciliam-nos com ela, e é o estudo dos seis volumes das suas cartas que eu venho hoje recomendar às minhas leitoras do Brasil.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Maio de 1885.

O Paiz, ano 2, segunda-feira, n. 192, p. 2, 13/07/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1146

²³ Essa página do jornal encontra-se mutilada. Falta a última linha da coluna 4, página 2. O trecho “de seu gênio cheio de contrastes, iluminado por todos os esplendores,” foi transcrito a partir de *Alguns homens do meu tempo*. (CARVALHO, 1889, p. 358).

27. CONVERSÇÕES LISBONENSES

O CONHECIMENTO DO CARÁTER FEMININO ADQUIRE-SE MAIS facilmente pela observação e pelo estudo do meio que a mulher soube formar em torno de si, do que pelas confissões que ela porventura faça dos seus gostos, das suas tendências e dos seus afetos.

Querem conhecer a mulher?

Estudem a casa em que ela vive, a mobília que a cerca, as *toilettes* que ela usa, os livros que lê, os quadros que prefere, o gosto ou o desamor que ela manifesta em relação a certas coisas do espírito.

No outro dia, conversava-se a este respeito, e cada um dava o seu alvitre acerca do modo pelo qual seria mais fácil conhecer o espírito e o coração de uma mulher.

“Eu cá — disse um diplomata matreiro, que tem corrido parte da Europa e cujos conhecimentos a respeito do *Eterno feminino* são dos mais amplos e dos mais cuidadosamente cultivados; eu cá, para conhecer o que é uma mulher, basta-me entrar no *ménage* dela, ainda que não seja mais do que duas ou três vezes.

A mulher que vive muito em casa, que prefere a tudo a companhia do marido, que tem para o prender a *coquetterie*, embora inocente; que a filha de Eva não dispensa em nenhum dos seus afetos por mais legítimos que eles sejam, revela-se em mil pequeninos traços, que o homem inteligente reconhece à primeira observação.

Em primeiro lugar, veste-se muito bem. E quando digo *veste-se muito bem*, estou longe, já se vê, de referir-me a esses vestuários estapafúrdios, que são um dos característicos mais acentuados do *détraquement* cerebral deste fim de século. Veste-se com simplicidade artística, com um amor inteligente das cambiantes suaves, dos tons harmoniosos, das linhas que se prolongam em ondulações graciosas.

Em geral estas mulheres gostam muito de rendas.

As rendas dão à fisionomia uma doçura adorável.

Uma cabeça de mulher, emergindo suavemente de um *fouillis* de rendas brancas, raras vezes deixa de ter um fino encanto, atraente e sutil.

Percebe-se logo que as *toilettes* que ela usa por casa não são os vestidos velhos que já *não servem para sair*. Pelo contrário.

Como na rua só se encontram indiferentes e estranhos, a mulher vivamente namorada de seu marido, pouco esmero emprega na *toilette* com que sai. Basta que não deixe de parecer distinta, visto que para certas criaturas a distinção é uma qualidade ingênita, que as não abandona um só instante.

Além deste sintoma de *toilette*, para mim absolutamente decisivo, ainda há outro de altíssima importância.

É o modo por que os móveis estão dispostos, e o gênero especial a que estes móveis pertencem.

Se há uma grande poltrona fofa e baixa ao pé do fogão, se essa cadeira revela pelo descaído das molas, pela profusão das almofadas que um corpo ali descansa longo tempo, e ali espreguiça os seus ócios saborosos, é certo e sabido que a mulher teve a arte de prender em casa o marido, de o entreter, de o fazer preferir a tudo o *home* abençoado, cuja noção só o inglês ainda conseguiu generalizar no seu país.

Depois, é necessário que o resto da mobília corresponda à patriarcal poltrona do chefe.

Que haja em torno da grande banca do serão muitos *fauteuils* cômodos e elegantes; que o candeeiro tenha um aspecto simpático, e um quebra-luz convidativo, que os *bibelots* que estão por cima das *étagères* não sejam duma profusão demasiada e duma fragilidade de aspecto que assuste os desastrados, que haja espaço suficiente para o capricho dos que gostam de passear conversando, que as flores sejam frescas e não tenham um perfume excessivamente forte, que as campainhas elétricas funcionem, que as portas não ranjam, que os criados sejam corretos e silenciosos...”

“Meu Deus!” interrompeu uma senhora, que ouvira com sinais de forte impaciência a complicada exposição do diplomata. Visto essa sua teoria, entre cem casas há uma que reúna as condições necessárias para atrair e prender o dono da mesma.

“E diz V. Ex. muito bem. Pois não sabe que o homem não passa de um animal egoísta, do mais egoísta mesmo de todos os animais? Ele demora-se onde está bem, e procura a satisfação dessa necessidade de bem-estar, até conseguir encontrá-la, ou até morrer...”

Às vezes morre sem a ter encontrado nunca. A isso chama-se, na linguagem convencional deste mundo, *ser muito inconstante*.

Coitados dos inconstantes! Não imagina a pena que eu tenho destes pobres-diabos, que passam a vida à procura de alguma coisa que sempre lhes foge. No *ménage* a felicidade está quase sempre na mão da mulher. Só não são felizes os que não sabem sê-lo...”

“E quantos maridos há que se furtam voluntariamente ao gozo legítimo de todas as alegrias íntimas para buscarem lá fora...”

“Adeus! Esses constituem uma exceção que não faz lei. São como as carpas de *Madame de Maintenon*; têm saudades do lodo de onde vieram. A culpa é ainda da mulher que lá os foi buscar.”

“Mas”, atalhou outra pessoa, “estamo-nos afastando completamente do assunto. Não se tratava, que eu saiba, de uma teoria de felicidade doméstica, falível como todas as teorias, quimérica talvez como todas as felicidades... Tratava-se dos sinais exteriores, pelos quais se pode inferir o caráter de uma mulher, sem que esta tenha feito qualquer confissão que o revele ou explique.

A *toilette* é muito denunciadora, o modo pelo qual a casa está ordenada e mobiliada não é o menos, mas há muitas mais causas...”

“Os livros”, observa alguém. “Os livros são os mais indiscretos reveladores de uma organização feminina. Mostra-me a tua biblioteca, e dir-te-ei os gostos que tens.”

“Nem sempre. As mulheres alegres e maliciosas dão-se às vezes a leituras sentimentais, as apaixonadas procuram livros de amável ceticismo, as pecadoras gostam de purificar-se na água lustral das leituras piedosas. E quantas mulheres há de um gosto tão seletivo, que leem tudo, e procuram todos os gêneros e todas as escolas com a mesma avidez curiosa e insaciável...”

O nosso amigo diplomata foi de todos, a meu ver, o mais justo na sua apreciação, prematuramente interrompida.

É no interior da sua casa que a mulher se deixa mais facilmente estudar e conhecer. É conforme a atmosfera moral que ela criou em volta de si, que o crítico e o observador poderão discriminar o seu caráter e o seu modo de entender e de praticar a vida.

Conheço famílias, em que o marido ou trabalha lá fora ou se diverte lá fora também, em que a mulher passeia, faz visitas, frequenta os teatros, dorme ou corre de loja em loja; em que os filhos estão no colégio, e as filhas no convento.

Que desolada melancolia se respira nestas casas! Tudo ali é inóspito, desde os criados que nos recebem à porta, até as grandes salas luxuosas, muita vez povoadas de quanto há de mais opulento e de mais elegante.

Conheço, em contraposição, a estes pequeninos *interiores* humildes, em que paira suave e indeciso, cariciosamente convidativo, o espírito duma mulher amorável e dedicada. Entrar nessas

casas, faz bem ao coração. Que importa que tudo seja pobre, se em tudo há a revelação de um gosto feminino e de um cuidado perseverante, e duma doce e honesta e tranquila felicidade!

Felizes os que nas tempestades da vida conseguiram ao menos armar nalgum recanto obscuro este ninho de modestas alegrias!

A felicidade é a ave rara de que todos andam em busca.

Existe ela porventura?

Imagino que existe... para os que têm juízo.

Não se ria a leitora, supondo que ter juízo seja uma coisa fácil e banal.

É tão raro o juízo como a felicidade.

Ter juízo é não querer deste mundo mais do que ele nos pode dar; é não exigir das coisas humanas senão a soma restrita e moderada de alegrias que elas contêm em si; é ter a resignação e a docilidade risonhas diante das fatalidades da natureza e das tiranias da sociedade, é não sonhar; é não ir além do possível; é não aspirar ao perfeito e ao absoluto; é na luta da vida saber ser vencido sem revoltas inúteis e saber vencer sem descabido orgulho.

Os que têm esta espécie raríssima, quase milagrosa de juízo, também podem encontrar essa outra ave azul, esse milagre que se chama *felicidade*.

Pascal disse, entre muitas coisas profundas, esta sentença que todos nós devíamos trazer em letras indeléveis, gravadas na nossa memória.

“L’homme n’est ni ange ni bête, mais quand il veut trop faire l’ange, il fait la bête”.²⁴

O homem tanto quer subir, que se afunda; tanto quer espiritualizar, refinar as suas sensações, que as mais das vezes acaba perdendo a noção justa das próprias necessidades; tanto quer ir além do que é possível, que por fim nem o que é possível encontra.

O mal do nosso tempo é querer utilizar todas as sensações, reduzir à quinta essência todos os gozos, levar ao último requinte todas as sensibilidades.

Se nós fizéssemos a tentativa de nos tornarmos mais simples!

Se cada mulher tivesse por fato único, fazer da sua casa um ninho agradável, onde o marido se sentisse bem, e onde os filhos crescessem contentes!...

Parece muito, não é verdade? Pois é muito menos do que tudo que nós hoje tentamos.

²⁴ A autora citou, provalmente de memória, o seguinte pensamento de Pascal: “L’homme n’est ni ange ni bête, et le malheur veut que qui veut faire l’ange fait la bête”, <http://www.penseesdepascal.fr/XXV/XXV31-approfondir.php>.

CONVERSAÇÕES LISBONENSES

Limitar as nossas ambições a esta doce ambição de amor e de paz, seria talvez o meio único de tranquilizar as ondas agitadas e convulsas deste oceano, que é a alma moderna!

Queremos todos muito, queremos *tudo*.

A arte, o amor, a glória, os triunfos sociais, as riquezas, o prazer, eis o que alternativamente atrai a nossa ambição, preocupa o nosso espírito.

E para nos consolarmos a nós mesmos de não termos na vida nem um vislumbre de felicidade, declaramos orgulhosamente que a felicidade não existe...

Existe sim; devemos pelo menos acreditar que ela existe nalgum ponto misterioso, onde tão poucos a procuram.

Existe no sacrifício permanente da nossa individualidade àqueles que amamos e que nos amam; existe no cumprimento dos obscuros deveres; existe no lar modesto, onde a alma da mulher pode vivificar até os objetos inanimados e dar uma forte impressão de alegria e de paz aos que vivem sob o carinhoso poder da sua pequenina mão.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 2, domingo, n. 198, p. 2, 19/07/1885
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1171

28. CONVERSÕES LISBONENSES

EU E A *GAZETA DE NOTÍCIAS* — Interpretação errada — Como eu estimo e considero o Brasil — Uma questão literária — Quem é o primeiro poeta brasileiro — Como é impossível chegar neste ponto a um acordo — Gonçalves Crespo — A poesia brasileira e este poeta — “As velhas negras” — “A sesta”.

VISTO QUE ESTES ARTIGOS NÃO SÃO MAIS QUE UMA CONVERSAÇÃO despretensiva, com as minhas leitoras do Brasil, consintam-me que, antes de mais nada, eu trate de liquidar um equívoco, que se levanta contra mim e algumas pessoas dentre as que me fazem a honra de ler o que para aí escrevo.

A *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro de 28 de abril passado, fazendo-se eco de uma interpretação menos benévola e menos justa dada a um artigo meu, acusava-me de desconsiderar o Brasil, atribuindo à colônia portuguesa estabelecida nesse império intenções e fatos generosos devidos simplesmente e unicamente ao coração dos brasileiros.

Devo, antes de tudo, declarar que tal não foi nem pode ser o meu pensamento.

Falando dos nossos irmãos do Brasil, eu referia-me a *todos os brasileiros*.

Não data de tão longe a separação de Portugal e do Brasil, que eu não possa chamar irmãos aos que têm as tradições comuns, os que falam a mesma língua que nós falamos, aos que partem de uma origem que é tanto nossa como é dela.

Eu sabia, e disse-o na minha correspondência, que era a imprensa brasileira com o *Paiz* — jornal brasileiro — à sua frente, que tinha promovido a extraordinária e avultadíssima subscrição em favor das vítimas da Andaluzia.

Como pois podia eu atribuir à iniciativa e ao trabalho da colônia portuguesa o que no meu próprio artigo considerava e declarava como provindo da imprensa desse país?...

Se fazia algumas considerações gerais sobre o amor que os filhos de Portugal estabelecidos no Brasil conservam pelo seu torrão natal, não me eram elas sugeridas pelo fato da subscrição andaluza; vinham naturalmente, ao correr despretensivo da minha pena, sem que por um instante me acudisse ao pensamento que isso fosse ferir suscetibilidades ou exaltar os azedumes que me têm sido manifestados pela imprensa e em cartas particulares.

Na minha qualidade de mulher ignoro muitas coisas, e deixo de compreender muitas outras.

O meu crime é ter confundido sob o mesmo epíteto fraternal os que nasceram cá e os que descendem remotamente de ascendentes cá nascidos.

A língua é a mesma, e se alguma coisa há que acaricie suavemente e consoladoramente o espírito dos artistas portugueses, é a simpatia, o acolhimento afetuoso que eles encontram no público brasileiro!

A prova mais evidente de que não havia da minha parte a menor intenção de ser desagradável a esse país que me tem acolhido desde sempre com tão imerecida, com tão inolvidável benevolência; a esse país ao qual por afinidades estreitas eu pertenço também, é ter sido o meu artigo, tão injustamente incriminado, dado a público no mesmo *jornal* a cuja iniciativa brilhantíssima, a cujo esforço generoso se deve o êxito extraordinário que teve a subscrição para os andaluzes.

Custava-me que ficasse de pé uma desconfiança tão infundada.

Eis o motivo por que respondo aqui ao artigo em que a *Gazeta de Notícias* interpretou erradamente e cruelmente as minhas intenções e as minhas palavras, exaradas neste mesmo periódico.



Tenho visto em diversos jornais literários desse império que se travou entre alguns espíritos juvenis, que as coisas artísticas ainda preocupam acima de tudo o mais, a seguinte contenda: *quem é o maior poeta brasileiro*.

Aqui há tempos também houve em Portugal um periódico que aventou o alvitre estranho de se pôr a votos quem eram os *quatro primeiros escritores portugueses*.

Como é natural, não se chegou a averiguar este delicadíssimo caso de crítica literária.

Não se pode nunca dizer quem é o maior poeta, ou quem seja o maior escritor de uma época ou de uma nação, tratando-se principalmente de escritores ou de poetas contemporâneos da geração que pretende julgá-los.

A crítica do pensador e do artista nunca é o século em que ele viveu que pode fazê-la justamente.

Decidir dogmaticamente, dentre os três ou quatro poetas que nós conhecemos de perto, qual é o primeiro, é tão impossível como entre três ou quatro mulheres formosíssimas decidir qual é a mais formosa.

Neste ponto dividem-se os gostos, e cada opinião tem a sua justificação especial, e o seu raciocínio igualmente fundamentado.

Entre os artigos que apareceram, porém, acerca deste assunto, acabo de ler um, que o correio do Brasil me trouxe esta manhã, e que não pôde deixar de ser profundamente grato ao meu coração de mulher.

Esse artigo, escrito pelo sr. Soares de Souza Junior, com muita elegância e revelando conhecimentos críticos muito apreciáveis, dá a prioridade dentre todos os poetas brasileiros a Gonçalves Crespo, o autor das *Miniaturas* e dos *Noturnos*.

Não conheço suficientemente a poesia brasileira, para trazer a esta questão o meu humilde e desautorizado voto; parece-me porém que, entre os primeiros de qualquer literatura, tem um lugar distinto esse poeta, tão cedo arrebatado a todas as glórias da arte, a todos os enlevos do trabalho, a todos os afetos do coração, e que deixou como memória do seu nome os dois volumes cujos títulos aí deixei consignados.

A musa brasileira deve muito a Gonçalves Crespo.

Há nos seus dois livros versos de uma inspiração deliciosa, em que a imagem da pátria ausente avulta com relevo inimitável aos olhos do poeta.

Os quadros brasileiros são, dentre todas as suas poesias, as mais originais, porque na literatura desse período não há, que eu conheça, modelo para esse formoso gênero.

Nem Gonçalves Dias, nem Álvares de Azevedo, nem Casimiro de Abreu, se deixaram assim inspirar pelas cenas familiares da vida brasileira, cuja graça pitoresca e especial dá um cunho inteiramente novo aos versos de Gonçalves Crespo.

Onde se encontra, nas produções de qualquer daqueles poetas, a nostálgica doçura, a melancolia soluçante, que se exala como um perfume vago, desse poema intitulado “As velhas negras”?

Conheceram tanto dono!...

Embalaram tanto sono

De tanta sinhá gentil!...

Podem as tristezas mudas duma raça escrava ser notadas com uma sutileza maior, com uma doçura de mais ideal?...

A simplicidade que dá estes efeitos é que é a grande arte.

Ao longe, evocados pela voz do poeta, surgem os brutais senhores, para quem as tristes filhas da raça negra foram o brinquedo dum instante, a distração duma hora de tédio e de preguiça; e elas, inconscientes, vagamente assombradas, tendo o pasmo silencioso dum destino estranho, a angústia sem expressão e sem fórmula duma esmagadora injustiça, passaram de mão em mão, cumprindo o seu cruel fadário, e embalando de vez em quando nos braços emagrecidos ou vergastados pelo azorrague do feitor, uma criança loura e rosada e *branca*, que lhes sorria, dando-lhes nesse sorriso a indefinida expressão de alguma coisa de superior, de caricioso, de celeste!...

É pelas poesias em que transparecem memórias da infância que a arte idealiza e que a saudade penetra de uma vida intensa, que Gonçalves Crespo pertence propriamente ao Brasil.

A “Sesta”, “Na roça”, a “Canção”, “Ao meio-dia”, eis os títulos supremos que esse país tem para chamar seu ao artista das *Miniaturas*.

Só num coração de filho, e de filho saudoso, de filho amantíssimo, podem retratar-se tão vivamente iluminados, podem destacar-se com tão magistral relevo, cenas, entrevistas um dia, nas horas da imprevidente e distraída infância.

Lembram-se as leitoras da “Sesta”?

*Na rede que um negro moroso balança
Qual berço de espumas,
Formosa crioula repousa e dormita,
Enquanto a mucamba nos ares agita
Um leque de plumas.*

*Na rede perpassam as trêmulas sombras
Dos altos bambus
E dorme a crioula de manso embalada,
Tendidos os braços da rede nevada
Mimosos e nus.*



O vento que passe tranquilo, de leve,

CONVERSÇÕES LISBONENSES

*Nas folhas do ingá;
As aves que abafem seu canto sentido,
As rodas do engenho não façam ruído
Que dorme a sinhá!*

Que lânguido ritmo, que vaga suavidade nestes versos, que parecem feitos para acompanhar o movimento cadenciado e lento da rede, e embalar o sonho de alguma filha gentil desse país, em que o clima dá ao corpo as preguiças infinitas, e a natureza luxuosa e desbordante dá ao espírito a moleza, o cansaço fatal de uma permanente luta, em que o homem é vencido pela força inconsciente das coisas...

Mas, conquanto seja inegável que o autor das *Miniaturas* e dos *Noturnos* seja o poeta brasileiro que mais intensamente sentiu e logrou traduzir a sedução especial da natureza brasileira, ainda assim ele não tem direito a ser chamado o primeiro, nem nenhum dos outros pode arrogar-se igual direito.

Cada artista se recomenda por um traço ou por uma feição peculiar, que torna-o predileto, por consequência o *primeiro* para alguns espíritos. Nenhum tem o poder de se impor universalmente.

A Arte é o mundo dos iguais, disse Victor Hugo, que, se não foi um grande crítico, teve as iluminações súbitas e completas, que só o Gênio pode dar.

Se me perguntarem quem foi o primeiro poeta do mundo, eu, depois de pensar longamente, tenazmente, maduramente respondo que... não sei.

Cada época, cada raça, cada nação, cada indivíduo, cada idade até, tem o seu poeta.

Não há pois, que eu saiba, contenda mais inútil, questão mais impossível de resolver.

No entanto, aproveito este ensejo, que me parece oportuno, para, em memória desse morto, que é uma glória de Portugal e do Brasil, agradecer àqueles que na poesia brasileira deram o primeiro lugar a Gonçalves Crespo.

É possível que mais tarde a crítica confirme ou invalide esse juízo; para mim, ele foi uma grata impressão, que jamais se apagará da minha memória de mulher.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 2, domingo, n. 212, p. 2, 02/08/1885
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1232

29. CONVERSÕES LISBONENSES

QUANTAS VEZES TE NÃO TENHO EU DITO, QUERIDA LEITORA, que o campo é a coisa que neste mundo mais me agrada! O campo, contudo, não é para mim o que é para a maior parte das pessoas — um lugar onde se passa o verão, jogando o *lawn-tennis* e o *cricket*, passeando em ranchos alegres, valsando no *Club* da terra, onde se está em *vilegiatura*, convivendo ruidosamente e infatigavelmente com todos os que queiram associar-se a esta expansão de viver alegre.

Não. O campo é o estro onde a minha alma enferma como que entra em convalescença. E esta convalescença moral, para a qual as árvores foram a panacea única, tem das convalescenças a languidez suave, a melancolia silenciosa, a doçura íntima, e pode dizer-se — a renovação do ser interior.

À sombra das árvores, aqueles que as amam e sabem amá-las bem, sentem pouco a pouco o apaziguamento de todas as tempestades, o cansaço salutar de todas as agitações mórbidas, a reação de todos os excessos do pensamento, a calma enfim, tão necessária aos que sentem e sofrem.

Depois as árvores fazem-nos esquecer dos homens.

Elas não mentem, não enganam, não esquecem nem atraindo; elas não são egoístas, nem cruéis, nem despóticas.

Elas dão a sombra das suas ramarias verdes, a música dos seus ninhos chilreados, o cheiro dos seus troncos resinosos, a frescura das suas abóbadas espessas, aos que vêm de longe, cansados, tristes, pedindo à maternal natureza o benefício supremo de os deixar absorver-se nela.

É de uma destas regiões abençoadas, em que a vegetação, extraordinária de vigor e de seiva poderosa, nos inunda por toda a parte, que eu hoje venho conversar contigo.

E que melhor assunto podia eu hoje escolher do que a poesia?

Houve tempo em que as mulheres eram doidas pelos versos; agora, não sei por que, os poetas estão um pouco na sombra, e são muito preferidos a estes os músicos e os pintores, quer dizer, os cultores de duas artes muito mais sensuais do que a poesia.

É este um dos sinais do tempo.

Não é possível combater esta tendência, nem tampouco avivar no espírito feminino o amor dos versos, que se vai apagando a pouco e pouco.

Às correntes fatais que arrastam o homem, quem é que pode pôr um dique?

A música é por excelência a arte contemporânea.

Vaga como é, ela toma para cada um a forma de seu próprio pensamento.

Embala a tristeza dos tristes, aviva a alegria dos que estão contentes, espiritualiza o sentir dos platônicos, põe uma nota ardente na intensidade de gozo dos sensuais. Cinge-se a tudo, sem esforço, e para cada temperamento tem uma delícia especial. Os povos do meio-dia adoram-na; não a adoram menos as nações germânicas, tão sonhadoras e tão metafísicas. No dia em que o homem descobriu a música, ele destronou, talvez sem querer, essa outra música mais restrita e mais limitada que se chama a *rima*.

Há, porém, criaturas privilegiadas que sabem sentir todas as artes, e de cada uma colher a delicada flor que nelas desabrocha.

São as mais felizes.

Porque sentem vivamente a pintura nem por isso deixam de amar a música; porque fazem de Beethoven um deus, não negam o seu culto a Shakespeare ou a Victor Hugo.

Para elas, todos os que souberam dar uma fórmula imortal ao que sofreram e pensaram, são irmãos gêmeos, e não podem nunca separar-se.

Bem-aventurados os que, amando a Natureza, sabem amar assim a Arte.

Percorreram a vastíssima escala dos prazeres intelectuais; não devem pedir mais à terra, porque a terra lhes não pode dar mais nada.

Para ler, debaixo das minhas queridas árvores, trouxe eu, como é natural, alguns poetas que foram os diletos amigos da minha mocidade, e além desses, um poeta de que me tinham falado muito, e que eu, com vergonha o digo, não conhecia nada.

Foi, pois, com uma certa curiosidade receosa que principiei a folheá-lo.

O poeta é espanhol, e chama-se Gustavo Bécquer. Para consolação da minha vaidade, ousou esperar que a leitora o não conheça também, e venho recomendá-lo, trazendo-lhe algumas informações do gênero da sua poesia.

Em Bécquer há muito de Musset e muito de Henri Heine, o que não quer dizer que ele seja igual a qualquer dos dois. É um espírito que se embebeu da leitura do poeta francês, e do poeta alemão, ficando todavia fiel ao seu temperamento essencialmente espanhol. Amou, já se vê; qual é o poeta que não tem amado.

Foi traído; é natural. Toda a gente o é mais ou menos; o que sucede, porém, é que os poetas sabem queixar-se... em verso, e que os outros ruminam silenciosamente a sua agonia.

Se somente os poetas fossem as vítimas da traição, não os amávamos nós tanto. É porque eles formulam a nossa dor sem palavras, é porque eles traduzem a nossa agonia sem gritos, é porque eles transformam em hinos imortais as nossas lágrimas efêmeras, é porque eles acordam dentro de nós angústias que pareciam adormecidas, ou nos revelam a nós mesmos a extensão do nosso inconsolado desespero, que nós os amamos tanto!

À proporção que o vigor sentimental de uma raça decresce o seu amor pela poesia vai fatalmente diminuindo.

Logo que o poeta deixe de ser o intérprete do nosso próprio coração, deixa de excitar a nossa simpatia e o nosso interesse. Eles, por mais orgulho que tenham, não passam disto e é isto a sua glória suprema e única! São os tradutores geniais do coração das multidões!

Gustavo Bécquer não tem, como Alfredo de Musset, os gritos de inconsolada amargura, nem tem, como Heine, a finíssima ironia que remata cada uma das maravilhosas poesias deste artista incomparável.

Tem, porém, do primeiro a melancolia inefável, tem do segundo a indulgência do ser superior para a criança inconsciente que o fez sofrer. Julga a vida de uma certa altura em que ela nos aparece mais digna do nosso desdém do que das nossas lágrimas! mais inspiradora de uma serena e calma melancolia do que de uma expansão violenta de revolta.

A *saudade*, este sentimento tão nosso, esta *nuance* de tristeza de que nós, os portugueses, temos o segredo mais delicado e mais íntimo, inspira muitas das mais formosas poesias do espanhol.

“Os homens esquecem-nos? Nem por isso lhes devemos querer mal. Obedecem a uma lei fatal, de que são as vítimas inconscientes. O tempo leva tudo: as alegrias e as penas, os risos e as lágrimas, as decepções e as esperanças. É por ser assim que a Vida nos parece tão triste! Lamentemo-nos em comum do nosso destino hostil, mas não nos amaldiçoemos uns aos outros.”

“A mulher é pérfida? Pobre ser frágil! Quando ela jura um amor eterno, que resista ao tempo e às tempestades, acredita na imortalidade do seu próprio sentir, é sincera na sua ingênua crença. Não lhe lancemos em rosto a perfídia, que é um resultado do seu organismo mudável e da delicadeza excessiva da sua sensibilidade doentia. Tenhamos dó dela, que sofre muito, que luta, que se arrepende e que, de cada vez que é vencida pela fatalidade das coisas, expia amargamente, cruelmente, o que não é mais do que uma triste condição da sua natureza orgânica.”

Esta é, a respeito dos dois sexos, a teoria de Bécquer, que ele não expõe como eu acabo de a expor, mas que transparece nos seus pequenos poemas de uma suave e original melancolia.

Quer a leitora alguns espécimes do original e as pálidas imitações que eu fiz neste momento para lhe revelar o poeta?

Eles aí vão, e depois me dirá se não é exata a ideia que eu formo do seu modo de sentir:

*Como guarda el avaro su tesoro,
Guardaba yo mi dolor;
Yo quería probar que hay algo eterno
A la que eterno me juró su amor.*

*Mas hoy le llamo en vano y oigo, al tiempo
Que le agotó decir:
¡Ah, barro miserable, eternamente
No podrás ni aun sufrir.*

*Co'a ambição do avarento, ávido e triste
Eu guardava no peito a minha dor,
Para poder provar que o eterno existe
A quem me prometera eterno o amor.*

*Hoje a minha incurável amargura
Levou-a o tempo na fugaz corrente!
Ah! barro miserável! Porventura
Nem sofrer poderás eternamente!*



*Los suspiros son aire y van al aire.
Las lágrimas son agua y van al mar!
Dime, mujer, cuando el amor se olvida,
¿Sabes tú adónde va?*

CONVERSÇÕES LISBONENSES

*Os suspiros são ar, e o vento os leva.
As lágrimas são água e vão-se ao mar!
Se foge o louco amor que nos enleva
Dize, mulher: onde é que vai parar?*



*Mi vida es un erial,
Flor que toco se deshoja;
Que en mi camino fatal
Alguien va sembrando el mal
Para que yo lo recoja*

*A minha vida pode comparar-se
Ao deserto areal!
Cada flor em que toco se desfolha!
Parece que em meu caminhar fatal
Alguém semeia a negra flor do mal
Para que eu sempre a veja, a aspire e a colha!*



*Asomaba a sus ojos una lágrima
Y a mi labio una frase de perdón;
Habló el orgullo y se enjugó su llanto,
Y la frase en mis labios expiró.*

*Yo voy por un camino; ella, por otro;
Pero, al pensar en nuestro mutuo amor,
Yo digo aún: — ¿Por qué callé aquel día?
Y ella dirá: — ¿Por qué no lloré yo?*

CONVERSAÇÕES LISBONENSES

*Nublava-lhe uma lágrima a pupila;
Iam meus lábios a dizer: perdão.
Apaga o orgulho a pérola que cintila.
Abafa o orgulho a voz do coração!*

*Ela partiu, eu fiquei só. No entanto
Quantas e quantas vezes não pensei:
Por que fiquei calado, amando-a tanto? ...
E ela dirá: Por que é que eu não chorei? ...*

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portela, Coimbra, julho de 1885.

O Paiz, ano 2, sexta-feira, n. 217, p. 2, 07/08/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1252

30. CARTAS DO CAMPO I

QUERIDA LEITORA — Continuar a chamar *conversações lisbonenses* às cartas que eu te escrevo, preguiçosamente deitada à sombra de uma grande árvore, vendo ao perto espreguiçarem-se pelo areal reluzente as águas límpidas e sinuosas do Mondego, parece-me realmente que é faltar à verdade, um pouco mais do que o permitem as liberdades da prosa!

Consente-me pois que eu, até ao inverno, batize o nosso despretensioso cavaco com o título de *Cartas do campo*.

Isto não é de modo algum comprometer-me a pintar-te passagens iluminadas pela luz crua do sol de julho, ou docemente esbatidas nas tintas indecisas e dúbias da hora crepuscular, tão amada dos poetas.

Invejando, como invejo, à moderna escola literária a facilidade com que ela sabe *pintar* tudo que vê, eu limito-me apenas a traduzir muito incompletamente um pouco do que *sinto*.

Em mim, por um processo inteiramente independente de minha vontade, a *visão* transforma-se rapidamente em *sensação*.

Falta-me tudo, para fazer das minhas páginas de prosa e das minhas garatujas caligráficas uma tela penetrante e viva de Troyou, uma floresta de Corot, vista à luz matutina da primavera ou a claridade melancólica do céu de outono, um canto de paisagem fresca e idílica de Daubigny, um quadro enfim de qualquer dos modernos pintores.

Acho que o defeito é meu, porque não há para mim prazer comparável ao de *ler* uma paisagem.

Uma página de Taine dá-me esse deslumbramento inefável.

O grande crítico é, como todos sabem, também um grande pintor! Ele sabe dar à sua linguagem o relevo, os contrastes de luz e sombras, os trechos suavíssimos, os contornos ondeantes, as curvas moles e cariciosas, os frêmitos misteriosos, o encanto penetrante da viva natureza!

Desde que Taine viaja, eu determinei de mim para mim que era inteiramente inútil que eu me desse ao incômodo de viajar. Ele sabe ver o que eu nunca veria, e descrever-me o que eu não teria decerto a arte suprema de traduzir a mim mesma.

Depois, como tu hás de ter notado já, eu sou uma sonhadora incorrigível! uma mergulhadora incansável no fantástico oceano do sonho!

Adoro a natureza pela impressão íntima de que ela me penetra, sem que eu para isso concorra de modo algum.

Adoro-a pelo bem que ela me faz, não pelos seus efeitos de luz ou pelos seus contrastes de colorido.

Nunca distingo as linhas de uma paisagem. Olho, e gosto; animalmente, estupidamente.

Do alto céu desce uma claridade branda e cariciosa; das árvores tranquilas escoá-se como que um filtro adormecedor, as plantas cheiram bem; as aves cantam emboscadas na ramaria verde, ao longe a água lamenta-se em uma doce melopeia monótona, e eu deixo que pouco a pouco tudo que me torturava o coração, tudo que me agitava morbidamente o espírito, adormeça em mim!

A vida vegetativa, que de todos os lados me envolve, comunica-se-me e penetra-me. Sinto-me árvore ou planta, sinto-me inseto ou flor.

O esquecimento, a ignorância, a inconsciência das coisas apossam-se do meu ser, imobilizam-no numa contemplação que pode ser um êxtase ou um desmaio! que pode ser aniquilamento ou calmaria!

Se eu tivesse nascido na Índia dava decididamente em *faquir*.

Europeia como sou, permito-me o luxo de ser, no verão, entenda-se... uma panteísta inconsciente.

Não faz mal a ninguém como vês! e repouso-me um pouco do espetáculo social, o qual, à proporção que vou crescendo em anos, vai tendo o poder de me enjoar mais e mais!

Depois o campo tem ainda para nós, mulheres, uma vantagem que é muito de apreciar.

Sabes tu qual é?

Resigna-nos... a envelhecer!

Estou daqui ouvindo, apesar da distância enorme que nos separa, a exclamação indignada da leitora.

“Resignar-me a envelhecer! Pelo amor de Deus! Isso é que nunca! Não há resignação possível para esse desastre!...”

Eu sei, eu sei que custa muito. Nesse ponto não divirjo da mais genuinamente mulher dentre todas as mulheres que eu conheço.

A crise, que no dia se chama crepúsculo, que no ano se chama outono, que na vida não tem nome próprio, mas que separa os trinta dos quarenta anos, é uma coisa tão dolorosa para o nosso sexo, que não há nenhuma de nós, por mais superior que seja a todas as vaidades e a todas as fraquezas, que a não sinta dolorosamente.

Não há nenhuma de nós que não sinta essa passagem transitória e cortada de tempestades, mas algumas há, que, transposta ela, não hesitam em confessar que *a velhice é a única idade feliz da mulher*.

Ainda há pouco tempo eu lia estas palavras escritas pela mão de George Sand, uma mulher, que, a todos os respeitos, infelizmente, tem autoridade de sobra para o poder afirmar.

No entanto, dada a educação acanhada que nós recebemos, dada a ideia mesquinha e raquítica que nós fazemos da vida, dado o nosso destino passado e presente de animais inferiores, próprios unicamente para proporcionarmos alguns gozos de amor-próprio e de amor de outra qualquer espécie ao homem, nosso amo e senhor, a velhice é deveras alguma coisa de semelhante ao inferno, para os que vão entrar nela!

É preciso que acentuemos bem este ponto.

A velhice tem horrores para as que a fantasiam de... perto, mas é tranquila, serena, quase augusta, para aquelas que puderam dobrar-lhe a salvo o cabo tempestuosos!

Na doçura calma da natureza, longe das vaidosas lutas sociais, longe dos prazeres que tornam a vida de cada mulher uma espécie de *steepchase*, em que a triunfadora é quase sempre a que mais perde, é fácil compreender que a mulher possa resignar-se à velhice e possa achar nela compensações dulcíssimas às alegrias extintas.

Porque, enfim, cada idade deve ter os seus gozos íntimos, ou Deus não seria o pai providente e bom que toda a natureza nos revela.

A *arte de envelhecer* é uma das artes mais difíceis e mais necessárias para o nosso sexo. Não é quando alveja o primeiro cabelo, entre as espessas tranças de uma cabeça feminina, que ela deve principiar a aprendizagem dessa arte complicada.

Seria já tardio e quase que sem resultado o esforço que então fizesse para aprender os mistérios ocultos que ela encerra!

Não.

Como os trapistas têm sempre presente a ideia da morte, a mulher deve ter sempre diante dos olhos o fantasma da sua própria velhice.

E não recomendo isto para a aterrar nem a entristecer; recomendo-lho como um preceito de higiene moral, que a salvará de terríveis agonias futuras.

Pensando assim, ela deixará de fazer consistir a sua vida inteira nos triunfos do amor-próprio, nas adulações prestadas à sua frágil e efêmera formosura, nos cuidados absorventes dados à conservação da mocidade, e até mesmo nas ilusões e nas tempestuosas alegrias do sentimento mais egoísta e mais passageiro de quantos existem na terra.

À força de cogitar na velhice, e de preparar-se para ela, a mulher acabará por adquirir a força tão necessária à mocidade.

Compreenderá então que a vida, considerada do ponto elevado em que temos de considerá-la para a julgarmos bem, é uma cadeia de deveres logicamente e harmoniosamente ligados, e que do cumprimento desses deveres resultam as únicas alegrias compatíveis com o nosso organismo, a um tempo tão imperfeito e tão ambicioso. Para os que pensam deste modo, a vida é uma ascensão lenta, dolorosa às vezes, mas que tem recompensas viris, para dar, aos intrépidos que logram, com

a tenacidade heroica da sua vontade, chegar às regiões superiores, donde o largo horizonte se desdobra numa amplidão de espaço, numa abundância de luz deslumbradora.

Nem de outro modo seria explicável o problema tão difícil da existência.

Todas as estações dessa *Via augusta*, que nos leva do berço à sepultura, têm uma razão de ser suprema, ante a qual o nosso entendimento, por mais orgulhoso e por mais insubordinado que seja, tem por força de curvar-se.

Não basta para a satisfação da nossa ansiosa curiosidade a hipótese indemonstrável da vida eterna.

É preciso que a vida mortal tenha um princípio e um fim, visíveis a todos os olhos, justificáveis perante todas as hostilidades do ceticismo!

Vive-se para provar alguma coisa. Vive-se para afirmar com o exemplo que o Bem existe, que o Dever, além de ser uma coisa bela e uma coisa lógica; além de ser um encanto para a nossa alma, é uma necessidade para o nosso destino.

Pois não é realmente fora de toda a dúvida, que só um erro de educação secular pode dar à mulher a ideia ilógica de que todas as suas alegrias estão estreitamente ligadas ao período transitório da mocidade?

Se outro sintoma não demonstrasse a inferioridade mental a que uma errada direção nos tem conduzido, bastava esse para convencer os mais incrédulos.

E, no entanto, qual é de nós a que escapa completamente, se não pela razão, ao menos pelo instinto desse funestíssimo preconceito?

Qual é de nós a que não empalideceu de dor mísera, de mágoa inconsolável, ao ver no espelho o reflexo da primeira ruga ou do primeiro cabelo branco!

É que nos disseram sempre, desde séculos, é que os poetas, os legisladores, os apóstolos, os filósofos, os pensadores enfim de todas as categorias intelectuais, se têm encarregado eternamente de provar-nos que nós, neste mundo, temos um destino único: o de sermos as servas humildes do ser superior, onipotente, despótico, caprichoso, inconstante, a cujo sexo eles pertencem e que se chama — o homem.

Sacudamos este preconceito, destruamos esta noção falsa e pueril.

O amor é muito, mas o amor tal como os homens o sonharam, efêmero, sensual, tendo por base quase única o prazer, não é, não pode ser tudo.

Ele preenche, é certo, um período transitório e inebriante da nossa vida, mas, além dele, será verdade que não exista mais nada?

Então é falso que a civilização nos resgatasse, então continuamos nós a ser as escravas imoladas à paixão egoística do homem, os seres inferiores, que nenhuma religião purificou! Então aquelas palavras do Cristo nas bodas de Canaã — *mulher, que há de comum entre mim e tu?*

continuarão a ser a crua lei do nosso destino? Entre nós e o que é belo e o que é grande e o que é puro e o que é ideal, não haverá nada de comum?

Mas não! A verdade é que a vida não finda para nós, ao findar do último beijo de amor.

É para a hora melancólica da velhice que a caridade nos guardará os seus divinos tesouros, a doçura inefável das suas consolações sem egoísmo.

Na velhice temos a possibilidade ampla de consolar todos os que sofrem. A nossa indulgência depurada e enternecida não será alcunhada de tolerância interesseira, nem o nosso amor dos que padecem de cálculo engenhoso e hipócrita.

Na velhice, porque sabemos mais, podemos dar muito mais do nosso coração, e o nosso dom será mais útil, porque será mais sensatamente aplicado.

A natureza, que na inconsciência da infância ou na embriaguez tempestuosa da mocidade, nós quase que nem soubemos ver, terá então para os nossos olhos, mais tranquilamente contemplativos, o eterno encantamento, a formosura múltipla dos seus aspectos.

A arte dominará majestosamente o nosso espírito, que as efêmeras agitações já não perturbam.

E a maternidade, essa divina cruz da mulher, essa paixão que ela adora e cujos martírios a ensanguentaram, terá então sob outro nome os seus primeiros consolos sem amargura, as suas primeiras alegrias sem lágrimas, no rir de umas crianças que serão *nossas* pelo amor, sem que nós tenhamos, para que elas vejam a luz, cortado o silêncio das noites calmas com o grito dilacerante da nossa agonia desesperada.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portela, Coimbra, julho de 1885.

O Paiz, ano 2, sexta-feira, n. 231, p. 2, 21/08/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1312

31. CARTAS DO CAMPO II

NO OUTRO DIA, À SOMBRA DAS ÁRVORES, estava eu lendo um livro do nosso velho e grande amigo Michelet, quando deparei com estas linhas que me foram direitas ao coração:

“O homem deve alimentar a mulher. Cumpre-lhe a ele alimentar espiritual e materialmente aquela que o alimenta com o seu amor, com o seu leite, com o seu sangue. Às mulheres das classes abastadas, àquelas que parecem viver no doce conchego da família, às brilhantes, às felizes, qual é o alimento espiritual que nós damos?

E as pobres, as isoladas, as laboriosas, as desgraçadas, as que tentam ganhar o pão de cada dia, que auxílio encontram em nós para alcançarem o alimento material que procuram?

Essas mulheres que são ou que serão mães, deixamo-las jejuar (de alma ou de corpo) e somos nós os castigados, na geração que provém das entranhas delas, do nosso desleixo em lhes proporcionarmos aquilo que mantém e fortalece a existência.

Não é que falte ao homem a boa vontade, concedo. Falta-lhe, porém, o tempo e a atenção. Vive-se à pressa; quase que se não vive. Persegue-se com áspera ambição um fim pequeno, e deixam-se de lado os que são os verdadeiros fins da nossa vida!”

Estas palavras do velho apóstolo da religião da mulher impressionaram-me profundamente, porque corresponderam a alguma coisa, ainda não formulada, que havia dentro do meu coração. Sim, à mulher falta principalmente esse *alimento espiritual* que lhe restauraria o depauperado cérebro, e a que o grande evangelizador se refere naquelas frases.

Depois, ele continua:

“Trata-se da família. Do asilo onde todos nós quereríamos, após tanto esforço inútil, e tanta ilusão perdida, repousar o nosso cansado coração!

Voltamos tão exaustos de forças ao lar doméstico!... Encontraremos lá porventura o descanso que nos falta?

Não devemos dissimular, mas sim confessar francamente as coisas tais quais elas são: há na família um grave dissentimento, o mais grave de todos que podia haver! É-nos lícito falar às nossas irmãs, às nossas esposas, às nossas filhas, dos assuntos em que falamos aos indiferentes, de negócios, dos acontecimentos correntes, mas do que não lhes podemos falar de modo algum é das coisas que interessam o coração, e a vida moral, das coisas eternas, da religião, da alma, de Deus

enfim! Escolhei o instante em que é natural que a gente goste de recolher-se com os seus em um pensamento comum, a ceia por exemplo, o repasto noturno à mesa de família. E nesse momento, em vossa casa, no vosso próprio lar, ousai dizer qualquer palavra que se refira a esses assuntos graves! A mãe abanará tristemente a cabeça; a esposa contradiz as nossas opiniões; a filha, silenciosa, desaprova com o olhar... De um lado da mesa estão elas todas em grupo... do outro lado estareis vós sozinho, isolado...”

A linguagem imaginosa de Michelet põe aqui, com a clareza e a sensibilidade que o distinguem sempre, o terrível problema moderno, em toda a sua dolorosa crueza, em toda a sua dificuldade insolúvel.

O nosso tempo tem dentro de si esta luta medonha: o homem, que, fonte da nova ciência, opõe a sua invencível incredulidade aos velhos dogmas; a mulher, que por educação, por tradição, por sentimento é consciente ou inconscientemente católica e que, portanto, se sente a mil léguas do seu companheiro da vida neste assunto sagrado, de todos, decerto, o que tem mais decisiva influência no nosso destino moral.

Como remediar este desastre que tantas coisas determinam, que tantas circunstâncias agravam?

Pode levar-se a mal toda a mulher, que, desarmada na luta da vida, sem âncora neste mar proceloso em que as paixões, indomáveis como feras, se debatem entre si rugindo furiosamente, sem outra consolação que não seja a de uma bem-aventurança que sorri de longe, de muito alto, através das súplicas da existência terrestre, se refugie aos pés da Cruz, pedindo ao grande mártir a força passiva que ele teve para se deixar morrer por uma Ideia?

Pode acusar-se a frágil criatura por pedir²⁵ a força que lhe falta a essa crença entre todas consoladora, entre todas inspiradora de sacrifícios grandes e de abnegações sublimes?

Não, decerto.

E se alguma coisa entristece hoje a alma feminina, é o sentir que essa fé vai esmorecendo, que essa esperança tão vivaz se vai nublando, que a palavra da Lei vai substituindo o seu espírito, que a devoção se vai tornando apenas a fórmula oca de um sentimento quase extinto.

²⁵ Essa página do jornal encontra-se mutilada. Falta a primeira linha da coluna 2, página 3. O trecho “Pode acusar-se a frágil criatura por pedir” foi transcrito portanto a partir de *Cartas a Luiza* (CARVALHO, 1886, p. 72).

Pode lançar-se em rosto ao homem o lento desvanecer da sua esperança imortal? Também não. Vão-se alargando os horizontes, vão-se desvendando os mistérios; a ciência, na sua implacável demonstração de todas as horas, vai desmoronando pedra a pedra o monumento do passado.

O mundo que habitamos, grão de areia gravitando no espaço, ponto imperceptível no imenso livro do Universo, perdeu a sua importância, a sua significação, os seus direitos, por tantos séculos sagrados. Nós não somos o centro donde tudo parte, e de que tudo depende. Somos o elo de uma cadeia infinita, somos a parte mínima de um sistema, cuja imensidade nos deslumbra e nos humilha.

A nossa grandeza verdadeira começou no momento em que pudemos compreender quanto éramos pequenos!

Quando nos julgávamos reis não passávamos de escravos; escravos da própria ignorância, cegos perdidos em uma treva sem fim!

Julgávamo-nos os filhos primogênitos do Criador, tínhamos orgulho da queda que nos precipitara do Éden, e que nos condenara ao trabalho, à dor e à morte.

De quase anjos, tinha a curiosidade da nossa primeira mãe feito de nós os filhos do erro e da desgraça, mas nem por isso a amaldiçoávamos, tal era o orgulho da nossa grandeza decaída! Mas pouco a pouco, lentamente, por vias indiretas, por processos suavemente disfarçados, a Natureza foi nos revelando os seus múltiplos segredos, a vida foi nos desnudando os seus mistérios ocultos, e, não contentes com o conhecimento cada vez mais íntimo e mais minucioso da terra que habitávamos, a nossa imaginação não teve medo de perder-se no espaço incomensurável, e foi lá pedir a chave do enigma que era a um tempo o nosso tormento, e o nosso orgulho.

Quantas coisas sabemos hoje que não sabíamos! quantas falsas vaidades de que nos alimentávamos caíram por terra!

Não, não somos os filhos decadentes de uma raça divina, somos os sublimes resgatados da escravidão animal. Não caímos do céu por culpas que não fizemos! subimos até ele, pelo esforço intemerato e perseverante da nossa inteligência e do nosso Amor. Vimos de baixo, não nos despenhamos lá de cima. Não descendemos dos deuses, como os lendários fundadores da Roma dos Césares, mas temo-nos tornado maiores do que eles, pelo poder do trabalho, pelo poder do pensamento, pelo poder da virtude!

Sabemos já o segredo de tudo que nos cerca, só não temos ainda o segredo da centelha imortal que nos anima, e que faz com que o pecúlio, humilde embora, de cada um, constitua com o andar dos séculos o tesouro sublime e inesgotável de todos!

Temos, porém, um defeito: o orgulho!

Da nossa ciência, incompleta ainda, fizemos um sistema fatalmente imperfeito. Negamos que exista tudo aquilo que ainda não foi demonstrado aos olhos da nossa limitada e restrita inteligência. Daqui, a tremenda negação, que atiramos imperturbáveis a tudo que ainda não vimos nem palpamos. — Isto que a ciência moderna diz, pela palavra do homem, assusta as mulheres como um sacrilégio sem perdão.

Daqui o divórcio estabelecido entre o espírito ignorante que se submete ao passado, e não quer ver nada além da doutrina com que o alimentaram, e o espírito orgulhoso, indisciplinado, ébrio de ciência, do homem que julga ter vencido tudo, porque soube arrancar à Natureza o segredo de quase todas as leis que dantes o aterravam e enchiam de angustiosas cogitações.

Não sei se o tempo destruirá este divórcio, hoje latente, e mais visível nos seus resultados morais do que nas suas manifestações práticas.

Talvez fosse bastante para o atenuar que o homem tivesse menos orgulho do presente, e a mulher menos submissão ao passado. A verdade, porém, é que enquanto esta divergência íntima existir, o mal-estar da sociedade, a permanente e desnorteadora contradição de todos os fenômenos da vida moral são incuráveis.

De uma parte está a Ciência com as suas formidáveis negações e com as suas afirmações absolutas; da outra está a Igreja com a sua inquebrantável resistência às doutrinas que hoje determinam e regem a existência da sociedade civilizada.

A corrente do século desbordou esse leito fantástico que a Igreja tinha marcado à humanidade. As Leis, os Costumes, a Arte, a Literatura, a Economia, a Moral, a Vida, enfim, nos seus aspectos múltiplos, e nas suas ramificações variadíssimas, têm se transformado, modificado, ampliado, obedecendo à influência direta ou indireta, imediata ou remota que as sucessivas e imprevistas descobertas do homem têm operado nela.

A Igreja, porém, em uma obstinação que seria sublime se não fosse funesta, ficou no ponto em que estava, submetendo ao seu império invariável e imobilizado o espírito frágil da mulher, abalado ainda assim pelas contradições que fatalmente surgem entre os preceitos da fé que lhe impõem, e os preceitos do mundo em que vive.

E se ao menos ela achasse a tranquilidade ao pé do altar! Mas não a acha... Ela não se farta ali completamente às irresistíveis influências que a penetram de todos os lados; é debalde que se apegue à letra: o espírito esvai-se ao contato das realidades mundanas.

Realiza inteiramente o contrário daquilo em que parece acreditar, e o padre, que a dirige e que a absolve, não leva a sua coerência ao ponto de exigir que ela estabeleça uma harmonia perfeita entre aquilo que aceita como lei determinante da sua vida, e aquilo que pratica, obedecendo às exigências sociais, determinadas por uma corrente de ideias inteiramente opostas às dele.

Então o pobre espírito feminino dilacerado por estas contradições, soçobra, naufraga, despedaça-se na luta, ou pede à indiferença, ao esquecimento, ao letargo intelectual o remédio para estes combates morais, que pelo menos elevam e fortalecem todo o ânimo em que se travam!

E se o homem fosse um pouco menos absoluto, um pouco menos orgulhoso, um pouco mais compadecido da delicada criatura que ao lado dele agoniza silenciosa ou inconsciente?!...

Se ele, deixando à mulher a doce poesia da sua Fé, essa claridade consoladora e vaga da lenda, com que a religião tanto nos cativa e prende, a fosse iniciando ao mesmo tempo a pouco e pouco na religião tão ampla, tão reconfortante da sã Natureza? Se ele, sem nos roubar inteiramente às esperanças, às alegrias, às promessas misteriosas de uma eternidade compensadora, nos levasse pela mão, bondoso, indulgente e forte, até à montanha ideal, onde a vida nos aparece iluminada por uma luz superior à luz que irradiam de si os diversos despotismos doutrinários?!...

Se ele, em vez de assustar a mulher, com uma negação árida e cruel, que fere os seus delicados instintos, que a deixa sem recurso algum no medonho combate da existência, tão esmagador para ela sempre, a fortalecesse moralmente, lhe explicasse com a lucidez da inteligência, e com a ternura da bondade, que o Deus que ela adora, e cuja perfeição a atrai e a alimenta, pode não estar encerrado nos limites restritos dum dogma, desse dogma que condena²⁶ às chamas eternas todo aquele que discrepar de um só dos seus pontos de doutrina, quer dizer, quase todos os que o mundo lhe tem ensinado a venerar como mártires, a respeitar como beneméritos da civilização?!...

Se cada chefe de família fosse o dispensador de *alimento espiritual* de que fala Michelet?!...

Pobre de mim! Ouvi neste momento a estridente gargalhada irônica com que os leitores acolheriam esta parte da minha carta, se as minhas cartas, inteiramente femininas, tivessem porventura um só leitor!...

²⁶ Essa página do jornal encontra-se mutilada. Falta a primeira linha da coluna 2, página 3. O trecho “restritos dum dogma, desse dogma que condena” foi transcrito portanto a partir de *Cartas a Luiza* (CARVALHO, 1886, p. 79).

A vida moderna é rápida, é exigente, é complexa, é positiva em excesso para admitir sequer a realização destas quimeras.

É debalde que intento consolar-te, ó mulher, ó minha pobre irmã! Como hei de consegui-lo, se eu própria me agito e me contorço nas mesmas dúvidas, nas mesmas angústias morais que tu não sabes acalmar?!

A questão religiosa, que dantes, nas épocas mais tenebrosas, porém mais lógicas e mais coerentes, fizeram correr rios de sangue, faz hoje ainda sangrar invisivelmente o coração de todas as mulheres.

Elas às vezes nem sabem por que sofrem, pobres ignorantes! mas a dor que as punge, mas a isolamento moral em que se encontram ao pé dos maridos e dos irmãos, mas as lutas a que elas sucumbem por falta de ponto de apoio definido, mas as contradições dolorosas que as atormentam, têm por causa indireta, imperceptível às vezes, esta incerteza, esta oscilação moral, esta falta de solidariedade na família, esta hesitação insanável em que as almas modernas perdem a noção de tudo que é justo, a força de tudo que é difícil!

Brevemente daremos aqui a cópia de uma carta, em que uma mãe, uma educadora, que tem a exata consciência deste estado de coisas me escreveu sobre este melindroso e delicado assunto.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portela, Coimbra, julho de 1885.

O Paiz, ano 2, domingo, n. 247, p. 3, 06/09/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1381

32. CARTAS DO CAMPO III

NO OUTRO DIA PROMETI TRANSCREVER AQUI a carta com que uma senhora minha amiga, e mãe como eu, me expunha as dúvidas, as dificuldades, os conflitos que encontra a cada passo na sua missão de educadora, tão laboriosa sempre, e, neste momento de transição e de incerteza, muito mais laboriosa do que nunca.

Guardo para mais tarde o cumprimento da minha promessa, porventura imprudente.

Há pontos que todos distinguem com perfeita lucidez e nos quais todavia todos têm melindre de tocar.

Da discussão pacífica, do concurso de todas as opiniões sinceras e de todas as vontades, resultaria talvez o esclarecimento de questões que interessam tão de perto o nosso destino individual e social; no entanto não sei que perigosa indolência, que timidez mal-entendida se opõe a que as tratemos.

Preferimos pô-las de parte, como obstáculos insuperáveis, que é melhor evitar covardemente do que vencer com denodo.

Falemos pois, hoje, de um assunto que também pela sua gravidade e pela sua importância pertence à ordem de problemas que o século que vem terá de resolver, e que o nosso século se limita a apresentar.

Falemos na ideia que dia a dia se desenvolve mais e mais, de que o educar a mulher, consiste em emancipá-la politicamente, em entregar-lhe a plena responsabilidade da sua sustentação e do seu destino, em considerá-la apta para exercer as profissões que até aqui eram reputadas do exclusivo domínio do homem.

A América do Norte vai na vanguarda desta cruzada terrível, que desvirtua completamente o destino social da mulher.

Nessa raça robusta, positiva, fortemente nutrida, sem tradições sentimentais, é possível que a mulher possa aguentar com o peso do encargo que pretendem lançar-lhe aos ombros; mas nas raças neolatinas, envelhecidas, gastas, exaltadamente sensíveis, que sonho de inexequível realização e de grotescos resultados não seria esse sonho?

Parece impossível que sejam mulheres as que apostolizam e reclamam a emancipação política, a alforria social do seu sexo. Parece impossível!

Nesta questão momentosa e grave, a fisiologia, a grande mestra moderna, tem de ser fatalmente ouvida.

Ela prova, demonstra, e afirma que a mulher é uma doente!

Sê-lo-ia sempre?

É lícito supor que a civilização, quero dizer o que a civilização tem de requintado, de absurdo e de mórbido, tem atuado fortemente nela no sentido de a tornar mais acessível a todas as impressões, mais vibrátil a todos os atritos.

Depois a questão das raças, dos climas, do meio natural e do meio social, tem neste como em tudo a sua variabilíssima influência.

A americana do norte difere essencialmente da americana do sul. A mulher do meio-dia não se parece nada com a mulher setentrional. Mesmo no nosso clima, a mulher das altas regiões difere da burguesa, a mulher do campo apresenta notáveis diferenças da mulher da cidade. Há enfermidades especiais resultantes de trabalhos especiais também.

Em resumo, não há para julgar este assunto, como não há em coisa nenhuma humana, um critério absoluto e invariável.

Todavia, mesmo levando em conta as circunstâncias secundárias que atenuam ou agravam a situação, o ponto fundamental não pode ser destruído.

A mulher é uma doente.

No dia em que esta verdade passar dos domínios da ciência médica e fisiológica para o domínio das leis, dos costumes e dos fatos, haverá duas coisas a fazer:

Tratar de curá-la, e tratar de a proteger proficuamente e racionalmente.

A cura tem de ser lenta, tem de prosseguir-se pelo espaço de séculos talvez, tem de ir pelas gerações adiante, hoje combatendo um sintoma mórbido, amanhã empregando uma medida preventiva, no outro dia atenuando uma influência hostil.

A proteção tem de ser eficaz, coerente, feita de veneração e de piedade, de amor e de serena justiça.

Não é desdenhosa esta afirmação. Reclamando para o meu sexo a indulgência devida à enfermidade e à fraqueza, eu não quero por isto rebaixá-lo, não; eu tento salvá-lo da injustiça que preside a quase todas as sentenças morais, sociais, históricas ou religiosas que o condenam.

A doença não exclui a virtude, assim como a virtude, que fundamentalmente quer dizer *força*, não obsta a que o exagero da sensibilidade degenera em fragilidade orgânica.

Ser desequilibrado, a mulher inconsciente, as mais das vezes deixa-se ir ao sabor das impressões desencontradas que o seu vibrátil organismo recebe das coisas exteriores e da íntima ação que as leis naturais exercem nela.

Outras vezes, inteligente e sagaz para compreender, nula de vontade para dominar, ela contenta-se em ser, malgrado seu, a espectadora angustiada dos dramas demoníacos de que ela própria é teatro.

O tempo, a hora do dia, a estação, o clima, o nevoeiro, a tempestade, a luz mais ou menos branda, o calor mais ou menos intenso, toda a sorte de fenômenos físicos impera no seu modo de ver moral de um modo poderoso e irresistível.

Os estados da sua alma, os *modos* do seu sentir estão sujeitos às mais variadas e imprevistas evoluções.

Vê as coisas conforme o momento em que as vê! Nunca, segundo uma lei positiva, nunca, segundo um raciocínio fundamentado e sólido.

O que neste instante a penetra de compaixão, lhe arranca lágrimas e gritos de angústia, logo encontra-a indiferente e glacial!

O maior criminoso, se tiver arte de sobrexcitar-lhe a sensibilidade sempre doentiamente exaltada, encontra ainda na mais *virtuosa*, segundo a definição geral, uma indulgência que à primeira vista se não explica.

A teoria da *Graça*, que tantas discussões acendem no seio da Igreja, é uma teoria toda feminina. A mulher também salva o que lhe agrada, não em virtude dos seus méritos, mas por um ato ilógico da sua simpatia e do seu amor.

Diante das dores humanas, merecidas ou não merecidas, ela fica sem resistência, sem energia, sem a resolução implacável que tanta vez é necessário opor-lhes. As lágrimas, no sentir da mulher, dão sempre razão a quem as chora.

A sinceridade da paixão explica e atenua para ela todos os arrojos e todos os crimes.

Hipócrita, em virtude da escravidão social que a liga, subjuga e agrilhoa vencida, ela ama e venera acima de tudo a audácia, a franqueza, o ímpeto heroico, a força, enfim, nas suas manifestações morais mais simpáticas e mais brilhantes.

A mulher é o desespero do justo, disse não sei quem; parece-me que foi Proudhon, um dos inimigos mais cruéis que ela tem tido neste mundo, e inimigo dela, porque a não soube entender.

Quem a entender, ama-a por força.

Ela é o ser sagrado, a graça e a pureza feitas *alma*!

Devo confessar aqui uma coisa dolorosa e triste, quase humilhante para mim. Eu, que sou mulher, vivi anos e anos sem entender a *mulher*.

As fragilidades, as contradições, as incoerências, as injustiças desta criatura eternamente infantil, cuja mobilidade de impressões só pode comparar-se à mobilidade física das crianças, os seus excessos, as suas desarmonias íntimas tão deliciosamente compensadas em geral pela harmonia do aspecto externo, tudo isto me desnor-teava, deixando-me indecisa e fria!

Circunstâncias especiais de isolamento, de inexperiência dos sentimentos, de virilidade precoce no espírito, tinham-me tornado como que inábil para entender a minha irmã, tão indecifrável e tão brilhante.

Um dia porém a desgraça entrou na minha alma, devastou-a, revolveu-a como a tempestade revolve as areias da praia, transfigurou-me, atirou comigo palpitante e alucinada para esse *Caminho de Damasco*, onde a verdade nos aparece fulgurante.

Quando acordei da espécie de fulminação misteriosa em que a dor me deixara, tinha-se aberto em mim a fonte inexaurível de lágrimas.

Chorei e *compreendi*!

Foi desde então que uma piedade infinita, untuosa, inefavelmente doce, me prendeu à mulher.

Se tenho o dom que ela nem sempre tem de exprimir o que sofre, contando o que ela sofre, esse dom quero aplicá-lo apenas em utilidade, em proveito e consolação dessa eterna escrava da natureza e do homem. E quando a vejo enganar-se cruelmente no caminho que leva à libertação e à alforria, eu devo dizer-lhe:

Enganas-te. O remédio é outro. Isso agravará o mal e dará razão aos tiranos.

Tem-se dito muita vez, e prova-o²⁷ a história com a implacável energia dos fatos, que a mulher, em sendo má, é sempre pior do que o homem.

Catarina da Rússia, Lucrecia Bórgia, Maria Tudor, Isabel de Baviera levantam-se no tempo sinistras como aparições de crueldade sanguinária e de torpe luxúria.

O desequilíbrio das faculdades femininas dá a chave deste enigma doloroso e desconsolador.

Excessiva em tudo, a mulher leva a abnegação até ao heroísmo, a paixão até à perversidade monstruosa. Nem ponderação, nem harmonia. Eis a sua eterna mácula.

²⁷ No jornal lê-se “prova-a”. Corrigido para “prova-o”, segundo *Cartas a Luiza* (CARVALHO, 1886, p. 248).

Ela tem a penetração súbita e intuitiva, tem a iluminação genial, tem a dupla vista do sonambulismo, mas não tem a razão serena e justa que julga os efeitos e as causas, que analisa e calcula, que reúne os fatos numa concatenação lógica, induzida deles a lei que os domina superiormente.

O seu talento, quando existe, é feito de sensibilidade e de imaginação, duas faculdades que, no grau de exaltação suprema a que podem atingir, dão a dor e dão a loucura.

Sente e sonha.

Faltam-lhe todas as outras qualidades que tornam o talento sólido e robusto, que fazem desta reunião harmônica de faculdades cerebrais uma causa permanente de produção intelectual e um instrumento dócil de trabalho.

Bem sei que há exceções, mas que diminutas que elas são! Contam-se através dos séculos as mulheres que o gênio roubou à obscuridade anônima, e inscreveu no livro de ouro da arte.

A mulher pode, é claro, ser um escritor adorável. Poderá sê-lo cada vez mais, à proporção que sua instrução se vai ampliando, regularizando e tornando menos rara. As figuras e sutilezas da sua *visão interior* fazem-na por assim dizer senhora de um domínio limitado, mas importante do mundo moral.

Sofrendo com tudo, e sofrendo por tudo, basta que ela possua a língua, quer dizer, a fórmula de seu sofrimento para poder dar à psicologia elementos de inapreciável valor.

Mas por isso mesmo ela nunca será um funcionário pontual, nem um magistrado íntegro e inexorável, nem um operador de execução firme e rápida, nem um médico, nem um legislador.

Os que pretendem persuadir-lhe que exija esses privilégios masculinos detestam-na, e querem perdê-la irremediavelmente. Nem ganharia nenhuma virtude, e perderia o encanto supremo que nela tem resistido a tudo, até à sua falseada e corruptora educação.

A sua vida física é periodicamente e crudelissimamente perturbada pelas crises da sua vida psicológica.

Eis o mistério sagrado e doloroso, que, revelado, dá a chave de todas as suas contradições e de todos os seus erros.

Quanto mais perfeito e completo e preparado para a obra salvadora da maternidade for o seu organismo, mais influenciada ela se há de achar pela ação dessa lei iniludível.

Portanto, são tão cruéis os que tentam lançar aos ombros da mulher as responsabilidades com que ela não pode e sobre as quais naufragaria ridiculamente, como os que continuam teimando em esmagá-la sob o brutal despotismo da sua força.

Nem a tutelada eterna dos antigos códigos e das antigas civilizações, nem a entidade híbrida desprotegida e livre dos futuros ideais.

Não. A mãe, cônica da sua missão, cônica dos seus defeitos orgânicos e também dos seus erros tradicionais de educação e de sentimento, e tentando cumprir uma, e combater vitoriosamente os outros. A mãe, venerada porque dá e nutre a vida; protegida porque é vítima sagrada dessa mesma vida que lhe sai dos flancos em ondas impetuosas.

A educação, segundo uma definição moderna, é a evolução harmoniosa e igual das faculdades. É um método fundado sobre a natureza do espírito para desenvolver todas as faculdades da alma, despertar e nutrir os princípios da vida, evitando qualquer cultura exclusivamente parcial, que perturbe a harmonia do conjunto, levando em conta todos os sentimentos que constituem a força e o valor humano.

Um filósofo escocês apresenta o problema da educação como tendo por único fim “fazer do indivíduo um instrumento da sua felicidade própria, em primeiro lugar, e depois da felicidade dos outros”.

O positivismo inunda-nos por toda a parte, mas esta teoria, que é talvez o egoísmo erigido em dogma, não conseguiria, sendo superiormente e inteligentemente aplicada, pôr o homem de acordo consigo mesmo e de acordo com o seu semelhante?

Parece-me em todo o caso que dela, posta em prática, nunca proviria ao mundo o flagelo da mulher politicamente emancipada, da mulher funcionária, da mulher *burocrata*!

Essa nem faria decerto a sua felicidade própria nem a felicidade de ninguém dentre os que a cercassem...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portela, Coimbra, julho de 1885.

O Paiz, ano 2, segunda-feira, n. 248, p. 2, 07/09/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1388

33. CARTAS DO CAMPO IV

JULIO DE GONCOURT E A SUA CORRESPONDÊNCIA — Identificação fenomenal de dois irmãos — A obra comum — A morte do mais novo.

UM DOS DEFEITOS, OU PARA SERMOS JUSTOS E VERDADEIROS, uma das virtudes da nossa época é a curiosidade.

Somos curiosos de tudo, razão decerto por que temos aprendido incomparavelmente mais do que todos os séculos que nos precederam na larga cadeia dos tempos.

Descemos às minuciosidades mais microscópicas, assim como subimos às mais altas generalizações.

Nada iguala o cuidado atento com que reunimos os documentos dispersos que devem levar-nos à aquisição de uma verdade qualquer, senão o poder de síntese com que sabemos, do encadeamento de todos os fenômenos da vida, tirar a lei que os explica e que os domina.

Em cada ramo do pensamento humano se manifesta por todos os modos a nossa inquieta e insaciável curiosidade.

A literatura está, como todas as mais manifestações da atividade física ou mental do homem, subordinada a esta tendência tão moderna do nosso espírito.

Os livros hoje interessam-nos principalmente por nos revelarem o mecanismo interno de quem os escreveu. A crítica, segundo Zola, tornou-se uma espécie de romance histórico muito mais interessante do que os romances de imaginação.

Para conhecermos os homens, e, de entre os homens, o escritor, quer dizer aquele que mais deve ter condensado em si todas as energias intelectuais do seu tempo — pegamos nos seus livros e analisamos minuciosamente, cientificamente, anatomicamente essas criações que ele nos legou.

Cada livro é, deste modo, um membro ainda palpitante do corpo que estamos dissecando.

Não nos contentamos, porém, com o livro, desde logo destinado pelo seu autor para ser lido e interpretado pelo público.

Queremos, exigimos muito mais.

Já eu própria aqui fiz notar, a propósito da George Sand, o amor que dia a dia se desenvolve mais pelas cartas, pelas confidências póstumas, pelas memórias infantis, nas quais podemos surpreender a alma humana em flagrante sinceridade.

É extraordinária a indiscrição com que temos ido rabiscar em todos os documentos do passado, para descortinarmos neles a alma que o animou.

O passado, porém, já não nos basta. O homem do passado não é o homem de hoje; o século XVII não pensa como o século XVIII, do mesmo modo por que o nosso século não pensa como qualquer dos dois.

A alma contemporânea é mais complexa.

Dizem que o cérebro moderno tem mais circunvoluções. Pudera! Se ele tem, por força, muitas mais ideias! Tem todas as que tinham os seus predecessores, e mais aquelas de que ele fez a aquisição por seu esforço próprio.

Há uns requintes doentios, uma eterização mórbida, um excesso de atividade cerebral no homem da nossa geração, que foram inteiramente desconhecidos noutras épocas mais equilibradas e mais sadias.

Os que estão acima do nível vulgar, os que pensam, produzem e criticam são todos um pouquinho histéricos. O sistema nervoso desconjuntou-se-lhes à força de o terem em contínua e dolorosa vibração. Daqui as oscilações e os desequilíbrios fatais de toda a máquina interna e externa também.

Penetrarmos o *porquê* dessas aberrações, que nos surpreendem nos que são grandes pela imaginação e pelo talento, eis um dos nossos eternos e bem justificáveis apetites.

As cartas de Julio de Goncourt, ultimamente publicadas pelo irmão Edmond de Goncourt, foram, portanto, e deviam ser, objeto da maior curiosidade por parte dos *gourmets* literários de toda a Europa.

Não sei se a América partilha essa curiosidade, nem tampouco se ela conhece a fundo estes dois escritores, que nas letras se chamavam habitualmente *Les frères Goncourt*, e dos quais resta apenas aquele que a crítica considera de menor talento.

Eles são na realidade os continuadores do pensamento e do processo de Balzac, sob uma forma mais artística, mais requintada, menos grandiosa, mais *tourmentée* que a do grande romancista da *Comédia humana*.

Nesse exército, cujos generais se chamam Flaubert, Zola, Daudet, são os Goncourt os que vão na vanguarda, desbastando a grande floresta em que Balzac foi o primeiro a penetrar com as suas passadas de gigante, e o machado que vibrava a força hercúlea do seu braço.

Esta geração começa a perceber quanto deve a Balzac, e é realmente honroso para ela pagar enfim a dívida, que os contemporâneos desse escritor assombroso, tão grande como Shakespeare, deixaram por saldar.

Se os Goncourt são os precursores da chamada escola naturalista, cuja paternidade se atribui injustamente a Flaubert, é fora de dúvida que eles, o próprio Flaubert, Zola, Daudet, e todos os discípulos destes, são apenas os filhos espirituais de Balzac. Eles são grandes, incontestáveis talentos; ele era o Gênio.

Cada um deles tem a sua acentuada individualidade própria. Um, a análise impessoal; outro, a amplificação e a força; este, a sensibilidade e a graça quase doentias; aquele, a fina intuição psicológica, a *visão interior* num grau de lucidez estranho.

Todos, porém, descendem do Mestre. O seu largo sopro criador penetra-os e inspira-os a todos. Nenhum deles teria a magistral perfeição técnica da forma, e a compreensão ampla do assunto que tratam, na altura em que as possuem, se o autor da *Eugénie Grandet*, do *Père Gariot*, de tantas obras-primas imortais lhes não tivesse indicado o caminho a seguir.

Os Goncourt, porém, sendo os primeiros que seguiram as pegadas do Mestre, nem por isso são os mais conhecidos e os mais apreciados.

Só uma limitada *élite* intelectual seguiu com interesse o trabalho destes irmãos gêmeos em literatura.

Duas faculdades predominantes os distinguem e singularizam:

A finura sutil e delicada da análise, e a linguagem que, à força de *trabalhada*, adquiriu uma flexibilidade, uma sinuosidade ondeante, uma transparência cristalina, uma fluidez maravilhosa, uma variedade e intensidade musical, que a tornam apta para *notar* e traduzir a impressão mais fugitiva ou mais rara e o traço mais leve, a sensação mais incoercível ou mais complexa, a sombra mais impalpável do pensamento.

Por estas duas qualidades percebe-se imediatamente que os Goncourt nunca puderam ser dois escritores populares. Só os delicados se comprazem nestas sutilezas da ideia e do estilo.

O que neles, porém, avulta a todos os olhos, é o fenómeno raro de identificação, que fez de ambos *um só*, sem que se possa de algum modo discriminar na obra comum a parte em que qualquer dos dois concorreu para ela.

Sabe-se apenas que, morto um, o trabalho firmado pelo nome do outro tinha perdido muitas das qualidades brilhantes, raras, encantadoras, que distinguiam os livros dos dois irmãos.

Edmond de Goncourt, quando perdeu em Julio omo que uma porção da própria vida, como que um membro de seu corpo ou antes uma parcela indivisível da sua alma, ficou por largo tempo emudecido, na mais completa esterilidade literária.

Saiu, porém, desse estado, e escreveu, entre outros livros decididamente inferiores aos primeiros, um estranho romance, que é necessário ler-se, para penetrar, até certo ponto, no segredo da maravilhosa união intelectual que prendia os dois escritores.

Chama-se *Les frères Zemganno* este livro, que não tem outro mérito, a meu ver, que não seja o da renovação, ou antes, da crítica, desse fenómeno físico-literário.

Les frères Zemganno são dois *clowns* que trabalham sempre juntos, conseguindo, por um milagre de ginástica, de equilíbrio físico, harmonizar e identificar de tal forma e com tal perfeição

os movimentos comuns, que os dois pareciam não formar senão um só corpo, movido por uma única vontade.

Percebe-se aqui a alusão ao trabalho literário dos dois.

Entremeados, porém, na obra um pouco extravagante e levemente fantástica, há capítulos *vívidos*, escritos com lágrimas, capítulos que são uma confiança completa, e que dão a chave do estranho enigma que tanto preocupou a crítica francesa.

Ouçamos, por exemplo, este trecho:

“Os dois irmãos não tinham, um pelo outro, um simples afeto fraternal. Não. Estavam mutuamente ligados por laços misteriosos, por afinidades físicas, e isto embora fossem de idades muito diversas, e de caracteres diametralmente opostos. Os seus primeiros movimentos instintivos eram identicamente os mesmos. Experimentavam simpatias ou antipatias igualmente súbitas, e quando iam a qualquer parte saíam do sítio onde haviam estado tendo, a respeito das pessoas que tinham visto, uma impressão inteiramente semelhante.

Não só os indivíduos, mas também as coisas, com o *porquê* irraciocinado do seu encanto ou do seu aspecto desagradável, lhes falavam do mesmo modo a ambos.

Enfim, as ideias, essas criações do cérebro, cujo nascimento é de uma fantasia tão livre, e que nos espantam tantas vezes pelo ‘não sei como’ do seu oferecimento, as ideias de ordinário tão pouco simultâneas, e tão pouco paralelas nas uniões do coração entre homem e mulher, até as ideias nasciam comuns aos dois irmãos, que, não raro, depois de uma pausa silenciosa, se voltavam um para o outro, para se dizerem a mesma coisa, sem que achassem explicação ao singular acaso que fazia encontrar nas duas bocas frases que formavam apenas uma só.

Assim moralmente *acolchetados* um ao outro, os dois irmãos precisavam de confundir constantemente os seus dias e as suas noites, separavam-se sempre a custo, e cada um deles experimentava, na ausência do outro, o sentimento estranho, indefinível de alguma coisa de incompleto e de mutilado.

Quando um tinha saído por algumas horas, parecia que o que saíra levava para fora o poder de atenção do irmão que ficara em casa, e que este não podia fazer mais nada senão fumar até a volta do ausente.

E se a hora anunciada para o regresso passava, o cérebro do que estava à espera enchia-se de desastres, de catástrofes, de acidentes medonhos, de preocupações estupidamente sinistras que o faziam correr continuamente do fundo do quarto à porta da rua. De modo que só forçadamente os separavam, que um nunca aceitava o convite que o outro não devesse partilhar, e que, relembrando todos os anos da sua existência comum, eles só recordavam vinte e quatro horas completas, passadas um longe do outro.

É necessário, porém, dizer que entre os dois irmãos o estreitamento da fraternidade fora feito por alguma coisa de mais poderoso ainda que tudo isto. O trabalho de ambos achava-se tanto e tão bem confundido, os seus exercícios de tal modo identificados, e tudo que eles faziam reunidos parecia pertencer tão pouco a qualquer dos dois em particular, que os aplausos eram sempre dirigidos à associação, e que nunca o par tinha sido separado na censura ou no elogio.

Era deste modo que estes dois seres tinham chegado ao ponto de constituírem apenas *um* — e, fato raro, quase único nas amizades humanas — de não terem senão *um* amor-próprio, *uma* vaidade, *um* orgulho, que o público feria ou acariciava ao mesmo tempo em ambos.”

Foi trabalhando deste modo, tão sutilmente descrito pelo último que ficou, ferido e inconsolável para sempre, que os dois irmãos Goncourt, fazendo da psicologia o instrumento novo do romance contemporâneo, elevando para os estudos delicadamente cinzelados da História o mesmo escrúpulo de análise, a mesma finura extraordinária de processo, pintaram desde *Marie Antoinette*, a adorável, simpática, leviana e altiva rainha, até *Germinie Lacerteux*, a humilde criada, vítima inconsciente dum temperamento de histérica; desde as deliciosas e corruptas amantes de Luiz XV até à gentil e graciosa *Renée Mauperrin*; desde os cortesãos endiabrados do século XVIII até à austera *Madame Gervaisais*.

Ninguém exprimiu com uma sensibilidade mais íntima e mais vibrátil do que eles a *nevrose* moderna com todos os seus sintomas de depravação ou desequilíbrio moral; a melancolia enervante do espírito que os excessos de pensamento exauriram e gastaram, os tristes episódios da vida de todos os dias “que nos fazem sangrar o coração”.

Mas também ninguém, como eles, ressuscitou em mais garrida e rendilhada moldura esse mundo galante, artístico, enfeitado, risonho, frívolo, vicioso e triunfante, que principia na orgia do vinho da Regência, e acaba na orgia de sangue da Revolução.

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 2, quarta-feira, n. 250, p. 2, 09/09/1885
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1396

34. CARTAS DO CAMPO V

JULIO DE GONCOURT E A SUA CORRESPONDÊNCIA — Identificação fenomenal de dois irmãos — A obra comum — A morte do mais novo.

(CONTINUAÇÃO.)

DEPOIS DE BALZAC, OU ANTES DELE, O ESPÍRITO QUE MAIOR influência exerceu no destino dos dois irmãos foi Gavarni, o insigne caricaturista, o admirável desenhador, a quem eles mais tarde erigiram, num livro de grande arte, um monumento de admiração reconhecida e terna e de crítica verdadeiramente magistral.

Ainda os dois escritores estavam como que encerrados na perfumada guarda-roupa desse século XVIII, que amavam tanto, ressurgindo com o seu poder de invocadores as interessantes figuras daquele mundo extinto, de onde nós vimos todos, e que tão diverso e tão distante é de nós, quando um acontecimento fortuito os fez travar relações com o artista que mais profundamente sentiu e amou o tempo em que viveu.

Gavarni não compreendia nem amava o passado.

Como Balzac, de quem ilustrou algumas obras, o que ele amava, o que lhe prendia a atenção, o que lhe embestia amorosamente o olhar investigador era a vida do seu tempo, eram os tipos que a cada instante acotovelava pelas ruas. Costureiras de olhar vivo e petulante, passo miudinho e gesto ladinamente provocador; graciosas criaturas altivas e aristocráticas, em cujo andar mais ou menos rápido, em cuja expressão mais ou menos desconfiada e inquieta ele sabia descortinar um segredo íntimo; e os *decavés* da Bolsa ou do *baccarat*; e os mendigos de chapéu alto sebento, *paletot* esfiado, o sorriso cinicamente desdenhoso; e os dândis de charuto na boca e ar *spleenético*; e toda essa turba variegada do *boulevard*, composta de elementos tão heterogêneos e tão complexos, mas cuja vida era a vida do seu tempo, cujos interesses eram os seus interesses; cujas paixões se pareciam com as suas próprias paixões.

É raro este dom especial, que nos torna, por assim dizer, fisicamente sensíveis às linhas, às formas, às cores, ao aspecto pitoresco de que nos tem cercado desde a infância.

Parece que o nosso tempo é aquele que devemos saber pintar melhor.

Nem sempre.

Na arte o mais difícil é traduzir as coisas simples, as coisas reais, sem nos afastarmos da exatidão, e sem cairmos na banal vulgaridade.

Pintar, por exemplo, o aspecto de uma rua, um grupo de gente do povo que conversa, uma senhora que passa bem vestida, discreta, envolvida muito prosaicamente no seu xale de *cachemire*, pôr em atitudes expressivas e naturais duas porteiras que tagarelam, dar, enfim, o tom vivo, o destaque poderoso, e ao mesmo tempo a nota exata e real àquilo em que nós não reparamos já, à força de o termos visto milhares de vezes, eis um milagre que só realizam os artistas consumados, que o seu temperamento especial leva para esta ordem de estudos.

É muito mais fácil ser fantasista do que ser verdadeiro; descrever a largos traços o pôr do sol, por detrás de uma cordilheira gigantesca, do que pintar uma paisagem doce, simples, vulgar que apenas se distinga pela doçura da luz, pela graça enternecedora da expressão.

A verdade de todos os dias — porque no fim de contas também as grandes coisas podem ser verdadeiras — a verdade de todos os dias parece impor-se a todos nós, sentimo-la, vemo-la, ela penetra-nos por assim dizer: pois apesar disso tudo tentemos traduzi-la na arte, e veremos depois que esforço, que condensação de força intelectual essa pequena coisa, tão grande, exige de nós!

Pois foi esse dom, que possuía em alto grau o grande pintor de costumes do século XIX, e que ele soube comunicar aos dois irmãos Goncourt.

Os que duvidaram que leiam a lancinante, a dolorosa história, tão trágica e tão mesquinha, tão humilde e tão desoladora da criada Germinie, e verão se tenho ou não razão.

Muitas das cartas de Jules de Goncourt são dirigidas a Gavarni e reveladoras desta influência decidida. Há outras a Flaubert, a Paul de Saint Victor, a Théophile Gautier, a Sainte Beuve, à Princesa Matilde, a Zola, etc., etc., etc.

Todas elas explicam, esclarecem, completam, comentam, iluminam dia a dia o trabalho constante que os dois irmãos perseguiram até à morte do mais novo, através de todas as hostilidades da crítica, da indiferença do *grosso publico*, do desdém de muitos, da ironia incrédula de quase todos.

O amor das letras, este amor que nós, em Portugal, só por ouvirmos falar dele conhecemos incompletamente, amor que absorve, que encanta, que alucina, e que mata por fim — como matou Flaubert, como matou Jules de Goncourt, como matou Balzac, como é muito natural que mate brevemente a Daudet — o amor das letras respira-se nestas cartas como um perfume sutil que as embalsama e impregna adoravelmente.

E a cada livro bem-feito que aparece, que aplauso sincero e sentido! que vibrar de frases sonoras, traduzindo a admiração, o gozo agudo da inteligência satisfeita!

A língua, isto que a nós parece apenas o meio de que se serve o pensamento para ser transmitido, e que a outros parece a arte inteira, dá-lhes a eles, quando é cinzelada com o primor a

que aspiram, prazeres comparáveis ao que nós, os que não comungamos nessa religião da forma, temos só diante de um grande espetáculo da Natureza ou diante de uma sublime ação humana.

“— Há no seu livro — diz Julio de Goncourt numa carta a Michelet — frases feitas de luz, páginas inteiras de sol, adjetivos que se respiram, ideias que estremecem e palpitam sobre a haste das palavras!”

Qual de nós tem esta viva impressão intelectual, tão delicada e sutilmente notada aqui, ante a música mais ou menos bela de um livro de prosa?

E no entanto os verdadeiros artistas da palavra deviam todos senti-la, sob pena de serem incompletos.

A palavra é tudo. No estilo é que está o artista. Ele é para o escritor o único meio que este tem de traduzir as variadíssimas, as infinitas modificações do espírito humano; o instrumento com que ele sonda todos os recessos sombrios deste maravilhoso e profundo mar!

Pois se a execução não fosse por assim dizer tudo, o que seria Shakespeare, o que seria Molière, o que seria o Dante?

Os dois Goncourt fizeram do estilo uma ciência, a mais requintada e complicada das ciências. Compreenderam, e compreenderam muito bem, que todos os doentios sintomas, todos os fenômenos patológicos da alma moderna, todos os efeitos inteiramente inéditos, que na vida produz a compreensão mórbida que a maioria de nós tem da vida, precisavam também de uma fórmula inteiramente nova que os exprimisse.

Para as doenças recentes que o excesso da civilização e o desequilíbrio nervoso, e as diversas aberrações cerebrais nos têm trazido, precisava-se de uma tecnologia ainda não sabida até hoje.

Julio de Goncourt conseguiu, pois, e conseguiu-o à custa de um trabalho mental exagerado e exclusivo que lhe custou a vida, dar a essa língua a sutileza, a maneabilidade, o *nervosismo*, as vibrações rápidas, a intensidade harmônica que ela não tinha.

O estilo dos dois irmãos tem cantos e gritos e soluços e perfumes violentos, e agonizantes exalações, e frêmitos voluptuosos e sobressaltos histéricos.

Para ler e apreciar a obra dos Goncourt é necessário ter, como eles, o cérebro excitado e uma sensibilidade exageradamente irritável.

Escrevendo a Emílio Zola a respeito da morte do seu querido irmão, Edmond de Goncourt dizia-lhe:

“Para mim, é ponto de fé que meu irmão morreu de trabalho; morreu principalmente do cinzelar da frase do trabalho do estilo.

Estou vendo-o ainda pegar nos trechos, que ao princípio nos haviam satisfeito, e trabalhar neles horas a fio, meios dias inteiros, com uma obstinação quase colérica, mudando aqui um adjetivo, pondo numa frase o ritmo que lhe faltava, emendando uma expressão, fatigando, gastando o cérebro, à procura dessa perfeição tão difícil, às vezes impossível à língua francesa, na tradução das coisas e dos sentimentos modernos. Depois dessa tarefa enorme caía para cima de um sofá extenuado, e ali ficava um largo espaço de tempo a fumar, silenciosamente.”

Balzac, que teve, como nenhum dos discípulos que vieram depois dele, a larga, a profunda, a milagrosa intuição dos sentimentos que agitaram, moveram, convulsionaram, subjugararam o seu tempo; Balzac, que tinha a observação paciente e genial, que dos fatos isolados sabia tirar a lei geral; Balzac, que pintou os *frescos* colossais e as deliciosas iluminuras, que soube fazer *viver* as suas figuras eternas, criminosas ou sublimes, depravadas ou grandes, cheias de ódio e cheias de amor, iluminadas pela chama de todas as paixões, queimadas na rubra fornalha de todas as cobiças e de todos os desejos, e que, não contente em personalizar, à grande maneira de Shakespeare, a avareza, a sensualidade, a paternidade ludibriada e dolorida, a amizade viril, os sentimentos fundamentais do homem, soube ainda penetrar nos recessos mais recônditos da alma feminina, e colher aí a frágil, a doce flor da melancolia, as tristezas silenciosas do amor traído, as saudades cuja raiz rega as forças de um coração solitário; Balzac, que foi muito maior que todos os escritores de hoje, pela concepção larga e potente, não soube vencer nem subjugar como eles as tiranias caprichosas da Forma.

Foi também nessa luta titânica de que ele saía deitando um vapor denso e quente por todos os poros de seu corpo atlético, que ele consumiu a preciosa existência. Dessem a Balzac o estilo na magia magistral que ele hoje atingiu na mão dos hábeis operários que o manejam, e quem seria ou teria sido maior do que ele? A morte surpreendeu-o quando, no seu último livro, a *Cousine Bette*, ele tinha quase achado a fórmula que o pudesse contentar.

Um escritor estrangeiro que Edmond de Goncourt põe em cena no seu romance *La Taustin*, dá em casa desta, numa ceia, uma explicação acerca do estilo complicado de que os dois irmãos foram os iniciadores e de que um deles foi o mártir.

“A língua francesa produz-me o efeito de uma espécie de instrumento, no qual os primeiros inventores procurassem simplesmente a clareza, a lógica, o grosseiro *pouco mais ou menos* da definição; e sucede que esse instrumento é hoje vibrado pelos seres mais nervosos, mais *sensitivos*, mais investigadores da notação de sentimentos indescritíveis, menos aptos para se satisfazerem com o grosseiro *pouco mais ou menos* dos seus sadios e robustos precursores.”

A verdade é esta: há escritores para a maioria do público. Esses não têm mais que traduzir os sentimentos comuns a toda a humanidade.

Há escritores para os delicados, para os doentes desta terrível *nevrose* cerebral que hoje martiriza os pensadores, os artistas, os investigadores incontentáveis de todos os requintes da verdade e da arte. Esses hão de ler com prazer agudo, quase doloroso, os livros doentios de febres de Julio e de Edmond de Goncourt.

As cartas do primeiro dão razão à dor inconsolável do segundo.

Termino este estudo rápido e incompleto com o trecho do romance *Les frères Zemganno*, em que Edmond de Goncourt pinta, transportando para o personagem do seu livro, a dor que sentiu ao ver que ia perder o amigo, o irmão querido, o companheiro adorado do seu trabalho de vinte anos.

“Pouco a pouco e sem que o comunicassem mutuamente, penetrava em cada um dos irmãos o pensamento desesperante de que a obra e a felicidade da vida inteira de ambos, a associação na qual eles tinham posto em comum os afetos e a inteligência dos seus dois corpos, estava prestes a dissolver-se.

E esta ideia, que ao princípio não fora mais que o relâmpago que atravessa um cérebro, a timorata apreensão de um segundo, uma dessas dúvidas fugazes e dolorosas, logo expulsas por todas as forças que esperam e amam, numa afeição recíproca, tornava-se no fundo mais íntimo dos dois, sob a sucessão dos dias que não traziam melhoras, alguma coisa de persistente e firme como uma convicção.

Insensivelmente e gradualmente no espírito dos dois irmãos fazia-se este negro trabalho, que se adianta secretamente em torno de uma doença mortal; que nem o moribundo nem o ente vivo que agoniza ao pé dele julgaram mortal ao princípio, mas que, juntando-se com as ideias perturbantes que vêm dia a dia surgindo, com o que o rosto das pessoas que chegam deixa transparecer, com o que os médicos deixam que se adivinhe, com o que a meditação das horas de sombra, e as cogitações da insônia trazem ao espírito, com tudo que corresponde ao nosso susto ansioso, com tudo que instrui e esclarece a teimosa ignorância dos que ainda esperam, com tudo que murmura no quarto silencioso: a morte! a morte! a morte! vai transformando por uma lenta série de aquisições cruéis e de sugestões desesperadoras, a inquietação passageira da primeira hora, na certeza absoluta para um, de que vai morrer, para outro de que vai ver morrer!...”

Muito sofreu decerto o que soube traduzir as gradações lentas do nosso martírio sem nome, à cabeceira do leito onde vamos perder alguém que amamos!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portella, 8 de agosto de 1885.

O Paiz, ano 2, segunda-feira, n. 262, p. 2 e 3, 21/09/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1450

35. CARTAS DO CAMPO VI

O CÓLERA NA ESPANHA — O que lá vai e o que vai por cá — De como se prova que o nosso país não está morto — A vida intelectual entre nós pressagiando um renascimento próximo. Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Antonio Candido — O que significa e o que anuncia o trabalho destes espíritos. Capelo e Ivens — A sua heroicidade. O seu martírio. A utilidade possível do seu sacrifício — A significação altíssima e o alcance moral do seu arrojo — Exemplo fortalecedor que eles nos deram.

CONTINUA A PAIRAR SINISTRAMENTE SOBRE NÓS A AMEAÇA DO CÓLERA, que na Espanha devasta as populações. É triste, é mais do que triste, é desoladora e humilhante para a espécie humana, a narração, que os jornais nos trazem dia a dia, do medonho aspecto de barbaridade e de agonia pavorosa, que esse país, que parecia um país civilizado, que se chamava um país cristão, e que é inegavelmente um país brioso, apresenta a todos os olhos.

Os espetáculos de egoísmo feroz, de desleixo inqualificável, de crueldade absoluta, de selvageria brutal, temperados e iluminados aqui e ali, muito raramente, por um raio de ternura, por um rasgo de abnegação, por um ato de humanidade, por uma prova de fraterno amor, fazem pena e causam medo a quem assiste de longe a eles, pelas descrições dos jornais, pelas notícias do telégrafo, pelas histórias contadas em cartas particulares.

Felizmente o exemplo da Espanha tem produzido em nós o efeito, que, segundo as lendas antigas, produzia nas crianças de Esparta a vista dos escravos ébrios.

Evitar a todo o transe o horror de semelhantes cenas, eis hoje em dia a nossa preocupação principal.

Governo e particulares parecem movidos pela mesma ideia; e dir-se-ia, que o terror da epidemia provável se modifica e se esvai neste afã empregado para lhe atenuar os terríveis efeitos.

Cada manifestação de vida, de atividade, de elevação moral dada pela decaída e entristecida pátria portuguesa alegre e consola profundamente o meu coração de mulher e de mãe.

Temos muitos defeitos, é verdade; temos muitas máculas, de que é mister purificarmo-nos; temos muitos erros, que é necessário emendar; temos muitas ignorâncias, que é urgente combater; mas temos grandes qualidades que protestam continuamente e perseverantemente contra a ideia de que o ressurgimento nacional é impossível para nós.

O defeito, porém, de que mais persistentemente nos sentimos achacados, sabem qual é?

Eu lhes digo: é a falta de fé em nós mesmos; é a falta de crença nas nossas próprias forças, nos nossos próprios recursos, nas nossas próprias virtudes.

A humildade pode, no homem, ser uma graça cristã; nas nações é um crime, uma fraqueza, é um suicídio!

À força de vivermos com os olhos fitos em países estranhos, vendo deles só as belas coisas brilhantes, cuja iluminação irradia até nós, e ignorando-lhes teimosamente a podridão e as máculas, adquirimos a desoladora convicção de que não valem nada e de que eles valem muito.

Para se ser alguma coisa é necessário acreditar desde logo que se é capaz de ser tudo. A descrença esteriliza os organismos individuais ou nacionais em que infiltra o seu veneno corrosivo.

Que querem? Parecerá loucura, mas a mim afigura-se-me que este momento angustioso e dúbio, que a todos atormenta pelas complicações de ordens diversas de que parece vir cheio, este momento que a todos ou quase todos parece o continuar de uma decadência irremediável, se está renunciando ao mesmo tempo, como um período de renovação, e como que de renascimento moral e intelectual, incubado ainda, contraditório nas suas manifestações, por ora, indecisas, mas que breve se revelará a todos os olhos ainda os menos perspicazes.

O espírito público começa a reagir um pouco; há quem trabalhe, há quem lute e quem pense.

Estão momentosas as questões a tratar, são terríveis os problemas a resolver; há um desequilíbrio forte e perigoso entre as aspirações do país e os seus recursos materiais, mas o nível intelectual tende a subir, e, se a moralidade pública não sobe na mesma proporção, isso depende da complexidade e da dificuldade da crise que Portugal atravessa, talvez sem ter muito clara e definida a consciência disso.

Uma nação, uma geração, nas quais os sentimentos de humanidade e de piedade estão generalizados de tal modo, que na esfera do pensamento têm um historiador como Oliveira Martins, um romancista como Eça de Queiroz, um crítico de arte e de costumes como Ramalho Ortigão, um orador como Antonio Candido, um poeta como Guerra Junqueiro, e que não pode apresentar estes homens que em toda a parte seriam eminentes, como produtos imprevistos e antinaturais de um meio que não os entende nem aprecia, visto que eles são considerados dos maiores, visto que eles são seguidos e admirados, visto que ao lado deles há muitos queensem e que trabalhem, que escrevam e que estudem; uma nação e uma geração destas não podem considerar-se perdidas para a Arte, para o Pensamento, para a Verdade, para a Civilização.

Depois de um pouco de tempo de silêncio melancólico, quase desanimador, aqui tenho eu, surgidos em uma explosão súbita e gloriosa, que enche de orgulho o meu coração de portuguesa, aqui tenho eu, sobre a mesa em que te escrevo, leitora, mandados pelos seus autores e acompanhados todos com uma palavra de afeto e de bondosa indulgência, a *História da república romana*, de Oliveira Martins; *A Holanda*, de Ramalho Ortigão; *A velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro, e três soberbos *Discursos*, de Antonio Candido, o maior artista da palavra, que a nossa raça hoje possui.

Cada um destes livros, cada uma destas produções magistrais de talentos diversos mas tão notáveis, de temperamentos opostos mas tão superiores, seria saudada lá fora com um longo brado de entusiasmo e de amor!

Por que somos nós tão bons para os estranhos e tão frios, uns para com os outros?... Oh! se o patriotismo acordasse no coração português!... Antes ridículos de *chauvinismo* do que cosmopolitas céticos e *blasés*!

A Espanha bárbara em tantas coisas está neste momento, ao passo em que deixa morrer ao abandono, devorados pela peste, os próprios filhos, fazendo recuar Bismark, o velho leão que se transforma em raposa todas as vezes que a política o exige! E este belo ímpeto de valentia quase que faz esquecer aquele desleixo feroz!...

Esperemos porém!

Quem sabe se a lição direta ou indireta dada pelos grandes trabalhadores de quem acima falei, não será aproveitada!... Quem sabe se à morte aparente, que nos tem entorpecido, não sucederá um período de atividade mental, que nos regenere e nos levante!

Saudemos, pois, os que trabalham; saudemos os que lutam pela verdade, pela justiça, pela eterna beleza; e ao par desses, dos que falam e dos que escrevem, dos que cantam e dos que criticam, ponhamos o nome benemérito de dois homens, que hoje estão fazendo pela glória da pátria tanto como eles, e mais laboriosamente, e mais dolorosamente do que eles!

Falo de Capelo e Ivens, os dois ousados exploradores, que, depois de uma travessia à África, arrojada até à heroicidade, tormentosa até ao martírio, vão brevemente chegar a Lisboa.

Durante um ano completo estes dois crentes da ciência e do patriotismo, estes continuadores conscientes e desinteressados dos nossos heróis da África e da Índia — tão valentes mas tão ambiciosos, tão denodados mas tão cruéis — durante um ano estes dois lutadores da civilização andaram perdidos, ignorados de todos, pelos sertões inóspitos e inexplorados; pelas florestas

povoadas de insetos mortíferos, de feras, de répteis medonhos; pelos pântanos traidores de que uma relva mentirosa escondia os viscosos abismos do lodo; pelas campinas alagadas que exalam a febre, a morte, a podridão.

Fizeram 4200 milhas geográficas, das quais *mil e quinhentas nunca haviam sido pisadas até hoje por pé europeu*.

Devemos confessar, para nossa expiação e para nossa vergonha, que, enquanto eles andavam empenhados nessa missão terrível; rotos, devorados pela febre; mordidos pelo sol desses céus de fogo, abraseados, sinistros, implacáveis e espicaçados pelas moscas monstruosas, pelos mosquitos enormes de formas inquietadoras e estranhas; perseguidos pelo rugido, pelo uivo lúgubre das feras esfomeadas; tendo perdido a esperança; dilacerados por todas as incertezas, por todas as agonias morais e físicas, que roubam ao homem a posse de si mesmo, por todas as dores do sonho irrealizado, enquanto eles sofriam o martírio e a paixão da sua fé — que os céticos e os egoístas hão de ter por absurda! — o país pouco se lembrava deles, a imprensa poucas vezes atirava aos ecos distantes os seus nomes de glória, de abnegação e de sacrifício!

Tinham outras coisas de que tratar; absorvia-os a política, essa coisa que teoricamente é a nobre ciência de governar, dirigir, moralizar, engrandecer os povos, e que na prática não tem passado de um mesquinho jogo de intrigas pessoais e de baixos interesses.

Eles entretanto não desanimaram, certos de que o dia da justiça havia de chegar, julgando porventura que basta o aplauso das minorias que pensam, basta o entusiasmo de uma pequena *élite* intelectual, basta sobretudo a fortificante consciência do Dever, heroicamente e grandiosamente cumprido, para satisfazer as ambições ainda as mais exigentes, ainda as mais difíceis.

Confesso ingenuamente que a carta escrita por Capelo e Ivens à Sociedade de Geografia de Lisboa me causou uma das boas impressões que tenho experimentado na minha vida.

A carta não está *bem escrita*, quer dizer não tem arte, não tem estilo, mas que energia na sua simplicidade um pouco rude, que eloquência medonhamente expressiva na sua ausência de atavios retóricos.

Aquela sinistra jornada, que ia deixando um rastro de cadáveres, aquela jornada feita por dois homens exaustos, doentes, acompanhados por um bando de negros desconhecidos e traiçoeiros, faz estremecer!

Eles, porém, nem se alongam em considerações, nem deixam sequer transparecer um lamento. É com a simplicidade ingênua dos heróis primitivos, que narram a sua sinistra odisseia.

Tinham um fim. Cumpriram-no. Estão contentes.

Parece que não suspeitam sequer que são extraordinários.

Ao lê-los, supõe a gente que eles julgam ter feito a coisa mais trivial deste mundo, uma coisa que qualquer de nós faria.

O fim a que eles particularmente se propuseram é o seguinte: buscar as relações das baías hidrográficas do Zaire e do Zambeze; visitar os maiores centros comerciais existentes nos distritos destas bacias, tratar a todo o transe de ligá-los com as nossas duas colônias, quer dizer descobrir um caminho comercial entre as nossas províncias, tentando subordinar o caminho de leste ao curso do Zambeze.

Esse tríplice problema, tão interessante e de tão vasto alcance futuro, para nós portugueses, conseguiram eles resolvê-lo no seu heroico esforço.

As notícias que nos trazem, as conquistas que fizeram para a ciência e para o progresso, os novos segredos que conseguiram, em risco da própria vida, arrancar a esse continente negro tão cheio de pavores e de misteriosas ameaças, tão guardado pelas suas terríveis divindades mortíferas, cumpre agora aos governos aproveitá-los praticamente.

Seria horrível que o preço de tamanha abnegação se perdesse ou fosse aproveitado por estranhos.

Seria cruelíssimo que o sacrifício, a heroicidade desses homens, cujo nome a Europa toda já conhece, se anulassem pelo desleixo ou pela ignorância dos estadistas.

Em todo o caso, porém, o que já não pode apagar-se nem obscurecer-se nunca mais, é a significação deste fato que, ilustrando os dois homens que o realizaram, ilustra o país em que eles nasceram e a que pertencem.

Eles, sós, desacompanhados, quiseram e conseguiram provar ao mundo, que a raça dos primeiros navegadores, dos primeiros exploradores, dos primeiros viajantes — arrojados, curiosos, insaciáveis investigadores do desconhecido — se não tinha extinguido completamente.

Fizeram mais: deram neste momento histórico da nossa vida, inerte e desconsolado, a prova de que uma vontade férrea, um desejo tenaz, uma audácia inquebrantável, podem fazer milagres, podem vencer impossíveis!

Não seria verdade que duzentos homens da têmpera de Capelo e Ivens, mas com aptidões diversas e variadas, duzentos homens, desenvolvendo e aplicando — nos mil ramos diferentes em

que a atividade humana pode manifestar-se e por todas as formas múltiplas e complexas por que ela pode desenvolver-se — aquela mesma vontade, aquela mesma força de ânimo, aquela perseverança, aquele arrojo, aquela fé milagrosa nos recursos próprios e na própria energia, duzentos homens, dedicando-se com um ímpeto valente, trabalhando, refundindo, modificando, educando, pregando, escrevendo, dando o exemplo, podiam transformar este país, que felizmente principia a reconhecer que mudar de rumo é necessário, é indispensável, é digno para todos?!



O precioso tesouro que se tem constituído e acumulado com todos os atos bons, grandes ou belos, realizados pelo Homem no seu doloroso e difícil caminhar de séculos, é apanágio de todos nós.

É aí que a nossa inteligência obscurecida vai buscar a luz; é aí que o nosso ânimo desalentado vai buscar coragem; é aí que a nossa alma entristecida vai buscar alegria; é aí que a nossa consciência vacilante e desnorteada vai buscar esperança, firmeza e fé.

Ainda que mais não houvessem alcançado, os viajantes portugueses alcançaram isto: dar um alto exemplo; excitar em nós a bela e doce comoção que experimentam os que admiram; confirmar-nos na ideia fortificante e fecunda, de que a Vida tem apenas uma coisa pela qual vale a pena comprar todas as suas tremendas agonias.

Essa coisa inefável e tão pura é a consciência de havermos cumprido o nosso Dever!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portella, Coimbra, 27 de agosto de 1885.

O Paiz, ano 2, quinta-feira, n. 265, p. 2 e 3, 24/09/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1462

36. CARTAS DO CAMPO

A história da república romana

Por Oliveira Martins

COMO O BRASIL SE INTERESSA PROFUNDAMENTE POR TUDO que em Portugal faz adivinhar um renascimento literário mais ou menos próximo, sinto-me na obrigação de falar deste livro, uma das publicações mais importantes destes últimos quatro meses, em que se tem publicado alguns livros de incontestável e grande valor.

Não posso, contudo, ao principiar estas notas rápidas de uma leitura interessante, sob vários pontos de vista, deixar de confessar ingenuamente, que sou a pessoa menos autorizada para encarar sob um aspecto científico este último trabalho de Oliveira Martins.

Esperei que a crítica se pronunciasse a respeito dele, que ela guiasse a minha inexperiência balbuciante, e que, auxiliada por ela, eu pudesse mais facilmente, ou pelo menos mais ousadamente, dizer o que me tinha agradado ou desagradado na obra do insigne escritor.

A crítica porém não apareceu. Entendeu que o mais prudente era ficar em casa.

Parece-me a mim que o trabalho incessante, que a inteligente boa vontade, que a tenacidade conscienciosa deste homem, tão pouco português pelo hábito de estudo levado até ao excesso, mereciam a atenção e o aplauso dos que neste país se ocupam de livros.

Enganei-me.

Ninguém, que eu saiba, falou na *História da república romana* senão para a anunciar modestamente, a tanto por linha.

No silêncio geral, o que dantes parecia audácia, afigura-se-me quase um dever.

É espantoso como em Portugal há *ainda*, ou há *por enquanto*, quem se dedique de boa-fé ao árduo trabalho de escrever, como há escritores que façam das letras o seu prazer supremo, a sua alegria exclusiva de todos os instantes.

Que recompensa, que incentivo, que animação, que espécie de estima, tem o escritor entre nós? Há porém três ou quatro homens que têm a vocação das letras. O silêncio indiferente, a malquerença frívola, o desdém hostil, parece que os revigoram, em vez de os desanimarem.

Sabem que serão lidos por um público restrito, que serão comprados por um número mais limitado ainda de leitores, sabem que um lugar dos menos graduados nas alfândegas de consumo

é mais produtivo e mais rendoso que a pena do escritor mais brilhante, que não há opinião crítica que encaminhe, elucide, esclareça a opinião vacilante das massas, mas a tudo isto opõem a violência irresistível da sua vocação.

Oliveira Martins é um destes homens.

É extraordinário o que ele trabalha, o número de volumes que tem produzido, e a variedade de assuntos de que se tem ocupado.

É possível, que, mais condensada a sua obra, tivesse um valor incomparavelmente maior; para mim, é profundamente simpático o desejo infatigável, que através dela se manifesta, de penetrar todas as questões palpitantes do nosso tempo e do nosso meio social, e, se não de as resolver, pelo menos de lançar sobre elas toda a luz imprevista de uma compreensão das coisas, vivamente original.

Não posso, como já disse, fazer a crítica científica deste novo trabalho. Não tenho sobre a Antiguidade os conhecimentos indispensáveis para essa apreciação sempre difícil. A respeito da vida antiga, sei que comecei a ler uma obra enorme, in folio de trinta volumes, creio eu, que um velho amigo da minha família me emprestou, tinha eu quinze anos.

Ao cabo de nove volumes, dedicados a descrever as escaramuças e combates entre Etruscos, Volcos e Romanos, fechei o décimo, dando por findas as minhas investigações sobre esse maravilhoso povo que dominou o mundo, e moldou em muitos pontos fundamentais do seu modo de ser o organismo das raças que dele haviam de formar-se mais tarde.

Vi depois os Romanos da ópera-lírica, os Romanos do *Polinto*, e da *Norma*, de coroa de louro e toga, cantando com a destra no peito e os olhos no céu, mandados enterrar vivos, mandados comer pelas feras ao seu modesto *lunch*, mas sem por isso deixarem de dar o dó de peito com a perfeição de que eram suscetíveis.

Não direi que vi, mas li os Romanos de Corneille, de Racine, de Voltaire, de Addison e de Garrett, mas Romanos convencionais, uns Romanos enfáticos e palavrosos, que viviam e morriam em verso, e a respeito de Roma continuei a ficar numa espécie de escuridão povoada de espectros de toga.

Como hei de, pois, julgar a obra de um moderno, que me apresenta outros Romanos inteiramente diversos daqueles figurões convencionais, de um tão correto e sem sabor classicismo?

Não venho portanto *julgar*, é inútil repeti-lo; venho dar a minha impressão pessoal acerca desta obra, em que, a meu ver, os defeitos e as qualidades do seu autor se manifestam no máximo grau de intensidade.

O defeito principal de Oliveira Martins é, talvez, aos olhos da boa crítica, estudar, conceber, executar muito rapidamente demais o assunto que o preocupa. Logo que um período qualquer da história do universo lhe atrai a curiosidade, lhe reduz a imaginação, o talentoso escritor com um ímpeto de força, verdadeiramente extraordinária e porventura arrojada, trata de o analisar sob o seu ponto de vista especial, trata de investigar ardentemente o modo de o resolver mais consentâneo com a sua índole própria.

Isto dá às suas hipóteses uma vivacidade impressionadora, mas faz também com que os seus livros pareçam menos solidamente construídos do que pareceriam, se fosse mais lenta e mais difícil a sua elaboração.

Depois, a rapidez no modo de ver o assunto, furtando muita vez aos olhos do observador algum dos seus aspectos mais característicos e mais decisivos, dá em resultado contradições, que poderiam facilmente evitar-se, e erros de apreciação, que uma observação mais demorada e mais complexa corrigiria decerto.

Para se escrever bem a história, é necessário o sentimento vivo e profundo da época que se pretende retratar; é necessária uma penetração íntima da alma dos povos que se estudam, uma compreensão nítida do seu modo de sentir e de viver, e ao mesmo tempo a investigação aturada e paciente dos documentos, quase sempre enfadonhos, de cujas páginas pulverulentas se levantam vivas e radiantes a inteligência e o coração de uma raça extinta ou transformada já.

Oliveira Martins tem em um grau superior a *faculdade evocadora* de Michelet; ele sente a história, mas nem sempre a prova suficientemente.

Na formosa *Introdução* da sua obra, escrita com um alto e rasgado critério, explica ele qual o motivo que o determinou a escrever a *História da república romana*.

Entende o escritor que a história desse povo pode servir de tipo às histórias de todas as sociedades humanas que depois dele se têm formado, se têm desenvolvido e têm decaído.

Nos vários períodos de ascensão, de estacionamento e de decadência desse mundo romano, tão assombrosamente variado nos aspectos, vê ele os diferentes períodos pelos quais têm sucessivamente passado as agregações sociais dos modernos tempos.

É belo este ponto de vista crítico, e, partindo dele, mais interessante para nós, modernos, é a ressurreição dessa quadra da vida da humanidade, que já encerra em si todas as agitações, todas as aspirações democráticas, todas as lutas, todos os sonhos socialistas, todas as explosões

anárquicas, todas as reconstruções e remodelações ordeiras, em que as nações modernas se têm agitado continuamente em procura desse *melhor*, que é o eterno desejo, nunca inteiramente satisfeito, do espírito humano.

Contudo, essa ideia engenhosa e verdadeira, como é nos seus lineamentos gerais, não dominará demasiadamente em todo o percurso da sua estudiosa investigação, o ilustre autor da *História da República*?

Não serão modernos demais os *Romanos* do sr. Oliveira Martins? Não terão eles um sentir complexo em demasia para ser genuinamente *antigo*?

Afigura-se-me, talvez, por eu compreender tão bem estes Romanos, com os quais devo ter tão poucos pontos de contato, que o historiador não pôde chegar a esquecer-se completamente dos vinte e tantos séculos de civilização que o separam daqueles homens, que ele não se desinteressou sobejamente do seu tempo, do seu meio, da sua educação de erudito, para se consubstanciar na *alma antiga*, a ponto de lhes julgar as obras, as ideias, o modo de praticar e de discutir, à luz da civilização a que eles pertencem e cuja influência os deve dominar inteiramente.

Já disse que é provável que o erro seja meu.

Aqueles Romanos, porém, dão-me a sensação de umas pessoas muito minhas conhecidas.

Pois quê?

É possível que tantos séculos de evolução, contínua e gradual para a compreensão mais larga e mais perfeita das coisas, estabeleça tão pequenas diferenças entre os homens de há vinte e mais séculos e o homem de hoje?

Que diferenças fundamentais existem entre o Cícero, o Pompeu, o Graco, o Cipião, descritos por Oliveira Martins e o homem do século XIX?

Nenhumas.

E eu, que conheço o homem de hoje e que não conheço o homem da Antiguidade pagã, mas que sei quantos abismos enormes cavou entre os dois o cristianismo, a Reforma, a Revolução e toda a filosofia moderna, parto desta ideia para imaginar que é o historiador quem se ilude, quando pinta os seus Romanos tão semelhantes aos políticos de hoje.

O eminente escritor dividiu a sua *História* em sete períodos ou épocas, e a cada uma dessas épocas consagrou um livro subdividido em capítulos, que se relacionam estreitamente com a matéria nele tratada.

Pelos títulos desses livros poder-se-á seguir a ideia do autor e a sua maneira de interpretar as fases históricas que descreve: *A cidade romana* é o 1º destes livros. 2º, *A unificação da Itália*. 3º, *As guerras púnicas*. 4º, *A conquista do mundo*. 5º, *O socialismo e capitalismo*. 6º, *Os tiranos*. 7º, *O cesarismo*.

A cidade romana abrange um período de quatro séculos. Começa na *fundação* de Roma, e encerra em si todas as revoluções internas e todas as lutas subterrâneas, por meio das quais a plebe, exilada do culto, exilada do governo, sem deuses e sem direitos cívicos, conseguiu emancipar-se religiosamente e politicamente, adquirir o direito ao exercício de todos os cargos sacerdotais e civis, fundar enfim a igualdade política, que a Revolução só há tão pouco tempo concedeu aos povos modernos.

Por isso, para Oliveira Martins este período corresponde àquele que vai da Idade Média a 89. Este período é o mais característico da história romana, porque pode afirmar-se que, durante ele, é que o grande povo, assimilador e conquistador, que mais tarde se revelou, recebeu a organização robusta e especial que devia prepará-lo para a dupla missão que tão extraordinariamente cumpriu.

As lutas com o solo hostil, as lutas com o patriciado insolente, com as *gentes* de remota estirpe que se julgavam na intimidade exclusiva dos deuses, fizeram Roma.

Rapidamente, mas com traços firmes, Oliveira Martins dá a ideia desse período. Ele, porém, como Michelet, a quem se assemelha em alguns pontos, parece sempre escrever para leitores que já de antemão estão de posse do assunto tratado.

O 2º período, intitulado *A unificação da Itália*, abre com uma descrição geográfica desse país, feita com uma graça incomparável de pincel. Lembra aquelas páginas da *História de Portugal*, em que o autor descreve também a nossa terra nos seus aspectos acidentados e tão raros como as tintas de uma deliciosa e artística paleta.

Tem um encanto muito peculiar e muito seu as paisagens de Oliveira Martins.

O adjetivo empregado é muita vez imprevisto; parece outras vezes, ao primeiro relance de olhos, quase que deslocado, depois o espírito surpreendido percebe que o escritor o encontrou por uma intuição maravilhosa e rara de sentimentos.

Não é correto nem igual o seu estilo; tem quedas súbitas que surpreendem e ferem o gesto, mas é vivo, acidentado, tem relevo, tem *um não sei que* de inesperado, que sacode os nervos e que faz pensar ao mesmo tempo.

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 2, domingo, n. 289, p. 3, 18/10/1885
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1573

37. CARTAS DO CAMPO

História da República Romana

Por Oliveira Martins

(CONCLUSÃO.)

NESTE SEGUNDO LIVRO, que tem páginas formosas como arte e como história, Oliveira Martins descreve o modo por que Roma, conquistando a Etrúria, vencendo os Samuitas, organizando, expandindo o seu vasto poder, se constituiu a capital vitoriosa e aclamada da nação italiana.

É tão glorioso, tão interessante todo este período histórico, que o autor teve, ao descrevê-lo, o prazer que os leitores têm quando o leem. Nota-se isto na facilidade clara da exposição, na fina elegância dos conceitos, no modo natural por que os paralelos históricos lhe acodem aos bicos da pena.

Na descrição há sempre o mesmo tom pitoresco, a mesma graça imprevista de acessórios, quer nos faça ver a legião *uma e múltipla, compacta e móbil*, das valorosas milícias romanas, quer nos leve a Tarento, à cidade que tão bem representa nesta hora da sua decadência os defeitos brilhantes, os vícios encantadores e dissolventes dessa Grécia azul e lendária, para onde ainda vão hoje os sonhos de todos os artistas.

Depois vêm as guerras púnicas, e este terceiro período da história de Roma inspira ao eminente escritor muitas das páginas mais encantadoras dos seus dois volumes. A descrição de Cartago, por exemplo, o retrato de Aníbal — é um *retratista* extraordinário Oliveira Martins! — a postura do meio em que este capitão assombroso se movia, as paisagens africanas, os costumes, a vida estranha e sensual desse povo, que rivalizava com o de Roma, que lhe sobreleva em riqueza, que é vencido e subjugado por ele, mas que se vinga da sua derrota fatal, historicamente *necessária*, legando-lhe com os seus vícios o princípio mórbido da futura decomposição que há de corrompê-la, tudo isto é feito com maestria inexecedível.

Há uma pompa, um vigor nervoso, uma animação pitoresca em alguns dos quadros de Oliveira Martins, que revelam o estilista admirável que ele seria, se compusesse com menos vertiginosa rapidez.

Os três últimos capítulos deste terceiro livro têm por título: *A Família, A Religião, A Política*.

O que mais pode interessar-nos na obra escrita por um homem do nosso tempo, acerca desse mundo antigo tão diverso do nosso, é sem dúvida o modo por que o Romano entendia a constituição da família; o papel doméstico e social da mulher; o sentimento e a noção prática da

justiça; a religião; a moral; os problemas sociais ou psicológicos de cuja resolução ou de cuja interpretação deriva ou se determina a índole de uma raça.

Catão, o *Censor*, representante do velho espírito latino, que a influência helênica e o cosmopolitismo romano têm já modificado grandemente, é o tipo perfeitamente escolhido pelo autor, para que através dele penetremos nestes segredos íntimos e vitais de um organismo hoje extinto.

Em Catão, o *Censor* estão personalizados os preconceitos anti-humanos e as velhas virtudes patrióticas da antiga Roma. O que ele pensava sobre todas as importantes questões acima apontadas, era o que tinha pensado a sua pátria e a sua raça, quando estranhos elementos as não tinham ainda transformado.

Não se pode dizer que fosse simpático a nós esse povo, que desconhecia os sentimentos que constituem hoje o tesouro moral das idades modernas, esse povo para quem a piedade, a caridade, o amor dos vencidos, a ternura pelos fracos, o respeito da mulher, eram noções desconhecidas ou quimeras absurdas.

A família porém, tal como Catão a queria salvaguardar de influências estrangeiras ou de inovações perigosas, essa tem uma grandeza sagrada, uma religiosa majestade que ainda nos subjuga.

O pai de família, chefe, sacerdote, senhor absoluto, justiceiro a quem ninguém pode vir tomar contas, é uma das criações mais grandiosas da Antiguidade.

O progresso no entanto, a civilização que em toda a parte é feita de ouro e de escórias, de pérolas e de espuma, de fogo e de cinzas, e que em Roma não pode ter por base um corpo de doutrina moral como foi mais tarde o cristianismo, a civilização não tarda a modificar estes costumes simples e rudes, a afrouxar os laços de família, que tendo por cimento a religião, haviam de esmorecer por força com a invasão generalizada da incredulidade e do ceticismo, a introduzir o luxo desordenado, a sensualidade sem freio, o desejo do gozo, que é de sempre, que é do homem, e que é de hoje, que é de todos os tempos e de todas as civilizações, em que o homem pode repousar depois da fadiga da luta com os homens ou da luta com a Natureza.

Às guerras púnicas segue-se a *Conquista do mundo*.

É o Oriente helênico, são as Galícias e as Espanhas, que se revelam aos olhos, à cobiça insaciável, ao invencível poder do Romano, cuja ambição desmedida e infrene cresce todos os dias com os meios de se satisfazer.

Não me é possível seguir através de todo este quarto livro, tão interessante do eminente historiador. *Roma triunfante* é um dos seus trechos mais coloridos, mais belos, mais palpitantes de vida.

Toda a parte consagrada aos *escravos*, ao *tráfico*, à *família* urbana e rural, à *guerra servil*, que estende as suas abominações sacrílegas, os seus medonhos estragos, por grande parte dos

domínios romanos, toda a análise feita a essa praga das velhas civilizações, que estava dentro delas e que as envenenava, é altamente passada e primorosamente escrita.

Sempre arrastado pela ideia dominadora de encontrar entre os fatos mais característicos da antiga sociedade romana e das sociedades modernas, momentos e fases inteiramente idênticos, Oliveira Martins não deixa nunca de dar relevo a essas coincidências e analogias históricas, e fá-lo dum modo singularmente seu.

Estes paralelos de períodos sociais e de caracteres, durante eles, dominantes, é interessante, avivam constantemente o prazer da leitura, mas serão eles sempre favoráveis à apreciação historicamente exata dos acontecimentos e dos homens?

A questão social, então, como hoje, apresentava-se ameaçadora. A igualdade política é uma ilusão dos povos que os consola, que os embala, mas que os não emancipa nem levanta, enquanto o terrível problema da miséria não tiver solução neste mundo.

E chegará ele a tê-la?

Não sei: não me atrevo a julgar. Apresento a objeção, que outros a resolvam.

No *socialismo e capitalismo* o autor está ainda mais à vontade para se entregar ao seu amor confessado ou apenas indicado das comparações. Esta fase, de que os Gracos são as duas figuras simpáticas e belas, é realmente bem semelhante àquela que o mundo contemporâneo hoje atravessa.

Afirmam os socialistas que sim; mas o mundo que eles nos prometem é tão triste, tão adverso a todos os nossos hábitos e aspirações, que eu na minha qualidade de mulher ignorante atrevo-me a dizer que antes o quero como ele tem sido até hoje, com as suas injustiças, desigualdades e misérias, do que quero essa criação monstruosa, que absorve na coletividade o indivíduo, e que faz de *todos* o tirano de cada um.

A guerra movida pelo socialismo ao capitalismo, e por este àquele, reveste em Roma o caráter brutal, esmagador, sanguinário e monstruosamente grande, que têm todas as convulsões desse povo gigante.

É desolador esse vasto quadro.

Neste ponto, justifica-se a doutrina de Oliveira Martins.

O animal humano é sempre fundamentalmente o mesmo, como a teoria do brilhante escritor o demonstra tantas vezes. Ele só difere no modo de manifestar-se e expandir-se exteriormente.

Aqui não tem influência alguma divina ou moral que lhe atenua a crueldade, que lhe modifique os instintos selváticos, que lhe corrija as cobiças frementes, que o contenha no equilíbrio e na razão.

O que ali foi, pois, de grandiosamente horrível na ação e na reação em que consumiu um longo período histórico, devia ser inconcebível para nós, cristãos, modernos e civilizados.

Infelizmente — e aí está outro triunfo de Oliveira Martins — infelizmente não é. A *Comuna de Paris* veio-nos provar ainda há pouco que as transformações humanas são talvez exteriores e não íntimas, são talvez superficiais e não profundas.

Quando Roma descansou depois de Mário, depois de Sila, depois de Cina, depois de todos os tiranos; ora democráticos ora aristocráticos, que a dilaceraram em convulsões histéricas, que a afogaram em sangue, que a imbecilizaram no terror e na agonia ofegante, que atiraram para cima dela com o rubro manto da loucura sanguinária, quando Roma tomou o fôlego, estava corrompida até a medula, tinha a sede da embriaguez, do esquecimento embrutecido, que dão o gozo, a riqueza, a voluptuosidade ociosa às nações envilecidas.

Estava perdida e gasta, estonteada Messalina pronta a vender-se a quem a pagasse mais caro.

César comprou-a e teve-a durante algum tempo vencida e palpitante sob o seu poder de libertino genial, de organizador cético. Augusto, mais tarde, vai comprá-la e remodelá-la sob uma forma inteiramente nova, de dentro da qual, em cinco séculos de elaboração subterrânea e de podridão visível, saíram as sociedades latinas, cuja vida, segundo Oliveira Martins afirma e prova, tem as mesmas fases que já foram estudadas na velha sociedade romana que as produziu.

Não tenho espaço para seguir, página a página, o brilhante e original historiador.

Aponto apenas à atenção dos leitores os trechos em que ele desenvolveu, a meu ver, com mais felicidade, os seus raros dotes de artista, de pensador e de escritor.

Cícero e a gente fina é a pintura mais animada, mais *moderna*, mais vivamente esmaltada da *sociedade elegante*, da *sociedade devassa*, da *sociedade política* do tempo do grande orador, o qual, entre parênteses, inspira a Oliveira Martins uma simpatia menos que moderada.

Esse quadro do viver romano é de uma vivacidade de toque irresistível. Diverte, absorve, entretém como a leitura de um romance *naturalista* à Zola.

O retrato de Cícero é soberbo. Se Cícero inspira ao espírito de Oliveira Martins um desdém frisantemente enunciado a cada instante, vê-se que as qualidades dominadoras e sedutoras de César o cativam, talvez que a seu pesar.

Toda a parte intitulada *Cesarismo*, pareceu-me escrita com uma largueza de ponto de vista, com uma segurança de pulso, pasmosas.

As páginas consagradas a Catão de Útica, a esse que personalizou a república expirante, como o primeiro tinha personalizado o triunfante gênio latino, são de uma graça untuosa e penetrante, de uma doce melancolia idealista, que não esquecem mais. Só tem um defeito: a república da qual Catão chorava a morte e com a qual ele quis morrer não existia já desde muito, se é que alguma vez existiu na perfeição abstrata em que um sonhador a via.



Não sei se me foi possível dar exatamente a impressão que este livro me deixou. Li as novecentas páginas que o compõem, com um prazer vivo que não esmoreceu nunca, nem mesmo nos assuntos áridos, que menos se quadram ao gênero de estudos de uma mulher.

Não posso jurar que sejam absolutamente *reais* aqueles Romanos; sei que me interessaram, que gostei muito deles, ao vê-los enfim homens e não manequins vestidos de toga.

Se às vezes o conjunto da obra me apareceu um tanto confuso, como que pensado e construído com rapidez excessiva e desnorteadora, este defeito é resgatado pela beleza extraordinária dos detalhes, pelo encanto de certas páginas de uma pompa decorativa maravilhosa, pelo colorido, pela vida intensa de muitos dos quadros principais.

Oliveira Martins fez um serviço de alta importância à literatura portuguesa, na qual faltava um livro deste gênero e provou mais uma vez, de um modo brilhante e decisivo, que é um escritor de raça, dos que honram o país e a língua em que escrevem.

A parte científica e sociológica da sua obra, o modo por que ele interpreta e explica a missão desse Estado “que herdou os frutos de todas as civilizações orientais para as transmitir às ocidentais”, a brilhante crítica histórica feita a essa Itália, que, “lançada no centro do mediterrâneo como uma ponte sobre a África, estava fadada para medianeira universal”; ao povo romano que “aprendendo o civismo, criando o direito, foi no mundo quem construiu a estrada real e prática das sociedades, lançando também um ponto abstrato entre os sonhos da metafísica helênica e a barbárie dos povos ocidentais”; toda essa porção de seu trabalho, que é o fruto amadurecido de grandes investigações históricas e filosóficas, não está na minha limitada esfera julgá-la ou apreciá-la.

Sou uma *dilettanti* das letras que aplaude o trabalho puramente *literário* de um escritor de seu país; não sou mais nada e não tenho direito a inculcar-me outra coisa.

Lamento, porém, que a crítica autorizada e erudita não se encarregue de cumprir a tarefa que por pesada demais eu rejeito de mim.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Colares, 18 de setembro de 1885.

O Paiz, ano 2, quarta-feira, n. 292, p. 3, 21/10/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1589

38. CARTAS DO CAMPO V

O PESSIMISMO CONTEMPORÂNEO — A melancolia, o tédio, a morte — As tristezas da vida e o poder de resistência que ela tem — Em frente da negação que é indiferença, a afirmação, que é amor — A mulher como instrumento desta transformação sentimental.

O PESSIMISMO ESTÁ SENDO UMA FASE QUASE GERAL DO ESPÍRITO MODERNO! E o pessimismo é de todos os estados mentais o mais nocivo, o mais esterilizador, o mais dissolvente.

Eu não pertenço ao número dos que atribuem a Schopenhauer e a Hartmann, os dois excêntricos teorizadores da aniquilação e do nada, nem à escola artificial que eles criaram, a origem desta inércia moral, desta desoladora indiferença, que envolvem num crepe funéreo, negro como a noite, ou antes, pardo como uma alvorada de fevereiro, a anêmica geração a que pertenço... por meu mal.

E digo, *por meu mal*, porque não pude, melhor do que os outros, escapar à influência do meio em que me achei colocada.

Este grito inconsolável de Musset: *je suis venu trop tard dans un siècle trop vieux!* qual de nós o não tem murmurado a si mesmo no silêncio espectral da sua consciência, letárgica pela dúvida?!...

Mas não é a literatura que tem culpa deste estado.

Os escritores, seja qual for a potência cerebral de que os haja dotado a natureza, não fazem mais do que formular a lei que encontram feita; traduzir o sentimento que faz vibrar a alma sua contemporânea; dar cor, brilho, forma durável e encantadora à ideia que paira sobre a sua raça no momento em que eles passaram.

Quando muito, o que eles podem é antever o momento próximo em que um determinado estado mental ou social tem de alterar-se, modificar-se, transfigurar-se mesmo, em virtude da eterna evolução que arrasta a humanidade.

Mas, para isso, é necessário ter a dupla vista, que só a muito raros dá o Gênio; o dom profético que se forma pela intuição das necessidades discontentadas, das aspirações não satisfeitas da alma humana. Apontam-se pelos séculos adiante os que têm logrado sondar assim os oceanos tenebrosos e confusos, os mares inviolados do futuro.

São esses as grandes culminações intelectuais que dominam o mundo e presidem porventura ao seu caminhar. Profetas que pressentem as nossas dores antes que as tenhamos traduzido em lágrimas; videntes que choram o mal que vai rasgar-nos as entranhas, antes dele fazer sentir a sua devastadora influência.

Geralmente, porém, a literatura e a arte são reflexo nosso, não são a nossa inspiração.

Há um ou outro espírito isolado na sua terra ideal que se lamenta de mágoas que ninguém sente, e que traduz sentimentos que ninguém experimentou; mas quando em um dado momento se faz sentir sobre toda uma legião de pensadores e de artistas, a mesma influência uniforme, que cada um recebe e reflete depois, conforme a sua índole e o seu temperamento especial, é claro que a origem deste fato deve ir buscar-se mais alto, às grandes leis históricas que todos os que pensam, têm hoje obrigação de conhecer um pouco.

Eu bem sei que a melancolia é velha como o mundo.

O homem, saindo, segundo a lenda genesíaca, do humilde barro de que o formou o Criador, ou resgatando-se segundo a teoria darwinista, do cativo humilhante da baixa animalidade; o homem, que, pela primeira vez, à face dos céus misteriosos e calados, encarou face a face o rude problema da vida, sentou-se inquieto e triste à sombra de uma árvore, e teve a sede do descanso e do dormir sem sonhos!

Depois deste, nenhum dos que nos legou no seu verbo iluminado, a herança das angústias que o torturaram, ou das fugitivas alegrias que o fizeram palpitar, nenhum dos que interpretaram sob uma forma imorredoura, a dor silenciosa e amarga das turbas anônimas, nenhum deixou de contar-nos a mesma história triste, feita de lágrimas longas e de sorrisos efêmeros, feita de saudades, de aspirações traídas, de esperanças que se frustraram, de sonhos que se desfizeram no mudo e implacável rio das sombras...

A melancolia é velha como a vida; porque o homem, começando a viver, começou a desejar e a encontrar diante de cada desejo o impossível. Sempre a cada uma das nossas ambições de felicidade corresponde o estorvo que lhe põe a natureza, ou o estorvo que lhe põe a lei social. Sempre diante de cada impetuosa exigência da nossa alma ou do nosso organismo se levanta o destino implacável ou a humanidade injusta, eterno algoz de si mesma.

Ou não podemos possuir o que desejamos — glória, riqueza, poderio ou amor — ou de o possuímos penetra em nós a lenta agonia incomportável da saciedade, do desencantamento ou do tédio!

Daí a melancolia que está no fundo de cada um dos nossos fugitivos gozos; daí o desequilíbrio entre a ansiedade da cobiça e o prazer da satisfação triunfante.

Mas a melancolia, que é companheira suave e meiga do homem, que é o atributo deste desequilibrado e imperfeito ser, que chamam *o rei da Criação*, talvez para lhe não chamarem seu escravo, a melancolia não é pessimismo. Ela inspira-nos, não nos esteriliza; ela é a fonte das nossas lágrimas mais doces, das nossas queixas mais dolentes e mais resignadas; não é a Musa do tédio, da indiferença, da miséria, do desolador e pálido ceticismo!

Que seja dura a Vida?! Quem é que o negou alguma vez? A Grécia, a olímpica, a radiosa, a feliz; a Grécia, a glorificação mais iluminada que a Vida teve ainda, conheceu as amarguras da

Morte, e o voluptuoso sabor das agruras da Saudade. *As gerações dos homens são como as das folhas, e o vento lança as folhas por terra*, disse Homero.

Vida e Morte não podem separar-se nunca; o reflexo lúgubre que uma dá, enubla e entenebrece toda a claridade que há na outra.

Nunca, aquele que viu morrer, tornou a sentir uma alegria sem nuvens, uma alegria plena e completa. E nós vemos morrer em torno tudo que amamos, desde que abrimos os olhos à luz e o cérebro ao pensamento.

Em cada ser vivo, a morte está continuamente exercendo o seu labor sem tréguas. De todas as dores a que o coração humano é acessível, a maior, porque é a mais refinada e a mais complexa, é a que ele sente, olhando para dentro de si próprio, e vendo que tudo que ele julgou eterno se vai desfazendo lentamente, perpetuamente, sob a corrosiva ação da *grande inimiga*.

Sobrevivemos aos que amamos e ficamos tristes; sobrevivemos a nós mesmos, às nossas alegrias e às nossas dores, a que soberbamente asseguramos a eternidade, e nada nos consola!...

Mas, por triste e desolada que seja esta vida, não terá ela também algumas alegrias, alguns sorrisos, algumas consolações compensadoras?

Zola, num livro de suprema ironia e de suprema dor, intitulado *La joie de vivre*, pintou com as cores *dantescas* da sua paleta extraordinária, esta mesma coisa incompreensível e estranha; que a vida seja tão feia, tão triste, tão cruel, que ela tenha a doença que aperta e contorce os músculos e os ossos, que paralisa ou exacerba os nervos, que apaga o entendimento, que sabe torturas inéditas, ao pé das quais os cavaletes e as cunhas da Inquisição parecem brincadeiras infantis; que ela tenha a Maldade, a Ingratidão, as mil formas da Mentira, os mil requintes da Dúvida, as mil convulsões do Desespero, todas as angústias, todos os suplícios, todos os gritos de raiva, todos os estertores da agonia e que ainda assim nós lhe queiramos tanto, que o nosso maior tormento seja desapegarmo-nos dela!

O *pessimismo* vai tendo a pretensão de aniquilar em nós este amor ardente da vida, que fez do homem o vencedor de todos os monstros, o vitorioso de todas as lutas, o triunfante de todos os combates. Combatamos por nossa vez o pessimismo; porque, se o não combatemos, seremos pela primeira vez vencidos.

Sim, eu bem sei que esta quadra, prenúncio e sintoma de decadência fatal de todo um mundo, de todo um passado em ruínas, é triste a mais não ser.

Mas, enquanto existe um vislumbre de vida, existe o dever de lutarmos pelo seu prolongamento.

Se as mulheres tivessem um pouco mais a consciência da sua missão, não seriam elas das mais intrépidas combatentes nesta pugna suprema? À indiferença oponhamos o amor; à dúvida oponhamos a fé.

O céu ainda tem o azul radiante dos dias da mocidade, a Natureza é ainda a bela que assiste radiosa e iluminada às nossas dores de um dia, às nossas lágrimas eternas que o vento enxuga num momento.

Contemplemos de mais alto a evolução das ideias e transformação das coisas. Se na terra somos efêmeros de uma hora, nunca se quebra a cadeia que se vai forjando dos belos ideais que concebemos ao passar. Nós partimos, mas fica a nossa obra!

Soframos: tal é o nosso destino e quase que o nosso dever; mas amemos, que é o meio de tornarmos fecunda para os outros a dor que acima de nós mesmos nos levanta, a dor, que é a inspiração de todo o *bom*, de todo o *belo* que em nós existe.

O pessimismo leva à abdicação da vontade, à própria negação do sofrimento, pela completa insensibilidade a que aspira, e que de vez em quando já começa a atingir.

À *quoi bon?* eis a divisa da nossa desolada geração. Pois é necessário que em contradição e em protesto a este egoístico lema se levante das nossas entranhas de mães, dos nossos corações de mulheres, um grito de amor intenso, um grito de amor fecundante e poderoso.

Porque um dos defeitos da nossa quadra é isto: depois de termos dado ao amor um lugar enorme, predominante, decisivo e tirânico, tendemos a cercar-lhe todos os direitos, a destruir-lhe todas as prerrogativas, a negar-lhe todas as influências boas.

O nosso século, que por meio do radiante *romantismo* fez do amor o deus pagão que lhe foi na *Renascença*; hoje, pela escola científica do temperamento e do meio, quer fazer dele um poder inconsciente, que, segundo as circunstâncias em que é chamado a atuar, é um órgão de reprodução animal, ou um elemento de corrupção dissolvente.

Reabilitemos o amor! Façamos dele alguma coisa de mais e de menos dominador do que o fazem os mestres da literatura contemporânea, simples fotógrafos dos costumes decadentes da época.

Ele não é a suprema e última embriaguez embrutecedora, na qual a humanidade tende a adormecer, como essa literatura de agonizante e requintado sensualismo parece querer provar; pelo contrário, ele pode ser ainda a fonte de eterna juventude, em que os velhos da precoce velhice deste século, da velhice que se traduz pelo excesso mórbido do pensamento e da sensação, podem ainda retemperar as forças exaustas; é dele que podem ainda partir as grandes iniciativas transformadoras, as poderosas e viris energias, os sonhos radiosos da Virtude e do Bem.

O que deve nesta cruzada ideal ser o papel da mulher, procurarei demonstrá-lo num artigo próximo.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Colares, 28 de setembro de 1885.

O Paiz, ano 2, sexta-feira, n. 294, p. 2, 23/10/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1598

39. CONVERSÇÕES LISBONENSES

HÁ QUANTO TEMPO QUE EU NÃO TE APAREÇO, MINHA QUERIDA LEITORA.

A doença, a pertinaz doença antipática, paralisadora de todas as faculdades afetivas e mentais, tem-me trazido, bem contra a minha vontade, afastada de ti!

Os que escrevem, sejam grandes ou sejam modestos — e quem mais modesto do que eu? — acostumam-se a pensar nos amigos desconhecidos que têm por esse mundo fora.

Para a mulher principalmente, que põe muito do seu coração em tudo que pratica, o escrever torna-se uma espécie de confiança feita periodicamente a esses amigos, muitos dos quais nunca viu, nunca verá talvez! Deixar de conversar com eles significa uma privação quase dolorosa. Eis o caso que se deu comigo!

Mas, se não tenho, como o costume, falado às leitoras dos mil assuntos que acodem caprichosamente aos bicos da minha pena insubmissa, tenho em compensação pensado e padecido muito.

Foi-se embora o verão; deixei o campo, donde lhes escrevi as minhas últimas cartas, e eis-me ruminando silenciosamente a minha doença, as minhas dores, o meu mau humor, e pensando de mim para mim que não há pior tempo para todos do que este tempo que vou dificilmente atravessando!

É a eterna mania dos velhos e das velhas falarem de seu tempo como do único tempo em que se vivia, em que se gozava, em que se brincava, em que o céu era azul, em que as laranjeiras tinham bom cheiro, em que nas sebes engrinaldadas de *alegra-campo*, madressilva e congossa assobiavam os melros e suspiravam languidamente os rouxinóis.

Não admira! Era o tempo da mocidade, era o tempo da esperança, era o tempo do amor!...

Nesse tempo eram virtuosos todos os homens, eram leais todas as mãos que apertavam as nossas, ninguém nos traía, ninguém nos esquecera; a Morte não viera — convivia inesperada e lúgubre! — sentar-se famelicamente a nenhum dos nossos festins. Havia então doidos que diziam que nada é eterno, e o amor ainda menos eterno do que tudo; mas nós sabíamos bem que eles eram doidos, e essa nota discordante não alterava nem modificava a harmonia intensa da nossa íntima orquestra.

Encontrávamos gente velha que nos falava *do seu tempo*, achando que tudo era mau, nestes dias que se nos afiguravam tão radiosos.

Não nos zangávamos, porém, com isso. Pelo contrário, tínhamos imensa dó!

Que tolice haver cabelos brancos, pensávamos, e haver rugas, e haver cabeças trêmulas, e haver corpos dobrados pela fraqueza senil!...

É tão fácil ser novo, é tão agradável ter vinte anos, é tão doce sentir todos os olhos que nos seguem com uma suavidade em que há melancolia e inveja!... Para que haverá gente velha, não nos dirão?... Realmente já é ter gosto extravagante.

E encolhíamos os ombros e passávamos adiante cantando.

Algum mais cruel dizia-nos com a sua voz enfraquecida e trêmula:

“Olha que também tu hás de envelhecer!...”.

Oh! era delicioso e cômico o nosso espanto!

“Quem?... Eu?... Essa é melhor! Talvez se persuada que eu hei de chegar aos oitenta anos!... Que ideia extravagante! Não senhor! Hei de morrer moça, levando comigo para a cova, a fazerem-me companhia, os sonhos que encham de luz a minha alma de criança! Nunca saberei que há mentiras, nunca saberei que há traições, nunca a vida me há de revelar os seus abismos tristes, os seus abismos hediondos. Quero subir para a região do Mistério, levando a minha túnica branca imaculada e completa.”

Hoje é provável que outros sintam o que eu então sentia, que outros se sentem no alto da colina onde eu me sentei alegre, feliz, à sombra das grandes árvores, fitando os olhos vivos no azul radioso dos céus primaveris!

A diferença não está nas coisas, que são as mesmas, que não mudam nem variam; a diferença está em nós, que as vemos com outros olhos, os olhos tristes do desalento da amarga ciência que a vida tem para os que... viveram.



Há uma coisa de que eu gosto, por isso, muito.

É de dizer sempre aos moços, em todos os casos, em todas as ocasiões, que se compenetrem bem da sua mocidade, que se agarrem a ela, que a deixem fugir o mais tarde que lhes seja possível, que a amem como deve amar-se a única alegria grande que este mundo ainda soube dar aos seus miseráveis habitantes.

Parece uma caturrice absolutamente dispensável esta minha; pois não é. E eu te explico, leitora, por que não é.

Em primeiro lugar, há muita gente que só sabe o que seja a mocidade, quando ela — ave azul das lendas orientais — tem batido as suas asas de safira, perdendo-se para sempre nas brumas indecisas...

Uma alma caridosa que explique a esses ignorantes o tesouro que inconscientemente possuem, faz, já tu vê, um ótimo serviço.

Depois, e esta segunda razão vai se generalizando cada vez mais, uma criatura moça, inteiramente moça, virginalmente moça, vai se fazendo rara.

Há por aí *Querubins* que aos dezoito anos já têm a malícia, o ceticismo, a manha velhaca de *Fígaro*; há por aí *Ofélias*, pálidas como a lua, coroadas de *Vergissmeinnicht* como as ondinas da poesia

escandinava, cujo sorriso ideal oculta e disfarça o cálculo interesseiro, o egoísmo feroz, as astúcias laboriosas e intrincadas de uma *Madame Marneffe*... *avant la lettre*.

Para ser moço não basta apenas parecê-lo.

É necessário possuir poucos anos e muita ignorância; uns olhos límpidos e uma alma cristalina; um sorriso sem fel e uma confiança imbecil... no primeiro que passe!

É necessário acreditar em tudo, mas principalmente no que... não existe.

Confiar em todas as afirmações ainda as mais hiperbólicas e extraordinárias, desde as que fazem os poetas a respeito da alma, nos seus livros de versos, até às que fazem os caixeiros a respeito das suas mercadorias, nos balcões das suas lojas de modas.

É preciso ter a plena convicção fortificante e consoladora, de que neste mundo não há nada falsificado, imitado, *contrafeito*, nem os protestos de amor que se escutam, nem os frascos de perfumaria que se compram.

Ser moço é não ver nada do que é feio, do que é mau, do que é doloroso, e idealizar mais tudo que é belo, tudo que é bom, tudo que é santo. Ser moço é estar na terra e não viver dela; ser moço é pairar no azul, perto das estrelas, sabendo ao mesmo tempo ouvir o que os rouxinóis em noites de lua dizem baixinho, de ardente, de suave, de apaixonado aos olhos aveludados e escuros das violetas que espreitam por entre a relva...

Aqui está o que é ser moço, ó minhas amigas, aqui está o que pouco a pouco se vai deixando de ser, por esse mundo entristecido e cético.

Para mim, na obra colossal de Goethe que a todos assombra, nesse *Fausto* a que já alguém chamou a epopeia do século XIX, há uma ideia que mais do que todas me encanta.

É a primazia que o grande poeta dá, acima de todas as coisas, a esta divina coisa tão rápida e passageira e transitória e efêmera que se chama a *mocidade*.

Onde há ciência, ou glória, ou riqueza, ou poder, que valham essa radiante aparição de cabelos de ouro, que surge uma vez na nossa estrada banhada em sol, e que, ao fugir, nos deixa para sempre às escuras?...



No entanto como tudo que é humano tem de pagar um tributo forçado à imperfeição, a mocidade tem um defeito, um grave defeito, que ela não pode emendar, porque é o inevitável resultado das suas próprias qualidades.

Tem-se vivido, tem-se pensado pouco, pois apesar disso é justamente o período em que se tem ou antes em que se julga ter maior número de ideias definidas.

A respeito de cada coisa, de cada acontecimento, de cada fato, de cada circunstância, de cada modo de sentir que não conhecemos, de cada paixão que nunca experimentamos, permitimo-nos ter opiniões acentuadas, absolutas, previamente estabelecidas e assentes.

Ó divina e cruel ignorância das coisas! Ó sagrada e implacável inocência! Ó desconhecimento feliz de todas as leis naturais e de todas as leis humanas!

O que há neste mundo que não varie conforme as circunstâncias de que se rodeia e acompanha?

Quem pode afirmar que isso que ontem lhe parecia injusto, lhe não pareça justo hoje? quem ousará dizer, tendo a experiência que dá a Vida, que não mudará nunca de juízo, nem modificará, sob o império de circunstâncias imprevistas, o seu modo de ver as coisas e de julgar os acontecimentos?...

Parece que devia suceder aos homens exatamente o contrário do que lhes sucede; que a idade teria o poder de radicar as suas crenças, de imobilizar as suas ideias, de tornar mais firme a sua crítica, de dar uma base mais sólida aos seus conceitos.

Erro completo esse!

A idade faz-nos irresolutos, faz-nos indecisos, faz-nos indulgentes, reveste-nos dessa benevolência um tanto cética de que Montaigne é o tipo mais genuíno, a expressão mais completa e característica.

Fazem-nos então rir as afirmações absolutas, as intransigências altivas da mocidade que passou.

O que é que dura invariavelmente? o que é que se não modifica sob a ação do tempo? Qual é a ideia que nos acompanha do berço à sepultura, reta, fixa, permanente, invariável? E temos pena das sentenças implacáveis com que na experiência da nossa curta vida condenamos aqueles mesmos que a nossa razão amadurecida absolve agora!

Não posso dizer se isto é um mal inerente à nossa condição, se é um bem que manifesta a evolução progressiva e permanente do nosso ser para a verdade e para a justiça.

Sei que se dá com todos os que pensam, o que justificaria o provérbio de que *não há nada mais ousado que a inocência*.



Depois de teres lido esta longa e melancólica *meditação* dirás contigo que ela é intempestiva ou inoportuna, leitora. Lembra-te, porém, de que a doença dá tempo para a gente pensar sobre tanta coisa! E depois cai-se naturalmente na contemplação melancólica das contradições e das tristezas de que é feita a vida!

Dizia com muita razão Alexandre Dumas, o escritor mais alegre que ainda existiu no mundo:

— *Tout le secret de ma verve c'est que je me porte bien!*

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, novembro de 1885.

O Paiz, ano 2, quarta-feira, n. 341, p. 2 e 3, 09/12/1885

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1810

40. CONVERSÇÕES LISBONENSES

*O poeta alemão H. Heine – O Intermezzo*²⁸

É DURA E HOSTIL PARA OS POETAS A QUADRA QUE ATRAVESSAMOS.

A Poesia, para resistir à oposição que de toda a parte lhe fazem os utilitários e os positivistas, fez-se panfleto, fez-se sátira, fez-se sistema filosófico, fez-se tudo, menos aquilo que ela pode e deve ser, para falar ao nosso espírito cansado, para embalar com a eterna música do seu ritmo a Dor que vela perpetuamente no mais recôndito recesso do nosso coração.

Os poetas que não morrem, apesar de tudo, são, porém, os poetas líricos, os que cantam a eterna história humana já tão velha e sempre nova; os que formulam, na divina linguagem em que todas as harmonias se casam e se confundem, a paixão que nós sentimos e que não soubemos exprimir.

Amamos neles a nossa própria alma ferida e inconsolada. O irreduzível egoísmo, princípio e causa de tudo que é humano, tem neles os seus cúmplices mais estremecidos, mais eloquentes, mais simpáticos.

Na lista destes poetas, que não serão destronados nunca por qualquer seita, por mais poderosa que ela seja, encontra-se num dos primeiros lugares o nome de Henrique Heine.

Houve tempo em que este poeta nem de nome era conhecido em Portugal; felizmente a nossa curiosidade pelas literaturas de outros países tem se ido desenvolvendo dia a dia em mais ativa expansão.

As poesias líricas de H. Heine são conhecidas mesmo pelos que não sabem alemão, através das magníficas traduções feitas em prosa francesa por Gerard de Nerval, o mais *alemão* dos franceses, assim como Heine era o mais *francês* dos alemães; e nos *Noturnos* de Gonçalves Crespo, há, em verso, uma deliciosa coleção de poesias arrancadas com toda a beleza, com toda a graça, com toda a poeira de ouro da inspiração original, aos livros alemães do grande poeta do *Atta-Troll*.

²⁸ Trata-se de *Lyrisches Intermezzo*, uma coleção de poemas líricos de Heinrich Heine publicados pela primeira vez em *Tragödien, nebst einem lyrischen Intermezzo*, por F. Dümmmler em 1823. Maria Amália traduziu os versos a partir do francês, em tradução de Gérard de Nerval, que publicou poemas de Heine pela primeira vez na *Revue des Deux Mondes*, em 15 de julho e 15 de setembro de 1848. Sobre o assunto ver: RHODES, S. A. The Friendship between Gérard de Nerval and Heinrich Heine. *The French Review*, v. 23, n. 1, p. 18–27, 1949.

Entre as composições mais divinamente originais de Heine avulta o poema estranho a que ele deu o nome um tanto enigmático de *Intermezzo*.

O *Intermezzo* é como que um fragmento da vida do poeta, um fragmento arrancado ainda em sangue ao seu próprio coração.

A graça singularíssima, única talvez de Heine, está por assim dizer concentrada naquelas páginas escritas na língua mais rica, mais melodiosa, mais perfeita que um artista pudesse porventura ter sonhado, para molde das suas prediletas criações.

É uma história vulgar, no fim de contas, a que esse curto poema nos conta.

O poeta amou uma destas graciosas pequeninas pessoas de faces rosadas, de cabelos louros, de grandes olhos azuis pasmados e inocentes, que inspiram, na perfeita inconsciência da sua estupidez feliz, grandes paixões que não partilham, êxtases inefáveis que não percebem, agonias dilacerantes, ímpetos de rasgadora angústia, que não compreendem nem de leve, e versos primorosamente cinzelados e profundamente sentidos que nunca leem.

A única diferença entre Heine e os outros poetas com quem iguais casos se têm dado, consiste, porém, nesta pequena coisa enorme:

Heine julgou a sua própria loucura; foi lúcido sempre no meio da sua desnorteadora embriaguez; nunca foi a vítima inconsciente do seu voluntário martírio.

Amou, sabendo que amava a mais linda, a mais graciososa, a mais banal, a mais falsa, a mais adorável das pequeninas bonecas deste mundo.

Quando a traição o envolveu nos seus tentáculos viscosos, quando o mordeu com os seus felinos dentes agudíssimos, quando lhe triturou alma e corpo fazendo de tudo um montão de carnes ensanguentadas, o poeta amaldiçoa a Traição, não amaldiçoa a traidora!

Por quê?

Ela estava na lógica de seu destino. Fez o que a sua organização de pequenino animal maléfico a obrigava a fazer.

A indignação seria uma injustiça contra ela, pobre ser inconsciente e frágil.

Sob a pressão demoníaca da sua Dor, Heine tem uivos de agonia, mas que por uma destas violências superiores, de que só o gênio é capaz, terminaram sempre num sorriso. Queixa-se, mas não *dela*. Queixa-se somente, entre um sorriso e uma lágrima, da Vida, da Vida que é tão cruel, da Vida que permite tamanhas abominações e tamanhos suplícios, que tem tantas angústias e sobretudo tão medonhas ironias!

A serenata de *D. Juan* na ópera de Mozart tem as palavras duma doçura amorosa e penetrante, e o acompanhamento musical duma ligeira e rendilhada ironia.

Parece que nos versos de Heine há também esta dualidade profundamente significativa e humana.

Dir-se-ia que o poeta, contemplando a sua própria dor, a escarnece suavemente! E no entanto *ama*! Não deixa nunca de amar; é esta a sua vingança! Isso não lho pode roubar a deliciosa e felina criatura que lhe arrebatou a felicidade e a esperança!

Tentei traduzir algumas dessas rápidas estrofes de um encanto tão sutil, tão capitoso, que parece subir ao cérebro como uma embriaguez de morfina.

Ei-las:

Desabrocham das lágrimas que choro

As flores aos cardumes.

Se me queres amar, anjo que adoro,

Serão teus dessas rosas os perfumes!

Dos suspiros, que eu solto imerso em pena

Fazem os rouxinóis, à luz da lua,

Dele [ilegível]!...

Se me queres amar, minha pequena,

Trás debaixo da janela tua

O noturno langor das serenatas!

É este o tempo das alegrias sem nuvens; mas que vaga ironia no tom em que ele fala à bem amada! Como se vê que o poeta a julga a mais vaidosa e interesseira das crianças! Queres ver como, para a contentar, ele lhe diz que acredita em tudo que ela lhe queira dizer, em tudo... e em muitas coisas mais?... Escuta:

Oh! não jures e beija-me somente!

Não tenho fé na jura das mulheres,

[ilegível] e a tua voz, mas sei que mente!...

Os beijos que eu te roubo e tu me deres

Esses saciam-me esta sede ardente,

Esses não mentem, minha flor nevada!...

CONVERSAÇÕES LISBONENSES

Beija-me, beija-me e não digas nada!...

Jura, minha adorada!... Jura! Eu creio

Em tudo que tu dizes!...

Desfaleço de amor sobre o teu seio,

E as horas passam rápidas, felizes...

Creio que a tua voz doce não mente...

— Pois se ela estila os néctares ideais! —

Creio que me hás de amar eternamente

E inda algum tempo... inda algum tempo mais!

O mundo, que o julga ingênuo, tenta enganar-lo daquela adoração que a linda criaturinha não merece. Ele sorri-se, ele que, melhor do que ninguém, conhece quanto ela é falsa... quanto ela é falsa e linda!...

É estúpido o mundo, é cego e absurdo

E cada dia ele se faz pior!

Anda a dizer — e eu a fingir-me surdo! —

Que tu tens mil defeitos, minha flor!...

Se ele não sabe que os teus beijos, linda,

Me abrasam como fogo o coração;

Se ele não sabe que volúpia infinda

Eu acho em ti, por que é que fala então?...

A hora da traição soa por fim. Não o surpreende, se bem que o dilacera. Nada mais doce e mais pungente que a poesia que esta imensa dor faz acudir aos lábios do adorável, do eterno poeta! Tem pena *dela*, e pena de si! Está bem longe a colérica imprecação que a mesma mágoa arranca aos outros filhos da Musa.

Como a deusa que sai linda e radiosa

Dentre as ondas do manso mar prateado,

Ela surge risonha e vitoriosa

CONVERSAÇÕES LISBONENSES

No dia áureo e feliz de seu noivado!...

Traído, inconsolável coração

Para que vãos rancores?...

Manda à louca adorada o teu perdão

Último aroma das pisadas flores!...

Depois pergunta-lhe num grito de paixão que a ironia esmalta ainda deliciosamente:

Pois pudeste esquecer ó lírio amado

Que já foi meu, só meu teu coração?

Teu coração felino e refalsado;

Tão mimoso, tão frágil, tão bonito...

O teu coraçãozinho pequenito

Que em toda a terra não tem outro irmão?...

Pois esqueceste o doloroso encanto

Que a ti por largo espaço me prendeu?

Que me fez adorar-te e sofrer tanto

Ó venenosa flor, ó flor do céu...

Que deveras não sei qual foi maior,

Se a Dor profunda, se o profundo Amor?...

Não traduzi, já se vê, todas as poesias do *Intermezzo*. Nestas, porém — marcada a enorme distância que separa a pálida tradução do incomparável original — respira-se o encanto deste poema adorável e estranho, no qual o poeta, sem acontecimentos dramáticos, sem circunstâncias extraordinárias, encerrou toda a tragédia que pode caber numa vida de homem.

Se consegui acordar nas minhas leitoras o desejo de se familiarizarem com este esplêndido poeta, consegui tudo quanto ambicionava ao escrever esta rápida conversação.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 27 de Novembro de 1885.

O Paiz, ano 3, segunda-feira, n. 4, p. 2, 04/01/1886

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1922

41. CONVERSÇÕES LISBONENSES

A morte dos dois reis – D. Afonso e D. Fernando

PELOS PAÇOS REAIS DA PENÍNSULA IBÉRICA PASSOU, no espaço de um mês, como que um estranho sopro de morte, e já lá vão dois reis bafejados pela mesma carícia funérea.

O rei de Espanha era moço, feliz e amado.

Pode dizer-se que foi um romance, um romance do tempo em que os havia, um romance de apaixonada comoção e de estranhas aventuras a vida desse moço príncipe tão cedo arrebatado ao amor dos seus e quem sabe a que altos destinos.

Não há nada que ele não conhecesse.

Nascido neste século positivo, de que todos os lances arriscados, de que todos os episódios romanescos foram implacavelmente banidos, ele conheceu as amarguras do exílio, ele ouviu o eco das trágicas tempestades em que reboa sinistramente a ira de um povo inteiro; mais tarde o capricho desse mesmo povo, guiado pela vontade de um general e de um estadista poderoso, colocou-o de novo no trono de onde sua mãe fora expulsa, e feliz, vitorioso, tendo vencido os destinos adversos, aureolado pela tríplice iluminação da mocidade, da soberania e do amor, ele saboreou essa suprema voluptuosidade que a tão poucos é dada, a de ser amado, não pela sua grandeza de rei, mas pelo seu coração de rapaz viril, impetuoso e terno!

Todas as fadas se juntaram durante um instante, rápido como são rápidas as alegrias deste mundo, em torno do trono do vitorioso mancebo.

O amor, a esperança de uma nação, a dedicação inefável de uma mulher, o poder, a majestade, e a íntima ventura ideal, tão rara e tão completa dos que sendo muito amados nem por isso deixam de amar muito!

A Morte, porém, a eterna faminta nunca assaz saciada dos seus banquetes de carne tenra, a Morte espreitava lugubrememente, e um dia, a doce mulher querida que o moço rei escolhera foi-lhe arrancada brutalmente dos braços, levando consigo todas as alegrias, e muitas das virtudes do seu coração!

É enorme a influência que a vida ou a morte de uma mulher pode exercer no destino de um homem!

Hoje é moda rirmo-nos do Amor, negar-lhe o poder onipotente, negar-lhe a influência mágica, negar-lhe os filtros paradisiacos! Pois hoje como ontem é imensa, é extraordinária a sua importância na vida da humanidade.

Podemos exteriormente recusar-lhe o nosso culto. Que importa?

Os fatos aí estão dia a dia demonstrando cabalmente que o deus não se destrona assim a golpes de ironia!

Uma coisa, porém, é de notar-se: são sempre épocas de rebaixamento e de decadência moral aquelas em que os sentimentos mais naturais de nosso coração são considerados com desdém, e desprestigiados pelo sarcasmo das multidões.

A razão de Estado impôs a D. Afonso de Espanha as obrigações de um segundo casamento.

O rei aceitou a razão de Estado mas o que não pôde foi apagar do coração a memória daquela figura juvenil com quem cantara na aurora do seu reinado o dueto delicioso dos felizes amores.

Conta a crônica, sempre mais discreta que a história oficial, que os dois régios esposos nunca foram felizes; e que o rei fez para esquecer a única mulher que amara o que tão illogicamente fazem todos os homens, quer dizer: a corte a todas as mulheres.

De vez em quando ouvia-se falar vagamente em dramas íntimos, cujas tempestades ecoavam cá fora. Dizia-se que a rainha, altiva como todas as princesas da Áustria, fria como todas as mulheres da Germânia, não pudera ainda assim furtar-se inteiramente ao encanto sutil que se exalava desse moço triunfador, tão amado em toda a parte, e que não quisera ver nela senão a mãe da sua régia prole. E no peito da rainha o coração da mulher dilacerava-se e contorcia-se em ânsias de ciúme!

Pobres rainhas!

A gente vê-as passar na serena e inviolável majestade da sua pompa, e esquece-se de que elas são como nós mulheres, como nós humilhadas, e muita vez como nós, ou mais do que nós, as mártires de um sentimento traído e pisado aos pés!

Como quer que fosse, a verdade é que a poesia dos primeiros anos desapareceu completamente da existência de Afonso XII.

Nem combates que lhe sacudissem os nervos, nem revoluções que lhe acordassem as viris resistências, nem amores que o fizessem esquecer da eterna ausente sempre adorada!

Começar por uma odisséia, atravessar um idílio shakespeariano, e acabar enfim na chocha prosa de um governo constitucional era caso para desconsolar outro, ainda mesmo que fosse menos romanesco do que o jovem monarca!

Chocha prosa disse eu?

Nem sempre.

De vez em quando o eco sinistro de um fuzilamento vinha acordar no espírito de Afonso XII como que a lembrança de todos os desastres, de todas as dores, de todas as lutas a que assistira ignorante a sua melancólica e apavorante infância.

Mas estes episódios trágicos eram demais e eram de menos para ele. E Afonso pedia então aos seus queridos poetas, a Musset, a Bécquer, a Heine, a todos os namorados gloriosos que puseram na paixão o ritmo musical, que puseram na dor as harmonias dilacerantes, alguma coisa que o consolasse do duro ofício de reinar!

As pessoas que aqui em Portugal privaram com o rei na ocasião da sua curta visita, espantavam-se todas da fácil memória e do fino gosto literário que o distinguia.

A tísica foi-o consumindo a pouco e pouco, mas já que a época lhe não permitia heroicidades guerreiras nem aventuras épicas, ele teve a difícil heroicidade de morrer quase que sem queixar-se, representando sempre de rei, com a graça consumada e impecável de um grande ator.



Neste ponto o rei D. Fernando de Portugal não se mostrou menos valente.

Havia mais de um ano que ele agonizava, continuando a viver como vivem pessoas de perfeita saúde. Na antevéspera da sua morte o vi eu em S. Carlos ereto, firme, elegante como o foi sempre, e parecendo deliciar-se com a música genial de Meyerbeer, interpretada por Borghi-Mamo e Masini, ela a artista que o Brasil já conhece, ele o rival vencedor de Gayarre.

Mas D. Fernando, se bem que teve os primeiros anos da sua estada em Portugal agitados por perturbações de toda a ordem, havia trinta que vivia entre nós tranquilo, amado, cercado pela estima e pelo respeito públicos, gozando uma existência de opulento e de artista, que a poucos tem sido dado realizar com tamanha felicidade.

Até no momento da sua morte ninguém falava de D. Fernando senão com o afeto indulgente que o povo tem para com os seus favoritos.

Os que se davam ao trabalho de criticar o conjunto da sua vida, viam que a contaminara o egoísmo fácil dos epicuristas, que pedem a este mundo todos os prazeres, e que lhe recusam todos os sacrifícios.

Mas quem é que se dá ao incômodo de fazer estas análises miúdas?

D. Fernando não intervieria, nem como regente nem como príncipe consorte, na marcha constitucional dos negócios públicos da nação que o adotara? Portanto D. Fernando era um espírito eminentemente, lucidamente liberal!

D. Fernando recusara formalmente o trono de Espanha? Daqui a certeza de que o rei português era um modelo de desprendimento sublime e de incomparável modéstia.

D. Fernando andava pelas ruas a pé, conversava com as pessoas que encontrava chamando-as pelos seus respectivos nomes? Logo D. Fernando era um democrata genuíno e um coração cheio de ternos e leais afetos!

D. Fernando gostava das coisas belas, avaliava com seguro gosto as criações da arte, restaurara com uma intuição quase genial monumentos portugueses que o tempo ia desmoronando? Oh! nesse caso D. Fernando era a alma mais bela, era o talento mais profundo, era o patriota mais entusiasta que Portugal possuía dentro das suas fronteiras.

Afinal de contas o rei que acaba de enterrar-se não era nada disto. Era um artista, não duvido, mas tinha o egoísmo quase inevitável nos artistas, que pelas criações do seu próprio gênio ou do gênio alheio se esquecem até das pessoas que o cercam.

Era um estrangeiro que aceitara de nós os serviços, as regalias, os gozos, a riqueza, mas que em troca nos não deu nunca nem uma parcela do seu coração.

Era um frio habitante do Norte que nunca soubera entender os entusiasmos e os afetos vivos da alma meridional.

Nada houvera de comum entre ele e nós!

O cruel testamento lá está para prová-lo.

Quando os jornais publicaram a primeira cópia desse testamento, não há descrições que exprimam sobejamente a comoção unânime de espanto e de tristeza com que a alma do país vibrou dolorosamente!

Pois quê! Era possível que ele tivesse feito daquele palácio encantado da Pena uma maravilha europeia, para depois no-lo arrancar legando-o a uma estrangeira?

Pois não houvera um requinte de crueldade anti-humana nessa espoliação, legal muito embora, mas despietosa em todo o caso, feita à terra que o adotara com tão generoso amor?!

Não há voz que se levante a defender o iníquo do documento que lança uma luz tão implacável e tão crua sobre o caráter desse príncipe alemão, que nós nos costumáramos a imaginar um príncipe português!

O amor que torna tão simpático e quase que poético o nome de Afonso XII, o amor que envolve a figura do moço príncipe em um clarão azul de lenda, toma aqui a forma de uma dessas paixões senis, que na criação imortal do Barão Hulot, Balzac conseguiu desfibrar com o seu terrível escalpelo de fisiologista.

Também esse homem a que deu vida o cérebro potente do maior romancista deste século, mas que é tão real como os homens que nós por aí acotovelamos nas ruas, esqueceu filhos, mulher que fora amada e digna, a glória do passado, a dignidade do nome sob o império dessa força absorvente, implacável e tenaz, que às vezes conduz à demência, outras ao crime, e muitas, como agora, ao esquecimento de todos os afetos, ao desprezo inconsciente de todos os deveres.

A imprensa apossando-se do melindroso e triste assunto tem feito dele o acontecimento palpitante da atualidade.

E todos, ainda os mais ferrenhos democratas, lamentam a família real portuguesa, que neste caso delicadíssimo tem dado provas inequívocas da maior elevação, do mais soberbo desinteresse, e de um grande amor por esse morto ingrato que nem uma palavra afetuosa lhe legou ao partir.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 24 de dezembro de 1885.

O Paiz, ano 3, quinta-feira, n. 20, p. 3, 21/01/1886

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1450

42. CONVERSÇÕES LISBONENSES

TESE FAVORITA DOS MODERNOS DRAMAS — Hugo — Alexandre Dumas — Sardou — A reabilitação da mulher.

A IDEIA PREDOMINANTE DOS ESCRITORES DRAMÁTICOS franceses, que ultimamente têm conseguido apaixonar esse móbil e caprichoso público da Atenas moderna, é, não pode negar-se, o constituírem-se árbitros e juizes em delicadas e complexas questões de moralidade social.

O tablado tornou-se púlpito e cátedra de filosofia.

A reabilitação da mulher culpada é, portanto, um dos temas prediletos destes moralistas dentre bastidores.

A questão é simpática, a causa inspira interesse e desperta forçosamente a atenção dos que pensam, mas será solúvel esse tremendo problema, que mais do que nunca nestes últimos tempos a literatura está impondo à crítica do nosso espírito e à piedade do nosso coração?

Há quase mil e novecentos anos que Jesus Cristo, falando à Samaritana, defendendo a lapidada mulher adúltera, remindo a amorosa Madalena, revelou quanta inefável misericórdia a sua doutrina encerrava e prometia para as frágeis criaturas que o amor despenhara, e que o arrependimento lavava nas suas águas reconfortantes e amargosas.

A Igreja, tão grande na resolução destes graves problemas morais, abre-se de par em par ao criminoso que retrocede na carreira do erro.

“Mas a alma de que a Igreja se apossa, como o pastor da rês perdida, ao encontrá-la nas áridas charnecas onde só rastejam a urze e o tojo bravo, tem de consagrar-se inteiramente nos cuidados da vida futura, renunciando para sempre às alegrias, legítimas embora, deste mundo. Consiste nisto a sua indispensável expiação. É só deste modo que a sua reabilitação é definitiva e consagrada.”

O arrependido, homem ou mulher — o catolicismo não faz dessas distinções — tem de encerrar-se no arrependimento, como numa dura tebaida inóspita, onde não entram esperanças que não sejam as do perdão eterno, onde não penetra luz, senão a que irradia dos céus compadecidos.

Renunciar ao que mais amou, aceitar a privação de todas as triunfantes alegrias do passado, é o menos áspero dos deveres que ele tem de cumprir com religioso fervor para se tornar digno da reconciliação suprema de que a Vida Eterna será o misterioso teatro.

Não é, pois, desta reabilitação já reconhecida como legítima, já aceite como uma das mais belas e radiantes do cristianismo, que se trata neste caso.

É muito mais profano e também muito mais difícil de realizar-se o intuito dos modernos evangelizadores da piedade social.

O que eles pretendem é que a mulher por ter pecado um dia, ou mesmo por ter pecado muitos dias, nem por isso seja condenada à irremissível expulsão de todas as alegrias abençoadas com que a família envolve aquela que nunca pecou e que nunca se deixou tentar.

Alexandre Dumas começou esta espécie de cruzada, por um drama, que não traz em favor dela o mínimo argumento de valor. Percebe-se que me referi à *Dama das Camélias*.

A pecadora não renuncia de todo aos gozos do pecado. Pelo contrário. Tenta apenas salvar-se pelo amor.

Reabilitação fácil que não lhe impunha sacrifícios dolorosos nem austeros e dilacerantes renunciamentos.

Aí o próprio dramaturgo encarregou-se de cortar a questão, de resolver logicamente o problema terrível.

Não. A pecadora não se levanta mais do pântano em que submergiu enlodada.

A família representada pelo pai de Armando reclama os seus sagrados direitos, e a paixão efêmera e egoística é vencida pelo eterno dever!

Victor Hugo advogou com o divino poder do gênio e do coração a causa desses destinos trágicos consagrados como os preceitos do Dante à perpétua desesperança e à perpétua dor.

A morte envolve as suas pecadoras imortais num raio de luar opalino e saudosíssimo, mas nunca mais o largo sol das robustas e sãs alegrias lhes inunda a fronte manchada, lhes reverdece os lírios da inocência machucados no pó.

Alexandre Dumas, não se deixando desanimar pela primeira batalha perdida, voltou e desta vez, armado com a sua lógica implacável, com o seu estilo que morde e grava indelevelmente, com todo o arsenal terrível de observador e de moralista, a combater o que ele considera o grande combate da verdade e da justiça.

“*As Ideias de Mme. Aubray* e ultimamente o patético drama de *Dénise* vêm provar-nos que, se a tese deve ser posta de lado, há hipóteses que justificam a generosa e ardente convicção com que o grande escritor advoga a causa da pecadora inconsciente ou desgraçada, subjugada pela paixão, ou ignorante dos seus efeitos.”

Agora é o próprio Sardou quem acode ao chamamento do seu ilustre rival, e que na *Georgette* vem apresentar uma nova face da questão já tão debatida.

São extremamente melindrosos estes assuntos, mas é justo que nos não acovardemos em frente deles; pelo contrário, que todos os grandes e os pequenos, os humildes e os ilustres tragam

o seu pecúlio de observações e colaborem no esclarecimento dos problemas que o futuro mais iluminado pela luz da justiça, menos eivado de preconceitos tradicionais, terá de resolver definitivamente.

Porque, enfim, a verdade é esta.

É realmente duro, é realmente cruel que o mundo seja feito como é, que a mulher, a frágil criatura, a dependente de todas as fatalidades biológicas, a eterna agitada, a harpa eólia que todas as auras que passam fazem involuntariamente vibrar, a pária condenada a todas as ignorâncias, a tutelada que ainda não pode alcançar a sua emancipação moral, a criança, cuja maioridade não chegará nunca, seja ao mesmo tempo aquela de quem todas as energias são implacavelmente exigidas, aquela que para cumprir dignamente o seu destino — não tendo por isso direito ao mínimo elogio, mas tendo ao menos a certeza de que se não expõe a ser lapidada nas praças pela fúria impiedosa dos fariseus — tenha de ter a onipotência que agrilhoa e domina as paixões, a onisciência que sabe todos os segredos do Mal para evitá-los, e todos os milagres soberanos do Bem para os pôr em prática; aquela a quem não é permitido o esquecimento de um minuto; a quem um desfalecimento efêmero condena à eternidade dos castigos, ao exílio perpétuo da felicidade, da honra, da virtude, do amor!

Sim, é medonho que o código social esteja de tal modo redigido e interpretado que a própria ignorância seja o pior dos crimes, e que a covardia aplaudida e festejada do homem, que a sua perversidade pérfida tão indulgentemente considerada, seja ao mesmo tempo a infâmia irremissível, a vergonha que se não lava, da mulher que ele fez sua vítima.

Sim, é triste que, ao passo que a Religião nos mostra o arrependimento como o meio mais seguro e mais glorioso de alcançar o perdão eterno e a eterna e inalterável felicidade, ao passo que a Ciência nos demonstra experimentalmente, que o organismo humano se vai dia a dia refundindo, renovando, transformando, a ponto de, no fim de uma vida, se terem já extinto e terem renascido já, em cada um de nós, umas poucas de vidas, a razão do homem seja tão implacável, tão intransigente e tão dura, que teime em vedar para sempre o ingresso do lar honesto e puro à que pecou e se arrependeu, à que amou sem que o seu amor fosse merecido e compensado, e expiou depois com rios de lágrimas, com humilhações dilacerantes, com desesperadoras agonias esse engano trágico que para sempre a expulsou do céu.

Mas como evitar que a medonha injustiça se pratique?

Mas como elevar à generalização de uma lei aquilo que não pode deixar de ser exceção, aquilo que tem de ser justificado por uma série de circunstâncias contingentes e eventuais?

Mas como, de um dia para o outro, metamorfosear num santo desinteressado e puro esse animal bravio que é o homem, que é principalmente o homem que ama, que tem zelos, que se sente com direito ao passado, ao presente, ao futuro, da mulher apetecida e cobiçada?

Mas como conseguir que o *amor*, o grande egoísmo, a suprema explosão da individualidade especial de cada ser, o sentimento caprichoso e multiforme que reveste o molde de cada um dos temperamentos em cujo íntimo desabrocha — flor maravilhosa, flor estranha, cujas raízes se embebem no lodo e cuja haste flexível levanta para o céu a radiosa florescência das suas pétalas de azul e ouro —, mas como conseguir que o amor deixe de ser a paixão imperfeita, exigente, ilógica, sensual na sua idealidade etérea e casta no seu lúbrico anseio, e se transforme milagrosamente na doce, na inefável piedade que, caindo em chuva de luz dos lábios do Cristo, ungiu com os bálsamos do celeste perdão a pecadora de Madalena?

Há crueldades sociais que não podem ter emenda nem remissão.

Dado o homem tal como a evolução dos séculos o tem feito, é inevitável o conflito entre o que ele pensa e o que sente, entre o que ele imagina e o que pratica.

Nós, as que caminhamos avergadas ao peso desta cruz augusta e dolorosa chamada maternidade, devemos ter para a infeliz que sucumbe inconsciente ou alucinada, a nossa compaixão mais untuosa, a nossa mais terna e cariciosa piedade.

É-nos permitido chorar de dó, diante de um desses destinos de mulher tão desgraçados, tão imerecidamente submersos nas trevas de uma desventura eterna; mas que essa piedade não nos cegue a ponto de imaginarmos que é possível arrancar do pórtico dessa região de trevas para onde ela foi impelida, o lema fatídico, que o Dante pôs na porta do seu *Inferno*.

É cruel o mundo, porque assim o quer, porque assim o determinou, porque assim o impõe, mas não haverá nessa severidade esmagadora um *quê* de soberanamente, de necessariamente providencial?

Essas questões tremendas, que entre todos os escritores Dumas gosta de levantar com a sua temeridade de perscrutador nos abismos humanos, de mergulhador nos oceanos da Paixão, produzem em todas as almas sinceras uma incerteza dolorosa e dilacerante.

Se de um lado o perdão entoa aos nossos ouvidos os seus hinos idealmente suaves, por outro não podemos deixar de pensar que há indulgências que são um perigo social, talvez uma instigação funesta, reunida a tantas instigações fatais!...

O mundo que se não arroga o direito de tribunal infalível, cujas sentenças não têm apelo, palia quanto pode as questões que lhe não é possível resolver; neste caso é a mais prudente resolução que podem adotar todos os que se ocupam destas tristes e dolorosas fatalidades humanas.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 30 de dezembro de 1885.

O Paiz, ano 3, quarta-feira, n. 26, p. 3, 27/01/1886

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2015

43. CONVERSÇÕES LISBONENSES

OS ANOS QUE PARTEM E OS ANOS QUE CHEGAM — De como a humanidade é sempre a mesma e de como as raças se transformam dia a dia.

O MÊS DE JANEIRO É O MÊS CLASSICAMENTE CONSAGRADO pelos folhetinistas e *fazedores* de crônicas às contemplações filosóficas do ano que findou, às fantasias mais ou menos esperançosas acerca do ano que principia.

Muito de propósito, querida leitora, me absteve eu de entrar neste ocioso e inútil combate de *lugares-comuns*.

Que importa o ano que acaba e o ano que começa, se a humanidade, essa criança velha, é sempre a mesma, se todos os anos a encontram representando o seu eterno drama, rindo o mesmo riso, chorando as mesmas lágrimas, convulsionada sob a influência das mesmas paixões, gemendo e contorcendo-se na agonia dos mesmos desejos, ou na inconsolável e morna solidão do mesmo desalento!

Cada ano que vem traz aos moços as mesmas ilusões, e aos velhos os mesmos desenganos.

Nasce-se, morre-se, ama-se, esquece-se, torna-se a amar de novo para de novo esquecer, espera-se, desespera-se, percorre-se a vasta gama das alegrias e das dores, sem que no fundo, embora os personagens variem, deixe o *embroglio* de ser perpetuamente o mesmo!

Se a felicidade, ou antes se o descanso existe algures, não é para os que se afadigam na faina desta incessante representação, mas deve ser para os espectadores desinteressados da tragicomédia que se exhibe no tablado.

Eles também já lá estiveram, no palco, à crua luz artificial que ilumina o cenário; conhecem os *trucs*, os cordéis, a pintura empastada dos bastidores, o processo das caracterizações, o alinhavado dos *costumes*, as lantejoulas que fingem brilhantes, os algodões que fingem veludo, os pratos de cartão colorido que fingem iguarias deliciosas; mas depois de representarem a sua parte, retiraram-se da cena, e tomaram modesta, obscura, risonhamente um lugar na plateia.

Observam, riem, comentam, aplaudem, assobiam, mas já não têm rivalidades e já não sentem ambições.

Ah! é que eles sabem como tudo mente, como tudo engana, como tudo acaba ou se transforma, e já nem a dúvida de Hamlet, nem os transportes de Almaguerra, já nem os ardores de D. Juan ou as desolações do Fausto conseguem impressioná-los.

Conhecem a tal velha criança humana, sabem os amores de que se vive e de que se... morre; as ambições que embriagam; as tempestades que tudo derrubam na passagem trágica, e que um momento, um rápido momento basta para acalmar!

Quantas amantes desgrenhadas não viram eles, bradando sobre o cadáver estremecido que a fria terra lhes vai ocultar, que não se consolariam mais, e consolando-se depois!... Quantos sonhadores de um ideal impossível, quantos alucinados da quimera eles não conheceram contentando-se com uma realidade prática e mesquinha! Quantos orgulhosos não abateram na presença deles o seu orgulho, que lhes parecera indomável e sagrado!

Na melancólica expressão do crítico francês *ils ont fait le tour de choses*, e sabem o que há dentro de todas essas belas e grandiosas palavras que dantes os faziam cismar embebidos e extáticos!

Amaram também, sofreram decerto, perderam noites, de lancinante e desesperada agonia, pedindo à vida o que a vida não pode dar senão aos simples de coração e aos humildes de entendimento!

Agora estão tranquilos!

Têm o sorriso benévolo, irônico, um pouco triste, de Montaigne; já não padecem, compadecem-se somente!

Mas são raros e privilegiados estes seres que dominam a vida, que a julgam, e que lhe perdoam!

Os mais numerosos são os mais tristes, os revoltados ou então os inocentes que ainda ignoram o travor do amargo fruto que se chama experiência.

A nossa raça empobrecida e gasta está cada vez mais contaminada da amarga e esterilizadora tristeza que tão cruelmente se reflete na arte que produzimos.

Se bem que os *pessimistas* celebrados, nos viessem do Norte, o Norte é ainda vigoroso, alegre, visivelmente sadio! Ele não sente esta anemia que nos está definhando, e que hora a hora se faz sentir mais em tudo.

Parece que em nós se estancaram as fontes sagradas donde manava o amor, a energia audaz e criadora, a alegria heroica e triunfante que é o selo das raças predestinadas à conquista dos longínquos ideais, e até a indignação, a indignação pelo que é baixo, a indignação pelo que é vil, e mesquinho e peçonhento!

Que inércia estranha e desolada é esta em que nos deixamos cair a pouco e pouco.

Parece que a maré lodosa vai subindo e que, depois de afundar os deuses que foram a nossa adoração, submergirá nas ondas viscosas, desde o amor, que era o último sonho da nossa alma, até à justiça, que foi o derradeiro ideal da nossa consciência!

Será então verdade o que por aí andam apregoando e afirmando tantos espíritos que parecem lúcidos e que são realmente desconsoladores?

Será verdade que a raça latina se dissolve aos poucos, que ela vai morrendo, lenta mas continuamente, que não há regeneração possível para o seu organismo gasto em tantas orgias de entusiasmo, em tantos espasmos de paixão, em tantas lutas ideais, em tantas expansões de febril arrojo, em tantas loucuras, umas divinamente grandes, outras ignobilmente vis?

Será verdade que, para a nossa raça tão simpática, tão artista, tão amante do belo, tão vibrátil, tão cheia de sensibilidades estranhas, soou a hora fúnebre que condena ao aniquilamento os indivíduos e as nações?

No outro dia, lia eu um livro extravagante, mas escrito por um doido de enorme talento, livro que se propõe ser um primeiro da série de volumes, e que narre a nossa agonia, o estrebuchar violento das nossas últimas horas, a nossa morte enfim, que os historiadores já anunciam como um fato inevitável, consequência fatal de uma lei biológica e sociológica, estabelecida e formulada desde muito.

Se esta ideia começa a ter foros de verdade para tantos espíritos dentre os que vão adiante do seu tempo, e que da concatenação lógica dos fatos tiraram a lei que os determina, como é que há ainda, no fim de contas, quem se admire do pessimismo lúgubre, da melancolia vaga e tenebrosa que envolve a nossa literatura, e que se reflete tão esterilizadora na nossa Arte?

Desta ideia de Morte, que passa sinistra, sobre toda uma raça que foi brilhante, sensual, alegre, dada às pompas exteriores, às festas dos olhos, às ruidosas alegrias que atordoam e entontecem, resulta como consequência lógica, o desânimo, vacilação doentia, a dúvida de uns, o refinado e como que frenético sensualismo de outros, a agudeza implacável de análise que desenvolvem os mais sutis, a tristeza enorme, soluçante, inconsolada, que se exala como um perfume agonizante da obra dos mais sensíveis, a rude descrença, o desdém altivo, a ironia devastadora, com que os mais fortes parecem querer punir todos do crime que é de alguns.

Oh! eu compreendo que na aparente desordem, nas linhas enlabyrinthadas, na confusão orgânica, nos contrastes poderosos deste tempo, haja um sentimento único triste, convulso ou mortalmente calmo, conforme o temperamento daqueles que o recebem e logram traduzi-lo depois dando uma forma, dando um nome, dando uma consagração à dor imensa das anônimas e torturadas multidões.

Sim, a nossa valente raça vai morrer.

Ela fez o seu tempo, ela cumpriu a sua missão, ela deu todas as suas flores raras, umas delicadas, sutis, cujo aroma ficará como uma saudade inolvidável, como uma essência imortal; outras flamejantes de todos os incêndios da luz, tingidas de todas as púrpuras, impregnadas de todos os perfumes violentos, entontecedores, inebriantes, cheios de filtros.

Ela pôs em todas as artes o cunho de seu temperamento, de uma riqueza, de uma harmonia, de uma força, de uma delicadeza incomparáveis.

O mundo deve-lhe tanto que nunca na memória dele se apagará a lembrança dessa dívida sagrada.

Mas velha, ela já não tem energia; mas cética, ela já não tem fé; mas gelada, impotente, ela já não tem amor; mas sutilmente e doentamente analítica, ela abandonou a outras as fecundas sínteses e as generalizações inspiradoras; mas descrente de si própria, rindo lugubrememente com um riso em que há não sei que ironia macabra, ela põe em cada manifestação que ainda nos dá da sua vida como que um gérmen visível da sua Morte.

Não nos iludamos, nós as nações que pertencemos a esse belo grupo radiante, iluminado, encantador, de quem o Dante esculpiu em bronze imorredouro os sonhos apocalípticos, atravessados aqui e ali por um raio de luar suavíssimo; de quem o Tasso e o Ariosto cantaram as graciosas e feiticeiras visões; de quem o Camões bordou com estrofes de ouro e luz as aventuras épicas; de quem o Cervantes escarneceu as cavalheirescas temeridades e as generosas loucuras; de quem Fra Angélico e Rafael, Vinci e Murilo e o Ticiano e o Guido copiaram, remodelaram, refundiram, *fizeram* enfim, num fecundo arrojo de gênio, as virgens e as mulheres; a quem, enfim, uma legião enorme, extraordinária, infinita de nomes, cada um dos quais é um astro deslumbrador, inspiraram a Religião, a Moral, a Filosofia, a Arte, a Poesia, o Sentimento.

Foi enorme o nosso papel, mas está findo; foi sublime e fecunda a nossa missão, mas está cumprida; foi laboriosa, dura e pesada a nossa tarefa, mas, chegamos-lhe ao cabo.

A História manda-nos descansar.

Toda a esperança de um renascimento, toda a promessa de uma regeneração longínqua é fagueira, mas é mentirosa.

A ciência implacável está bradando dia a dia à velha raça gloriosa e vencida que morra como viveu, cheia de encanto e cheia de graça!

É simplesmente sob este ponto de vista, que a mim, latina apaixonada até pelos defeitos da minha raça, cada ano que passa se me afigura mais lúgubre e mais triste.

Morrem as raças; custa a morrer a humanidade. Essa irá tendo as mesmas alegrias, que a morte colhe em flor; os mesmos desejos, que a saciedade apaga dolorosamente; as mesmas esperanças, que o desalento faz cair por terra maculadas e sem vida... até que um dia um cataclismo supremo aniquile para sempre este efêmero que traz no cérebro, e que se chama homem!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 22 de janeiro de 1886.

O Paiz, ano 3, terça-feira, n. 53, p. 2 e 3, 23/02/1886

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2122

44. CONVERSÇÕES LISBONENSES

DE DIAS A DIAS — prova evidente e lisonjeira de que as minhas *Conversações* são lidas e apreciadas pelas leitoras brasileiras — recebo daí uma carta firmada por mão feminina, que me consulta ou me contradiz, que me aplaude ou me interroga, que me apresenta objeções às minhas teorias, ou que figura hipóteses em que elas sejam totalmente vencidas.

Por minha vontade respondia muitas vezes a estas cartas. Nem sempre posso.

Seria subordinar interesses particulares aos interesses gerais, que eu tento e desejo tratar e discutir aqui.

Mas nem por isso essas cartas, a maioria das quais fica sem resposta, deixam de me interessar profundamente.

É-me fácil reconhecer por elas o nível intelectual da mulher brasileira.

Vejo que, felizmente, a preocupam as questões de mais palpitante vitalidade para o nosso sexo; vejo que lhe são gratos os esforços com que eu tento levar-lhe força ao espírito, auxílio à vontade de se elevar intelectualmente; vejo que a revolta também a sujeição mental em que a mulher latina continua a deixar estagnar e morrer pouco a pouco a inteligência, e que enfim ela não considera inteiramente inútil, nem grandemente enfadonha a campanha que eu empreendi e que prossigo sem cansar.

Conversemos, pois, visto que isso a não desgosta.

A decadência das raças tem quase sempre o brilho aparente, o prestígio fascinador, que distingue o nosso tempo; é por isso mesmo que ela ilude os observadores superficiais.

Há, porém, um sintoma infalível que a revela, e esse sintoma é o ímpeto desordenado e violento, a convulsa aspiração que atira o homem e a mulher à conquista do Prazer.

O gozo é o nosso fito, como o Dever é o fito das raças enérgicas e viris, que concebem um ideal e que só cuidam de o realizar.

Mas, estranha e dolorosa contradição, esta raça sobreexcitada e ávida de gozar tem a impotência senil das velhices precoces!

A sagacidade prostra-a e aniquila-a a ela que só vive de uma aspiração voluptuosa e sempre traída.

O segredo da sua mortal melancolia vem daqui.

Todas as belas e sonoras palavras que outrora a embriagaram e acordaram nela as enérgicas e criadoras faculdades, fazem-na hoje rir, com esse riso doentio, que é o cunho característico da sua incurável agonia.

O amor, o dever, o sacrifício, a dedicação, a família, Deus enfim, a síntese suprema de tudo que é belo, de tudo que é puro, de tudo que é grande, não têm na enfraquecida e triste alma moderna nem um altar de fé.

Por quê? Onde vem esta angústia que nos alanceia? esta melancolia que nos prostra? esta descrença que nos esteriliza?

Não sei.

São tantas as causas, tantas, tão variadas e tão complexas, que não é dado a uma pobre mulher criticá-las ou discuti-las.

O que, porém, nós todas podemos, cada uma no limite das suas forças, cada uma na esfera mais ou menos ampla da sua ação, é combater essa medonha tendência que leva as classes mais superiormente cultivadas e inteligentes da nossa época, e principalmente da nossa raça, à perda completa do senso moral.

O desprezo pela mulher tem-se de tal modo generalizado nos homens que hoje entre as classes que a si próprias se apelidam dirigentes seria tido por *quixotesicamente* ridículo o que se propusesse combater este perigoso e nefasto pendor.

Cada um, imaginando que sua mãe, a sua mulher e as suas filhas constituem a única exceção à regra geral, fala do resto das mulheres com um desdém que seria perfeitamente cômico, se não fosse terrivelmente funesto.

A pouco e pouco este modo de ver e de sentir reflete-se na literatura e na arte, as quais por sua vez, em virtude de uma lei inelutável, vão produzir na mulher, muito mais acessível do que o homem, às influências desta ordem, o desastroso efeito, que todos nós desgraçadamente presenciamos.

Porque, visto que o homem julga a mulher um formoso e flexível animal cheio de astúcias daninhas e de perigosas seduções irresistíveis, um animal que ele tem de amordaçar e de vencer para não ser devorado, é claro que nos seus romances, nos seus poemas, nos seus quadros não a representa de outro modo.

E consequência inevitável deste cruel ponto de vista: a mulher familiariza-se com este modo de ser considerada e julgada, assimila, às vezes inconscientemente, as qualidades de que a fantasia do artista a revestiu, e o que era há pouco injustiça, maldade, perversão do espírito masculino,

torna-se em poucos anos uma verdade cruel, uma verdade perigosa, uma verdade que ninguém ousa contestar.

Toda a pessoa medianamente culta pode ver o caminho que a literatura tem percorrido desde o princípio do século até hoje. E a literatura é ao mesmo tempo o reflexo dos costumes de cada época e um dos fatores mais importantes que os determina.

Não é que fosse menos sujeita ao império fatal das paixões a mulher do passado.

Era-o talvez em maior grau.

Mais sã, sábia, podia sentir com mais força, com mais ímpeto, às vezes com mais desordenada violência.

Mas quantos magníficos arrependimentos não resgatavam a sua queda, mas quantas lutas ardentes se não travavam entre a sua consciência e o seu instinto, mas que alta compreensão ela não tinha, tanta vez, do dever que traía, do dever que sacrificava ao coração!

O que eu tenho contra a mulher do meu tempo, pervertida por esse que devia ser o seu guia e que é, no fim de contas, o seu mais funesto inimigo, não é a sua fraqueza ingênita — que a mulher foi sempre fraca, foi sempre tentada, teve sempre de sustentar o combate heroico de todas as leis sociais contra todas as solicitações da Natureza — não é a sua fraqueza repito, é a sua leviandade!

Ela deixou-se cair na cilada que os homens lhe armaram covardemente.

Eles para terem o vil prazer de desprezarem aquela a quem devem tudo — desde o leite que beberam na infância entre mimos e cuidados de todos os minutos, até o último beijo que recebem na fronte inundada pelo suor da agonia ao despegarem-se da terra — fizeram da mulher a personificação do vício inconsciente, da inconstância involuntária e fatal, da graça diabolicamente tentadora, do encanto felino, perverso, ignorante e cruel; e a mulher, em vez de se vingar nobremente provando-lhes a dura mentira e castigando-os por terem tido a imprudência de a erigirem em dogma, entendeu que o melhor que tinha a fazer era cingir-se a esse ideal abjeto, parecer-se com essa fantástica figura odiosa e dar deste modo razão ao seu caluniador. Está visto que eu não me refiro a todas as mulheres.

Muitas há que se salvaram do perigo e que lhe souberam fugir, mas o tipo da mulher deste século, popularizado e engrandecido pela arte dos romancistas, dos críticos de costumes, dos observadores psicológicos modernos, é tudo quanto há de mais lamentável e de mais triste.

Escrava submissa do teu temperamento, títere movido pelos cordéis da tua vaidade, capricho ondeante que te move, ao sabor de todas as influências que passam, onde está o teu coração, o teu coração tão grande que remia todas as tuas culpas, que fazia perdoar todas as tuas fraquezas, que purificava com as tuas lágrimas cristalinas todas as impurezas com que o mundo te manchara!

Eu percorro com os olhos a tua longa história e vejo que vais perdendo tudo que te fez divinamente bela e docemente vencedora!

E a culpa não é das fraquezas do teu sentimento, é da aridez da tua vaidade!

A vaidade e o egoísmo mataram o superior encanto da mulher.

Frágil, podíamos ainda amar-lhe as culpas enternecedoras, mas calculista como o homem, inconstante como ele, obedecendo sem reboço à lei mais ou menos poderosa do seu organismo, ela não pode ter nem a nossa simpatia, nem o nosso perdão.

Dir-me-ão que não têm culpa do modo por que a arte as retrata hoje em dia.

E eu digo-lhes que têm.

Apontem-me as grandes abnegações, os sacrifícios supremos, que têm feito para provar ao homem a injustiça da sua sentença condenatória.

Pelo contrário.

A mulher está hoje por detrás de todas as transigências e de todas as covardias masculinas.

Se havia de vingar-se mostrando que não merecia o cruel desdém com que a palavra do homem a maltrata, vinga-se de um modo mais frisante, mais irônico, mais cruel, mas que justifica dia a dia esse desdém que principiou por ser absurdo.

Vinga-se mostrando-lhe que, desdenhada, injuriada como é, ela é que domina, ela é que arrasta, ela é que tenta e que subjuga, levando o político à apostasia, o argentário à bancarrota, o artista à impotência cerebral, o poeta ao desespero inconsolado, o rico à miséria, o pobre à infâmia, o honesto ao esquecimento de todos os deveres.

Não exagero.

Olho, já se vê, para as classes que pelo seu refinamento intelectual marcam o passo às que vem mais atrás.

Essas é que eu vejo nos livros que escrevem, nos jornais que preferem, nas conversas que têm, no gosto artístico que revelam, nos costumes que estabelecem e seguem, ferir a nota brutal de um materialismo arquipagão. E a mulher risonha e inconsciente vai na procissão que leva esta raça exangue e anêmica da ferocidade do gozo à ferocidade do desespero impotente.

A França, a rainha das nações latinas, tem nas mãos refinadamente artísticas a batuta que rege esta colossal orquestra macabra.

E uma tristeza imensa inunda as almas que sentem, e que procuram debalde nos céus silenciosos e despovoados o ideal que sacie a sua sede imensa de bem, de verdade e de justiça.

A nós é que compete lutar neste momento trágico de desoladora transição ou antes de anarquia moral inclassificável.

Sejamos boas e sejamos simples. Amemos com todo o nosso coração, perdoemos com toda a nossa piedade.

De cada ninho façamos um altar; respondamos aos gritos de agonia com hinos de esperança.

Riem-se de nós, provemos que é absurdo e injusto esse riso desprezador.

Não nos ajoelhemos ante o *bezerro de ouro*, mas amemos acima das grandezas materiais deste mundo aquela grandeza moral de que fomos noutro tempo as inspiradoras e as fanáticas.

É impossível que a tristeza deste fim de século não possa ser vencida e subjugada.

A mulher não pode passar sem esse misterioso *au de là*, onde ela sente que serão compensadas todas as amarguras e todas as humilhações que padeceu na terra; é porque ela fez do sonho da imortalidade uma fórmula oca e não uma esperança fortalecedora e fecundante, que o mundo está tão triste, que a arte é tão desolada e tão estéril, que o pensamento rasteja tão baixo, águia ferida que, em vez de encarar o sol, molha a ponta da asa nos lodaçais e nos pântanos.

O nosso formoso e querido século, cuja aurora foi uma afirmação resplandecente, mergulha agora no ocaso, lançando ao largo céu deserto, para onde já não se erguem os templos que ele altivamente derrubou, uma interrogação dolorosa, que é ao mesmo tempo um grito de impotência agonizante e de tremenda dúvida!

Seria realmente útil ao homem essa obra de ciclópica destruição? E todas as questões cortadas serão incontestavelmente questões resolvidas...

Por que nós que triunfamos de tantos inimigos estamos hoje tão vencidas e tão tristes? Por que nós que tivemos tanta esperança nos deixamos cair nesta inércia desolada e estéril? Por que nós que soubemos descobrir o encanto inefável da mulher de Shakespeare, deixamos julgar impunemente que hoje apenas existe a mulher de Flaubert e a mulher de Zola, pobres seres de instinto, instrumentos fatais de forças estranhas?

Cumpre-nos reagir contra esse *naturalismo* exagerado e falso a que por um retrocesso inexplicável parecemos querer voltar.

A ciência não pode ter como resultado a *bestificação* da humanidade; e a criatura não saiu das trevas do misticismo unicamente para cair vencida, apavorada, parálitica de entendimento, nas trevas do caos moral, que está sendo este tempo, apesar de todas as suas magnificências nunca vistas.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, 31 de janeiro de 1886.

O Paiz, ano 3, quinta-feira, n. 69, p. 3, 11/03/1886

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2191

45. CONVERSÇÕES LISBONENSES

*O último romance de Feuillet —
O problema do casamento e o problema da educação*

I

VISTO QUE É DA FRANÇA QUE NOS VEM SEMPRE O *SANTO* E A *SENHA*, olhemos para a França, onde literariamente se discutem questões gerais que a todos interessam.

Neste momento, como que em protesto à obra *naturalista* e à escola que produz, escola de que Zola está dando a fórmula no seu último livro *L'Œuvre*, Octave Feuillet, o velho romântico, acaba de publicar na *Revista dos Dois Mundos* o seu estudo psicológico, intitulado *A morta*.

A *Morta* é uma espécie de panfleto escrito na adorável maneira um pouco falsa de elegante romancista contra a invasão crescente e vitoriosa das *ideias modernas*:

Ora, o que os velhos de todos os tempos, de todas as raças, de todas as civilizações chamam *ideias modernas* combate-se sim, mas não se vence.

A evolução permanente, a lenta transformação fatal dos ideais humanos, está fora da ação exercida pela vontade individual.

Cada geração traz o seu contingente à formação desse inventário enorme que é feito de todas as riquezas do pensamento, de todas as aquisições progressivas da ciência, e ninguém tem no seu poder rejeitar ou aceitar um fato que é de si inevitável.

As *ideias modernas* triunfam sempre e é por isso mesmo que a humanidade não para e caminha incansável à procura do que julgar melhor.

Imagina enganar-se?

Muito embora!

Retrocede, mas não para.

E nesses momentos de retrocesso os velhos, que assistem a um espetáculo diverso daqueles a que assistiram moços, continuam a chamar *ideias modernas* ao que mais propriamente se chamariam *ideias renovadas*.

O *naturalismo* exigente, exagerado, brutal, tal como ele hoje tenta estabelecer-se na arte e nos costumes, será uma invenção moderna?

Decerto que não!

Na Grécia encontramos-lo soberbo, triunfante, constituindo só por si a religião, a lei, a moral, a civilização completa, harmoniosa e feliz, que é ainda o modelo para o qual todos os olhos se levantam embevecidos e saudosos.

Na derrocada final do mundo romano, achamo-lo como um fato irresistível, como uma manifestação inconsciente de força, na onda germânica, que invade o império caduco, e vem refundir fisiológica e moralmente a raça, cuja atividade especulativa, levada aos requintes extremos, se tornara na mais rápida e fatal das decadências.

Mais tarde, ao sair das trevas góticas, o que foi o mundo senão o mesmo que hoje está sendo, com menos pompa decorativa, com menos vigor físico e moral, com menos vivo sentimento do pitoresco?

A ideal exaltação de que o *romantismo* de 1830 fez escola, seria porventura naquela quadra uma *ideia moderna*?

O que foram as épocas de cavalaria a um tempo mística e sensual? O que foram as quadras das *cortes de amor*, dos trovadores e dos pajens, dos cultos platônicos levados até ao exagero ridículo, dos entusiasmos apaixonados e simbólicos pela mulher, senão a tradução na literatura e nos costumes do mesmo estado mental, menos requintado, menos perfeito, menos contraditório, menos complexo, menos *civilizado* enfim?

Já nada há *moderno* sob a face dos céus!

Nous sommes revenus de tout, mas depois de tudo haveremos experimentado!

Como quer que seja, Octave Feuillet fez um romance combatendo as *ideias modernas*, e pôs nesse romance, delicioso em todo o caso, todas as suas qualidades e todos os seus defeitos de escritor.

Entendamo-nos.

Octave Feuillet não é um escritor profundo, é um escritor elegante.

Pinta com uma sedução de pincel muito peculiar sua, pinta de *chic* na frase de *atelier*, uma certa espécie particular da sociedade francesa.

A aristocracia refinada, devota e monárquica adora Feuillet, a quem no fim de contas não deve muito, porque, se quase todas as suas mulheres são encantadoras de graça e distinção, nelas a virtude é, raramente, um princípio inabalável; enquanto que a fraqueza é na maior parte das vezes um requinte delicioso.

A gente gosta de ler Feuillet como gosta de estar num salão elegante.

Conversa-se ali bem, no tom discreto e *nuancé* das conversações aristocráticas, respira-se um aroma de feno ou de tília, que tem suavidade sem produzir entontecimentos; as reticências sutilmente acrescentadas à frase dão a esta um sabor vivo e penetrante, sem todavia melindrarem de leve as conveniências mais corretamente exigentes; as intenções finíssimas sublinham o diálogo; a graça da observação substitui-se à profundidade dolorosa da análise.

A paixão nunca ali soltou o seu uivo estridente e dilacerante.

Ama-se como se faz tudo o mais... corretamente.

O homem é primeiro que tudo *gentleman*; a mulher é primeiro que tudo *senhora*!

As páginas de Feuillet poderiam ler-se à vontade num destes adoráveis salões convencionais que todo o artista aprecia, mas no qual ele não aprenderia nunca a conhecer a rude natureza brutal, a que tem exigências fatais, a que tem gritos de paixão impetuosa, a que pelo amor robusto e sagrado da verdade, atira por terra todas as hipocrisias, todas as convenções, todos os véus, todos os sofismas, que a mascaram, que a desformizam, que a falseiam, que fazem dela uma coisa *imoral* e caída no desagrado das famílias!

Feuillet é, pois, genuinamente um romancista para a ordem de pessoas acima descritas, um romancista *distinto* na mundana acepção da frase.

São deploráveis os seus imitadores, como são detestáveis, na burguesia, os salões que querem imitar a inimitável graça aristocrática dos outros.

Sob este ponto de vista, um pouco restrito, é que o escritor tem de ser julgado.

Considerá-lo um observador profundo, um psicólogo completo, um moralista convencido, é pô-lo inteiramente fora da esfera que lhe é própria.

Contudo, tal é o desejo que toda a gente tem de fazer positivamente aquilo para que não tem o mínimo jeito, que Feuillet teve sempre a tentação de tratar e discutir problemas morais e problemas filosóficos da mais alta importância.

Na *Histoire de Sybille* ele já pintou delicadamente, finalmente, com uma sutileza de mão encantadora, o conflito que pode dar-se na moderna sociedade, entre a mulher educada dentro do ideal católico mais ortodoxo e o homem nascido e criado no meio cético e indiferente que nos envolve.

Respondeu a este livro, que desejava ser uma tese filosófica e que foi apenas, felizmente para o autor, uma novela encantadora, a *Mademoiselle La Quintinie* de George Sand, e lembro-me desse volume como de um dos mais áridos e mais secantes da grande escritora.

É que a *tese*, feita *romance*, é quase sempre tudo que há de mais absurdo e tudo que há de menos interessante.

Agora é ainda um livro desta ordem, o último livro do apaixonado autor do *Conde de Camors*.²⁹

Duas questões, de uma só vez, tenta ele trabalhar no seu livro: o problema terrível do casamento e o problema não menos perturbante, não menos difícil, da moderna educação da mulher.

Vejamos o enredo do livro.

Bernardo de Vandorcourt, um moço parisiense da primeira nobreza, da primeira roda e de primeira educação, apaixona-se por uma menina de iguais condições de posição, nobreza e fortuna.

Ele, porém, inteiramente contaminado pelas ideias do mundo em que tem vivido, é a mais completa imagem do ceticismo contemporâneo.

Já se vê que não tem tido tempo de sondar o que há no fundo das questões que rejeita.

É cético como... toda a gente.

Nem melhor nem pior, nem mais nem menos.

A controvérsia filosófica ou religiosa nunca lhe levou nem uma hora dos dias ocupados em montar a cavalo, em caçar, em valsar, em seduzir as mulheres dos seus amigos íntimos, em jogar no seu *club* e em encher de brilhantes o peito das atrizes em voga.

Que diacho!

É cético por dever de sociedade.

Qual é o homem de *sport* que se atreveria a confessar-se crente nos dias que vão correndo?

Ciência não a tem, já se vê, mas, visto que não sabe quase nada, entende mais cômodo não acreditar no que não sabe.

Como gentil homem que é, tem o que, na sua raça e no seu meio, se chama o *clube da honra*.

A honra é a coisa mais indefinível e mais elástica que há neste mundo.

Dentro dos seus limites cabem tantas e tão boas coisas, que não vale realmente a pena a quem se respeita ultrapassá-las e excedê-las.

Aliette de Courtiheuse, a noiva, é um anjo de pureza, mas é também um anjo de piedade ortodoxa.

²⁹ Trata-se do romance *Monsieur de Camors*, publicado em 1867.

Educaram-na dentro do código mais genuinamente católico; às crenças que a família lhe comunicou pela educação, reúne uma exaltada compreensão dos deveres e da vida, a um certo desdém aristocrático pela atualidade tão banal de transigências e de covardia.

O amor, porém, vence os obstáculos morais que separam estes dois caracteres tão contrários, e Bernardo casa-se com Aliette de Courtiheuse.

A parte mais estudada do romance é aquela em que Feuillet conta, analisa, descreve e sublinha sutilmente todos os conflitos inevitáveis que desta união vão resultar.

Porque Aliette não é uma destas católicas que harmonizam o baile com os ofícios, a confissão com as desordens de uma vida *à outrance*, o mundanismo requintado com as práticas mais estreitas.

Não!

Ela é uma crente, uma alma que identificou a sua religião e o seu dever, e fez dos dois estreitamente entrelaçados a lei suprema da sua existência inteira.

Ela não é das que pegam no seu catolicismo como quem pega no seu livro de missa, unicamente para os levar à igreja.

No museu de pintura, no teatro, nas salas elegantes, onde a vida moderna ostenta as pompas viciosas do seu gozo; no interior da família, ao pé dos indiferentes e ao pé do seu marido, Aliette é sempre impecavelmente a bela e escrupulosa criatura, que para se respeitar a si própria precisa de não transigir com os sofismas e as contradições dos outros, que, para não descer aos seus olhos, precisa de não afastar os passos que dá, do ideal que concebeu!

Realize-se esta hipótese figurada pelo primoroso romancista — a mulher profundamente e sinceramente religiosa ao pé do marido indiferente para umas coisas, incrédulo para outras, sempre divorciado moralmente da mulher amada — e ter-se-á esse obscuro inferno da vida doméstica, tanta vez apontado, tanta vez combatido por mim.

O casamento tem só uma base moral, séria e inviolável — é a uniformidade de vistas entre marido e mulher a respeito das questões fundamentais da vida.

A felicidade sem essa base é uma quimera irrealizável, e eis o motivo por que em cem casamentos desgraçados há um que o não seja.

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 3, quarta-feira, n. 89, p. 2, 31/03/1886
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/1450

46. CONVERSÇÕES LISBONENSES

*O último romance de Feuillet — O Problema do Casamento —
O Problema da Educação.*

II

A VIDA DOS DOIS HERÓIS DO LIVRO É, PORTANTO, dilacerada obscuramente por dissensões íntimas, que ambos eles, por mais vontade que tenham de facilitar reciprocamente a felicidade comum, não podem evitar que se levantem a cada passo.

Conclusão tremenda do autor, indicada apenas, mas clara para todos os olhos: a mulher piedosa não pode, dado o modo de ver do homem moderno, achar a paz da consciência, achar a harmonia das coisas, na vida conjugal.

Surge, porém, em cena a mulher educada segundo o que Feuillet quer imaginar, o *ideal moderno*, a mulher que lê Darwin, que aplica na existência as teorias do grande sábio inglês, que conhece as ciências naturais e que fortaleceu o seu espírito na formidável negação que delas resulta como um efeito fatal, e Feuillet reúne nela todas as monstruosidades, todos os crimes, desde a abdicação voluntária da honra até ao assassinato.

Perto da propriedade rural para onde Bernardo de Vandricourt consente em retirar-se com a mulher, depois desta ir morrendo de dor na vida de dissipação parisiense, que ao princípio é obrigada a seguir, vive um médico retirado da clínica, um químico notável, que fez da sobrinha e pupila uma discípula diletta da sua filosofia materialista, uma companheira dos seus trabalhos científicos, uma ajudante das suas experiências químicas e fisiológicas.

Sabina, a sobrinha do doutor, é, segundo Feuillet parece pensar, a mulher moderna tal qual vai ser criada pela educação que a França está dando às suas filhas.

Pois Sabina envenena Aliette para casar com Bernardo, consegue casar com este depois de ter feito morrer de desgosto o tutor e tio, e a breve trecho é infiel ao marido com o primeiro que lhe aparece diante dos olhos, e responde muito serena a quem ousa interrogá-la, que, fazendo tudo isto e muito mais ainda, se é possível fazer-se mais, não faz senão seguir até às suas consequências lógicas as doutrinas com que lhe embeberam o espírito infantil.

Quando o dr. Tallevant descobre o horrível crime, cometido pela sua adorada sobrinha, e lho lança em rosto, antes da apoplexia que o fulmina, ela responde-lhe simplesmente que é apenas sua humilde sobrinha.

“Minha discípula, miserável! exclama o desgraçado. Pois eu ensinei-te alguma vez princípios diversos daqueles que eu próprio praticava? Pois eu dei-te pela minha palavra ou pelo meu exemplo outras lições que não fossem de retidão, de justiça, de humanidade e de honra?”

“Realmente o meu tio surpreende-me imenso. Como é que um espírito tão lúcido pôde deixar de perceber que eu podia tirar das suas doutrinas e dos nossos estudos comuns consequências e ensinamentos diversos daqueles que o seu espírito tirava? A árvore da Ciência não produz em todos os terrenos os mesmos frutos... Falou-me de retidão, de justiça, de humanidade e de honra? Espanta-se que as mesmas teorias que lhe inspiraram essas virtudes, mas não houvessem inspirado a mim? E contudo a razão disto é bem simples... Sabe tão bem como eu que suas pretendidas virtudes são na realidade facultativas... pois que não passam os instintos de verdadeiros preconceitos que a natureza nos impõe... visto que necessita deles para a conservação e progresso da sua obra... Gosta de submeter-se a esses instintos... eu não gosto... eis a única diferença que nos separa.”

“Mas eu não te disse e não te repeti mil vezes, desgraçada, que o dever, a honra, a própria felicidade, consistiam na submissão a essas leis naturais, a essas leis divinas?”

“Disse-mo e assim o julga, bem sei... Eu, pela minha parte, creio o contrário. Creio que o dever, que a honra de uma criatura humana, consiste em revoltar-se contra essas servidões, em sacudir essas cadeias com que a natureza... ou Deus, como quiser, nos prende, nos oprime, para nos fazer cooperar, contra a nossa própria vontade, num fim desconhecido... numa obra a que somos estranhos... Ah! decerto o tio disse-me e repetiu-me mil vezes que era para si, não somente um dever, mas até uma alegria, o poder contribuir humildemente, pelos seus trabalhos e pelas suas virtudes, para não sei que obra divina, para não sei que fim superior e misterioso que é como que o alvo supremo a que o universo se encaminha... Mas que quer? esses prazeres deixam-me a mim perfeitamente insensível, não tenho realmente o mínimo desejo de levar a vida a constranger-me, a privar-me, a sofrer, para preparar a não sei que futura humanidade um estado de felicidade e de perfeição, do qual nada gozarei, festas a que não posso assistir, paraísos enfim onde não estarei nunca!...”



E depois de continuar neste tom meia hora, amontoando paradoxos e argumentos falsíssimos, dos quais a ciência humana nunca, que eu saiba, se serviu, acrescenta deste modo:

“Um crime é o que eu perpetrei?... Mas isto de crime não passa de uma palavra, bem sabe. O que é o bem? O que é o mal? O que é verdadeiro e o que é falso? Na realidade o código da moral humana não passa hoje de uma página em branco, na qual cada um escreve o que quer, segundo a sua inteligência e o seu temperamento. Já não há senão catecismos individuais... O meu é aquele que me foi pregado pelo exemplo da própria Natureza: ela elimina com egoísmo impassível tudo que a incomoda; ela suprime tudo que lhe é obstáculo; ela esmaga o fraco para dar lugar ao forte... e creia que não é de hoje que esta doutrina é aceita pelos espíritos livres e superiores... Em todos os tempos se disse: os bons vão-se embora cedo! Não, não são os bons que se vão embora, são os fracos e não fazem mais que o seu dever. Quando a gente lhes presta neste sentido um pequeno auxílio, imita apenas o exemplo do Criador. Leia o seu Darwin, leia o seu Darwin, meu tio...”

O tio respondeu a esta bela tirada, caindo morto por uma congestão, e Sabina dali a pouco tempo responde ao marido que a acusa de faltar a todos os deveres mais elementares da mulher, do mesmo modo empático e pedantesco, e com os mesmos argumentos falseados, desformizados, pela vontade do escritor.

Que Octave Feuillet nos perdoe, mas a sua ignorância de Darwin ou a sua má-fé literária é evidente na intenção desta obra.

Não conheço profundamente a doutrina do naturalista inglês, mas conheço-a bastante para poder afirmar que nem essa doutrina é uma filosofia, nem o Feuillet tem dela a mais elementar compreensão.

Darwin dos seus estudos analíticos e das suas observações e experiências deduziu algumas leis de aplicação restritamente biológica e que só por um esforço aventuroso de analogia se podem aplicar à sociologia e à história.

A seleção natural, a luta pela existência no mundo orgânico, não passaram ainda de hipóteses, segundo o rigoroso critério da filosofia positiva, mas, quando chegassem a converter-se em leis perfeitamente liquidadas, haveria entre o domínio dessas leis e os fatos superiores do pensamento a mesma distância científica que vai de quaisquer teorias genéricas do mundo até quaisquer sistemas de embriogenia animal. E Feuillet não devia ignorar isto.

Resta-nos, portanto, a convicção de que ele procedeu de má-fé.

As aplicações da doutrina de Darwin aos fatos sociais, tentadas pelos seus mais ilustres discípulos, por Spencer e por Bagehot por exemplo, estão penetradas de um espírito moral, austero

e digno a que faltará talvez uma base científica, mas a que não faltam seguramente a elevação e a beleza.

Feuillet, portanto, é tão exato, é tão verdadeiro e tão honesto na sua obra como seria qualquer *livre-pensador* que, para combater a moral católica, a mostrasse exemplificada na devassidão de Alexandre Bórgia, no instinto sanguinariamente devoto de Carlos IX, no *fervor* assassino de Torquemada, no fanatismo criminoso dos que acenderam as fogueiras da Inquisição, dos que vibraram o punhal de *Saint Barthelemy*, dos que ordenaram as dragonadas de Nantes, dos que organizaram a matança dos *Albigenses*, dos que teriam perdido a Igreja, se a Igreja não tivesse a salvá-la, na história e ainda na atualidade, a sua missão civilizadora pela disciplina, pela arte, pela política, pela unidade, pela ciência, e sobretudo e principalmente, por ter mantido sempre, acima do interesse dos indivíduos e do egoísmo das nações, o princípio da *humanidade*, que antes dela o mundo não conheceria.

Estes todos compreenderam também o catolicismo como a heroína de Feuillet compreendeu o alcance moral pequeno ou grande, que pode extrair-se da doutrina *darwiniana*.

Já vês, leitora, que o que pode concluir-se do livro de Octave Feuillet é realmente desconsolador até a desolação mais íntima e mais profunda.

A piedosa e doce mulher cristã colocada em plena sociedade elegante do século XIX tem de fugir, porque principia a perder o pé e tem medo de naufragar. Entre ela e seu marido nunca chega a realizar-se a união intelectual, a invejável identificação de duas almas, sem a qual o casamento é apenas atração dos sexos, legalizada perante Deus e perante o mundo.

A vida íntima que todos sonham tão penetrada de luz beatífica, tão unida, tão ardentemente entrelaçada, entre dois esposos moços, inteligentes, namorados, torna-se para qualquer deles um lento e obscuro suplício que os punge, e que por mútua caridade eles tentam disfarçar.

A mulher desligada do ideal católico é o monstro que mata, que atraiçoa, que morde a mão que a alimentou, que precipita na desonra e na inconsolável dor o marido que a estremeceu!

Que há então a fazer?

Que alvitre proporá o eminente autor d'*Une morte*?³⁰

Eu por mim humildemente declaro que não concordo com o que ele diz, e que não aceito, enquanto a evidência me não provar que ele acertou, as suas aterradoras conclusões.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 3, sexta-feira, n. 105, p. 2, 16/04/1886
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2334

³⁰ A obra é referida como "A morta" na crônica anterior.

47. CONVERSACÕES LISBONENSES

*O último romance de Feuillet —
O problema do casamento e o problema da educação.*

III

(CONCLUSÃO.)

É FORA DE DÚVIDA QUE HOJE A QUESTÃO RELIGIOSA, latente em toda a parte, aqui revelada, ali oculta, é uma das causas determinantes do horrível mal-estar que tortura o nosso tempo, e principalissimamente a nossa raça, mas não se conclui da enorme importância dessa questão, que a mulher, fatalmente educada neste meio, cada vez mais materialista, mais negativo, mais incrédulo no que seja sobrenatural, e além de humano, se transforme necessariamente no monstro descrito pelo eminente romancista.

Que culpa têm as pobres mulheres educadas agora, das ideias que pairam sobre todos nós, que nos penetram insensivelmente, pela arte, pela literatura, pelo exemplo, pelas conversações, pelo contágio permanente de todos os ceticismos, nos roubam ao influxo místico da igreja; que, malgrado nosso, substituem pela dúvida dolorosa, pela curiosidade analítica, pela ânsia penetrante de saber, os entusiasmos fervidos, as crenças simples e pueris da nossa mocidade?

Não são os homens que nos têm ensinado a duvidar do que eles duvidam? Não são eles que nos têm perturbado, agitado com a sua incerteza? e sobretudo desnortado com a leviandade cínica da sua negação? E terão eles porventura culpa também de que os descobrimentos extraordinários e imprevistos da ciência, de que o alargamento enorme e progressivo do pensamento, de que as lições irresistivelmente verdadeiras da natureza, desvendada enfim depois de tantos séculos de mistério, lançassem por terra, de envolta com a tradição desmentida, tantos dos alicerces em que eles haviam construído o edifício da sua crença?

Sim, o catolicismo, sendo o código mais completo que a humanidade elaborou ainda, tenha soluções para todas as crises do nosso destino, podia dar-nos a paz, podia satisfazer as mais irrequietas ambições da nossa alma.

Mas esse catolicismo, contra o qual o enorme oceano chamado humanidade deixou durante séculos e séculos bater a onda tremenda das suas dúvidas, foi porventura a nossa geração que o fez em ruínas?...

Se a tibieza da Fé, se a incredulidade no Mistério, se o desdém pelo sobrenatural, são fatos dolorosos muito embora, se assim o querem, mas fatos positivamente realizados, se a ânsia da Verdade, impondo-se ao homem, lhe deu na Dúvida a sua glória máxima e também a sua máxima tortura; se a nenhum de nós, filhos deste século, e vergados ao peso terrível e trágico dessa herança titânica de tantos séculos de investigação e de angústia, nos é dado furtarmo-nos à agonia da nossa eterna e audaciosa interrogação, se nós fomos os eleitos da História para esta tragédia que consiste em agonizar junto ao túmulo de um Deus, digam-me: Não será tempo de fazer uma tentativa suprema, de pacificação e de harmonia, que dê à nossa consciência desnorteada a tranquilidade a que ela aspira?...

Pois se nos dizem que fora do catolicismo não podem subsistir nem dominar as grandes leis morais, de cujo austero cumprimento depende a nossa felicidade e a nossa íntima paz, assim se lançam às gemônias tantas almas sinceras, tantas almas inquietas, tantas almas sedentas de verdade e de justiça, que não acharam no catolicismo a solução dos graves e complexos problemas da vida?...

Porque, enfim, o catolicismo não é uma convicção raciocinada, é uma Fé subjugadora. Há muitos espíritos que achando a moral católica a mais bela, a mais alta, a mais completa, que achando a organização católica a mais elevada expressão da força inteligente, que achando a disciplina católica o mais frisante e memorável exemplo da vontade aplicada à moral, sentem contudo que, para serem católicos, lhes falta simplesmente... tudo.

Tudo, quer dizer — a fé na origem divina dessa religião que os entusiasma, que os exalta, que os apaixona, considerada como a resultante de uma série de leis históricas e puramente humanas.

A nossa dúvida ou a nossa fé estão em nós, concedo; mas dependerão elas acaso de nós?

Não, decerto.

Os estados da nossa consciência provêm do ambiente moral que temos respirado desde o berço e de uma série de causas existentes, já antes de nós existirmos, e cujos efeitos herdamos inconscientemente.

Se a nossa vontade entra como elemento importante na obra complexa do nosso destino moral, ela é apenas um elemento subordinado a centenas de outros, que nós não podemos sujeitar nem prever sequer. Assim como o sangue que nos corre nas veias vem já eivado ou fortalecido de

máculas ou de qualidades hereditárias, assim o nosso espírito traz impresso o cunho de mil influências anteriores à própria formação dele.

Ninguém se furta às ideias do seu tempo, e tão impossível seria Voltaire em plena Idade Média, como S. Francisco de Assis em pleno século XIX.

Portanto, tudo que hoje se diga para provar que a mulher não pode dispensar-se de possuir a fé de Santa Teresa, não passa de um entretenimento de retórica sem a mínima seriedade e sem o mínimo peso.

Eu aqui, já se vê que ponho completamente de parte essa porção distinta e particular da sociedade de meu tempo, para quem a religião é um luxo requintado, feito de pequeninos acessórios frívolos, um ritual de práticas estereis, sem pensamento, sem alma, sem significação moral, que sabe a letra do evangelho e lhe despreza o espírito, que faz da crença católica um formulário oco, uma lâmpada artisticamente cinzelada, onde se apagou toda a luz.

Mas, se além dessas *praticantes* que desmentem a cada instante a doutrina que aceitaram, há hoje ainda criaturas simples, piedosas, absolutamente crentes, que têm a *fé de carvoeiro* como guia único da própria existência, que as que não pedem muita luz, lancem para elas um olhar de admiração e de inveja sem fel, e lhes digam, na dolorosa tristeza da sua dúvida:

“Abençoadas sejais vós, ó minhas doces e piedosas irmãs, que nunca tereis de sentar nos desfiladeiros e nos algares, nas ásperas charnecas e nas rudes montanhas alcantiladas desta vida! Abençoadas sejais vós que pudestes fechar os ouvidos ao clamor da humanidade angustiada, e não ouvir o que dizia no murmúrio das noites misteriosas a voz de tantos ardentes corações, pedindo à Natureza um raio de luz, um raio de verdade, a pacificação suprema às torturas sempre renascentes da Dúvida!”

“Abençoadas sejais vós, que para cada pergunta de vossa consciência tendes a resposta pronta do vosso código divino. E depois de rápida passagem que é para vós a vida, tereis para matar todas as sedes a eterna fonte sempre límpida, para compensação de todas as amarguras a celeste recompensa feita de todos os gozos sonhados, para satisfazer todas as ambições ainda as mais incontestáveis, a inefável beatitude, sempre luminosa e sempre azul!...”

São essas as felizes, as privilegiadas, as raras. Mas não são essas que precisam das lágrimas da minha piedade, nem dos conselhos da minha razão.

As que eu neste momento de transição terrível suponho bem dignas de piedade, aquelas para quem eu desejava ver formulado já um código de moral positiva feito de todas as aquisições da experiência, são as que não têm uma fé sólida a dirigi-las na vida.

A moral precisa de tornar-se independente de qualquer religião, para ser ao lado dela ou sem ela o princípio dominante a que se sujeitem todos os arrojos do nosso pensamento, e todos os ímpetos desordenados da nossa paixão.

A moral positiva, dizem os adversários desta ordem de raciocínios, funde-se puramente e exclusivamente no interesse. É triste, eu bem sei que é triste esta conclusão humilhante a que temos de chegar; mas, qual é a lei que se nos impõe, e que nós aceitemos, que não tenha por fundamento mais ou menos disfarçado o nosso próprio interesse?

A felicidade no céu ou a felicidade na terra, eis os únicos motores que levam e conduzem este híbrido ser, meio animal e meio anjo, que se chama homem!

Neste momento, pois, o ponto interessante e capital a discutir vem a ser este: dos resultados já liquidados de todas as ciências particulares, poderá somar-se um capital de conhecimentos positivos, capaz só por si de constituir a moral social?

Se a resposta feita pelos observadores, pelos moralistas, pelos filósofos, for afirmativa, que eles tratem de formular esse código, visto que a humanidade, eterna tutelada, abomina a independência da sua própria razão, e precisa de ter escrita e reduzida a preceitos dogmáticos cada uma das leis a que tem de subordinar o seu destino.

Se a resposta, por enquanto, é negativa, trabalhe-se no sentido de aumentar as riquezas já coordenadas, e trate-se de chegar cedo à conclusão pacificadora, pela qual todos nós ansiamos!

O que porém é cruel e sobretudo inútil é que nos seja apontada como redenção única, o único refúgio, esse mundo ideal da fé católica, que trataram há tanto de destruir aos nossos olhos e onde realmente não pode ir acolher-se quem quer!

Há *viveiros* de árvores e de hortaliças, mas não há viveiros artificiais de ascetas, que eu saiba.

Convencer a mulher de que ela não tendo a fé, não pode escapar à imoralidade e ao crime, é como que desculpá-la de todas as desordens para que o seu temperamento a possa levar.

Não, pelo contrário.

A mulher religiosa, que tem o arrependimento, que tem o confessionário, que tem a absolvição, pode ainda depois de todas as fragilidades e todas as quedas, achar o repouso da alma no perdão do padre; a mulher, que só dependa da sua consciência, da sua razão, elucidadas,

iluminadas pela grande harmonia das leis morais que prendem a todo o destino humano, essa tem de velar continuamente pela inviolável dignidade de seu ser, pois que perdida ela, nenhum officioso intérprete da Divindade lha poderá restituir.

Acreditemos, para nossa consolação e para nosso descanso, que há em nós, independentemente de qualquer influência superior, a aspiração permanente ao que é bom, ao que é belo, e puro e harmonioso.

Muita vez a paixão desvaira a mulher, mas a religiosa não escapa a esses desvairamentos, visto que a História as aponta nos séculos de mais apaixonado ascetismo!

Não queiram restringir tanto o sentimento de moralidade que só o possamos admitir dentro de qualquer credo religioso. É um mau serviço que fazemos, visto que não nos é dado a nós nem a ninguém obstar a que o ideal religioso vá pouco a pouco cedendo o passo à invasão triunfante, embora desconsoladora, da ciência positiva e experimental!

Escrevendo o que aí fica, eu não tomo partido contra as tendências da época nem a favor delas.

Sou a crítica imparcial do espetáculo a que assisto.

E contudo, não há para mim tragédia mais dolorosa do que esta de que o meu tempo é o teatro.

E sinto no fundo desconsolado e escuro da minha alma de mulher, feita para os sentimentos suaves e não para os crus raciocínios implacáveis, aquela tristeza dilaceradora e inefável que Virgílio sentiu, quando, pelas florestas múrmures do seu Lácio ele ouviu passar a voz lamentosa e inolvidável que anunciava às gentes a morte do velho Pan!

Desgraçadas das gerações que têm por fatal condenação de assistir ao desmoronamento de um mundo!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

5 de março de 1886.

O Paiz, ano 3, sexta-feira, n. 112, p. 2, 23/04/1886

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2363

48. CONVERSÇÕES LISBONENSES

A propósito de Schopenhauer e dos seus sectários

NESTE MOMENTO A MODA INVADE ATÉ OS DOMÍNIOS DA FILOSOFIA. Schopenhauer é o deus desta nova seita, que fez do *pessimismo* a sua religião.

Ora, Schopenhauer não é positivamente um moderno, mas foi somente de há cinco anos para cá que este nome, já conhecido por alguns espíritos mais curiosos ou mais cultos, se vulgarizou em França, criando uma legião notável de discípulos e de sectários.

Há o *schopenhauerismo* e os *schopenhaueristas*; há os que se sentem profundamente possuídos por este estado de alma angustioso e terrível chamado pessimismo, e há também os que o adotaram como *pose* que os singularize e lhes dê a evidência, que de outro modo não teriam.

O que esta corrente de ódios tem de factício e de artificial passará decerto, mas a influência que a filosofia pessimista exerceu na alma contemporânea, essa ninguém já é capaz de apagá-la ou de destruí-la. Vale, pois, muito a pena conversarmos um pouco a propósito desta fase sentimental que a nossa geração atravessa.

Em primeiro lugar, o que a leitora talvez não saiba, nem suspeita, é que espécie de homenzinho é Schopenhauer.

Provavelmente a sua imaginação, povoada pelos aforismos desesperados do profeta do *niilismo*, representa-o como um Byron da filosofia, um Leopardi reduzindo a fórmulas os seus desesperos íntimos; uma destas ardentes almas feridas que a vida torturou implacavelmente, e que se vingam da vida julgando-a do alto de todas as ruínas amontoadas lugubrememente a seus pés.

Como neste ponto te enganas, minha pobre amiga! e como eu tenho dó da desilusão que vais ter, igual à que eu também tive.

Schopenhauer o inconsolado, que repete à humanidade, em todos os tons, que a única coisa razoável que ela tem a fazer, depois da asneira de ter nascido, é aniquilar-se a si própria; Schopenhauer, o deus dessa enorme seita de infelizes que acham um absurdo a existência e um supremo lenitivo a morte; Schopenhauer, a mim pelo que sei da sua vida, faz-me o efeito *d'un petit rentier*, muito burguês, muito pacato, muito agarradinho às suas comodidades, muito metido no seu egoísmo, como uma tartaruga na sua concha.

O grande *pessimista* que a Alemanha adora desde muito, que a França adora há pouco, e que nós principiamos a adorar agora, nasceu em Danzig a 22 de fevereiro de 1788.

O pai é um rico negociante, cuja família tinha uma remota origem holandesa; a mãe, uma jovem *bas bleu*, cujos romances tiveram no seu tempo uma relativa notoriedade.

Desde a idade mais tenra que Schopenhauer viaja acompanhado por seus pais. A Alemanha, a Bélgica, a Suíça, a França, a Inglaterra, são os países que alternadamente habita, a ponto de se chegar a esquecer da língua materna.

A morte do pai faz com que o futuro filósofo abandone os estudos comerciais, que formam a base da sua educação. Entregue a si próprio, podendo escolher livremente o seu destino, Schopenhauer dedica-se com verdadeira avidez às letras, à ciência, à filosofia sobretudo.

Um dos seus biógrafos, referindo-se a esta fase da sua vida, diz dela: “É então que ele medita Kant e Platão, que frequenta as universidades de Goettingue e de Berlim, que estuda a mineralogia, a botânica, a história das Cruzadas, a meteorologia, a fisiologia, a etnologia, a jurisprudência, a química, o magnetismo, a eletricidade, a ornitologia, a *anfibiologia*, a ictiologia (!!), a flauta, a esgrima e a guitarra!!”

E o dito biógrafo acrescenta estupefato:

“Que de *cousologias* pode conter em si uma cabeça alemã!”

Schopenhauer, à exceção da guitarra, rebelde instrumento que lhe foi impossível domar, assimilou todas estas assombrosas coisas!

Que admira, pois, o ódio à existência que o avassalou mais tarde!

Exteriormente os que nessa época o conheceram descrevem-no como um moço *gentleman*, muito apurado em maneiras e em vestuário, mas de uma contradição fatigante, e de uma quase insolente franqueza. Frequenta os teatros, as salas, os círculos aristocráticos ou eruditos de Weimar e Dresde, conversa com Goethe, assiste curiosamente uma execução capital, e em suma reconhece que a vida não deixa de ter os seus lados aproveitáveis.

Aos vinte e nove anos, no instante em que medita e compõe a sua obra famosa — *O mundo como vontade e como representação* — esse livro que conclui convidando a humanidade a chegar ao seu fim pelo absoluto ascetismo e pela completa separação dos sexos, sucede a Schopenhauer, como complemento ou como comentário ao seu trabalho de aniquilação, a mais graciosa das surpresas. O filósofo *niilista* vê-se reproduzido num filho!

Realmente não pode achar-se argumento mais convincente para a verdade de uma tese!

Imagino que o filósofo se sentia levemente atrapalhado, e, para fugir às reflexões irônicas da própria consciência, entendeu, visto que o lúgubre *convite à morte* estava concluído, e que o pequenino *protesto da vida* estava começando a rabujar com os primeiros dentes, que o melhor que

ele tinha a fazer era partir para a Itália, onde o céu é azul, a vida fácil, e piedosas em demasia as mulheres!

Em Veneza Schopenhauer encontra-se com Byron, bem mais pessimista ao fundo que o plácido fundador do pessimismo.

É que Byron realmente é um ser torturado pelas medonhas torturas da imaginação, as piores de todas, as que fazem mais cruelmente sofrer as suas tristes e ululantes vítimas.

Oh! a mim não me surpreende o pessimismo de Byron. Acho-o legítimo, acho-o simpático, acho-o comunicativo! Só os que sofreram têm o direito de amaldiçoar a vida e de a descrever sob o triste aspecto de que ela se revestiu para os olhos deles.

Não ficam, porém, no que acima deixei dito, as contradições de Schopenhauer. O amante da morte, o que embriagou uma geração inteira com esse filtro mágico e fatal, foge do cólera quando este aparece em Berlim, e foge a unhas de cavalo, verdadeiramente aterrado com as aproximações da sua *eterna amiga*! Ele convida, é verdade, os homens a morrer, mas reserva-se o direito de constituir uma pequenina exceção.

É finalmente em Frankfurt que Schopenhauer se fixa. É aí que a sua vida adquire as proporções monótonas de uma vida de pequeno comerciante retirado dos negócios do seu tráfico, e é aí também que a glória o vem procurar aclamando o seu nome, e lançando aos quatro ventos do espírito a sua doutrina desconsoladora e triste.

O filósofo levanta-se todos os dias às oito horas da manhã, toma o seu banho, almoça, senta-se à banca do trabalho, escreve algumas horas na frescura das ideias matinais, toca flauta, veste a sua casaca e a sua camisa de bofes de renda fina, janta, dorme à sesta, passeia. À noite lê o *Times*, lê alguns velhos autores prediletos; ceia, vai ao teatro, e volta a deitar-se para levar a noite num bom sono tranquilo e restaurador.

E é este homem que se atreve a escrever, a respeito da vida, as máximas desoladoras que, uma vez lidas, nos inebriam morbidamente, lugubrememente, como eu imagino que deve inebriar o horrível *gin* das tavernas londrinas!

É verdade que esta monotonia de costumes, que esta invariável sucessão dos mesmos atos, por assim dizer automáticos, oculta, ou antes, disfarça, a irritabilidade do humor, as suas violências súbitas, os terrores sem causa, as manias inúmeras, as desconfianças imprevistas, as crises dolorosas da vontade, toda essa triste bagagem que os grandes engenhos têm de receber fatalmente ou da natureza ou das influências hereditárias, para justificarem assim o conhecido axioma de Sêneca:

Não há grande talento sem uma mistura de demência.

O *medo* é a principal calamidade que aflige, transforma e perturba o espírito de Schopenhauer.

E medo de que, no fim de contas? Se a morte, que é o pior dos nossos males, é considerada por ele como o único dos nossos bens!...

Como quer que seja, Schopenhauer tem medo de tudo... Das cartas que recebe, das portas que ouve abrir, dos incêndios que supõe possíveis, das doenças que imagina, das navalhas de barba a que não está habituado, dos ladrões hipotéticos que podem roubá-lo.

São extraordinárias as precauções que toma. Tem esconderijos onde mete o dinheiro; redige em grego as notas e os apontamentos particulares; traz sempre um copo consigo, com medo de que algum leproso tenha chegado aos lábios os copos em que lhe deem a beber. Enfim, tudo que engenhosamente se pode inventar para atormentar uma vida, exteriormente plácida; tudo que um egoísmo minucioso possa meditar de mais complicado para salvaguardar a sua própria existência, tudo ele pratica incansavelmente, enquanto prega aos homens a morte, o aniquilamento, o *nada* de todas as coisas!...

Mas teria Schopenhauer a fama, tardia embora, que ele chegou a ter, se a doença do século não fosse mais depressa pressentida e vaticinada, mais depressa formulada e posta ao alcance de todos, do que propriamente inventada por ele?

Com certeza que não!

Se ele teve uma influência nefasta em nós todas, não foi pelo que nos fez sentir, foi pelo que nos auxiliou a achar dentro de nós mesmas.

A doença lá estava. Somente nós não sabíamos exprimi-la nem reduzi-la a fórmulas que nos satisfizessem.

Schopenhauer foi o teórico deste triste sistema; o que mil outros tinham expresso em gritos de agonia desesperada, exprimiu-o ele em aforismos de uma nitidez por assim dizer geométrica.

É que, digam o que disserem, é triste o nosso século! Triste da herança mental que os outros lhe legaram! Cada um de nós, os que sentimos, os que pensamos, os que condensamos no espírito as lutas morais, e as atividades intelectuais de toda a humanidade que passou, trazemos sobre a cabeça curvada e lânguida o peso de um mundo, e esse peso já o não podemos suportar!

Eu não quero dizer que todos os que vivem hoje se sintam fatalmente inconsolados e tristes.

Mas é necessário compreender-se, uma vez por todas, que os genuínos representantes de cada século que vai passando não são a maioria dos contemporâneos desse século; são a pequena porção inteligente e culta que o acompanha na sua evolução fatal, que o penetra na complexidade

maravilhosa, na complicação sempre crescente das suas ideias, dos seus sentimentos, das suas forças diversas.

Pois hoje mesmo não há contemporâneos nossos, cuja inteligência das coisas não vai além daquela que o século XIII ou XIV manifesta geralmente?

Não é talvez um dos característicos mais frisantes de nosso tempo o encerrar em si espíritos de todos os tempos, credos de todos os gêneros, fanáticos de todas as religiões, céticos de todas as ideias, sonhadores de todas as fantasias, descrentes de todos os cultos, contemporâneos enfim de todas as fantasmagorias humanas?...

Não sofrem os que se ajoelham resignados e tranquilos nos degraus da cruz onde agoniza o Cristo, sorrindo, e prometendo aos que o amam a bem-aventurança eterna, a paz no seio de Deus. Não sofrem os que riem do riso pantagruélico de Rabelais, ou do riso mordaz e acremente satírico de Voltaire. Não sofrem os que acharam no velho *Budismo* o adormecimento, a sujeição fatal, a pacificação completa do homem — esse átomo invisível no seio da natureza — esse grande todo completo e eternamente dominador! Não sofrem os que além das brumas indecisas, das tristezas dúbias do presente, avistam o largo céu azul em que a ciência acende o lume soberbo dos seus astros imortais!

Mas sofremos nós, os verdadeiros filhos deste século, os que vivemos da sua vida intensa, os que ardemos na sua febre devoradora, os que nos gastamos dilaceradamente na sua curiosidade inquieta e doentia, os que não podemos adorar no nosso coração nem prescrever completamente dele o Deus em que nossas mães nos ensinaram a esperar! Sofremos nós, os que temos todas as ambições e todos os desfalecimentos, os que tentamos, como os Titãs, escalar o céu, e fomos castigados da nossa audaz curiosidade, pela sede insaciável de um ideal que não atingiremos nunca!

É na nossa alma que o pessimismo encontrou terreno propício à sua fatal eflorescência!

É com a raiz banhada no sangue, que escorre em jorros do nosso ferido coração, que ele alimenta a beleza estranha e mórbida das suas negras flores.

É, portanto, a nós que Schopenhauer influenciou mais profundamente.

(CONCLUI.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 3, quarta-feira, n. 144, p. 2 e 3, 26/05/1886

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2494

49. CONVERSÇÕES LISBONENSES

A propósito de Schopenhauer e dos seus sectários

II

GOETHE, CONTEMPORÂNEO DO NOSSO FILÓSOFO, escreverá o *Werther*, dando uma forma artística ao *mal de viver* que hoje nos tortura, e de que Schopenhauer é o sistematizador terrível.

Essa dor característica, de que hoje padecem tantos enfermos e que os alemães chamam *der Weltschmerz*, começou desde então a ter centenas de vítimas ilustres.

O soberbo artista de Weimar para livrar-se da tentação do suicídio que o perseguia tenazmente *fez dela um livro*, pondo assim em prática o conselho, que dava mais tarde às almas tristes que vinham pedir-lhe a receita da sua olímpica serenidade.

Não foram tão felizes como ele Chateaubriand, Byron, Musset, Heine, Gerard de Nerval, Baudelaire, todos os que, subjugados pelo terrível mal, lhe deram nos seus livros e na sua vida uma imortal consagração.

Esses, consumidos pelo abutre, deram-lhe em parte a inteligência e as entranhas.

A vida deles foi um longo martírio com intermitências de brilhantismo e de embriaguez, as suas obras são os Evangelhos desta seita dolorosa, que vive perpetuamente na tortura de não poder morrer!

São esses que hoje chamamos *schopenhaueristas*, lançando a terrível responsabilidade, que é de tanta gente, sobre os ombros do pensador de Frankfurt.

Perguntam à História quais as leis que determinaram o mal-estar profundo que, encoberto sob ouropéis deslumbradores no princípio do século, irrompeu por fim numa explosão violenta e mórbida neste seu último quartel, tão sombrio e tão desesperado.

Vem de muito longe a linha condutora que levou parte da humanidade a este paroxismo de agonia!

É engrandecer extraordinariamente o filósofo alemão e dar-lhe as culpas que pertencem a umas poucas de gerações e aos acontecimentos trágicos a que elas presidiram ou que elas determinaram.

O homem não tem assistido indiferente às grandes tragédias da História. Em cada um de nós vibram e repercutem as angústias de todos! A longa opressão da Idade Média, os terrores religiosos da fase mais aguda do catolicismo, a explosão naturalista, a desforra orgíaca e carnal chamada Renascença, as lutas da Reforma, as ardentes aspirações sintetizadas na Revolução, as agonias do Terror, as desilusões do Diretório, a bela epopeia do Império e a melancolia desalentada que veio depois, todos os sonhos frustrados, todas as dolorosas gestações, rematando num aborto humilhante, todos os sonhos ideais construídos em nuvens, todas as grandes e radiosas edificações erguidas sobre a areia, todas as ambições desfeitas em pó, todos os voos de anjo acabando na bruta satisfação do animal, tudo isso tem concorrido para levar o homem à conclusão desanimadora e cruel de que mais lhe valera não ter nunca nascido, tudo isso lhe tem dado a tristeza infinita de que o pessimismo é fórmula.

Que admira, pois, que ele acolha avidamente as palavras do escritor, que traduz o que ele sente, que exprime o que ele pensa, que analisa o que nele é apenas instinto!

Ouçamo-lo, pois, e ouvindo-o eu não faço mais que fixar um eco de pensamento que tanta vez quisera sufocar dentro de mim.

“A primeira parte da nossa vida não passa de uma aspiração infatigável à felicidade. A segunda, pelo contrário, tem a dominá-la um doloroso sentimento de terror. A gente sabe já então, mais ou menos claramente, que a felicidade não passa de uma quimera, que real neste mundo não há senão o sofrimento.

É por isso que os espíritos sensatos, em lugar de aspirarem aos gozos e à vivacidade das alegrias, ambicionam simplesmente a ausência de dores, quer dizer a um estado moral, por assim dizer invulnerável! Quando eu era moço, cada vez que sentia bater à minha porta, pensava alegremente:

‘Vai suceder-me alguma coisa agradável.’ Mais tarde amadurecido pela existência, esse mesmo som acorda em mim um sentimento de pavor:

‘Que é que vai suceder-me de mau? e penso sempre assustado!’”



“Não há nada fixo na vida fugitiva; nem dor infinita, nem alegria eterna, nem impressão permanente, nem resolução elevada com que possa contar-se perpetuamente. Dissolve-se tudo na

torrente dos anos. Os minutos, os átomos inúmeros de pequenas coisas, fragmentos de cada uma das nossas ações, são os vermes, que devastam tudo que em nós há de grande e de ousado...

Na vida humana nada se toma a sério: a poeira de que ela é feita não vale a pena de tanto..."



"Devemos considerar a vida como uma mentira contínua, nas pequenas e nas grandes coisas?

Se faz qualquer promessa, falta-lhe sempre, a menos que não tenha em vista o provar quanto era pouco de apetecer o que mais se cobiçava.

Tão depressa nos ilude a esperança, como o objeto esperado! Se nos faz qualquer dom, logo o retira, e é para isso mesmo que o fez. A magia da distância revela-nos paraísos, que desaparecem como visões rápidas, logo que por eles nos deixamos seduzir. A felicidade reside, pois, eternamente ou no futuro ou no passado, e o presente não passa de uma pequena nuvem sombria, que o vento agita por sobre a planície iluminada; na frente dele, atrás dele, tudo é luminoso e claro, só ele projeta sempre a mesma sombra teimosa."



"O esforço sem tréguas empregado pelo homem para banir da sua vida o sofrimento só tem como resultado não destruí-lo, mas transformar-lhe o aspecto. Na origem aparece-nos sob a forma das necessidades mais elementares, do desejo das coisas materiais da vida.

Consegue-se à força de trabalho, que a dor desapareça sob este aspecto primitivo? Pois transforma-se logo e toma mil aspectos vários, conforme a idade e conforme as circunstâncias; faz-se instinto sexual, faz-se amor apaixonado, e ciúme, e inveja, e ódio, e ambição, faz-se medo, avareza, doença, etc., etc.

Se não encontra ainda assim meio de penetrar em nós, veste o manto pardacento e triste do tédio e da saciedade, e então para combatê-la é mister forjar novas armas..."



“O homem sente a dor mas não a ausência de dor, sente a preocupação e os cuidados mas não a ausência de cuidados, o pavor mas não a segurança. Sentimos o desejo e a cobiça como sentimos a fome e a sede; mas, logo que satisfizemos estas necessidades, tudo acaba, assim como o alimento depois de ingerido deixa de existir para a nossa sensibilidade. Os maiores bens que tem a existência, saúde, mocidade, independência, são nossos sem que tenhamos a consciência de os possuímos; só os apreciamos depois de o havermos perdido. Não sabemos que houve dias de ventura na nossa vida senão quando os dias de angústia pelo contraste que fazem com eles, nos revelaram a alegria extinta...”



“As horas são para nós mais rápidas quando são mais agradáveis, mais lentas quando são mais tristes. Não é o gozo, que é positivo, mas sim a dor; por isso é a presença dela que nós sentimos melhor. O tédio dá-nos a noção do tempo, e a distração rouba-no-la. Prova isto que a nossa existência é tanto mais feliz quanto menos a sentimos; segue-se, pois, que o melhor de tudo seria o libertar-mo-nos dela.”



Estão cheios os livros de Schopenhauer de páginas como estas, ou mais tristes, mais desconsoladoras ainda do que estas. Não continuarei, porém, a citá-las.

Quis dar à leitora uns longes da teoria que tem da Vida o filósofo alemão, que ultimamente é citado com mais frequência. Não quero comunicar-lhe a esterilizadora melancolia que nessas páginas tenho bebido.

De resto, eu estou convencida que o abuso do pensamento, que o exagero involuntário ou procurado das faculdades especulativas, que a perscrutação curiosa e inquieta de todos os problemas do pensamento e do sentimento humano, levam à *nevrose* aguda, que os requintados artistas deste tempo padecem, mas que há um meio muito mais fácil e muito mais cômodo de suportar o enigma da existência: é aceitá-lo, não tentando resolvê-lo.

Triste ou alegre, a vida tem deveres para o cumprimento dos quais não é demasiado toda a força moral de que possamos dispor!

Aceite, pois, a leitora o meu humilde conselho, o conselho de uma pessoa que tem pago com terríveis dores a audaciosa ambição de conhecer o incognoscível, de compreender o que é defeso à inteligência do homem e muito mais à inteligência da mulher.

Viver sem analisar a vida; amar o belo sem tentar dissecar sobre a banca do gabinete anatômico os elementos que o compõem; cumprir o bem sem tentar perscrutar em virtude de que leis misteriosas esse dever nos foi imposto, eis o melhor que temos a fazer, efêmeros de um dia, que ousamos sonhar o belo sonho da Eternidade! e que sofremos, invencivelmente saudosos, de o não podermos realizar!

É possível que primitivamente o mundo não fosse desolado como é hoje. Era menos ambiciosa e menos exigente a Humanidade.

Ao contemplarmos o desequilíbrio eterno que existe entre tudo que desejamos e tudo que possuímos, entre as faculdades que a Natureza nos deu, e os fins fantasticamente grandiosos a que ansiamos aplicá-las, entre a realidade e o sonho, entre o que é e o que nós queríamos que fosse, parece-me que é neste momento que a lenda bíblica se realiza ao pé da letra.

Nós tínhamos o Paraíso, isto é, a natureza, bela, cariciosa e clemente; os céus azuis, os grandes mares misteriosos, a floresta múrmura e povoada de ninhos e de amores; nós tínhamos a divina faculdade de *amar*, esse dom milagroso e único, que só por si deveria resgatar-nos de todas as misérias inerentes à fraqueza, à ignorância, à rapidez da própria existência.

Nós tínhamos a Fé, esse bem que centuplicava os bens da terra pela esperança beatífica de todos os bens do céu!

E no entanto, rejeitando todos os tesouros, surdos a todas as harmonias que nos convidavam ao repouso contemplativo, à ignorância bendita, à fácil aceitação das fatalidades da Natureza, insaciáveis de sofrimento, sedentos da luz que nos fora sabiamente vedada, nós quisemos a Dúvida, a Luta incessante, a misteriosa aspiração ao inacessível, e, ouvindo a voz satânica da nossa ambição, sacudimos os ramos à Árvore da Ciência, tragamos-lhe avidamente os frutos amargos e preferimos à deliciosa preguiça intelectual em que podíamos jazer adormecidos, a angústia permanente de interrogar sempre e de nunca, nunca ter resposta!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O Paiz, ano 3, domingo, n. 162, p. 3, 13/06/1886
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2567

50. CARTAS FEMININAS

O conde de S. Salvador de Matosinhos

É COM UMA SATISFAÇÃO MUITO ÍNTIMA, E MUITO SINCERA, que tomo de novo o meu lugar humilde entre a brilhante colaboração deste jornal.

Em curtos anos de vida *O Paiz* atingiu um grau de vulgarização e de prosperidade, tão alto e tão excepcional, que escrever aqui é ter a certeza de ser lido por milhares de pessoas.

Ora, não pode haver maior felicidade para o escritor cômico da sua delicada missão, para o escritor que não faz *arte pela arte*, mas tem a justa ambição de semear na terra algum bem, do que a ideia reconfortante e fecunda de que é apreciado, criticado, compreendido por um grande número de entendimentos, mais ou menos simpáticos, mais ou menos abertos a todas as curiosidades e a todas as impressões.

Para nós, os que damos a nossa alma e o nosso cérebro, em fragmentos, a esse ser exigente e caprichoso, volúvel e cruel, chamado — o *Público* — o mais vivo e mais poderoso incentivo que existe só pode provir da certeza de que muitos corações vibram à nossa voz sincera, de que muitos espíritos nos acolhem com benévolo interesse, de que muitas inteligências se harmonizam com a nossa, de que em muitas imaginações simples fica a repercutir-se longamente o eco das nossas palavras de consolo e de fé!

Para os portugueses, que são fatalmente condenados a um público limitadíssimo, escrever para o Brasil é a grande ambição e o grande privilégio.

Ao menos assim sabemos que somos ouvidos. Um país moço, em cuja alma se não apagou a chama purificadora de todas as crenças boas, acolhe com simpatia comovente os romeiros da Arte que lá vão de longe buscar guarida.

Aí existe ainda o entusiasmo fervente por tudo que é belo; a fé robusta em tudo que é bom; a esperança que alenta e vivifica; a mocidade capaz de todos os ímpetos heroicos e de todas as belas quimeras de que a velha Europa, gasta e corroída até à medula dos ossos, se ri sinistramente.

Se a nossa irmã de além do Atlântico, que fala a nossa língua, mais moça, mais feliz, mais vivaz do que nós, não acolhesse com tão cordial afeto as nossas palavras, muitos dos que escrevem em Portugal deixariam de escrever.

Esta verdade, que todos sentem, poucos têm a coragem de a confessar.

E no entanto quem não percebe que lavra um desânimo profundo e esterilizador na literatura portuguesa, que já foi tão rica e tão característica?... Falta-lhe tudo para prosperar materialmente; falta-lhe quase tudo para se desatar em frutos saborosos e opulentos, e em rubras flores deslumbrantes!

Falta-lhe principalmente a fé em si mesma, este forte sentimento indispensável a tudo que tem de viver!



Mas não é este o assunto que hoje me preocupa a atenção.

A minha primeira carta para *O Paiz* depois da longa interrupção que tem havido no meu trabalho, quero eu consagrá-la ao desenho rude, e imperfeito embora, de um *perfil* tão popular hoje entre nós, como o é decerto no Brasil; quero nelas prestar uma homenagem de admiração sincera ao homem cuja vida parece um belo sonho de outros tempos, feito de ações raras e de rasgos de caridosa e inefável bondade.

Conheci o conde de S. Salvador de Matosinhos pelo rastro luminoso de felicidade, que ele ia deixando no seu caminho, muito antes de o conhecer pessoalmente.

Este nome, citado sempre que se falava de alguma obra boa que fazer, atraía-me fortemente a imaginação, pouco habituada a encontrar na vida real estes tipos lendários de abnegação e de filantropia.

Porque, no fim de contas, a virtude que a todas tem de sobreviver na alma moderna, tão eivada de materialismo, é a divina piedade que as dores humanas nos inspiram.

E tudo vai definhando a pouco e pouco; neste mundo, cuja velhice é tão árida, tudo morre, mas não morre a caridade! Quanto mais triste é a vida, mais vamos querendo aos nossos companheiros de miséria, aos nossos irmãos no sofrimento e na dor!

Os que tentam consolar todos os que penam, os que procuram infatigavelmente a desgraça só para lhes dar lenitivo e remédio, serão sempre da parte de todos os corações, até dos menos brandos, objeto de uma irresistível e bem justificável simpatia.

Conheço lances da vida do conde de S. Salvador que provam sobejamente que é ele uma dessas almas eternamente piedosas para quem a miséria é um culto, para quem a dor é uma religião.

Por isto esse homem que passava, dando às crianças, aos velhos, aos desamparados, aos infelizes, dando sempre, dando sem contar, tendo para cada angústia um conforto, para cada mérito obscuro um incentivo, para cada condenação uma esperança, falou à minha alma de mulher, já tão desenganada e tão descrente, como nos dias de mocidade lhe tinham falado os poetas, esses pródigos do coração, esses milionários da fantasia, que arrancaram pérolas do seu mundo interno, povoado e sempre deslumbrante, e que as atiram, soberbos de imprevidente generosidade, à turba faminta de todos os deserddados da Vida...

Foi depois de ter sabido, do nosso compatriota ilustre, milhares de rasgos admiráveis, que eu tive a fortuna de o conhecer pessoalmente.

Depois disso tenho-o visto, tenho conversado muito com ele, e a realidade correspondeu exatamente ao que eu tinha imaginado.

Devia ser rude, bem rude, a batalha da vida, para esse trabalhador infatigável e viril, que por assim dizer fundou uma dinastia... democrática, e que conseguiu estabelecer e educar a família numerosa, quase bíblica, que lhe dá direito ao nome de Patriarca, com que o próprio imperador costuma apelidá-lo.

Mas desse combate renhido com a fortuna, combate em que tantos perdem a doçura, e a ingênua simpleza, combate em que todos sofrem — porque é sofrer lutar valentemente — não resta nesse rosto abeto, franco, jovial, uma nuvem só que seja.

Tem o otimismo simpático dos fortes. Venceu; não quer mal à vida, que, apesar de todas as suas asperezas, lhe foi boa e carinhosa.

As festas, as ovações, as grandes lisonjas nacionais com que a pátria o tem acolhido, encontram-no grato, mas tranquilo... Não o excitam nem o entusiasma essas demonstrações de simpatia calorosa e tão meridional...

Mas se quiserem ver rir alegremente os seus olhos bons, vivos, inteligentes; se quiserem sentir na sua voz, que um leve *sotaque* brasileiro dulcifica, vibrar a corda de uma destas comoções irresistíveis e profundas que se não dominam, falem-lhe da capela de Matosinhos, erguida por ele à Imagem da Virgem, na qual sua velha mãe tinha especial devoção; falem-lhe da sua aldeia do Douro, da risonha e querida aldeia onde ele nasceu, onde, sem antever os gozos triunfantes da grande opulência, foi a criança descuidosa, obscura e contente de que tem no coração tantas saudades...

O conde de S. Salvador conhece a Rússia, a Noruega, a Suécia, a Alemanha, a Inglaterra, a Suíça, a França e a América. Acaba agora de partir para a Itália, única nação que ainda não conhecia.

Mas estou certa de que em nenhum dos belos países lendários onde a sua sede de movimento e o seu amor pelas viagens o tem arrastado, ele encontrou sítio que lhe parecesse superior à sua aldeia de Matosinhos!

Nem os países do gelo, em cujas planícies longas, em cujas montanhas de cristal o sol acende reverberações prismáticas, e que a lua ilumina em reflexos opalinos, de um mistério indizível, de uma graça tênue, caprichosa e móbil... nem as majestosas paisagens alpestres, que fazem o homem respirar mais livremente os recantos idílicos de verdura sempre tenra; nem os monumentos maravilhosos de que a velha Europa se orgulha — nenhum espetáculo da Natureza, nenhuma soberba manifestação da forma humana, lhe fizeram esquecer por um momento a aldeia calma, doce e humilde onde sentiu acordar a inteligência e o coração, que ele viu com os olhos da meninice, tão sôfregos de luz, tão amantes de tudo que é belo...

Lembrou-se da sua aldeia na exuberância dominadora das pompas tropicais, nas regiões onde a natureza esmaga o homem, de poderosa, de invencível que é! Lembrou-se dela à beira dos grandes lagos da Suíça, nas *steppes* sem fim da misteriosa Rússia, nas lezírias esmeraldinas da nevoenta Inglaterra... O mágico cenário deste mundo desdobrou diante dele as suas maravilhas incontáveis, mas não lhe pôde arrancar do coração a imagem que lá se havia gravado.

E sempre a visão cândida e meiga da sua pobre aldeia portuguesa o chama de toda a parte, e de toda a parte fugiu para lhe vir pedir de vez em quando um eco das juvenis risadas extintas, um aroma das viçosas primaveras que o tempo esfolhou...

Que mais traços pode haver no caráter de um homem, para atrair a simpatia de todas as almas boas!...

Não é, já se vê, a biografia do conde de S. Salvador que eu faço aqui. Desenho apenas, a toques rápidos e leves, um perfil moderno, em que acho um não sei quê de antigo.

Presto a homenagem de uma sincera estima a virtudes que me têm sempre cativado o coração.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, março de 1887.

O Paiz, ano 4, segunda-feira, n. 918, p. 2, 11/04/1887

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/3816

51. CARTAS FEMININAS

Uma questão delicada

A ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE PARIS, cansada de discutir os áridos e antipáticos assuntos judiciais, que de ordinário lhe cativam e prendem a atenção, propôs, para ser esclarecida, a seguinte delicadíssima questão de política conjugal: *Se ao homem assiste ou não o direito de abrir as cartas que sua mulher recebe.*

Depois de larga e calorosa discussão, em que de um lado e outro se apresentaram os argumentos mais lógicos e mais concludentes — a verdade tem tão vários aspectos! — o caso é que a maioria foi de opinião que o marido tem realmente o direito de violar a correspondência da esposa, e de saber o que ela trata.

Esta decisão agitou, já se vê, a opinião pública; e a imprensa francesa, sobretudo a imprensa literária, tem se ocupado do assunto, ora revoltando-se contra a sentença dos homens da lei, ora conformando-se com ela e aplaudindo-a francamente.

Não há ninguém que não tenha entrado no debate.

Padres, mulheres, escritores, jornalistas, todos dão o seu voto no assunto, como se este assunto pertencesse à ordem daqueles que podem subordinar-se a uma lei e a uma praxe infalível.

Seja permitido também a uma mulher tratar aqui este ponto delicado e sutil de diplomacia doméstica, e pôr-se denodadamente ao lado dos homens que julgaram ser defeso às mulheres receber cartas que seus maridos não possam muito francamente e muito naturalmente abrir.

Está entendido que, por enquanto, perante os costumes e perante as leis, a mulher *é uma menor*. Não podendo defender-se, não sabendo muitas vezes dirigir-se, ela necessita de um protetor e de um guia.

Portanto, a união conjugal bem entendida, o casamento, que esteja em harmonia com as leis que hoje vigoram e com hábitos que predominam, é aquele que faz do homem o amigo mais terno, o defensor mais cioso, o confidente exclusivo de sua mulher.

Admitir que dela para ele existam segredos, admitir que entre os dois não haja a plena e completa comunidade de pensamento e de sentir, é concorrer para essa triste desorganização da família, de que há ainda por toda a parte tão funestos sintomas.

Que ela exista, paciência! mas que a opinião pública sancione, eis o que é necessário evitar.

Em França o casamento não é como entre nós, uma união íntima apertada, e cerimoniosa.

Imagino que em Portugal ninguém se lembraria de levantar esta questão. Os maridos abrem com toda a sem-cerimônia as cartas das mulheres, sem que elas o notem, e sem que esse fato as ofenda.

Prova-se por isso que em Portugal não possa existir uma correspondência extralegal entre uma mulher casada e um qualquer D. Juan?

Não senhor.

Prova-se apenas que, para que a perfídia e a traição existam, são indispensáveis, como em toda a parte de resto, as máximas precauções e as mais minuciosas cautelas.

Imagine-se porém que se tinha estabelecido como lei que a correspondência da esposa fosse vedada ao olho marital.

Seria por seu turno obedecida essa lei importuna e ilógica, no momento em que o ciúme, a mais tirânica das paixões, se tivesse apossado do coração de um homem?

“Eu desconfio que minha mulher me atraíçoa, pensaria o infeliz — tenho aqui na mão a prova de seu crime, ou talvez o argumento mais claro de sua inocência; a delicadeza social, porém, proíbe-me que abra esta carta!”

Ora adeus! Nem o mais galante, o mais requintado dos cortesãos de outro tempo seria capaz de tão insólita magnanimidade!

Neste ponto, em muitos pontos mesmo, o amor do homem é de um egoísmo brutal! O instinto da posse impera de tal modo no seu organismo, que tudo que está com ele em aberto conflito é lançado por terra e pisado a pés nas horas trágicas de crise.

E no fim de contas, ainda bem que o casamento se não tornou outra vez o que era nas altas classes privilegiadas do século XVII e do século XVIII: — uma associação, em que as suas partes gozavam da máxima liberdade, e que, sem nenhum afeto a comentá-la, tinha apenas em vista a reprodução da raça e a perpetuidade do nome.

A extrema civilização confina às vezes com o estado selvagem. Também nas sombrias florestas do mundo pré-histórico o macho e a fêmea se encontravam fortuitamente para cooperarem pela força do instinto na continuação da raça, que de humana só tinha o nome.

Conquanto se diga e se repita que o mundo moderno é muito imoral, só os que não leem a história, só os que não comparam o passado com o presente continuam a afirmar que a porção de bem hoje existente na terra é inferior à que noutro tempo existia.

Quem lê, quem compra, quem pensa e medita, sabe que a moralidade tem se desenvolvido, que o bem tem criado no mundo raízes tensíssimas que não tinha, alastrando a sua sombra protetora e abrigando nela uma humanidade diversa, mais piedosa, mais fraternal, mais amorável, menos crente e menos forte, porém mais lucidamente compenetrada na ideia do — Dever.

Não falo já dos instintos brandos, que dia a dia vão adquirindo uma preponderância que nunca tiveram; falo até da moralidade na família, que muitos consideram decadente, firmando-se erradamente em fatos lastimáveis, sim, porém excepcionais.

Desnorteia-nos muitas vezes, é verdade, o espetáculo doloroso de fraquezas e de vícios que contradizem todas as noções adquiridas de moralidade e de justiça, e que não deviam coexistir com a civilização aperfeiçoada que apregoamos com orgulho.

Mas se pensarmos no que era o mundo, no tempo em que, nem o ardor da fé cristã, hoje já esmorecido, conseguia domar a violência ingênita e a brutal corrupção do bravo animal humano, havíamos fatalmente de reconhecer que o mundo é melhor hoje do que já foi.

É certo que há dramas dolorosos em que a paixão, rompendo todos os diques, se levanta vitoriosa sobre a moralidade e sobre o dever; é certo que há vícios que parecem irreduzíveis, e cuja vista desola o espírito que os estudar.

Mas não é esse o critério que devemos empregar para saber se a soma do bem diminui ou tem crescido.

Depois, bem se sabe que a extrema publicidade de que hoje tanto se abusa dá vulto e relevo a todas as tristes aberrações morais, que sempre existiram, que sempre existirão, mas que dantes se não sabiam tanto, embora dantes o mal fosse muito mais profundo e muito mais generalizado.

Que o digam os que estavam em posição de estudar de perto as diversas classes sociais, e que tão inauditos horrores revelaram delas!...

Não quero com isto afirmar que sejam mais perfeitos, longe, muito longe disso! Apenas me atrevo timidamente a observar que somos muito melhores do que já fomos.

Não é por um capricho de fantasia otimista que eu cheguei a esta consoladora conclusão, é pelo estudo da história, da história tão povoada de crimes, tão cheia de violências trágicas, de horrores de toda a ordem, de vícios e de corrupções repugnantes; da história, que, aos que *a sabem ler*, revela a laboriosa, a terrível, a atormentada, a enigmática, a heroica ascensão do homem para o bem, para a luz, para a virtude.

Negar este fato demonstrável por tão vitoriosos e irrefutáveis argumentos seria negar a lei do progresso moral e mental da humanidade, a única que está de pé subordinando a si todas as outras.

É pois, em nome dessa crença robusta e sã, que eu condeno os que tentam fazer do casamento uma associação material, a união de dois corpos que o mesmo pensamento não anima e não espiritualiza.

Sempre que a esposa for o que deve ser para se tornar digna deste nome casto e sagrado, ela não pode ter ao coração um sentimento, no espírito uma ideia que não comunique ao seu amado, que é também o seu *senhor*! E quando eu digo o *seu senhor*, não a condeno a um ato de vulgar e abjeta submissão; antes a levanto a uma espécie de culto ideal em que, *voluntariamente*, cônica da sua missão, entre todas sublime, ela abdica de si, fundindo-se noutro ser que livremente escolheu, e no qual o seu coração e a sua consciência repousem numa confiança inefável!

É este o tipo supremo do casamento, tal como a compreensão moderna do dever o permite imaginar.

Bem sei que há poucos homens e poucas mulheres que o realizem; bem sei que raras vezes se estabelece a perfeita harmonia entre dois seres que o acaso uniu, pois que por ora só o acaso preside a este ato da vida humana, o mais sério, o mais sagrado, o mais cheio de responsabilidades futuras. Mas o dever dos que pensam e dos que escrevem é trabalhar para que esse áureo sonho se realize e não cortar de mais obstáculos a estrada difícil que a ele conduz.

Se fosse considerado como natural e legítimo um tal afastamento de relações entre marido e mulher, que nem ao primeiro fosse lícito ler as cartas que à segunda são dirigidas, que frio e árido contrato não seria o casamento!...

Os advogados parisienses tiveram razão. Já basta que o divórcio tenha trazido à raça latina um elemento que discorda de todas as suas tradições e de todos os seus costumes. Não queiram tornar o casamento ainda mais triste, eliminando entre marido e mulher a plena confiança, que é base de toda a ternura.

Que não haja segredos, nem reservas entre as suas criaturas que se reuniram para fazerem juntas a custosa viagem da vida! Poetizemos o amor legítimo, única alegria fecunda e viva que ainda consola o espírito humano de toda a terrível e dolorosa ciência crítica que ele adquiriu, para julgar a vida, e para, apesar de todos os gozos que ele hoje tem, e que não teve dantes, a condenar irrevogavelmente!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, março.

O Paiz, ano 4, quinta-feira, n. 928, p. 2, 21/04/1887

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/3856

52. CARTAS FEMININAS

NOTA-SE QUE ESTAS CARTAS ESCRITAS POR UMA MULHER, para que as mulheres as leiam, não estão fatalmente condenadas a tratarem simples assuntos que os homens tenham por frívolos e pueris.

Eu sou de opinião — e é já velha em mim esta ideia — de que hoje poucos assuntos existem que *não devam* dum certo modo e debaixo dum certo aspecto, interessar as mulheres, quando estas possuam não só aquela ilustração que é a regalia de algumas, mas ao menos aquela curiosidade que é o privilégio de quase todas.

Na compreensão clara e nítida das coisas, tudo está relacionado e ligado por tal forma, que muito obtuso será o espírito que não descubra o fio mais ou menos delicado, mais ou menos sutil, que prende entre si os problemas na aparência mais afastados, e que torna portanto impossível a excessiva especialização dos conhecimentos.

Dizem à mulher, por exemplo — e felizmente devo acrescentar que nem todos lhe dizem esta tolice — dizem à mulher que não tem nada que ver com a ciência, nada que ver com a arte, nada que ver com a política, com a economia das nações, etc., etc., e que as únicas questões que devem absorvê-la são aquelas que incluem desde o governo da sua casa e da sua família!

Mas desgraçados e desastrados conselheiros não sabem porventura VV. SS. que a ciência, a arte, a política, a economia, podem nas suas linhas gerais e nos seus segredos múltiplos, fornecer à mulher os dados precisos de que ela necessita para saber governar-se bem a si e governar bem a sua casa?!

Digam-me [ilegível] recentes e extraordinários estudos de Charcot não devem interessar a mulher! Digam-me se a ciência que estudando o organismo feminino encontrou os dramas da sugestão e os segredos tenebrosos do hipnotismo, não tem para nós um interesse vivo, profundo, apaixonado e palpitante!

Os médicos apresentam por exemplo esta hipótese tremenda! A mulher pode em virtude duma ideia que um estranho lhe sugere, e de que ela se constitui como que o involuntário e inconsciente instrumento, cometer toda a espécie de ações, desde aquelas que a história coroa chamando-lhes heroicidades épicas, até aquelas que a justiça condena chamando-lhes crimes monstruosos.

E ao tempo em que os jornais nos desvendam dia a dia, os dramas cruéis, as tragédias dilacerantes, as peripécias estranhas que a observação patológica traz à superfície da vida, a reserva

imposta ao nosso sexo, proíbe-nos que nos interessemos por este assunto complexo, enorme e vasto!...

Pois eu não farei a vontade à *reserva imposta ao meu sexo* pelos insignificantes do sexo inimigo.

Eu, por mim, interesse-me com este assunto, preocupo-me com este assunto, leio os trabalhos que o explicam, e estremeço quando encaro com as extraordinárias conclusões a que ele me conduz.

Se não querem que a mulher siga, com ansiedade quase dolorosa os resultados desses tremendos estudos, de que pendem tantos problemas que lhe dizem respeito, escondam-nos então o que virem, escondam-nos o que descubrem nas suas observações e nas suas experiências cotidianas, não nos desnorteiem, dando-nos, da responsabilidade e da vontade feminina, uma noção tão contraditória de tudo que até aqui nos tenham pregado e dito!...



A literatura era antigamente um divertimento sem consequências.

Uma pessoa lia o serão, romances em seis volumes, ao cabo dos quais, depois de incidentes admiravelmente inverossímeis, e de uma extravagância deliciosa e impossível, a virtude perseguida tinha o prêmio que durante mil e quinhentas páginas lhe fora prometido em vão, com grande ansiedade das leitoras ingênuas.

É inútil dizer que o Vício e o Crime tinham igualmente um castigo condigno e mais ou menos fantasiado conforme o engenho do justiceiro escritor.

Pobres e ricos gozavam do mesmo modo este gênero de literatura. Os pobres durante as horas em que liam eram tal qual... como se fossem ricos!...

Habitavam com os heróis do livro estupendo, palácios de mármore com escadarias de pórfiro, onde passavam mulheres muito mais belas e homens muito mais majestosos do que a Natureza tem por hábito invariável produzi-los; e achavam nessa diversão poderosa um meio felicíssimo de fugirem por momentos à banal vulgaridade, às tristezas prosaicas e à monótona chateza da sua própria existência.

Os ricos, esses então gostavam imenso de penetrar, pela mão do romancista, ora na trepadeira desses miseráveis, cheios de farrapos e de bons sentimentos, de fome e de belas tiradas evangélicas, ora nas choupanas de colmo desses camponeses que invariavelmente exaltavam com alguma gramática e muito sentimentalismo a *beleza dos campos, a inocência das aldeias, o encanto dos labores rurais!*

Os maridos, já se vê, permitiam esta leitura às suas esposas!

Visto que era falsa, não lhes podia fazer mal nenhum!

E hoje fazem como o Sganarello de Molière mas em bom sentido, *nous avons changé tout cela.*

O drama, o romance fazem parte dos estudos sociais!

A literatura fez-se uma ciência que a arte sobredoi! Tal é mesmo às vezes a precisão dos seus detalhes, o escrúpulo das suas observações, o poder da sua escarpelização anatômica, que pode dizer-se dela, que ultrapassou os limites que a evolução dos conhecimentos humanos lhe estava naturalmente assinalando!

Vê-se pois que a literatura, sendo, como é, este prolongamento das ciências naturais e sociais, não pode conservar-se estranha a nenhum dos problemas da Vida, por mais difíceis, por mais complexos, por menos acessíveis, que sejam!

Como é que a mulher que lê, — e a leitura de romance não foi ainda, que eu saiba, vedada à ociosidade feminina — como é que a mulher, que lê, há de deixar de se interessar pelas graves e momentosas questões que o romance contemporâneo move, trata, elucida, esclarece?!...



Na política, encontramos os mesmos motivos de curiosidade e interesses. Encarada de alto como o meio de dirigir e melhorar as sociedades, encarada mercantilmente como uma função industrial por meio da qual se adquirem honras, considerações, riqueza e poder — em todo o caso ela não pode deixar de prender e cativar a atenção da mulher, pois que esta não ignora que nessa luta à *outrance* em que os mais hábeis e os mais destros andam empenhados, será a sua pequena mão branca e macia quem colherá cobiçosa e ávida as palmas do triunfo.

Talvez seja mesmo esse ramo da atividade masculina aquele em que ela pudesse prestar mais serviços indiretos, levando-lhe a agudeza de seu relance de olhos, a percepção fina e delicada de todas as cambiantes do sentir e do pensar, a graça maleável com que sabe arrancar e surpreender o segredo das preocupações mais absorventes, ou das astúcias mais complicadas, a intuição rápida e clara das coisas, a vivacidade penetrante e maravilhosa de apanhar por todos os lados, os assuntos mais complexos.

Em toda esta longa enumeração dos interesses que nos prendem ao pensamento do homem, e à esfera de todas as suas atividades, note-se que não satisfaço nem uma só das aspirações da mulher *emancipada*, da mulher *doutora*. Que a mulher pense, que a mulher leia, que a mulher se interesse, que seja curiosa de tudo, acho racional, acho legítimo, mas lá que ela aspire à tal transformação social que fará do homem *costureiro* e da mulher *advogada*, isso confesso que chega a exasperar-me.

Dizem que o futuro há de ver essa mudança; nesse caso dou muitas graças a Deus de não ser futuro, visto que isso me dispensa de ter de a presenciar.



E agora que sem renegar nenhum dos meus velhos princípios cada vez mais arraigados e mais firmes, eu preparei o campo a todo o gênero de tagarelice mais ou menos *pedante* — na opinião

dos leitores masculinos — e me sinto autorizada a tratar nestas cartas que chamei *femininas* de assuntos que se relacionem com a arte, com a literatura, com a história, com a política, e mesmo às vezes — uma pessoa sabe lá a que arrojões se pode deixar arrastar! — e mesmo às vezes oh! céus! com a ciência, deixem-me falar-lhes rapidamente da comemoração consagrada pela câmara dos deputados à memória de Fontes Pereira de Mello, comemoração tocante e digna que pode considerar-se uma página gloriosa nos fastos da tribuna portuguesa.

Depois do presidente do conselho ter dito algumas palavras de levantada homenagem à memória do finado estadista português, falaram Pinheiro Chagas e Antonio Candido, o amigo e o adversário do grande morto.

O primeiro teve aquela abundância feliz de imagens e de conceitos, aquela fluência maravilhosa, aquele colorido quente e meridional tão cativante dos nossos auditórios que o tornam popular, admirado, e querido no parlamento. O segundo — que é no dizer de todos o mestre da palavra, e encarnação irradiante do *orador* — juntou à graça austera e pura da sua arte eminentemente moderna de um relevo firme delicado e majestoso, o pensamento amplo, intenso e luminoso, a generosa abdicação de antigas divergências, a doçura enternecida de uma saudade de artista.

Ficará para sempre lembrada por todos que a ouvirem a evocação extraordinária que ele fez da personalidade de Fontes.

A triste sala de São Bento costumada aos áridos e mesquinhos debates em que a luta pequena das intrigas e a política comezinha dos campanários se agitam esterilmente, teve um momento em que a verdade triunfante e a soberba arte invencível e eterna, se vingaram das torturas a que ali são perpetuamente condenadas.

Fontes o grande parlamentar, o ministro de tanta energia criadora, o homem que imprimiu a Portugal o impulso que hoje o leva à conquista da civilização moderna no que ela tem de mais largo e de mais belo, merecia da câmara portuguesa essa homenagem de supremo respeito.

Houve um instante em que a diferença de partidos desapareceu ficando apenas em cada membro do parlamento um português.

E a pátria deveu muito ao seu estadista extinto para que diante da memória dele não sejam justas todas as apoteoses, justos todos os preitos.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, abril.

P.S. — Chega-me um jornal do Brasil com uma carta dirigida a mim por uma filha talentosa e distinta desse império. Com que enternecida gratidão a li! Como é doce ao meu coração ver-me compreendida e amada por tantas almas justas e boas que daí me escrevem!

O Paiz, ano 4, quarta-feira, n. 955, p. 2 e 3, 18/05/1887
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/2567

53. CARTAS FEMININAS

O NOSSO MUNDO POLÍTICO, QUE É PEQUENO, se o considerarmos absolutamente, mas que é grande, visto que absorve toda a vitalidade e toda a ação deste país tão mal orientado e tão imbuído de ideias falsas, acaba de ser fundamente sacudido e agitado por um acontecimento, único no seu gênero, e que tem tido eco em toda a imprensa europeia.

Os leitores do *Paiz* sabem qual foi esse acontecimento.

Não venho, pois, explicar-lhes de novo as tristes e lamentáveis minudências que o caracterizam.

Como mulher, parece à primeira vista que me devia conservar estranha a toda a agitação deplorável que dele derivou; no entanto, eu já disse e tenho provado com a pena, mais de uma vez, que não aceito essa lei injusta que isola a mulher dos interesses e dos conflitos de que o seu país é o teatro ou é a vítima.

Se não pretendo ser chamada a intervir diretamente nas lutas masculinas, não posso deixar de interessar-me pelas consequências que elas porventura tenham, e pela influência que elas exerçam no meio social de que faço parte e no qual o meu filho encontrará mais tarde o campo hostil ou propício da sua ação varonil.

Como traço de costumes, como documento psicológico de um estado social, com sintoma de uma indisciplina perigosa aos espíritos e às consciências é que o fato aparece aos meus olhos. Não me importa absolutamente para nada com os nomes individuais que nele figurem; dispo-o de toda a aparência que ele tem de uma luta entre duas pessoas, de um conflito entre dois temperamentos. Aceito apenas, como todo o moralista tem obrigação de aceitar, os fenômenos de que é testemunha presencial.

O meu sexo neste ponto auxilia maravilhosamente o meu intento. Não pertencendo a nenhuma seita política, não fazendo parte de nenhuma *coterie* especial, não tendo *partido* que me anule a liberdade do meu juízo, e a completa independência do meu critério moral, posso julgar o *caso* em si, sem que me perturbe ou me ofusque a vista qualquer consideração de interesse ou de coerência partidária.

É simplesmente por esse motivo que é ótima e incomparavelmente superior a posição que ocupo.

A primeira impressão que o triste fato produziu em todo o país foi uma impressão de surpresa melancólica!

Compreendeu-se à luz dum súbito relâmpago, lívido e sinistro como poucos, que aquele deplorável acontecimento era o resultado de causas em que todos mais ou menos tinham imprudentemente e loucamente colaborado.

Percebeu-se que a última quadra do nosso viver constitucional tem sido de perfeito desnorteamento e de perfeita anarquia, tanto nos espíritos como nas consciências!

À força de dizermos mal uns dos outros numa sofreguidão de escândalo inaudita e criminosa, desprestigiamos todas as autoridades, quer as que são representadas por princípios; destruímos todos os prestígios; derrubamos todas as realezas; quebramos todas as peias, mesmo aquelas que a própria dignidade impõe; revolucionamos todas as leis, mesmo as leis da disciplina mental e moral, as que nunca se atraçoam nem se desprezam sem que a tremenda expiação siga de perto o tremendo delito.



Há certos atos que só por si são sugestivos de toda uma ordem de ideias sem a qual eles não seriam possíveis! O ato de que o parlamento português foi teatro é um deles.

O que é que nós fazemos há perto de meio século senão preparar a anarquia completa a que estamos presentemente assistindo?

A ideia de *liberdade* apareceu-nos sob um aspecto que ela não tem para nenhuma outra raça e nenhuma outra nação. Liberdade para nós significa desde muito a faculdade e a possibilidade de fazermos tudo que nos venha à cabeça.

Ora, como a nossa cabeça de visionários e de meridionais nunca foi recomendável nem pela reflexão nem pela sensatez das resoluções — e como é lei fatal de todas as coisas que o abismo chame o abismo, e que a desordem desenvolva e amplie a desordem — nós, depois dum caminhar bastante rápido e bastante fantasiado, chegamos ao ponto... que eu não pretendo esclarecer mais diante da leitora!

É debalde que tentaríamos agora retroceder!

Nestes cinquenta anos têm se educado duas gerações de indisciplinados e de insofridos! E, se outra prova mais alta e mais infalível não tivéssemos disso, bastaria o modo por que o lamentável conflito da câmara dos deputados tem sido explorado largamente pelos senhores políticos.

Em toda a parte os políticos estão constituindo uma raça à parte, muito célebre pela variedade e argúcia dos seus membros, pela força estratégica das suas intrigas, pelo poder terrível e inextricável das meadas que tecem e dos maquinismos que põem em movimento.

Em Portugal, porém, os *políticos* são a nação inteira!

Nos outros países, faz-se indústria, faz-se arte, faz-se ciência, faz-se comércio, faz-se convívio social elegante e luxuoso; em Portugal não se faz nada disto, *faz-se apenas política*.

Não há meio algum da gente se desprender desta rede emaranhada, de se furtar a esta influência esterilizadora.

A política não é um meio de governar e de civilizar os homens, não é um instrumento de progresso manejado apenas pelas mãos que sabem e podem servir-se dele.

Não, senhores. A política é um modo de vida!

E como é o *único* que rende alguma coisa, e como cada homem tem mulher, tem filhos, tem vícios, enfim... Cada homem é político desde que sai da escola até que entra na sepultura!

Desde os guardas noturnos até os conselheiros de Estado, desde os serventes de uma secretaria até o seu diretor geral, desde o regedor até o par do Reino, desde o *fiel de feitos* até o desembargador, desde o escrivão até o ministro — toda a gente vive, respira, alimenta-se, existe unicamente pela política!

A política é o motor único que faz marchar esta máquina de fazer eleições e desfazer eleições.

Todos os interesses se concentram na política; não há engenheiros, não há sábios, não há filósofos, não há artistas, não há industriais, não há escritores, não há banqueiros: há *políticos*!

O político desdobra-se em outra entidade subordinada à primeira; mas, se ele for qualquer coisa antes de ser político, surpreende-se um belo dia a não ser absolutamente nada! Um zero social, de que ninguém faz caso, e com o qual ninguém conta!

Calculem-se as influências várias, complexas, multiformes, que naturalmente determinam este estado mental e social de um país, e que têm, sem procurar mais longe, todos os males que nos flagelam, que nos inutilizam, que nos levam fatalmente a um abismo aberto e impossível de evitar!



E não se julgue a absorção de todos os entendimentos e de todas as vontades pela ideia e pelo fato da política ser apenas um defeito das principais cidades do reino, como Lisboa e Porto.

Pelo contrário.

As pequenas terras ainda se sentem mais possuídas deste demônio interior que as enlouquece, abrasa e consome!

Há povoaçãozinha de província em que cada habitante constitui um partido, e vive em bulha eterna e terrível com todos os outros habitantes, quero dizer, com todos os outros partidos!

Ainda a política dos grandes centros explica-se pela cobiça indômita e selvagem que atira o homem de hoje ao que lhe dá mais lucro, ao que pode proporcionar-lhe mais gozos! Mas lá a política das pequenas terras, não a percebo e não a posso explicar senão por vício de raça, que se tem desenvolvido funestamente e que contaminou todo o corpo da nação.

Dizem que o *phyloxera* destruiu a nossa principal riqueza. Oh! eu o acho bem mais destruidor e bem mais funesto este *phyloxera* das consciências, que as murcha, que as esteriliza, que as seca, sem que processo algum de saneamento moral torne a restituí-las à saúde antiga!

Que de belos talentos, quantas vontades de uma tenacidade invencível, que espíritos fluentíssimos, que altos entendimentos, quantos cérebros em que as ideias se elaboram sem esforço, de que elas irrompem numa eflorescência viçosa e nativa, eu não tenho visto imolados à mesquinha política de intriga e de egoísmo reles, que predomina neste país condenado aos abortamentos trágicos!...



Arranquem o homem a esta obsessão que o mutila, rasguem novos horizontes diante do olhar dos mais privilegiados, transformem a política, dum meio pequenino num grande e heroico fim, ensinem ao homem as eternas e sublimes leis da abnegação e do sacrifício, e verão se este país continua a ser o cenário da mais indigna e desmoralizadora comédia! Mas... quem é que há de fazer o que eu escrevi há pouco!...

A geração que principia a manifestar o seu pensamento e a sua vontade é mais insofrida, mais cobiçosa, mais sedenta de luxo, de gozos, de grandezas e de vaidades satisfeitas do que a geração que ainda nos dirige!...

E em toda a parte deste velho e gasto mundo o homem desnorteado e ébrio de orgulho intenta escalar o céu, donde será sem dúvida precipitado por qualquer catástrofe desconhecida e inédita até hoje!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, maio de 1887.

O Paiz, ano 4, terça-feira, n. 1003, p. 2, 05/07/1887

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4148

54. CARTAS FEMININAS

O GRANDE ACONTECIMENTO, NÃO SÓ DA SEMANA, mas até do mês em que escrevo, foi incontestavelmente esta cerimônia que fez sensação em toda a Europa e que se chama o jubileu da rainha Vitória.

Falemos, pois, também, minhas queridas leitoras, no jubileu da rainha Vitória.

No fim de contas, na sua qualidade de mulher uma rainha interessa-nos a todas nós!

E é mesmo singular esta circunstância que se dá com o nosso sexo. Uma mulher não pode ser nada; nem sequer é admitida em juízo como fiadora de uma pequena quantia. O mundo oficial é-lhe inteiramente vedado. Somente há uma coisa que lhe permitem ser de vez em quando.

Sabem o que é? Nada mais e nada menos do que rainha!

Consente-se-lhe mesmo que seja uma ótima e grande rainha, porque dentre as poucas mulheres que têm reinado, rara é aquela que não tenha bem merecido da civilização, da pátria ou da humanidade.

Outro tanto se não pode dizer dos reis.

Catarina da Rússia foi um *grande homem*; Maria Teresa de Áustria foi um grande rei; Isabel de Inglaterra foi um grande político, e Vitória tem sido durante os cinquenta anos do seu reinado o ideal dos monarcas constitucionais, quer dizer a rainha que reina e não governa, que assiste atenta e benévola à expansão impetuosa, enorme, irresistível das forças vivas de uma raça, sem obstar nunca — de modo direto pela sua ação sobre os partidos, de modo indireto pela sua proteção dada a certas ideias — a que essas forças se expandam, a que essas faculdades ingêntas se desenvolvam, a que o temperamento da nação a que preside atinja o máximo grau de energia e de vigor a que lhe é dado aspirar.

É neste sentido que a rainha de Inglaterra tem sido deveras notável, que o seu nome será grande na História.

É pela identificação íntima e perfeita, realizada entre a sua vontade e os seus atos de soberana, e o gênio vigoroso indômito, egoísta e absorvente da raça anglo-saxônica, que ela merece realmente o triunfo extraordinário e colossal com que a Inglaterra, unindo-se num só desejo, saúda entusiasticamente, na ebriedade da sua própria grandeza, o cinquentenário de reinado da alta *gracious queen*.

Há um não sei quê de estranho e de esmagador nesta festa grandiosa e pesada também, como o próprio espírito da Inglaterra; nesta festa, em que o presente e o passado se entrelaçam numa apoteose única, em que o Oriente mais remoto, velho e eternamente infantil se associa à civilizada

e desdenhosa Europa, para consagrarem a mesma grandeza, para se renderem perante o mesmo poder!

Todas as pompas tradicionais da velha Inglaterra revivem nesta solenidade inteiramente moderna, e só este fato que parece talvez insignificante e incaracterístico, nos revela todo o segredo da grandeza até hoje invencível da moderna Cartago.

Ela não destrói, acrescenta; não derruba as suas velhas instituições, amplia-as, modifica-as, faz com que o ar moderno as penetre e purifique de todos os lados.

As leis inglesas, por exemplo, essas leis à sombra das quais a raça anglo-saxônica tem podido conquistar para si e para o mundo todas as liberdades, adquirir todas as regalias, expandir-se em todos os sentidos, realizar as mais decisivas resoluções, as reformas mais humanas e mais belas, essas leis são sempre as velhas leis de outro tempo, modificadas sim mas não destruídas, ampliadas mas não criadas modernamente.

A tradição impera fortemente, salutarmente neste país, ao qual a humanidade deve a iniciativa de todo o progresso, a ideia primordial de toda a liberdade moderna.

O entusiasmo pelo presente e até a aspiração, por mais ardente que seja, a um futuro melhor, não excluem nesta raça resistente e profunda o amor ao passado, a religião de todas as tradições queridas, o respeito a todas as antigas usanças familiares e nacionais.

É esta a sua virtude fundamental, aquela de que derivam todas as outras, a que tem mantido a Inglaterra firme, unida, invulnerável, como um rochedo no meio do oceano, neste mar batido e proceloso das modernas instituições e das modernas ideias que ora se fazem, ora se desfazem em torno de nós.



Pessoalmente a rainha Vitória não é uma grande mulher como foi Isabel, como foi Catarina, como foi Maria Teresa. É uma pessoa sensata, virtuosa, cheia de mérito, sem contudo ser um grande espírito que paire de alto sobre as coisas e que as penetre dominando-as.

Os cinquenta anos do seu reinado todavia são incontestavelmente dos mais gloriosos para a Inglaterra; é extraordinário o que essa nação tem feito nesta metade de século, e a compreensão correta e digna que a rainha sempre teve dos deveres de uma soberana constitucional, concorreu sem dúvida para que o sonho colossal da raça inglesa se realizasse com tão soberbo e fulgurante esplendor, sem encontrar obstáculos internos que o dificultassem.

Por isso, saudando Vitória, o que eles saúdam — os orgulhosos insulares — é o talento e a habilidade dos seus estadistas, é a pertinência e a energia dos seus colonos, é a ambição terrível dos seus mercadores, é o temperamento valente até a heroicidade da sua raça vencedora!

Que enorme multidão de grandes entendimentos colaboraram para fazer da Inglaterra deste meio século a nação mais poderosa, a nação mais empreendedora, a nação mais feliz de toda a Europa!...

Na política, nas ciências, na literatura, na indústria, no comércio, em tudo, menos na arte — que de culminâncias intelectuais o nosso olhar não descobre em volta desse trono, donde uma mulher silenciosa e quieta olha serenamente, não obstante a coisa alguma, mas, no fim de contas, não fazendo também coisa alguma, que possa apontar-se como um ato de grande iniciativa individual.

E não estará mesmo neste fato característico da Inglaterra o melhor elogio que possa fazer-se a esta nação excepcional?

E tão bem combinada e organizada se acha desde séculos esta máquina monstruosamente vasta, que o brando impulso de uma mão feminina basta a fazê-la mover-se com a força vertiginosa que corresponde à sua grandeza incomparável.

A Inglaterra tem em si própria tudo que necessita para o desenvolvimento harmônico das suas energias complexas. Dentro das suas leis caem todas as liberdades, movem-se à vontade todos os interesses, circulam todas as ideias, travam-se todas as lutas, ainda as mais ásperas e violentas.

A realeza na Inglaterra é um símbolo. Símbolo respeitado universalmente, símbolo indispensável se quiserem, mas símbolo apenas!

E se não, lembrem-se desta circunstância extraordinária, e noutra qualquer nação inteiramente impossível.

Enquanto a Inglaterra sustentava com a França Napoleônica o duelo enorme que trouxe o mundo apaixonado, palpitante e sangrento durante tantos anos, esse duelo em que ela venceu e donde saiu mais forte mil vezes do que tinha sido até ali, houve períodos longos, em que um rei demente se assentava no trono da Grã-Bretanha, sustentado por Pitt.

Imagine-se noutro qualquer país a guerra de partido, a luta de facções insofridas que esse interregno despertaria!



Deixando, porém, de considerar a rainha Vitória no seu papel oficial, vejamo-la simplesmente como esposa e como mulher!

Nessa esfera, acessível a todos nós, é que o prestígio de Vitória é verdadeiramente ideal!...

Não há coração de esposa que exceda em fidelidade e em pureza o coração dessa mulher, que a morte do seu amado encerrou para sempre num túmulo, onde nem logra chegar o eco das alegrias efêmeras deste mundo!

Que importam todas as glórias e todas as grandezas a quem conheceu a glória sem mancha, a grandeza sem limite de um amor verdadeiro e grande e sentido e fiel e as viu submergirem-se no abismo sem fundo, onde caem eternamente e incessantemente as pobres ilusões da nossa vida transitória?!...

Todas esquecem, é verdade, somente — e é essa para mim a verdadeira grandeza da imperatriz das Índias! — somente ela não pode nem soube esquecer!

Encerrada na sua dor sem consolo, que de tudo a isolou, menos dos seus pesados deveres, ela lembra uma daquelas doces princesas das lendas medievais, chorando eternamente na sua torre solitária, o guerreiro muito amado que nunca mais voltou...

A doçura submissa e fiel da mulher do norte, da mulher que se dá para nunca mais se reaver, que se entrega não pedindo em troca do dono absoluto de si mesma senão a faculdade divina de amar sempre na religiosidade de um culto, no voluptuoso abandono de uma imolação — essa virtude adorável que envolve em luz opalina as doces figuras da poesia céltica e as criações ideais da musa shakespeariana, adquire nesta mulher que o mundo admira, sentada no seu trono imperial rutilante de pedrarias asiáticas, um encanto particularmente penetrante, uma graça enternecedora e delicada, que arranca lágrimas!

E, enquanto aclamada pela voz retumbante dos seus tremendos couraçados e pelos *hurrahs* frenéticos do seu povo ébrio de orgulho e de... *gin*, a rainha triunfante passa, escoltada por um cortejo de príncipes europeus e de príncipes orientais em cujos uniformes e condecorações fulgurantes, em cujos vestidos cravejados de pérolas de rubis e de safiras o sol — um sol de junho glorioso e criador — acende rútilas cintilações de faíscas prismáticas — eu, uma pobre mulher obscura, nascida neste canto do mundo em que o seu poder de rainha tantas vezes se tem feito cruelmente sentir, eu saúdo-a de longe, docemente enternecida, porque no meio do seu poder colossal ela soube o que eram lágrimas, porque, no meio de sua grandeza ela tem um coração que vibra e sofre, porque, amando muito e sendo muito amada, ela soube conservar vivo e fiel o culto inefável daquele a quem amou!...

E na rainha triunfante eu vejo apenas a mulher saudosa e inconsolada!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, junho, 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1024, pp. 2 e 3, terça-feira, 26/07/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4232

55. CARTAS FEMININAS

NÃO PODENDO IR VER REPRESENTAR *FRANCILLON* AO TEATRO FRANCÊS, o que deve ser realmente um dos prazeres mais requintados da inteligência, que uma pessoa possa conhecer neste ano do Senhor de 1887, determinei-me a ler o drama do eminente *moralista* que se chama Alexandre Dumas.

E em vez de uma, li-o duas vezes, do que me não arrependo absolutamente nada.

É muito de propósito que eu chamo moralista ao dramaturgo, que para tanta gente ignorante e superficialíssima no juízo que forma, tem foros de imoral.

Não há de veras problema algum dos que mais fortemente interessam o sentimento e a consciência do homem moderno, que ele não tenha posto diante do nosso olhar, com uma resolução, uma coragem, uma probidade, dignas da admiração mais profunda. Não dizes que esses problemas ele os tenha podido resolver, mas quem é que no fim de contas os resolveu ainda?

Onde está o homem, como célula do vasto organismo social, aí está também o eterno combate interior entre a sua vontade e o seu dever, entre o seu impulso e a lei que o modera ou contraria.

Só o cristianismo, na sua fase de triunfo incontestado, pôde acalmar esse terrível embate, mas pela anulação do indivíduo, pela subordinação silenciosa da consciência, pela obediência incondicional às regras austeras e definitivamente expressas de uma lei implacável!

Logo que cada homem se arrogou o direito de julgar o seu próprio destino, o combate recomeçou mais encarniçado e mais tremendo.

As misérias morais que nos cercam, quem é que as não percebe? Somente o modo de as curar é que não foi descoberto ainda.

O mundo moderno, tão complicado e tão desnorteado, tornou mais impossível do que nunca a felicidade humana.

Na sua indisciplina cada vez mais acentuada e mais anárquica, o homem só quer *gozar*, sem perceber que o gozo desordenado de cada um se compra sempre à custa do equilíbrio de todos.

As perturbações que o exagerado desenvolvimento do egoísmo produziram na civilização moderna, ninguém as sabe ver com mais frisante e nítida clareza do que Alexandre Dumas.

Ele resolveu-as muitas vezes a seu modo, e nesse campo é raro que eu consiga segui-lo, a não ser com a admiração do meu espírito pela agudeza extraordinária do seu.

Mas enquanto se trata apenas de pôr a questão, de apresentar o problema, de figurar a hipótese, de frisar a irreduzível fatalidade, ninguém é mais penetrante, mais compreensível, mais exato e mais finamente observador.

Sem querer lançar agora um relance de olhos retrospectivo ao teatro, já tão vasto, do grande dramaturgo, limitar-me-ei a falar às leitoras desta última peça intitulada *Francillon*.

Não é como a maior parte das comédias de Dumas, como a *Denise*, como a *La Femme de Claude*, como a *La Princesse de Bagdad*, *une pièce à these*, mas a tese lá se encontra do mesmo modo, admiravelmente disfarçada pelo estilo cintilante, com reflexos de aço fino, com irisações de opala, e com faíscas diamantinas, que caracteriza e singulariza tão extraordinariamente as peças de Dumas.

Todo o mundo tem tratado do adultério da mulher. Comédias, dramas, tragédias, romances, contos, novelas, dissertações de moral, tudo por assim dizer que se tem modernamente feito em literatura, tem por base principal a culpa da mulher.

E a culpa do homem? quem é que se ocupa dela? quem é que tratou de a descrever com os seus mil detalhes ignóbeis? quem é que profundou as misérias e as desgraças, as catástrofes sem conta de que ele tem sido origem?

Leis feitas por homens, livros escritos por homens, costumes determinados por homens, cobrem igualmente com a mesma capa de indulgência os crimes deste gênero, perpetrados por homens!

E no entanto, salvo exceções, que se explicam pela fatalidade hereditária de que os homens foram também quase sempre a causa remota, ou pela educação errada, ou pelo desamparo mental em que a mulher foi lançada, é raro que dela provenha o primeiro gérmen do que depois se faz desgraça e crime.

Francillon é moça, é bonita, casou-se por amor com um homem que reunia todas as condições de nobreza, de fortuna, de educação e de honra, que constituem o chamado *bom partido*. Ela por sua parte levou-lhe igual fortuna, igual nobreza, e alguma coisa de precioso e puro, que se chama a virgindade de um coração na virgindade de um corpo.

Dois anos depois *Francillon* percebe que seu marido de quem ela tem sido a fanática amante, cujo filho ela tem criado com o sangue de suas veias, transformado no leite dos seus seios, cuja vontade é a sua lei, cujo sorriso é o seu sol, cuja palavra é a sua lição — e desgraçadamente lição péssima — *Francillon* percebe que seu marido tem uma amante, por quem a desdenha, por quem a abandonou, por quem a condena aos dias melancólicos e às solitárias noites.

Luciano, o marido, ama no fundo sua mulher. Ama-a como se ama a um móvel de preço, que se possui e que não quer ceder a ninguém; ama-a como um pequenino animal doméstico cuja gentileza e cuja graça nos entretém e diverte nas horas vagas.

Ser-lhe fiel?... Qual é o homem que neste tempo e nesta sociedade finamente corrupta, amavelmente apodrecida, é fiel à sua mulher? Em nome de que princípio eterno, em nome de que lei absoluta há de existir essa fidelidade verdadeiramente lendária?

Em nome da religião? Mas o primeiro *chic* do homem do mundo é ser cético! Em nome da moral? Mas a moral é feita para os nossos subordinados e não para nenhum de nós! Em nome do amor puro, da felicidade doméstica, da família respeitada e sã? Mas tudo isso são declamações retóricas, que todos usam quando lhes é preciso, mas que ninguém segue na hora em que fala a paixão exigente, egoísta, dominadora e triunfante!

Luciano, portanto, entende que se pode permitir ser infiel à mulher sem que ela tenha o direito de lhe ser infiel a ele; que pode abandoná-la sem que ela tenha o direito de o abandonar; que pode sair de casa a desoras, sem que ela tenha o direito de o seguir.

Francillon não o entende assim, eis o drama!

Agora um parêntesis meu.

É fora de dúvida que a culpa do marido não autoriza nem justifica a culpa da mulher, que a degradação do esposo, antes deve servir de preservativo que de estímulo à degradação da sua infeliz companheira. Que nunca se falta à lei moral que subordina e restringe os nossos caprichos e as nossas aspirações desordenadas, sem que essa violação traga consigo o mais duro dos castigos, a mais áspera e cruel das expiações.

Podem, porém, todos dizer isto, pregar isto, provar isto: todos, menos o homem que pelo seu exemplo funesto lançar a má semente no ânimo de sua mulher; todos, menos aquele que pelo seu capricho bestial e vil levar a anarquia, o desequilíbrio e a perturbação ao lar doméstico, que só pode manter-se harmonioso e puro, pela virtude austera e pela dignidade imaculada dos dois seres que se houverem associado para o fundarem.

A religião tem direito para fulminar a mulher culpada que seguir o exemplo do marido criminoso; a moral tem direito de a condenar; a sociedade tem direito de lhe lançar à cara o seu desprezo; os filhos mesmo — e é esse o último e o mais tremendo castigo que a espera — os filhos mesmo têm direito de se afastarem dela sem um olhar de amor, sem uma lágrima de piedade!

Todos podem esmagá-la — menos o homem que a traiu quando ela era inocente e pura!

Ela pode e deve corar e baixar os olhos diante do mundo inteiro, não excetuando mesmo o cúmplice da sua renúncia a todo o bem, da sua abdicação de toda a dignidade.

Só diante de alguém ela tem a possibilidade de conservar-se altiva, desdenhosa e desprezadora! — é diante do homem que lhe ensinou como é que se mente, como é que se atraiçoa, como é que se dissolve a família, como é que se atira ao abismo com a dignidade e com o pundonor!

Alexandre Dumas não quis que a sua *Francillon* caísse irremediavelmente perdida. Ela diz ao marido que o seguiu, que o imitou, que fez tudo quanto ele tinha feito.

Felizmente, não é verdadeira esta confissão, e *Francillon* parou a tempo, retrocedeu na orla do abismo, lembrada ainda dos conselhos que sua mãe lhe dera.

O marido, que sofrera até ali como um louco, reconhecendo tudo que por sua culpa havia perdido, percebe ao reconquistar a felicidade desaparecida, o valor real e enorme que ela tinha; e o espectador ou o leitor ficam na consoladora esperança de que a lição aproveitasse e de que *Francillon* nunca mais será traída!

Adorável comédia, escrita com uma verve endiabrada e única, com um espírito que espuma como o *champagne*, que fuzila e brilha e relampagueia e se desfaz em centelhas multicores, como os fogos de Bengala, que penetra como o estilete, que corta como um escalpelo, que deslumbra como um esplendor! mas comédia adorável que nada remedeia, que nada prova e que nada ensina!...

O homem continuará na sua inconsciência de animal cobiçoso e bravio, a trair a mulher que ama por todas as mulheres que lhe são indiferentes.

A mulher continuará a resignar-se como as santas ou como as inertes, a revoltar-se como as rebeldes ou como as violentas; a sofrer como as amantes dolorosas atravessadas pelas sete espadas da Paixão.

A felicidade pelo amor continuará a ser o sonho impossível, a aspiração vedada sempre, o paraíso entrevisto e nunca alcançado, a quimera eterna em nome da qual tanto se tem padecido, ansiado, soluçado angustiosamente, e a eterna miséria do desejo humano, insaciável ou bestial, criminoso ou divino, continuará a regar de sangue e a embeber de lágrimas esta terra tão triste que habitamos — talvez exilados desse mundo melhor donde viemos, talvez sonhadores dum mundo mais perfeito para onde nunca iremos.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Maio de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1045, p. 2, terça-feira, 16/08/1887.
http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4316

56. CARTAS FEMININAS

UMA DAS FACES MAIS SIMPÁTICAS QUE A CARIDADE INDIVIDUAL tem nitidamente assumido, em quase todo o mundo civilizado, é o respeito dolorido e o enternecimento piedoso e fraternal por essa doença, tantos séculos desprezada, chamada a loucura.

É muito moderno este aspecto da piedade humana, e ele provém da importância e do alcance dos estudos que o nosso tempo tem feito acerca da patologia cerebral.

Ainda que as ideias puramente científicas nunca venham a vulgarizar-se nem a tornar-se geralmente conhecidas, elas exercem ainda assim uma influência grande até nos ignorantes.

Pouco a pouco elas preparam a atmosfera em que o espírito do vulgo respira. A luz vem de muito longe, bem sei, mas por isso não deixa de ser luz. Também há astros no espaço de que só depois de séculos de existência nós avistamos os raios luminosos.

A loucura foi por larguíssimos séculos considerada uma degradação do ser humano; hoje a ciência fez ver que ela é uma das mil doenças que afligem a vida. Mais sagrada do que nenhuma outra, visto que afeta a parte mais nobre do organismo, mais digna de simpatia e de piedade, porque separa aquele que a sofre do resto dos seus semelhantes, ela merece um cuidado especial, e sugere em nós pensamentos da ordem mais elevada e mais complexa.

O perfeito e impecável equilíbrio das faculdades mentais não existe na humanidade; não há um único ser em todo o mundo que pense sempre em harmonia com as leis ideais da razão. Em cada um de nós existe, mais ou menos disfarçado, o *grão da loucura* de que fala o sábio antigo. Por que havemos pois de ter um orgulho criminoso em frente dos nossos irmãos desgraçados, em que esse *grão de loucura* germinou funestamente, inundando-lhes todo o cérebro de venenosas florescências?

Ultimamente publicou-se no Porto um *Relatório* sobre este assunto, feito pelo distinto alienista o dr. António Maria de Senna, referindo-se à administração e ao serviço médico do *Hospital do Conde de Ferreira*, que ele superiormente dirige.

Este *Relatório*, que eu li com a mais profunda atenção e a mais viva simpatia, representa, além de profundos conhecimentos especiais, que eu, na minha qualidade de profana, me não atrevo a julgar, uma tal aspiração de justiça, um tal amor da humanidade, um sentimento tão vivo e tão penetrante das responsabilidades e dos deveres sociais, que eu senti verdadeiro orgulho em que ele fosse escrito por um compatriota meu, embora desgraçadamente tenha a convicção de que nem por isso ele há de exercer influência imediata e direta no espírito dos nossos governos.

O que mata este pobre país é a *política*. Tudo que não tenha relação com a política — não com a grande e luminosa política, que transforma os Estados e produz a lenta e segura evolução do progresso, mas com a *política* do mexerico, com a *política* das pequenas intrigas, com a *política* das rivalidades — tudo que não tenha relação com esta espécie de *cozinha constitucional*, tem a sorte inevitável de esquecimento e de desdém.

É a sorte que espera o *Relatório* luminoso e profundamente humano a que me refiro, por isto eu, no limite restritíssimo das minhas forças, protesto contra esse destino, recomendando-o à atenção dos poucos que compreendem a ligação profunda e estreita que prende entre si todos os problemas sociais, morais e científicos de nosso tempo.

No mundo moral, no mundo físico, no mundo social, tudo está relacionado com tudo. A cada causa se subordinam milhares e milhares de efeitos diversos, que nenhum fio visível prende entre si, e que no entretanto estão filiados no mesmo fato longínquo, cuja indireta influência os domina igualmente ou proporcionalmente a todos.

Do resultado de todas as ciências particulares é que se forma a grande ciência universal, em que o homem moderno tem de ir colher a noção clara da sua força, da sua missão, do seu destino.

A ciência, a arte, a virtude, o amor, o trabalho, a força física, a energia fecunda e poderosa das faculdades mentais — tudo concorre igualmente para um fim sagrado e útil: o aperfeiçoamento da espécie humana e a conquista da sua felicidade ideal.

Vendo a vida a esta luz alta e radiosa, a gente reconcilia-se com as agruras que nela encontra, com as lágrimas que nela chora, com as tristezas com que ela nos esgota as esperanças e a seiva!...

Mas que enormes responsabilidades se não desdobram também diante do nosso olhar!...

Como compreende bem que não é digno de viver aquele que não vive para uma ideia grande, para uma causa bela e útil, para um dever supremo, compensado de todos os sacrifícios pela sublimidade de seu fim!...



O dr. Senna chama no seu belo *Relatório* a atenção dos governos para uma lacuna terrível, uma lacuna criminosa que existe na sociedade portuguesa; advoga com a linguagem severa e firme da verdade a causa dos *pariás*, dos miseráveis, dos ilotas que cá existem com todos os requintes de uma civilização extrema; descobre aos nossos olhos desatentos ou distraídos a flagrante injustiça, que, apesar de tanto esforço heroico, de tanto sacrifício grandioso, de tanta luta persistente, se encontra ainda na repartição dos direitos e das garantias sociais.

Depois, descendo destas considerações gerais de tão vasto alcance ao assunto especial e mais restrito que o ocupa, demonstra e prova o abandono a que os loucos são ainda votados entre nós.

Muito mais desgraçados que os facínoras, porque esses têm ao menos o abrigo das cadeias e o seu caldo nauseabundo, há loucos que vagabundeiam miseráveis e grotescos, apalpados, desprezíveis, verdadeiros exemplos da degradação a que o homem pode chegar, quando o abandona a luz do entendimento.

E no entanto não será injustiça essa degradação? não será remediável esse flagelo?

Muito se tem feito no mundo, neste sentido, mas é mister que se faça muito mais. O doido já não é a fera que a Idade Média amordaçava e que até há um século se tratava, mesmo nos hospitais, à pancada brutal dos enfermeiros ignaros.

As doenças do cérebro estão sendo estudadas com o maior cuidado, classificadas com um escrúpulo científico altamente meritório; o doido já não é o *pariá*, começa felizmente a ser o *enfermo*, mas se na maior parte dos espíritos esclarecidos esta noção da loucura se vai desenvolvendo, e vai naturalmente modificando o modo de julgar e tratar esses desgraçados, quanto não há ainda a fazer no sentido de melhorar a sua situação, já de si tão cruel e tão inspiradora da mais íntima piedade!...

Numa conferência admirável sobre estes assuntos de patologia mental, o dr. Ball, um dos mais notáveis especialistas das doenças do cérebro, provou que entre aqueles que são caracterizados de loucos e os que têm uma razão clara e equilibrada, existe uma vasta zona intermediária, a que ele chama as *fronteiras da loucura*, povoada de milhares e milhares de espíritos morbidamente afetados, nas quais a consciência ainda viva, luta triunfantemente, mas dolorosamente, contra as impulsões do alucinação mais desnorteador.

Medonho combate, invisível e trágico, de que nunca se conhecerão os lances mais cruéis, as aberrações mais extravagantes e supliciadoras!

Bastava este pensamento para nos tornar misericordiosos à loucura!...

Não tenhamos demasiado orgulho da segurança e da firmeza da nossa razão!... Quem sabe até que ponto nós podemos confiar nela!

E nas fraquezas ou nas vacilações que existem no âmago de toda a consciência humana, quem sabe ou quem pode definir a parte de responsabilidade que pertence à imperfeição de nosso cérebro e ao desequilíbrio, invisível embora, das nossas faculdades raciocinadoras!



De todas estas noções que de todos os lados e por todos os modos nos acodem acerca da complexidade do nosso ser, da fragilidade da nossa organização, da insuficiência orgânica da nossa

vontade, a lei moral que deve positivamente colher-se é esta: sejamos bons, sejamos indulgentes, sejamos piedosos para todos, e tentemos, no limite das nossas forças, ser severos apenas para nós mesmos.

Deste duplo esforço moral e mental em que, pela crítica inteligente, nós procuremos elevar-nos à compreensão justa das coisas, e pela doçura e pela simpatia melhorar aqueles que nos cercarem, exercendo ao mesmo tempo um domínio rigoroso sobre a nossa própria consciência — deste trabalho feito com amor, com boa-fé e com boa vontade resultará naturalmente um melhoramento progressivo em nós e em torno de nós.

O critério mais justo é sempre o critério mais piedoso!

O homem — antítese eterna que desespera o moralista e o sábio — há de ser como tem sido sempre, um agregador de misérias inevitáveis e de sonhos docemente ideais!

Ele aspira ao bem com o pensamento, e enreda-se no mal a cada passo que dá!

Que os que podem pensar e ensinar o amparem quando ele vacila, e o animem quando ele sonha!

De cada um desses voos no azul, voos que tanta vez têm parecido inúteis, ele volta sempre melhor, com um progresso no espírito, com uma flor na imaginação!

De cada queda levanta-se mais experiente e mais salutarmente humilde, mais resoluto e mais piedoso; duvidando mais da sua força, mais doce e compadecido à fraqueza dos outros...

E a virtude suprema, que salvará o mundo nesta hora de crise em que o vemos tão indeciso e tão triste, será como na hora luminosa em que o Cristo apareceu indulgente e cheio de perdão, a caridade e o amor, a simpatia e a enternecida piedade!

Abençoados os livros, abençoados os escritores que sugerem à nossa alma e ao nosso coração estes pensamentos e estas esperanças pacificadoras!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Junho de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1053, p. 2, quarta-feira, 24/08/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4348

57. CARTAS FEMININAS

DIANTE DO ASSUNTO QUE HÁ CERCA DE DEZ DIAS ABSORVE tão profundamente as atenções públicas, e determina da parte de toda a imprensa periódica uma reação unânime tão acentuada, é difícil guardar a neutralidade e o silêncio.

As mulheres, de resto, têm o pleno direito de se interessar por estas questões de ordem moral.

Trata-se, como os leitores d'*O Paiz* o podem certamente conjecturar, do julgamento do alferes Marinho da Cruz, que, em resultado do depoimento dos médicos alienistas, foi absolvido do assassinato que premeditadamente cometera, e enviado para um hospital de loucos. Não sendo essa ordem da competência do tribunal é fora de dúvida que ele pode sair de lá em pouco tempo.

Este estranho caso sugere uma complexidade extraordinária de reflexões.

É a primeira vez em Portugal que a intervenção das últimas teorias antropológicas e psicológicas formuladas pela ciência tem uma influência direta tão poderosa nas leis instituídas para salvaguarda social.

Portanto, o acontecimento tem produzido uma grande impressão.

Uns revoltam-se contra os médicos, e nesse ponto perpetram uma injustiça grave; outros condenam asperamente os juízes; alguns, decerto os mais imparciais e os mais sensatos, entendem, com razão, que a deficiência da lei e as suas lacunas importantes dão como resultado inevitável este fato lastimoso, e outros que hão de forçosamente seguir-se-lhe.

Um dos nossos defeitos portugueses, mais genuínos e mais característicos, é a facilidade de adaptação, e a tradução pronta nos fatos mais importantes da nossa vida moral e social, política ou literária, de todas as doutrinas mais ou menos proveitosas, de todas as descobertas mais ou menos contestáveis, que de lá fora nos vêm, sem trazerem ainda, já se vê, a chancela definitiva que, de uma teoria que se concebe, faz uma verdade liquidada e verificada, que se registra.

Em França, na Inglaterra, na Alemanha e na Itália, a fisiologia, a antropologia, a filosofia experimental e a moderna escola do *determinismo* chegam nos seus estudos, que nenhuma restrição hoje limita, às conclusões mais subversivas de toda a ordem social hoje existente e de toda a moral hoje estabelecida.

Mas têm se conservado, e conservar-se-ão largo tempo no campo da teoria especulativa, e só muito lentamente, muito dificilmente, por um processo de infiltração gradual, e com uma prudência digna dos altos interesses que movem, irão produzindo na evolução dos costumes e na transformação das leis a sua influência temperada e modificada por mil modos.

De maneira que a revolução completa que o espírito do homem está operando no mundo, far-se-á com a lentidão necessária, para que nela concorram outros elementos indispensáveis que a tornem menos perigosa e menos violenta para a consciência.

Nós, porém, os portugueses, que no fim de contas estudamos pouco, e que no enorme capital dos conhecimentos modernos não entramos decerto com uma só aquisição própria que mereça a pena de mencionar-se, nós que não temos criminalistas, nem sábios, nem revolucionários profundos; e que do mundo físico e do mundo social temos simplesmente a compreensão que estranhos nos deram, somos nós quem nos colocamos na vanguarda dos inovadores mais temerários e mais arrojados e que nos lembramos com uma tranquilidade de consciência, deveras pasmosa, de traduzir em fatos perigosíssimos doutrinas mais perigosas ainda do que eles.

É fora de toda a dúvida que, se o alferes Marinho da Cruz não tivesse assassinado o seu desgraçado condiscípulo, ninguém se lembraria nunca de o considerar um doido.

Era um indivíduo como há muitos, mais perverso de instintos, mais devasso de costumes do que a maioria dos homens, mas estudando, falando, procedendo de modo que não produzia de modo algum nas pessoas do seu conhecimento o pavor irresistível que os loucos inspiram a quem os trata de perto.

Comete um crime cujas circunstâncias atrozes e repugnantes não compete a mim acentuar, e os alienistas declaram que o cometeu na inconsciência da loucura.

Mas endoideceu ele, acaso, na ocasião em que se tornou assassino?

Não; era doido de nascença, diz a ciência, e confirma este juízo tão grave, com uma série de asserções justificativas, que os *profanos* não podem combater, visto a sua ignorância na matéria.

Eu, já se vê que não tenho a pretensão de refutar as teorias dos médicos especiais. Concedo que sejam absolutamente exatas e absolutamente fundadas as provas que eles apresentam; o que não admito porém é que dessas observações restritas, muito recentemente feitas para que se adotem como definitivas e se considerem como infalíveis, se conclua com tanta firmeza pela inocência, ou antes, pela irresponsabilidade do réu.

Meu Deus! O *determinismo* moderno vai mais longe ainda nas suas conclusões terríveis. Ele assevera que não há em nenhum ser humano arbítrio nem vontade; todos são, segundo ele, escravos submissos de circunstâncias que não podem dominar; todos obedecem a leis tirânicas, cuja ação lhes é absolutamente impossível vencer.

Não há um homem que, no dizer desta escola — a mais atual, a mais em voga — seja outra coisa além de um instrumento passivo e dócil nas mãos de uma cega e incombátível fatalidade de circunstâncias.

Ora, imaginemos por um momento o que seria o mundo, se esta doutrina filosófica saísse da esfera especulativa em que prudentemente se conserva, e começasse a exercer a sua influência imediata no sentir dos homens e no viver das sociedades!



Se nós admitirmos em nome da ciência — da cruel ciência esmagadora de todas as generosas utopias — que há criminosos de nascença, tal qual como há corcundas, que há assassinos de vocação, tal qual como há pianistas, a única conclusão lógica e terrível a que isto nos conduz, é ao restabelecimento da pena de morte, abolida em Portugal.

Por que, de que serve a repressão de quem tiver fatalmente, e por uma consequência orgânica do seu temperamento, instintos de malvadez irreprimíveis?

E como se pode, por outro lado, admitir a impunidade daqueles que só pelo fato de existirem, constituem um eterno perigo para a segurança dos indivíduos e para a ordem e moralização das sociedades?

Os juízes, completamente desorientados por uma doutrina que os surpreendia imprevisivelmente, absolveram o criminoso, que a ciência lhes apresentava como irresponsável.

Iludiu-os a piedade do seu coração diante de uma fatalidade para que ninguém lhes indicara o remédio.

Mais implacáveis ou mais lógicos, a solução seria outra: seria a condenação do homem que, segundo lhes diziam os médicos, ali estava diante dos seus olhos, inconsciente e irresponsável talvez, mas em todo o caso perigoso; a condenação que não tivesse em mira uma reabilitação quimérica, nem uma expiação impossível, mas unicamente a sequestração perpétua de um ser pernicioso e feroz, que assassina, como o lobo morde, por um instinto que não sabe nem domar, nem explicar.

Há meses, num trabalho notável sobre a criminalidade, devido à pena autorizada e tão experiente do conde de Haussonville, eu lia esta frase, que os juízes do alferes Marinho da Cruz deviam ter estudado antes de pronunciarem a sua sentença ilógica e perigosa:

“Para uma escola de data recentíssima como é a da antropologia criminal, é realmente uma temeridade singular isto de pretender destruir, em nome de um certo número de observações restritas e contraditórias, o princípio de responsabilidade moral e edificar ao mesmo tempo sobre a base da criminalidade fatal uma teoria de repressão inteiramente nova e subversiva.”



A função de punir, a mais grave, a mais melindrosa que incumbe às sociedades, tem por base e fundamento estas ideias:

Que o castigo, pelo efeito intimidativo que opera, obsta em grande parte à propagação do crime;

Que é necessário sequestrar o criminoso da convivência dos homens, para os quais constitui um perigo sempre ameaçador.

Depois, elevando-se a uma ordem de sentimentos muito mais elevados e muito mais belos, a sociedade inspirou-se da esperança piedosa e reconfortante de que a expiação purifique o criminoso, de que o sofrimento o reabilite, e de que, paga a sua dívida à lei, ele possa ainda fazer parte da coletividade que o puniu, e trazer-lhe o concurso de uma inteligência ou de uma energia aproveitáveis.

Se esta última consideração, a mais generosa, a mais consoladora que o espírito humano possa conceber, não atua infelizmente no ânimo dos juízes com respeito àqueles que a implacável e desoladora ciência moderna condena irrevogavelmente à fatalidade do crime, ficam de pé os outros dois princípios de segurança pública, tão necessários como ela e mais práticos do que ela.

Foi a isto que o júri não atendeu ao apresentarem-lhe o complexo problema, cuja solução dependia do seu veredito.

Os médicos estavam no seu campo, na sua doutrina, na sua lógica das convicções.

O tribunal é que vacilou indeciso em frente de uma teoria a que nenhum precedente o tinha acostumado.

Parece-me contudo que a imprensa tem sido severa em demasia para os que se erraram, foi de boa-fé e num intuito humanitário e piedoso.

A culpa de todos estes casos estupendos, que continuamente se estão dando, não é de ninguém em particular; é de todos, porque é do nosso tempo!

É ele que quer *saber* demais; inovar demais; e que confunde não raro o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso na babilônica desordem de tantas teorias novas e de tantas ideias contraditórias entre si!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Julho de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1079, pp. 2 e 3, segunda-feira, 19/09/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4452

58. CARTAS FEMININAS

UMA DAS CAUSAS QUE ULTIMAMENTE MAIS TÊM PREOCUPADO o espírito dos bons educadores é o exagero da cultura intelectual a que se obriga o cérebro das crianças deste tempo.

Para as mães é deveras terrível este pensamento.

Os nossos filhos são condenados a um tal excesso de trabalho e de estudo, que em vez de se desenvolverem atrofiam-se, em vez de se instruírem degeneram em cretinos.

O processo pelo qual se entendeu que o homem de hoje devia ser educado, vai já manifestando os seus terríveis efeitos.

Salvo exceções felizes, que não constituem regra, a criança, padecendo uma tortura inquisitorial de todos os instantes, tortura a que orgulhosamente chamamos “educação”, ou perde a robustez física, ou perde o senso moral e a dignidade, porque só à força de preguiça e de desleixo é que logra furtar-se aos tormentos que a pedagogia lhe impõe.

Isto não pode continuar assim. Percebe-se que este estado de coisas ou tem de remediar-se, ou se agrava fatalmente, visto que o progresso rápido de todas as ciências aumenta dia a dia, momento a momento, o capital de conhecimentos humanos, que se julga obrigatório para todos os espíritos.



O catolicismo, na sua lógica férrea, decidiu que, sendo o corpo um farrapo miserável, tudo que se fizesse para o deprimir e torturar seria o meio mais seguro de ganhar a bem-aventurança. Compreende-se pois, em vista deste princípio, o desprezo a que durante séculos o corpo e a vida do homem foram votados.

Mas hoje que a compreensão científica da vida é tão diversa, é tão contrária à que a religião da Idade Média proclamou, não se percebe que todos os cuidados do educador atendam à inteligência do discípulo, votando-se ao mais profundo esquecimento as necessidades sagradas de seus organismo físico.

As crianças, dos sete aos dezoito anos, principalmente as crianças do sexo masculino, são verdadeiras mártires!

Quando elas saem do banco dos colégios, do ar represo e viciado dos internatos, para as escolas superiores, vêm enfraquecidas do corpo e do espírito, sem vontade, sem energia e sem cérebro!

Nós não atendemos à gravíssima questão da saúde dos nossos filhos! De cada pequeno ser a quem damos vida, queremos fazer um “sábio”! Eis o motivo por que tantas vezes fazemos simplesmente um idiota!

A separação entre o corpo e o espírito, tão arbitrariamente feita pela metafísica destronada, continua a determinar todo o sistema da educação da infância. Por mais que as ciências naturais, tão adiantadas presentemente, o provem e demonstrem, ninguém, na educação dos filhos, procede como julgando que de um corpo são depende um cérebro vigoroso e um espírito equilibrado.

Pegamos em um pobre entezinho de sete ou oito anos, cheio de vida, necessitando de desenvolver-se pelo movimento quase perpétuo dos seus membros pequeninos, carecendo de ar puro, de luz, de liberdade, de exercícios intelectuais moderados, e obrigamo-lo a estar horas e horas sentado em um banco, curvado sobre uma carteira estudando geografia em um livro, decorando gramática, recitando, como um papagaio, compêndios de falsa história, enferrujando a inteligência, fazendo um trabalho odioso e incompreensível, de que ele sai desesperado, sem forças, detestando o estudo, e sem uma única noção verdadeira, útil e positiva!

Depois acrescentamos a tudo isto, mais tarde, o *surmenage* intelectual mais atrofiador, mais nocivo que pode imaginar-se.

Deste sistema uniforme de educação digam-me, que individualidade destacam!

É raro que os que mais tarde se tornam célebres pelo talento, pela energia, pela originalidade acentuada, não tenham sido os «revoltados» da pedagogia escolar!

Antigamente sabia-se muito menos, havia muito menos programas de ensino, não se falava tanto em ciências e em filosofia; no entanto que belas e originais figuras não destacaram grandiosamente da grande massa anônima!

Hoje todos são mais ou menos sábios e também mais ou menos “mediócras”!



A concorrência, nas suas manifestações mais brutais e mais fratricidas determina este triste estado de coisas! É necessário que todos alcancem o seu lugar, que todos conquistem a sua posição e que cada um lute para vencer a todos!

Há muitas belezas neste estado social, sem dúvida. Mas que de perigos e que de agonias obscuras!

Não é a mim, pobre mulher ignorante, que compete afrontar o remédio para esta dolorosa decadência intelectual que em todo o mundo se está produzindo visivelmente. Creio porém que àqueles a quem pertence dirigir as sociedades e os Estados seria possível modificar os processos da educação moderna, tornando-a mais compatível com a organização pouco robusta do homem dos nossos dias.

Querer dar a cada indivíduo os conhecimentos que a espécie humana tem adquirido em séculos de trabalho — eis a louca pretensão dos nossos programas pedagógicos e universitários!

A bagagem intelectual com que é forçoso que cada pessoa parta para a viagem da vida vai se tornando cada dia mais pesada.

Sem se despendar nenhuma das noções da antiga educação clássica, vai se lhes acrescentando tudo o mais que em ciências naturais, em ciências positivas, em ciências morais, a inteligência coletiva tem adquirido e conquistado.

Ora, como cada dia que passa aumenta numa proporção inverossímil esta soma colossal de riquezas intelectuais, é impossível que a memória humana não faça “bancarrota” ou que o ensino se não transforme, especializando-se e expelindo de si todas as inutilidades que o complicam e o tornam em tantos pontos absurdo!



Enquanto, porém, o espírito das sociedades civilizadas se não abre definitivamente a esta ordem de ideias tão claras e tão necessárias, é bom que nós, as mães, unindo-nos numa santa cruzada, nos oponhamos à escravidão antinatural a que os métodos de educação querem sujeitar os nossos filhos.

Lembremo-nos que só num corpo robusto e bem constituído pode abrigar-se uma energia máscula, uma vontade inquebrável, uma razão equilibrada e sólida. E que é disto principalmente que o homem carece na vida!

As doenças de vontade, de que se queixam eloquentemente os homens do nosso tempo, e cujos dolorosos sintomas transparecem na obra dos artistas mais delicados, mais vibrantes, mais modernos, que a raça latina hoje possui, a que se devem, porventura, senão ao abuso que prematuramente se faz do cérebro infantil?

É tão visível, já na arte, na política, na literatura, na moral, o desastroso efeito desta educação falsíssima, que chega a parecer impossível como todos os espíritos a não percebam e a não combatam!

Há pouco Jules Simon em França fez ouvir a este respeito a sua voz eloquente. Muitos o aplaudiram, algumas vozes isoladas se ergueram, aqui e ali, para acompanharem o eminente professor nas suas conclusões fulminantes; mas por enquanto tudo ficou como antes, e a uma geração derrancada pelo desequilíbrio das funções orgânicas seguir-se-á outra mais derrancada ainda, mais enfraquecida, e menos apta para os duros labores da vida!

Ouçam, porém, as mães que me leem os modestos conselhos de quem é mãe e tem pensado muito e muito nestes graves assuntos.

Não exijam dos seus filhos mais do que razoavelmente eles podem dar. Não queiram “meninos prodígios”, queiram simplesmente crianças fortes, cujo cérebro se vá desenvolvendo gradualmente segundo as leis harmônicas da providente natureza.

Se os seus filhos não tiverem talento não tentem dar-lhes um talento artificial pelo excesso de estudo a que os obrigam.

Mais vale um organismo ponderado do que um espírito *détraqué*; mais vale um bom entendimento modesto e sóbrio do que uma imaginação desregrada num corpo enfraquecido e anêmico!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Julho de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1083, p. 2, sexta-feira, 23/09/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4468

59. CARTAS FEMININAS

LI HOJE UM LIVRO QUE ACABA DE SER PUBLICADO EM PARIS, e que teve aí um verdadeiro sucesso.

Chama-se *L'adorée*, e é escrito por Maizeroy.

É um estudo paciente, minucioso, *vívido* desse sentimento eterno e tão variável, que existe desde que o homem existe, mas que toma em cada época uma forma diferente, e que em cada indivíduo tem uma diversa manifestação.

Este sentimento é o ciúme, mas aqui é o ciúme brutal, o ciúme só físico.

Diz-se que os sentimentos fundamentais do homem são os mesmos desde que a humanidade tem o dom de sentir e de exprimir o que sente!

Que absurdo!

O sentir varia segundo a época, segundo a idade, segundo o grau de civilização, segundo o clima e a latitude!

O ciúme de hoje é bem diverso do ciúme de outras eras! No fundo é a mesma paixão que morde, que alucina, que devasta, que enlouquece, que conduz a todas as aberrações e a todos os crimes. Mas os *modos* por que ela se revela, por que ela exerce na alma a sua ação dominadora e terrível são tão diversos entre si que nem sofrem comparação.

Shakespeare, o grande poeta que evocou todas as paixões e que as fez dizer — em soluços ou em rugidos, em preces ou em blasfêmias, em imprecações ou em lamentos — o segredo do seu íntimo ser — Shakespeare criou Otelo, mas Otelo não é todo o ciúme humano!

L'adorée é o jornal de um marido que adora a mulher, e que tem um dia a certeza que ela imprudentemente, sem intenção de crime definitivo, mas numa despreocupação de *coquetterie* só desculpável no mundo desequilibrado de Paris, aceitou a corte de outro homem e as cartas suplicantes que ele lhe escreveu.

O marido, na fraqueza da sua paixão, imbecil, perdoa à frágil e adorada criatura a sua perversa imprudência e mata em duelo o amigo que tivera a intenção de roubar-lhe a felicidade.

Desde esse momento, porém, para ele tão trágico, toda a felicidade está para sempre aniquilada.

O ciúme entra-lhe no coração e devasta-lho implacavelmente. O ciúme desespera-o e enerva-o, abate-o e desviriliza-o, o ciúme mata-lhe todas as alegrias e acaba por lhe matar a própria dignidade, e por fazer dele um demente, um alucinado eterno, incapaz de qualquer vingança quando mais tarde a mulher o atraiçoa deveras, quando a vingança seria não só uma justiça mas até uma imperiosa necessidade!

É a história deste drama interior lancinante e terrível como todos os dramas verdadeiros que o livro nos conta.

— Mas, dirá a leitora, esse caso desmente a sua asserção de há pouco! Um caso desses pode dar-se em todas as civilizações e em todos os tempos... Um caso desses é de hoje, é de há mil anos, é de amanhã, é de sempre!

Engana-se, minha senhora. O autor não quis contar o *ciúme*! Ele não tem a soberba envergadura dum Shakespeare.

O autor quis contar o ciúme de um homem do mundo, o ciúme dum parisiense, o ciúme dum moderno, dum materialista de instinto, dum homem enfim como os que a extrema e decadente civilização europeia produz.

Não é o homem em luta com o ciúme.

É grandiosa demais essa concepção para um livro deste tempo.

É o produto muito especial de um certo e determinado meio, em conflito com uma paixão também muito particular, que se abriga sob o nome querido de ciúmes, mas que é apenas uma das mil degenerações desse sentimento, eterno como a natureza e como ela multiforme.

De modo que este livro pode ser tomado por falso ou por verdadeiro, conforme a latitude em que for lido.

É verdadeiro, porém, logo que se acentue bem, que ele é a história de um parisiense deste fim de século corrupto e cético como o meio em que nasceu e foi criado.

É a história de um filho desta civilização de decadência, de um requinte tão sutil em todas as suas exterioridades visíveis, e de um tão definitivo retrocesso moral, em tudo que respeita as crenças, os princípios e os sentimentos.

A nossa concepção do mundo tornou-se de tal forma materialista e pagã, que nós a pouco e pouco eliminamos a alma e as suas exigências e as suas aspirações e as suas necessidades! E a alma vinga-se desta mutilação criminosas, pegando às vezes naqueles que a esqueceram e que a tentam destruir e agarrando-os ao poste de uma Dor inconsolável, de uma agonia dilacerante e sem repouso!

No Paris que nós hoje conhecemos, no Paris que é a sede desta civilização, e o seu modelo mais completo, no Paris neurótico e doente, cujo contágio se difunde pelo mundo inteiro, por via dos seus romances, dos seus crimes, da sua concepção da arte e da vida, das suas festas, do seu vício triunfante, é possível, é mesmo vulgaríssimo um amor que dê em resultado este crime, que fez do homem mais apaixonado o escravo mais repugnante.

Portanto o livro é verdadeiro, e como sintoma duma degeneração sentimental deplorável é que ele deve ser lido.

Mas transplantem para muito longe de Paris o herói e a heroína desse tredo drama, coloquem-nos a ambos numa terra de província, em que se ignore a vedada ciência que eles *sabem*,

e em que ninguém conheça a excitação duma vida à *outrance* desmoralizadora do espírito e debilitante do corpo; façam-nos simples, digamos, primitivos; deem-lhes a alma honesta que falta a estes, e o livro é falso, porque o ciúme desses, talvez ainda mais violento, e decerto mais trágico, tomaria uma forma inteiramente contrária àquela que ele tomou aqui.

A crítica, porém, não tem de fazer este trabalho, tem apenas de tomar conta do livro e dizer como ele pinta sob o seu ponto de vista restrito e particular *o monstro de olhos verdes, the green eyes monster*, como lhe chamou Shakespeare.

E lamenta-se o homem em quem o extremo requinte duma civilização falsa [ilegível] resultado estranho; reconduz de novo à bruteza do animal.

Tirem-se do homem as crenças divinas que o levantam acima de si próprio, que o fazem ver, além da vida positiva que ele vive, a vida ideal a que ele sempre aspira — elimine-se do amor aquela inefável espiritualidade, que o torna o sentimento mais belo e mais puro da alma humana — faça-se da mulher o frágil objeto duma adoração pagã unicamente sensual — e o ciúme será isto, esta abdicação do ser mais orgulhoso no ser mais abjeto.

Que longe nós estamos do imortal drama inglês!

A verdade é que o homem extracivilizado parece que se vai *animalizando* outra vez.

Há leis que o organismo humano não pode violentar; à força de quererem torná-lo *um deus*, o animal revolta-se e reage brutalmente.

Não querer da vida senão as sensações; não querer dos sentimentos senão a porção de gozos que eles contêm; pedir à terra somente a felicidade — é renunciar voluntariamente ao magnífico destino a que a alma tem direito. E como não há nada mais limitado do que a sensação, em breve chegamos à triste bancarrota a que a nossa insaciabilidade nos arrasta.

Antes sofrer a imensa tristeza de um sonho frustrado, do que deixar de sonhar; antes medir com o olhar a distância incomensurável que vai das coisas práticas às coisas ideais, do que renunciar ao eternamente inacessível *au de là!*... Antes uma aspiração sempre mentida de beleza divina e de infinita perfeição, do que o mesquinho contentamento dos espíritos medíocres, a que os bens positivos da vida bastem para satisfazer.

O ciúme é uma paixão que rebaixa, quando o amor é apenas uma sensação que faz vibrar! Eis o caso que se dá no livro *L'adorée*.

Levantem este baixo amor, até àquela altura ideal em que ele brilhou na alma ardente de Otelo, façam-no a luz que subitamente ilumina a vida íntima, e lhe faz compreender a heroicidade e o sacrifício, o encanto e a viril tristeza, e verão que esse amor, quando se transforma em ciúme, quando se decompõe em veneno corrosivo e mortal, faz-se crime, não se faz abjeção; faz-se a mais dolorosa das tragédias, não se transforma na mais ignóbil das transigências!



A literatura de hoje, nas raças latinas, está se tonando uma verdadeira peste para o espírito.

Tudo que seja dizer ao homem, que é vão todo o seu esforço para o bem e para o belo; que é inútil o heroísmo com que ele sobraçando o rochedo de Sísifo sobe com ele até ao alto, íngreme e aspérrimo da montanha; que a aspiração não vale por si mesma; que a vontade não tem recompensa no seu próprio exercício; tudo que é pintar a alma como a escrava antiga, sujeita à caprichosa vontade de um senhor que se ignore — é destruir-nos a força, é aniquilar-nos a robustez moral, é — no antegosto amargo da infalível derrota — fazer-nos perder o desejo de uma tentativa sempre boa e quase sempre salvadora!

Onde é que estão os bons livros que ensinaram a lutar, a viver, a amar a vida; porque se amava nela principalmente as comoções sadias dessa luta moral, sempre disciplinadora e sempre nobre?

O homem, à proporção que tem aprendido a domar as forças inconscientes da Natureza, parece que vai desaprendendo a ciência bem mais útil de se dominar a si mesmo.

Dizem-lhe que ninguém faz o seu próprio temperamento. De acordo. Mas dominar as indocilidades desse temperamento, eis uma tarefa nobilíssima e para a qual toda a nossa força moral deve tender.

Dobrar-se absolutamente às fatalidades inconquistáveis da natureza é demitir-se da mais bela missão que o homem pode cumprir! Vale mais vencer uma paixão, do que marcar ao raio o caminho que ele há de seguir, ou conduzir um vapor pelos vastos esforços do mar!

Tudo, porém, ensina ao homem uma doutrina contrária a esta robustecedora e sã doutrina do esforço *quand même*, do esforço baldado embora!

Dizem-lhe que conquiste, que dome, que subjugué todas as forças inorgânicas da matéria, e só lhe não ensinam a subjugar as suas paixões, a equilibrar os seus desejos, a pôr uma bússola em cada um dos seus caprichos, a dar um fim belo e útil a cada uma das suas aspirações.

A inutilidade do esforço, a insanidade da vontade, o absurdo do heroísmo, a loucura do sacrifício, a subserviência fatal ao poder da Paixão — eis o que ressalta como lei inelutável dessa literatura debilitante que para tudo nos inutiliza.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, agosto de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1097, p. 2, sexta-feira, 07/10/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4509

60. CARTAS FEMININAS

DOS CÉUS, EM QUE A LUZ COMO QUE SE ESPIRITUALIZA sutilmente em tons dum esbatido suavíssimo, em gradações de uma delicadeza ideal, em transparência de opala, em *nuances* de um tenro delicioso — o outono vem descendo devagar sobre a vasta paisagem.

Já não é a cor violenta e crua do verão; já não é a *quermesse* brutal da Natureza, em plena expansão de sensual alegria e de fecunda animalidade.

As árvores vão perdendo o tom uniforme e monótono da sua viçosa ramaria. O verde decompõe-se em mil verdes de uma riqueza incomparável; em tintas outoniças onde há todas as cores compostas, todos os cambiantes diversíssimos, do verde ouro, do verde cinza, do verde glauco como as ondas, do verde escuro como o bronze, do verde que parece fazer-se da decomposição das cinzas e que dá estranhos tons de ferrugem às criptogâmicas e aos musgos da floresta!

O reino animal e o reino mineral emprestam à Natureza os seus verdes metálicos, os seus verdes raiados, os seus verdes opacos; a arte japonesa dá-lhe as suas *nuances* falsas, de uma graça dolente, de um encanto fictício e artificial.

E nesta festa de despedida tão melancólica e tão doce, a paisagem tem uma pompa de colorido luminosa e rara, de que se vestem opulentamente e caprichosamente os bosques, os pinheiros e os vinhedos!

O outono é a minha estação querida, aquela que eu amei quando era moça, aquela que eu amo ainda, na descida da montanha, que a gente sobe cantando e cheia de esperanças, a que a vida se encarrega... de faltar.

Aqui e ali, no fundo azul do espaço, recorta-se delicadamente em rendilhados finos e diáfanos uma árvore cor de ouro fosco. São aquelas que o outono tocou prematuramente com o seu sopro de tristeza!

Estas árvores, no meio da paisagem circundante, lembram certas mulheres que se encontram às vezes na vida.

São ainda moças, mas tiveram uma grande paixão desgraçada, mas tiveram uma agonia misteriosa, mas tiveram uma destas dores que numa hora amadureceram uma existência, e que em pleno viço de anos coroam os cabelos brancos, uma negra cabeça que se erguia soberba, alta e gentil.

São moças e já toda a seiva primaveril se esgotou para sempre nelas. No rosto, empalidecido e de uma severa melancolia, precoce, brilham no entanto com estranho fulgor, vago e profundo, dois olhos cheios de vida intensa!

Têm uma beleza espiritual estas mulheres, que os profanos não sabem apreciar nem compreender. Uma beleza feita de ardor concentrado e de silenciosa tristeza!

São para o artista um enigma irritante, uma contemplação absorvente, um secreto e delicado encanto.

Pois não sei dizer por quê, mas árvores de uma luminosa cor fulva que eu estou avistando agora, as árvores, tão cedo tocadas pelo sopro agreste do outono, lembram-me essas mulheres que trazem na sua velhice inexplicada e prematura o mistério adorável e sagrado de um grande infortúnio que ninguém decifrou!...



Se eu soubesse pintar como os *modernos*, se eu tivesse o dom singular de pôr na minha prosa a gama extensa de todas as cores que a Natureza possui e de fazer da minha pena um pincel e do meu humilde tinteiro uma paleta de artista veneziano — contaria hoje à minha querida leitora as impressões que recebi no Bussaco, onde há poucos dias fui pela primeira vez.

Mas não sei! Para mim a terra com todos os seus encantos dá-me impressões fortes, mas indefiníveis, mas vagas demais para serem descritas.

A sensação lá fica, a minha sensibilidade móbil e vibrante estremece ao contato das belezas que encontra, mas que importa, se eu as não sei pintar, nem descrever?

Quando há poucos dias eu pisava silenciosamente os meandros sinuosos, sobre os quais se entrelaça numa abóbada viva a rama das grandes árvores múrmuras, eu sentia-me como que absorver naquela paz misteriosa das coisas, e pensava que devia ser bom viver no templo em que os desenganados do mundo tinham abrigo para descansarem, orarem, e... morrerem!

Quantos foram ali buscar o esquecimento de torturas dilacerantes, a calma de impetuosas paixões, o antídoto aos venenos deliciosamente mortíferos do amor!

A quantas mágoas deu consolo e bálsamo a floresta sagrada, que tem o selo majestoso e simpático da velhice, em cada tronco rude dos seus carvalhos gigantescos, em cada ramo verde-escuro dos seus cedros seculares!

Ali orou-se, pensou-se, padeceu-se muito.

E eu tive vontade de perguntar às árvores que me viam passar no desdém da sua indiferença de aristocratas vegetais, na altiva despreocupação da sua desenganada velhice, os segredos de tristeza, os segredos de revolta e de dúvida pungitiva e de extático fervor, de que elas foram as confidentes mudas, que elas sabem e nunca disseram a ninguém!

Dizia Amiel, o sutil analista do *Diário*, a quem a crítica contemporânea tem consagrado estudos de tão fina penetração psicológica: *Uma paisagem é um estado d'alma*.

Parece extravagante à primeira vista esta frase complicada e sutil.

Não a entendem os simples, os equilibrados, os sãos, aqueles que na Natureza veem a luz, a cor, o contorno, a expansão luxuriante da vida universal. Mas entendem-na os iniciados espíritos um pouco doentes como o meu, que no mundo exterior veem apenas, ou antes, destacam apenas a fisionomia moral que as coisas possam ter!

Elas só para mim existem pelo que exprimem, e não pelo que são. As árvores, o mar, o monte, visto ao pôr do sol, o céu do outono envolto em neblinas tênues, os aspectos da imensa e mudável Natureza não me dizem nada, quando me não dizem um sentimento ou uma ideia.

É a tristeza que deles se evola, é a graça melancólica e saudosa que eles exprimem, é o vago e enternecido *adeus* que eles murmuram inconscientes, é a recordação mal extinta que eles ressuscitam no meu cérebro, é a *visão interior* a que eles correspondem, que me comovem, que me sensibilizam, que repercutem longamente no meu íntimo ser!

O Bussaco, por exemplo, disse-me a tristeza dos monges, o recolhimento fervoroso dessas existências austeras, a doçura das orações em comum na igreja humilde, a vida interior tão variada e tão rica desses que repousavam das agonias da vida na esperança do infinito que sentiam em si!

L'homme fait la beauté de ce qu'il aime, et la sainteté de ce qu'il croit!

Se o sonho que lhes alimentou a existência, despida de todas as alegrias reais, era porventura ilusório ou fantástico, que importa, no fim de contas? Sonhavam o infinito, portanto é certo que o possuíam.

Viveram da esperança do céu, portanto realizaram-lhe na terra as beatitudes inefáveis.

É muito mais do que pode esperar um incompleto destino de homem!



O grande mal que tem para mim o mundo moderno, de que eu sou filha, e de que não renego, ai de mim! nem a incerteza nem a dúvida! — é a necessidade fatal em que todos estamos de entrar na luta pela existência.

Pois não se admite como um estado legítimo a desesperança sem apelo, e o completo desengano?! Há de por força viver para o mundo aquele que já não acredita no mundo?! Há de por força combater o que descrê da eficácia da vitória? Há de sofrer as ânsias do eterno conflito o que só desejaria repousar na paz do Senhor ou na inconsciência do *não ser*?

Bela liberdade com efeito a que nos concedem! A condição indeclinável da vida atual é a ação, sempre a ação! Os que param são esmagados!

Antigamente havia a faculdade de viver longe de todas as vãs agitações do mundo, a possibilidade de fundar uma *cidade ideal*, onde os puros viviam nos enlevos do próprio aperfeiçoamento e na aspiração perpétua do bem futuro, e onde os vencidos da vida vinham procurar o repouso, o esquecimento, o acre sabor da derrota consciente.



Vão dizer que estou pedindo o restabelecimento dos conventos e dos frades, que sou pior do que retrógrada, porque sou contraditória e incoerente!

Pois eu tenho para mim que o não sou. Pelo contrário.

Sou mais liberal que os *liberalões* do meu país, os que não admitem outras crenças além das suas, outras opiniões além das que professam, outros desejos além dos desejos utilitários que se propuseram satisfazer; e que seriam muito bem capazes de dizer a respeito de tudo o que Mme. de La Ferté dizia à baronesa de Staël: *Il n'y a que moi, chère amie, qui aie toujours raison!*

Este tempo, à força de nos dar o bem-estar físico e as comodidades materiais mais extremamente requisitadas, imaginem que podia eliminar a alma, a nossa querida alma, a que não vive de pão, a que não viaja em caminho de ferro, a que se não comunica a ninguém pelo telégrafo, a que não se importa nem com o vapor, nem com a indústria, nem com a ciência, nem com coisa alguma das que hoje triunfam.

E a nossa alma, coitada, tratou de se vingar!

Por toda a parte, *os que sabem ouvir*, escutam um longe brado de revolta impaciente, em que ela, a sublime esquecida, a desdenhada imortal, reclama os seus direitos, reivindica as suas regalias, pede a sua libertação, implora a sua definitiva desforra!

Esta justa reação idealista não é um retrocesso, é uma afirmação da verdade e da justiça.

E eu, a mais humilde de todas as obreiras obscuras, porém a mais saudosa de todas as sonhadoras, eu que sou mulher, e que julgo que às mulheres cumpre o levantarem bem alto nas suas pequenas mãos onipotentes a bandeira abatida do eterno ideal; eu nunca deixarei de protestar, invocando a liberdade sem limites da consciência humana, contra os que em nome de um princípio, proscovem os princípios opostos, em nome de uma religião ultrajam as religiões, em nome da justiça perpetram uma injustiça enorme.

Quem é que pode afirmar que tem na sua mão a verdade? Quem é que tem a audácia de julgar única a solução que dá a qualquer dos mil problemas da vida!

Ó Montaigne, ó cético adorável, és tu que, inspirando-me a desconfiança dos dogmatizadores e dos infalíveis, me ensinaste a advogar até as causas que não são minhas, e as opiniões que não partilho!

Quem sabe onde está a razão!

Quem possui o impecável critério que baste a resolver os enigmas sem conta, que nos enleiam do berço à sepultura? A sabedoria humana ainda não descobriu o meio de ir além do teu eterno *quem sabe?* ó desdenhoso pensador que achaste na dúvida a pacificação e o repouso do espírito!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portela. Setembro de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1107, pp. 2 e 3, segunda-feira, 17/10/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4552

61. CARTAS FEMININAS

UMA DAS MINHAS INTELIGENTES LEITORAS BRASILEIRAS escreveu-me uma carta encantadora, em que me dá a honra de pedir-me alguns conselhos práticos para a vida do seu *ménage* incipiente.

Com uma percepção finíssima dos mil deveres complexos da sua nova existência, pede-me ela algumas notas, que a experiência porventura me forneça, acerca de mil questões que prendem com esta questão suprema — a *felicidade pelo casamento*.

Longe de ter a noção falsa, perigosa, sentimental de que a felicidade doméstica é uma planta que medra espontaneamente sem cuidado de cultura meticulosa e inteligente, ela sabe, não porque a vida lho ensinasse, mas porque é sagaz e observadora, que não há planta de estufa mais delicada, mais difícil de cultivar e de conservar sempre viçosa, sempre opulenta de colorido e de seiva do que essa planta que parece vir dum clima estranho, tal é a indocilidade com que se habitua a viver entre nós!

Não basta amar, não, minha pobre e gentil noiva de vinte anos; é necessário *saber amar*. E que arte complicada, exigente, feita de pequeninos mas indispensáveis detalhes! O que mata em flor a felicidade de quase todos os casais, é a falsa ideia em que se tem estado até hoje — de que o amor existe por si só, como Deus; não precisa de condições de desenvolvimento além daquelas que lhe são imanescentes. E as mulheres e os homens, seduzidos pela atração instintiva que os arrasta uns para os outros, e à qual dão o nome de amor, julgam que essa sensação momentânea durará toda a vida, e bastará para enchê-la de gozos e de alegrias íntimas perduráveis e imortais!

Amam então com todas as imperfeições da sua índole, com todas as exigências do seu egoísmo, com todas as leviandades do seu temperamento, com todas as cóleras ou todas as impaciências do seu gênio, e ficam desoladas ao perceberem que em pouco tempo deram fim ao que lhes parecia eterno, destruíram com inexperiência infantil o que lhes parecera dever durar sempre!

Que culpa tem o amor das duas culpas humanas?

Não o maldigamos. Ele é o grande consolador das nossas agonias, ele é o sentimento que mais de perto nos faz compreender o sonho ambicioso duma felicidade infinita!

Quantas vezes ele mente às suas promessas, por culpas que são nossas, e que não nos atrevemos a confessar.

É inútil, porém, dizer ao homem verdades neste sentido.

Ele é o que é, e não quer modificar-se nem pela força dessa paixão onipotente de que parece depender toda a felicidade da nossa espécie.

Que a mulher aceite, portanto, solitária e resignada, as mil responsabilidades do destino superior a que aspira.

Quer ser amada e ser feliz? Quer fazer do casamento a realização das mais puras e risonhas ambições da sua mocidade; quer fazer do seu *ménage* um modelo de tranquila paz, de elegância inteligente, de conforto moral e físico?

Nesse caso prepare-se para não ter outro pensamento, outro fito, outra ideia, outra ocupação.

Muitas vezes, ao cabo de longos e tenacíssimos esforços, encontrará o desalento, a horrível certeza de que foi vão todo o seu trabalho, mas não desista ainda assim, e se de todo em todo não puder ser feliz, fará ao menos felizes os que a cercarem... Já é alguma coisa.



Compreende a minha querida amiga desconhecida que eu não estou aqui *catequizando*, estou apresentando algumas notas soltas, despretensiosas, colhidas no meu tão longo caminho da vida.

Tenho visto mulheres desfazerem pelas suas próprias mãos a felicidade da sua casa; tenho visto também pobres e obscuras mártires lutarem pela conservação da paz interna, do alinhamento doméstico, da organização da família, e nada conseguirem senão... morrer exauridas de força!

De resto, estas coisas são tão variáveis, são tão contingentes, prestam-se tão pouco a que a respeito delas se formule uma lei geral!...

O que no entanto é fora de toda a dúvida é que sem esforço não há bem algum terrestre digno de merecer o nosso apreço de criaturas pensantes, de organizações superiores.

Se nem sempre, mesmo depois de grandes esforços, a felicidade é o prêmio que alcançamos, que fará se nada fizermos para a obter?

A primeira coisa, pois, que é necessária para a realização da felicidade doméstica, é entrar no casamento sem a ambição quimérica e pueril de um gozo ideal, de uma vaidade eternamente acariciada, de uma independência de ação, que, a existir, seria o primeiro germen da dissolução do *ménage*.

É necessário que a mulher diga de si para consigo, com a sincera candura das grandes resoluções:

Aqui está um homem, quer dizer uma criatura um pouco egoísta, um pouco voluntariosa, extremamente ciosa; exclusivista, exigente, que às vezes, nos seus ímpetos de cólera e nas suas explosões de instinto irredutível, se assemelha a um animal, e que, apesar de ter ferocidades e expansões brutais, tem ainda assim um espírito sonhador, ambicioso das coisas mais belas, capaz de criar pela imaginação paraísos que terá a eterna mágoa de não possuir; capaz das mais grandiosas e arrojadas concepções, visto que foi ele quem concebeu a Arte, o Amor, a Eternidade,

a noção de Deus! Em cuja organização o *anjo* e o *animal* lutam tragicamente, grandiosamente, sem que nunca um vença o outro, o que seria a destruição de todo o equilíbrio humano!

Aqui está um complicado ser que eu nem sempre entenderei, mas que vou estudar com toda a paciência, com todo o amor, com toda a penetrante agudeza de que só a mulher é capaz, para conseguir realizar as ambições da sua dupla natureza.

Logo que ela encare sob este aspecto o problema da sua existência, há mil probabilidades contra cem para que o resolva favoravelmente.

Então, para que o marido se sinta bem em casa, e não ambicione mais nada fora dos estreitos limites que esses quatro muros lhe marcam, ela fará com que a casa tenha as condições de conforto inteligente que mais agradem, que mais possam sorrir ao trabalhador exausto que volta da cotidiana luta da vida, tão áspera e tão rude!

E na sala tépida, tranquila, em que tudo esteja organizado em vista do bem-estar de um só, do mais querido, ele passará os longos serões pacíficos conversando com os seus velhos amigos, lendo os seus livros favoritos, descansando naquela paz dilatada da consciência e do corpo, em que o organismo humano readquire novas forças para o eterno combate de que só pela morte se obtém a definitiva vitória!

E longe de se sentir satisfeita porque conseguiu dar ao corpo do marido a tranquila comodidade que ele aprecia, ela conhecerá que a sua obra está incompleta enquanto a alma deste, enquanto o seu espírito não encontrar nela o alimento que mais lhe convém.

E para alcançar este triunfo novo, o mais elevado e puro deles todos, ela tentará de boa-fé interessar-se pelo que o interessa, ela terá a palavra cariciosa e alentadora que imprime ânimo e força no espírito mais desconsolado: ela adquirirá a intuição milagrosa das coisas que o preocupam e aborrecem e saberá falar ou estar calada, conforme o seu silêncio ou a sua palavra forem reclamados pela alma de que a sua alma é submissa escrava!

Se vier a crise em que o homem, tentado pela vida, sucumbe às suas solicitações terríveis, se ela não souber perdoar, quem lhe perdoará?

Bem se vê, pois, que o amor não é um impulso do instinto, é uma ciência da alma, a mais divina e a mais rara!



Fazem-me sempre rir os *amores* deste mundo. Em cem sentimentos que se intitulam assim, muitas vezes nem um merece o nome sagrado que roubou!

E admiram-se depois que a felicidade seja tão rara!

Sob o nome genérico de *amor*, quantas variedades de instinto, quantas explosões de temperamento, quantas satisfações de vaidade!

E no entanto poucas são dignas de amar, como poucas são dignas de sofrer!

Nunca houve sentimento mais nobre, mais raro e mais... profanado!

Amor é tudo! Como se o amor não fosse uma iniciação lenta pela qual a alma se vai elevando à contemplação do infinito.

Sabia amar aquele que disse esta frase profunda e triste: — *Tout ce qui doit mourir est court!* — E contudo qual é o amor que preenche uma curta vida de homem?! Nenhum.

É que poucas almas sabem suportar as amargas e profundas delícias deste sentimento, pelo qual o homem afirma a sua essência superior.

É necessário ter a capacidade de sofrer muito para se saber amar muito.

Ninguém compra a posse desse *dom* sagrado senão com muitas lágrimas!



Provavelmente, minha querida senhora, deixei-a em uma incerteza igual àquela que estava antes de me haver consultado.

Que quer?

Para coisas destas não há preceitos nem axiomas dogmáticos.

Se se sentir capaz de abdicar de si a ponto de fazer a sua felicidade da felicidade que der ao seu companheiro de vida, estou certa que atingirá a elevação sagrada a que aspiram os que amam!

Se quiser achar no amor a satisfação das suas vaidades juvenis, dos seus caprichos de mimosa, de suas graças de *coquetterie* inocente, não tente mesmo a experiência — há de sair-se dela cruelmente para si!

A felicidade pelo amor é o preço dum esforço sublime, duma aspiração quase divina! É por ele custar tanto a atingir que merece o valor que lhe damos!

Para a criatura nobremente imbuída da ideia do seu destino, só tem merecimento o que inclui trabalho, esforço, luta e aspiração raciocinada!

Não se entregue passivamente à vida que se desenrola diante dos seus olhos. Combata para alcançar a felicidade, e verá que doce ela vai ser, quando a vir como o prêmio legítimo do seu legítimo e nobre esforço moral.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portela, setembro.

O Paiz, ano 4, n. 1224, pp. 2 e 3, quinta-feira, 03/11/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4623

62. CARTAS FEMININAS

NO OUTRO DIA, ESTANDO EU NO CAMPO, e sem livro nenhum novo à minha disposição, peguei num livro, que é anterior a muitíssimos, que já se podem considerar velhos e inteiramente fora de moda, e pus-me a lê-lo. Sabe a leitora o título dele?

Mme. Bovary.

Era talvez a quarta vez que eu lia essa obra-prima de Flaubert, e contudo, ou por uma disposição de espírito particular, ou pelas mudanças que a idade vai fazendo em toda a inteligência humana, a verdade é que me agradou como nunca e que me sugeriu uma quantidade enorme de pensamentos e de reflexões.

Mme. Bovary é um estudo de psicologia feminina, eternamente interessante. A Emma do romance de Flaubert é o tipo cada vez mais atual, e cada vez mais frequente, da mulher que uma falsa educação, sem harmonia com o seu meio, anulou para a felicidade, para a vida real, e para a virtude.

Não tem qualidades particularmente perversas que a predestinassem às perfídias do adultério, às infâmias asquerosas da traição conjugal. No começo da sua vida é uma mulher como muitas outras, somente mais falsamente educada do que outras.

Em vez de ter recebido aquela preparação sólida e sã, pela qual uma mulher fica apta para o cumprimento dos árduos deveres da vida, e das austeras obrigações do casamento; em vez de ter adquirido os conhecimentos indispensáveis a uma dona de casa modesta e burguesa; abriram-lhe diante dos olhos a perspectiva teatral duma existência de ociosa.

Não lhe comunicaram o robusto amor da arte, porque a arte também salva, e também unge de preciosos e incorruptíveis bálsamos aqueles que se lhe consagram; mas deram-lhe aquelas noções incompletas, inúteis e absurdas, que constituem aos olhos da pequena burguesia moderna a *educação de uma menina*.

Conhecem da música o bastante para ambicionar os prazeres de vaidade que ela dá às executantes das salas; dos trabalhos de agulha o suficiente para desejar dar à sua preguiça ocupação cara e frívola dos custosos labores; da literatura revelou-se-lhe a faculdade de ler livros que a desnorteassem; da vida, enfim, recebeu a noção mais incompleta e mais restrita, mais falsa e mais desmoralizadora.

E porque a verdade é que a cada posição corresponde um gênero especial de cultura, e que uma educação que seja péssima para uma duquesa pode ser ótima para uma rapariga obscura e pobre, assim como a frívola compreensão das causas que podem não ser funestas a uma opulenta herdeira conduz à desgraça irremediável a mulher dum empregado humilde.

Revelar a uma imaginação de mulher as seduções prestigiosas da grande existência mundana, quando essa mulher está fatalmente encerrada num círculo estreito de pequenos e humildes deveres, é incendiar nela todas as cobiças doentias, é despertar nela todos os instintos perigosos, é atirá-la sem defesa para o abismo das tristes perversões e culpas sem redenção.

É neste ponto que nós todos nos enganamos presentemente.

A perfeita igualdade das educações é origem, creiam-me, de terríveis males! O homem que pode concorrer a todas as carreiras que se abrem diante do verdadeiro mérito e do verdadeiro talento, ou mesmo diante do trabalho perseverante e tenaz, não tem nada a recear desta igualdade *antinatural*, que se estabelece e se radica cada vez mais nas sociedades modernas.

Mas a mulher?...

Imagine-se o que é para a mulher sair dum colégio elegante, onde a ensinaram a falar umas poucas de línguas, a fazer composições de retórica, a tocar piano ou harpa, a bordar com fina seda, a aquarelar graciosas paisagens, a ser enfim um gentil objeto fútil do mais requintado luxo — e cair subitamente do sonho de elegância fina e sutil de que a alimentaram nas prosaicas realidades dum *interior* mais que modesto.

Como os pais *se empenharam* para lhe dar o que julgam *uma educação muito bonita*, o seu dote não corresponde de modo algum à inutilidade luxuosa das prendas com que lhe adornaram a memória; como, além disso, essas *prendas*, duma futilidade absoluta, em coisa alguma concorreram à inteligência, para lhe darem uma concepção da vida verdadeira e elevada, para desenvolverem nela as preciosas virtudes da abnegação, da caridade, da doçura e do amor — o que ela experimenta no primeiro contato com as ásperas realidades é um despeito agudo, é um desespero esterilizador, é uma ânsia e uma angústia dolorosas até à violência e até ao ódio!

Algumas — aquelas a quem a natureza dotou de bons instintos irredutíveis — reagem contra esta funesta primeira impressão; *alijam* com prudência louvável toda a instrução falsa e pueril, que à custa de tanto dinheiro receberam, e refazem, à força de abnegação interior, o trabalho de sua própria educação.

Aprendem a ser boas donas de casa, boas enfermeiras, amigas desveladas de seus maridos; aprendem a dar um toque misterioso de graça e de distinção à pequena casa em que habitam; aprendem a tirar das *flores* inúteis com que as enfeitaram no colégio um pouco de *mel* espiritual com que suavizem e dulcifiquem as melancolias da pobreza, os cuidados prosaicos da rotina doméstica.

Mas estas são as raras!

Quanta heroicidade não precisam elas de empregar para entrarem energicamente e lucidamente em si mesmas, para se julgarem à luz de uma crítica implacável, para perceberem a frivolidade da educação que traziam, para formarem, sem auxílio de ninguém, um caráter novo, um novo código de deveres, uma existência nova para a qual coisa nenhuma as tinha preparado!

Devem contar de antemão com a indiferença dos que assistem ao seu viver; devem resignar-se estoicamente a que todo este trabalho de remodelação interior passe para todos despercebido; mas acharão, é certo, suficiente compensação a todos os esforços, na paz doméstica que alcançaram, na felicidade do seu lar que estabeleceram vitoriosamente, no amor instintivo dos que as cercarem, que, sem perceber como, sentiram que é obra delas a alegria que desfrutam!



Outras, sem caírem no crime, caem numa apatia quase tão funesta, quase tão imoral como ele. Sujeitam-se passivamente, estupidamente, à pobreza, que breve se transforma em miséria; não empregam o menor esforço inteligente para perfumar de modesto encanto, de humilde graça afetiva o *meio* em que vegetam; deixam que os dias passem sem lutarem contra as circunstâncias hostis; não saem do limbo incolor em que vivem os inconscientes e os fracos.

Quantos *ménages* não conhecemos nós, de longe ou de perto, neste estado de dolorosa atonia intelectual e econômica!

É aí que crescem os filhos, que odeiam a casa em que nasceram; é aí que vivem os párias para quem a vida é um fardo pesadíssimo, sob o qual se curvam os seus ombros, incapazes de força ou de revolta!

Que tentativa inteligente pode sair destes cérebros atrofiados!

Vivem e morrem ignorando todo o bem que a vida pode ter.

Não conhecem as alegrias austeras do dever cumprido; o prazer profundo do esforço que triunfa; as emoções viris da luta pela felicidade!



E apesar de tudo não são as mulheres que produzem em torno de si este quadro desolador de bestial resignação as mais funestas e as mais desprezíveis.

Outras há ainda — e é ao número destas últimas que pertence a Emma do romancista normando — que se revoltam, que seguem o seu instinto de animal perverso e que tentam sair do meio, a que estão fatalmente acorrentadas, pela explosão de todas as cobiças venenosas, pela insubordinação contra todas as leis estabelecidas.

O mundo que as vê condena-as então, e condena-as com muita justiça, mas não percebe que são os costumes que ele autoriza, que produzem estes efeitos perturbadores da ordem geral.

O crime não nasce espontaneamente e imprevistamente num temperamento humano. É sempre alguma coisa que o determina, é sempre alguma circunstância que o produz.

Se o pensamento fixo das mães fosse na educação que dão às suas filhas, prepará-las para a complexidade dos deveres da vida, é natural que houvesse muito menos espíritos femininos transviados e perdidos.

O excesso do rigorismo, em vez de atenuar os males desta ordem, aumenta-os e agrava-os consideravelmente, visto que os rigoristas desdenham estudar com paciência, e sobretudo com *a divina e insubstituível tolerância*, as causas que determinam o triunfo da paixão sobre o dever, do instinto sobre a razão, do crime sobre a virtude, do egoísmo sobre o sacrifício. Não basta condenar às gemônias a mulher que erra.

É necessário perceber, estudar o motivo por que os erros são frequentes, e o modo, não de os destruir — o erro é eterno como é eterna a virtude — mas de os diminuir, de os atenuar, orientando a educação feminina num sentido utilitário, prático, amorável, superiormente moral.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, outubro de 87.

O Paiz, ano 4, n. 1128, p. 3, segunda-feira, 07/11/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4642

63. CARTAS FEMININAS

A ALEMANHA E A FRANÇA, UNINDO-SE POR UMA VEZ SEM EXEMPLO, na mesma adoração e no mesmo culto ideal, acabam neste momento de celebrar, cada uma à sua maneira e consoante à sua índole característica, o centenário de *D. João*,³¹ a obra-prima, a imortal partitura de Mozart.

A música tem o privilégio de popularizar mais do que nenhuma arte as figuras que interpreta, e neste caso à obra musical do grande maestro, que conserva a frescura e a mocidade da primeira hora, reúne-se o prestígio e a sedução irresistível que no mundo da arte ainda conserva o personagem inquietador e misterioso de D. João.

É necessário que haja alguma coisa de fundamentalmente *humano*, de fundamentalmente verdadeiro num tipo ideal criado pela Arte, para que esse tipo subsista através de todas as modificações que o tempo opera no espírito da humanidade, para que esse tipo resista ao advento das escolas que se sucedem e à concepção diversa que elas vão tendo da vida, às revoluções radicais do Gosto, a todas as correntes várias, enfim, que levam na sua onda turva ou cristalina as efêmeras criações duma estética mudável e caprichosa, que em cada século sonha, acaricia e inventa um ideal novo...

Poucas são as figuras que têm resistido à dissolvente ação do tempo, e essas mesmas dividem-se em duas espécies distintas e perfeitamente separadas entre si.

Umas pertencem puramente aos domínios da arqueologia literária. Fazem parte de um museu especial, onde se entesouram as criações, que num dado momento histórico deram aos contemporâneos a poderosa ilusão da *vida*.

E os eruditos conhecem-nos, admiram-nos e lutam pela conservação integral e pela pureza inalterável da sua forma. Quem se atrevesse a retocá-los, como um pintor moderno retoca um quadro antigo, seria positivamente condenado ao inferno pela ira implacável dos devotos da Arte.

Entre estes podem citar-se *Harpagon*, *Alceste*, o *Cid*, *Otelo* e muitos mais.

Outros há, porém, que, sem nunca morrerem, se transfiguram incessantemente; que, sem perderem a mocidade estranha e a graça subjugadora que os caracterizou, roubam a cada época

³¹ Referência ao personagem Don Juan, retomado por diferentes autores. Mozart intitulou sua ópera de *Don Giovanni*, referida pela autora como *Dom João* e *Don Juan*.

um elemento novo, com que vão complicando e requintando; que acompanham a evolução contínua do pensamento humano, modificando-se sempre, e conservando a sua essência própria, sendo sempre o mesmo tipo, mas rejuvenescido eternamente, e eternamente contemporâneo das gerações que passam.

Quem, entre estes, não reconhece e não aclama como o primeiro esse D. João que desde a Idade Média até Tirso de Molina, e desde Tirso de Molina até nós, tem sido refundido, transformado, sonhado, vivificado poderosamente por tanto poeta, por tanto devaneador de Gênio?

Molière, Mozart, Espronceda, Musset, Guerra Junqueiro, Baudelaire — *j'en passe et des meilleurs...* todos tiveram um momento da vida em que, parando defronte do libertino estranho, do lendário amante das *mil e três mulheres*, do insaciável sonhador de um ideal impossível, lhe perguntaram com intensa curiosidade, com vago assombro, com interesse irritante e apaixonado, qual o segredo que o fazia tão querido, qual a sedução misteriosa que lhe dava um tão eterno encanto.

E a cada um desses ele respondeu de um modo diverso, e cada um desses nos deu de D. João, do eterno D. João que no fundo é sempre o mesmo, um aspecto novo, uma ideia distinta, uma interpretação particular.

Foi Mozart o primeiro que o revestiu de graça melancólica, e que nos fez adivinhar a tristeza imensa, insondável, que há no fundo daquele coração, abismo sempre aberto, em que, apesar da malícia e da alegria aparente, há um resíduo enorme de amarguras e de lágrimas...

Quem é que se não lembra do D. João de Musset? É de todos eles o mais divinamente tocado da graça ideal!

Deliciosa e pálida figura de homem, cujo sonho de amor, imenso e triste, nem uma só das mil mulheres encontradas pôde satisfazer mais que um momento rápido!...

Que tipo ideal é o dele, que ninguém realiza neste vasto mundo?!

E no seu caminho há um rastro de sangue e de lágrimas, e debalde, para lhe darem uma centelha, ao menos, da chama sublime que ele entreviu, as mais belas, as mais doces, as mais puras, as mais encantadoras mulheres caem de joelhos, suplicantes, debulhadas em pranto, vendo desfolhada para sempre ao sopro gélido do espectral caminhante, tão sombrio e tão belo, a flor insubstituível, a branca e divina flor da sua inocência e da sua fé!

Entre o libertino audacioso e *patusco* de Tirso de Molina, entre o blasfemador que o *homem de pedra* vem castigar no meio dos seus festins orgíacos, e esta melancólica e sublime personificação do desejo eterno, que nunca se sacia; do sonho infinito, que nunca se realiza; da quimera inefável, que nunca toma vulto e forma — imagine a leitora que distância enorme não vai!

E contudo é sempre D. João. D. João que vem dos *Mistérios* da Idade Média, representados nas catedrais profundas, até ao drama de *capa e espada* do poeta espanhol; que atravessa a França equilibrada, sadia e sensata do século XVII, e que vem sentar-se, pálido, melancólico, cético, movido interiormente pela ironia mais amarga que existe, pela ironia que é feita de lágrimas, junto à banca de trabalho onde escreve o louro poeta das “Noites”.

É que D. João, o símbolo mais sedutor, senão o mais perfeito da insaciabilidade humana, sempre em busca do *melhor*, há de viver enquanto houver um coração que, depois da ânsia louca do desejo, conheça a esmagadora e mortal agonia do tédio!

Não há homem que não encontre em D. João alguma coisa do seu próprio ser; não há mulher que não procure nele uma parcela ao menos do seu sonho.

E depois, estas figuras, que só pelo seu aparecimento no mundo da arte sugerem ao nosso espírito uma quantidade infinita de interrogações e de problemas, cativam por força o interesse dos que sentem e dos que pensam.

De todos os sentimentos fundamentais do coração humano, o amor é o mais poderoso, o mais enérgico, o mais incombátível, porque é dele que depende a conservação da espécie e o seu aperfeiçoamento progressivo.

E o mais belo triunfo do entendimento e do sentir do homem foi a transformação desse instinto necessário e fatal, na poesia consoladora e perfeita, na graça cativante, ideal e pura, que desde a nobre e remota Índia dos brâmanes até a moderna civilização industrial e egoísta, tem trazido enlevados e vencidos os temperamentos mais brutais, as almas mais inacessíveis à influência do que é belo e bom!



É debaixo deste aspecto que D. João interessa principalmente o escritor moralista, que estuda em cada sentimento e em cada paixão o modo por que eles operam os males e os bens que

produzem, as ramificações infinitas, tênues, delicadas, quase invisíveis, em que se separam e dividem.

O *eterno masculino* está simbolizado no personagem de Mozart e de Musset. Eis o motivo por que ele não pode envelhecer, por que se transforma continuamente, e por que fala a cada geração a linguagem que ela entende.

O vulgo vê apenas nele um libertino cruel, que não paga as dívidas da sua bolsa nem as do seu coração. O crítico vê mais do que isto e tem o dever restrito de dizer o que vê e como vê, ao público que passa desatento ou preocupado apenas de interesses materiais.

É por isso que não julguei inteiramente inoportuno conversar com a minha querida leitora a propósito do centenário e a respeito do herói de tanta obra de arte imortal.

Quem cativou a atenção e o amor de artistas como Mozart, de poetas como Musset e de moralistas como Molière, tem por força em si qualquer segredo estranho de vitalidade e de encanto que não será inútil tentar conhecer bem.

Depois, o perigo do nosso tempo vem justamente da sua absoluta e crescente indiferença pelas belas coisas e pelos grandes sentimentos.

Não é de excesso de *sentimento* que pecam as nossas mulheres; e eu, que detesto a mulher piegas, adoro e respeito a mulher capaz de sentir profundamente tudo que é belo na arte, tudo que é bom na natureza, tudo que é profundo e grande na vida.

Sacudir a inação feminina, arrancar-lhe por momentos o espírito dos *chiffons* e das pequenas *coquetteries* e trazê-lo a revigorar e a reviver nas fontes eternamente fecundas da arte e da poesia — eis um dos poucos sonhos que restam na derrocada enorme de tanta coisa que eu sonhei!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, outubro de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1153, pp. 2 e 3, sexta-feira, 02/12/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4748

64. CARTAS FEMININAS

JÁ QUE OS ACONTECIMENTOS ATUAIS DO MUNDO SÃO TÃO irremediavelmente desconsoladores, o único recurso que resta ao nosso espírito é refugiar-se no mundo ideal representado pelos livros.

Dir-me-ão, e com toda a razão, que os livros que hoje se publicam também pela maior parte não trazem às almas conforto nem esperança.

Pudera! Eles têm de ser fatalmente o reflexo do meio que os produz.

Mas como apesar de tudo é o talento que os anima e vivifica, e como o talento é uma grande força e uma grande razão de amar a vida, antes, ainda assim falar dos livros do que falar das cenas mais ou menos edificantes que o mundo contemporâneo desenrola diante de nosso olhar.

Para um certo gênero de leitores delicados o acontecimento literário mais notável do mês foi a aparição do último romance de Paul Bourget, intitulado *Mensonges*. Muitos que têm já lido e devorado esse romance, ainda não lançaram sequer um olhar rápido ao primeiro volume da *História [du peuple] d'Israel*, publicado por Ernesto Renan. E no entanto essa *História* representa o esforço, o trabalho, a profunda e rara abnegação de um espírito de primeira ordem, que tem consagrado quarenta anos da sua existência à investigação de altos problemas de religião, de história, de filosofia e de moral.

Não sei se o Brasil conhece já e aprecia muito os livros de Bourget.

Este escritor, que, entre nós, adquiriu rapidamente uma fama extraordinária, não tem contudo condições que agradem a todos. Deve ser mesmo limitadíssimo o número das pessoas que nesse império, em plena florescência de mocidade, em plena e luxuriante expansão de vida, se interessem por um decadente, um triste, um pessimista, um cético no gênero especial do autor de *Mensonges*.

Não tenho porém tempo de explicar este escritor aos que não o conhecem; portanto a minha carta é principalmente dirigida àquelas, dentre as minhas queridas leitoras, que já o leram, e que decerto já o amam.

Mensonges é uma obra de análise, de dúvida, e de profunda e irremediável melancolia, como o foi já *Cruelle Énigme*, como o foi *Un crime d'amour*, como o foi *André Cornélis*, como é tudo que sai da pena elegante e amarga deste discípulo de Schopenhauer *doublé* dum parisiense requintado!

Em *Mensonges* conta-se a história dum jovem poeta, que, posto repentinamente em evidência pela representação dum *saynète* delicioso, e interpretado pelos primeiros artistas do Teatro Francês, começa a frequentar o alto mundo cosmopolita e misturado, que assentou em Paris os seus tumultuosos arraiais.

É na sala, magistralmente pintada de uma princesa russa, espiritista e morfinômana, que o jovem e delicado artista, com a alma ingênua e pura duma mulher, encontra a terrível, sedutora, perversa e linda criatura, que através de todas as peripécias dum amor desgraçado o conduz ao suicídio!

A heroína do livro, *Madame de Moraines*, é talvez real, e estudada com perfeição minuciosa se considerarmos o meio de que ela é uma venenosa e perturbante florescência! Fora desse meio, quero crer, por honra do meu sexo, que não existem, que não podem existir tais mulheres.

Casada com um marido crédulo, bom e medíocre, que a adora e que a acha tudo que pode haver de mais deliciosamente belo, ela aceita a *proteção* de um quinquagenário, a cujo afeto desvelado deve, às escondidas do marido, o luxo refrinado, artístico, de um *modernismo* precioso, que a cerca e a envolve. O mundo, porém, aquele mundo especial em que se falam todas as línguas, desde o *japonês* dos *mandarins* até ao *japonês* do *argot*, o mundo de que Bourget nos pinta o luxo estonteador e desordenado, e a tolerância imoral, acolhe-a entusiasticamente, e é numa das suas festas, que entre ela e o pobre poeta inexperiente se faz o encontro que decide da vida deste último.

É inimitável de delicadeza e cruel análise a descrição de todas as mil astúcias que a perversa mulher emprega para cativar o pobre moço, para o envolver na rede inextrincável e sutil das suas seduições enervantes, para se apossar dele, sem contudo se despoetizar aos seus olhos.

Um dia porém ele descobre a mentira de que se teceu toda a sua frágil, pecaminosa, mas violenta felicidade, e não podendo com o peso desse desengano, primeiro, que é de todos o pior, que é de todos o mais decisivo, o poeta dá um tiro no ouvido e... não consegue morrer.

Mais tarde — e é isso que Bourget nos não conta — mais tarde, coraçado pelo cinismo, não podendo mais acreditar nos sorrisos que mentem, nas palavras que enganam, nos olhos que atraioam, ele fará sofrer a pobres mulheres inocentes o martírio que uma mulher perversa lhe causou, ele vingar-se-á em almas crédulas e boas da credulidade e da bondade que lhe renderam tão inolvidáveis agonias!...

E a vida é assim! O mal que um ser nos faz é outro ser inocente que o expia; a semente do ceticismo, que uma traição faz germinar na nossa alma, dá frutos amargos que envenenam quem era inocente dos males que outra criatura nos fez sofrer!

Do livro de Bourget destaca-se a desconsoladora e terrível convicção de que o amor é uma agonia dilacerante, que, ou perverte como perverteu Claude Larchez — o outro personagem de *Mensonges*, ou mata moralmente, pelo menos, como matou Vincy, o poeta seduzido por Mme. de Moraines.

E não há nada mais triste e mais desolador que a dissociação lenta e sutil desse terrível sentimento, feita pelo autor do livro.

No fim de contas os romancistas de pessimismo levam por caminhos indiretos o nosso espírito ao mesmo ponto a que os seus filósofos pretendem levá-lo.

“Eliminaremos o *amor*, para que a espécie humana acabe, e com ela a vida do globo! Eis o que eles sonharam!”



Felizmente há ainda quem reaja contra a desesperante filosofia que mais voga tem encontrado neste período que atravessamos.

Digam o que disserem os homens da negação feroz e de dúvida esterilizadora, a vida é boa, e tem muita coisa que a ilumine e que a encha de fortificantes alegrias!

Não duvido de que haja uma minoria extracivilizada, que tendo acolhido no seu cérebro desequilibrado e doente todas as teorias e todos os sistemas contraditórios elaborados pela gestação de mil séculos, se ache como que numa incerteza permanente, numa irritação nervosa incomportável, e tenha a morte como um refúgio supremo contra as loucas exaltações do seu poder cerebral.

Mas essa minoria, que em Paris, que em Londres, que nas grandes capitais enfim pode constituir um público, mal pode considerar-se que exista, se a confrontarmos com o resto do mundo habitado.

A extrema cultura, a educação exageradamente requintada, o abuso da vida intelectual produzem, é certo, graves desordens no organismo, e graves perturbações no sentimento.

Os que *sabem demais* sofrem por fim duma confusão intelectual tão funesta nos seus resultados como os que *sabem de menos*.

Mas entre esses dois polos da inteligência humana há a enorme maioria dos sãos, dos equilibrados, dos simples, dos que se contentam com o seu destino, e procuram tirar das imperfeitas condições dessa vida, a maior soma de felicidade que ela pode dar-nos.

Entre os que exigem da natureza humana o impossível, e os que se reconciliam com as suas imperfeições e os seus defeitos, há uma enorme distância, há um abismo que ninguém tenta transpor.

Começa hoje a perceber-se claramente que também a civilização exagerada, que também a instrução desproporcional, tem perigos terríveis; e que os *complicados* acabam por ser perversos, os sensíveis em demasia acabam por ser loucos.

Nunca é excessivo o cuidado que devemos ter em nos conservarmos simples de coração, desambiciosos de espírito, não pedindo à vida mais do que a vida nos pode dar.

E se alguém me pedisse a receita para hoje ser feliz, eu havia de a formular por este modo:

“Não queiras saber demais; não queiras sentir demais! Retempera-te nas coisas sãs e nas coisas simples, de que a Natureza é a grande e eterna depositária. Vive; não critiques a vida. Ama, não critiques o amor!”

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, novembro de 1887.

O Paiz, ano 4, n. 1164, p. 3, terça-feira, 13/12/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4796

65. CARTAS FEMININAS

UMA DAS FALTAS QUE MAIS PROFUNDAMENTE SE FAZEM sentir na literatura portuguesa, e creio que na brasileira, é a de livros para a infância e para a primeira fase da adolescência.

Julgar-se-á que é fácil escrever um livro que interesse às crianças. Eis um perfeito engano.

Não há leitor mais exigente do que a criança; não há espírito mais difícil de prender, de fixar, de deleitar e de instruir do que esse irrequieto espírito vibrátil, que recebe as impressões, mas que raras vezes as retém e as conserva.

Tocam-se neste ponto os extremos.

Um livro que entretenha, maravilhe, sensibilize as crianças é tão raro como um livro que faça palpitar o gasto e embotado coração do homem que tenha vivido em excesso.

E no entanto, a formação de um caráter depende, muita vez, das suas primeiras leituras, da sua primeira concepção da vida e dos deveres.

Eu mesma, que já tenho vivido, pensado, sofrido tanto, sinto-me pior ou melhor, mais animada ou mais pessimista, mais para a vida, ou mais submissa ao destino, conforme o gênero de livro que leio e conforme a influência mental que deles recebo.

Que fará uma criança, cuja maravilhosa plasticidade se presta docilmente a todo o molde forte e vigoroso relevo que lhe saibam imprimir?

Acudiram-me todas estas reflexões, tão importantes para quem for mãe, ao ler, há dias, o esplêndido livro de Edmondo de Amicis, transladado recentemente para ótimo português pelo sr. Miguel de Novais, e oferecido por este senhor à municipalidade lisbonense, para uso das suas escolas.

Do livro, o que menos me agrada, por não corresponder cabalmente ao seu fim, é o título...

Coração, *cuore* no italiano, quer dizer muito e não quer dizer nada. Que sai do coração este livro, vê-se claramente; que sai mesmo em límpidos e divinos mananciais dos recessos mais preciosos e mais puros de um coração de homem e de artista — de acordo.

Mas será essa razão suficiente para que o livro se intitule simplesmente — *Coração*? Eis o ponto em que eu discordo do autor e do tradutor.

Como quer que seja, a verdade é que Edmondo de Amicis chamou-lhe — *Cuore* — ao escrevê-lo, e o sr. Miguel de Novais conservou-lhe o nome em português.

O livro em si é simplesmente delicioso. A sua engenhosa trama consta do seguinte:

Um rapaz que deixa a primeira escola das criancinhas dirigida por mestras femininas, e entra na *escola elementar* regida por professores, começa nesse mesmo dia o caderno íntimo, o *Diário* das suas impressões, da sua vida infantil, das suas pequenas e simples aventuras de colegial.

Este caderno é de dias a dias revisto pela mãe, ou pelo pai, que entre as suas páginas intercalam conselhos, exortações, censuras suavemente expressas, palavras de carinho, de animação amorável, de moral e santo ensinamento.

O professor também em cada mês dita uma história ou conto, que o rapazinho copia e transcreve para o seu caderno. Deste modo o livro vai se fazendo, e fez-se de um modo superior, de uma originalidade tão viva e tão encantadora, que me cativou e me seduziu.

Porque enfim, o livro cujo entrecho eu acabo de indicar podia ser muito bem o que é, na sua concepção primeira, e tornar-se depois de executado uma banalidade ou uma sensaboria, uma espécie de *moral em ação* que nos adormecesse, ou nos irritasse.

Mas não, senhores. O que ele tem de superior é o processo porque foi realizado. Há de tudo neste volume adorável. Primeiramente respira-se nele a moral pura, forte, viril e sã, que fica a mil léguas da moral alambicada e restrita em que costumam-se impregnar os livros destinados à mão das pobres crianças. Vê-se que o autor teve em mira, com este estudo de psicologia infantil tão vibrante e tão verdadeiro, mostrar como se forma um carácter de homem, um coração de homem generoso, grande e bom.

A caridade — esta saudável e nobre caridade que é um dever cívico além de ser uma obrigação religiosa — a caridade que se não contenta em dar a bolsa, mas dá o coração com uma prodigalidade generosa e sublime, canta por estas páginas fora os seus poemas de graça ingênua e de ternura inefável.

O amor dos humildes, não revestindo a forma piegas de uma filantropia inane e falsa, mas revelando-se tal qual deve ser, sob o aspecto de uma virtude sugestiva de mil virtudes, fecundadora de mil ações boas, ressalta naturalmente como lição desprestenciosa e involuntária de cada um dos fatos que se vão aqui desdobrando e comentando.

Sempre que é a criança que fala, fala como nós vemos os nossos filhos pensarem. Com uma candura tão ingênua!... Com uma impressionabilidade tão viva!... Com um natural tão delicioso!...

Depois faz-se ouvir a voz do pai, grave, severa ou somente protetora e avisada. E, depois desta, a voz da mãe de uma doçura tocante de expressão, o insinuante poder de uma alma maternal que conforta, corrige, acaricia, ensina, ou pede meigamente.



Bom e nobre livro de cuja leitura a gente sai melhor, como se houvesse assistido ao cumprimento de algum dever sublime, ou à prática de alguma generosa e grande ação!

É destes livros que a alma moderna precisa para não desnorrear de todo no embate de tantas ideias contraditórias e de tantas doutrinas diversas; para se não subverter completamente no pélago tempestuoso de tantas dúvidas em conflito agitado.

Tudo será ilusão e mentira, mas não é mentira a caridade, será mentira o amor, não é mentira o sacrifício, a abnegação da própria felicidade, a imolação de toda a vontade egoísta e perturbadora da ordem geral.

É sobre estas bases eternamente belas — pois que se o mundo as não viu desde que existe, nunca mais tornou a perdê-las desde que as descobriu — que pode ainda fundar-se alguma coisa de estável e de superiormente verdadeiro.

Dizem os cruéis desfloradores da alma moderna, que julgam representar a suprema sabedoria, que a moral é tão relativa como o reto, que também a moral varia segundo a latitude, segundo o clima, segundo o grau de conhecimentos, segundo enfim as circunstâncias externas a que como tudo que é humano tem de fatalmente submeter-se!

Como é perigosa e como é falsa esta asserção!

O que é evidente e claro é que o homem, conforme o ponto em que está na ascensão lenta e difícil que o conduz ao conhecimento da verdade, à iniciação do Bem, tem daquela e deste uma ideia mais ou menos clara. O selvagem que aclamava com uivos estridentes a passagem do *Beagle*, o navio em que Darwin fez a sua grande e decisiva viagem de cinco anos, tão fecunda para ele em descobrimentos e em ideias novas, não tinha decerto a mesma ideia definida, forte e lucidamente deduzida, que o próprio Darwin tinha a respeito do Bem e do Dever.

Mas a verdade é que, chegado o homem a um certo grau de desenvolvimento intelectual, ele sabe qual seja o seu dever e sofre quando o não cumpre, e sente a voz interna que a cada instante lho indica, lho ensina, e lho define.

Viver para a felicidade máxima da comunhão de que fazemos parte integrante e harmônica, e só fazer consistir a nossa própria felicidade da integral conservação dessa harmonia perfeita que o mais leve abuso altera, que a mais pequena desordem perverte — eis o ideal.

Não há escola filosófica, nem doutrina religiosa que destrua as linhas fundamentais desta verdade. Logo ela existe.

E o caminho que nos aproxima mais e mais deste fim supremo é o caminho que nos não engana, é o caminho que, por mais obstáculos que encontramos nele, devemos trilhar com inalterável resolução de ânimo.

Demos pois aos nossos filhos os livros que lhes ensinem a encontrar esta estrada real da Virtude e da Honra.

Digamos-lhes continuamente, sem nunca achar demasiada a nossa insistência maternal, que embora se apaguem nos céus tristes, tão nublados de densas nuvens, todos os astros que iluminaram a juventude da pobre Humanidade, há uma estrela que nunca se apagará na alma dela: é a que brilha docemente quando nos sacrificamos pelos que amamos, quando valem os que sofrem, quando damos o exemplo viril e fecundante da força que resiste às solicitações egoístas da Paixão, ou à tentação cruel do Ódio e da Maldade.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, novembro.

O Paiz, ano 4, n. 1178, p. 2, quarta-feira, 28/12/1887.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4857

66. CARTAS FEMININAS

A LEITORA NUNCA SE SENTIU UM TANTO IMPRESSIONADA E CONFUSA ao estudar o modo por que as casas de hoje se mobilam?

Nunca lhe pareceu que esta confusão de estilos, que esta diversidade de gêneros, que esta justaposição de épocas, que esta variedade extrema de gostos denunciava, na voluntária desordem que representa, alguma coisa da anarquia, que desgraçadamente existe no espírito moderno?

O *ecletismo* nas suas extremas conclusões perigosas fez a mobília das nossas salas e a mobília do nosso cérebro!

O nosso tempo tem um sinal característico e inconfundível que o distingue dos outros. É a indiferença um pouco cética com que aceita tudo que lhe vem do passado, criticando, classificando, na sua mania de erudição *à outrance*, mas desdenhando *criar* alguma coisa que seja propriamente sua!

É o século da *crítica*. Dentro dele, como num bazar enorme e colossalmente provido, encontra-se de tudo que houve nos passados séculos com alguma coisa mais que é só dele e vem a ser o espírito de *diletantismo* inteligente que o faz compreender tudo, simpatizar com tudo, achar tudo igualmente aceitável e legítimo.

Daqui a sua bondade admirável, e também o afrouxamento da sua moral! Daqui a sua penetrante e superior compreensão de todas as religiões, e também a sua impossibilidade de se apaixonar exclusivamente e profundamente por algumas delas. Daqui o seu espírito de caridade largamente desenvolvido, e também a sua indiferença pelos graves problemas filosóficos que tanto agitaram a humanidade nos tempos que lá vão! Daqui a dolorosa oscilação do seu pensamento, que se não fixa em ponto algum determinado, porque não acredita que em ponto algum esteja a Verdade absoluta. Daqui a sua incompatibilidade com o espírito de seita acanhado e restrito, mas também aquela ausência de vigor e de fé que leva aos cometimentos arrojados e às desinteressadas e heroicas empresas.

Daqui enfim muitíssimos dos seus graves defeitos, mas também muitas das suas qualidades de simpatia e de larga intuição tolerante e piedosa.

É que decididamente este século sabe muito, este século sabe demais.

Diante dos seus olhos de velho desenganado e entristecido passam como em um caleidoscópio maravilhoso, todas as visões divinais ou humanas, que inebriaram docemente ou ferozmente, que agitaram com entusiasmo palpitante ou com fervor sombrio as várias épocas que nos precederam na História, os homens de que os homens de hoje descendem.

E de tudo que eles amaram até ao sacrifício da própria vida, de tudo isso em que eles acreditaram até ao martírio e até às chamas da fogueira, de tudo por que eles lutaram e padeceram, julgando ser o supremo bem e a suprema verdade, de tantos deuses a quem eles imolaram a existência, com as suas alegrias e as suas glórias — o que é que hoje resta no fim de contas?

Por algum monumento que ficou de pé, quantas ruínas e quantos destroços vãos!

Por algumas aquisições definitivas, quantas provas de que a humanidade se tem enganado quase sempre, visto que a Verdade entrevista costumava estar afastada e inacessível, e a felicidade sonhada continua a residir nos domínios azuis da intangível quimera!



Mas seria absolutamente inútil esta aspiração sempre vã, este lutar sempre vencido? Não. Lutar é bom, sofrer é bom. Na luta e na dor é que a alma se retempera.

No sonho de alguma coisa que não veio conseguiram-se muitos bens que se tinham por secundários; na dulcificação, que a Dor produziu no homem, encontrou-se a fonte de muitas virtudes abençoadas!

É porque o homem teve a ideal aspiração a um estado de ventura perfeita, que ele tem alcançado tantas conquistas positivas; é porque ele conheceu os mistérios da infinita tristeza, que a sua alma se tem desentranhado em torrentes dulcíssimas de piedade e de perdão.

Os que acusam o homem de hoje porque não faz afirmações dogmáticas, nem se inflama na luz de uma fé superior, não percebem que esse estado da consciência, doloroso e cruel como é, tem lhe sido imposto pelas lições da vida, não é um ato da sua própria vontade.

Haverá na terra felicidade superior à felicidade de ter fé? Fé absoluta, fé perfeita?...

Não nos indignemos contra os que a não sentem; tenhamos piedade deles, que ninguém a merece menos profunda e mais viva...

E no entanto essa espécie de indiferença, que hoje se tem tornado na velha Europa o estado mais geral e mais universalmente sentido, tem grandes centros, é verdade, mas tem pelo menos a vantagem de uma tolerância de espírito quase absoluta.

A perseguição, seja qual for a cor que pretenda tomar, torna-se logo odiosa aos nossos olhos.

Compreendemos tudo, até mesmo o mais sombrio e ardente fanatismo, mas o que não admitimos é que em nome dele se mate, se torture, se inutilize ninguém. Aos que dizem tanto mal do nosso tempo, aconselhamos que leiam a História, e verão que só este gênero de progresso compensa de muita coisa que ainda se não possui, ou que já se perdeu. Se não ter fé é mau; pior é ter uma fé que tortura em nome de Deus, ou em nome de uma doutrina infalível.

Torquemada e Saint Just são igualmente inquisidores, e hoje nem um nem outro poderiam exercer o seu sombrio furor de sectários sem provocar da consciência humana, libertada embora enfraquecida, o mais violento, o mais apaixonado e o mais eficaz dos protestos.



É isto que me reconcilia com o meu tempo nas horas tristes em que o espetáculo das suas torpezas ou dos seus crimes me dilacera o coração.

O presente tem para todos enormes angústias que cada um de nós sofre diretamente. Logo, porém, que, abstraindo das nossas tristezas individuais, nós o comparamos ao passado, sentiremos nessa comparação um consolo salutar.

Há realmente virtudes que desapareceram; faculdades da alma humana cuja origem se estancou; sentimentos que nesta hora da vida da humanidade já não podem florescer naquele magnífico desdobramento de força e de energia que tiveram; mas, em compensação, quantas outras qualidades podem hoje exercer-se livremente, quantas outras virtudes se expandem de nosso coração menos vigoroso, porém mais experiente e sofredor!

Se nós considerarmos a vida natural, a vida animal, não como a sociedade e a civilização a modificaram, mas como ela era primitivamente; se compreendermos o conflito infrene de desejos, de necessidades, de vontades e de instintos, a que ela deu lugar; e se observarmos depois a paz relativa, a tranquilidade, a justiça, a tal ou qual porção de felicidade, que existem na terra, veremos que o homem se tem feito melhor, e que nenhuma das suas crenças deixou de produzir, na hora própria, um fruto de que ele alimentou a sua fome, e que nenhum dos seus ideais deixou de ter na sua alma um efeito fecundo e moralizador, e que nenhuma das quimeras por que ele sofreu deixou de penetrar o seu coração de doçura e de piedade, de enternecimento e de amor.



De que provêm essas reflexões inoportunas que aí tem escrito? pergunta a leitora porventura pasmada. Quem lhe nega o que você afirma sem calor que nos convença? Eu lhe digo. Provêm deste instinto que na escuridão de uma floresta densa nos leva a cantar muito alto, para nos provarmos a nós mesmos que não temos medo.

Diante das coisas que se passam no momento rápido em que eu também passo na terra, preciso de consultar o Passado, de perguntar-lhe se ele foi melhor, e de, recebida uma resposta negativa, me congratular, mau grado todas as evidências, por ter vindo ao mundo hoje e não ontem, por ter pertencido à geração a que pertenço, em lugar de ter feito parte de alguma das que me precederam no tempo.

Julgar é comparar; perdoar é compreender. Eu falei alto na sombra, e pode ser que este solilóquio da minha consciência, tanta e tanta vez entenebrecida e inconsolada, encontre eco simpático no coração dos que me lerem!

É má esta hora, diz-nos a cada instante a impressão desoladora que ela diretamente nos imprime.

É má esta hora, mas seriam as outras melhores?

Não.

Deslocam-se os obstáculos; complicam-se os problemas; é mais exigente e mais complexo o entendimento humano, mas a vida continua a ter um nobre esforço para a perfeição imaginada e o homem é cada vez mais o sonhador insaciado e descontente de um Ideal, que ele não alcançará nunca, mas de que se aproximará continuamente, numa ascensão laboriosa e lenta, cheia de angústia mas cheia também de delícias austeras e de sublimes e incomparáveis abnegações!

Que este pensamento ao menos nos alente e nos dê força para educarmos os nossos filhos, a nós que somos mulheres, a nós que somos mães, e que temos a responsabilidade sagrada de tantas almas, que amanhã terão de reproduzir-se e de manifestar-se no bem ou no mal que fizerem no mundo.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, dezembro de 1887.

O Paiz, ano 5, n. 1191, p. 3, terça-feira, 10/01/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/4918

67. CARTAS FEMININAS

O DRAMA ULTIMAMENTE REPRESENTADO NUM TEATRO DE PARIS, e que um escritor novo extraiu do romance de Alexandre Dumas Filho — *L'affaire Clémenceau*, tem posto novamente na ordem do dia este trabalho já velho do vigoroso moralista francês, e bem assim o eterno tema da *infidelidade da mulher*, que ele tem tratado de tantas maneiras e com tão grande êxito, em dramas, em romances, em folhetos, em cartas, por todas as formas enfim, em que pode debater-se uma questão destas.

Coincidiu com a representação do drama o julgamento de um assassino, cuja situação é exatamente idêntica à de Clémenceau, ou mais grave ainda, visto que o divórcio o tinha legalmente separado para sempre da mulher traidora; e o júri absolvendo o criminoso não fez mais que obedecer ao mesmo impulso irracional, que leva o público a entusiasmar-se pelo herói imaginário.

Eis em poucas linhas o assunto do romance de Dumas e do drama a que ele deu origem: Um escultor célebre, uma *avis rara*, ao mesmo tempo casto como um asceta e apaixonado como um artista, encontra num baile de máscaras uma polaca de dezesseis anos, vestida de pajem. Desatendendo na paixão súbita, que o empolga, todas as considerações de ordem prática e moral que podem mover um homem honesto na escolha da companheira da sua vida, casa com ela, cedendo a uma impulsão de bruto. Adora-a depois com o paganismo de um grego, e a violência de um animal bravo; percebe que ela o engana; expulsa-a de casa; procura no trabalho esquecê-la; não o consegue. Esse amor, visto que não há outro nome para caracterizar uma sensação destas, entrou-lhe no sangue como um veneno corrosivo e mortal. Tem depois uma entrevista com a mulher em que abdica todos os direitos, pois que abdica todas as dignidades viris, e levado por um impulso de ciúme, tão selvático como tudo o mais, assassina-a, enterrando-lhe no peito uma faca de cortar papel que encontrou na mesa do *boudoir* profanado.

Feito isso entrega-se à justiça que o vai julgar, e que estou certíssima, o vai absolver, como absolveu há dias um assassino, exatamente nas mesmas circunstâncias em que se encontra o escultor Clémenceau.

O romance lido novamente, o drama, a audiência judiciária, tudo isto atraindo a opinião pública cansada, porém fora do círculo estreito e odioso de uma política mesquinha, tem dado

ensejo a longas discussões e longos artigos da imprensa, sobre este caso de psicologia tão complexo e tão doloroso, tão vulgar hoje, e apesar de tudo tão trágico.

É que no fim de contas, por mais positiva e materialista que a sociedade se tenha feito, as questões de coração têm sempre para ela um encanto poderoso!



Numa daquelas deliciosas fantasias em que Musset se aproxima imensas vezes de Shakespeare, tendo a menos muitas faculdades de um gênio tão vigoroso quanto profundo e vasto, tendo a mais muitas feminilidades encantadoras e delicadas, o poeta das *Noites*³² põe na boca do seu gentil *Perdicau* esta divina frase imortal, que eu vou talvez estragar, traduzindo-a:

“São mentirosos os homens, são inconstantes e falsos, faladores e hipócritas, orgulhosos e covardes, desprezíveis e sensuais. São pérfidas as mulheres, artificiais e vãs, curiosas e depravadas! O mundo é um enorme pântano profundo, onde, sobre montões de lodo e vaza, se arrastam e se contorcem os monstros mais informes! Mas no mundo há uma coisa sublime e santa, é a união de dois desses seres hediondos! É-se muita vez enganado e traído, sofre-se muito, bem sei, mas ama-se, e quando, à beira da sepultura uma pessoa olha para trás, a ver o que lhe ficou, pode ao menos dizer assim:

“Padeci muito, fui mais de uma vez enganado, *mas amei*! Fui eu que vivi, e não um ser fictício, criado pelo meu orgulho e pelo meu tédio.”

É porque os homens são talvez assim como Musset os viu e os descreve, é porque o amor é isto — a beatificação no ideal de dois seres imperfeitos — que há dois mil anos se escuta o soluço enorme, que a humanidade exala eternamente do seio dilacerado, pedindo a Deus a única coisa que Deus não pode dar-lhe: a duração desse relâmpago de divindade, que brilha para iluminar de uma luz misteriosa, que morre para a deixar sempre saudosa do seu sonho, sempre sedenta da sua visão fugidia!...

Se o amor que a mulher e o homem sentem numa hora de perfeição inefável e sagrada, pudesse durar sempre tal como eles, por um momento o possuíram, de que é que a humanidade poderá queixar-se?

Ela teria em si o Infinito, ela habitaria o paraíso lendário, seria dela o segredo da vida imortal.

³² Trata-se da obra *Les Nuits*, de Alfred de Musset (1835-1837).

A grandeza do homem e também a sua condenação e o seu martírio consistem em ter podido compreender, imaginar, sentir a graça divina deste dom, e em não poder guardá-lo mais que um momento, dentro do seu coração inconstante e vário como as ondas do mar.

Dois seres encontram-se, amam-se, fundem-se num só, que é a plenitude, a graça, a felicidade, a infinita paz.

Depois, sem que ninguém os expulse desse céu que habitaram fugitivamente, esses dois seres separam-se, enganam-se, mentem, deixam de se amar!...

Por quê? pergunta há milhares de séculos a dolorida alma humana ao Desconhecido que nunca se cansou em responder-lhe.

Por quê? por quê? por quê?

Os poemas, os dramas, as literaturas, a filosofia, a história, a moral, as religiões que se sucedem combatendo-se, ou se fazem somente desta interrogação enorme e trágica, onde tudo cabe, e onde tudo se encerra, ou a têm — latente e misteriosa — no fundo das suas concepções mais abstratas, das suas leis mais restritivas, das suas edificações mais complicadas!

Se uma fatalidade que se não vence, e cuja origem reside na esfera inacessível onde nenhum olhar ainda penetrou, não arrancasse ao homem a posse do bem supremo que ele às vezes alcança, não haveria na vida parte das paixões que a revolucionam e ensanguentam, das tragédias que a desorganizam e dissolvem.

É porque o homem ama, que ele criou a moral, a arte, a virtude, a civilização! É porque o homem se enfastia do que mais desejou, deixa de amar o que mais quis, que ele atraiçoa e mente, que ele engana e finge, que ele quebra nas mãos nervosas os ídolos que ergueu em altares marchetados, que ele deixa enfim campear infrene e solto o mal que ninguém aniquila, que ninguém destrói, e cujo poder ninguém ainda conseguiu domar e vencer definitivamente.

Para que o nosso destino fosse, porém, mais angustioso e mais cortado de amargas dores, quis Deus que nós soubéssemos a perfeição para a não realizarmos e a eternidade para a não possuírmos!

Daqui este permanente conflito que põe de um lado todas as concepções grandiosas, e do outro, todas as mesquinhas realidades; daqui, este critério absoluto e injusto, que nos faz detestar o que é, na ânsia sempre traída do que *não pode existir*.

Abençoemos contudo este mal que tão iníquo e tão cruel se nos afigura. É por amor dele que apesar de tudo somos grandes! O nosso esforço perpétuo para o bem é dele que tira a inspiração e

a energia, e se momentos há em que nós possuímos o Ideal que soubemos criar, é ainda a esta luta sem tréguas, extenuante e dolorosa, mas purificadora e sublime, que o devemos...



A compreensão ao mesmo tempo limitada e grandiosa do destino do homem e dos conflitos terríveis que nele se travam, somente o cristianismo a teve, fazendo dimanar dela a sua doutrina toda, austera e tolerante, exigente e cheia de perdões.

Por isso o cristianismo é eterno como lei moral, por isso ele há de dominar sempre, até os homens que mais intransigentemente o contradizem e o negam, inconscientes do selo indelével que ele imprimiu em todo o pensamento moderno, da força poderosa com que ele refundiu e renovou inteiramente toda a psicologia humana.

Os graves problemas que o mundo atual tenta resolver fora da influência e da moral cristã, encontrando a cada passo obstáculos que lhe é impossível dominar, já Jesus Cristo os tinha resolvido sem o auxílio das ciências modernas, só pela caridade sem limites, só pela indulgência de um coração de pai.

Dadas as fraquezas deste ser incompleto e sonhador que é o homem, a piedade entristecida, a piedade untuosa e doce, é ainda o único meio de diminuir o mal e de o combater.

A vida é assim: uma coisa defeituosa e limitada, contraditória e complexa, alegre e triste segundo a hora em que se está; que a espaços se ilumina da luz mais radiosa e pura, que outras vezes mergulha na sombra mais caliginosa e mais densa. Em face dela, aceitando-a como é, sejamos bons e sejamos indulgentes.

Basta que esta simples lei se execute, para que os mais duros conflitos se pacifiquem, e os problemas mais difíceis se resolvam.

De resto, é inútil formular um código, ao qual a paixão do homem — o que há de mais ingovernável, o que há de mais irreduzível — se submeta na hora das suas crises tempestuosas.

Cada organização, quando essa hora soa, medonha e trágica, impondo silêncio a todos os mais poderes que nos dominam, cada organização dará ao caso triste uma solução diversa.

Uns morrem, outros matam; uns choram, outros riem; uns dobram-se resignados, outros levantam-se cínicos; estes desonram quem os trai, aqueles vingam-se, desonrando-se a si.

E todos eles estão na verdade do seu instinto, e na lógica do seu temperamento, embora não estejam, nem na lei, nem na moral.

Os escritores que se chamem moralistas, esses é que têm um dever grave a cumprir em frente destes casos de sentimento ou de psicologia!

Esses é que não devem como Alexandre Dumas criar figuras falsas, sentimentos arbitrários, situações antinaturais.

Não é a sua missão retratarem da sociedade as exceções que encontram nela, isso deixam eles desdenhosamente aos cultores *da arte pela arte*.

A ambição que eles professam é a de, combatendo a força dos instintos, desenvolver e ampliar o poder da moralidade.

Para conseguir esse fim, o que eles devem, antes de tudo o mais, é colocar-se no ponto médio donde estudem a humanidade nas suas linhas gerais, e não nos seus *casos* de patologia sentimental.

Ora, Alexandre Dumas vive de curar aleijões ou de mostrar tipos ideais em conflito com figuras monstruosas.

Daqui uma galeria de heróis e de heroínas inteiramente falsos, e o descobrimento de leis morais inteiramente inaplicáveis na existência vulgar.

A sua eterna conclusão de que o homem traído pode matar a mulher traidora, só seria lógica se os homens fossem os heróis de castidade e de fidelidade que ele se deleita em pintar mentirosamente. E ainda assim...

Eu por mim julgo que a compreensão superior da vida inspira às almas grandes uma piedade profunda, talvez levemente desdenhosa, mas capaz de todas as indulgências...

Tristes os que são enganados, dizem eles, mas, ainda mais tristes os que enganam! Pior que a íntima agonia de perceber que nos mentiram os que mais amamos, é a desoladora e humilhante convicção de que mentimos àqueles a quem mais devíamos amar!

Entre dois seres, o que se infama pela hipocrisia e o que é vitimado pela traição, estarei muito enganada, é possível, mas é do primeiro que eu tenho dó.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, dezembro de 1887.

O Paiz, ano 5, n. 1227, p. 3, quarta-feira, 15/02/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5072

68. CARTAS FEMININAS

PROMETI NO OUTRO DIA FALAR AQUI DO LIVRO DE ALUÍSIO AZEVEDO —

O Homem.

Quase que me arrependo da promessa, tão melindroso, para uma pena de mulher, é o assunto de que aquele livro trata.

Tal é, contudo, a pujança de talento juvenil que ele revela, que muito embora me desagrade o tema deste estudo, não posso deixar de ser profundamente sensível à sua magistral e poderosa execução.

Aluísio Azevedo é *alguém*, e nos tempos que vão correndo *ser alguém* é que se torna sumamente difícil.

A democracia, esta velha inimiga minha, que eu tanto amei já, nas horas inexperientes da mocidade, não só influi diretamente na política — cujo nível tem feito baixar de um modo assustador, e que ela transformou, da grave ciência de governar os homens, na brava concorrência dos mais bravos interesses, no conflito reles das cobiças mais mesquinhas — como influi também na arte, na literatura, na própria ciência, que parecia pela sua essência fora da sua inspiração deprimente.

Compreende-se, sem a longa dissertação que nos levaria para muito distante do nosso assunto, que a leitura que agrada às sociedades irrequietas, cerebralmente sobreexcitadas deste tempo, não pode parecer-se, sequer, com aquela arte delicada e fina, toda em *nuances* graciosas e em boleios flexíveis e ondulantes, que agradou, por exemplo, à sociedade literária e polida da França dos séculos XVII e XVIII ou da Itália do século XVI.

O público, que hoje devora avidamente os livros novos, os jornais, as revistas, os tratados especiais, é um público plebeu, azafamado, que vive a vapor, que precisa de instruir-se no intervalo de dois negócios e de comover na meia hora que todas as noites destina para esse fim sentimental, antes de adormecer.

Não há os longos ócios aristocráticos, que se distraem amoravelmente na convivência agradável de bons livros e de bons espíritos, não há as finas graças da conversa, o amor das belas-letras considerado como um dever de fidalguia e de alta educação; os círculos mais ou menos largos; os salões mais ou menos primorosos, cuja principal ocupação consistia em aplaudir um

madrigal, em ouvir com agrado uma anedota lindamente contada, em decorar um trecho didático, em adotar e patrocinar com exclusão dos outros um certo e determinado escritor.

A arte de escrever tornou-se um ofício como outro qualquer; um mister mais elevado talvez que outros misteres, mas tendendo a encurralar os homens que o exercem dentro de uma especialidade igual às outras.

A literatura perdeu o seu tom frívolo, adquiriu a independência que raramente tinha, deixou de ser apenas um entretenimento da *élite* requintada, que dela fazia o seu privilégio mais querido e o seu gozo mais disputado; mas — alcançando virtudes que não tinha, despindo-se dos *pecados originais* que a contaminavam, foi logo eivada por outros defeitos igualmente graves, que o tempo e as transformações das sociedades lhe trouxeram.

Dantes, os homens que escreviam só o faziam para nos narrar feitos heroicos, ações belas, cometimentos arrojados; para pôr de pé, diante do olhar encantado do seu seletto auditório, nobres figuras de uma altivez romanesca, de um desinteresse estoico, de um valor sublimado, de uma formosura além da humana.

As pessoas de imaginação escolhiam então dentre aqueles heróis tão simpáticos, capazes talvez de belos crimes dramáticos, mas inteiramente inaptos para qualquer ação reais — o herói que mais lhes quadrava à fantasia, e tentavam imitá-lo de longe, na vida real, tendo de antemão a certeza de que só muito remotamente podiam vir a assemelhar-se-lhe.

Esta concepção falsa, um tanto infantil da literatura de imaginação, tinha muitos defeitos, é certo, mas não tinha pelo menos o grave defeito de corromper, pela eterna distinção dos instintos mais perversos, para propagação dos sentimentos mais asquerosos, o senso moral dos leitores menos esclarecidos e mais ingênuos.

Nous avons changé tout cela!

Hoje os personagens de romance ou de drama já nos não inspiram o inocente desejo de lhes imitar as virtudes nem a heroicidade *crônica*. A literatura democratizou-se como tudo o mais. De sintética que era fez-se analítica até à minudência fastidiosa e secante.

Assim como a ciência estuda o *micróbio*-bicho, o romance estuda o micróbio-homem.

Sumiram-se para sempre nos bastidores da arte moderna os grandes personagens e as grandes paixões.

Tudo que é pequeno, tudo que é mesquinho e reles, incaracterístico ou feio, humilde segundo a natureza e humilde segundo a sociedade — eis o que atrai principalmente o escalpelo impaciente desse fisiologista de nova espécie, que é o escritor moderno.

Que importa que o cadáver seja raquítico e feio, ao *carabui* de hospital, que o estende sobre a banca do gabinete anatômico e lhe desfibra os músculos, lhe dilacera as vísceras e lhe sonda as entranhas ainda palpitantes?

O romancista de hoje é o *carabui* da literatura.

E assim como no hospital só veem morrer os mais pobres, os mais desgraçados, os mais miseravelmente viciosos, assim também na literatura atual só se estudam e analisam os *casos* de maior miséria moral, de mais funda e irremediável pobreza orgânica, de mais repugnante e doloroso aspecto!

Casos patológicos! Casos patológicos e mais casos patológicos!

E se ao menos dissessem que os deleitava o estudo das exceções e das anomalias humanas! Mas não!

“O homem médio é assim, é o que eles dizem. E portanto o que nos cumpre é estudar o homem médio.”

“Em primeiro lugar, o que eu nego é que a média da humanidade seja um repositório das mais baixas e repugnantes paixões! Pelo contrário. Os simples são quase sempre melhores que os complicados. Não têm arrojados de nobreza nem ímpetos de heroicidade, mas também não têm as ambições que pervertem, nem as paixões violentas que desnorteiam.”

Depois, dado mesmo que a maioria dos homens constitua ou esse rebanho de feras em que não destaca uma única rês boa, ou essa multidão de anônimos incaracterística, monotonamente avergada ao peso de umas leis que outros fizeram, obedecendo passivamente a preceitos, que mal compreendem, não é esse o rebanho vil e mau, não é essa turbamulta sem relevo e sem acentuação própria, que nos pode interessar a nós.

Nós sabemos que a humanidade arrancou da sua consciência a virtude; da sua fantasia adorável e inquieta a poesia e a arte; do seu coração ardente e doce o amor; da sua curiosa, paciente e tenaz e heroica investigação a ciência.

Sabemos que ela estudou e explorou o enorme globo para onde a atiraram nua e desarmada; sabemos que a transformou e civilizou; sabemos que sujeitou à sua virtude a natureza hostil e brava; sabemos que a existência dela é um permanente milagre que dura há milhares de séculos.

Desde o átomo imperceptível até ao planeta enorme; desde o zoófito humílimo até às criações mais complicadas e mais perfeitas, o que é que ela não conhece e não explica? Foi ela que descobriu a lei que rege os astros no espaço infinito, e a lei que presidiu a primeira manifestação da vida, no fundo dos incomensuráveis mares; o que é infinitamente grande e o que é infinitamente pequeno, disse-lhe a ela o segredo inefável da sua essência, e não há no tempo um minuto, nem há no espaço distância que ela não tenha enchido com esforços da sua inteligência e povoado com os sonhos da sua sublime fantasia.

É essa humanidade verdadeira e eterna, meritória até nos seus erros, sublime até nos seus defeitos, tocante até nas suas paixões, digna de misericórdia e de admiração até nos seus crimes, que eu queria ver amada, estudada, celebrada pelos modernos romancistas de talento tão profundo e vibrante como de Aluísio Azevedo.

Ele preferiu, porém, tratar com o seu poder de estilo surpreendente e raro um caso especial de patologia feminina.

Na minha *carta* seguinte, que será próxima, veremos, pois, como o conseguiu.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, janeiro de 1888.

O Paiz, ano 5, segunda-feira, n. 1246, pp. 2 e 3, 05/03/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=5151

69. CARTAS FEMININAS

COMO NA MINHA ÚLTIMA CARTA ANUNCIAVA, vou hoje falar do romance de Aluísio Azevedo, o brilhante escritor brasileiro.

Na primeira página do seu livro escreve ele estas palavras características: *Quem não amar a verdade na arte e não tiver a respeito do naturalismo ideias bem claras e bem seguras, fará, deixando de ler este livro, um grande obséquio a quem o escreveu.*

Por mim declaro francamente que só realizo uma das partes do programa, que é necessário cumprir, para ler, com assentimento do autor, este seu trabalho de análise e de fisiologia.

Amo a verdade na arte, amo a verdade, quer dizer — amo a sinceridade em tudo.

O que seja propriamente a verdade não sei; nenhum de nós sabe.

Cada pessoa a vê por seu modo, e cada um destes *modos* subjetivos de a encarar é um aspecto dos milhares de aspectos que ela tem.

Sendo a vida um sonho que a cada instante se forma e se desmancha, uma sucessão de visões incoercíveis, que se desdobram umas das outras transformando-se perpetuamente, uma ilusão no seio da qual se tecem ilusões sem fim, quem pode afirmar que, um instante, um instante só que seja, possuiu a verdade absoluta?...

Se até o nosso ideal é feito de reminiscências da realidade, se além daquilo que os nossos órgãos imperfeitíssimos podem perceber, nós nada sabemos do mistério eterno que nos envolve, e nos irrita, e nos oprime, e nos sacode incessantemente: — como é possível que um de nós ouse afirmar que tem ideias seguras, firmes, inabaláveis a respeito de qualquer coisa?...

Passamos na terra efêmeros de um dia, efêmeros que, para agravação da nossa miséria, temos a consciência da nossa rapidez e da nossa fraqueza. Cada um que passa conta aos outros, se tem tom de voz para tanto, as coisas de que mais sofreu, e é deste lamento que sucessivas gerações têm gemido, umas após outras, que se faz a nossa ciência acanhada e triste acerca da vida e dos seus terríveis problemas insolúveis para sempre.

Se o mesmo ser varia de momento para momento, e em cada um deles tem a respeito do meio moral que o cerca uma impressão diversa, como não hão de variar as gerações, que passam, ensaiando cada uma novas fórmulas de arte ou de política, de economia ou de moral, de filosofia ou de religião?...



Neste momento, o que a arte julga a verdade é a *constatação* fria, sistemática, imperturbável das misérias que mais afligem a civilizada espécie humana. Não é já um refúgio a arte. A imaginação já não serve, para, das nossas aspirações irrealizadas, formar um mundo melhor e mais iluminado pela felicidade e pelo amor.

A literatura propôs-se a provar-nos que o mal existe e que é incombátível para nós. A fatalidade das coisas, a miséria irreduzível do nosso destino, a tristeza que necessariamente provém da contemplação da realidade, as chagas mais pustulentas do corpo social estendido sobre o mármore da banca anatômica, e desvendado até aos seus escaninhos mais ocultos: eis o que a arte se encarrega de traduzir na sua forma prestigiosa, duradoura e bela!

Pertence a esta escola de desesperada tristeza o escritor de um talento pujante e extraordinário, ao qual a literatura brasileira deve, entre outros livros, decerto de igual gênero, o livro que recebi, e que li com o prazer mesclado de amargura que quase todos os artistas modernos me inspiram. Magdá é uma burguesinha, filha do conselheiro Marques, e educada por aquele processo romântico a que se devem todas as meninas preguiçosas, todas as mulheres incompreensíveis, todas as heroínas de novelas erótico-sentimentais; Magdá tem uma inclinação por um moço que foi educado por seu pai, perto dela, na sua íntima e permanente convivência de todos os dias.

Entre esses dois seres, moços, felizes, livres, que o destino parece ter criado de propósito para se unirem um dia, levanta-se, quando menos se espera, este pequeno obstáculo.

Fernando, o companheiro de infância e de adolescência de Magdalena, é nem mais nem menos do que seu próprio irmão, irmão bastardo fruto dos clandestinos amores do conselheiro Marques. Este conselheiro é tolo! Ninguém educa ao pé da filha um rapaz, numa intimidade de todos os momentos, excitante e perigosa, sem nunca dar a perceber a um ou a outro os laços de estreito parentesco que, unindo-os, os tornavam um para o outro defesos. Ninguém se expõe a ter de confessar a sua culpa, quando essa culpa, excessivamente agravada, já constitui uma desgraça irremediável para as suas vítimas!

Compreendo que o conselheiro tivesse uma *fraqueza*; qual é o homem, que a não tem, que a não teve, que não está para a ter?!... O que realmente se não compreende, o que passa os limites do

verossímil *naturalista*, é que ele faça viver ao lado de sua filha, moça, vigorosa, habituada à satisfação dos menores caprichos, um rapaz que ela julga poder considerar como noivo, que ela de criança se habitua a estremecer apaixonadamente, com denguiques e mimos de rapariga afeita a ser feliz e a ser obedecida em tudo.

Quando Magdalena sabe que entre ela e o querido do seu coração, o eleito da sua paixão juvenil, existe um abismo que nenhum poder humano transpõe, procura resignar-se, depois de uma luta mental, de que o romancista nos deixa adivinhar, bem que muito incompletamente, as inoportáveis agonias.

Fernando parte para longe, e morre sem tornar a ver a irmã.



Começa aqui a delinear-se e a desenvolver-se o *caso* de que Aluísio Azevedo se fez cronista médico.

O abalo moral que sacode profundamente o organismo são e perfeito da robusta rapariga determina nela uma histeria complicada, rara, interessantíssima no gênero, cuja evolução lenta, progressiva, estudada segundo os preceitos mais rigorosos da ciência médica, nós vamos seguindo, com atenção por assim dizer dolorosa!

Compreende-se que um especialista das doenças histéricas ou das doenças mentais, um Charcot ou um Maudsley, encontrando na sua clínica este *caso* excepcional, tratasse de discriminar-lhe miudamente as causas determinantes, e verificasse com exatidão médica, com precisão científica, com implacável poder de análise, todos os sintomas da doença que eram chamados a estudar, a diagnosticar, a tratar enfim.

Tendo de acompanhar a sua desventurada enferma desde os prelúdios mal definidos de uma doença desta ordem, até à crise final, que é o homicídio perpetrado por impulsão, quer dizer — tendo de descrever os vários períodos de uma loucura parcial, que remata no crime, o médico ou os médicos tinham o dever restrito de ser exatos, minuciosos, desapiedados na verificação das causas fisiológicas que levam a este efeito, do domínio absoluto da patologia.

Pena é porém que um artista se julgasse adstrito a dever igual, e que nos desse na sua heroína apenas a doente, a doente irresponsável, inconsciente, presa lamentável e triste de uma enfermidade, que é por sua natureza irreduzível ao esforço da vontade humana.

Que interesse de arte ou de moral pode haver em um caso destes?

Admitidas mesmo as modernas teorias deterministas, dado mesmo que o livre-arbítrio, tal como o homem antigamente o concebia — fazendo depender desta doutrina a sua religião, a sua moral, a sua legislação, a sua política, subordinando a ela todas as outras concepções do seu espírito — dado mesmo que o livre-arbítrio não exista, em todo o caso, o que nos interessa em uma vida de homem ou de mulher, é a luta entre os fatores diversos de que é resultante o seu destino.

Embora a *vontade* não possa reagir eficazmente contra as circunstâncias que a assoberbam, embora o *meio* atue fortemente sobre o indivíduo, embora a influência atávica tenha um predomínio incontestável no temperamento, embora a lei da hereditariedade seja quase sempre iniludível, a luta da vontade contra estes elementos combinados ou heterogêneos, o seu triunfo definitivo ou a sua derrota inevitável, o combate da razão armada por tantas forças de ordem elevada e complexa, contra a feroz resistência dos instintos, o drama que se passa no interior de cada organismo, entre as tentações que o solicitam e os princípios adquiridos que o sustêm: — eis o interesse capital que, para qualquer de nós, tem o espetáculo de uma vida humana.

Um inconsciente ou um enfermo excita-nos a piedade fácil, que se dá a todas as misérias sem remédio, mas não nos inspira nem nos sugere aquela ordem de emoções, mais nobre e mais fecunda, que os grandes dramas da paixão e da vontade, do instinto e da razão, do temperamento e da consciência, acordam no nosso coração.



Não é porém dever da crítica censurar o escritor pelo tema que ele escolheu para exercer as suas faculdades de análise ou de imaginação. Aceitemos a obra tal qual é, e admitido o ponto de partida, vejamos o *modo* por que à *intenção* do escritor corresponde a sua execução.

Seria lisonja pouco aceitável e pouco digna dizer que não tem defeitos, e defeitos graves, o livro de que venho falando. Mas que belezas admiráveis não compensam esses defeitos!

Os sonhos da pobre histérica, inconscientemente possuída pela obsessão carnal, que lhe perverte as faculdades intelectuais, que lhe exaure a força física, que anula nela a razão e a vontade, esses sonhos são um esplendor de forma, e têm a iluminá-los um tal vigor de fantasia, uma tal exuberância de paixão, que denunciam em Aluísio Azevedo, ao par do *naturalista*, que ele quer ser, o poeta que realmente é.

Será possível, e é neste momento ao psicologista que eu me estou dirigindo — será possível que ao lado de alucinações tão veras, perigosas e completas, Magdalena, a infeliz louca, conservasse o poder de vontade que corporalmente a separasse sempre do *Homem* — o homem sua tentação e seu delírio, seu sonho e sua perversão doentia?

Que incoerência grave é esta, num escritor tão namorado do *documento humano*?

Vai longe este artigo, sem eu ter conseguido formular nele, com a nitidez com que a sinto, a impressão que o romance brasileiro me deixou.

Resumindo, pois, direi que achando belo e em certas páginas verdadeiramente admirável, rico de seiva juvenil e de impetuosa energia o estilo de Aluísio Azevedo, achando que ele tem um talento de expressão, uma originalidade de sentimento deveras notável, achando que ele pode enfileirar ao lado dos romancistas modernos de mais fôlego e de colorido mais brilhante, ele tem processos artísticos com os quais não simpatizo nem concordo.

A crítica moderna deixou de ser um corpo de doutrina dogmática e autoritária para ser a livre expressão do gosto individual de quem critica: é sob este ponto de vista que eu aplaudo com entusiasmo o talento vigoroso e pujante do romancista brasileiro, sem me cingir incondicionalmente ao modo por que ele o aplica e aproveita.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, fevereiro de 1888.

O Paiz, ano 5, n. 1262, pp. 2 e 3, quarta-feira, 21/03/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5219

70. CARTAS FEMININAS

NESTE MOMENTO, DE UM E OUTRO LADO DO NOSSO PEQUENO PAÍS, não se ouve senão um coro uníssono de lamento, uma grande sinfonia de dor!

A catástrofe do Porto produziu em todo Portugal, e estou certa que em todo o Brasil, uma impressão pavorosa e profunda.

O *Paiz* foi dentre os jornais brasileiros o primeiro a manifestar a sua simpatia fraterna e Sua Majestade a rainha já neste momento está de posse das 500 libras esterlinas que esse filantrópico jornal lhe enviou como adiantamento da subscrição aberta nas suas colunas.

As subscrições estabelecem-se em toda a parte, planeiam-se festas, benefícios, saraus, quermesses, publicações literárias, os socorros afluem de todos os lados, e a mesma comoção piedosa agita e faz palpitante os corações portugueses unidos desta vez sem dissidência de espécie alguma, para o mesmo fim humanitário de piedade e de amor.

Ao lado da grande cena dantesca, cujo horror a gente não chega a poder compreender sequer, quanto mais a expressar em palavras; ao pé da horrenda tragédia, cujas peripécias infernais se passaram na sombra, ficando para sempre ignorado de todos o que elas tiveram de mais atroz e de mais sobre-humano na agonia — surge para nos consolar das misérias inelutáveis de que a terra está cheia e de que a vida se povoa fatalmente, este belo monumento de caridade, que parece a compreensão divina de tantas dores e de tão negros desastres!

Se nos sentimos inclinados com o sombrio Hartmann, com o duro e sinistro Schopenhauer a amaldiçoar a vida, a vida que é tão dura, a vida que é tão triste, a vida que, incluindo em si tantos males, faz do *mal* de *pensar* o pior de todos eles, a vida que nos ensinou a dúvida com todas as amarguras dissolventes, o desalento com todas as suas esterilizadoras melancolias, a vida, que de quando em quando, desdobra diante de nós estes quadros de horror sem nome — logo um como que orvalho, fresco e caricioso consola a aridez da nossa alma e as lágrimas de enternecida admiração sucedem às lágrimas de desespero anulador!

Sim; tudo que eles dizem, os sombrios pessimistas, é verdade! Desde Jó até nós quantos homens, na aflição e no desamparo, têm levantado para o céu a palavra blasfema maldizendo entre todas as noites a sombria noite em que o ventre de sua mãe os concebeu! É triste e cheia de pavores esta negra floresta chamada a existência humana, mas no meio dela quantas clareiras verdes que o

sol morde com a luz triunfante, que o luar envolve numa carícia pálida e dolente, e à borda das quais se dependuram ninhos e vocalizam rouxinóis!...

Renan diz que devemos abençoar a Providência, porque nos concedeu a todos, ainda mesmo ao mais pobre de bens terrestres, o *usufruto do universo*! Eu, a falar a verdade, não levo o meu amor panteísta da Natureza a tão mórbidos extremos [...] que ela só me supra tudo, e de tudo me console e me compense.³³

Mas não só o mundo físico é belo nos seus aspectos de infinita variedade e de infinito encanto. O mundo moral é tão vasto como o universo, tão multiforme e tão complexo como ele; com a mesma riqueza de formas várias, a mesma sedução de aparências sucessivas e de sucessivos contrastes... É como ele feito de tudo... E ao pé das grandes dores tem as consolações dulcíssimas, inefáveis.



As virtudes do nosso tempo são a simpatia, a tolerância mútua, a caridade acrisolada. Deste fim de século, tão pecador a vários respeitos, e contra os defeitos imensos do qual eu me insurjo tanta vez, movida pelo amor que lhe tenho, e, portanto, pela cólera que seus erros me sugerem — deste fim de século poderão dizer os vindouros, *que muito lhe será perdoado pelo muito que amou*.

E é no bom sentido que esta frase se lhe pode aplicar.

Tudo que lhe falta de virtudes viris, parece que foi substituído por uma imensa piedade do coração! Depois este tempo, fazendo da Dor o seu principal estudo, amoleceu-se nessa contemplação, e, se perdeu a vontade que resiste, adquiriu o instinto misericordioso que compreende e consola!

De todas as manchas com que a índole sanguinária dos homens de outro tempo manchou a civilização que se ia, apesar de todas as correntes contrárias, fazendo lentamente, só a guerra campeia ainda com a mesma insolência irredutível e os mesmos direitos que ninguém se atreve por enquanto a contestar.

Desapareceram as teocracias despóticas, que se impunham pelo ferro e pelo fogo, pela espada dos cruzados e pelas fogueiras dos inquisidores; desapareceu a escravidão, que fazia do homem uma besta de carga, e da palavra *fraternidade* uma ironia cruel e uma impostura

³³ A formulação desse parágrafo é pouco clara, possivelmente por problemas derivados do processo de composição tipográfica.

repugnante; desapareceram os ódios terríveis de homem para homem, de casta para casta... tudo que era selvageria e crime consagrado, deixou de ser uma lei das coletividades para ficar apenas aqui e ali um desvario ou uma alucinação dos indivíduos! E uma onda inefavelmente doce, uma onda que parece feita, segundo a deliciosa expressão de Shakespeare, *do leite da ternura humana, the milk of human's tenderness*, atravessa de lado a lado o mundo, despovoado de visões tenebrosas, e onde já não imperam as tremendas teogonias de outrora!



Pois bem! Que isto nos console do afrouxamento das virtudes austeras, cujo segredo talvez se perdesse em parte... Que isto nos infunda uma certa indulgência para o vício do ceticismo universal, que é tão dominante no espírito moderno, como a virtude da universal caridade!

De resto sabe-se que as pessoas intransigentes, fanáticas, incapazes de se moldarem às diversas aparências que as coisas tomam aos olhos de quem as vê de uma certa altura, não cedem, mas também não perdoam.

A tolerância, esta divina virtude, compra-se à custa de um sacrifício grave. Só a compreende bem e bem a pratica, quem toma a vida pela eterna ilusão que se reveste de sucessivas formas, que se doira das mais variadas e brilhantes cores, mas que não é imutável nem fixa em nenhuma das suas modalidades, em nenhum dos seus aspectos.

Os que se encerram dentro de uma verdade dogmática ou dentro de uma doutrina limitada e restrita, não perdoam à curiosidade que perscruta e indaga, nem à fraqueza que vacila! Fora do seu grêmio não admitem salvação; condenam irremissivelmente, com o cruel desdém do fanatismo, todos os que não partilham na forma e na essência as suas crenças, as suas convicções, as suas práticas!

O universal amor só pode realizar-se na sua perfeição relativa, quando entre os homens não haja os abismos que ainda hoje separam umas das outras as criaturas do mesmo Deus, mas que tão diversamente compreendem a origem comum donde partiram!

Se essa hora de suprema pacificação é possível, marcará ela o advento da felicidade humana.



Eu neste momento contento-me em registrar os fatos que se estão passando aqui, e que manifestam claramente um progresso moral das sociedades.

À catástrofe que aniquila uma centena de criaturas, e que lança na miséria, umas poucas de dezenas de famílias, responde de toda a parte onde pulsa um coração português, e onde se fala a língua que é nossa, um brado de amor poderoso, uma manifestação de piedade e de simpatia.

Se há perigo nesse empenho admirável, é em ser talvez excessivo e exclusivista demais!

Desde que se deu o sinistro do teatro do Porto, parece que o coração se fechou para todos os infortúnios e só se abre para aqueles inextinguíveis caudais!

No entanto *feliz culpa* esta! E que aperfeiçoamento enorme ela não marca na obra sempre progressiva e sempre ascendente da moral social! Ter a gente que dizer quando uma calamidade destas abre as fontes à piedade do coração: basta! Não exageremos o socorro, não demos tudo aos que estão sofrendo; guardemos alguma coisa para os que sofrerem amanhã!... Nem será isto a realização mais bela de todos os sonhos humanitários que o otimismo tem sonhado, e que ela opõe à invasão das funestas doutrinas indogermânicas representadas por Schopenhauer, o filósofo da desesperança e da morte universal?!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Março de 1888.

O Paiz, ano 5, n. 1316, pp. 2 e 3, segunda-feira, 14/05/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5323

71. CARTAS FEMININAS

ESTÁ JÁ NUMA QUANTIA ENORME, PERFEITAMENTE DESPROPORCIONAL com o seu fim, a subscrição promovida para as vítimas do incêndio Baquet.

Como sempre sucede entre nós, ao primeiro movimento adorável de um povo em que a primeira virtude é a caridade, seguiu-se muita coisa que bem merece outra designação e outro nome.

Neste caso, como em todos, o duplo aspecto trágico e cômico dos acontecimentos humanos revelou-se a uma larga luz.

Pelo que pode perceber-se em algumas correspondências do Porto, e em algumas notícias de jornais, a caça à *esmola* tornou-se numa ocupação absorvente e num jogo igual ao da loteria de Madri.

É extraordinário o que neste assunto nos revelam algumas indiscrições jornalísticas.

Uma carvoeira, por exemplo, pede para ser largamente indenizada das perdas que teve em resultado do incêndio, visto como lhe morreram nele os seus melhores fregueses. Contratadores de bilhetes reclamam esmola por lhes ter ficado o seu mister em plena ruína.

Pessoas a quem morreram na medonha catástrofe parentes afastadíssimos, requerem para ser contempladas em um socorro permanente ou temporário, atendendo à perda lamentável que tiveram.

E ao lado daquela floração deslumbrante de uma virtude tão bela surgem de todos os lados estas manifestações dolorosíssimas dos instintos menos nobres, dos sentimentos menos simpáticos!

A comissão encarregada de distribuir os socorros só luta com uma dificuldade, mas esta de primeira ordem: não sabe o que há de fazer às sobras importantes que deles ficam.

Há em toda a parte misérias horrorosas, quem o não sabe? Para remediar, para atenuar uma parte insignificantiíssima dessas dores, não bastaria a subscrição agora realizada, nem mesmo que a houvessem centuplicado três ou quatro vezes, mas essas desgraças não têm direito a um socorro que foi dado para outra, e ninguém ousa tomar a responsabilidade de uma distribuição arbitrária, e ninguém pode aplicar em favor desses o dinheiro que para outros foi pedido e foi dado.

Socorridos os órfãos que ficaram da catástrofe Baquet, amparadas e subsidiadas as viúvas, dado um socorro temporário aos que perderam temporariamente o trabalho de que viviam, resta ainda uma quantia importantíssima sem imediata aplicação.

Chovem de todos os lados alvitres, que me parecem igualmente inaplicáveis.

A verdade é que haverá imensa gente descontente, que será duma dificuldade grande evitar os abusos que se anteveem.

Ao lado das verdadeiras vítimas, que não são nem tão numerosas, nem tão amparadas todas, como se disse e se propalou, há as *falsas vítimas*, cuja gritaria infrene começa a fazer-se ouvir!

Esta catástrofe, lamentável como é, presta-se bem a um estudo da sociedade portuguesa, tal como está hoje constituída. A facilidade extraordinária que ela tem em dar e em pedir, em socorrer e em mendigar, em ministrar a esmola e em requerê-la, mostrara-se numa escala verdadeiramente colossal!

Eu declaro que tudo queria, menos fazer parte da comissão de socorros!

Entre os que têm de remediar o mal e os que sofrerem dele, preferia, se me obrigassem a optar, o papel de vítima.

Neste momento afigura-se-me até que é o melhor papel que possa representar-se em Portugal.

Dantes, ainda bem os *mortos* não estavam enterrados, já a opinião pública lhes levantava um altar. Às vezes o altar do morto era feito com os materiais que haviam servido para instrumentos inquisitoriais de tortura *ao vivo*!... Era tardia a reparação; mas, por mais vilipendiada que uma pessoa fosse, podia estar tranquila e contar com a apoteose... póstuma.

Agora já os mortos não bastam. Precisamos de *vítimas*. A posição social de *vítima* é, palavra de honra, a única que invejo!...



Entre as últimas *vítimas* ungidas pela ternura pública, uma das mais interessantes e dignas de dó, é um barbeiro que esteve a pique de ir para a Costa da África, sob a acusação tremenda de ter envenenado um major da sua amizade, no dia seguinte àquele em que este generoso e bélico personagem testara em favor dele alguns centos de mil réis que fizera de economias.

O barbeiro, coitadinho! estava inocente como eu, inocente como o leitor, inocente como o próprio major; mas a análise feita às vísceras do cadáver deu em resultado que a morte fora produzida pelo arsênico, e o triste barbeiro é imediatamente *catrafilado* e metido no Limoeiro!

Horror!...

Além desta *vítima*, e além da *vítima* a quem a autópsia foi feita, houve neste caso mais duas *vítimas*: os peritos que se enganaram na análise química das vísceras.

Esses, é verdade que resgataram nobremente o seu desgraçado engano, vindo revelá-lo à justiça antes de serem impelidos a tal declaração, antes mesmo de que alguém pusesse em dúvida a verdade dos resultados a que tinham chegado.

Não sendo a ciência do homem infalível, que culpa tiveram os pobres químicos de se enganarem? Ninguém decerto sofreu mais do que eles, ao terem de revelar o seu fatal equívoco! A verdade, porém, é que a opinião tem sido implacável com os infelizes! Eis aí as primeiras vítimas do meu conhecimento, que não conquistaram o favor do público. Será mesmo por isso que eu, a eterna dissidente do meio em que vivo, as tomei debaixo da minha *poderosa* proteção.



Não são eles que eu acho culpados, desde que, reconhecendo o seu erro, resgatavam por todas as maneiras por que podiam fazê-lo...

Quem eu acho culpada é a Lei! Não se admite que ela não tenha previsto o caso de ser perseguido um inocente pela culpa ou pela ignorância dos homens que a representam!

Não se percebe que ela não destinasse uma indenização pecuniária e uma reparação moral para aqueles que por uma culpa, que é exclusivamente da justiça humana, sofreram nos seus interesses, sofreram na sua reputação, sofreram na sua vida inteira.

Quem é que pode restituir ao pobre inocente, tão cruelmente e injustamente perseguido, a tranquilidade da sua alma, abalada por tantas angústias, o pecúlio laboriosamente ganho e despendido na tarefa improba de se justificar duma culpa não cometida; a fé que ele tinha na bondade e na justiça dos homens, tudo enfim que perdeu neste naufrágio moral, tão medonho e tão irreparável?

Decididamente, meus queridos leitores, o otimismo é a doutrina mais absurda que ainda se inventou! Tudo está mal cá embaixo e os que de tudo desconfiam e de tudo descreem são os únicos que estão menos expostos a enganar-se!



Para não deixar a parte feminina dos que têm a indulgência de ler-me sob a impressão de uma tristeza injusta, dir-lhes-ei que a primavera está neste momento ostentando em torno de mim o luxo admirável das suas cores, a harmonia inefável das suas sinfonias complicadas, a impetuosa alegria da sua luz incomparável e deliciosa!

As rosas e os lilases reinam com uma soberania despótica; as olaias estão todas em flor, os pilriteiros bravos estendem pelo campo os seus lençóis de neve pura, as piteiras duras e eretas coroam-se de grandes flores amarelas, de um tom cálido de ouro em fusão...

E contra a melancolia das coisas, e contra a tristeza ardente e inconsolável de que padece a alma humana, protesta magnificamente, na sua olímpica explosão de vida imortal, a natureza, essa adorável natureza, indiferente às dores, mas que as consola sem querer a todas, conquanto Renan a acuse, com a graça que é só dele, de *imoralidade transcendente* e de ilacrimável impossibilidade!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO.

Lisboa. Abril de 1888.

O Paiz, ano 5, domingo, suplemento ao n.1328, p. 5, 27/5/1888

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=5374

72. CARTAS FEMININAS

SARAH BERNHARDT ACABA DE PASSAR EM LISBOA, deixando um rastro de fogo na sua passagem de grande alucinada!

Durante nove noites seguidas, o nosso público mais inteligente e mais seletivo, reunido no teatro de D. Maria, tremeu, chorou, palpitou de paixão, freuiu de horror, gritou de entusiasmo, *à voz de ouro da grande trágica moderna*.

Houve no coro de aplausos algumas notas dissidentes, e uma bastante injusta.

Houve, por exemplo, um jornal, que asseverou, com leviano critério, que as plateias do Rio de Janeiro e do Chile tinham estragado a correção, tinham modificado o mimo, tinham inspirado os exageros de dicção de Sarah Bernhardt.

Não conheço o Chile, mas conheço suficientemente o nível intelectual e moral do Rio de Janeiro, para saber com certeza que nesse país e nessa cidade, principalmente, a *élite* inteligente é muito mais numerosa do que a nossa.

O Brasil adora o talento, e, o que é mais, compreende-o. E se os escritores portugueses, por exemplo, têm algum incentivo, pelo qual lhes valha a pena trabalhar, aperfeiçoando-se, é do Brasil que esse incentivo, incontestavelmente, vem. Aí as coisas do espírito têm um culto muito mais sincero e muito mais convicto, aí estudam-se com louvável aplicação as questões mais atuais e os problemas de arte mais interessantes; há uma geração verdadeiramente pujante de vigor intelectual, e as coisas mais belas que a imaginação e o gênio têm produzido apreciam-se com singular e notabilíssimo critério.

Têm-me referido viajantes, que daí voltam para sempre cativos, e Ramalho Ortigão é um deles, como nessa terra se trabalha, estuda e lê, como a educação feminina das classes abastadas é cultivada com requintadíssimos esmeros, e como ao lado do esforço viril do homem floresce a graça inteligente da mulher.

Entre o escritor e o seu público, entre o artista e o seu auditório, entre o pensador e os seus discípulos, estabelece-se aí, muito mais do que entre nós, aquela simpatia magnética, aquela identidade de sentimento, aquela mútua vibração de sensibilidade, aquela comunhão de pontos de vista, que são para os que trabalham nesta esfera da atividade humana a recompensa mais apreciada e mais querida!

Não digo que em Portugal não haja uma *élite* distintíssima, mas que pouco numerosa que ela é! Mais ampla, mais aberta a todas as simpatias, mais curiosa de artes e de letras sobretudo, essa *élite* basta para constituir no Brasil um público, um grande público, que lê, que aplaude, que se interessa, e que anima irresistivelmente os escritores e os artistas.



Respondido a este ponto, que me pareceu injusto, falemos de Sarah — a *magicienne* incomparável.

A verdade é que ela está menos perfeita, mas não foi o Brasil nem o Chile que a perderam; foram os exageros das suas próprias belezas, foi o desenvolvimento excessivo das suas próprias qualidades.

O arrebatamento, a paixão, os ímpetos geniais, que não dependem de qualquer escola, nem se filiam em qualquer tradição; o capricho ilógico das atitudes, a graça dos gestos estranhos, as inflexões musicalmente moduladas daquela voz, que canta e ruge, que arrulha e uiva, que soluça e ri — todo este conjunto raro e inenarrável de qualidades inteiramente *pessoais*, sem modelo e sem imitadores — eis o que fazia a suprema sedução de Sarah Bernhardt.

Tudo isso ela tem ainda, é certo, o que não impede que ela transporte tudo para um ponto mais alto do que era necessário, e do que era perfeito no gênero que é só dela.

Este *senão*, porém, só o percebem por ora os delicados, os exigentes, os que sofrem de não encontrar na arte a perfeição que sabem sonhar.

Deve acrescentar-se, para bem da verdade, que muitas vezes a grande trágica logrou satisfazer completamente, levando até ao entusiasmo mais vibrante essa mesma porção do público, que nem sempre concordava com a sua genial interpretação do drama.

Ninguém exija de Sarah aquela correção um tanto fria que a *Comédie Française* impõe à sua *troupe* — ninguém queira dela a serena majestade trágica de uma Rachel ou de uma Ristori.

Sarah é uma *moderna*, na acepção mais genuína do termo.

Ela pertence pelo sangue, pelo temperamento, pela educação, a este fim do século, em que a sensibilidade é uma *nevrose*, em que a fantasia é uma alucinação, em que a paixão é um paroxismo, em que a beleza é um capricho, em que a poesia é uma quimera!...

A sua arte é uma arte toda pessoal: consiste em traduzir, na infinidade das suas *nuances*, a sobreexcitação doentia de que sofre esta geração de decadentes da arte, esta geração que impõe à multidão ignorante e ingênua a sua concepção particular da Vida e do Universo.

Nada de fortificante e de são nesses dramas que ela interpreta, e nos quais colabora imprimindo-lhes a sua garra de alucinada, mais alucinada do que os que a inspiram, de *nevrótica* mais perigosa que os que escrevem ou que só ela traduz bem!

O teatro de Shakespeare punha em cena, no conflito pitoresco, no antagonismo irreduzível, todas as paixões que exaltam a nossa espécie, e que põem movimento e drama na vida dos indivíduos e das massas.

O teatro de Molière fazia a crítica genial e a pintura, intensamente colorida, dos ridículos de seu tempo e dos ridículos de todos os tempos, dos aspectos cômicos do seu meio e dos aspectos cômicos que os sentimentos fundamentais do homem podem adquirir no contato deste com a sociedade organizada.

O teatro de Calderon e de Lope de Veja fez o poema da honra cavalheirosa e o poema do fanatismo cristão! Corneille bebeu na Espanha as suas belas inspirações heroicas; Racine derramou nas suas tragédias, de uma correção convencional, aquele *charme* tão seu, que ainda hoje nos delicia quando lhe ouvimos os versos harmoniosamente doces, e de uma serena e graciosa majestade.

Mas o que é que o teatro moderno pinta que valha a pena de ser consagrado pela admiração e pela simpatia dos vindouros?...

Caprichos de paixão, mais variados que profundos; tons cambiantes de sentir, que são de alguns, mas que só percebem os iniciados; ridículos muito particulares, mais de uma *coterie* limitada do que da humanidade em geral; situações quase sempre inverossímeis; amores cuja linguagem e cujos requintes participam da perversão da literatura contemporânea; costumes em que nos não vemos nunca retratados; ideias que não foram colhidas no que de mais profundo e inalterável tem o caráter humano, e que por isso não serão entesouradas naquele sacrário em que as gerações guardam preciosamente as riquezas sem mistura, o ouro sem liga, que liquidam definitivamente, no seu eterno pleito com o tempo que passa, e com a mentira das horas efêmeras e transitórias...

Sarah representou em Lisboa a velha *Dama das camélias* e a velha *Adriana Lecouvreur*; a inverossímil *Fédora*, a monstruosa *Tosca* e a paradoxal *Francillon*.

Isto não falando na noite da sua despedida aos portugueses, noite em que ela maravilhou o auditório com uma cena admirável e eternamente bela da *Phédre* de Racine, em que o deliciou com os versos melodiosíssimos, embaladores, de Theuriet — o poeta delicado que ouve a palavra da Musa no rumor misterioso das velhas florestas gaulesas — em que o *embasbacou* de nada lisonjeiro espanto com a extravagante exibição de um melodramazinho num só ato, intitulado o *Aveu*, e escrito por ela própria.

A atriz, como eu já disse, foi sempre incomparável!

Renovando os decrépitos personagens, quebrando e substituindo por maravilhas de improvisação os velhos moldes, amarrotando nas mãos as figuras absurdas, e fazendo delas criações imortais de encanto e de paixão, tendo a graça ondeante e fugitiva, melindrosa e incoercível, e tendo o terror trágico; tendo os estros abrasados e incandescentes do amor mais violento e mais perturbador, e tendo a felina doçura que acaricia mordendo, e que eletriza espreguiçando-se molemente!

Nada lhe faltou, nem o gesto imprevisto, nem a atitude que desafia e afronta todas as noções de equilíbrio, nem o uivo espavorido, nem o gemido infinitamente doce...

A voz de ouro e de pérolas desfiou o seu rosário de contas facetadas, o corpo elétrico e ondulante teve todas as suas flexibilidades feiticeiras, o olhar cintilou e esmoreceu, teve faíscas de cólera e desmaios de languidez, ironias fulvas e deliciosas carícias fugitivas...

O repertório porém é que eu acho verdadeiramente desmoralizador das plateias.

Que ideia consoladora e boa traz para casa, a fortalecer e a inspirar o espírito, quem acaba de ver desenrolarem-se em três ou cinco atos, no meio de todos os prestígios da interpretação mais admirável, os sintomas variadíssimos que a patologia assinala na vasta família das *nevroses* modernas?

Que me diz já ao coração essa Margarida Gauthier, que é a mentira mais perigosa de Dumas Filho? Essa Margarida Gauthier que tem arrastado à perdição tanto Armando ingênuo e desgraçado?...

Que simpatia pode sugerir-me essa *Francillon*, meio pervertida e meio doida, que julga vingar-se do marido, ceando com um escrevente de tabelião que encontra no *baile da Opera*, para onde parte sozinha, só porque o marido se recusou a levá-la consigo até lá?

E nos dramas de Sardou, explorações financeiras, feitas por um dramaturgo e por uma grande e genial *Cabotine*, que lição colhe o meu espírito, que flor de moral ou de sentimento de paixão ou de piedade, de arte ou de beleza estética encontra o meu coração?!

Neste tempo parece que tudo se transforma para pior.

Rachel, a judia tão genial como esta sua irmã de raça e de encanto, quis fazer de cada criação dos poetas clássicos uma estátua grega, impecavelmente modelada, e parece que a geração que a ouvia e contemplava, em arrebatamento de severo entusiasmo, se fazia mais culta, mais inteligente e mais perfeita, para melhor poder gozar e apreciar aquela personificação majestosa e bela da pura arte e da beleza invencível e imortal!

Sarah imprime uma graça ainda mais doentia, um desequilíbrio ainda mais pronunciado, um desvairamento ainda mais funesto em cada figura mórbida, desequilibrada e pervertida que lhe dão a interpretar e a traduzir; e as plateias, levadas, impressionadas, endoidecidas por ela, vão caindo mais e mais numa aberração de sentimento e numa decadência da arte, verdadeiramente nefastas, verdadeiramente deploráveis, contra as quais a todo o custo devemos energicamente reagir!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, abril de 1888.

O Paiz, ano 5, suplemento do n.1335, p. 1, domingo, 03/6/1888

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5402

73. CARTAS FEMININAS

O Imperador Frederico

O QUE HÁ HOJE DEVERAS MAIS DIGNO DE INTERESSE EM TODA A EUROPA É o drama que na Alemanha tem desenrolado, com uma grandeza *shakespeariana*, os seus atos sucessivos, cheios de dolorosas e aflitivas peripécias!

A morte de Frederico, há tanto vaticinada ainda pelos mais otimistas, o seu martírio tão longo, tão lento, e suportado com uma paciência estoica e uma doçura cristã, admiráveis e comovedoras; a luta, que se travara surdamente entre a imperatriz Vitória e o grande chanceler, luta a que a morte do imperador veio pôr o desenlace fatal, cruel para o coração da esposa e da mulher ambiciosa; esse jogo colossal de interesses que se desdobrava em torno do leito do imperador moribundo; a Europa interrogando ansiosamente os obscuros e tempestuosos horizontes; a França, humilhada e triste, intestinamente corroída pelas facções que lhe disputam o governo; tudo isto dá à grande cena de Berlim uma majestade, a um tempo histórica e dramática.

Dentro da Alemanha os partidos insofridamente impacientes só estão de acordo quando se trata de guerrear a pobre França. Em todo o resto, são visíveis as suas divergências e os seus combates.

Bismarck, o grande diplomata, desdenhoso de todas as pretensiosas ficções do moderno parlamentarismo, altivo diante dos políticos que pretendem tratar com ele de igual para igual, tendo para os *ideólogos* o mesmo irônico desprezo que Napoleão lhes consagrava, manobra entre todos os partidos, favorecendo ora um, ora outro, conforme os seus interesses de momento, iludindo a todos, pois que de tudo se serve em proveito exclusivo da sua onipotente influência!

É sabido o modo insolente e brusco por que ele trata o parlamento e os parlamentares.

No seu interessante livro intitulado — *Ensaio sobre a Alemanha imperial*, Ernest Lavisse diz o seguinte, narrando uma visita sua ao parlamento alemão:

“Tenho a consciência de ter visto a mais perfeita expressão que o rosto humano pode dar ao desprezo, num dia em que vi o chanceler escutando um discurso de Virchow: o homem que estudou a anatomia nos povos, e praticou a vivissecção na Europa, tinha evidentemente a

convicção de que o bondoso doutor progressista exorbitava do seu direito, dando-lhe a ele lições ao sair do laboratório onde tinha dissecado — uma simples e humilde rã!”

E no fim de contas, este soberbo desdém da ciência e dos sábios é um contrassenso em Bismarck. Poeta a seu modo, poderoso escritor, familiar, pitoresco, patético, perfeitamente germano na graça irregular e na profundidade sugestiva da expressão; orador admirável e de um prestígio único, este grande espírito, que tem tido uma longa vida de atividade, é certo, mas subordinada sempre ao império de uma alta e clara razão, não tem realmente o direito de menosprezar os que estudam! Quem sabe mais do que ele? e que artista maravilhoso e terrível ele se tem revelado em toda a sua vida de estadista?

Apesar porém das complexas faculdades modernas deste gênio, ele é o sobrevivente glorioso dos grandes barões feudais. A liberdade moderna incomoda-o como uma usurpação imoral dos direitos que só residem em Deus e no imperador, seu visível representante!

Que estranho misto de força brutal e de misticismo gótico, de crença infantil num deus particular, num deus germano, que favorecesse especialmente a raça a que Bismarck pertence, e que profundo e acre ceticismo com os indivíduos e com as instituições do que ele faz continuamente, ora instrumentos, ora joguetes!



A Europa tem razão de tremer!

Dada a unificação germânica e as lutas intestinas e permanentes que eternamente a ameaçam e eternamente a minam; dada a atitude dessa Alemanha imperial, que vem da guerra como da sua origem nativa, que vai para a guerra movida por um poder de atração, incombátível e fatal; que não pode desarmar os seus milhões de soldados, nem pode tampouco conservá-los, sem uma catástrofe financeira de que os partidos socialistas da Alemanha — fortemente organizados, e de uma política cosmopolita indiferente à ideia de patriotismo — só aproveitariam imediatamente, é fora de dúvida que mais tarde ou mais cedo a guerra, a pavorosa guerra, terá de rebentar, assolando o mundo, fazendo tremer de espanto e de terror profundo o pávido e alucinado coração das mães!...



Nesse estado, a que as leis históricas, irredutíveis ao poder do homem, dão uma solenidade trágica, era um anacronismo ou antes, era uma aparição inoportuna e doce a pálida e dolorosa figura de Frederico.

Ele, educado pelos filósofos e pelos pensadores da Alemanha de outrora, menos poderosa de fato, e onipotente nos espíritos pela Ideia com que durante um longo período iluminou o mundo; ele, convertido pela mulher aos princípios do liberalismo à inglesa, aliás inaplicável na Alemanha atual; ele, doce pensador, austero e triste, que o espetáculo das misérias da guerra e das injustiças sociais do despotismo tinha revoltado até a raiz do seu ser, que vinha ele fazer em face do seu povo, do seu exército e do mundo?...

Se, dando largas às tendências liberais que o animavam, concorresse indiretamente para o desmembramento da poderosa pátria alemã, e desmoronasse o colossal edifício que seu pai, Bismarck e Moltke acabavam de levantar — pesado e lúgubre, assustador e grandioso — qual não era a responsabilidade esmagadora que Frederico assumia perante a História? Se, aceitando francamente a tradição herdada, todos os esforços do seu entendimento e da sua atividade tendessem a aumentar a solidez e a duração do império germânico feito à custa de tão cruéis injustiças, cimentado por tanto sangue e tantas lágrimas, que desmentido doloroso de todos os sonhos que sonhara com a nobre companheira de seu destino, de todas as quimeras luminosas e doces que ambos tinham acariciado em longos anos de meditações e de triste contemplação inerte dos homens e das coisas circundantes?...



É cruel, é crudelíssimo para as almas justas, namoradas de um ideal absoluto, este momento confuso e dúbio da vida dos homens e da vida das nações!

Acordou-se do sono em que os *ideólogos* nos tinham adormecido, não sei se para nosso mal, se para nosso bem!

Sabe-se hoje que não são as ideias que dominam o mundo, mas sim os fatos na sua realidade brutal!

A justiça, a bondade, a liberdade de que se fez um mito, a sinceridade ingênua que é a mais simpática qualidade humana, não podem, não puderam nunca senão na fantasia dos sonhadores, governar os homens cheios de paixões e os povos ambiciosos, indisciplinados e anárquicos!

Os que idealizaram o poder de abstrações, um estado social em que a harmonia fosse a lei, em que a igualdade fosse o dogma, em que a virtude fosse a suprema força, sabem já por negra experiência, quanto custa o acordar violento e rude desse sonho ilusório e pueril.

Que há pois a fazer? A abstenção dos bons entrega o mundo ao império dos maus; mas a sua transigência seria o cataclismo final de *tudo*.

Que os injustos, os fortes, os impenetráveis à grande luz da consciência, imperem e governem, mas que os outros fiquem para protestar, para afirmar que o bem existe, e que o homem moral não tem razão de desesperar como Bruto!...

Se os não houvesse destas naturezas de eleição, que não se confundem com a turbamulta, mas que num ponto culminante do espaço ideal, continuam a ensinar aos homens as grandes leis da consciência, da moral, do dever e da virtude, o que restava ao mundo em momento como este?

O *determinismo* é quase que o retrocesso à *fatalidade* antiga; a *luta pela vida* proclama e afirma o *direito da força*; a filosofia dominando conclui pela inanidade final de todo o esforço humano!

Que seria de nós se na densa escuridão que vai descendo sobre o mundo *materializado* e outra vez sujeito ao império do que é *mais hábil e mais forte*, não surgissem — revelações divinas de um mundo superior — figuras como as de Frederico?

Mas é necessário, é fatal que essas figuras se esvaíam sem ter perdido a inicial pureza, deixando um rastro de luz na consciência entenebrecida e desvairada, deixando uma palavra de verdade e de amor na alma humana, incerta sobre o caminho que tem de seguir na terra!

Não são homens como o imperador agora defunto que podem governar a rija braveza deste mundo; mas são homens como ele que nos consolam, e nos guiam no caminho sonhado embora nunca atingido do Ideal.

Em Frederico tudo me encanta e me entenece, tudo se me afigura próprio a completar o tipo adorável de candidez cavalheirosa que ele realizou no mundo. Tudo, até o seu amor de esposo tão deliciosamente sentido e tão nobremente expresso; tudo, até o martírio que o santificou para Deus!...

Benditas para sempre as almas eleitas cuja passagem na vida são como esta, uma edificação, um ensinamento, um exemplo ao mesmo tempo terno e viril!...

É porque almas assim existem, que vale ainda a pena existir!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, junho de 1888.

O Paiz, ano 5, n.1385, p. 2, segunda-feira, 23/7/1888

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5633

74. CARTAS FEMININAS

Alexandre Herculano

ESTES DOIS TÍTULOS CONTRADIZEM-SE.

Nunca houve gênio menos *feminino* que Alexandre Herculano. Se é verdade, como disse um grande pensador, que toda a alma, para ser completa, precisa de ter dois sexos, era *incompleta* a alma de Herculano.

Quando a minha imaginação o evoca, *vejo* a mais genuína representação moderna do estoicismo romano e da rudeza dos antigos lusitanos. Mas esta aparência tosca e forte ocultava uma alma de ouro, alma viril, sim, mas capaz dos inefáveis afetos e das proteções ternamente eficazes.

Todos os que viveram perto dele o amaram; se tinha o orgulho, nunca teve a vaidade do seu gênio; se tinha a estoica altivez, nunca teve a soberba desdenhosa da sua virtude!

Em homem nenhum a coerência, a unidade de um caráter, se desentranharam em mais variadas manifestações intelectuais.

Mas em tantas coisas que escreveu, a sua personalidade inconfundível e incapaz de flexibilizar-se e de ajeitar-se a moldes diferentes transparece sempre íntegra e intensa de vida própria.

Foi um *português* sem mistura; foi um *romântico* sem o mais pequeno laivo de classicismo; foi um *liberal* sem tergiversações e sem dúvidas debilitantes e esterilizadoras.

A sua admirável história, a sua obra de imaginação e de poesia, os seus opúsculos diversos, os seus ardentes e fogosos panfletos, os seus artigos jornalísticos, de grande fôlego e de grande pulso, revelam sempre estas três qualidades fundamentais, às quais todas as outras se subordinam.



Nele, se o gênio assombra pela qualidade, e também pelo vigor que teve de desenvolver para se afirmar e para se libertar de todos os velhos moldes e de todas as velhas tradições, é o *caráter* que verdadeiramente encanta e edifica!

Vontade férrea, individualismo intransigente, afirmação intemerata de princípios que tinha por absolutos e eternos, *impenetrabilidade* para as ideias que repugnavam ao seu modo de ser, completo e tão superior.

Viveu sempre num meio que o não compreendia. Se o seu talento bebera a inspiração na *renascença* romântica, e se, por ele, pertencia ao número dos mais avançados dos que mais denodada e altivamente caminhavam na vanguarda da nova religião literária, pelo caráter era um sobrevivente de antigas eras.

O mais absoluto dogmatismo de princípios e de ideias presidia a toda a sua vida moral.

Às coisas em que acreditava profundamente sujeitava todos os seus atos.

O moderno *diletantismo*, que aceita todos os pontos de vista, por mais afastados que estejam uns dos outros; que compreende as mais opostas teorias; que empresta a cada problema uma atenção distraída ou que por todos se interessa igualmente, achando-os do mesmo modo e na mesma proporção sugestivos para o entendimento humano de *apperçus* e de pensamentos novos; a indolente curiosidade, que todas as fórmulas atraem, como novidades ou como objetos de análise; a *imoralidade transcendente*, que pode comparar-se à da Natureza, na qual tudo cabe e tudo tem lugar — esta doença do espírito moderno que o amplia talvez, mas que o desviriliza, que o enriquece, mas que o perverte — nunca Herculano a conheceu num só dia da sua rija e aproveitada existência!



Houve quem o condenasse quando ele, enjoado da intriguinha reles, que principiava já a substituir a larga política que imaginara possível e fecunda, enjoado dos pequeninos obstáculos com que a hipocrisia, a superstição e a inveja lhe dificultaram o seu trabalho glorioso e improbo; enjoado do *meio* que já era, o que depois foi sendo cada vez mais, se retirou para a sua pequena propriedade rural e foi pedir à terra consoladora, à natureza silenciosa, à solidão fortificante e calma, aquilo de que a sua bela alma tinha necessidade para não descer de si própria!

Eu encontro neste traço de uma resolução tão rara, de um desdém tão nobre, de uma firmeza tão heroica, mais uma prova da solidez diamantina da inquebrantável integridade de seu caráter!

É tão raro que nas suas evoluções, nos seus caprichos, nas suas mudanças, o mundo não nos faça duvidar de nós mesmos!... Herculano tem essa felicidade rara. Nunca duvidou de si!



O reconhecimento público levantou-lhe um monumento nos Jerônimos, e a sua viúva cedeu a que as cinzas do grande, do *último português*, em quem a alma da pátria vibrou intensamente e profundamente, fossem arrancadas ao pequeno cemitério rural onde ele quis ser sepultado, e levadas por mãos de ministros e altos funcionários para o Panteão de Belém.

É bem certo que pouco pode no mundo a vontade de um homem!

Se Herculano, o Herculano que recusou o pariato e a grã-cruz de Santiago, o Herculano a quem, julgo eu, ninguém ouviu nunca oferecer um título, o Herculano que odiava todas as pompas ridículas, todos os charlatanismos *prudhommescos*, o Herculano que via a ruína da pátria portuguesa no desenvolvimento cada vez mais visível das vaidades balofas, dos formulários ocos, das ficções vazias de todo o pensamento e de todo o ideal, na ostentação de uma falsa opulência ridícula, de uma fingida majestade reles, em tudo que *parecia* e que não *era* e que mentia ao que *devia* ser; se Herculano pudesse, do mundo misterioso em que o seu espírito habita, contemplar o que fez das suas cinzas sagradas a admiração dos que ficaram depois dele, e dos que vieram atrás dele, estou certa de que se indignaria deveras, recusando para a sua memória honrarias pomposas, ostentações vãs, que em vida lhe tinham repugnado!

Era um antigo português sem requintes de civilizada elegância, e sem gosto de artista exigente e fastiento.

Não foi por falso orgulho, ou por vaidade pessoal ferida, que ele fugiu para o campo, para o tráfego simples da lavoura, para as alegrias da vida rural. Quis retemperar-se ali contra as dores que ameaçavam romper a couraça diamantina de seu orgulho de pensador e da sua serenidade de filósofo; quis refugiar-se ali das torpezas de um mundo em que a sua nobre e austera consciência se sentia oprimida, em que a sua personalidade tão diversa de todas as outras, se sentia deslocada!

Também Tolstói, o grande escritor russo, o filósofo cristão em cuja alma o Evangelho parece reflorir os seus lírios mais frescos de puro orvalho, mais idealmente e misteriosamente aéreos, também Tolstói, vendo que não podia emendar o mundo, preferiu fugir do mundo a pactuar com as suas iniquidades. Elas são o fruto mais nativo de uma civilização que a muitas almas de *élite* se afigura um retrocesso moral.

Não admira que grandes espíritos, de uma pureza de princípios à qual são irredutivelmente antipáticas as pequenas transigências, as pequenas covardias, as pequenas traições, as pequenas baixezas de que se faz, nos seus lineamentos gerais, a vida das sociedades extracivilizadas, isto é, extra-artificiais, fujam dela para a simplicidade de uma existência em que há menos necessidades a satisfazer, menos paixões a saciar, menos excitação cerebral, e uma florescência mais bela de vida interior, de simpatia e de bondade.

Alexandre Herculano não foi incoerente consigo próprio, quando obedeceu voluntariamente à ditadura intelectual que exercia nos homens da sua geração, para se transformar nesse tipo lendário, um pouco altivo e um pouco triste, que se ficou chamando *O solitário de Val de Lobos*.

Quando homens da sua estatura percebem, à crua luz dos fatos, que nada podem fazer em favor do bem que sonham, ou do ideal que imaginam, a primeira ideia que lhes acode muito logicamente e muito naturalmente ao espírito é a de não aceitarem ao menos a cumplicidade das coisas que não podem evitar.

Trabalhar vinte anos é já ter satisfeito com honra a dívida que homens como ele contraem com a civilização a que presidem.

O grande historiador trabalhou vinte anos! E com que delicado escrúpulo, e com que ânsia de acertar, e com que fervorosa e incontestável consciência!

Os que vieram, e virão depois dele acharam e acharão feito o que mais difícil era de fazer-se.

No caos dos estudos históricos ele pôs a clara luz do seu método; à investigação paciente das origens, à verificação das primeiras tentativas nacionais, à crítica eminentemente lúcida das primeiras instituições pátrias, ele consagrou a potência divinatória do seu gênio, e a paciência bendita da sua erudição espantosa.

Qual, dentre os que o acusam de deixar a tarefa em meio, realizou coisa que se compare com a sua grandiosa obra histórica?

É justa a imensa admiração que este país lhe consagra! Embora a contemplação do que ele foi se imponha como um protesto eloquente contra o que *hoje* nós somos, é ainda assim uma honra e uma glória do espírito humano o poder experimentar tais admirações, e o poder formular tais homenagens!

Mas *ele*, o grande desenganado dos homens e das coisas, é que repousava melhor, mais docemente, mais confiadamente, à sombra das suas velhas árvores de Azoia, as amigas, as confidentes da última hora grave e melancólica do seu viver!

Demais, para Herculano, como para muitos críticos da história portuguesa, a época de que data o florido monumento manuelino é aquela que marca também o primeiro passo decisivo da nossa decadência moral e nacional.

O *cravo* e a *pimenta*, a canela e o ouro das Índias, perdoaram-nos: e foi a pimenta e o ouro da Índia que pagaram o edifício de Belém, padrão de glórias, é certo, mas testemunha ainda maior de desastres e agonias...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, junho de 1888

O Paiz, ano 5, n.1393, p. 2, terça-feira, 31/7/1888

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5667

75. CARTAS FEMININAS

Liceus para raparigas

A LEI ULTIMAMENTE VOTADA PELO PARLAMENTO PORTUGUÊS, criando liceus de instrução secundária para as mulheres, tem dado lugar a discussões acirradas na nossa imprensa periódica.

Como sempre que se trata de qualquer assunto em que entra o atual jornalismo, a questão, que devia ser placidamente discutida com argumentos e razões, tem sido debatida com azedume e injúrias recíprocas.

Torna-se pois impossível hoje a uma mulher entrar nela.

Felizmente resta-me o recurso de conversar a respeito deste grave assunto, que tanto interessa todas as mulheres e todas as mães, com as leitoras de *O Paiz*.

Que o meu ardente desejo seria ver modificada, nas suas bases e nos seus programas, a educação feminina, já tantas vezes o tenho dito, que me parece realmente ocioso repeti-lo.

Que a educação fútil, superficial, falsíssima as mais das vezes, que as meninas recebem nos colégios e nos pensionatos de luxo ou nos outros colégios, está em completo desacordo com a missão árdua e complicada que toda a mulher por mais obscura ou mais ilustre que seja tem de cumprir na vida, já eu o tenho dito e repetido em artigos, em livros, em crônicas, em folhetins...

Mas daqui a se conhecer a utilidade dos métodos bárbaros de instrução que hoje se aplicam aos rapazes, aplicados ao cérebro mais delicado e mais tenro das meninas, vai um abismo que é necessário reconhecer.



Ninguém nota a crueldade com que hoje se exige dum pequeno de dez anos coisas que homens de quarenta não sabem, senão aqueles que, por serem diretamente interessados no caso, dão a ele a sua atenção ou a sua curiosidade.

Os alunos de instrução primária e secundária, ou sucumbem a um trabalho e a um sistema de estudo que se não coadunam com a organização, em pleno labor do desenvolvimento de uma

criança ou — perdendo a força moral, a crença em si própria, a flor virginal de seu brio de crianças — se resignam passivamente às reprovações que deprimem neles a *pessoa moral* e que influem fatalmente no seu futuro destino.

Até agora as mães assistiam a esta agonia da infância dos filhos, viam-nos perder a saúde, a seiva, a robustez mental e física, abater o delicado orgulho, e o desejo ativo de se distinguirem, mas consolavam-se com a ideia de que os mesmos filhos estavam livres desta tirania de *programa oficial* e podiam receber — se elas soubessem dar-lha — uma direção inteligente, harmônica com as aptidões, própria a desenvolver-lhes gradualmente as faculdades naturais.

A lei ultimamente votada não impõe às meninas a mesma tortura inquisitorial do cérebro e da vontade, que até agora tinha somente aplicação aos rapazes.



Homem e mulher, está provado hoje à saciedade pela fisiologia, pela história, pela psicologia, pela experiência — homem e mulher têm qualidades, virtudes, defeitos, aptidões e forças, que entre si se harmonizam produzindo o ser completo, e que sendo próprias para os fins que a natureza lhes impõe não são, contudo, nem podem ser iguais.

As diferenças anatômicas que assinalam a estrutura física do homem e da mulher, não pode a vontade humana modificá-las ou destruí-las.

Se o pudesse, é fora de dúvida que o tinha feito em milhares de séculos de existência que a humanidade já conta.

Nem o homem seria capaz de exercer os mistérios delicados, de cumprir os deveres de paciência e de abnegação, de realizar os milagres de sacrifício e de bondade, que na existência da mulher são fatos tão normais, nem a mulher teria ombros para arcar com o trabalho esmagador com que, na luta cotidiana da vida, o homem tem alcançado o seu triunfo definitivo sobre todas as forças terríveis da Natureza, e sobre a barbaria e a ignorância de passados tempos.

Se as missões, se os deveres, se os trabalhos de ambos estes seres, que constituem a completa dualidade humana, são tão diversos; como hão de ser iguais os processos de educação que a eles se apliquem?

Enquanto que o homem tem de aparelhar-se para a luta da vida com a maior soma de conhecimentos teóricos e práticos que lhe seja possível metodicamente assimilar, a mulher tem de educar principalmente o coração, o caráter e a vontade.

Para ela a *ciência* não é uma preparação indispensável como para os homens.

Os deveres que ela tem de cumprir, as virtudes que tem de exercitar, os conhecimentos que tem de utilizar praticamente podem aprender-se na mais inteira independência de todas as ciências que tanto aproveitam ao homem.

Não é isto dizer que a mulher ignorante está mais apta para levar ao cabo o seu destino, é dizer que ela pode ser ignorante e ao mesmo tempo ser um exemplo de virtudes, que mais ilustram e mais honram o nosso sexo.

Portanto, a educação da mulher deve tender a desenvolver-lhe e cultivar-lhe as faculdades afetivas e a ampliar-lhe e fortalecer-lhe a vontade e a razão.

Na média, uma cultura mental excessiva só pode ser prejudicial à mulher.

É necessário moderar-lhe a sensibilidade, corrigir-lhe a vivacidade perigosa das impressões, robustecer-lhe a vontade, educar-lhe o sentimento da justiça, guiar os impulsos irrefletidos da sua bondade, e a agudeza penetrante e lúcida da sua percepção.

E para isto uma educação moral, positiva e forte é bem mais conveniente que a ciência em retalhos que os nossos liceus lhe vão ministrar.



Dir-me-ão que formule então o programa de educação feminina que eu sonho.

Meu Deus! mas se eu fosse capaz disso, era então uma mulher de gênio. Eu não sei, nem tenho realmente obrigação de saber os processos, em virtude dos quais a educação e a instrução da mulher têm de fazer-se.

Posso dizer desde já que desconfio dos métodos conhecidos, que não tenho o talento necessário para formular de repente um método novo.

Dada a verdade incontestável e *positiva* de que a mulher, sem ser menos inteligente do que o homem, é inteligente de *outro modo*; sem ser menos forte do que o homem, manifesta a sua força em prodígios de abnegações, de paciência, de sacrifícios, de resistências ao mal quase ignorado pela totalidade dos homens — como é que podem convencer-me que os mesmos liceus, as mesmas

aulas, os mesmos compêndios, os mesmos sistemas de instrução têm para os dois uma utilidade e uma significação iguais?...

Para as mulheres, eu sonharia, por exemplo, depois de forte instrução primária, e de estudo das línguas vivas, tão profícuo e tão próprio para nós, cursos em que um professor ou uma professora, com o gênio de Michelet ou com o gênio de G. Eliot, lhes explicassem, familiarmente, docemente, em práticas adequadas às sensíveis e vibrantes organizações a que se dirigiam, os complexos deveres sociais que as esperavam ao entrar na vida.

Desses cursos, a que a menina vinha, acompanhada por sua mãe, ela sairia tendo ideias firmes, ideias definitivas, ideias fundamentais sobre o seu papel humano e social.

Isto é uma quimera, bem sei, mas uma quimera que me sorri, que, estou certa, sorri a todas as mães.

Esses cursos de filosofia, de história e de moral, seriam em casa comentados, iluminados, vivificados pela palavra comovida da mãe e da filha, que trocando as suas reflexões e os seus pensamentos mutuamente se auxiliariam na difícil empresa de se achar o bom, o justo, o verdadeiro!...

Gréard, o sábio professor que organizou em França o ensino superior da mulher, lembra a conveniência de se ensinar a respeitar principalmente a si, a integridade *da sua pessoa moral*.

Será este realmente o fim a que visam e tendem os nossos métodos, tão áridos, de ensino oficial?...

Continuaremos no assunto, que pôr mais de um motivo me parece interessante e rico de aspectos e sugestões de todas as ordens.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, julho de 1888.

O Paiz, ano 5, n.1435, p. 3, terça-feira, 11/9/1888

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5868

76. CARTAS FEMININAS

Liceus para meninas

II

INSTRUIR A MULHER É UMA NECESSIDADE FUNDAMENTAL das sociedades modernas. Necessidade que todos os espíritos reconhecem e que a todos os espíritos se impõe.

A divergência começa, porém, no modo e no processo pelo qual essa instrução tem de ser ministrada.

Sem recorrer a uma erudição fácil, sem invocar o testemunho de quantos têm versado esta matéria grave, sem fazer citações de livros ou de escritores, parece-me que bastavam o simples bom-senso e a simples boa vontade para colocarem a questão no seu verdadeiro pé.

Qual será, mesmo aos olhos do mais exigente, o *ideal* da mulher completa?

Será aquela que tiver, no máximo desenvolvimento e na máxima perfeição, a ciência de fazer feliz a família, que é sua. Pois não é verdade isto?

Nas sociedades latinas, em que mesmo o homem é indolente e inapto para a dura e áspera luta da vida, o tipo da mulher que alcance pela atividade física e pelas faculdades mentais a sua própria independência material, é senão impossível, pelo menos antipático a todas as tradições, a todos os costumes e a todas as ideias. O nosso mal é tentarmos aclimar improvisadamente os costumes e as instituições de outras raças no nosso solo ingrato a essa espécie de produções.

Podem os Estados Unidos, meio saxônicos e meio germânicos, pode a Inglaterra, podem os países do norte — levando às extremas conclusões práticas o seu respeito, tradicional e herdado, pela independência e pela integridade moral da mulher — educar uma raça de trabalhadoras, tão enérgicas, tão ativas, tão independentes, tão capazes de se suprirem e de se bastarem a si mesmas como os homens dessas raças e dessas nações.

Nem os latinos, nem os orientais, conseguirão nunca introduzir nos seus costumes, nas suas ideias, nos seus gestos, a noção de que a mulher é um ser independente, forte, igual ao homem.

No Oriente a mulher ficou a eterna tutelada, a eterna pupila, a eterna irresponsável.

Na França, na Itália, na Espanha, em Portugal, creio que no Brasil, latino de raça, a mulher, libertando-se dessa servidão miserável que no Oriente a subjuga, conseguiu reinar sobre os

homens, dominar indiretamente nas sociedades, mas em virtude daquela mesma fraqueza, daquele mesmo encanto de dócil dependência, dos quais as modernas tendências da educação tendem a despojá-la cruelmente.



Nunca nas nossas sociedades em que impera fortemente o preconceito da inferioridade feminina, a mulher poderá auferir vantagens práticas da sua concorrência com o homem, na esfera do pensamento e do trabalho ativo.

Podia citar exemplos, que manifestam de um modo incontestável esta verdade. Não me permite o espaço de que disponho.

A conclusão, porém, do meu raciocínio vem a ser esta: Dentro do círculo da sua própria família, no interior da sua casa, no cumprimento difícil mas obscuro dos seus deveres tão sublimes de mãe, de esposa, de *menagère* — mesmo nas salas onde é um ornato decorativo indispensável e incomparável — na esfera amplíssima, mas resguardada, da sua missão de consoladora, de enfermeira, de inspiradora oculta, de musa adorada — a mulher da Europa ocidental e da América do Sul é respeitadíssima, queridíssima, e pode bem afirmar-se e dizer-se *que é dela o melhor quinhão*.

Logo, porém, que ela tente sair desse recinto luminoso e resplandecente, onde reina, onde é obedecida, servida e amparada; logo que ela apeteça aparecer à grande luz e talhar para si própria um lugar largo, em concorrência com os homens, os mesmos que há pouco a respeitavam, crivam-na de ironias; os que se ajoelhavam reverentes diante dela, mostram-lhe o mais cruel desdém; os que pareciam extáticos diante da sua fraqueza gentilíssima, empurram-na brutalmente para lhe passarem adiante!

No fundo o respeito dos latinos pela mulher tem seus laivos originais de superioridade e de desdém.

Amam-na, porque é doce, porque é melindrosa, porque é frágil e porque é linda; amam-na como amam as crianças e as flores. Mas não lhe permitem que ela exceda os limites que por eles homens lhe foi implacavelmente traçado, e além dos quais elas perdem o direito à sua cavalheirosa proteção e ao seu respeito artificial e levemente hipócrita.



Preparem amanhã uma geração de mulheres, prontas para o trabalho, prontas para a luta, prontas para a concorrência vital dos interesses e das recompensas, e verão como essa pobre geração de sonhadoras será vencida selvaticamente pela força brutal, pelo desprezo sangrento, pela terrível inimizade do homem!

É isto que se não quer ver bem e perceber bem!

Nas mais humildes ocupações remuneradas não vem o homem vencer a mulher e expulsá-la da concorrência? Até as lojas de modas estão cheias de caixeiros, e imaginam então que o homem consentiria que a mulher o suplantasse e o substituísse nas carreiras e nas situações de que ele tira lucro, deleite e glória?!...

A mulher que pela força da sua vontade ou pela persistência de seu estudo se destina a qualquer das carreiras liberais, que hoje pertencem exclusivamente ao sexo masculino, não só tem de renunciar a todas as alegrias naturais que de outro modo lhe seria fácil atingir, como tem de empreender uma luta fatigante, em que, em virtude daquela lei universal, que dá a vitória ao mais forte, ela tem de ser fatalmente vencida.

Os *liceus femininos* vão facilitar a ilusão simpática mas inane de mil pobres criaturas, que só conseguiram estar tão deslocadas no meio simples e obscuro do lar doméstico, como estarão *déclassées* no meio agitado e tumultuado da vida social. Não é por meio de liceus de instrução secundária que a mulher deve ser preparada para a sua alta e complexa missão.



Para o homem a instrução é um fim, para a mulher a instrução é um meio. O homem instrui-se e aplicando os conhecimentos que haja adquirido, conquista a independência material e a posição elevada e lucrativa.

A mulher instrui-se e, adornando o seu espírito, fortalecendo a sua vontade, desenvolvendo o seu raciocínio, saberá compreender o que a vida exige dela, e saberá cumprir com mais método e com uma concepção mais elevada das coisas o seu mister, obscuro mas aspérrio, de mãe de família e de companheira e sócia de destino do seu marido.

O que ela necessita mais ainda que de ciência é de *vontade* e de *bondade*. Querer com pertinência e com inquebrantável energia a felicidade dos seus, e dedicar-se por eles até à completa

abnegação e ao absoluto esquecimento próprio, eis o máximo grau de perfeição a que ela deve aspirar.

Uma instrução sólida e variada é útil, mas não é indispensável para este fim; uma educação moral fortificante, elevada, que tenha por fundamento a razão clara e tenha por cimento a bondosa ternura da alma, isso é que todos devemos querer para as nossas filhas.

Não preparemos *sábias*, que a nossa sociedade, os nossos costumes nem reclamam, nem deixarão prosperar. Preparemos mães, preparemos esposas, preparemos *educadoras*!

Os mestres instruem, as mães educam. São as mães que dão ao homem o exemplo da abnegação, do sacrifício, da bondade obscura, da indulgência larga, da incondicional tolerância. São as mães que formam o caráter dos filhos, que os ensinam a preferir ao sucesso fácil o árido labor consciencioso, ao aplauso público o contentamento íntimo.

E se é pela sua instrução larga, não é pelos seus conhecimentos científicos, não é pelas suas faculdades intelectuais profundamente cultivadas, que a mãe se impõe assim ao coração do filho. É pela bondade inteligente, é pelo exemplo do renunciamento e do perdão, é pela prática, ignorada de estranhos, das humildes e fortes virtudes domésticas.

Cultive-se no homem o espírito. É pelo espírito que ele triunfa, que ele conquista, que ele se eleva, que ele brilha.

Cultive-se na mulher o coração e a vontade. É pelo coração que ela cativa, que ela prende, que ela desarma os violentos e persuade os fracos; é pela vontade, que ela resiste aos assaltos traiçoeiros com que a vida perpetuamente a experimenta e a vem tentar.



Não falo, já se vê, das exceções.

São poucas no mundo as mulheres que pelo talento alcançaram um nome.

São talvez dentre todas as mulheres as mais desventuradas!

Para essas não pode dizer-se que o homem tenha sido sempre generoso e compassivo.

Em torno dos nomes de Mme. de Staël, de Georges Sand, de George Eliot, de algumas raras mais, o coro dos aplausos não é mais ruidoso do que o dissonante clamor dos epigramas e das sátiras.

Diz-se que é para a mulher das classes inferiores que em Portugal se criaram os liceus de instrução secundária. Mas que ocupação destina a sociedade, já tão *encombrée* de forças e de

energias, sem aplicação prática, a essas gerações de mulheres, que vão sair dos liceus portugueses, com a ambição de viverem independentes da proteção masculina?!...

Oh! era bem melhor que as moças contemporâneas perdessem o ódio e o pavor que o casamento lhes inspira, e em vez de mulheres instruídas de mil belas e brilhantes ciências, mas inaptas para o cumprimento dos heroicos deveres cotidianos, era bem melhor que as raparigas que amanhã serão mulheres, se compenetrassem da ideia de que não há nada mais glorioso do que a missão de esposa, de dona de casa, de mãe de família, pensando com justeza, trabalhando com boa vontade, dedicando-se com abundância e inteligência de coração!

Reabilitemos a missão da *menagère* do desdém com que as mais delicadas inteligências femininas a estão tratando.

Talvez que assim seja possível salvar a família da decadência a que os costumes atuais a condenam, e a mulher dos pruridos de falsa independência, que tão funestos são à sua paz e à sua felicidade!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, julho de 1888.

O Paiz, ano 5, n.1437, pp. 2 e 3, quarta-feira, 13/9/1888

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5877

77. CARTAS FEMININAS

L'immortel – De Alphonse Daudet

O PAIZ PUBLICA NESTE MOMENTO EM FOLHETINS A TRADUÇÃO DESTE ROMANCE, o último saído da pena de Daudet. É pois ótimo ensejo, e ocasião apropriada entre todas, para conversar a respeito dele com as minhas leitoras do Brasil.

Dizem os observadores desatentos, que este trabalho é dos mais imperfeitos que Daudet tem realizado.

Provém esta crítica superficial de não meterem em conta as condições especiais a que este romance está fatalmente subordinado.

É um assunto muito restrito, muito particular. Não pode chamar-se ao *Immortel* um romance humano, nem sequer um romance *parisiense*, sendo todavia humano nas suas análises, e sendo *parisiense* nos seus personagens.

É contudo uma família particular da humanidade, uma classe especial de Paris que ele estuda, observa, analisa e põe em relevo.

O que Daudet quis foi propriamente escrever um panfleto contra a Academia.

Tendo a *Academia* por uma instituição anacrônica, e em completa desarmonia com o meio em que funciona e atua, fez a tentativa feliz de revelar-lhe o mecanismo oculto, as escondidas engrenagens; os erros, os ridículos a que, pelo fato de ser desnecessária e portanto de ser funesta, ela arrasta fatalmente aqueles a quem empolga em uma das rodas complicadas do seu absurdo e antiquado sistema.

Mas como as qualidades principais do talento de Daudet são a graça, a ironia, o *charme*, a imaginação, a sensibilidade, a viveza de estilo, deste panfleto, que outro qualquer tornaria opressivamente fastidioso, fez ele uma pintura de costumes, e uma representação de caracteres, verdadeiramente encantadoras.

Em volta de Astier-Rehu, o principal personagem, gravitam umas poucas de figuras, qual delas mais *viva*, mais interessante, mais profundamente estudada e espirituosamente traduzida.

A ironia, aquela ironia meridional tão rica de efeitos imprevistos e de observações *humanas* e verdadeiras, faz explodir pelas páginas deste livro fora todas as girândolas multicores dos seus mil fogos de Bengala.



Para bem apreciar o acre sabor deste livro de observação e de sarcasmo, é preciso seguir, ainda que muito rapidamente, a evolução mental que fez, do Daudet dos primeiros contos e das primeiras narrações deliciosamente comovidas, o moralista dolorido e vibrante, o amargo e irônico observador da *Sapho* e do *L'Immortel*.

Ele começou a vida literária como um sonhador e como um poeta. Não foi como tantos outros um *realista* sistemático, um pessimista de escola e de doutrina, condenando a vida por *chic*, antes mesmo de ter vivido. E pobre, triste, desalumiada de alegria fez a sua infância, como provam as páginas tão docemente patéticas da *Petite Chose*; mas, apesar disso, Daudet não começou vendo a existência pelo lado escuro por que a veem os desiludidos e os velhos.

O seu desdém pelas coisas, e pelas pessoas, não é um *parti pris* de espírito descontente e atrabiliário. Pelo contrário, a alma dele é uma alma luminosa e bela, acessível a toda a casta de sensações e de imagens agradáveis.

Foi envolvido na poeira azul, e do sonho, que o mundo externo se lhe revelou pela primeira vez. Escreveu versos e contos da *carochinha*, cheios de graça imprevista, de imaginação e de sensibilidade. Percorreu estado muito diverso até chegar por uma gradação sucessiva a este momento de desdém benévolo, de ironia onipotente, que é, por assim dizer, a derradeira metamorfose do seu espírito.

Mas não perdeu nenhuma das antigas qualidades, ao adquirir com o andar dos tempos, com a ação direta da vida e da experiência, as faculdades que ainda lhe faltavam.

A observação miúda dos fatos não desluziu em Daudet a imaginação alada e criadora; o poder da análise não destruiu nele a viveza da sensibilidade, e o encanto estranho e raro do sentir.

É mais severo, mais triste, mais cruel às vezes, talvez que ele concluísse também pelo pessimismo, apesar de ter começado pela fácil e alegre fantasia, mas esse pessimismo é perdoável em quem tem vivido, conhecido, experimentado e sofrido.

É tão delicada e tão vibrátil a organização de Alphonse Daudet, que é fora de dúvida que este artista tem sofrido ao contato rude das coisas muito mais que o comum dos homens.

Este dom de sofrimento, este condão de lágrimas, este segredo da humana ternura revelam-se na delicada pintura que ele sabe fazer das almas vencidas pelas fatalidades da vida.

Quem se não lembra daquela pálida e doce *Desirée*, de *Fromont jeune*, daquela resignada e silenciosa figurante de trabalhadora e de mártir, que morre por não poder já com o peso da vida, mas que até na revolta suprema tem um *não sei quê* de misteriosamente resignado, e de meigamente passivo...

É o Jack, o tipo mais doloroso e mais sugestivo de todos aqueles em que o sopro de Alphonse Daudet imprimiu vida, uma vida aérea e frágil, mas que ainda assim não pode esquecer-se mais?

Daudet não dá, como Zola, aos seus leitores uma ideia de força brutal, de potência indisciplinada, não inspira como os Goncourts um vago cansaço, proveniente da *preciosidade*, do *amaneirado* da sua concepção da vida e da arte, não espanta nem assombra, como o poderoso criador que se chama Balzac.

O que ele inspira é uma sensação correspondente à que nos sugerem as coisas harmônicas, ponderadas, equilibradas entre a razão e a ironia, e entre o sentimento e a verdade.

Vê-se que em Daudet o coração sente, a cabeça raciocina, o espírito observa, e a razão estabelece o equilíbrio entre as diversas faculdades.

A sua ironia tão viva, tão pitoresca, tão animada, ressalta naturalmente do contraste das coisas. Ele *não força a nota*, não tem decididamente empenho em que o mundo nos apareça como um espetáculo revoltante ou grotesco; mas não se esquivava ao contato das realidades, nem se furta às duras contemplações da verdade brutal.

A pouco e pouco a vida tem-nos desiludido de muita coisa, mas a sua amargura resolveu-se em ironia benévola.

Não sonha já uma humanidade ingênua e cândida, como a que transparecia idealmente nos seus *Contos quiméricos*, nos seus *Contos azuis*; mas nem por isso odeia a humanidade tal como é — com as suas paixões e com os seus erros, com os seus ridículos e com as suas vaidades, com as suas dores efêmeras e as suas efêmeras alegrias — porque a Natureza a criou assim, e porque ela não pode resgatar-se do barro primitivo em que foi amassada e modelada.

Enquanto os outros se indignam, ele sorri-se.

Acha que o sorriso basta, como protesto, como lição, como vingança, e é esta ironia transcendente a faculdade que hoje predomina na sua obra.

Ele — homem e artista — percorreu o ciclo de sensações e de ideias que a humanidade percorreu também antes de chegar a este período de positivismo experimental.

Amou ingenuamente e puerilmente, e traduziu no lirismo fácil dos primeiros versos essa visão inicial das coisas.

Depois idealizou a vida, deixou que a sua imaginação quente e feliz voasse sem obstáculos pelos campos indefinidos da quimera, e deu-nos nos seus contos e nos seus primeiros livros a revelação deste estado da alma tão feliz e tão efêmero...

Mais tarde, desperta a razão, excitada quase doentamente a sensibilidade, requintada a faculdade de fazer repercutir em si mesmo a dor universal, ele escreveu *Jack, Fromont jeune, Les rois en exil*.

A *Sapho* e o *L'Immortel* correspondem já a um período mais complexo e mais progressivo.

A vibratibilidade dolorosa dos nervos foi temperada pela tenacidade da análise; a piedade tão grande, tão dolorosa, que chegava a ser mórbida, achou na ironia o seu antídoto eficaz.

Esta educação preparatória explica a sua obra. De resto não há ninguém que lhe dispute a superioridade no gênero que escolheu. Nem a força de Zola se antepõe hoje ao equilíbrio perfeito de Daudet.

Dadas estas rápidas e incompletíssimas notas sobre a personalidade artística de Daudet, entremos na análise do seu último livro.

Considerado como um romance propriamente dito, já se vê que *L'Immortel* tem muitos pontos fracos. Basta-lhe para a leitura o não ter um entrecho interessante nem um amor que ocupe o primeiro plano, e que absorva a atenção de quem lê.

É uma procissão de tipos muito bem estudados, é uma espirituosa e por vezes cruel caricatura da classe acadêmica, é uma sucessão de observações cheia de maliciosa e inolvidável graça. Tem ditos que iluminam subitamente profundezas insondáveis do ridículo humano, tem frases que *marcam* como o ferro em brasa ou que ficam na circulação como medalhas de ouro artisticamente cunhadas.

Daudet conheceu quase todas as figuras que retrata, e se alguma coisa torna um pouco inverossímil o seu livro é ser ele composto de fatos verdadeiros. Na arte, a *verdade* não é sempre aquilo que sucedeu, porém aquilo que era lógico e natural que sucedesse.

Vejamos, entre os tipos de *L'Immortel*, aqueles que mais nos interessam.

(CONTINUA.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Coimbra, Quinta da Portela, agosto.

O Paiz, ano 5, n.1455, p. 3, segunda-feira, 01/10/1888

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5960

78. CARTAS FEMININAS

L'immortel – De Alphonse Daudet

II

(CONTINUAÇÃO.)

PAUL ASTIER É REALMENTE UMA DAS FIGURAS MAIS VIVAS DO LIVRO, é com justiça que Védrine inventa para lhe aplicar aquele exótico qualificativo de *struggle for life*.

Desde as primeiras páginas em que aparece, lançando de corrida um distraído, irônico e irrespeitoso: — *comment va le maître?* em pleno rosto *imortal* do seu ingênuo progenitor, até ao casamento com a duquesa Padovani, cujo sinistro e misterioso desenlace o autor deixa adivinhar ao nosso espírito, nem uma contradição, nem uma falha, nem uma *nota falsa*, neste tipo de moderno e civilizado *condottiere*, cujas armas são a correta e postiça amabilidade, a *toilette* irrepreensível, a linha de distinção mentirosa, a hipócrita doçura de maneiras, a esperteza ladina, pronta para toda a estratégia defensiva, e cujo fito único — através das máximas vilanias, dos crimes ocultos, das misérias morais mais revoltantes — são: a riqueza, a posição elevada, a vitória social alcançada à custa dos mais fracos ou dos mais ingênuos!

De uma infinidade de homens no gênero perigoso de Paul Astier — o frenético ambicioso de fortuna e de brilho — está povoada a moderna sociedade democrática de todos os países, de todas as raças!

Parvenir, chegar, vencer, sem que haja obstáculos que se oponham à velocidade da carreira impetuosa e temerária: eis a suprema ambição de todos eles!

Todos os crimes são permitidos menos os crimes previstos pela lei; todas as correrias são admitidas, menos as covardias visíveis que o *Código da honra* condena e castiga; todas as especulações são legítimas, menos as especulações que atirem com quem as faça para uma penitenciária ou para uma colônia penal.

Estes terríveis caçadores de fortuna acumulam-se e acotovelam-se ferozes de cobiça à entrada de todas as carreiras lucrativas, em volta de todas as herdeiras opulentas, ao lado de todos os lugares proveitosos. São os mais fortes; e está de tal forma constituída a sociedade contemporânea, que é para eles fatalmente a vitória apetecida!

Quanto mais o maquinismo social se complicar e se tornar difícil de funcionamento e de manejo, mais eles, que têm por si a força — aquela força que tornou a ser a lei suprema a que os homens se subordinam — têm em seu favor as probabilidades de vencer.

Paul Astier é o tipo desta família de lutadores terrivelmente fortes e terrivelmente traiçoeiros. E Daudet estudou-o com aquela agudeza de análise que o distingue, e fê-lo *viver* com aquela intensidade criadora que é um dos milagres do seu cérebro.



Freydet, o ingênuo e crente provinciano, simples de coração, que a Academia entontece com a visão das suas glórias oficiais; o *candidato* eternamente esperançado e eternamente iludido, que principia por ser bom, delicado, capaz de dedicações e de sacrifícios, e que a pouco e pouco — morbidamente invadido pela *ideia fixa*, pólipó monstuoso que se alimenta da mais pura substância do seu ser — se deixa curvar por ela, até perder as suas fortes qualidades morais, também é um *achado* feliz deste livro, que é principalmente precioso pelas observações parciais que apresenta.

São tantos, porém, os personagens que atravessam a cena, que seria impossível ao artista fixá-los a todos na tela com o esmero e o cuidado que lhe mereceram aqueles dois.

Muitos dos outros passam rapidamente, e às vezes é a sua sombra um tanto em jeito de caricatura, que nós avistamos.

Aquela Academia, que desfila processionalmente no dia do enterro de Loisillon, é mais a caricatura da douta assembleia de que a própria, em corpo e espírito.

A Academia Francesa não é positivamente composta de grotescos!

Bastariam para lhe dar lustre e glória os contemporâneos que se chamam Renan, Pasteur, Dumas Filho, Leconte de Lisle, Coppée etc.

O espírito, a *verve* francesa, estão ali representados deliciosamente por Halévy, por Pailleron, pelo próprio Sardou.

Por consequência, o que para mim tem de menos recomendável em *L'Immortel*, é justamente a ideia inicial da sua composição. Como análise, e como descrição sarcasticamente feita dum certo recanto da sociedade francesa, acho-o delicioso; como panfleto contra uma classe inteira, acho-o injusto e exagerado.

Aquele pequenino mundo *acadêmico* é movido por vaidades, ridículos, ambições, empenhos, intrigas minúsculas, que Daudet *apanhou* em flagrante com maravilhosa destreza. Tudo que ele evoca desse pequeno mundo à parte é cheio de graça e de verdade. Mas a Academia não é só aquilo, se bem que nos elementos variadíssimos de que ela é a resultante, aquilo entra também em muito larga escala.



A duquesa Padovani, cujo retrato físico lembra imenso a princesa Matilde; a princesa Colette de Rosen, cuja viuvez teve, na sua primeira noite lutuosa, os requintes e as exagerações romanescas, que tão célebre tornaram a viuvez de uma duquesa muito conhecida no segundo império; o pobre Astier Réhu, cuja terrível *ilusão perdida*, de falsos autógrafos, é um fato verdadeiro, se bem que inverossímil, sucedido a um acadêmico já morto; Védrine, o adorável artista em quem Daudet se quis visivelmente representar — todas estas figuras diversas têm uma vida sua, uma vida distinta, uma vida alucinante. A gente vê-as passar e fica-se lembrando delas, como de gente sua conhecida.

Mas o que também não pode mais esquecer é a malvadez de Mme Asty, aquela víbora feita mulher, aquela fria invejosa, cujos baixos instintos e cujas manobras tortuosas rematam sempre por um *fiasco* revoltante.



As páginas do *L'Immortel* estão polvilhadas de espírito, como as asas da borboleta estão polvilhadas de poeira radiosa.

Os ditos esfuziam, as observações cáusticas sucedem-se com cintilações tremeluzentes e deslumbradoras; cada frase é uma gota em que se condensam as essências mais sutis, mais penetrantes, mais capitosas e mais raras...

Que pena de não as poder relembrar todas com a leitora!

Que pena não fazer extrair de cada uma a larga filosofia que contém em si, como um dedal de essência de rosas contém o extrato de mil rosais!

Mas não é de rosas esta filosofia, oh! não! É amarga e triste como a que destila a experiência da vida, e da vida parisiense sobretudo, muito mais ardente, muito mais intensa, muito mais desmoralizadora do que nenhuma outra!

Para provar quanto sarcasmo terrível, quanta ironia mórbida e cruel se tem lentamente acumulado no espírito desse primitivo sonhador que se chama Daudet, veja-se a cena do cemitério entre a viúva de Herbert e o ambicioso arquiteto! Vejam-se os pensamentos que cada conviva guardava para si no jantar da duquesa, enquanto que um sorriso uniforme, horripelantemente falso, contorcia as bocas e brilhava com faíscas de aço em todos os olhares...

É *na frase* que Daudet triunfa, sobre todos os seus colegas. Que rapidez de observação feliz em cada uma!

Quando ele fala da mulher de Védrine, ei-lo por exemplo que diz isto: “E a mulher dele aprova tudo. Cavalga com ele as mesmas quimeras; *verdadeira esposa de artista*, silenciosa, calada, em admiração plena diante do marido...”.

E falando da paixão secreta — a paixão dos autógrafos, que devora o infeliz Astier Réhu, Daudet tem esta observação rápida e profunda: “os seres humanos têm, na irradiação súbita de uma paixão, aspectos que até os seus mais íntimos ignoram!”.

E a respeito do erudito que só conhece a vida pelo que o estudo lhe revela: “os seus olhos redondos de pedagogo não sabiam *ver* senão nos livros, sem noção direta das coisas reais!”.

Nos retratos dos diferentes convivas do jantar Padovani, encontro dezenas destas pequenas frases, picantes e saborosas, que valem mais do que uma página inteira de reflexão laboriosamente acumulada.

“O grão-duque — *cabeça de soberano para jornais ilustrados*.” E adiante, falando em *Samy*, o diplomata acadêmico, o tal, que fazia baixar os olhos a Bismarck, nota o *seu duplo sorriso, sibilino e dogmático, da carreira e da Academia*.

E como este, mil ditos, mil observações profundas ou maliciosas, ricas de filosofia ou de *ciência mundana*, em que se revela o artista vibrante, impressionável, eternamente sensível ao contato das coisas exteriores e *sofrendo delas*, com uma intensidade quase feminina, que é talvez o segredo de toda a sua graça. Dizem que a pérola é também o resultado de uma dor.

Quando fala da obra balofa e convencional do desventurado Astier, atribui-lhe a relativa importância, a ser “repercutida *num desses ecos de montanha, ensurdecadores e desproporcionais*, que a multiplicidade da imprensa periódica fornece a cada pequeno acontecimento contemporâneo”.

Vê Danjou sofrendo *no seu amor-próprio de marido, este segundo fígado muito mais irritável do que o outro*.

Mas para que tentar pregar aqui, desastradamente, com um alfinete, dissecadas e mortas as borboletas multicores, brilhantes de pólen dourado, que voejam livremente nas páginas luminosas desse meridional, de espírito tão malicioso e tão vivo?...

Não consigo senão desfazer no espírito do leitor a sensação de frescura e de graça atrativa, de *charme* indizível, que elas decerto aí deixaram ainda há bem pouco.

Daudet não *vê* somente o relevo exterior das coisas, adivinha a alma oculta que as aviventa, e por um processo de maravilhosa sugestão, arranca de cada fisionomia o segredo múltiplo e complexo de uma *vida interior*. Cada indivíduo que ele contempla fixamente e que retrata com exatidão estranha, dá-lhe ao mesmo tempo a completa revelação das suas paixões mais ocultas, dos seus vícios orgânicos, dos seus ridículos adquiridos, e até — o que é mais singular, dos seus sonhos mais incoercíveis.

Para penetrar na vegetação inextricável e fantástica do sonho interior, nesse mundo de visões alucinadoras, que nenhuma lei conhecida explica ou subordina, tem Alphonse Daudet um dom de milagrosa segurança.

Ele lá vai, seguindo o voo inquieto de uma imaginação em cata do impossível, como se o terrível analista do mundo parisiense pertencesse ao número desses quiméricos seres, para quem o *único* mundo que existe é o mundo invisível.

É que nele o observador não encontra o poeta. O escritor naturalista, discípulo de Taine, lembra-se ainda do namorado sonhador da *L'arlésienne* e das *Amoureuses*.³⁴ No seu cérebro fundem-se num acordo feliz, as faculdades mais contraditórias: a fantasia e a sensibilidade, a ironia e a razão.

De nenhum de seus contemporâneos romancistas pode dizer-se outro tanto.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Coimbra, Quinta da Portela, agosto de 1888.

O Paiz, ano 5, n.1462, p. 3, segunda-feira, 08/10/1888

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/5996

³⁴ Possível referência à opera *Carmen*, de Georges Bizet (1875).

79. CARTAS FEMININAS

A vida e a correspondência de um sábio

ENTRE OS LIVROS ULTIMAMENTE PUBLICADOS NA INGLATERRA, um dos mais importantes e magistrais é *A vida e a correspondência* de Charles Darwin, publicadas pelo seu filho Francis Darwin.

É quase impossível dar, nestas cartas, tão rápidas e tão superficiais, uma ideia, por muito resumida e incompleta que seja, deste livro de uma alta significação e de um poderoso alcance.

Por muito feliz me daria eu, se o fato de anunciar a publicação desta obra monumental sugerisse, ao menos a alguma das minhas leitoras, o desejo de a ler.

São dois grossos volumes preenchidos pelas cartas de Darwin, por uma autobiografia bastante incompleta e rápida do grande naturalista, pelas notas interessantíssimas ministradas por alguns dos amigos mais íntimos ou dos colegas mais célebres de Darwin — e pelas noções minuciosas e importantíssimas, com que Francis Darwin completa as lacunas que necessariamente se abrem entre estas diversas matérias.

A primeira impressão que o espírito recebe desta leitura é a de um contraste verdadeiramente assombroso entre o ruído estrondoso que o nome de Darwin tem despertado no mundo inteiro e a paz profunda, tranquila, inefável, da vida deste homem de família, de trabalho, de ciência e de bondade!

Ao princípio vemo-lo inconsciente das suas poderosas faculdades mentais, ignorante do seu próprio merecimento, sem o mínimo pressentimento do seu glorioso futuro, levar na Universidade de Cambridge a vida usual de todos os rapazes abastados e livres. Do seu tirocínio universitário Darwin parece ter aproveitado muito pouco.

Nas suas referências posteriores à Universidade de Cambridge ele repete constantemente a mesma nota.

Tem saudades desse tempo de alegria, de atividade sã, de expansão despreocupada, de prazer juvenil; lembra-se com amor dos afetos que ali conquistou, dos amigos com quem se relacionou, do convívio jovial de que nesses grandes centros se goza; mas como meio de disciplina mental, como processo do desenvolvimento intelectual, a vida de Cambridge inspira-lhe um desdém profundo.

Ficou sempre com a mesma antipatia pela educação clássica, que lhe parece inteiramente inadequada às necessidades mais positivas do homem moderno.

Três anos apenas se demorou Darwin em Cambridge, e esses três anos são principalmente preenchidos pelos prazeres naturais da idade, pelo estudo forçado e por grandes passeios, em que pela primeira vez se manifestam claramente as manias e as aptidões do colecionador, do naturalista futuro. A caça aos insetos era o maior prazer de Darwin durante a sua vida de estudante. O seu conhecimento com o professor de botânica Henslow também lhe proporciona os primeiros gozos, e talvez que as primeiras revelações da sua espontânea e apaixonada vocação.

O pai de Darwin contara ao princípio fazê-lo médico, desejara por fim educá-lo para *clergyman*; mas a todos estes projetos teve de renunciar em face da repugnância instintiva manifestada por Carlos Darwin de se cingir a qualquer modo de vida definitivo e restrito.



A viagem à roda do mundo a bordo do *Beagle* foi, porém, o grande e decisivo acontecimento da vida do célebre naturalista.

Foi essa viagem de geólogo, de botânico e de zoólogo ao mesmo tempo, que determinou positivamente o seu destino, que o entregou, completamente seduzido, às investigações da ciência, para as quais era tão próprio.

Voltando a Londres, as suas coleções de fósseis, de plantas, de moluscos, atraíram a atenção de toda a mestrança; as suas observações engenhosas e profundas forneceram subsídios riquíssimos ao estudo dos diversos ramos da história natural do globo, a sua *Viagem de um naturalista em volta do mundo* tornou conhecido entre os sábios de todos os países o seu nome há pouco ainda obscuro, e a quantidade enorme de fatos, de observações, de *aperçus*, de fenômenos, de ideias que ele trazia armazenadas, da sua viagem de cinco anos, exigiu imperiosamente que ele se consagrasse à classificação, à coordenação, ao desenvolvimento, ao estudo de todo esse mundo extraordinário e novo que lhe fora revelado, e que carecia de ser traduzido em formas...

Darwin conquistara em cinco anos de trabalho hercúleo a glória de seu nome, mas perdera ao mesmo tempo e para sempre a saúde e o vigor da mocidade.

Muitas das cartas publicadas nesta obra estão datadas da Bahia, do Rio de Janeiro, de Botafogo. Cito ao acaso algumas observações feitas por ele durante sua permanência no Brasil.

“Nada pode imaginar-se mais belo do que a antiga cidade da Bahia, cercada por uma floresta enorme de árvores luxuriantes de cujo declive rápido se dominam as tranquilas águas da Bahia de Todos os Santos. São altas e brancas as casas, e as janelas estreitas e longas imprimem-lhes um aspecto de ligeireza e de elegância. Os conventos, os pórticos, os monumentos públicos variam a uniformidade da casaria: está coalhado de navios o porto; e pode realmente dizer-se que esta paisagem é uma das mais belas do Brasil.

O prazer delicioso de divagar no meio de tão lindas flores, de árvores tão belas, não pode ser compreendido senão, por quem o experimentou já. O clima convém-me imenso e faz-me sentir o desejo de viver tranquilamente e durante algum tempo neste belo país.

... Em terra, quando eu percorro estas florestas sublimes, cercado de vistas maravilhosas, sinto um prazer que poucas pessoas poderão compreender completamente...

... Vi agora pela primeira vez uma floresta tropical em toda a sua majestade sublime. Só a realidade pode dar uma ideia da magnificência prodigiosa desta paisagem...”

Como se vê, Darwin apreciou profundamente as belezas e os encantamentos maravilhosos da flora e da paisagem brasileira. A sublime grandeza desses aspectos naturais gravou-se-lhe de tal forma no espírito, que o tornou insensível quase às belezas rurais da nossa velha e desbotada e extenuada Europa.



Pouco depois do regresso à pátria, Darwin casa-se, como todo o inglês legítimo, para quem, depois da variedade das viagens, o *home* é o que de mais delicioso pode encerrar a terra.

É tocante este lado da existência do grande sábio. O amor que ele soube inspirar à companheira dedicada e fiel da sua vida, deixa-se adivinhar, deixa-se ler discretamente nas entrelinhas deste livro, escrito por seu filho. É à perfeita bondade de sua esposa, é à tenra vigilância com que ela o resguarda de todos os incômodos, de todas as contrariedades, de todas as mesquinhas preocupações da vida cotidiana; é ao perseverante cuidado com que ela lhe submete a saúde perdida a um régimen de calma regularidade monástica, é à abnegação com que ela o acompanha para uma aldeia isolada, sem distrações, sem visitas, sem a mais leve diversão que quebrasse a uniformidade dos dias e das horas — que o mundo deve a duração da vida de Darwin, que a Ciência deve a grande obra monumental deste revolucionário da biologia.

A vida em *Down*, pequenina paróquia rural afastada vinte milhas de Londres e longe de qualquer estação de caminho de ferro, é o perfeito modelo da vida de família, modesta, laboriosa,

retirada, genuinamente *inglesa*! É a este modo especial de entender a vida doméstica que a raça saxônia deve as suas grandes qualidades características, o seu vigor, a sua integridade, a sua vitalidade extraordinária.

O patriarca moderno da raça anglo-saxônica — eis o que foi Darwin nesse retiro campestre, onde lhe nasceram sete filhos, e donde ele conseguiu encher este século com a fama do seu nome e com as aplicações da sua teoria naturalista.

Quem lê as cartas deste homem eminente, precisa de fazer um esforço mental para identificar quem as escreve com o homem celeberrimo, cujo nome nós ouvimos hoje constantemente invocado pelos que vão na vanguarda das ciências naturais.

Modesto até à humildade, sem deixar o ser convicto, perseverante, e tenaz até ao heroísmo, simples, afetuoso, docemente acessível a todas as impressões boas; resignado cristãmente às agruras de uma doença que lhe não deixa senão algumas horas de trabalho útil em cada dia, desconfiando sempre de si, supondo sempre que é favor, e exagerado favor, a consideração com que o mundo o trata e com que os primeiros sábios do seu tempo o saúdam e o atendem; extremoso pelos seus; meigo e carinhoso para os amigos, ele apresenta-se aos meus olhos como um modelo de virtudes encantadoras e de despretensiosas seduções.

Os que — falsamente a meu ver — aplicam à sociologia as hipóteses prováveis que a sua teoria evolucionista estabeleceu, associam cruelmente o nome de Darwin a um retrocesso brutal das sociedades ao antigo *direito do mais forte*!

A sua teoria da *seleção natural pela luta pela existência* afirma, é certo, que na concorrência das diferentes variedades de uma espécie ou das diferentes espécies, é a mais forte que vinga e que progride.

Mas isto que tem aplicações à vida biológica não tem a mesma significação na vida social, em que a força pode traduzir-se por inteligência e por virtude, e não somente por vigor, por manha e por habilidade astuta.

Se na luta da existência são os indivíduos mais vigorosos que vivem, não é por isso absolutamente necessário que no conflito social mais complexo, e no qual intervêm elementos de várias ordens, seja o mais forte que domine e que deite em terra o mais fraco.



Como quer que seja, a verdade é que não há contraste mais absoluto do que o contraste que oferece a vida íntima deste homem e a aplicação que se faz modernamente das suas teorias biológicas.

Ele que fisicamente é *um fraco*, pois que a doença não cessa de o torturar em longos anos de vida, *vence* à força de gênio, de perseverança, de trabalho, de intuição extraordinária dos mais misteriosos fenômenos da Natureza, todos os concorrentes nas lutas renhidas e apaixonadas da ciência.

Não me resigno a deixar as leitoras decerto interessadas, sem mais algumas informações acerca deste livro admirável, e desta vida, que é ao mesmo tempo uma lição fecunda, um exemplo adorável, um espetáculo de alta e consoladora moralidade.

Enquanto a tento a literatura de hoje se deleita principalmente em penetrar o homem da consciência da sua mesquinhez, da sua miséria, da sua perversidade inata e irreduzível, é bom, é santamente consolador que se levantem diante dos nossos olhos estas nobres vidas consagradas ao estudo, ao dever, ao trabalho, ao culto da ciência e da virtude, como que para servir de antídoto poderoso, de antídoto efficacíssimo ao veneno, que lentamente se infiltra nos filhos deste melancólico e nublado fim de século!

Contra a terrível e falsa e pessimista aplicação sociológica e *humana* das teorias naturalistas de Darwin, levanta-se triunfante, deslumbradora, persuasiva, a vida do próprio Darwin, um santo da ciência, da família, da paternidade e de todas as nobres e belas virtudes humanas que são a nossa honra eterna, e a nossa eterna desforra contra o Mal. Continuarei, pois, noutra carta a falar dela.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Quinta da Portella, Coimbra, setembro.

O Paiz, ano 5, n. 1487, p. 2, sexta-feira, 02/11/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6121

80. CARTAS FEMININAS

Vida e correspondência de um sábio

II

NA MINHA CARTA ANTECEDENTE, a qual teve por fim fazer a leitora travar mais íntimo conhecimento com um homem, em que ela tem decerto ouvido falar muito, sem contudo haver nunca entrado na intimidade do seu espírito e da sua obra científica, eu pus principalmente em relevo o *homem*, o grande coração afetuoso e bom, a pessoa moral de Darwin.

Hoje quero acentuar mais uma feição desta preciosa natureza, citando algumas páginas escritas por ele quando a morte lhe arrancou uma filhinha de dez anos, estremecida pelos pais.

Depois falar-lhes-ei então do sábio, do escritor, do naturalista revolucionário para que fiquem conhecendo, embora superficialmente, o duplo homem que foi Darwin.

“A nossa pobre filha Anna, nascida a 2 de março de 1841, expirou em Malvern a 23 de abril de 1851, ao meio-dia.

... Seja qual for o lado do seu caráterzinho que eu examino, a feição que logo se me oferece é a sua alegria cheia de vitalidade e temperada pela mais fina sensibilidade de coração. Esta alegria, esta vida interior irradiavam de todo o seu ser, dando-lhe aos movimentos uma elasticidade, uma graça incomparáveis. Era delicioso e fazia bem ao espírito olhar para ela.

Lembro-me da sua querida figurinha descendo as escadas a correr, trazendo uma pitada para mim, e radiante de me prestar um pequeno serviço. Até quando brincava com os primos, um simples olhar meu, não de desagrado (dou graças a Deus de a não ter nunca olhado desse modo), mas de menos simpatia, alterava-lhe durante alguns minutos a expressão do seu rostinho.

... Ultimamente, já muito mal, passava um tempo infinito a acariciar um braço da mãe. O contato desta, deitada ao pé dela no mesmo leito, aliviava prodigiosamente o sofrer dos últimos dias, mais do que o faria decerto a qualquer outro dos nossos filhos.

O seu gosto era passar todos os dias meia hora a arranjar os meus cabelos, *a fazê-los bonitos*, como ela dizia, a minha querida joia, a endireitar-me os punhos, os colarinhos, enfim, a fazer-me festas!

Sempre pensei que a conservaríamos para a nossa velhice, como um amparo moral, um delicioso ser que nada seria capaz de transformar!

Tinha às vezes comigo atitudes encantadoras, levemente garridas, cuja saudade me delicia! Empregava frequentemente expressões um pouco exageradas, e como eu a escarnecesse, exagerando ainda mais, de brincadeira, a sua linguagem, estou ainda a ver o lindo jeito da sua cabecinha e ouço-lhe a exclamação: '*Oh papa, que feio isso é da sua parte!*'

... Perdemos a alegria do nosso lar e a consolação da nossa velhice.

Ela conheceu decerto a ternura com que a amamos; prouvera a Deus que ela soubesse agora também o profundo amor, a meiguice infinita com que nos havemos de lembrar sempre da sua alegre e linda figurinha desaparecida. Que as nossas bênçãos a acompanhem..."

Leitora, quando diante de ti os espíritos intolerantes e as inteligências mesquinhas acompanharem o nome de Darwin com os mil comentários injuriosos e falsos que são uso entre os ignorantes quando se fala deste sábio, lembra-te da doce criança que ele amava com tão ideal ternura, e da maneira inefavelmente enternecida com que ele a evoca viva, e a abençoa já morta.



A bagagem científica de Darwin é enorme, e a bibliografia do *darwinismo* é tão extraordinariamente importante, e tão vasta e profunda é no mundo moderno a influência deste grande homem, que a simples enumeração das publicações relativas à sua teoria ocupa numa obra publicada na Alemanha há poucos anos trinta páginas em 8º.

Chega a parecer impossível como, sendo tão doente, ele pôde trabalhar tanto, atendendo à consciência com que sempre trabalhou, à quantidade incalculável, verdadeiramente colossal de fatos que acumulou para comprovar cada uma das ousadas asserções com que, em contradição com os principais naturalistas do seu tempo, revolucionou as ciências da natureza e conseguiu ver triunfantes as suas doutrinas.

Só na sua obra sobre os crustáceos chamados *Cirrípides* gastou ele oito anos de trabalho, e no entanto esta grande obra em dois grossos volumes, em que ele desenvolveu tantos milagres de energia e de força, de paciente curiosidade, de observação minuciosa e extraordinária, somente interessa os especialistas.

Ele diria, porém, mais tarde que todo o trabalho ali empregado e todas as aptidões ali desenvolvidas e disciplinadas foram muito úteis, quando a propósito da *Origem das espécies* teve de discutir os princípios de uma classificação natural.

Falei na *Origem das espécies*; disse o nome da obra que mais do que nenhuma outra concorreu para que a fama do nome de Darwin se espalhasse no mundo inteiro e para que, até entre os mais profanos e os mais ignorantes, as aplicações da sua teoria sejam tão discutidas e até mesmo erroneamente interpretadas.

Na sua *Autobiografia*, que, apesar de incompleta e de pouco extensa para o nosso gosto, é de um grande valor psicológico e histórico, ele próprio fez a gênese da sua mais célebre teoria.

“Depois do meu regresso à Inglaterra, diz ele, pareceu-me que, seguindo o exemplo de Lyell na geologia, quer dizer, reunindo *todos os fatos* que se relacionam de qualquer modo com as variações dos animais e das plantas em liberdade, eu podia fazer sobre este assunto alguma luz. O meu primeiro livro de notas começou em julho de 1837. Inspirei-me para este trabalho dos princípios de Bacon, sem teoria preconcebida pus-me a colecionar os fatos em grande, e mais especialmente, os que diziam respeito às espécies domésticas, fiz circular questionários impressos, conversei com criadores e jardineiros hábeis, e li enormemente.

Quando vejo hoje a lista de livros de todo o gênero, que li e resumi por escrito, compreendendo as séries completas de jornais e de *comptes rendus* de sociedades científicas, espanta-me realmente o meu trabalho. Percebi depressa que a seleção representa a chave do êxito que o homem encontrou na criação das raças úteis de animais e de plantas.

Mas como é que esta seleção podia aplicar-se a organismos que vivem no estado selvagem? Eis o que foi durante algum tempo um mistério para mim.

Em outubro de 1838, quer dizer quinze meses depois de haver começado o meu inquérito sistemático, sucedeu-me ler para me distrair o livro de Malthus sobre a população. Estava excelentemente preparado por uma observação prolongada e contínua dos costumes dos animais e das plantas para apreciar a *luta pela existência*, que em toda a parte se encontra, e acudiu-me a ideia que nestas circunstâncias as variações favoráveis tendiam a vingar, e as outras menos privilegiadas seriam necessariamente destruídas.

O resultado seria, pois, a formação de novas espécies.”

Tendo enfim conseguido formular uma teoria sobre a qual lhe era possível basear os seus trabalhos, Darwin não se atreveu ainda assim a traçar o mais ligeiro plano do seu edifício mental, que ainda aos olhos dele não tinha adquirido a necessária firmeza de linhas e solidez de arquitetura.

Foi tempo depois, que se concedeu a si próprio a satisfação de fazer por escrito um sucinto resumo da sua teoria, sucessivamente ampliada das primitivas 30 páginas até 250.

“Nessa época”, acrescenta ele, “eu não tinha ainda podido perceber um problema de grande alcance, e espanta-me, exceto quando penso no ovo de Colombo, da negligência que tive em procurar-lhe a solução. Este problema é a tendência que têm os seres organizados provenientes da mesma origem mãe, a mudar de caráter à maneira que se vão modificando.

É evidente que divergiram fortemente: convencemo-nos disto pela maneira, em virtude da qual, as espécies de toda a natureza podem ser classificadas em gêneros, os gêneros em famílias etc. etc.

Lembro-me do sítio exato, em que, indo eu de carruagem, esta solução, com grande alegria minha, se impôs ao meu espírito. A solução como a penso é esta: os descendentes modificados das espécies dominantes e em via de desenvolvimento tendem a adaptar-se às numerosas e diferentes localidades, na economia da natureza.”

Citei todo este trecho, porque me parece um curioso documento do modo por que os raciocínios e as observações se vão coordenando harmonicamente no espírito de Darwin. É agradável, parece-me assistir ao desenvolvimento de uma teoria tão decisiva e tão pródiga em resultados extraordinários, de todas as ordens.

Nisto e quando Darwin, aconselhado por Lyell, estava desenvolvendo largamente num livro as suas teorias perfeitamente novas, eis que Wallace, um distinto naturalista inglês, muito conhecido hoje, e que então andava viajando pelo Arquipélago Malaio, lhe envia um ensaio com este título característico *On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type* (Da tendência das variedades para se afastarem indefinidamente do tipo primitivo). Este ensaio por uma coincidência muito rara, pois que se dava principalmente entre descobridores de leis desconhecidas, continha exatamente as ideias de Darwin sobre a matéria.

Neste momento a nobreza da alma ingênita à delicadeza extrema e superior do coração de Darwin manifestou-se de um modo evidente e que honra inquestionavelmente a espécie humana.

A luta que foi preciso empregar para que Darwin publicasse juntamente com o ensaio de Wallace os seus trabalhos antecedentes sobre a mesma ordem de assuntos, o conflito que se passou na consciência deste homem entre o amor que tinha às suas descobertas, às suas teorias, aos seus trabalhos, e o melindre de poder escurecer com o aparecimento deles o mérito e a originalidade de

Wallace, tudo isto tem um interesse dramático e moral de ordem muito superior para ser por todos compreendido e sentido.

O próprio Wallace concorreu nobremente para destruir os exagerados escrúpulos de Darwin, e, finalmente, em novembro de 1859 saía a público o livro *Origem das espécies*, muito menos desenvolvido do que no primitivo plano, o autor tencionara fazê-lo, mas por isso mesmo mais próprio para ser lido e apreciado por uma quantidade muito maior de leitores e mais acessível ao mundo dos profanos da ciência.

O sucesso foi desde logo enormíssimo.

A primeira edição foi vendida no próprio dia em que os livreiros a apresentaram ao público; a segunda seguiu-se imediatamente. Em 1876, 60 mil exemplares tinham sido vendidos na Inglaterra, e o livro fora já traduzido em todas as línguas europeias (menos na nossa, creio eu). O número de críticas de certa importância feitas ao volume elevava-se nessa mesma época a 265, sem compreender neste número os artigos de jornais diários.

Em 1871, Darwin publicava como complemento da sua *Origem das espécies* o livro da *Descendência do homem*, que lhe custara três anos de trabalho fora as notas preparatórias adquiridas desde muito. O seu nome estava definitivamente consagrado. O mundo científico aclamava-o como a um dos seus reis!



São imensas as outras obras escritas pelo grande naturalista. Em qualquer catálogo as pode a leitora facilmente encontrar.

Chega a parecer assombroso que uma vida de homem possa produzir tanto, e se metermos em conta a doença crônica que torturou toda a longa existência de Darwin, este assombro sobe ainda de ponto.

O grande naturalista revela-me o segredo desta produção enorme, colossal, puramente harmônica. Deve-se em primeiro lugar à energia estranha da sua organização saxônia, tão apta para o trabalho perseverante, tão inacessível às variações de humor, aos ataques invisíveis do tédio que inutilizam e que prostram as organizações meridionais; em segundo lugar à sua arte de *não perder um minuto aproveitável*.

O método, a preciosa avareza de tempo, a regularidade de hábitos e de trabalho, cooperam largamente, com as faculdades superiores do homem, para produzirem este milagre.

Paciência infatigável, para acumular imensas quantidades dos mais diversos fatos; admirável talento dedutivo para os aproveitar; conhecimentos fisiológicos exatos e extensíssimos; finura especial para inventar experiências que lograssem efeito; estilo admirável, claro, persuasivo, e preciso: eis os predicados que os seus contemporâneos mais competentes atribuem a Darwin.

Ele morreu sem ter percebido que escrevia perfeitamente. Lamenta-se com frequência nas cartas que escreve, da sua dificuldade invencível e medonha de formular os pensamentos que lhe acodem e as leis que julga descobrir, e do muito que tem de tatear e de hesitar antes de encontrar a expressão definitiva da sua ideia.

Sabe porém que tem imaginação, imaginação talvez excessiva, de que desconfia um pouco, mas com a qual, segundo tão bem observa Buckle na sua *História da civilização da Inglaterra*, a verdadeira ciência, as altas generalizações, as sínteses sublimes, e os grandes descobrimentos são totalmente impossíveis!

Essa imaginação porém aplica-a ele tão somente às matérias científicas que mais vivamente o interessam. Pouco a pouco, à proporção que foi vivendo, perdeu todas as faculdades estéticas que na mocidade o tinham acompanhado.

A propósito disso, e lamentando essa eliminação gradual que se fez no seu espírito, ele diz com a sua completa inconsciência do que vale e do grande gênio que recebeu da Natureza:

“Parece que o meu espírito se torna uma espécie de máquina, só própria para extrair leis gerais de uma grande multidão de fatos especiais; mas não posso conceber por que foi que esta faculdade causou a atrofia da parte do cérebro de que dependem os prazeres e os gostos de arte e de poesia.”

Não me permite o espaço continuar e, no entanto, se há coisa que me interesse o entendimento, que prenda e cative a imaginação, é o estudo de um destes organismos superiores, tão complexos e tão ricos de aspectos extraordinários e sugestivos.

Disse o bastante, creio, para interessar os meus leitores e para lhes despertar o desejo de lerem o livro admirável de que tentei dar-lhes rapidamente uma ideia aproximada, embora infelizmente incompleta a muitos respeito.

Os que se enfastiarem com o assunto me perdoem: tenho a certeza que Darwin lhes perdoaria a eles, com a sua larga bondade e com a sua humildade encantadora e ingênua e genial!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO.

Coimbra. Quinta da Portela. Setembro.

O Paiz, ano 5, n. 1507, pp. 2 e 3, quinta-feira, 22/11/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=6213

81. CARTAS FEMININAS

SEI QUE O MEU EMINENTE COLEGA PINHEIRO CHAGAS CONTRAIU com os leitores *d'o paiz* a obrigação — já talvez satisfeita à hora em que escrevo — de lhes falar sobre as *Cartas da Freira Portuguesa*; eu, porém, seja embora audacioso o confronto, é que me não posso dispensar de conversar com as minhas amigas desconhecidas do Brasil sobre este assunto tão feminino, e que por isso mesmo decerto as interessa profundamente.

O volume do sr. Luciano Cordeiro, intitulado *Sóror Mariana*, constitui o sucesso literário mais importante deste ano que vai correndo.

Apesar de muito conhecidas e muito célebres lá fora, apesar das quatro traduções portuguesas que já tínhamos delas, as *Cartas da Freira Portuguesa* estavam longe de ser apreciadas condignamente pelo nosso público. A maior parte dele nem chegava a saber que tais *Cartas* existiam!

Coube ao sr. Luciano Cordeiro o privilégio invejável de vulgarizar entre nós esse monumento literário, que nos pertence, e que talvez mesmo porque *não era estrangeiro* levou tanto tempo para ser avaliado como merecia...

As *Cartas da Freira Portuguesa* constituem uma dessas obras singulares, que não podem filiar-se em nenhum gênero de literatura, nem sofrem comparação com outro qualquer escrito, devido à fantasia humana.

É provável que o sr. Pinheiro Chagas lhes tenha explicado o que é o livro de Luciano Cordeiro, livro *exaustivo*, que não deixa para investigar nem um único dos pontos que de perto ou de longe se relacionam com este — até agora insolúvel — problema histórico.

Graças à penetrante e paciente curiosidade do erudito escritor, sabe-se que realmente a freira existiu num convento de Beja; que se chamou Mariana Alcoforado; que pertencia a uma nobre família alentejana, hoje extinta; que foi Chamilly, o futuro marechal de França, a quem Saint Simon se refere desdenhosamente nas suas *Memórias* célebres, o ingrato e cruel amante, por quem ela se perdeu, e cujo abandono a tornou imortal...

A gente, a falar a verdade, não sabe lá muito bem se há de amaldiçoá-lo ou bem dizê-lo, pois que se não fora ele, não possuíamos o documento genial a que o sr. Teófilo Braga chamou a mais bela revelação literária e sentimental do século XVII português.



Parece à primeira vista, que, sendo o drama que se deu entre *Sóror Mariana* e Chamilly uma coisa eternamente repetida e já banal à força de frequente, não poderá haver extraordinário interesse na revelação visível que dele resta.

Sim, é banal! que dois seres se amem, e se separem; é banal que dois corações se esqueçam do momento efêmero e sagrado em que julgaram ser perpetuamente um do outro; é banal que duas mãos que se enlaçaram se desprendam na indiferença e na glacial e muda tristeza de um adeus eterno!... Para humilhação e vergonha da espécie humana é banal que este lamentável episódio se repita desde que o mundo é mundo!...

Mas o que não é banal é que uma alma sinta com a violência, com a paixão, com a tempestuosa pujança, com a desordenada energia, o que assinalam as *Cartas* da freira alentejana. Oh! o amor que ela teve não foi um desses mesquinhos amores que os romancistas modernos se deleitam em representar no seu *coquetismo* artificial ou na sua perversidade requintada, para humilhação e tristeza de quem é mulher e se vê tão cruelmente tratada nos livros! O amor que ela teve foi a *paixão sagrada*, ante a qual os antigos se inclinavam vencidos, nas raras ocasiões em que defrontavam com ela, ao pressentirem sob os seus lamentáveis e cruéis estragos a vingança ou a revelação de uma divindade oculta!...

Uma paixão destas, fulminadora e terrível, destrói todos os obstáculos que encontra no caminho. É de sua natureza, *transcendentemente imortal*! Não temos porém de fazer-lhe o processo, que, sob o ponto de vista religioso e moral, está feito há dois séculos. Temos de verificar-lhe os fenômenos terríveis.

Contra ela, não é necessário presumir as almas!

São raros, felizmente, aqueles em que tão violento e desordenado afeto deixa adivinhar as suas convulsões e os seus combates.

É contra outra espécie de perigos que devemos acautelar as nossas filhas... O perigo de tamanha paixão é raro.

Na ordem sentimental, ele corresponde ao que, na ordem intelectual, corresponde o Gênio.

E a prova é que, se o romance e o drama fazem destilar diante de nós a legião desgrenhada de suas sentimentais heroínas, a História poucos exemplos nos aponta de *namoradas* como a freira de Beja.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, outubro de 1888.

O Paiz, ano 5, n. 1519, p. 3, terça-feira, 04/12/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6276

82. CARTAS FEMININAS

Leitura para os moços

CONSULTAVA-ME NO OUTRO DIA UMA CORRESPONDENTE — das muitas que, de vez em quando me escrevem daí, dando-me a sensação agradável de que as minhas *cartas* são lidas, e de que elas encontram por amor da boa-fé e da sinceridade que as penetra alguma simpatia nas almas que são boas — a respeito da leitura que devia consentir a seus filhos.

São, dizia-me ela, um rapazinho de doze e uma menina de catorze anos. Apaixonados de leitura, pedem-me livros sem cessar, e eu vejo-me muitas vezes perplexa sem atinar no gênero que seja mais útil àquelas duas imaginações infantis, tão vivas, tão abertas a todas as curiosidades e a todas as simpatias!

É realmente difícil a resolução do problema que me é proposto.

Leitura para adolescentes, que tenha os requisitos indispensáveis de moralidade sã, de senso claro e perfeito, e de arte fecundante e iluminadora, é realmente rara, rara em todos os países.

Os que escrevem para crianças escrevem mal, os que escrevem bem não escrevem para crianças.

São detestáveis os pequenos contos, os compêndios expurgados de história, os tratadinhos de geografia, os romancinhos falsos e sentimentais, que em toda a parte constituem até hoje a biblioteca dos que são muito moços.

Nessas compilações adocicadas tudo é falseado; a verdade dos fatos e a sinceridade das ideias, os pontos de vista críticos, e os acontecimentos criticados.

Imagina-se que para conservar a inocência, preciosa decerto, dos pequenos leitores, convém, antes de tudo, enganá-los, iludi-los, desnorreá-los a respeito de todas as coisas!

Supõe-se que essas noções serão mais tarde retificadas, que esses acontecimentos serão depois vistos a outra luz, e começa-se dando uma base mentirosa à educação que se deseja completa...

Outros julgam, partindo de uma ideia tão falsa como aquela, que é fácil escrever coisas que atraiam e cativem a inquieta imaginação infantil, e fazem livros ou de uma sensaboria insulsa ou de uma impropriedade lamentável, cheios de termos abstratos, de generalidades vagas, de balofas e vãs declamações.

Eu, então, imagino que não há nada mais difícil do que excitar a simpatia de um espírito de criança!

Ou o conseguem os gênios, de que a ingenuidade é um dos encantos mais incoercíveis e inexplicáveis, como, por exemplo, o nosso João de Deus; ou dos críticos alemães, tão extraordinariamente inteligentes, que conseguem reproduzir em si todos os estados da alma, até aqueles por que passa uma criança, e satisfazer, por este milagre de intuição, as necessidades mentais que se conhecem, e é este o caso dos irmãos Grimm e de mais alguns contistas germânicos; ou então pode fazê-lo excepcionalmente, por um arrojo de sensibilidade, por uma graça especial de sentimento um escritor delicado e sincero como Amicis, que fez um livro *único* quando escreveu para as crianças italianas o seu livro intitulado — *Coração*.

Dada pois a dificuldade de tratar com estes pequenos seres de uma vibratibilidade de impressões, de uma viveza de instintos, de uma finura de percepção muito mais melindrosa e complicada de que a nossa, não é possível constituir-lhes uma *biblioteca* com os volumes raros destes raros escritores.

Torna-se indispensável pedir o auxílio de outros.

A literatura inglesa aparece-nos com os seus adoráveis romances, de uma vida moral tão intensa, de uma intenção moral tão vivificante e tão pura.

Não creio que as mães devam arrepear-se de entregar às suas filhas os romances de Dickens.

São fortes, apresentam muitas vezes os aspectos brutais da vida, revelam muitas misérias ocultas dessa civilização ciclópica da Inglaterra, em que as castas estão ainda justapostas, em que os miseráveis suportam — Cariatídes trágicas — o peso da enorme construção que lhes fica superior.

Mas ao par dessas dolorosas cenas que deixam perceber ou que vigorosamente descrevem, que delicado sentimento do dever feminino! que piedade inefável pelos fracos! que evangélica intuição da caridade e do amor!... E mais que tudo — pois que, mais que todas as coisas isto é útil! — que gloriosa compreensão dos altos deveres humanos, que convite sugestivo à luta, ao esforço, à energia permanente, à ação tenaz e decisiva!

Além destes romances e de alguns outros, também ingleses, lhes parecerá necessário escolher então com maior cuidado; temos as biografias dos homens grandes, dos genuinamente grandes, daqueles em que se representa e simboliza todo o esforço da humanidade, toda a sua progressiva ascensão para a Verdade e para o Bem!

Não devem as mães hesitar quando virem que de muitos destes livros se evola talvez uma conclusão melancólica e desconsoladora, que em muitas dessas biografias só no fim de contas se prova que nem sempre são os mais felizes aqueles que foram melhores, que nem sempre mais alcançaram dos seus contemporâneos aqueles que por importantes serviços mais mereceram deles.

Há uma moral transcendente que é necessário desprender desses fatos significativos.

A nossa alma, a alma de nossos filhos, não deve ter por fito único ou mesmo por fito mais cobiçado o *bem positivo* que lhe provenha do bem que haja realizado ou sonhado!

O aplauso incondicional das maiorias raras vezes acompanha aqueles que ou divergem do seu tempo ou caminham adiante deles, que reagem contra o seu meio, ou tratam de lentamente o transformar...

Todos os que trouxeram ao mundo uma *ideia*, padeceram por ela, e só compraram à custa do próprio martírio o triunfo definitivo da doutrina ou de descobrimento que proclamaram.

Não há grande sábio, grande navegador, grande inventor, grande filósofo, grande moralista, que não alcançasse por alto preço o direito de dizer — triunfei!...

Não quero, já se vê, dizer com isto, que eduquemos para *mártires* os nossos filhos, nem que cultivemos neles com tais excessos as faculdades de *idealizar* e de *sentir* que os tornemos ineptos para a vida positiva e prática...

Mas nesta leitura, mais que todas reorganizadora e fecundante, eles aprendem a ter tenaz vontade, e um certo desdém do aplauso banal das maiorias.

Depois o perigo do nosso tempo não está no excesso de idealismo, está pelo contrário no excesso de egoísmo interesseiro e de mercantilismo reles.

O mundo atual está quase que realizando aquele mundo feito segundo os moldes de um código *suíno*, de que fala com a sua pitoresca fantasia, e os seus excessos violentos de *humour*, o grande moralista Carlyle.

Não tenhamos medo de cultivar nas almas dos nossos filhos, que a geada glacial deste fim de século tende a tornar tão árida e tão estéril, a flor azul do ideal, o lírio aéreo da candura e da fé! São esses que podem, propagando-se, desabotoando-se em botões orvalhados, encobrir a imensa devastação que a quantidade e o caos de doutrinas contrárias e todas perniciosas têm feito no espírito de todos nós.



Se não fiz um catálogo de livros, indiquei pelo menos a direção que me parece mais própria para imprimir às leituras de um adolescente curioso e dado a coisas de espírito.

Isto, sem prejuízo das *Viagens*, que são um precioso auxiliar de toda a educação moderna; da *História*, que, sendo comentada, acompanhada como que explicada pela inteligência maternal, pródiga de conselhos e de conceitos morais, amadurece e vivifica o espírito de um rapaz.

Há quem diga que a leitura não tem influência decisiva numa vida. Sim, isso pode ser verdade, aplicado aos imbecis.

CARTAS FEMININAS

Nos entendimentos superiores ao vulgar a leitura exerce ou benéficos efeitos ou efeitos desastrosos, conforme é escolhida, conforme é boa ou má!

Em geral, é mau tudo aquilo que amolece, tudo que enerva, tudo que enfeitiça voluptuosamente a imaginação; é mau tudo que dá das coisas um aspecto falso, ou pior ou melhor do que elas realmente são.

Bom é o que prepara para a luta, para o esforço, para o exercício da vontade, tudo que retempera o ânimo, tudo que incita às nobres abnegações e aos altos sacrifícios.

A *educação* faz-se destas leituras, a *instrução* adquire-se com a aquisição lenta e progressiva das ciências especiais, e da sua coordenação sintética.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, novembro de 1888.

O Paiz, ano 4, n. 1527, p. 3, quarta-feira, 12/12/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6314

83. CARTAS FEMININAS

UM DISTINTO BRASILEIRO, QUE ATUALMENTE RESIDE EM LONDRES, o sr. José Antônio de Azevedo Castro, publicou este ano, em edição que é um verdadeiro primor bibliográfico, a coleção completa, acrescentada com inéditos valiosos, de todas as obras poéticas e oratória do nosso poeta e fundador da Arcádia, Correia Garção.

Há muito que eu desejava falar deste livro, a tantos respeitos digno de apreço, e que, pela circunstância de ser publicado e prefaciado por um brasileiro, o qual, de mais a mais, o dedicou a Sua Majestade o imperador D. Pedro II, deve ter tido grande aceitação no Rio de Janeiro.

Na introdução que precede o livro, o sr. Azevedo Castro tenta, com os documentos incompletos que possui, reconstituir a fisionomia e a vida de Garção.

Foi acidentada e acabou tragicamente essa vida de poeta, em que parece ter havido um período de prosperidade e de bem-estar, seguido depois pela mais completa ruína de todos os haveres materiais.

No tempo de Garção a posição de homem de letras nem era rendosa nem brilhante. Se nas cortes mais polidas de Inglaterra e da França os homens ilustres gozavam do pouco invejável privilégio de receber pensões e proteções de reis e de grandes, aqui, a queda para a literatura, não foi nunca tão pronunciada, que dela pudesse derivar consideração, importância e riqueza para os engenhos que a cultivavam.

Que o poeta Garção teve dias de tranquilo ócio e de regalado bem-estar, conclui-se facilmente da leitura de muitas páginas ridentes e iluminadas da sua obra.

Não se é assim correto e requintado, não se cultiva a forma com tão burilado primor, nem o gracejo e a ironia com tão despreocupada feição, quando a miséria fez pesar sobre os ombros do poeta a sua garra implacável e adunca.

Mas que aos dias em que ele compunha as suas soberbas odes, as suas sátiras frisantes, os seus sonetos sutilmente rendilhados, se seguiram dias de desespero e de amargura, é o próprio poeta quem se encarrega de no-lo confessar.

...de poeta, amigo, só me restam

Desastres e misérias; filhos rotos;

De valadio o teto; a vinha calva...

E por aqui em diante uma ladainha de prosaicos lamentos...

E aquele que na república ideal da poesia portuguesa tinha o nome virgiliano do *Corydon*, era muito chamente, *no século*, escrivão da Mesa do Consulado, lugar que a sua aliança com uma senhora de nobre estirpe e família influente lhe trouxera. Também foi durante um tempo (dois anos), redator da *Gazeta de Lisboa*, decerto a mais velha, a venerada e única antepassada dos *duzentos e trinta* periódicos que se publicam hoje em Portugal!

Esta posição de redator da *Gazeta de Lisboa* não lhe dava porém mais importância nem proventos. Era uma pequena verba auxiliar, que ele modestamente e obscuramente ganhava, para poder com ela acrescentar o patrimônio herdado, que numa demanda perdida se tinha esvaído quase que inteiramente.

Há na vida de Garção um ponto escuro, em que uns biógrafos têm querido pôr luz, e que outros preferem deixar na dúvida sombra em que por largo tempo se conservou.

Na noite de 9 de abril de 1771 Garção foi preso no seu próprio domicílio, por virtude de um aviso da secretaria do reino, e conduzido à cadeia da corte, vulgo Limoeiro, onde permaneceu no *segredo* durante oito meses completos, e onde, a 10 de novembro de 1772, expirou depois de haver esgotado todos os suplícios morais de uma desesperada agonia...

Tinha 48 anos o poeta, o que não obsta a que se atribua o seu castigo cruelíssimo a um destes crimes que hoje a moral social, bem mais relaxada do que era a que então se traduzia nas leis, cobre com a sua sorridente e amável tolerância...

Apesar de alguns biógrafos, fiando-se na idade do poeta, impugnarem como falsa a asserção de ser um delito amoroso o que originou o encarceramento de Garção, é em todo o caso bem possível que ele, como poeta que era, tivesse até mais tarde aquela vitalidade e aquela impudência de coração que pode dar causa a semelhante ordem de crimes.

Como quer que seja, o que transparece verdadeiramente de todo o oculto drama, é o amor com que a pobre esposa, traída, por ele ou não, o adorou até ao último instante.

Às súplicas dela, que até à presença do rei foram levadas, se deveu a ordem de soltura que o poeta recebeu, poucas horas antes, infelizmente, de sua prematura e triste morte.

Com uma generosidade que honra nela todo o sexo feminino, a esposa, ultrajada pela loucura senil do marido, pouco se importou com a causa do castigo, para só contra este lutar, com energia indômita.

Os meses em que Garção esteve preso foram todos empregados pela mulher em trabalhar afincadamente para o fazer sair da cadeia onde o tinham encerrado.

Assim lhe pagou ela, como sabem fazê-lo as mulheres grandes pelo coração, o crime de ter seduzido outra, quebrando a fidelidade e o respeito que a ela eram só devidos!...



Como poeta, Garção é um dos mestres da nossa língua, é um metrificador correto, de gosto impecável e de veia horaciana, sóbria e castigada.

Aos que fizeram da poesia a arte de exprimir os mais sutis requintes das doenças mentais e sentimentos deste fim de século, nada ou quase nada pode dizer a poesia de Garção, vazada nos moldes da ode ou da sátira, conforme o classicismo mais puro as figurou.

Nós vamos ficando cada vez mais ineptos para apreciar a literatura medida, disciplinada, regular dos períodos clássicos.

Ou a *quinta essência* capitosa dos poetas modernos que se chamam em França Leconte de Lisle, em Inglaterra Swinburne, em Espanha Bécquer, na Alemanha H. Heine, ou a desordem sublime de um Shakespeare e a primitiva ingenuidade de um Chaucer.

Fora disto não queremos nem admitimos nada.

Mas fazemos muito mal, visto que temos a pretensão de ser o século mais erudito dentre todos os outros séculos, aquele que tem cultivado, com mais fino e cuidadoso esmero, o *diletantismo* literário, que se ufana de saber apreciar e compreender todas as coisas, ainda as mais diversas e as mais antagônicas entre si...

Garção, de resto, tem versos de uma harmonia ampla e sublime.

Conta muitos destes, por exemplo, aquela célebre *Cantata* de Dido, que é talvez das suas peças poéticas a mais conhecida dos profanos:

*Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitárias ondas...*

Haverá muitos poetas atuais que façam versos destes...

Muito haveria que citar de nosso clássico poeta. Não o faço porém.

Os que gostam dos gêneros que ele cultivou com tão singular engenho e da data literária que as suas poesias revelam, sem que seja necessário indicá-la, que leiam o belo volume que o sr. Azevedo Castro publicou.

Para os que não apreciam o sabor clássico e erudito desta poesia, tudo que eu pudesse dizer seria inútil.

O que, porém, me não sofria o ânimo era deixar de agradecer em nome de Portugal, tão esquecido, infelizmente, das suas tradições e das suas glórias, ao brasileiro notável que tão levantada homenagem acaba de prestar a um ilustre escritor nosso!

As nações só vivem e se afirmam pelo amor que têm às glórias do passado, pela ardente aspiração que nutrem às vitórias do futuro!...

Entre nós, o mais lamentável sintoma que o observador descortina, é o desdém do que *foi* e a desesperança do que *será*.

Parece que não temos uma literatura, uma história, um gênio nacional intensamente caracterizado; tudo isto harmonizado entre si, tudo isto traduzindo o mesmo Grande Fato da nossa nacionalidade, individualizada e distinta!...

Todos, sejam eles de que terra forem, que nos acordam deste marasmo, ilustrando-nos acerca do nosso passado riquíssimo, animando-nos acerca do nosso dúbio e incerto futuro, nos fazem um benefício incalculável, nos prestam um serviço enorme.

É encarando sob este ponto de vista, mais alto e mais geral, o trabalho magnífico do sr. Azevedo Castro que eu entendi dever publicamente, e em nome da literatura portuguesa, agradecer-lhe cordialmente o livro com que ele a enriqueceu ultimamente.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, novembro de 1888.

O Paiz, ano 5, n. 1545, p. 2, domingo, 30/12/1888.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6402

84. CARTAS FEMININAS

O Brasil e a Europa

A IMPRENSA PORTUGUESA, BRASILEIRA E INGLESA, falando, com profundo sentimento, da morte do ilustre e benemérito conde de S. Salvador de Matozinhos, e prestando sincera homenagem, desinteressada e unânime, às virtudes que enalteciam a alma desse grande cidadão, deve ter consolado, pelo único modo possível por que tais dores se consolam, aqueles que a morte do nosso amigo deixou na orfandade, na viuvez e na desconsolada tristeza.

O conde de S. Salvador morreu, justamente numa hora em que lhe teria sido bem grato viver, para assistir à grande evolução econômica de que o Brasil está sendo o teatro.

É glorioso para um país ver que no seu seio se completa uma transformação radical, como a que altera completamente as condições de seu trabalho, sem que essa transformação se tenha assinalado por tumultos antipatrióticos, ou por perturbações que nesta hora seriam gravíssimas.

Diante da Europa, dilacerada, inquieta, cheia de incertezas lúgubres de várias ordens, o Brasil, depois de ter dado um destes passos que são de tão capital importância no regime econômico de uma nação, continua imperturbável na sua marcha progressiva para a verdadeira civilização humana e fraternal, e como que fortalecida pelo ato de desinteresse e de força moral que praticou.

O trabalho livre substitui o trabalho servil; e os escravos — ainda há pouco bestas de carga a que eram negados todos os direitos e todas as regalias que aos homens são concedidos — acham-se hoje alforriados pelo generoso impulso dos que não hesitaram diante das perdas materiais que esta salutar revolução havia de trazer consigo, para se purificarem da mancha que a escravatura imprimiu na glória moral da sua pátria.

É tanto mais notável esta evolução decisiva e pacífica, que, estamos certos, um fato econômico deste alcance e desta importância não se realizaria hoje, na velha Europa, sem graves agitações que o interesse mercantil promoveria. Estamos numa fase tão tristemente utilitarista, que todo o antigo idealismo dos nossos pais e dos nossos avós aparece hoje sob a cor dúbia de uma quimera vã, aos que estão encarregados de traduzir em leis as aspirações dos povos, e de interpretar no governo as necessidades morais dos governados.

Vejamos, numa revista sumária e rápida, o aspecto político e social que neste momento a Europa nos apresenta.

Se consultarmos um dos escritores mais populares da Alemanha moderna, Max Nordau, acerca das causas do mal-estar que nos devora, ele dir-nos-á que a Europa civilizada é uma “enorme enfermaria de doentes, que encham o espaço com o eco dos seus gemidos desesperados, e se contorcem na agonia de toda a espécie de martírios”.

Na Alemanha, apesar dos discursos otimistas e altivos do sr. Bismarck, que declara em pleno *Reichstag* “que o Império Germânico só a Deus teme sobre a terra” sabe-se bem que sob essa aparência de orgulhosa e viril robustez, há causas latentes de desagregação, há gérmens de uma incombátível doença.

Sucumbida ao peso do seu armamento colossal, amontoando cada ano novas despesas para uma guerra provável, a Alemanha sente-se dia a dia mais dolorosamente agitada. “O socialismo vermelho rói avidamente com os dentes agudos as colunas do edifício político e social, e nem o esteio do socialismo de Estado ou cristão, nem as leis de exceção, nem o quase permanente estado de sítio nem os poderes discricionários da polícia o distraem por instantes da sua obra de destruição silenciosa e subterrânea.”

Na Áustria e Hungria umas poucas de nacionalidades diversas em luta umas com as outras, fazem-se mutuamente todo o mal que podem.

A Rússia, tendo em si os elementos confusos da extrema civilização, e os instintos selvagens da barbárie irreprimível, revela-nos um misto desordenado das mais estranhas e incompatíveis qualidades.

A administração burocrática, perdendo ali todo o sentimento de solidariedade pública, perpetra impunemente as malversações mais iníquas. As classes instruídas e exaltadas por isso mesmo, pela súbita passagem que nelas se opera, das trevas da ignorância ao conhecimento sem método das mais extremas e radicais doutrinas — socorrem-se do *niilismo* como a arma suprema dos que perderam a esperança e põem, nessa negação formidável, o seu instinto de destruição selvagem e bárbaro, e as suas tendências místicas, mais estranhas e mais contraditórias ainda.

Os seus pensadores, os seus poetas, os seus romancistas, os seus filósofos, acham a ordem social presentemente estabelecida, tudo que há de mais iníquo e de mais perverso.

Uns preferem a este estado de coisas presente a anarquia, o caos, a perfeita desordem; outros fundam seitas, tão funebremente desinteressadas da Vida, como as que foram produzidas no

extremo Oriente pela atroz desigualdade das condições, pela cruel separação das castas, pela hierarquia social levada até à loucura...

Os homens de Estado, sem saberem o remédio que pode dar-se a uma crise tão complexa, ora pensam no parlamentarismo da Europa ocidental, que nada lhes daria lá, no fim de contas; ora veem a salvação única na inteira supressão das influências democráticas da Europa, na supremacia reconhecida do espírito asiático, e no estabelecimento definitivo e sólido do despotismo hereditário e religioso dos czares; ora supõem a guerra o mais salutar e o mais eficaz derivativo, e sonham uma guerra contra a Alemanha, contra a Áustria, contra a Turquia, contra dois mundos e duas civilizações antagônicas.



Na Inglaterra a aparência é por ora a da legalidade, da disciplina, da ordem hierárquica, da realeza respeitada, da aristocracia poderosa, da burguesia solidamente estabelecida...

As classes dominantes fazem ouvir a sua voz; a lei é supremamente acatada nas suas letras e nos seus representantes; os privilegiados do nascimento, da fortuna e da posição social, defendem com força e habilidade, por enquanto absolutamente triunfantes, as suas regalias e as suas prebendas!

Mas para quem *souber ouvir*, o alargamento do sufrágio, dando às novíssimas camadas uma preponderância crescente, ameaça, para não muito remota época, a solidez tranquila de monstruoso e compacto edifício da civilização anglo-saxônica. O proletário, o jornaleiro e operário resmungam surdamente uma ameaça, que por ora se não formula, mas que vai já definindo-se e acentuando-se com unanimidade assustadora. Formam-se associações socialistas e republicanas, celebram-se *meetings*, escrevem-se panfletos, e a Irlanda mostra de longe o punhal, com que fere pelas costas o *land-lord* opressor, e o trabuco, que desfecha na sombra contra o funcionário rapinante que a Inglaterra lhe envia.

A Itália tem dentro de si, a dilacerarem-lhe surdamente o organismo, ainda não robustecido pelo tempo, de um lado os *irredentistas*, do outro lado os ardentes devotos do papa...

O republicanismo porém é que parece ameaçar mais seriamente a sua dinastia mal consolidada.

A França? Mas todos estão vendo o que se passa em França. E não há deveras espetáculo mais doloroso que o dessa nação generosa e sublime, disputada e torturada por diversos bandos de médicos aventureiros!

Em frente do radicalismo de Clemenceau, o cesarismo de Boulanger... Os excessos da Comuna, sancionados pela candidatura vencedora do *general* Cluseret, e as orgias e as corrupções do Segundo Império, iminentes talvez sob a ditadura cômica do *petit Ernest*, celebrada pelos cantores de *café-concerto*.



Não falo aqui nem da Espanha, onde as crises se estão acentuando de um modo assaz claro, para que o provável remate de tudo isso se possa desde já pré-adivinhar; nem de meu pobre país, que apesar da longa paz que tem gozado, que apesar da ausência quase absoluta de dificuldades internacionais, devida à sua posição geográfica e à sua relativa pequenez, que apesar de alguns elementos favoráveis de que podia fazer uso, se acha também numa crise bem dolorosa e bem triste de desânimo coletivo, de ceticismo político, de indiferença pessimista e esterilizadora, de que provirão os resultados mais tristes.



No meio deste quadro que é lamentável, olhemos para além do Atlântico, para esse Brasil que já foi nosso, e que tem de comum conosco tantas tradições e tantas glórias.

Ele levou a cabo a sua obra sublime de emancipação da raça escrava, e suporta com viril energia e sem perturbações que de fora avultem e se façam ver as consequências econômicas, financeiras e sociais do passo decisivo e grande que deu!

Basta este fato culminante de uma civilização para consolar os que precisam de algum alento e de algum incentivo que os impila para a frente.

O *idealismo* das nações ainda não perdeu os seus direitos, nem viu extinta e morta a luz que o iluminava, pois que só o idealismo inspirou o Brasil e ele prospera e continua cheio de atividade e de vida, de riqueza e de energia, apesar de lhe ter ouvido, contra os conselhos do cruel egoísmo, a inspiradora e querida voz!

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, dezembro de 1888.

O Paiz, ano 6, n. 1562, p. 2, quarta-feira, 16/01/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6491

85. CARTAS FEMININAS

O nosso Grupo do Leão e a sua exposição de pintura

À INICIATIVA VERDADEIRAMENTE ARROJADA DESSE GRUPO DE ARTISTAS MOÇOS, que entre nós se denomina o *Grupo do Leão*, se deve mais uma exposição anual de pintura e escultura, aberta nas salas do *Comércio de Portugal*, que são positivamente o nosso museu de arte extraoficial.

Este ano, a exposição tinha sido precedida por outra, de um artista portuense que estuda em Paris no ateliê de Falguière e que é considerado, por este grande escultor francês, um dos seus melhores discípulos.

Chama-se Thomas Costa o nosso moço artista, e o trabalho principal que ele veio submeter à livre apreciação do nosso público era uma estátua de bronze tamanho natural — *Le danseur au tambourin*.

Fui ver essa estátua e voltei de lá encantada, como sempre fico quando recebo a impressão viva e direta de um talento português.

A estátua representa um moço executando um passo de dança elegante e ligeiro, e agitando no ar, com muita graça, uma pandeireta, a cujo som está dançando.

Uma *écharpe* leve cai-lhe do ombro e, agitada pelo vento, enlaça-se-lhe nas formas ágeis, gráceis, de adolescente.

As narinas frementes, o olhar expressivo e risonho, a boca entreaberta num sorriso de prazer perfeitamente físico — aquele prazer que os moços sentem porque são moços, porque têm graça, porque têm o calor do sangue, porque têm a robustez do peito que se dilata em frêmitos — os cabelos um pouco desmanchados, o corpo ondulante, delicado e vigoroso, lançado para diante, no gesto impetuoso do bailarino, os braços um pouco magros, de efebo, erguidos numa atitude harmoniosa — tudo nesta estátua dá uma impressão de vida colhida em flagrante, da arte colhida em flor...

Não nos admira que Falguière tenha grande predileção pelo seu discípulo português. É um artista de *boa raça* este rapaz que começa, e que já tão vigorosamente e caracteristicamente se afirma.

Como sempre, os nossos *poderes públicos*, que Joseph Prudhomme tenha em sua guarda, aproveitaram o ensejo de fazer tolice, e negaram-se a comprar a estátua.

Um ricaço, dos muitos que por aí agora enxameiam como tortulhos, comprou-a, justificando assim o destino que o fez tão rico. Bem haja ele!



Dias depois as salas do *Comércio de Portugal* se abriam para a exposição daquela linda estátua, em que se manifesta a graça de uma dupla mocidade — a do autor e a da obra; — abriram-se novamente para a exposição do *Grupo do Leão*, ao qual preside agora o nome ilustre dessa artista gentilíssima chamada a duquesa de Palmela.

Um dia falarei aos leitores do Brasil desta figura de patricia florentina, que ama as artes e que executa a escultura com tanta paixão e tanta maestria.

Por hoje dir-lhes-ei apenas que ela expõe a sua *Santa Teresa* de mármore, que já no *Salon* de Paris, de há dois ou três anos, obtivera uma menção honrosa ao severo júri dos escultores.

Os pintores que este ano mais se recomendam são ainda Silva Porto, o paisagista eminente; Souza Pinto, que tanto honrou o nome português em Paris com aquele quadro *de gênero*, que foi celebrado pelos mais exigentes — *La culotte déchirée*; Malhoa, que é um belo artista; Condeixa, de delicadeza de colorido e de forma muito original etc. etc.

Este ano não se deu na exposição, a qual ainda está aberta, o mesmo defeito que tanto me desconsolou nas outras: o abuso de paisagem!

Eu bem sei que a paisagem é a nota palpitante e nova que o nosso tempo introduziu na pintura.

Assim como tudo estava *dito* já; tudo estava já *pintado*.

Os escritores, na sua busca ansiosa, irrequieta e frenética de *novidade*, acharam a fórmula naturalista — não nas suas belezas, que essa, desde os tempos mais remotos, desde Jó e Homero, desde Valmiki e Ésquilo, estava descoberta e executada — mas nos seus excessos brutais que ninguém, antes de Zola, se tinha atrevido a traduzir tão cruamente...

Os pintores, muito mais felizes, *acharam* uma forma quase inédita; e digo *quase*, porque, antes da moderna escola de paisagem, já Ruysdaël tinha conseguido pôr o infinito da melancolia, o intraduzível do ideal, a tristeza e a desolação mais intensas, nas suas telas divinas, em que a *paisagem* disse a primeira e a última palavra da beleza e do mistério *humano* que ela pode atingir...

No entanto a glória da moderna pintura reside, é incontestável, no gênero paisagem.

E deve sentir-se orgulhosa e ter a consciência de haver acrescentado alguma coisa aos domínios da arte e da alma humana a escola que produziu Corot, Millet, Troyon, Rousseau e tantos outros deliciosos pintores, que, em uma árvore ou em um grupo de árvores, em uma mancha verde ou em um pedacito de céu nublado e triste, em um trato de matagal onde a urze estende o seu lençol branco ou violeta, em um canto ignorado de charneca, que o tojo cobre com o luxo vivo da

sua cor de ouro — pode resumir a melancolia ideal da alma do homem, no que ela tem de mais indeterminado, indizível, misteriosamente vago...



A não ser Silva Porto, e este em alguns dos quadros em que pôs mais amor, os nossos paisagistas não têm conseguido elevar este gênero de arte à altura em que ele precisa de estar para nos dizer alguma coisa... Triste da paisagem que não fala!...

É preciso que ela sugira alguma coisa de profundo ou de vago, de alegre ou de saudoso, ao olhar que a contempla; é preciso que ela traduza, em linhas claramente indicadas, o modo especial, individual — terno ou amargo, suave ou doloroso — com que o pintor vê e entende a natureza que interpreta.

Para conseguir este fim supremo e imprescindível, são bem acanhados os recursos de que o artista pode lançar mão, quando não é um desses grandes mestres, um desses iniciados, que, semelhantes aos mágicos das lendas de fadas, dão voz às coisas mudas, e inteligência, fisionomia, individualidade própria, às árvores, às plantas, à água que corre, cantando, de seixo em seixo, à flor que expira à tarde numa agonia muito lânguida de perfume!...

De resto, o pensamento *pitoresco* sabe-se que não tem nada de comum com o pensamento poético.

Para traduzir a alma, para interpretar a natureza, para fazer sentir o infinito, o poeta tem o verbo, o músico tem os sons, o pintor tem as linhas, as cores e a luz.

Logo que os diferentes intérpretes do mesmo ideal invadem mutuamente os respectivos e invioláveis domínios, perdem-se e perdem consigo a sua obra.

Não há nada mais insuportável que um quadro *pensado*, que uma sinfonia *pitoresca*, que um poema *esculpido* ou *pintado*.

Os artistas contemporâneos não percebem, lá muito bem, esta verdade intuitiva do gosto: a decadência visível da arte e da literatura, devida a muitas causas de diversas ordens, precisa também de meter essa inversão do sentimento e da lógica em linha de conta, para ser completamente explicada.



Como porém íamos dizendo, os nossos artistas compreenderam este ano, que não deviam abusar tanto da paisagem; de modo que ao pé de alguns aspectos da natureza peninsular muito

bem apanhada e traduzida com muita graça e muita sinceridade, tem quadros de figura lindíssimos.

Souza Pinto expõe dois *pastéis* que são um encanto. Um *pescador da Póvoa de Varzim* e *Uma camponesa de Valongo*, de rosto suave, místico, quase *freirático*.

O *poveiro* agradou-me imensamente. Tem o rosto enérgico e ingênuo de lobo do mar, queimado pelas nortadas inclementes e pelo causticante sol dos areais da costa; os olhos azuis úmidos, vivos e bons.

Foi estudado de vivo com muito amor e uma viva impressão de verdade.

O terceiro quadro deste notável artista é o *Doentinho*. Pela campina erma e triste, sem acidentes que distraiam o olhar, uma pobre mulher, que se avista apenas de costas, traz ao colo o pequenino, talvez irremediavelmente perdido, que foi levar ao médico...

É triste, sóbrio e tocado de uma penetrante graça melancólica...

Lembra a viúva de Ary Scheffer, cujo original — um encanto — eu pude ver na admirável galeria dos Condes Daupias.



A impressão total do nosso pequenino *Salon* é agradável. São dignos do máximo louvor e de simpatia aqueles que entre nós, apesar de tudo que os contraria e hostiliza, se dedicam à arte.

Podiam ser políticos, é tão fácil ser político! Podiam ser conselheiros ou amanuenses, ministros de Estado ou guardas-noturnos! Cá, tudo se pode ser com vantagem, tudo, exceto artista!...

Em França os pintores são positivamente os *reis* do mundo artístico. Eles têm a glória, o triunfo, a fortuna, às vezes colossal, o sucesso das salas onde são acolhidos com entusiasmo, a simpatia fervorosa das mulheres — tudo que exalta, tudo que levanta o ânimo, que fortalece a vontade e que excita a sensibilidade, a imaginação, as forças vivas de um organismo de artista!

Aqui. Dizem eles que principiam agora — e é isto um progresso — a ter de comer quando *trabalham muito*.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Dezembro de 1888.

O Paiz, ano 6, n. 1582, p. 2, terça-feira, 05/02/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6585

86. CARTAS FEMININAS

O busto de Santa Teresa pela Duquesa de Palmela

O *CLOU* DA EXPOSIÇÃO DE ARTES DE QUE LHES FALEI na minha última carta tem sido decididamente esta obra notabilíssima da nossa ilustre escultora.

A duquesa de Palmela é um dos tipos mais estranhamente originais da sociedade portuguesa.

Opulenta e nobre, tendo a pompa tradicional da sua família a cercar-lhe a principesca e elegantíssima existência, *sportswoman* apaixonada, amando as luxuosas equipagens, os cavalos de raça, todo o custoso aparato que se relaciona com esse gênero de luxo aristocrático, a duquesa tem acima de todos os gostos, de todos os caprichos, de todos os hábitos de riqueza e de elegância, uma paixão que sobredoura e ilumina tudo o mais: o seu amor religioso e profundo pela Arte.

É sob este aspecto que ela principiou a interessar-me profundamente.

Neste meio absolutamente inestético, onde a vida do espírito tem tão poucos direitos e tão insignificantes regalias, onde a riqueza nem sempre, para não dizer quase nunca, anda aliada ao gesto inteligente e à fina curiosidade das coisas de arte, a duquesa feriu-me como uma singularidade e um fenómeno raro.

A neta desse *gentleman* tão superior e tão delicadamente cético, que se chamou duque de Palmela, herdou, por um caso vulgar de atavismo, o superior gosto do que é raro e fino, que distinguia o ilustre diplomata, seu avô.

A mútua curiosidade dos nossos dois espíritos nos aproximou então. E lembro-me sempre como de uma das sensações mais *esquisitas* e mais delicadas da minha vida intelectual, do prazer que experimentei durante algumas horas no *atelier* da duquesa de Palmela, analisando detidamente as esculturas ainda então desconhecidas para mim da notável artista.

No meu gabinete de trabalho tenho, oferecidas pela autora, as reduções em bronze feitas por Barbedienne, o célebre fundidor parisiense, de dois dos melhores trabalhos da duquesa — *A negra* e o *Diógenes*.

Foi depois destas duas obras de singular inspiração que ela executou a *Santa Teresa*, hoje exposta ao público, que tem concorrido a admirá-la.

A *Santa Teresa* representa a célebre asceta espanhola sob o aspecto que mais geralmente a tradição consagrou.

O aspecto do absoluto desprendimento da contemplação mística alheada e extática.

Emaciada pelos jejuns, gasta pelas penitências, descarnada pelas asperezas da vida monástica, a *Santa Teresa* da aristocrática escultora corresponde exatamente à ideia que mais geralmente formam da grande santa espanhola os que conhecem somente uma das faces da sua dupla e enérgica natureza.

É a histérica que via o Cristo nas visões ardentes da sua insônia, e que *morria* da angústia de *não poder morrer* e aproximar-se mais estreitamente do seu divino amante. É a poetisa apaixonada e mística, cuja alma de fogo se desentranhava em gritos de amor, mais humano que celestial, chamando por Jesus, e pedindo a Deus a que lhe tinham imolado a exuberante mocidade, que acalmasse a febre em que ela se sentia definhando e morrer...

A carmelita de Ávila foi isso, é verdade, mas foi também outra coisa. Essa complicação estranha da sua índole e do seu gênio pode um crítico exprimi-la, a escultura não lograria fazê-lo.

Bem fez pois a duquesa de Palmela em esculpi-la assim, com aquela expressão devota e ardente de visionária católica da Espanha, dessa terrível Espanha que pôs no seu catolicismo a implacável violência, o fúnebre ardor sanguinário de um culto da remota Antiguidade cruel...



Já que falamos de *Santa Teresa*, ponhamos em relevo para a leitora menos versada nestes assuntos religiosos, a personalidade verdadeiramente encantadora da poetisa santificada da Espanha.

Teresa começou por ser uma adorável espanholita, de imaginação ardente, e de tendências mundanas muito pronunciadas.

A primeira destas qualidades manifestou-se aos sete anos, fugindo com seu irmão pequeno para se ir entregar aos *mouros* e sofrer o martírio nas suas mãos cruéis, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Santa Madre Igreja; a segunda provou-a também com não menor eloquência, apaixonando-se aos catorze anos por um primo, e gostando, por amor dele, de ataviar-se com as falas da mais requintada *coquetterie*.

Mais tarde o pai, vendo-se sozinho e receando ter de conservar na devida altura a tutela de uma criatura tão linda, tão bem dotada, tão brilhante e tão universalmente querida, tratou de persuadi-la que entrasse num convento, onde estaria a salvo dos perigos que ele antevia e receava para ela.

Teresa cedeu, com repugnância.

Pouco tempo depois de se entregar à vida religiosa deu-se na sua saúde uma crise, a que devemos decerto tanto as manifestações de seu ardente gênio, como a sua incontestável e lendária celebridade.

O que a pobre freira sofreu durante essa crise de histerismo atroz não é para contar-se em palavras.

Foi desde esse tempo que ela conheceu os estigmas, as visões flamejantes, os êxtases paralisadores, as longas imobilidades silenciosas, de que saía tolhida de dores atrozes, todos esses sintomas mórbidos de um sofrimento agudo e requintado, que a história dos conventos oferece à fria e cética análise moderna.

A Ciência já pronunciou a esse respeito a sua palavra decidida e suprema.

A Natureza, ultrajada pela vontade humana, vingava-se assim das violências que lhe eram impostas. Mulheres criadas para as doces alegrias da família, para os estremecimentos, os deliciosos tormentos da maternidade, dadas assim em holocausto ao terrível Deus que a imaginação fanatizada dos homens tinha criado da sua própria substância, estorciam-se ali nas agonias de um sacrifício forçado para que não eram próprias. As forças naturais que podiam ter sido fecundas em benefícios, envenenavam-se e pervertiam-se na sua própria origem, e durante séculos um vento de loucura passou no mundo agitando as almas, desvirtuando as consciências, fazendo criminosos e fazendo alucinados e mártires!...

Santa Teresa era um desses grandes espíritos, que podem ser abalados, mas que não são nunca vencidos.

À influência deletéria que tendia a dominá-la, se o seu pobre corpo nervoso não soube resistir, resistiu a sua alma valente e intrepidamente ousada!

O seu coração, sem objeto para amar, amou o Cristo com todo o fervor místico e todos os extremos humanos, de que a ardente espanhola era capaz.

O seu espírito empreendedor, sagaz e ativo, votou-se nos intervalos que a doença lhe deixava, a reformar a ordem a que pertencia, a fundar, segundo as primitivas regras, um convento de carmelitas descalças, que depois se multiplicou em toda a Espanha e em todo o mundo católico, a lutar com os bispos, que não queriam subscrever as suas exigências, a convencer o núncio e o próprio papa, a trabalhar praticamente e com um vigor e uma atividade máscula contra a corrupção monacal, que até à austera Espanha tinha contaminado vergonhosamente...

Se uma parte da sua vida foi consagrada aos místicos arrebatamentos, às quimeras de visionária, que ela não podia dominar nem conter, a outra parte foi nobremente consagrada a servir à causa a que ela se tinha embora involuntariamente votado desde a mocidade.

Devorada pelas mais excruciantes agonias físicas, presa ela própria de alucinações terríveis que a prostravam sem vida nos degraus dessa cruz que ela servia e amava — nas horas de vigor e de saúde física procurava ser alegre, servir Deus com boa vontade e entendimento claro e são, pregar às suas irmãs a alegria, o conforto, a energia da alma e do corpo, o asseio, que é também uma virtude e um elemento de força e de saúde.

Contam os seus biógrafos um traço que melhor que tudo que pudéssemos acrescentar dá a ideia precisa deste espírito com duas faces, desta dupla natureza tão singular, e tão profundamente caracterizada.

Num dia em que Teresa estava frigindo peixe para o jantar da comunidade, foi de repente acometida por um daqueles “êxtases”, que lhe paralisavam e retesavam os membros, roubando-lhe o movimento e a palavra.

Passada a crise, Teresa viu que instintivamente segurava sempre o cabo da frigideira, salvando assim o peixe que estava preparando.

Também no meio de todas as crises, de todos os sofrimentos, das visões que concorreram para a santificar perante a Igreja, ela conservou sempre o bom-senso, a precisão do golpe de vista, a atividade de uma grande reformadora, a superior intuição e a habilidade prática de um engenho político de primeira ordem.

Santa Teresa é uma das mais belas, enérgicas e poderosas figuras do Catolicismo.

Não é somente sob o seu aspecto de mórbido ascetismo que a devemos ver, é do ponto de vista mais alto em que ela nos aparece, animada de um grande plano de reformas, moralizador e austero, pregando uma religião que condenava como a pior das pragas os falsos escrúpulos, a hipocrisia, o beatério, a vocação mentirosa, todos os flagelos que corromperam e fizeram degenerar a Igreja, e que a lucidez de um gênio de mulher anteviu antes deles terem produzido os seus extremos e deploráveis efeitos no mundo católico, hoje desmoronado.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, janeiro de 1889.

O Paiz, ano 6, n. 1603, p. 2, terça-feira, 26/02/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6687

87. CARTAS FEMININAS

A cegueira de Camilo Castelo Branco

FALOU-SE AQUI HÁ TEMPOS EM QUE NA CÂMARA PORTUGUESA ia propor-se uma pensão ao grande romancista Camilo Castelo Branco.

A imprensa acudiu pressurosa em auxílio desta ideia, deste movimento de piedosa gratidão pública, por um homem que enriqueceu a nossa literatura e que não quis nunca ser senão escritor, somente escritor.

Camilo levou a vida a escrever, e que admirável obra a sua, portuguesa pela opulência feracíssima da linguagem, desentranhada dos genuínos seios da nossa terra; e pela observação dos costumes do povo, da burguesia endinheirada, das velhas famílias provincianas tradicionais, e hoje quase extintas, cujas últimas vergôntes ele fixou numa tela que se não apaga; e pelo estudo pitoresco e vivo da alma nacional, nos seus aspectos mais românticos e mais apaixonados, mais sentimentais e mais caracteristicamente inconfundíveis!...

Se o considerarmos simplesmente como espírito, e o colocarmos naquela esfera superior à ideia de nacionalidade e à ideia de raça, onde se movem os grandes entendimentos, Camilo aparece-nos como um moralista de primeira ordem, principalmente moralista, pois que os assuntos interiores, os dramas da consciência são os que mais o preocupam e atraem — com azedumes e melancolias de Swift, com relâmpagos de fantasia lúgubre à Carlyle, com um poder intenso de cômico e de patético à Dickens, com uma beleza pitoresca de expressão, e um encanto de paisagista que é unicamente dele em Portugal.

Porque Camilo não dá somente a linha, a cor, o aspecto externo das coisas; traduz e interpreta com um intenso poder de vida a alma misteriosa que, de dentro delas, se reflete nelas e as anima divinamente.

Para ele, como para Amiel, o analista doentamente sutil, também *uma paisagem é um estado da alma*.

Um homem destes, quando envelhece, quando sucumbe extenuado ao peso da vida, quando a cegueira lhe apaga os olhos luminosos e penetrantes, que tudo sondaram e tudo refletiram, merece que o Estado se preocupe com o problema material da sua vida e não o castigue pela indiferença ou pelo esquecimento do erro gravíssimo de não ser... conselheiro ou diretor-geral!

Nos outros países a arte e a literatura enriquecem os que vivem delas.

Aqui não pode dizer-se que os cultores das musas não cheguem a ministros, que os dramaturgos e romancistas não consigam ser juizes do supremo tribunal, que os críticos teatrais

não tenham direito a um lugar de primeiro oficial e que os líricos se não acomodem menos mal... nas alfândegas.

Mas este modo indireto, e [ilegível] insólito, de proteger oficialmente as letras, nem a todos quadra.

Camilo, é certo, que logo depois de escrever o *Amor de perdição*, tinha incontestado direito a uma cadeira em São Bento.

Onde está a felicidade? perguntava ele num dos seus primeiros romances.

E os ecos oficiais responderam-lhe sem dúvida: Está numa das secretarias do Terreiro do Paço.

Não poderia o autor das *Novelas do Minho* aspirar seguramente à pasta da Guerra ou dos Estrangeiros?

Decerto que sim.

É esta a nossa maneira um tanto original, mas eficacíssima em todo o caso — os nossos literatos, os nossos artistas da prosa ou do verso.³⁵

Por ora ainda não adotamos o mesmo sistema para os pintores, mas não tarda.

Chegará tempo em que a proteção de que as artes carecem tanto se traduza por este modo, coerente e lógico com tudo o mais.

Quem fizer uma boa *marinha* será convidado a ocupar a pasta da dita. Quem pintar uma estrada orlada de hortas e pomares terá a imediata possibilidade de ocupar o Ministério das Obras Públicas e Agricultura...

Ora, Camilo Castelo Branco preferiu simplesmente continuar a ser escritor, a todas as coneshias rendosas a que o seu primeiro volume lhe dava logo direito...



Eis o motivo por que hoje está pobre.

Vê-lo é assistir a um dos maiores martírios que é dado à imaginação humana conceber.

O valente artista, o escritor incomparável e querido está cego, o seu corpo que a magreza reduziu a linhas cadavéricas, contorce-se momento a momento no cavalete de agudas dores; o seu potente e prodigioso cérebro, que tantas imagens evocou, que tantas visões tornou tangíveis e reais, que a tantas impressões fugitivas e radiosas deu uma forma concreta e uma formosura plástica imortal, está hoje obumbrado lutuamente pela consciência de seu martírio sem tréguas, da sua dor sem consolo, da sua treva sem raio de luz.

Como Heine, o poeta que depois da irônica e doce e triste canção do *Intermezzo* teve os apaixonados e lúgubres lamentos do *Livro de Lázaro* e que morreu também crucificado,

³⁵ É provável que falte um trecho nesse parágrafo, possivelmente resultado de falha no processo de composição do jornal.

hemiplégico, cego e tragicamente infeliz — este pode repetir a triste e divina poesia que a dor arrancou àquele num momento de shakespeariana inspiração:

“A *mulher* negra cingia ternamente ao seu peito a minha cabeça de moço! Ah! fizeram-se-me brancos os cabelos, por onde resvalaram as suas lágrimas!

Abraçou-me e fiquei parálítico; abraçou-me e perdi a força que tinha; beijou-me os olhos e senti-me cegar; sugou com os seus lábios ferozes, sugou a medula dos meus rins!...

O meu corpo é hoje um cadáver, onde o espírito jaz encarcerado.

Quantas vezes ao sentir-se esmagado assim, ele se agita furioso, blasfemo, perdido e louco!...

Vãs imprecações que nem a uma pobre mosca lograriam fulminar!

Suporta o teu destino, infeliz!

Chora baixinho, chora em segredo, para não incomodares ninguém!...”

Estes trenos do *Livro de Lázaro*, que eu traduzo mal, por não ter aqui à mão a magnífica tradução feita pelo próprio Camilo, dão a impressão da agonia dolorosa a que ultimamente tenho assistido e cujo lamentoso e terrível espetáculo tem dilacerado verdadeiramente o meu pobre coração de mulher.

Em roda de Camilo têm-se agrupado, principalmente nos últimos dias, os homens mais distintos das letras deste país.

Ao pé da cadeira em que ele se contorce em agonia e dores, tenho encontrado muitas vezes Guerra Junqueiro, Teixeira de Queiroz, Antonio Candido, Tomás Ribeiro, Palmeirim³⁶, o dr. Souza Martins, que o está tratando, o dr. Ricardo Jorge, que o tratou, o bispo de Betsaida, Dom Antonio Ayres de Gouveia, que depois de trinta anos de indisposição veio nobremente congraçar-se com o infeliz e grande enfermo.

Destes homens, alguns há que consagram longas horas do dia e da noite à doce e piedosíssima missão de acompanhar o desventurado escritor, cuja *nevrose* aguda se agrava singularmente na solidão.

E sempre, infatigável, heroica, sublime de dedicação, de paciência, de resignada força, de ternura que não se esgota e se não cansa, velando-lhe as noites, levando-lhe à boca o alimento, consolando-o, amando-o, sendo enfim um tipo de amor incomparável e sublime, a sua esposa, a sua companheira de trinta anos, a mulher que lhe deu a vida, e que morrerá perto dele se as forças físicas traírem a sua vontade férrea e tenaz de mártir e de amante!...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, janeiro.

O Paiz, ano 6, n. 1619, p. 3, quinta-feira, 14/03/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6760

36 Possível referência a Luís Augusto Palmeirim.

88. CARTAS FEMININAS

O romance de um rapaz pobre

O SR. ANTONIO MARIA PEREIRA, antigo editor acreditadíssimo, e cuja casa tem quarenta anos de crédito e de prosperidade, tem ultimamente empreendido uma coisa que em Portugal pareceria inexequível:

A publicação extraordinariamente luxuosa, esmerada na forma e na essência, de algumas obras-primas da literatura romântica dos últimos cinquenta anos, transladadas para a língua portuguesa.

O livro que ele acaba agora de dar a lume, é, como o título desta carta o indica, *O romance de um rapaz pobre*, de Octave Feuillet.

Foi o nosso grande e vernáculo escritor Camilo Castelo Branco, quem fez a primorosa tradução, e como a doença prostrasse esse atleta da literatura nacional, foi a humilde signatária desta carta quem, pelo sr. Antonio Maria Pereira, foi encarregada de escrever um rápido estudo, que acompanhou o volume, acerca da personalidade literária de Octave Feuillet e do conjunto da sua obra.

A edição que vai ser espalhada largamente ao Brasil é um verdadeiro primor de arte, que não nos pode envergonhar diante do estrangeiro.

Magnífico papel, tipo soberbo, estampas lindíssimas, enfim uma perfeita obra de gosto...

Não posso, portanto, deixar de o recomendar às minhas leitoras do Brasil, para quem arranco à introdução que escrevi para o volume alguns trechos que as elucidem acerca da índole literária e artística de Octave Feuillet.

O romance deste século foi definido por Taine com o nome de *psicologia viva*.

É obedecendo às indicações que nesta fórmula se incluem que os modernos escritores têm composto a sua obra; foi destacando-a da obra dos escritores que o antecederam que Taine pôde tão caracteristicamente formulá-la.

Balzac, o genial criador, inspirou a Taine, o crítico genial, esta classificação exata e científica de romance moderno.

É de Balzac que descendem todos os que se chamam impropriamente *naturalistas*; foi sob a larga e viva inspiração do Mestre que se criou essa escola de observação dos costumes, na qual

cada um julga ser absolutamente impessoal, na qual cada escritor se imagina impecavelmente objetivo, mas a qual cada um dos novos — Flaubert, Goncourts, Daudet, Zola — trouxe a nota mais violenta ou mais esmorecida, mais temperada ou mais crua, mais fina ou mais brutal, do seu temperamento próprio, inconfundível e profundamente caracterizado.

Não pertence nem ao romance de costumes, nem ao romance de análise, o gênero de trabalho em que Octave Feuillet tem manifestado o seu delicado engenho.

Se este escritor tem algum parentesco intelectual com romancistas seus contemporâneos, é somente com Georges Sand.

Esta, mais abundante, mais genial, mais espontânea, mais *naturalista* no sentido verdadeiro, que o seu competidor; ele, mais requintado, mais contornado, mais sutilmente analista de certas organizações que desabrocham — plantas efêmeras — na atmosfera artificialmente aquecida das extremas civilizações, mais hábil para determinar e descrever certos *estados* de sentimentalidade mórbida, que a excitação social alimenta e produz.



Um dos primeiros romances de Feuillet é justamente *O romance de um rapaz pobre*. Vejamos o personagem, um tanto ilógico, mas sedutor, no mais requintado grau de Margarida de La Rocque.

Haverá muita verdade nesta criação prestigiosa e toda graça? Não há.

Mas que importa, se ela nos rouba por momentos ao mundo das tristes e mesquinhas realidades, das vis misérias cotidianas e inevitáveis?...

Margarida é bela, ativa, curiosa, inteligente e *horrivelmente* rica.

As fadas que presidiram ao seu nascimento fadaram-na todas milagrosamente.

Só a invejosa, que não fora convidada a tempo, lhe converteu a riqueza na eterna envenenadora de todas as outras felicidades...

Começa aqui o *romanesco*, uma espécie de *romanesco* que a nossa época já não entende muito bem.

Pode a riqueza, a dispensadora de tudo que melhor tem o mundo moderno, causar tão infinitas amarguras a quem a goza e possui?

Como quer que seja, a riqueza, o ouro, o *vil metal* constituem o suplício da orgulhosa Margarida. Desconfia de tudo e de todos; o desprezo, ácido dissolvente, corrói tudo que a cerca, tudo em que as suas pequeninas mãos tocam, só para o verem brutalmente desfeito...

Máximo, o herói do livro, é um conjunto, estranhamente romanesco também, das mais altas virtudes, das perfeições mais assombrosas, do orgulho mais fidalgo.

O conflito destas duas naturezas, a luta destes dois caracteres, as afinidades, o antagonismo destes dois temperamentos, que se encontram para se dilacerarem e adorarem, fazem todo o livro.

Livro delicioso, livro embalador, espécie de *Conto de fadas*, como já não há, agora que o fim da imaginação é desflorir e esterilizar a imaginação; agora que o fim do romance é provar a inanidade e a impossibilidade do romance; agora que o fim da literatura é desconsolar-nos, até ao tédio, até ao asco, até à náusea convulsa de toda a espécie de literatura.

“Mas – dizem os inimigos da escola de Feuillet – tudo isso é mentira, tudo isso é ilusão, é falso jogo de falsos sentimentos e de falsas paixões!”

E é verdadeira, porventura, a monstruosa concepção que eles têm do homem e das suas paixões e dos seus erros, da vida e dos seus fatos e dos seus fenômenos?

Entre a falsidade desses e de outros, antes a falsidade que me entretém suavemente o espírito, e que me embala com um ritmo sereno e ondulante a imaginação; entre as heroínas impossíveis de Feuillet e as impossíveis figuras híbridas de Zola (*primeira maneira*, antes de *Renée!*), as primeiras são em todo o caso aquelas com quem prefiro conviver.

“Nem umas nem outras são verdadeiras – acode o moralista – e as heroínas de Feuillet, quando se chamam Bathilde de Talme, Estelle de Campvallou, Júlia de Trécoeur, Sabine etc. etc., não são mais morais, conquanto sejam mais agradáveis à vista, e mais tentadoras, isto é, mais perigosas do que a *Bovary*, de Flaubert, e do que a *Renée* de Zola.”

Talvez. Mas as de Feuillet *amam*, as de Feuillet sentem, sofrem, agonizam no seu crime, lutam contra a sua paixão, e quando às vezes, como a *Marquesa de Campvallou*, do *Conde de Camors*³⁷, querem ser mais fortes do que a vida, são implacavelmente esmagadas por ela.

Não é tudo, bem sei, mas já é alguma coisa a nosso ver!



Um dos encantos dos romances de Feuillet é o cenário.

Parques aristocráticos, banhados em luz azulada ou purpúrea, sobre cujas alamedas seculares se entrelaça, numa orgia de verdura, a ramaria dos plátanos, dos álamos, das carvalheiras — sobre cujas ruas, zebreadas de sombra discreta, caem lentamente, numa chuva voluptuosa e mole, as folhas amareladas de melancólico outono; jardins, de lagos tranquilos, à superfície dos quais

³⁷ Trata-se do romance *Monsieur de Camors*, publicado em 1867.

os nenúfares desabrocham e a flor do lódão abre as pétalas misteriosas e sagradas, onde as rosas se desfolham, muito pálidas e tristes, ao sopro das aragens vespertinas; salões apainelados, em que o luxo tradicional das velhas aristocracias ostenta a sua pompa austera e antiga, em que nenhum imprevisto de ocasião põe a nota falsa e a data denunciadora; discretos *boudoirs*, onde as finas flores do *faubourg de Saint Germain* exalam o seu aroma que acaricia e estonteia lentamente, até matar num delíquio doce os que o respiram...; caçadas, bailes, *ravuts* exclusivos, recepções em que todos se conhecem, todos estão no mesmo alto nível social, todos se estimam e se julgam iguais... passeios a cavalo com amazonas que semelham aquela Diana enigmática do pintor da Renascença, que a amante de Francisco inspiraria; com cavaleiros de uma graça viril, irrepreensível e soberba, que dominam e que são dominados, e que é adorável ver rendidos porque são altivos e porque são fortes!...

Quem é que resistiu quando tinha vinte anos ao sutil encanto, ao vago perfume incoercível e perturbante, que se evola caprichoso dos livros aristocráticos de Feuillet?

Quem, sendo moça, isto é, ignorante da vida, não sonhou que seria delicioso realizar um daqueles tipos femininos, dum poder tão subjugador, duma graça tão penetrante, dum aspecto inquietador e problemático, duma fascinação tão irritante e tão nova?...

Transladei do prólogo que escrevi alguns períodos, porque eles dão a minha impressão acerca de Feuillet e caracterizam com sinceridade a índole especial *romanesca* e amável deste escritor eminentemente e singularmente aristocrático, o que vai sendo uma qualidade nos tempos que vão correndo de grosseria infrene e desordenada!

Excitando nas leitoras o desejo de conhecerem a primorosa edição portuguesa do belo livro francês, estou que lhes faço um serviço que o bom gosto delas me agradecerá!

No tempo triste que Portugal hoje atravessa, tempo de absoluto desânimo moral, de anarquia mansa de ideias e de costumes, os livros, ou profundos como a Ciência, ou luminosos e ilusórios como a Imaginação, são o púnico *refúgio* que existe para as almas delicadas e entristecidas!

É o meu, desde muitos anos já, e por isso me refiro a *ele* tantas vezes.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Fevereiro, Lisboa.

O Paiz, ano 6, n. 1625, p. 2, quarta-feira, 20/03/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6787

89. CARTAS FEMININAS

Os romancistas da Rússia

NESTAS CARTAS, QUE NÃO OBEDECEM A PLANO ALGUM ANTECIPADAMENTE FEITO, e em que eu, mais de que tudo, procuro interessar as minhas leitoras naqueles assuntos de moral e de arte em que o coração humano mais diretamente intervém porque arte e moral têm para nós mulheres o sentimento por base principal — não sei se já alguma vez lhes falei dos escritores russos, que uma infinidade de traduções francesas têm ultimamente revelado à Europa ocidental.

Os que imaginam que os livros de literatura são simplesmente um passatempo com que a fantasia se entretém não darão aos livros recentemente divulgados a importância extraordinária que eles positivamente têm aos meus olhos.

As literaturas das diversas raças são porém alguma coisa de muito mais profundo do que essa pueril distração do espírito; são as manifestações mais visíveis e mais claras da alma e do sentimento nativo dessas raças.

É por meio da literatura que nós penetramos no espírito da Antiguidade e podemos discernir e averiguar as faculdades pelas quais esse espírito se diferencia do nosso. É por meio da literatura que nós conhecemos de cada civilização os traços fundamentais e os detalhes íntimos e mais que nenhuns característicos.

A alma eslava, tão diversa da nossa e que há pouco tempo começa a emergir da terra onde jazeu inconsciente e silenciosa, é tão interessante, tão virginal e tão pervertida ao mesmo tempo, pela sua repentina iniciação nos segredos de uma civilização usada e gasta, que a leitura dos escritores russos é para um espírito curioso uma das sensações mais estranhamente requintadas que ele pode hoje experimentar.

A Rússia não teve como o resto da Europa uma iniciação lenta e gradual que a preparasse.

Saiu da extrema selvageria para o conhecimento, deslumbrada e caótica, frenética e desordenada, das teorias velhas e novas que enxameiam no mundo contemporâneo.

Ela não passou pelas diferentes escolas de filosofia que remataram quase todas no *pessimismo* desolado dos nossos dias. Não!

Foi logo *niilista* como Hartmann, sem ter lido as abstrações de Kant, as negações de Fichte, as magníficas e sublimes visões do panteísmo de Hegel, as afirmações positivas e dogmáticas de Comte.

O *niilismo* entrando na alma eslava corrompeu-se antes de a ter amadurecido.

Mas o *niilismo* de Turguêniev, de Tolstói e de Dostoiévski não é uma escola de imoralidade ou de ateísmo, como à primeira vista se poderia julgar pelo que deixo aqui dito.

Do seu enorme desprezo pelas coisas transitórias e vãs de que se faz a vida, os três eminentes representantes da literatura russa extraíram uma filosofia inteira, de que os seus romances são a esplêndida e às vezes estranha e desnorteadora revelação.

A imensa piedade pelos criminosos, e a sutil psicologia do crime em todas as suas sugestões e transformações, em todos os ímpetos irredutíveis, em todas as suas *nuances* incoercíveis a olhos vulgares, em todas as mil formas tentadoras, teóricas, fanáticas, ou selvagens, que ele toma para se apossar de uma alma e a precipitar no abismo — eis o campo particularmente escolhido por Dostoiévski, o autor do *Crime e castigo*, de *Os irmãos Karamazov*, do *Espírito subterrâneo*³⁸ etc. etc. etc.

A degradação profunda a que pode levar a miséria, e a necessidade de resgatar dela as almas simples, por um trabalho permanente, sem tréguas, mil vezes recommençado, *absolutamente vão*, porque a miséria é invencível, absolutamente *indeclinável*, porque é vil toda alma que compreende esta missão e a não cumpre — eis a doutrina a que Tolstói votou, primeiro, a sua inteligência de moderno artista, depois, as suas prédicas de apóstolo fervoroso, e finalmente a sua vida de asceta, que também e ao mesmo tempo é operário e monge.

Turguêniev, que veio antes dos dois, foi mais um artista que pinta *estados da alma* só possíveis na sua pátria visionária e ardentemente sonhadora do que um convencido e um apóstolo.



Dostoiévski esteve, condenado por um crime político, nas minas da Sibéria.

Viveu ali com facínoras de toda a espécie; contaram-lhe a gênese e a execução dos crimes mais pavorosos; mudou ele próprio as trevas densas em que uma alma pode permanecer submersa e cega. Como ninguém ele penetrou nos antros mais asquerosos da alma humana que nenhuma luz alumia, que nenhuma esperança resgata.

Outros quaisquer, voltando destas sombrias regiões — mais terríveis que as que o Dante visitou, pois que eram reais e não imaginárias como as do poeta florentino — trariam n' alma uma tristeza incurável, um desespero amargo e profundo, e um endurecimento de sensibilidade que o tornasse inacessível a toda a compaixão e a toda a ternura humana.

³⁸ Trata-se de *Notas do Subterrâneo* (1864).

The milk of human tenderness, de que fala Shakespeare, porém que não deveria nunca mais ungir os lábios desse poeta sombrio, que a iniquidade e a injustiça também tão cruelmente perseguiram.

Pois foi justamente o contrário que sucedeu.

O grande escritor russo, o mais russo deles todos, aquele em que a raça eslava — de tão intensa vida interna e de tão alucinante poder de visão — está mais caracteristicamente representada, voltou desse inferno, onde permaneceu anos, apto a transformar a piedade, esse sentimento do coração, no instrumento de análise mais penetrante, na faculdade criadora e artística mais poderosa de efeitos novos.

No crime ele nunca mais viu somente a aberração inexplicável que os observadores superficiais se contentam de julgá-lo. O crime teve para ele uma germinação interna, uma florescência, uma vida especial, que era necessário estudar a fundo para depois o combater eficazmente.

E pôs-se a estudar com uma penetração tão aguda, que chega a parecer mórbida, todo esse fervilhar de instintos que se agita sombriamente nas almas destinadas a romperem por um excesso de força ou por uma revolta da vontade o equilíbrio social e a harmonia humana.

Os estudos de Dostoiévski são neste campo prodigiosos. Mas também a par dessa sagacidade de vidente, dessa notação de psicólogo tão miúda, tão detalhada, em que não falta um pormenor único que possa concorrer para a compreensão do todo, que fontes inesgotáveis de piedade e de amor pelos miseráveis, que lirismo impetuoso e ardente, que doçura inefável na voz que descreve em modulações comoventes e inolvidáveis o poema até aqui desconhecido da agonia duma alma criminosa.

As teorias perigosas e incendiárias que repentinamente estenderam por toda a Rússia, mal saída da primitiva selvageria, os seus tentáculos terríveis, e que exerceram nos espíritos moços e facilmente alucináveis, estragos funestíssimos, produziram naturalmente os tipos de estudantes, de boêmios discreteadores, de homens do prazer e de pensamento, desequilibrados e febris, convulsionários, histéricos que enxameiam nos livros do autor do *Crime e castigo*.

Muito inexperientes para perceberem que entre cada teoria e os seus resultados aplicáveis se abrem abismos que só centenas de anos podem encher, os russos trataram de realizar ou de tentar realizar todas as doutrinas subversivas que este século espalhou pelo mundo.

Só a tirania na sua forma mais autoritária e mais restritiva poderia opor-se a este desabrochar impetuoso de novas ideias; e é o embate que se trava entre o pensamento moderno e o regime inicial da Rússia, que se reflete nos livros dos seus escritores principais.



É difícil aconselhar às leitoras que leiam os livros dos modernos escritores russos.

Em primeiro lugar os romances são todos enormes; depois em cada mil páginas há apenas cem que deem um prazer da inteligência, uma voluptuosidade literária sem mistura.

A desordem, inteiramente diversa de todos os moldes que nós conhecemos na França ou mesmo na Inglaterra, que caracteriza estes romances, não convida para que se demorem nela espíritos educados por outra escola.

No entanto para que a leitora fique fazendo uma ideia longínqua do que podem ser Tolstói e Dostoiévski sempre aqui lhe deixo indicados dois volumes.

O primeiro é de Tolstói e chama-se *Kátia*. É a análise feita com infinita delicadeza e raro encanto da transformação fatal por que o amor passa entre dois seres que se casam, e que depois dos arrebatamentos e das delícias dolorosas da paixão mais ardente, descaem involuntariamente, inconscientemente numa amizade plácida, mas que não podem furtar-se à saudade, à melancolia inefável com que nos inunda a alma a certeza de que na vida tudo é passageiro, tudo é efêmero, tudo morre, isto é, tudo se transforma.

O segundo chama-se *Krótkiaia* e firma o nome de Dostoiévski. O enredo é o seguinte: Um homem recolhe-se à casa e encontra o cadáver da mulher que se suicidou. Leva uma noite a passear na sala onde esse cadáver está deitado, e essa noite, de um trágico que dá calafrios, é toda consagrada ao exame de consciência retrospectivo, a que ele recorre, para compreender os motivos que levaram ao suicídio essa mulher que era sua, e de quem ele no fim de contas foi o verdadeiro assassino, sem ter percebido nunca a sua culpa, hoje irremediável.

As qualidades dos dois grandes sondadores de corações humanos estão ali em *raccourci*. Pode por estes dois pequenos volumes fazer-se ideia do gênio particular de cada um dos escritores. Não cabe, já se vê, neste simples *cavaco* literário a apreciação crítica de qualquer deles. Gênios complexos, sendo muito *humanos*, e ao mesmo tempo muito de seu tempo, da sua raça, de seu meio e absolutamente inexplicáveis se abstrairmos das circunstâncias que os envolvem, os cercam, os produziram, nem num livro se poderia fazer a análise desses dois pensadores, desses artistas de um poder de imaginação tão extraordinário, de uma sensibilidade tão esquisita, e cujos livros acessam uma abundância de *vida moral* tão rara na literatura deste século!

Foi simplesmente a título de curiosidade que eu vim falar no nome de ambos às minhas leitoras de *O Paiz*.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, fevereiro de 1889.

O Paiz, ano 6, n. 1650, pp. 2 e 3, domingo, 14/04/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6899

90. CARTAS FEMININAS

O Livro das Soledades. Ecos das Andaluzia

I

UM POETA PORTUGUÊS MUITO SIMPÁTICO, O SR. FERNANDES COSTA, acaba de coligir num livro, que é só por si um primor de bibliografia, os *ecos* da poesia popular que ele achou dispersos nos campos e nas cidades da Andaluzia, e que nacionalizou portugueses com um gosto e uma intuição artística muito apreciáveis e muito raros.

O estudo da poesia popular tem sido, há um século para cá e está o sendo cada vez mais, um dos mais interessantes, e um daqueles que mais atraem a atenção dos eruditos.

Desde que Vico, creio eu, formulou este princípio admirável “*que o homem não inteligente é que fez tudo*”, percebeu-se que o povo inconsciente e anônimo, em todas as raças e em todas as civilizações, é que foi o verdadeiro criador das obras que nos assombram, das maravilhas que nos deslumbram, dos prodígios que constituem e justificam todo o orgulho que a raça humana tem de si.

“O povo”, diz o sr. Teófilo Braga, um erudito que é quase sempre um admirável poeta — “o povo é o anônimo de todas as grandes obras da humanidade: das pirâmides do deserto às epopeias seculares, das renovações da sociedade ao prodígio da catedral, é ele que argamassa a pedra com o sangue das suas veias, que lança aos ventos a folha da sibila, que se imola na hecatombe das revoluções, que faz desabrochar com o fogo da crença a flor mística do gótico puro”.

Assim como o homem no período da sua infância, relativamente inconsciente, é que adquire maior número de noções absolutamente indispensáveis à vida, também a humanidade na hora menos luminosa, menos esclarecida, da sua evolução imensa, tem o poder supremo de criar as instituições sociais que depois se aperfeiçoaram, as religiões que depois se depuraram aqui e se complicaram acolá; as línguas que depois se poliram, afeiçãoaram, desbravaram e requintaram em primores de delicadeza; o direito, a propriedade, a família; tudo enfim que constitui a forte base do viver moral e social do homem.

Se o povo na sua fecunda e milagrosa ignorância criou tudo isto, como não havia de criar também a poesia, que é a forma mais genuína, mais viva e mais sensível do seu sentimento, que é a flor aérea e pura que desabrochou da alma humana na hora mais ingênua e mais feliz da sua remota infância?!...

A poesia popular é uma criação espontânea, que tem como cunho e característico a verdade do sentir e a graça nativa do dizer!

É a Natureza desataviada, “no momento mais expansivo da sua verdade, é a inspiração no seu voo mais inconsciente e mais livre”.

O que distingue a poesia popular das poesias mais cultas e mais laboriosas é a ingenuidade fresca, a ausência completa de enfeites retóricos, a impressão direta e viva recebida das coisas.

Na sua poesia o povo chora as suas tristezas ou canta as suas alegrias, segundo o impulso de cada momento, numa espontaneidade de instinto e numa graça de inconsciência perfeitamente infantis.

Assim na criança nós distinguimos em flor ou em gérmen todas as paixões que mais tarde hão de torturar e impulsar fortemente a alma do homem, assim no simples trovar do povo nós assistimos ao desabrochar de todos os sentimentos que a civilização requinta, complica, contorna dolorosamente, mas não faz mais enérgicos nem mais impetuosos e ardentes...

O amor, o ciúme, a tristeza vaga, a saudade embaladora, a indefinida nostalgia, a piedade, a intuição de todas as religiões na sua forma embrionária, a paixão pelo belo, esparso em linhas, em cores, em mudáveis aspectos deliciosos pela Natureza toda — eis a matéria-prima eternamente sublime de que se faz a poesia popular!

O homem ignorante das coisas, inconsciente das leis que as explicam e relacionam, surdo às teorias transcendentais que as iluminam, espreguiça para dentro do seu próprio coração ou sente-o latejar em pulsações precipitadas, e canta... o que ele lhe ensina a cantar...

Canta o amor que uma determinada mulher lhe acendeu em línguas de chama no coração, ou um amor mais vago, menos definido que todas as mulheres — flores vivas da Criação — lhe inspiram, só pelo fato de serem belas e risonhas, e moças e inconstantes como a onda...

Canta a saudade da pátria que ficou longe ou a doçura calma que os campos onde nasceu inspiram, sem que ele saiba por quê, à sua alma contemplativa em que o elemento celta, mais ou menos predominante nas raças modernas, abriu um misterioso filão de cismadora tristeza, incoercível e impalpável...

Canta as lendas que vieram de geração em geração, trazidas do fundo remoto das idades que foram, pelos velhos que as vão incansavelmente transmitindo aos seus netos pequeninos...

Canta as imensas desolações sem fim, as melancolias inenarráveis da miséria e da servidão, de que a influência hereditária conserva o estigma, até naqueles que nunca as conheceram nem sofreram...

Que fundo precioso, que inesgotável mina de tristezas, de afetos e até de malícias, em que entra uma pontinha disfarçada de ódio e de revolta, não é a poesia popular, para quem lhe sonda com amor os arcanos secretos, os complicados e ocultos escaninhos!...

Os maiores espíritos da humanidade, desde Platão até Goethe, e desde Goethe até Renan, pediram muita vez à *alma do povo* — imensa, profunda e triste — elementos novos e tonificantes com que revigorassem a sua alma cansada de pensar e de cogitar incansavelmente no mistério tenebroso e insondável das coisas criadas.

Hoje é nas origens que as ciências etnológicas, filológicas e históricas se retemperam e se enriquecem copiosamente de noções até aqui desconhecidas.

Os eruditos da Alemanha deram ao mundo este impulso colossal e fecundo que já não pode parar. A humanidade não descansará enquanto não escarpelizar até a última fibra o mistério da sua primeira origem, e da sua gênese evolutiva e ascendente através dos séculos e através das civilizações...

Não têm conta os sábios que se entregam nas diferentes províncias da Itália, na Sardenha, na Grécia moderna, na França, na Alemanha, na própria Espanha, sempre mais imaginativa que erudita, a estes gêneros diversos de trabalho e de erudição, que todos se filiam na mesma curiosidade e na mesma ambição sublime do homem moderno.

Em Portugal, à frente deste movimento encontramos o sr. Teófilo Braga, trabalhador que não conhece o *sétimo dia* de folga, patriota que tem pelo velho solo português um amor ao mesmo tempo apaixonado e severo, repreensivo e doce!...

O sr. Fernandes Costa obedeceu a este impulso que se vai universalizando, ou quis fazer simplesmente uma obra de poeta *diletante*?...

Não o sabemos; o que podemos contudo afirmar é que o seu livro é lindíssimo, e para darmos dele à leitora uma ideia menos incompleta, vamos arrancar às suas páginas algumas das encantadoras e graciosas endechas com que ele nos cativou.

É muito parecida a inspiração da poesia andaluza com a nossa inspiração popular. Nós temos talvez alguma coisa de mais plangente e de mais saudoso, alguma coisa de mais resignado e de mais fatalista; eles têm mais sal, mais graça, mais movimento e mais malícia.

Em todo o caso parecem-se muito algumas das nossas *cantigas* com as canções andaluzas, transplantadas ou imitadas por Fernandes Costa.

Senão vejamos:

(CONTINUA E CONCLUI.)

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, março.

O Paiz, ano 6, n. 1654, p. 3, quinta-feira, 18/04/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/178691_01/6918

91. CARTAS FEMININAS

O Livro das Soledades. Ecos da Andaluzia

II

O LIVRO DO SR. FERNANDES COSTA COMEÇA POR UMA INVOCAÇÃO EM DELICIOSOS QUADROS muito tristes à memória da esposa que lhe morreu, e nas quais ele imprimiu o tom simples, desartificial, e vago, que tanto caracteriza a poesia genuinamente popular.

Neste gênero de poesia, que nenhum artifício e nenhuma falsa noção de arte desformiza, sabe-se que a expressão é sempre incompleta e vaga, para que o ouvinte adivinhe e sinta, mais do que veja traduzido em formas definidas e concretas o sentimento que enche a alma de quem canta.

*Viverás no meu pensar,
Que a tua memória encanta,
Mulher que foste o meu par,
Mulher que foste uma santa!*

*Morreu quem dantes vos lia,
Meus versos, podeis chorar,
Nunca mais vereis seus olhos
Em cima de vós pousar!*

Começa depois o poeta a dar-nos numa versão encantadora, que é quase uma criação, a flor colhida por ele dessa poesia andaluza, tão viva, sensual, risonha e enérgica.

*Tens nos teus beijos, morena,
Dous cravos postos a par,
Deita-lhes sempre água fresca
E nunca os deixes murchar.*

CARTAS FEMININAS

*Pelo que leio em teus olhos
Embora a boca mo negue,
Tenho esperança que algum dia
Inda eu seja quem os segue.*

Estas comparações graciosas, tiradas ao mundo das flores e das plantas, encontram-se continuamente nas nossas trovas populares. Na *Silva de cantigas*, coligidas por Teófilo Braga, lá me aparecem imensas expressões deste mesmo gênero de poesia naturalista.³⁹

*Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina;
Não há coisa que mais prenda
Que os olhos duma menina.*

*Há silvas que dão amoras,
Há outras que as não dão;
Há amores que são firmes,
Há outros que o não são.*

No livro de Fernandes Costa depara-se-nos esta imagem deliciosa e ingênua:

*O meu coração, voando
Dentro do teu, foi calar;
Senti as asas quebradas,
De lá não pôde sair.*

A *micorerie*, a doçura mimosa, quase piegas dos afagos, a energia faiscante da paixão, a maliciosa graça do coquetismo feminino, a ironia dolente vibrada à inconstante que fugiu, todas

³⁹ Teófilo Braga recolheu várias trovas populares. Maria Amália parece referir-se à parte de uma das obras do escritor, talvez *Floresta de vários romances* (Porto, 1868). Após uma longa introdução, Teófilo abre a antologia sob o título “Romances com Forma Literária do Século XVI a XVIII”. A segunda parte, por sua vez, tem por título “Romances da história de Portugal tirados das colecções espanholas”.

as mil *nuances* do sentimento chamado amor, que tem no vasto universo um papel superior a tudo, se refletem no cristalino espelho desta poesia popular, em que a alma quente e amorosa da Península palpita, geme e sorri garridamente.

Não é fácil citar de uma coleção de 400 páginas algumas quadras em que se fixe e se determine a índole desta preciosa e curiosíssima publicação.

Há versos que são realmente lindos, intensamente expressivos mas há outros que em gênero diferente valem tanto como aqueles, e eu não posso em tão curto espaço citar tudo.

Não resisto à tentação de dizer mais este:

*De teus olhos negros sabe
Neve e fogo, a teu prazer,
Fogo vivo para amar,
Neve para aborrecer.*

*Desejo que em tais extremos
Atendam eles meu rogo:
Inda que em cinzas me façam
Não me atirem senão fogo.*

É fora de dúvida que o trabalho do sr. Fernandes Costa não se limitou puramente ao de tradutor. Ele muita vez *criou* por sua conta e risco versos que tivessem o primitivo sabor, a verdura e a seiva nativa da alma plebeia.

Nessa tentativa foi realmente muito feliz.

Para imitar o verso do povo, a ponto de parecer bem dele, é preciso uma alma artista, sensível a todas as harmonias, e também a todas as dissonâncias.

Muitas, muitíssimas das quadras deste livro, são perfeitas. Outras mais complicadas, menos singelas, traduzindo alguma sensação ou alguma ideia que já acusa conhecimentos e preocupações de espírito culto destacam e agradam menos.



Trabalho de poesia, trabalho de erudição, ou trabalho de colecionador delicado e de tradutor perfeito – hoje, qual foi o aspecto debaixo do qual este livro nos aparece, bem-vindo seja à nossa literatura, onde não abundam trabalhos deste gênero.

Comparando agora, à proporção que ia escrevendo, *O livro das soledades* com a coleção de Teófilo Braga, o primeiro parece-me muito mais burilado, tendo por consequência muito mais arte ou muito mais artifício que o segundo.

Isto, já se vê, longe de diminuir a nossa admiração, aumenta-a.

O trabalho de Fernandes Costa foi de reconstituição poética. Ele traduziu a alma popular, assimilando por um ato de consciência e de vontade os processos que ela emprega na sua ignorância divina.

E tão feliz é sempre, que, se as suas produções se não confundem com as do povo, assemelham-se-lhe profundamente.

São o fruto da mesma árvore, acolá inculta e crescendo em plena floresta, em pleno mato bravo; ali já cultivada com esmero e inteligência do desvelado jardineiro.



Os grandes poetas só o conseguem ser, quando, à força da arte e do estudo, logram aproximar-se da pura e nativa inspiração dos ignorantes.

Os mais doces cantos de Heine têm a graça, a queixosa e dolente melancolia dos cantos do povo.

Richepin, hoje, por um milagre de trabalho artístico, consegue às vezes *parecer povo*, e cada vez que o consegue fica transportado de alegria e de glória.

O livro das soledades tem como única inspiração o amor, ora mais feliz, ora mais desconfiado. Daqui uma certa monotonia de tom.

Porque não é só o louvor da bem-amada, as comparações da beleza dela com todas as belas coisas da Natureza circundante, as queixas pela sua inconstância, o ciúme da sua maliciosa garridice, a desconfiança da sua firmeza, que alimentam a riquíssima veia da poesia popular.

Oh! Nada há comparável às melancolias do nosso *fado* nacional, quando o povo traduz nele as aventuras desastrosas, as irremediáveis torturas do Destino, a dor sem remédio das longas separações, a expiação dolorosa de crimes que o ciúme levou a cometer aos que sentiram a garra

felina desse monstro de olhos verdes – *green eyes monster* – cravarem-se-lhe no forte e violento coração.

Tal como é porém, vibrando sempre a mesma nota amorosa, *O livro das soledades* é um livro encantador.

E terminarei estes artigos, em que desejei fazer conhecida esta feliz tentativa da arte às minhas leitoras do Brasil, citando ainda duas quadras lindíssimas do formoso volume:

*Ó morena d'olhos pretos
Como minas de carvão.
Onde mostras quanto brilho
Pode haver na escuridão!*

*Nos teus olhos pretos vejo
Como à dor pagas tributo!
Se luto não há sem morto,
Por que morto andas de luto?*

Se realmente são somente *ecos* e *ecos* fiéis da Andaluzia estes cantos de tão vivo e intenso fogo, de tanta graça meridional, de tamanha e tão inextinguível paixão, feliz raça e feliz país onde se tem da vida uma noção tão festiva, onde o mistério de nosso destino reveste uma cor tão fulgurante, um aspecto tão cheio de seduções!

A alma portuguesa é mais contempladora e mais triste. A ela o amor aparece-lhe como um tremendo mistério, um culto doloroso, onde a par de algumas emoções doces há um mundo de inquietações e de lágrimas!

Por isso a nossa poesia é mais completa, a harpa onde a alma do nosso povo entoia docemente as suas lamentações e os seus hinos tem mais uma corda sonora e vaga de uma penetrante e embaladora inefável harmonia...

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, março.

O Paiz, ano 6, n. 1674, p. 2, quarta-feira, 08/05/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7013

92. CARTAS FEMININAS

A Revista de Portugal

VAMOS TER ENFIM UMA *REVISTA*, COMO A FRANÇA TEM TALVEZ DEZ, como a Inglaterra tem talvez cem!...

A *Revista* é eminentemente prática e eminentemente moderna. Estabelece o meio termo entre o jornal e o livro. Não é frívola, pueril, passageira, efêmera como aquele, nem é especial como este.

É variada, é agradável, é profunda em doses diminutas e prudentes. Não obriga a uma leitura prolongada e absorvente; pega-se nela e larga-se daí a meia hora, tendo aprendido sobre a questão técnica ou sobre a questão geral, que nos interessa ou nos excita a curiosidade, o suficiente para não parecermos inteiramente profanos na matéria, logo, amanhã, daqui a dias, quando ouvirmos discutir a esse respeito, na sala onde entrarmos ou no grêmio de que somos sócio...

A *Revista* é justamente a publicação adequada ao modo de viver e de pensar moderno.

Cada indivíduo, nosso contemporâneo, está encurralado numa especialidade prática, que lhe proporciona os meios de subsistir, mas precisa absolutamente de ter aquelas vagas e superficiais noções de tudo, que autorizam uma pessoa a falar, a julgar, a dar opinião, a emitir juízos e apreciações na nossa época pedantesca e enfatuada de ciência universal.

Tempo de ler, de meditar, de conhecer profundamente a história dos fatos e a história das ideias — quem é que o tem, nesta barafunda contemporânea, em que cada um tem de fazer a sua carreira, de vencer os seus competidores nesse frenético [ileg.] atrás da posição, da fortuna, da evidência e da riqueza?...

É necessário não ter o aspecto de um ignorante, sem contudo haver desperdiçado tempo precioso para outras ocupações em aprender as particularidades de que a grande cultura geral se compõe, segundo o modo de ver, restrito e positivo, dos atarefados pretendentes na loteria social deste bom tempo.

Portanto, compreende-se a fatura que no mundo moderno têm tido as *Revistas*.

Elas tratam da ciência, e das ciências particulares, em rápidos estudos, substanciosos e instrutivos.

Elas dão ideias, *aperçus*, juízos críticos, prontos para entrarem logo em serviço ativo, a respeito da arte e das diversas artes. Elas fornecem elementos de literatura, que bastem para que

uma inteligência mediana que se aposse deles e que os digira com segurança possa brilhar na sociedade, ao lado dos seus *pares*, igualmente os ungidos do mesmo unguento literário e crítico.



Isto é considerando as *Revistas* sob um aspecto muito particular, muito restrito, embora muito prático e muito capaz de ser compreendido pelo maior número.

Mas há outros aspectos muito mais simpáticos, sob os quais elas aparecem a quem as vê na sua luz verdadeira e própria.

Ao lado dos impostores da instrução, que desejam sempre brilhar com o que pouco lhes custou a adquirir, há os infelizes, que um trabalho cotidiano escraviza, e aos quais não resta nem o tempo necessário nem a coragem indispensável para cultivarem em aproveitamento, método e esmero, as faculdades que possuem, a inteligência que receberam talvez como um infortúnio a mais.

Imagine-se quanto uma *Revista* bem redigida, bem feita, em plena harmonia com as necessidades múltiplas, com as exigências complexas deste tempo, pode ser útil, preciosa mesmo, nesse caso que não é excepcional, que é até muitíssimo frequente.

Como prova desta asserção basta que digamos isto: o país em que a *Revista* essencialmente [ileg] [ileg], em que esta, se não nasceu, pelo menos encontrou meio mais próprio e mais favorável, é positivamente a Inglaterra.

E é natural. Para o inglês a instrução é um meio e não um fim do espírito, voluptuosamente delicado e ocioso.

O inglês quer, antes de tudo, armazenar dados, ideias práticas, noções exatas, dados estatísticos, resultados definitivos de todas as ciências aplicáveis, pontos de vista econômicos, raciocínios morais... O inglês, ao passo que tem estas necessidades mentais, é um homem de ordem e de família; passa os serões, findo o trabalho diurno, em casa ou no seu *club*, e precisa portanto de uma leitura, nem tão pesada que lhe agrave a ação dos alimentos indigestos que ingeriu ao jantar, nem tão ligeira que lhe não deixe impressões fortes, duradouras e sobretudo *úteis* para o governo moral da sua inteligência e da sua vida...

Do lado do céu, a velha e grande Bíblia familiar; do lado da terra, uma ou mais *revistas*, redigidas com a perfeição e a habilidade técnica que o gênero especial exige, e eis satisfeitas todas as necessidades do inglês de cultura e de entendimento médio, quer dizer — do indivíduo mais equilibrado, mais adaptado à vida moderna, mais feliz que o mundo todo possui...

Em França, já não domina a mesma ordem de razões, nem também as *revistas* exercem a mesma influência na grande massa do público.

Mas o francês é como o ateniense.

O que o instrui, o que lhe sugere reflexões de todas as ordens, o que lhes dá noções mais ou menos exatas, mais ou menos fantasistas sobre a Vida, é o espetáculo político que o jornalismo diário lhe comenta e expõe; e é no teatro onde ele aprende todas as regras morais, ou antes, *imorais*, que regem a sua sensibilidade e a sua imaginação.

Tirem do francês a política e o teatro e fazem dele um ser incompleto e mutilado.

Tirassem ao grego estes dois elementos da sua vida pública e individual e tirar-lhe-iam parte da vida.

No entanto, e apesar desta necessidade de excitação violenta, que distingue a raça gaulesa, há em França a *Revista de Filosofia Positiva*, em que está compendiado o grande espírito de Littré, e a *Revista dos Dois Mundos*, um pouco *caturra*, recusando-se com teimosia quase impertinente a entrar *dans le mouvement*, a ser leve como o espírito de *Gyp* e picaresca como a veia cômica de Rochefort — mas sólida e simpática na sua meio-severidade, por se conhecer, valor que este gênero de publicações pode alcançar.



A *Revista de Portugal* que vai fundar-se é dirigida pelo nosso admirável romancista Eça de Queiroz e vai ser redigida pelos escritores mais notáveis de Portugal e do Brasil.

No Brasil, a poesia lírica está revelando um brilhantismo raro, uma seiva original, verdadeiramente assombrosa.

Do coração dos poetas do Brasil irrompe, como a virginal frescura de uma nascente nova e abundantíssima, essa veia cristalina, que parecia ter-se estancado de todo, no mundo desenganado e cético.

À magistral fatura técnica do verso, alguns poetas desse império reúnem uma graça espontânea, um vigor de sentimento, uma sensibilidade tão viva e tão vibrante, que enche de inveja a velha alma portuguesa, onde parece haverem murchado todas as flores!

Esperemos que a colaboração dos nossos escritores e dos escritores brasileiros dê à *Revista* forças e energia para viver longamente.

Esperemos que o público do nosso país e desse grande império coadjuve com a sua atenção e a sua simpatia esta publicação nova.

Porque é absolutamente indispensável a cooperação permanente de escritores e de leitores para que obras destas tenham duração e elemento de vida.

Desgraçadamente muitas causas concorrem entre nós para dificultar uma empresa desta ordem, tão digna de proteção e de aplauso, tão civilizadora no bom e amplo sentido da palavra.

A primeira dificuldade é esta — entre nós os sábios não têm educação literária, e os literatos não têm educação científica.

O que uns vulgarizam e explicam não aparece revestido daquela forma fácil e artisticamente singela, que se insinua no espírito dos profanos, porque lhes agrada.

O que outros criam, não tem o cunho de verdade e de observação exata, que as obras de imaginação precisam hoje ter para serem viáveis, para mergulharem a sua raiz complicada e tenaz nos ubérrimos seios da Natureza e da Vida.

Depois, há uma grande falta de originalidade no espírito dos portugueses.

Pouco dados a investigações históricas, a ressurreições artísticas, a trabalhos de erudição crítica, eles preferem receber dos estrangeiros o trabalho já feito, sem se cansarem em procurar nos documentos originais, nos arquivos pátrios, aquela matéria-prima informe, de que lá fora se arrancam as obras mais notáveis e mais duradouras.



Além destes obstáculos, que a literatura nacional tem sempre encontrado para se afirmar poderosamente, temos o obstáculo da inércia pública.

Oxalá aqueles se destruam a poder de iniciativa e de trabalho, oxalá que esta seja sacudida pela alma nacional, tão adormecida e estéril.

E faço igualmente votos para que o público brasileiro, muito mais curioso do que o nosso, muito mais atento do que o nosso a tudo que é português, proteja particularmente a *Revista* em que todos vamos trabalhar de boa vontade e em que todos, com exceção do humilde nome que assina esta carta, vão com certeza dar provas do que são e do que valem.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa. Abril.

O Paiz, ano 6, n. 1688, p. 3, quarta-feira, 22/05/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7084

93. CARTAS FEMININAS

A propósito da França e da sua exposição

EM 1870, POUCOS DIAS DEPOIS DA CAPITULAÇÃO DE PARIS, o sr. de Bismarck dizia estas palavras, que foram cuidadosamente registradas no *Diário* do dr. Busch, muito contra os créditos de bom profeta que o eminente chanceler alemão pudesse porventura vir a alcançar no futuro:

“Estou hoje intimamente convencido de que não tarda que a França, já dividida em partidos, se esfacele em pequenas frações. Cada província tem opiniões suas; a Bretanha é legitimista, o sul é partidário da república vermelha, acolá dominam os republicanos moderados, o exército regular ainda se conserva imperialista, pelo menos na maioria dos seus oficiais. Pode muito bem suceder que em cada porção do território francês se estabeleça um governo à imagem das ideias que ali predominarem; uma adotará a república, outra os Bourbons, outra os Orléans, outra os Napoleões. Foi exatamente essa a sorte da Palestina sob o domínio dos tetrarcas.”

Uma semana antes de haver formulado esta cruel sentença de morte nacional para a França, Bismarck dizia que era absolutamente impossível aos vencidos o levantarem-se da ruína em que a guerra e as suas devastações os tinham abismado e acrescentava: “Prevejo que neste país se hão de ver despovoadas e abandonadas as terras; prevejo que se hão de ver forçados, como após as migrações de povos, a arrendá-las aos veteranos pomeranianos e vestefalianos.”

Será grande em quase tudo, e é-o com efeito, o grande diplomata a quem a Alemanha deve a obra colossal da sua unidade, e a Prússia o triunfo difícil da sua hegemonia, mas lá talento de profeta devemos confessar que não abunda nele.

Dezenove anos têm decorrido desde o dia cruel para a *grande mãe* dos latinos, em que os lábios do frio e implacável teutão pronunciaram estas palavras; muitas e aflitivas têm sido as lutas intestinas em que a França se tem tempestuosamente revolvido; grandes, enormes, esmagadores, foram os sacrifícios que ela teve de fazer para pagar ao germano usurpador a sua dívida de guerra; dolorosíssima foi a mutilação que ela sofreu, tendo de cortar, de seu belo e precioso corpo, esses dois membros queridos, que eram a Alsácia e a Lorena — mas a França está hoje de pé, admirável de energia e fé, mas o grito ultrajante de *Finis Gallie* com que as raças inimigas a insultavam parece-nos hoje absolutamente absurdo, tal é o esplêndido desmentido com que ela responde aos que pensaram vê-la morta, e apagada do rol das grandes nações.



A exposição veio confirmar esta verdade, que há muito está na consciência de todos que pensam.

A exposição veio provar ainda uma coisa que é útil de saber-se para todos os povos, para todos, sem exceção de raça e de latitude.

É que, independentemente da vã agitação dos *políticos*, para fora do campo das suas estéreis lutas pessoais, de vaidade e de cobiça, de ambição e de egoísmo, a vida econômica, intelectual e moral dos povos desenvolve-se, amplia-se, complica-se, aumenta de importância e de valor, criando interesses, cultivando num certo e determinado sentido civilizador o espírito moderno.

A Europa, o que é hoje em quase todas as nações se não uma democracia industrial, regendo-se por leis que lhe são próprias, movendo-se em virtude de forças que lhe são imanes, obedecendo a impulsos necessários que constituem as suas próprias condições de existência?

Esse régimen moderno tem-se formado e tem-se completado fora da direção, fora da vontade, fora da premeditação dos indivíduos que aparentam impor leis às forças sociais de que são no fim de contas meros e inconscientes instrumentos.

É um régimen férreo sob as suas aparências de liberdade e de igualdade. Como nenhum ele exige a força, a energia, a iniciativa, nos indivíduos que têm de existir dentro dele. Mas tal como é, temos de aceitá-lo adaptando-nos às suas condições e às leis fatais que o subordinam. O *interesse* é o seu grande estímulo; a *utilidade* é o seu motor principal; o *trabalho* é o seu instrumento indispensável.

Deslocam-se inteiramente as condições sociais. Não é aquele que apresenta mais pergaminhos e mais privilégios herdados, o que figura e domina neste régimen de concorrências.

É o que tem mais capacidade de trabalhar e de suportar, o que é mais apto para a luta e para a resistência, o que tem ou mais energia moral ou mais flexibilidade em transigir, o que dispõe da influência e da superioridade que dá um caráter de ferro ou um caráter de cera. A extrema dureza ou a extrema ductilidade.

Os ideólogos da revolução, os utopistas da liberdade humana, da *igualdade* e da *fraternidade social*, mal sabiam o que faziam, quando pelo seu trabalho de propaganda de novos ideais, e de destruição de velhas instituições e de velhos dogmas, preparavam o advento desta ordem de coisas; mas a verdade é que as preparavam e que hoje a obra está feita, bem contra os moldes que eles tinham primitivamente imaginado.

Porque o reino do industrialismo, do individualismo materialista, da luta pela vida, da seleção natural, da força em todos os seus aspectos e em todas as suas manifestações, não é positivamente o reinado de Astreia!

Rousseau, no seu evangelismo socialista, tinha imaginado um regímen em que todos fossem iguais, em que todos fossem livres, e em que todos se amassem uns aos outros. E no dia em que os seus discípulos, Robespierre e Saint-Just, quiseram pôr em execução as doutrinas do mestre, invocaram exatamente o seu lema sagrado — *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, mas tiveram de acrescentar forçosamente, e como apêndice indispensável: *ou a morte de quem não o aceitasse*.



É uma coisa mais complexa e mais difícil do que à primeira vista parece, esta de fazer os homens felizes! Não é natural que ela seja nunca conseguida inteiramente, mas deve confessar-se que todo o pensamento humano, de há três séculos para cá, tem tendido persistentemente a esse fim.

Hoje a indústria no seu desenvolvimento alterou para melhor as condições materiais da espécie humana. Ela não se sente mais feliz, mas não é porque o maior número esteja de posse de comodidades antigamente ignoradas até dos opulentos, é porque todos *sabem* mais, e se julgam com *direito* a mais!

É também porque a divina esperança da vida eterna já não tem nas almas o poder que tinha antigamente.

Para *transitória passagem*, a terra tal qual é, com todos os seus centros, suportava-se bem; mas para habitação definitiva, é muito incompleta e muito triste.

Em todo o caso, aquilo que a maior parte dos homens pede à sociedade constituída, foi realizado e satisfeito.

Cada um de nós tem a liberdade de seu credo religioso; pode escolher livremente o governo que lhe agrada, e não sofre perante a lei civil as desigualdades iníquas de que antigamente era vítima, sempre que não ocupava na coletividade um dos primeiros lugares.

Cada um de nós, nascido no mais ínfimo plano da escala hierárquica, ou no lugar mais culminante, só tem o valor que souber conquistar pelos seus atos próprios.

A luta individual já se vê que se tornou em virtude disto mais áspera e mais desenfreada, mas quando o conquistador recebe a palma, os que foram derrotados só têm o direito de queixar-se de si.

O que mais trabalha é o que mais alcança, sempre que um elemento qualquer de ordem diversa não neutraliza o seu esforço. Mas isto é uma exceção e não uma lei. De resto, na formação

da trama social há tantos fios, tão tênues, tão emaranhados, que não é possível prever todos os casos em que a lei geral pode ser violada.

As maiorias, que foram durante séculos sem conta as grandes mártires anônimas e silenciosas, devem estar contentes com o regímen moderno.

São elas as que vencem pelo voto; são elas que dispõem da força maior para trabalhar; são elas que, pela mediocridade forçada da inteligência e da cultura, se satisfazem com mais facilidade e se contentam com menos.



Este regímen industrial e democrata, se para alguma coisa é hostil, é para o desenvolvimento e a manifestação das grandes individualidades. Na média estabelecida a custo pelo reinado do sufrágio universal, tudo que destaca fortemente, ofende.

Resistir e trabalhar: não é para as inteligências delicadas, nem para as organizações extremamente sensíveis.

No entanto, como essas naturezas de exceção são muito pouco numerosas o equitativo, o justo, é que seja a felicidade do maior número o fim a que tende o pensamento inicial da civilização.

E o maior número é hoje muito mais feliz do que foi em todos os períodos do passado.

Quanto mais se divulgar a lei do trabalho, quanto mais justa for sendo a sua distribuição, quanto mais se atenda ao destino do trabalhador, e mais se regularizem as condições da sua vida econômica, mais este regime democrático se terá aproximado do seu fim prático e real.

A arte, a poesia, a imaginação, as regalias aristocráticas da *élite*, estarão a esse tempo em visível decadência.

Que importa?

Este organismo enormemente complexo chamado a sociedade não tem por objetivo o prazer e o gozo de uns poucos à custa do suplício de quase todos.

Ainda mesmo os que perdem com a nova ordem de coisas — e perdem todos os delicados, todos os artistas, todos os aristocratas do pensamento, todos os *gulosos* da elegância, todos os sibaritas, todos os voluptuosos — mesmo os que perdem com a nova ordem de coisas, se forem justos e generosos, devem aplaudi-la. É a desforra dos párias que gemeram séculos, para que durante séculos um número restrito de privilegiados sugasse avidamente a polpa suculenta do belo fruto da vida.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, maio.

O Paiz, ano 6, n. 1711, p. 3, sexta-feira, 14/06/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7194

94. CARTAS FEMININAS

A serra de Sintra

ENTRE OS LEITORES BRASILEIROS QUE ME LEEM, muitíssimos há decerto que conheçam Sintra.

Falar-lhes nesse belo sítio consagrado pelos amores e pelos cantos de tantos poetas célebres, desde Bernardim Ribeiro até Byron, desde Byron até Garrett, não será a tentativa inane de evocar diante dos olhos deles uma imagem que nada lhes sugira ao espírito nem ao coração.

O português, esteja em que parte do mundo estiver, lembra-se de Sintra como da mais formosa pérola da coroa da sua pátria!

Quando os estrangeiros nos falam das suas belezas históricas, das suas ruínas célebres, das suas paisagens universalmente aclamadas, nós lembramos logo a nossa formosa serra, em que, num limitado espaço, a Natureza parece ter posto o resumo das suas belezas mais finas, e dos seus mais grandiosos aspectos.

O luxo da vegetação entrelaça-se ao melancólico mistério das penedias suspensas...

Dir-se-á que um exército de ciclopes passou por ali em tempos de pré-histórica grandeza, e arremessou para cima de cada morro da serra com um enorme penedo que ali ficou suspenso à espera de mão igualmente poderosa que para outro lado o transportasse.

Sonha-se, em face daqueles aspectos convulsionados da estranha Natureza, com uma raça sobre-humana que ali vivesse um dia em cavernas de granito escuro em anfractuosidades da penedia, em monstruosos covis cavados na rocha dura...

Por entre os grupos ameaçadores e sombrios que formam os rochedos, quase todos negros e cheios de arestas vivas, rompem as árvores verdes, de uma opulência de erva que engorgita os troncos, de uma variedade de tons que vai de esmeralda vivo ao acinzentado e poeirento escuro...

No alto, o Castelo dos Mouros e a Pena, um antigo e carrancudo, outro garrido no seu *coquetismo* de palácio restaurado, dominam a vasta paisagem que se desdobra em acidentes e em labirintos de verdura até à planície árida, que vai ter ao mar.

Avista-se um largo espaço do oceano do alto da serra, para que nenhum aspecto, ou marítimo ou alpestre, ou idílico ou florestal, faltasse à vista deliciosa que o olhar dali descobre. E a gente repete com o poeta:

*Sintra, amena estância
Trono de vicejante primavera
Quem te não ama? quem, se em teu regaço,
Uma hora da vida lhe há corrido
Essa hora esquecerá?.....*

No pleno verão, os *chalets* que têm surgido, não com a espontaneidade, mas com a abundância dos cogumelos, dos anfractuosos recessos da serra, enchem-se da *fin*a flor da nossa elegância mundana.

Grupos gentis de esbeltas raparigas, vestidas de vermelho, com largos chapéus de palha grossa, enfeitados de molhos de flores campestres, dispersam-se pelas verdes carreiras estreitas, ou pela estrada aberta a fogo no seio sagrado da montanha granítica.

Há ranchos a cavalo e a pé pelas estradas, zebreadas da sombra recortada dos cavaleiros. *Breaks* muito elegantes, magníficos *phaetons*, *paniers* da última moda, carrinhos descobertos, vitórias, pesados *landa*us abertos, transitam por toda aquela formosa Sintra, pondo uma nota de garridice, de frioleira, de elegância e de arte moderna, na majestade melancólica da paisagem sublime!

O poeta tem então vontade de fugir dali, para não ver maculado o sonho que pouco antes alheava e embevecia!

Mas ontem eu pude ainda passear na *estrada da serra* e nas matas deliciosas que ali há por toda a parte, sem encontrar um só desses ranchos que destroem para mim o encanto de tudo em que intervêm, frívolos e banais.

A flora serrana abriu-me os seus tesouros admiráveis; colhi molhos e molhos de flores bravas, mil vezes mais sugestivas de pensamentos doces, mil vezes mais lindas que as que cultivava em estufas luxuosas a arte complicada da moderna jardinagem.

Que variedade infinita de vegetação! Que encanto o destas mil flores de que o botânico sabe porventura os nomes, mas que o *dilettante* das coisas simples e naturais colhe, imaginando que pela primeira vez as descobriu, e que ninguém antes dele as tinha visto ou aspirado.

Uma vermelha como o sangue, outra amarela e fulgurante como o ouro, estas de um roxo suave e triste como a saudade inconsolada que vive oculta a todos os olhos num coração que ficou

só na terra; outras de um céu azul esmaecido e pálido como o do céu das manhãs, visto através de uma neblina transparente...

E cada uma tem um aroma indefinido, que lhe completa, por assim dizer, a *fisionomia de flor*, que diz a respeito dela mais alguma coisa do que a sua forma ou a sua cor, que parece a alma errante que paira em cima de cada coisa criada, para a vivificar e a ungir de poesia divina...



As árvores são as grandes amigas, as grandes pacificadoras da alma humana.

São elas que nas horas de profundo desalento nos acalmam e como que nos abençoam mudamente.

Este momento da vida dos povos é triste, apesar das suas incontestáveis grandezas materiais. Os que têm um ideal que se não coaduna com esta moderna compreensão da vida, feita de atividade, de luta e de trabalho, os que conservam o amor das coisas nobremente espirituais e aristocraticamente desinteressadas, os que não encontram para si lugar nesta infrene concorrência das sociedades contemporâneas sentem-se hoje mais do que nunca infelizes, mais do que nunca deslocados!...

Se esta época dá ao maior número uma soma de confortos, de comodidades, de regalias, superior a tudo que as outras eras da história lhe deram, as almas delicadas, as almas doentes — e o número delas também tem crescido desproporcionalmente — sentem-se como nunca expulsas da vida, e como que a custo suportadas no meio da atividade universal em que elas não podem colaborar por defeito próprio ou por paralisia de vontade!

Hoje, os que não têm faculdades para lutar asperamente, os que não possuem envergadura de asas bastante larga para se fazerem um dos primeiros lugares no meio da atarefada multidão que se arranja comodamente ao banquete social, os que não chegaram já munidos de todas as armas com as quais se batalha e se triunfa — não têm absolutamente um único refúgio onde se escondam!

Dantes havia os conventos; hoje os conventos fecharam-se. Havia a religião, que era um país ideal onde se refugiavam aqueles que podiam bem conhecer que *o seu reino não era o deste mundo*. Hoje a religião, se não se extinguiu nas formas externas, extinguiu-se nas almas, que em vão a invocam como salvatério supremo!

É por isso que pensando nesses espíritos sem lugar na sociedade de hoje, só organizada para os fortes, eu contemplo a Natureza como um refúgio e como um calmante.

Conheço tantas criaturas feridas pela brutal compreensão das coisas que a nossa civilização industrial nos tem comunicado! Por que não procuram elas uma espécie de *convento panteísta*, onde vivam sonhando, contemplando, orando o Espírito invisível que paira sobre a solidão para a divinizar?

Com que gosto eu seria uma das habitadoras dessa colônia contemplativa, eu, a quem a vida tem ferido tanto e tanto, e que apesar disso preciso de lutar sempre, porque duas crianças esperam do meu perene esforço extenuante o pão material do seu corpo e o leite que nutra a sua alma infantil!...

Perdoa-me, leitor, se hoje, amolecida pelas árvores que ontem me deram a sua sombra e me segredaram o seu mistério, me deixei ir atrás dessa melancólica cisma estéril.

É que a vida é cada vez mais dura e mais triste, para alguns, apesar dos imensos progressos que o mundo tem feito em favor de quase todos. Vem isto de que sendo o homem, como é, um animal insaciável, quanto mais tem mais quer, e quanto mais quer mais sonha!...

A civilização é uma grande e bela coisa, porque fez *primeiros* os que eram *últimos*. No entanto é justo que se lamentem, às vezes desta *férrea* noção que hoje há da vida social, os que na transformação atual das coisas, perderam a supremacia do espírito e o direito de se absterem na luta frenética donde tantos saem mutilados e malferidos e na qual os fortes são sempre sem piedade para os fracos.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, maio.

O Paiz, ano 6, n. 1730, pp. 2 e 3, quarta-feira, 03/07/1889

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7285

95. CARTAS FEMININAS

Os velhos

APESAR DA ONDA INFINITAMENTE RENOVADA DE SUICÍDIOS, cuja narração, mais ou menos detalhada, enche os jornais de Lisboa, o mais raro dos casos que pode dar-se é que um velho se suicide, concorrendo para alimentar e engrossar essa funesta maré de crime e de morte.

Hoje porém todos os periódicos anunciam o suicídio de um velho de 73 anos, que, recolhido ao Hospital da Estrela e desesperando de curar-se, pôs termo à vida, lançando-se de uma janela abaixo.

Os mais frequentes suicídios são causados pela fome ou pelo amor.

Estes dois importantes motores que levam a nossa espécie, e em virtude dos quais ela se tem perpetuado e progredido, os que estão no fundo e na base de todos os grandes empreendimentos humanos, pois que sem esses dois acicates permanentemente cravados nos flancos, o animal humano nunca se teria movido nem criado a agricultura, a indústria, a arte, a cidade – a civilização enfim, são também os mesmos que em horas de fúria desesperada têm mais poder para levar o indivíduo a destruir-se, a aniquilar-se a si próprio.

O sombrio Schopenhauer, a quem Pinheiro Chagas, o eminente escritor que é meu colega na colaboração de *O Paiz*, contava no outro dia aos leitores a doutrina ironicamente cruel, atribui à Natureza todas as astúcias, todas as manhas, todas as sagazes e premeditadíssimas ciladas que levam o homem a viver e a perpetuar-se, apesar da vida não ser mais que uma monstruosa *duperie* universal.

Mas esses mesmos irredutíveis instintos, para saciar os quais a espécie humana é capaz dos maiores heroísmos e dos máximos sacrifícios, são também os que muitas vezes a irritam, lhe causam o arrebatamento que conduz ao crime, e o desespero que leva diretamente ao suicídio.

Os velhos, porém, costumam ser mais tranquilamente passivos, mais pacientemente resignados em face das cruas iniquidades da Vida.

Neles, nem o estômago nem o coração têm já exigências que, não satisfeitas, produzam a ferocidade, a braveza selvática do instinto à solta.

O suicídio de um velho é um contrassenso tristíssimo. Para que adiantar a hora que vem tão próxima? A hora pacificadora e justiceira que some na sua sombra misteriosa tudo que foi, tudo que não tornará mais a ser?...

Quer a existência nos tenha corrido cheia de delícias, quer nos tenha torturado na infinidade variadíssima das suas infernais engrenagens, a vez quando chega é sempre a mesma!

É tarde tampouco para os velhinhos que se dão ao trabalho de esperar pela sua chegada!



Como antídoto à melancolia que eu sinto, vendo que nesta hora tão dúbia e tão triste até os velhos perderam a confiança em Deus, a fé num mundo sobrenatural, remunerador e eterno, peguei num dos mais deliciosos contos que tem escrito aquele delicioso provençal chamado Daudet e pus-me gostosamente a relê-lo.

Chama-se “Os velhos” o meigo e suave conto do autor do *Imortal*. Não é escrito, já se vê, no espírito sarcástico que ditou e ilumina de chispas flamejantes a última obra do romancista.

Foi escrito no tempo azul da mocidade, no bom tempo em que a vida lhe aparecia sob um aspecto menos curioso e menos triste.

Daudet, fugindo à força abrasada de Sarah, comprara, talvez com suas primeiras economias de escritor, um moinho abandonado, no vale do Ródano, em pleno coração da Provença, no alto de uma encosta toda cheia de pinheirais sussurrantes.

A vinha brava, o musgo, o alecrim, as verduras parasitas de mil espécies e qualidades tinham invadido o moinho desamparado, tornando-o absolutamente inútil para a indústria da moagem, mas delicioso para habitação de um poeta que viesse fugindo ao barulho infernal dessa Paris, que dá vertigens e febre a quem se deixou cair no redemoinho das suas ondas...

Foi pois ali que o veio desagradavelmente surpreender a carta de um amigo, um artista como ele, Maurício não sei de quê...

A carta dizia assim:

“Preciso de um favor teu, meu caro amigo. Deixa o teu moinho, fecha-o por um dia, e abalate para Eygnières.

“Eygnières é um grande burgo a três ou quatro léguas da tua casa – um passeio. Quando chegares, pergunta pelo convento das órfãs. O primeiro prédio logo depois do convento é uma casinha baixa, de caixilhos escuros, com um jardimzinho para o lado de trás.

“Entra sem bateres – a porta está sempre aberta – quando entrares grita bem alto: ‘Bons dias, meus velhos, eu sou o amigo do Maurício...’

“Então verás dois velhinhos, oh! velhos, velhos, arquivelhos, estenderem os braços para ti do fundo das suas grandes poltronas, e hás de abraçá-los da minha parte com todo o teu coração, como se eles fossem teus.

“Conversarão depois, falar-te-ão de mim, só de mim, contar-te-ão mil tolices de que tu não te hás de rir... Hein? prometes que não te hás de rir? São os meus dois avós, dois seres de quem eu sou a vida toda, e que há dez anos não me veem... Dez anos!.... que espaço de tempo! mas que querem? A mim agarra-me esta Paris, que não larga facilmente os que empolga, a eles prende-os a velhice... São tão velhinhos, que, se viessem ver-me, quebravam-se pelo caminho...”

E eis o motivo por que Daudet sai do seu moinho, dando ao demo a amizade que o priva de se deitar ao sol, como um lagarto entre dois rochedos, e de ficar ali o dia inteiro ouvindo cantar os pinheirais e bebendo a luz do belo céu meridional.

E aí vai ele por essas estradas fora, cheias de poeira e de sol e chega a Eygnières, e pergunta o caminho a uma velha, e avista a casa do jardim pequenino e dos caixilhos escuros, e entra sem bater pela porta sempre aberta.

Depara-se-lhe então um quadro adorável: no sossego e na meia claridade de uma saleta, um velhinho todo encarquilhado dormia no fundo de uma poltrona com a boca entreaberta e as mãos caídas sobre os joelhos. Aos pés uma pequena vestida de azul – com o hábito das asiladas – lia a vida de Santo Irineu num livro maior que ela... A leitura maravilhosa tinha produzido o seu efeito em toda a casa. O velho dormia no seu *fauteuil*, as moscas dormiam no teto, os canários dormiam na gaiola. O relógio resfolegava tic-tac, tic-tac. Acordada em toda a saleta só estava a grande faixa de luz alta e branca que caía, entre os caixilhos semicerrados, cheia de centelhas movediças e microscópicas...

No meio daquela soneca geral a pequena continuava a soletrar gravemente. Estava no ponto em que os leões se atiraram ao santo para darem cabo dele.

Na súbita invasão do visitante imprevisto, tudo acorda estremunhado e espavorido; as moscas, os canários, o relógio que dá horas, o velho que se ergue da cadeira ouvindo a frase fatídica: Sou o amigo do Maurício!

O que se segue então é de uma graça enternecedora. A alegria do velho e o aparecimento da velhinha, muito engelhada, muito limpa, com a sua touca de laçarotes, o seu vestido escuro, o seu lenço desdobrado na mão em ar de muita cerimônia...

Depois os cumprimentos, as conversações, a estreita intimidade que une os dois velhitos e que faz com que à força de viverem unidos se pareçam extremamente entre si; e as festas feitas ao *amigo do Maurício*; e as perguntas a respeito do Maurício, do querido Maurício; e o jantarzinho de bonecas que os dois prepararam; e o frasco de ginja de conserva feita pela velhinha, e por sinal abominável, que o pobre Daudet teve de encetar sem fazer careta, conquanto estivesse desde longos anos guardada para Maurício... É um verdadeiro encanto.

Não se lhe pode tocar sob pena de o desfazer, como certos arabescos translúcidos com que o orvalho enfeita divinamente a verdura das pradarias, vistos de madrugada...

A doçura de uma longa intimidade entre dois velhinhos que descem juntos, apoiados um no outro, a ladeira triste e íngreme da vida, a tocante graça melancólica desta segunda infância, tão pueril, tão crédula, tão confiante como a outra e mais triste do que ela; aquela bondade que é inerente às existências que se prolongam além dos limites naturais, sem haverem por isso perdido a preciosa faculdade do amor – tudo isto e muito mais que eu não sei dizer, e que vinha do aspecto externo das coisas, tão poético, recolhido e casto – tudo isto se respira docemente no conto de Daudet. É por esse motivo que eu fui relê-lo no instante em que o suicídio de um velho me tinha entristecido como uma aberração monstruosa.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Lisboa, junho.

O Paiz, ano 6, n. 1741, p. 3, domingo, 14/07/1889

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7344

96. COROAÇÃO DE ZORRILLA

SE HAVIA AINDA NA TERRA, despoetizada e *industrializada*, um lugar onde a poesia pudesse ser coroada na pessoa de um de seus cultores apaixonados, esse lugar seria, por força, a Espanha.

Por isso, foi sem espanto, embora com prazer, e com uma espécie de enternecimento muito agradável, que eu li a narração da cerimônia em que o poeta espanhol foi coroado, como nos bons tempos antigos eram coroados os poetas da Itália, os trovadores da Provença, os cantores do amor e da alegria meridional.

A Espanha é o país da Europa Latina que mais tenazmente tem resistido à invasão dos estrangeiros.

Ela guarda em tudo, e apesar de tudo, o seu cunho eminentemente característico, os seus moldes eminentemente nacionais.

Se o vestuário das mulheres e se a política do Estado se ressentem da mutação francesa, tudo o mais resiste incólume à influência dos outros países.

Por isso a poesia, a música, a pintura espanhola se conhecem e distinguem à légua; por isso o orgulho da alma espanhola sobrevive à perda das suas grandes glórias; por isso o poeta que traduz o sentimento peculiar daquela viva raça, enérgica e apaixonada, encontrou agora, na festa nacional que em honra dela acaba de celebrar-se, a recompensa de uma longa vida consagrada a cantar as lendas amorosas e as glórias guerreiras da sua querida pátria.

Diz-se que a Poesia está nas vascas da agonia, e parece ter fundamento real esta asserção.

De feito, assim como a Natureza não admite que haja no mundo da matéria um órgão que seja inútil, uma função que possa logicamente dispensar-se; assim, na vida do espírito, não há forma alguma que subsista sem ser *necessária*.

Necessária tanto ao artista em que essa forma toma vida, como ao público que dela se nutre e se sustenta.

Ora, hoje a Poesia não está sendo necessária senão a uma porção tão diminuta da humanidade, que se pressente e se antevê próximo já o momento em que até essa parcela insignificantíssima em número há de dispensá-la.

A ciência é o ídolo a que todos, ainda aqueles que o negam, ainda aqueles que o blasfemam, têm de curvar-se mais e mais...

A Ciência tem transformado as condições físicas e materiais do planeta, e exerce nas almas a sua influência irresistível, que por ser indireta não deixa do mesmo modo de ser formidável!

A Ciência conduz fatalmente ao progressivo triunfo da Democracia, isto é, de uma civilização que adquira em extensão o que tem de perder em profundidade. E a Democracia atarefada,

utilitarista, inevitavelmente inimiga dos requintes e das extremas delicadezas que só podem florescer e desabrochar nas raías de uma aristocracia de pensamento e de costumes, expele de si implacável e desdenhosa a Poesia, que lhe aparece apenas como uma inutilidade cara, como um luxo de sibaritas intelectuais e de voluptuosas *d'élite*...

Que função social tem pois de exercer o Poeta na época que os nossos olhos já podem apreciar e perceber nas suas linhas fundamentais de uma secura geométrica?

Em política o poder do maior número; em economia, o bem-estar material do maior número, comprado à custa do duro trabalho de todos; em ciência, o experimentalismo como único método, e a aplicação das forças da matéria à comodidade e ao embaratecimento da vida humana como único fim e como único desejo; em religião, o niilismo absoluto e esterilizador de todas as faculdades imaginativas da nossa espécie; em arte, a imitação literal de todas as formas da vida!

Onde está aqui o espaço onde possam abrir as asas largas a Fantasia do homem, e o seu amor do maravilhoso e do desconhecido?

Às doutrinas positivistas, que incluíam nos programas das verdades naturais a existência para o espírito de um oceano insondável, misterioso, enorme, chamado o Incognoscível — oceano onde nos era permitido vagar de vez em quando no lenho frágil que a nossa imaginação construísse — sucedeu uma doutrina de negação ainda mais cruel, que até a hipótese desse espaço sem limites, desse mar sem costas, teima em não admitir nem reconhecer.

E como há de pois ser-se poeta, se nem o mar infinito do mistério nos deixam para podermos submergir nele a nossa alma insaciavelmente sonhadora?

Chegou, sem contestação possível, uma fase do tempo em que a Poesia decai, em que a Poesia se deixou vencer!

Ninguém se atreveria hoje a escrever um poema épico; a própria poesia lírica, que foi religiosa, que foi alimentada por mil fecundos mananciais de que a alma do homem era origem, se limita hoje a ser simplesmente amorosa.

À lamentação *lamartiniana*, vaga e panteísta, à ode apaixonada e ampla de Hugo, à palpitante queixa de Musset, que exprimiu com tamanha magia e tão sugestivo encanto a dúvida amarga da sua alma cortada de dores, sucedeu a correta, a impecável, a impessoal formosura do metro *parnasiano*, espécie de luz branca que ilumina os objetos e lhes põe em relevo os nítidos contornos, sem dar deles outra noção além da certeza de que existem, visto que a gente os pode ver e observar nos seus detalhes mínimos!



Que importa porém à Espanha que este seja o estado do mundo na hora atual?

Ela ouve ainda, namorada e feliz, a voz ingênua e quente de seus poetas queridos!

Para ela, a noite estrelada e calma ainda tem os mesmos filtros, a lua a mesma doçura mágica, o amor as mesmas sensações, que vão do êxtase até ao desmaio, a voz da guitarra a mesma volúpia misteriosa, o canto enlanguescido e doce das mulheres as mesmas notas de subjugadora paixão.

Os *palcos* de Sevilha, cheios de flores e de jorros de água, ainda lembram todo o encanto voluptuoso da vida árabe... A Alhambra ainda tem presa, talvez, a cada uma das suas divinas colunatas aéreas, a alma dolente e nostálgica de uma sultana encantada.

A raça conserva a sua integridade soberba. Tem o mesmo culto pela cavaleirosa bravura, pela beleza da mulher, pela doce indolência das *sestas* bem dormidas — enquanto a água canta nas piscinas de mármore branco, e os cravos evolvem o seu aroma apimentado nos alegretes dos jardins suspensos em cada balcão rendilhado!...

Viver para a Espanha não é passar a triste vida curvado sobre os livros ou sobre as retortas, sobre os documentos ou sobre os bancos anatômicos, nas bibliotecas poeirentas, nos laboratórios abrasados, nas infectas salas do hospital ou nos gabinetes de estudo, sufocantes e sem ar! Viver é expandir a energia do coração, amando, apaixonada e virilmente, e a energia do corpo lutando com o estrangeiro que se atreva a invadir o solo sagrado da pátria, com o rival que se atreva a pôr os olhos na mulher amada; ou ainda com o touro selvagem, na larga arena, na embriaguez e na delícia da luz, nos gritos da multidão frenética, na loucura da festa em que o sol faz brilhar todas as cores, e em que o entusiasmo faz tremer todas as vezes que aclamam o *matador* vitorioso.

Viver é ainda para a Espanha o que foi para a humanidade inteira, quando ela não tinha provado o pomo amargo e divino da Ciência e do Pensamento!

É uma alegria em que o corpo e a alma se dilatam e se expandem, não é um sacrifício perene, uma eterna imolação, uma agonia amarga e voluptuosa que extenua e que entristece mais que a própria morte.

O sol em chamas; os lindos e deliciosos frutos dos pomares e dos vergéis da Andaluzia; a música dolente e sensual, que afaga e que enlanguesce, que sugere toda a casta de sensações vivas ou suaves, apaixonadas ou ternas; o riso e a morena formosura das mulheres; a valentia heroica dos homens, de que a Aventura faz tanta vez toureiros ou contrabandistas, guerrilheiros ou soldados, oradores entusiastas, revolucionários ardentes — os vestígios da extinta civilização árabe, tão pitoresca e tão bela — tudo isto é feito para inspirar poetas, para alimentar a poesia, para a guardar imaculada e invencível, quando, no resto do mundo, a Ciência, a Democracia, a Civilização niveladora e uniforme, a tiverem feito morrer de todo!

Saudemos pois a Espanha, o país que ainda coroa os seus poetas, e que paga aos seus cantores, com louros e com aplausos entusiastas, as alegres comoções de orgulho, as doces impressões enternecidas, com que estes o fazem, perpetuamente, vibrar!...

MARIA AMÁLIA.

O Paiz, ano 6, n. 1783, p. 1, domingo, 25/08/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7562

97. ÍNTIMAS

FOI POR ESTES DIAS POSTA À VENDA EM LISBOA a segunda edição deste pequeno volume de versos, em que o autor festejado das *Indianas e portuguesas* e dos *Novos horizontes* no revela mais um filho precioso e simpático de seu talento de poeta.

Cristóvão Aires é antes de mais nada um poeta.

Nascido na Índia, embora descendente de família portuguesa, acostumado desde criança nos esplendores exuberantes da natureza dos trópicos, aquecido por aquele sol a cujas chamas brotam as árvores colossais e as gigantescas epopeias, embalado pelas quentes aragens perfumadas da região indostânica, a faculdade primordial do seu espírito consiste numa imaginação viva e ardente, apta para receber e reproduzir as imagens do mundo exterior e para converter em sensações essas imagens, que se refletem como num espelho na sua fantasia de poeta e de sonhador.

O seu primeiro volume, *Indianas e portuguesas*, corresponde cabalmente a este critério.

É uma sucessão de quadras resplandecentes da crua luz oriental; é um caleidoscópio vasto e interessante, em que as mais diversas impressões deixam o seu vestígio indelével ao passarem cambiantes, rápidas, sentidas!

O poeta estava em plena flor, em plena embriaguez da vida... Sentir muito, sentir tudo, era a aspiração instintiva a que no seu talento se subordinava tudo o mais.

A vida porém veio, com as suas exigências, com as suas leis duras, com os seus ásperos deveres, e houve uma modificação visível na vocação que levava esta fantasia para os campos indeterminados, para os caprichos ondeantes da Poesia.

Moço, pobre, desprotegido da fortuna, e nobremente ambicioso, ele teve de fazer o seu lugar nesta sociedade madrasta, que também condena ao exílio os poetas, mas que os não manda, como Platão, coroar de flores.

Aos 21 anos casou, e desde então nunca se arrependeu de o ter feito, tanto e tão elevado auxílio moral, tão nobres e incomparáveis sugestões encontrou na alma da sua querida, dedicada e santa companheira de luta e de pensar.

Quanto custa porém, na ingrata vida moderna, exigente e avara, a armar um ninho asseado e atraente, a conservá-lo na serena abundância e na paz íntima, a nutrir e criar as aves pequeninas

que pipilam e volitam graciosamente em torno dos pais, tendo o vago instinto que dos pais lhes provirá todo o conforto, alegria e amparo!...

Mas não será esta, no fim de contas, a missão ideal do humano par, duplo e unificado? E cumpri-lo bem não será atingir socialmente e humanamente a perfeição sonhada?

Os filhos vieram, e foi abençoado segundo o espírito da escritura o lar modesto e feliz do moço poeta, já convertido do seu antigo paganismo estético a uma nova religião de amor, mais ampla, mais alta, mais pura...



Foi preciso porém dizer adeus às aliciantes ilusões de que uma alma de moço se não despede sem saudade, às radiosas ambições de uma glória puramente literária, às ambições de uma vida de impressões variáveis e fugitivas, dessas que constituem geralmente a matéria-prima de uma existência poética.

Imagina-se porventura um Shelley bom pai de família? Não. Para que o autor da “Planta sensitiva” e do *Adonai* fosse aquele ser estranho de dolorosa graça e de paixão insaciada e torturante, era preciso que a vida dele fosse o que foi – uma desordem, uma loucura, um martírio para si e para os que o cercaram.

Byron, Heine, Goethe, Lamartine, Musset, o próprio patriarca Hugo, apesar de todas as suas declamações virtuosas, foram considerados, sob um certo ponto de vista, criaturas odiosamente egoístas, incapazes de abnegarem de si, de esquecerem a própria individualidade, sacrificando tudo e todas à sua insaciável sofreguidão de sentimentos novos, de impressões variáveis, fazendo das próprias almas o teatro de contínuas experiências psicológicas, logo convertidas em poesia...

Traíam, para saber que gênero de impressão produz a dor que se inflige a outrem; gozavam a traição de que eram vítimas, só pela nova aquisição com que enriqueciam assim o seu tesouro de experiências sentimentais.

O moço escritor de que venho falando, esse sacrificou a um ideal mais belo e mais raro as aspirações irrequietas dum temperamento de poeta caprichoso e vibrátil. Em vez de fazer da poesia a sua vida inteira, fez dela o conforto, a compensação, a música suave e triste, vaga e enternecida, que acompanha em surdina todas as horas duma existência nobremente laboriosa, em que a *ação* predomina sobre a *cisma* contemplativa.

Jornalista, dirige com alta independência e com superior critério o *Jornal do Comércio*, de Lisboa, que levantou do abatimento a que este chegara, e que tem restituído quase ao proeminente

lugar que ele ocupava em tempos antigos, quando a fina flor dos espíritos portugueses constituía o esquadrão volante dos seus redatores; e teve de entrar na refrega política, de tomar o seu lugar nas fileiras de um partido militante; oficial do Exército, está escrevendo, com singular escrupulo, e com uma erudição laboriosamente adquirida, a *História da cavalaria portuguesa*.

No entanto a sua alma continua namorada dessa Musa que sorriu complacente aos seus vinte anos; e as *Íntimas* são a prova de como certas organizações bem-fadadas podem e sabem extrair das coisas sãs e puras da vida a essência preciosa e rara da poesia que elas contêm!

Outro qualquer teria talvez, ou sucumbido na luta aspérrima da vida material, ou contemplado como um estorvo e como um encargo desagradável os deveres de que a família o investira. Ele não. Adora a casa, os filhos, fez deles o seu altar e sua inspiração permanente; ama até o trabalho afadigoso que por amor dos seus tem de cumprir rigorosamente.

Se não pôde experimentar as sensações requintadas e perversas que a vida teve para outros poetas, procurou e encontrou nos santos e naturais amores da alma humana – ainda não corrompida pelas noções de um falso ideal – a fonte que havia de inspirá-lo mais suavemente, e da qual emanariam numa corrente límpida e cantante as águas vivas que dessedentam em vez de darem febre.



As *Íntimas* são uma coleção de versos feitos às queridas filhas gentilíssimas, por quem ele vive e que vivem por ele; e se há uma coisa que ainda mais nos agrada e comova que esta poesia, inefavelmente pura, de uma alma de pai – é vê-lo a ele, ao poeta, a que uma calvície precoce dá certa gravidade patriarcal, no interior desse lar construído por dois, com tanto trabalho, com tanto sacrifício mútuo, com tanta abnegação comum, com tão nobre e sugestiva energia! – é vê-lo ao pé dos filhos, cercado, envolvido pela grinalda viva dessas crianças, que são como que os sonhos da sua fantasia, feitos carne, vida, amor, e quem sabe se virtude e fé!...

Esta poesia será talvez menos brilhante, mas é em todo o caso mais sã, mais em harmonia com a noção atual dos destinos humanos, mais simpática e mais profundamente *sentida*!

Se os sentimentos naturais de nossa alma fossem fatalmente excluídos da esfera da poesia e da arte, seria então certo que a Poesia e a Arte teriam de morrer, como morre tudo que é nocivo à ordem eterna das coisas. Mas não é tal, assim.

A verdade é que poucos poetas têm explorado este filão da riquíssima e preciosa mina do sentir humano.

Vejamos por exemplo na sua graça e no seu encanto misterioso como a própria infância este soneto intitulado – “Prismas celestes”:

*A Cande não conhece ainda as cores;
o azul é a cor que ela atribui a tudo;
azul o seu vestido de veludo,
azuis o mar, o campo, o fruto, as flores.*

*Azuis as borboletas multicores,
azuis os mascarados pelo entrudo;
azul até um mono barrigudo,
que é todo o seu enlevo e os seus amores.*

*Por que vê ela em tudo a cor sidérea?
É que a sua alma, flor mimosa e etérea.
nutrida de quanto há de puro e vago,*

*brotou no azul sereno da inocência,
quais brotam, numa eterna eflorescência
astros no céu, e o nenúfar no lago.*

Outra poesia, “Sempre elas”, tem estrofes formosíssimas, que eu tenho pena de não poder citar, mas revela aqui e ali os segredos de melancolia fugitiva com que as lutas da vida têm ungido a alma do poeta, segredo que os filhos consolam e que no querido lar doméstico se apagam de todo ao contato de amor infinitamente puro, infinitamente dedicado, inteligente, apaixonado e profundo, que tem concorrido com o amor das crianças para dar uma direção nobre e viril à alma deste sonhador.



*E na absorção completa enlevo-me pensando
que à luz do vosso olhar tão casto e venerando,*

ÍNTIMAS

*ó pombas do meu lar, todo o meu ser se aquece,
e que à luz desses sóis minh'alma refloresce.*

*A precoce velhice, que, do cemitério,
lançou ao perpassar no seu voo funérea,
sombras que enlutam hoje a minha mocidade!*

*mas neste anoitecer do luto e da saudade
– um farol me conduz, me alenta e me alumia;
– é vosso casto olhar e límpida alegria.*



Não tenho tempo nem espaço para me alargar em considerações que o assunto me estava pedindo, mas na lição e no exemplo da vida deste trabalhador, que nas horas da sesta canta uma doce canção enternecida e casta, eu colheria algumas considerações que, mais frequentemente lembradas, diminuiriam no mundo a soma da iniquidade e do mal!

O amor dedicado de uma mulher superior, porque é uma mulher verdadeiramente superior pela inteligência e pelo coração a esposa de Cristóvão Aires – a viril energia e a noção ativa da honra e do dever colaboram e fazem da vida doméstica, com as suas lutas, com os seus trabalhos cotidianos, com as suas obscenas dificuldades, alguma coisa de belo como uma obra d'arte, de sugestivo como um poema!

Longe de amaldiçoar como o primeiro homem o trabalho e as suas amarguras e tristezas, o poeta ilumina a prosaica faina diurna, com a luz imaculada do coração de pai, e a vida, a triste vida que tantos tédios inspira, aparece aqui sob um aspecto enérgico, viril e são, o aspecto de uma bela missão cumprida, de um belo legado a transmitir.

Abençoados os livros que produzem estas impressões salutareas, abençoadas as almas que nos advertem, cantando, amando, idealizando as coisas nobremente humanas e genuinamente naturais, de que o ideal ainda não morreu de todo! ...

MARIA AMÁLIA

O Paiz, ano 6, n. 1787, p. 1, quarta-feira, 29/08/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7584

98. ANTÓNIO PEDRO

NO NOSSO MEIO ARTÍSTICO TÃO ACANHADO E TÃO RESTRITO, e ao qual faltam todos os elementos de vida enérgica e de proveitoso desenvolvimento, a morte de um grande artista deve ser muito mais profundamente sentida de que nos centros onde eles abundam e se sucedem numa série ininterrupta e sempre gloriosa.

A morte de António Pedro é neste sentido uma perda nacional.

Poucos artistas possuíram mais viva, ardente e sugestiva a chama inconsciente do gênio do que esse modesto e nobre trabalhador, que acaba de expirar, pobre como cá expiram todos os que têm qualquer grandeza excepcional a distingui-los e a individualizá-los.

Que singular organização a deste homem!

Todas as pessoas que privaram com ele de perto são unânimes em afirmar que era muito pouco ampla a sua bagagem de conhecimentos gerais.

Pouco ou nada instruído, acanhado, metido consigo, nem nenhuma das aparatosas ostentações do moderno *cabotin*, ele era contudo o mais consciencioso dos artistas no estudo dos seus papéis.

Metia-se dentro deles, compreendia-os por uma intuição maravilhosa e inexplicável, compenetrava-se da individualidade que eles representavam, adquiria a alma, o temperamento, os vícios, as virtudes dos seus personagens.

Dom de gênio, que não pode atribuir-se inteiramente nem ao estudo, nem à observação atenta e minuciosa da *alma humana* nas suas particularidades mais recônditas.

Verdadeiro condão inato, de que ele era irresponsável e que traduzia na sua pitoresca frase em *argot*, sempre que lograva realizar magnificamente um tipo de arte: – *Calhou assim!*

Hegel, na sua *Estética* em que todas as formas e todas as manifestações artísticas são tão superiormente analisadas, condena, como filha de um preconceito a ideia de que para o artista exista um estado de inspiração, estado particular em que a consciência e a reflexão não intervenham. Acrescenta porém que há no verdadeiro talento, na gênio verdadeiro, um elemento para o qual só contribui a natureza, mas que em todo o caso precisa de ser desenvolvido pela reflexão e pela experiência.

Além de que, diz ainda ele, todas as artes têm um lado técnico, que só se possui completamente depois de muito trabalho e de muito hábito.

Todas as condições a que Hegel se refere possuía-as em elevada escala António Pedro.

Tinha a *técnica* da sua arte, adquirida em longos anos de trabalho e de aturado estudo; tinha o *gênio* que a natureza lhe dera com mão pródiga, e que a *reflexão* e a *experiência* haviam desenvolvido e fecundado.

Não era um erudito, nem um filósofo, nem possuía provavelmente a estética da sua própria arte, mas no seu recanto humilde podia dizer como Goethe na sua altura olímpica: “Prefiro ignorar os princípios em virtude dos quais crio as minhas obras; que os meus compatriotas se concentrem em si próprios e cogitem nas leis do pensamento, isso a mim importa-me muito pouco.”

Coquelin, por exemplo, é o tipo moderno de ator, possuindo a plena consciência de seu papel particular no mundo da Arte e sabendo a fundo todas as regras a que a ciência de representar se subordina.

António Pedro seguia pelo contrário, sem saber sequer o nome de Hegel, os preceitos deste grande teórico do Belo: deixava que a experiência e a reflexão desenvolvessem até ao seu máximo requinte a força inconsciente que ele tinha dentro de si, e à qual lhe bastava obedecer incondicionalmente, para ser grande.

Vimo-lo em algumas das suas grandes criações, e vimo-lo também em papéis secundários, que ele logo tirava do plano longínquo em que estavam, para os colocar em plena luz.

No *Hamlet*, por exemplo, teve nas primeiras representações o papel daquele coveiro filósofo, que faz reflexões pessimistas e lugubremente irônicas sobre o *nada* das coisas humanas.

A voz avinhada e rouca, o gesto fúnebre e brutal, a inflexão dura e áspera – e como que vinda dum fundo remoto de experiência, revelavam imediatamente um mestre!

Em *O saltimbanco*, António Pedro fez de uma criação ilógica uma figura admirável, patética, e na plasticidade que lhe deu, pode dizer-se shakespeariana!

Conhecendo muito pouco, só de muito longe, o mundo especial de entrebastidores, não sei absolutamente nada a respeito do processo de trabalho pelo qual António Pedro assimilava o personagem que ia traduzir. Eu imagino porém que ele procedia por intuição; ignorando as regras, as escolas, os preceitos, as tradições.

Nascera comediante, como se nasce pintor ou poeta.

Depois de entender o personagem, entrava na pele dele, e tornava-se na figura que se propusera interpretar.

Daqui a variedade imensa das suas transformações cênicas.

Não tinha, por exemplo a impecável correção um pouco monótona, a naturalidade deliciosamente cômica de nosso Taborda. Era fantasista, caprichoso, cheio de imprevisto e de nervos. Cada criação dele aparecia como uma surpresa.

Não se sabia bem onde ele ia colher os dados que, reunidos, davam tão esplendidamente o tipo dramático ou cômico, não se sabia onde ela ia buscar o poder de se transfigurar tão completamente, de reverter, segundo a frase do calão francês, a *peau du bon homme*, a ponto de a gente o não conhecer sob o seu *avatar* inesperado.

O seu cômico era sempre um pouco *macabro*; a sua ironia tinha um não sei quê fúnebre. Devia ser muito triste a alma deste ator, que sabia dar às coisas cômicas um aspecto ao mesmo tempo risível e tão doloroso.

António Pedro era uma das minhas grandes admirações artísticas!

Estou convencida que lá fora, onde o teatro é como que um Estado no Estado, e onde os artistas dramáticos têm uma importância que todos os dias cresce mais, António Pedro teria sido no seu gênero um rival de Frédérick Lemaître. Aqui era admirado instintivamente pelo povo, de que era filho e irmão, e por uma rara *élite* de espírito que o apreciavam no seu justo valor, mas que ainda assim poucas vezes iam vê-lo nos teatros de segunda ordem, onde ultimamente representava.



A morte de um ator é tão triste! Com esse pobre artista, que foi um grande talento, que trabalhou tenazmente para lograr dar uma forma às criações do cérebro alheio, que levou noites e noites meditando os seus papéis, apossando-se lentamente do seu personagem, a ponto de conseguir dar-lhe vida e movimento, e alma, uma alma própria, uma alma inconfundível, com esse pobre trabalhador cansado e glorioso, expira toda a sua obra, todo o seu trabalho, toda a chama artística que durante longos anos iluminou uma existência de homem!

Nada fica do ator a não ser um eco do seu nome, ainda assim logo acabado; uma geração que assistiu às suas noites de festas e de triunfo.

ANTÓNIO PEDRO

E se ao menos essas noites fossem comparáveis às que em outros centros mais civilizados e mais aptos para gozarem de certa espécie de prazeres intelectuais os artistas conhecem!...

Uma daquelas ardentes noites da Sarah Bernhardt ou da Rachel, de Frederick Lemaître ou do Talma, valem bem uma vida!

Aqui, porém, que teve o pobre António Pedro que o compensasse do muito que trabalhou e que lutou para abraçar e cingir o seu ideal, para realizar o seu sonho de perfeição dramática?!

Como ele *vivia* os seus papéis! que natureza apaixonada e vibrante a desse *inspirado*, a desse plebeu genial, que atingiu pela intuição e pelo dom divinatório de seu espírito os mais elevados primores do ideal artístico e humano!

O Brasil amou o nosso grande artista; aplaudiu-o com a generosa prodigalidade do seu fraterno entusiasmo, deu-lhe muita vez a consoladora consciência do que sabia e valia. O Brasil há de sentir a morte desse homem, que foi uma glória do teatro português, diante de quem os artistas estrangeiros de mais fama e de mais valor se inclinavam, como diante de um camarada e de um êmulo.

A morte de António Pedro deixa uma lacuna enorme na cena portuguesa.

Vão morrendo todos os que valiam alguma coisa, e aqui, como de resto em toda a parte, e feitas as proporções devidas, o *mediocre* vai pouco a pouco tomando posse do mundo, que por muito tempo pertenceu às grandes individualidades e às grandes forças.

E cada um, dos que morrem, nos vai deixando um pouco mais desconsolados e mais tristes, porque é natural que a gente se prenda aos que fizeram a grandeza e o deleite da geração a que pertence, e que deixe em cada fase do passado que se extingue um pouco da sua saudade e da sua simpatia, assim como as ovelhas vão deixando em cada silvado das azinhagas por que passaram um floco branco da sua lã...

MARIA AMÁLIA

O Paiz, ano 6, n. 1797, p. 1, domingo, 08/09/1889.

http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_01&pagfis=7644



ÍNDICE DE INDIVÍDUOS

A

ABREU, Casimiro José Marques de, 28
ADDISON, Joseph, 36
AFONSO XII, Dom, 41
ALEXANDRE VI, Papa (Rodrigo de Borgia), 46
ALIGHIERI, Dante, 21, 22, 24, 34, 42, 43, 89
AMICIS, Edmondo de, 65, 82
AMIEL, Henri-Frédéric, 60, 87
ANÍBAL (Aníbal Barca), 37
ANNIL, 60
ANTONIETA, Maria (Maria Antonia Josepha Johanna von Habsburg-Lothringen), 25
ARIOSTO, Ludovico, 22, 43
ASPÁCIA, 3
ASSIS, São Francisco de (Giovanni di Pietro di Bernardone), 47
AUGUSTO, César (Caio Otávio, depois, Caio Júlio César Otaviano), 37
AZEVEDO, Aluísio, 68, 69
AZEVEDO, Manoel Antônio Álvares de, 28

B

BACON, Francis, 80
BAGEHOT, Walter, 46
BALL, Benjamin, 56
BALZAC, Honoré de, 7, 8, 12, 33, 34, 41, 77, 88
BANVILLE, Étienne Claude Jean Baptiste Théodore, 8
BARBEDIENNE, Ferdinand, 86
BAUDELAIRE, Charles Pierre, 8, 49, 63
BAVIERA, Isabel Amália Eugénia da, 32
BEAUMACHAIS, Pierre-Augustin Caron de, 5
BEETHOVEN, Ludwig van, 2, 7, 8, 29
BÉCQUER, Gustavo (Gustavo Adolfo Claudio Domínguez Bastida), 29, 41, 83

BERNHARDT, Sarah, 72, 98
BISMARCK-SCHÖNHAUSEN, Otto Eduard Leopold von, 35, 78, 84, 93
BONAPARTE, Napoleão, 3
BORGHI-MAMO, Erminia ou Adelaide, 41
BÓRGIA, Lucrecia, 3, 32
BOULANGER, Georges, 84
BOURGET, Paul Charles Joseph, 64
BRAAMCAMP (Anselmo José Braamcamp de Almeida Castelo Branco), 15
BRANCA, Rainha, 3
BRANCO, Camilo Ferreira Botelho Castelo, 21, 87
BRAGA, Teófilo, 81, 90, 91
BUCKLE, Henry Thomas, 80
BUSCH, Dr., 93
BYRON, George Gordon, 1, 48, 49, 94, 97



CALDERÓN (Pedro Calderón de la Barca), 72
CALVINO, João, 23
CAMÕES, Luís Vaz de, 43
CANDIDO, Antonio, 15, 35, 52, 87
CAPELO, Hermenegildo Carlos de Brito, 35
CARLYLE, Thomas, 82, 87
CARLOS IX, 46
CASTELLAR, Emilio, 15
CASTRO, José Antônio de Azevedo, 83
CATÃO, censor (Marco Pórcio Catão), 37
CATÃO, de Útica (Marco Pórcio Catão Uticense), 37
CATARINA II, Imperatriz da Rússia, 32, 54
CERVANTES, Miguel de (Miguel de Cervantes Saavedra), 22, 24, 43
CÉSAR, Caio Júlio, 37
CHAGAS, Manuel Pinheiro, 52, 81, 95
CHAMILLY, Noël Bouton de, 81
CHARCOT, Jean-Martin, 12, 52, 69
CHATEAUBRIAND, François-René de, 49
CHATELET, Marquesa de (Gabrielle Émilie Le Tonnelier de Breteuil), 2
CHAUCEER, Geoffrey, 83

CHOPIN, Frédéric, 8
 CÍCERO, Marco Túlio, 36, 37
 CINA, Lúcio Cornélio, 37
 CIPILÃO (Públio Cornélio Cipião Africano), 36
 CLEMENCEAU, Georges, 84
 CLEÓPATRA, 8
 CLUSERET, Gustave Paul, 84
 COMTE, Auguste, 89
 CONDEIXA, Ernesto Augusto Ferreira, 85
 COQUELIN, Benoît-Constant, 98
 COLONNA, Vittoria, 3
 COPPÉE, François Édouard Joachim, 2, 9, 78
 CORDEIRO, Luciano, 81
 CORNEILLE, Pierre, 5, 36, 72
 COROT, Jean-Baptiste Camille, 30, 85
 COSTA, José Fernandes, 90, 91
 COSTA, Tomas, 85
 CRESPO, Antonio Gonçalves, 9, 10, 21, 28, 40
 CRISTÓVÃO, Aires de Magalhães Sepúlveda, 97
 CRUZ, Marinho da, 57



D'ARC, Joana, 14, 22
 D'AUREVILLY, Jules Amédée Barbey, 2
 DA VINCI, Leonardo, 43
 DANTON, Georges Jacques, 15, 23
 DARWIN, Charles Robert, 46, 65, 79, 80
 DARWIN, Francis, 79
 DAUDET, Alphonse, 2, 33, 34, 77, 78, 88, 95
 DAUBIGNY, Charles-François, 30
 DEFFAND, Madame (Marie de Vichy-Chamrond), 2
 DEUS, João de (João de Deus de Nogueira Ramos), 21, 23, 82
 DEMÓSTENES, 15
 DIAS, Antônio Gonçalves, 28
 DICKENS, Charles 82, 87
 DIDEROT, Denis, 3, 25

DOSTOIÉVSKI, Fiódor Mikhailovitch, 89
DUMAS, Alexandre (filho), 42, 55, 67, 72, 78
DUMAS, Paulo de, 24



ELLIOT, George (Mary Ann Evans), 75, 76
ESPRONCEDA Y DELGADO, José Ignacio Javier Oriol Encarnación de, 63
ESPINOZA, Baruch de, 17
ESQUILO, 85
ESTEVÃO, José, 15



FALGUIERE, Alexandre, 85
FERNANDO II, Dom, 41
FERTE-IMBAULT, Marie-Thérèse d'Estampes de la, 60
FEUILLET, Octave, 45, 46, 47, 88
FICHTE, Johann Gottlieb, 89
FONTENELLE, Bernard le Bovier de (ou Bernard le Bouyer de Fontenelle), 3
FONTES (António Maria de Fontes Pereira de Melo), 15
FLAUBERT, GUSTAVE, 1, 2, 12, 26, 33, 34, 44, 62, 88
FRA ANGELICO (Giovanni da Fiesole, nascido Guido di Pietro Trosini), 43
FREDERICO III, Imperador, 73



GAMBETTA, Léon, 15
GARÇÃO, Pedro António Correia, 83
GARRET, João Baptista da Silva Leitão de Almeida, 2, 36, 94
GAUTIER, Pierre Jules Théophile, 10, 34
GAVARNI, Paul, 34
GAYRRE, Julián (Sebastián Julián Gayarre Garjón), 41
GÉRARD, Octave, 75
GOETHE, Johann Wolfgang von, 1, 39, 48, 49, 90, 97, 98
GONCOURT, (irmãos), 12, 33, 34, 77, 87

GONCOURT, Edmond, 33, 34
GOUNCOURT, Jules/Júlio de, 33, 34
GOUVEIA António Aires de (Bispo de Betsaida), 87
GRACO, 36
GRACOS, 37
GRIMM, Irmãos, 82
GUIMARÃES, Luiz, 21

H

HALEVY, Jacques-François-Fromental-Élie, 78
HAUSSONVILLE, Gabriel Paul Othenin de Cléron, conde, 57
HARTMANN, Karl Robert Eduard von, 38, 70, 89
HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 89, 98
HEINE, Henri (Christian Johann Heinrich), 29, 40, 41, 49, 83, 87, 91, 97
HERCULANO, Alexandre (Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo), 74
HOMERO, 24, 38, 85
HOLSTEIN, Maria Luísa de Sousa (3ª Duquesa de Palmela), 85, 86
HOLSTEIN, Pedro de Sousa e (1.º Duque de Palmela), 86
HUGUES, Clovis, 14
HUGO, Victor-Marie, 2, 24, 28, 29, 42, 96, 97

I

ISABEL I (Elizabeth I), 54
IVENS, Roberto, 35

J

JESUS CRISTO, 1, 19 (Salvador), 42, 48, 56, 67, 86
JÓ (personagem bíblico), 24, 70, 85
JORGE, Ricardo, 87,
JUNQUEIRO, Abílio Manoel Guerra, 21, 35, 63, 87
JUVENAL, Décimo Júnio Juvena, 24

K

KANT, Immanuel, 48, 89

L

LAMARTINE, Alphonse Marie Louis de Prat de, 1, 12, 97

LAVELEYE, Émile Louis Victor de, 23

LAVISSE, Ernest, 73

LEMAÎTRE, Frédérick, 98

LEOPARDI, Giacomo, 48

LEPINASSE, Jeanne Julie Eleonore de, 2

LYELL, Charles, 80

LISLE, Charles Marie René Leconte de, 78, 83

LITTRÉ, Émile Maximilien Paul, 92

LIVIO, Tito, 5

LUCRÉCIO (Tito Lucrécio Caro), 24

LUÍS XIV, 5, 81

LUÍS XV, 33

LUTERO, Martinho, 23

M

MADALENA (personagem bíblico), 1, 42

MAINTENON, Madame de (Françoise d'Aubigné), 27

MAIZEROY, René, 59

MALHOA, José Vital Branco, 85

MALTHUS, Thomas Robert, 80

MARIA (personagem bíblico), 19

MARIA TERESA (Maria Theresa Walburga Amalia Christina), 54

MÁRIO, Caio, 37

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira, 21, 35, 36, 37

MARTINS, Souza, 87

MASINI, Angelo, 41

MATILDE, Princesa (Matilde Letícia Guilhermina Bonaparte), 34, 78

MATOSINHOS, Conde São Salvador de (João José dos Reis), 50, 84

MAUDSLEY, Henry, 69
MAUPASSANT, Henri René Albert Guy de, 2, 12
MELO, António Maria de Fontes Pereira de, 52
MEYERBEER, Giacomo (Jakob Liebmann Meyer Beer), 41
MESSALINA, Valéria, 37
MICHELET, Jules, 2, 16, 25, 31, 34, 36, 75
MICHELANGELO (SIMONI, Michelangelo Lodovico Buonarroti), 8, 22
MILLIET, Jean-François, 85
MIRABEAU, Conde de (Honoré Gabriel Riqueti), 15, 23
MOLIÈRE (Jean-Baptiste Poquelin), 2, 5, 8, 34, 52, 63, 72
MOLINA, Tirso (Fray Gabriel Téllez), 63
MOLTKE, Helmuth Johannes Ludwig von, 73
MONTAIGNE, Michel Eyquem de, 5, 12, 21, 39, 43, 60
MOZART, Wolfgang Amadeus, 40, 63
MURILLO, Bartolomé Esteban Perez, 43
MUSSET, Alfred Louis Charles de 1, 2, 29, 38, 41, 49, 63, 67, 96, 97

N

NAPOLÉON III, 73
NERVAL, Gérard de, 40, 49
NORDAU, Max, 83
NOVAIS, Miguel, 65

O

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho, 12, 21, 35, 72

P

PAILLERON, Édouard, 78
PALMEIRIM, Luís Augusto, 87
PASCAL, Blaise, 5, 27
PASTEUR, Louis, 2, 78
PATMOS, João de, 24

PATO, Bulhão (Raimundo António de Bulhão Pato), 21
PLATÃO, 90, 97
PEDRO II, Dom, 83
PEDRO, António, 98
PEREIRA, Antonio Maria, 88
PÉRICLES, 3
PINTO, José Julio Souza, 85
PITT, William, 54
PLATÃO, 22, 48
POMPEU (Cneu Pompeu Magno), 36
PREVOST, Antoine François, 1
PROUDHON, Pierre-Joseph, 32



QUENTAL, Antero Tarquinio de, 21
QUEIROZ, Francisco Teixeira de, 10, 21, 87
QUEIROZ, José Maria de Eça de, 12, 21, 35



RABELAIS, François, 24, 48
RACHEL, Mademoiselle (Elisabeth Rachel Félix), 72, 98
RACINE, Jean Baptiste, 5, 36, 72
RÉCAMIER, Jeanne Françoise Julie Adélaïde (Madame de Récamier, 25
RENAN, Joseph Ernest, 2, 64, 70, 78, 90
RIBEIRO, Bernardim, 94
RIBEIRO, Tomás (Tomás António Ribeiro Ferreira), 21, 87
RICHEPIN, Jean, 91
RISTORI, Adelaide, 72
ROBESPIERRE, Maximilien François Marie Isidore de, 93
ROCQUE, Marguerite de la, 88
ROLAND, Manon (Jeanne Marie, Manon Phlipon, Madame Roland, Viscondessa Roland de la Platière), 2, 22, 25
ROUVROY, Louis de (Duque de Saint-Simon), 81
ROUSSEAU, Henri Julien Félix, 85

ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1, 3, 5, 26, 93

RUYSDAEL, Salomon van, 85



SAFO, 2

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin, 34

SAINT-JUST, Louis Antoine Léon de, 66, 93

SAINT-VICTOR, Paul de (Paul Bins, conde de Saint-Victor, 34

SAMARITANA (personagem bíblico), 42

SAND, George (Amandine Aurore Lucile Dupin), 1, 22, 25, 26, 30, 33, 45, 76, 88

SANZIO, Rafael, 43

SARDOU, Victorien, 42, 72, 78

SAVONAROLA, Girolamo, 15

SCHEFFER, Ary, 85

SCUDÉRY, Madeleine de, 2

SENNA, António Maria de, 56

SÊNECA, Lúcio Aneu, 48

SÉVIGNÉ, Madame de (Marie de Rabutin-Chantal), 5, 25

SCHOPENHAUER, Arthur 8, 38, 48, 49, 64, 70, 95

SHAKESPEARE, William, 5, 12, 24, 29, 33, 34, 44, 59, 70, 72, 83, 89

SHELLEY, Percy Bysshe, 97

SILA, Lúcio Cornélio, 37

SIMON, Jules, 58

SÓCRATES, 3, 17

MARIANA, Soror (Mariana Alcoforado), 81

SOUZA MONTEIRO, 21

SOUZA JÚNIOR, António José Soares de, 28

SPENCER, Herbert, 46

STAËL-HOLSTEIN, Anne-Louise Germaine de (Madame de Staël) 2, 25, 60, 76

SWIFT, Jonathan, 87

SWINBURNE, Algernon Charles, 83



TABORDA, Francisco Alves da Silva, 98

TÁCITO (Públio Cornélio Tácito ou Caio Cornélio Tácito), 24

TAINE, Hippolyte Adolphe, 13, 24, 30, 78, 88
TALMA, François-Joseph, 98
TASSO, Torquato, 43
TEREZA, Santa (Santa Tereza d'Ávila ou Santa Tereza de Jesus), 22, 47, 86
TOLSTÓI, Liev Nikoláievh, 74, 89
TORQUEMADA, Tomás de, 46, 66
TROYON, Constant, 30, 85
TUDOR, Maria I, 32
TURGUÊNIEV, Ivan Sergeiévitch, 89

V

VECELLIO, Ticiano, 43
VEJA, Lope de (Félix Lope de Vega y Carpio), 72
VICO, Giambattista, 90
VIRGÍLIO (Públio Virgílio Maro ou Marão), 47
VIRCHOW, Rudolf Ludwig Carl, 73
VITÒRIA, Imperatriz (Vitória Adelaide Maria Luísa), 73
VITÓRIA, Alexandrina Rainha, 54
VOLTAIRE (François-Marie Arouet), 3, 25, 36, 47, 48

W

WALLACE, Alfred Russel, 80
VALMIKI, 85
WASHINGTON, George, 3
WEBER, August, 4

Z

ZOLA, Émile, 12, 33, 34, 37, 38, 44, 45, 77, 85, 88
ZORRILLA Y MORAL, José, 96



ÍNDICE DE LUGARES

África, 35, 37

Alemanha, 2, 3, 48, 50, 57, 63, 73, 80, 83, 84, 90, 93

Alhambra, 96

Alsácia, 93

América, 33, 50

América do Norte, 32

América do Sul, 76

Andaluzia, 19, 90, 96

Áustria, 41, 84

Bahia, 79

Bahia de Todos os Santos, 79

Baquet (Teatro no Porto), 71

Beja (convento), 81

Bélgica, 48

Berlim, 48, 73

Botafogo, 79

Brasil, 9, 10, 14, 15, 19, 21, 23, 26, 28, 36, 41, 50, 52, 64, 70, 72, 76, 79, 84, 85, 88, 98

Bretanha, 93

Bussaco (Palácio), 60

Canãa, 30

Cambridge, 79

Cambridge (Universidade de), 79

Cartago, 37

Castelo dos Mouros, 94

Chile, 72

Condes Dauplas (Galeria), 85

Danzig, 48

Douro, 50

Down, 79

Dresde, 48

Escócia, 8

Espanha, 35, 41, 76, 81, 83, 84, 86, 90, 96

Esparta, 35

Estocolmo, 3
Etrúria, 37
Estados Unidos da América, 76
Europa, 2, 6, 14, 20, 27, 33, 35, 50, 54, 73, 76, 79, 84, 93
Florença, 8
França, 2, 3, 8, 26, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 54, 57, 58, 63, 68, 73, 75, 76, 81, 83, 84, 85, 89, 90, 92, 93
Frankfurt, 48, 49
Galícia, 37
Germânia, 41
Grã-Bretanha, 54
Grécia, 37, 38, 90
Guernsey, 24
Henslow, 79
Hospital do Conde de Ferreira (Porto), 56
Hotel de Rambouillet, 2
Hospital da Estrela (Lisboa), 95
Hungria, 84
Índia, 30, 35, 74, 97
Inglaterra, 48, 50, 54, 57, 76, 82, 83, 84, 89, 92
Irlanda, 84
Itália, 7, 36, 37, 48, 50, 57, 68, 76, 81, 84, 90, 96
Limoeiro (Cadeia, Lisboa), 71, 83
Lisboa, 6, 7, 9, 10, 12, 35, 53, 72, 95, 97
Londres, 7, 64, 79, 83
Lorena, 93
Madri, 71
Malvern, 80
Matozinhos, 50
Nantes, 46
Nohant, 26
Noruega, 50
Palácio da Pena, 94
Paris, 2, 7, 8, 14, 20, 51, 59, 64, 67, 77, 85, 93
Paris (Salão), 85
Porto, 53, 56, 70, 71
Portugal, 7, 9, 15, 19, 21, 23, 28, 34, 35, 36, 41, 50, 51, 52, 53, 57, 70, 71, 72, 76, 81, 83, 87, 88, 90
Provença, 96

Prússia, 93
Rio de Janeiro, 10, 18, 28, 72, 79, 83
Roma, 31, 36, 37
Rússia, 50, 84, 89
Saint Germain, 88
Sardenha, 90
São Bento (Lisboa), 17, 52
São Carlos (Teatro, Lisboa), 41
Sevilha, 96
Sintra, 94
Suécia, 50
Suíça, 48, 50
Tarento, 37
Turquia, 84
Veneza, 48
Zaire, 35
Zambeze, 35
Weimar, 48, 49



ÍNDICE DE OBRAS

A dama das camélias, 42, 72
A descendência do homem e a seleção sexual, 80
A Holanda, 35
A lenda dos séculos, 24
A morta, 45
A negra (escultura), 86
A origem das espécies, 80
A velhice do padre eterno, 35
A vida e a correspondência de Charles Darwin, 79
Adonais, 97
Adriana Lecouvreur, 72
Amor de perdição, 87
André Cornélis, 64
Autobiografia (Charles Darwin), 80
As farpas, 12
As ideias de Mme. Aubray, 42
Atta-Troll, 40
Bíblia, 92
Cântico dos Cânticos, 22
Cartilha maternal, 11
Cirripides, 80
Comédia do campo: cenas do Minho, 10
Comédia humana, 8, 33
Coração, 65, 82
Correspondência, 25
Cousine Bette, 34
Crime e castigo, 89
Cruelle énigme, 64
Dénise, 42, 55
Diário íntimo, 60
Diários, 93
Diógenes (escultura), 86
Discursos, 35
Divina Comédia, 24
Do contrato social, 3
Doentinho (pintura), 85
Don Juan (Dom João, Don Giovanni, Mozart), 40, 63
Emaux et Camées, 10
Emílio, ou Da Educação, 3
Ensaio sobre a Alemanha imperial (Essais sur l'Allemagne Impériale), 73
Estética: a ideia e o ideal, 98
Eugenie Grandet, 33
Fausto, 1, 39

Fédora, 72
Francillon, 55, 72
Fromont jeune et Risler aîné, 77
Georgette, 42
Hamlet, 98
História da cavalaria portuguesa, 97
História da civilização da Inglaterra, 80
História da república romana, 35, 36, 37
História de Portugal, 36
Histoire de Sybille, 45
Histoire du chevalier Des Grieux et de Manon Lescaut, 1
Histoire du peuple d'Israel, 64
Indianas e portuguesas, 97
Íntimas, 97
Jack, 77
Kátia, 89
Krótkia, 89
L'adorée, 59
L'affaire Clémenceau, 67
L'Arlésienne, 78
L'immortel, 77, 78, 95
La culotte déchirée (pintura), 85
La femme de Claude, 55
La joie de vivre, 38
La petite chose, 77
La Princesse de Bagdad, 55
La Taustin, 34
Le danseur au tambourin (escultura), 85
Les frères Goucourt, 33
Les frères Zemganno, 33, 34
Les nuits, 67
L'œuvre, 45
Les rois au exil, 77
Livro de Lázaro, 87
Madame Bovary, 1, 62
Mademoiselle La Quintinie, 45
Marion de Lorme, 24
Mémoires de Saint-Simon, 81
Mensonges, 64
Monsieur de Camors, 45, 88
Miniaturas, 9, 28
Notas do subterrâneo, 89
Noturnos, 9, 28, 40
Nova Heloísa, 22
Novelas do Minho, 87
Novos horizontes, 97
O crime do padre Amaro, 12

O livro das soledades. Ecos da Andaluzia, 90, 91
O homem, 68
O mistério da estrada de Sintra, 12
O mundo como vontade e como representação, 48
O primo Basílio, 12
O romance de um rapaz pobre, 88
O Sallustio Nogueira, estudo de política contemporânea, 10
O saltimbanco, 98
Odes funambulescas, 8
On the tendency of varieties to depart indefinitely from the original type, 80
Os irmãos Karamazov, 89
Os miseráveis, 24
Os noivos, 10
Père Garriot, 33
Progress and Poverty: An Inquiry into the Cause of Industrial Depressions and of Increase of Want with Increase of Wealth, the Remedy, 21
Salammbô, 1
Sapho, 77
Santa Tereza (escultura), 85, 86
Soror Mariana. Cartas da Freira Portuguesa, 81
Tosca, 72
Tragédias (“Intermezzo”), 40
Último dia de um condenado, 24
Um crime d’amour, 64
Um feixe de penas, 21
Um pescador de Póvoa do Varzim (pintura), 85
Uma camponesa de Valongo (pintura), 85
Viagem de um naturalista em volta do mundo, 79
Viagens na minha terra, 2
Werther (Os sofrimentos do jovem Werther), 22, 49
William Shakespeare, 24



ÍNDICE DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Comércio de Portugal, 85
Diário de Notícias, 12, 60
Gazeta de Lisboa, 83
Gazeta de Notícias, 28
Gil Blas, 2
Jornal do Comércio, 97
La Vie Moderne, 2
La Vie Parisienne, 2
Le Figaro, 2
Le Gaulois, 2
Le Voltaire, 2
O Paiz, 1, 19, 28, 50, 53, 57, 70, 75, 77, 81, 89, 95
Revista de Filosofia Positiva, 92
Revista dos Dois Mundos, 45, 92
Revista de Portugal, 92
The Times, 48

BIOGRAFIA DAS EDITORAS

ANA CLÁUDIA SURIANI DA SILVA

Associate Professor in Brazilian Studies, University College London (UCL). É mestre em teoria e história literária pela Unicamp, mestre em literatura europeia e doutora em letras modernas pela Universidade de Oxford. Sua pesquisa tem foco na relação entre os processos criativos de um texto, seu gênero e meios de publicação, e na circulação de ideias entre a Europa e o Brasil através da imprensa. Publicou livros, artigos, capítulos de livros sobre literatura brasileira, tradução, moda e imprensa, entre os quais *Queda que as mulheres têm para os tolos* (ed., 2008), “From Germany to Brazil: The History of the Magazine *A Estação*” (2008), *Machado de Assis: do folhetim ao livro* (2015), *The Cultural Revolution of the 19th Century: Theatre, the Book-Trade, and Reading in the Transatlantic World* (2016, com Marcia Abreu), *The Foreign Political Press in Nineteenth-Century London: Politics from a Distance* (ed., com Constance Bantman, 2017), “The Elegy of Dom Casmurro” (2018), “Esaú e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam” (2019), “Os contos de Machado de Assis: Periodicidade e ficção no Brasil no século XIX” (2019), *Comparative Perspectives on the Rise of the Brazilian Novel* (ed., com Sandra Vasconcelos, 2020) e “As múltiplas leituras e traduções de ‘Tratantes’ de Ana Maria Machado” (2021). É coordenadora do projeto CNPq Universal “É preciso falar sobre as ausentes: a colaboração feminina no jornal *O Paiz*” (com Tania Regina de Luca) e do SELCS Brazilian Translation Club, uma série de oficinas de tradução que tem como objetivo divulgar a literatura brasileira no mundo anglófono.

TANIA REGINA DE LUCA

Mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), Livre-docente em História do Brasil Republicano pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), instituição na qual é professora no Departamento e Programa de Pós-graduação em História. Pesquisadora Nível 1A do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), publicou artigos e capítulos e, entre os últimos livros estão *Práticas de pesquisa em História* (Contexto, 2020), *A Ilustração* (1884-1892). Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro (Unesp/Fapesp, 2018), *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil* (Unesp/Fapesp, 2ª ed. 2017). Com Silvia Azevedo organizou edição crítica das obras de João do Rio. *Portugal d’agora* (Unesp/Universidade de Lisboa, 2020) e *O momento literário* (Rafael Copetti, 2017). Co-organizou as obras *Suportes e mediadores. A circulação transatlântica dos impressos, 1789-1914* (Unicamp/Fapesp, 2018, com Lúcia Granja), *Imprensa estrangeira publicada no Brasil. Primeiras incursões* (Rafael Copetti/CNPq, 2017, com Valéria Guimarães), *Sobre a arte de guardar: reflexões a respeito do acervo de Lívio Xavier* (Unesp, 2017, com Sonia Troitiño), *Les français au Brésil, XIXe - XXe siècles* (Indes Savantes, 2ª ed., 2016, com Laurent Vidal).

